

MESTRADO
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

**Um lugar para chamar de seu:
Integração, participação cívica e
política e cidadania ativa de alunos
imigrantes numa escola de Educação
Básica em Portugal.**

Apêndices

Maria de Fatima Ginicolo

M

2021



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**Um lugar para chamar de seu: Integração, participação cívica e política e
cidadania ativa de alunos imigrantes numa escola de Educação Básica em
Portugal**

Apêndices

Autora: Maria de Fatima Ginicolo

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da
Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da
Educação.

Orientadores: Professor Doutor Tiago Neves e Doutora Teresa Silva Dias

ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice 1 - Indicadores Míplex da área da educação	5
Apêndice 2 - Temas, subtemas, dimensões de análise e definição dos participantes.....	11
Apêndice 3 - Pedido para participação/autorização dirigido aos pais	13
Apêndice 4 - Consentimento Informado	15
Apêndice 5 - Roteiros de Entrevistas	17
5.1 Diretor	17
5.2 Professores	25
5.3 Encarregados da Educação.....	31
5.4 Alunos	38
Apêndice 6 - Transcrições das entrevistas (numeradas de acordo com a data de realização).....	45
E1 - 09/09/2020 - Professora de Informática/Diretora de Turma.....	45
E2 - 15/09/2020 e 29/09/2020 - Professora de Português, especializada em PLNM e Coordenadora TEIP	63
E3 - 25/09/2020 - Diretor	90
E4 - 06/10/2020 - Professora Geografia/Cidadania e Desenvolvimento.....	105
E5 - 09/10/2020 - Professora de Português	120
E6 - 02/11/2020 - Encarregada da Educação (Indiana).....	141
E7 - 03/11/2020 - Encarregada da Educação (Brasileira)	160
E9 - 24/11/2020 - Aluna (Turca).....	190
E10 - 25/11/2020 - Encarregado da Educação (Brasileiro).....	202
E11 - 28 e 29/11/2020 - Encarregada da Educação (Portuguesa, mãe de um casal luso-brasileiro).....	223
E12 - 08/12/2020 - Encarregados da Educação (Padrasto Luso-Brasileiro, Mãe Brasileira).....	239
E13 - 10/12/2020 - Encarregado da Educação (Angolano).....	260
E14 - 14/12/2020 - Encarregado da Educação (Cabo-verdiano).....	271
E15 - 15 e 17/12/2020 - Aluno (Brasileiro).....	284
E16 - 15/12/2020 – Aluna Indiana (Participam também uma aluna brasileira e de um aluno português).....	295
E17 - 16/12/2020 - Encarregada da Educação (Brasileira)	314
E18 - 19/12/2020 - Aluna (Brasileira).....	334
E19 - 19/12/2020 - Aluna (Brasileira).....	351
E20 - 15/01/2021 - Aluno (Brasileiro)	368
E21 - 16/01/2021 - Aluna (Brasileira).....	383
E22 - 19/01/2021 - Aluno (Angolano)	395

Apêndice 1 - Indicadores Mipex da área da educação

MIPEX 2015 Indicadores	Critérios para a pontuação	Políticas que suportam a pontuação	Pontos
Todas as crianças de imigrantes são encorajadas a serem bem-sucedidas e a se desenvolverem na escola, como as crianças dos nacionais?			62
Acesso: Todas as crianças, com ou sem status legal, têm igual acesso a todos os níveis de educação?			67
44. Acesso ao pré-primário e à educação obrigatória	a) medidas financiadas pelo estado para aumentar a participação dos alunos imigrantes; b) medidas para aumentar o sucesso dos alunos imigrantes na educação obrigatória	a) Constituição: todos os estrangeiros que vivem no país gozam dos mesmos direitos que os cidadãos portugueses (CRP art. 13 e 15). Pré-primário é para crianças dos 3-5 anos (Lei 5/1997). Não é obrigatório, mas universal aos 5 anos (Lei 85/2009) artigos 1 e 2); b) TEIP2(Territórios educacionais de intervenção prioritária) Lei 55/2008. Programa Escolhas (Resolução Conselho de Ministros n.4/2001, renovado pela Ordem 27/2009) garante que as crianças de imigrantes têm adequado suporte para implementar seu direito à educação. Lei 5106-A/2012 reforça a importância da constituição de salas com composição balanceada nas escolas.	100
45. Educação compulsória como direito legal (a despeito do seu status de residência – inclui indocumentados).	Existem medidas explícitas na lei que garantem para todas as categorias de migrantes o mesmo acesso dado aos nacionais.	Lei 46/1986; Lei 49/2005, artigo 6, n.1 – A educação básica é universal, compulsória e gratuita. Artigo 3. C assegura o direito de ser diferente e valoriza diferentes conhecimentos e culturas, mas não há referência específica à criança migrante na Lei da Educação. A idade obrigatória para alunos que se matriculam pela primeira vez no nível 7 e abaixo é de 6-18 anos (Lei 85/2009, artigo 2 n.1 e a legislação específica para registro de minorias estrangeiras indocumentadas pela qual é garantido o direito de acesso à educação da mesma forma que para as minorias em situação regular é o decreto n.67/2004.	100
46. Avaliação da aprendizagem prévia	a) avaliação com critérios de qualidade e ferramentas standardizadas; b) exigência de aplicação por pessoas treinadas.	Só uma delas é cumprida. Lei 227 de 2005 fala que a avaliação do conhecimento adquirido no exterior é de responsabilidade da escola e seu diretor. A lei define os critérios standardizados.	50
47. Acesso à educação não obrigatória. Pré-primário, ensino vocacional e universitário			50
48. Acesso à educação vocacional			50
49. Acesso à educação superior			50
Necessidades específicas: A criança migrante, seus pais e professores são intitulados a ter suas respectivas necessidades supridas na escola?			70
50. Orientação educacional em todos os níveis	Acesso a aconselhamento e orientação em todos os níveis da educação obrigatória e não obrigatória. a) Informação escrita sobre o sistema educacional no idioma de origem do migrante; b) provisão de recurso (pessoas, centros) para orientação do aluno migrante c) provisão de serviços de interpretação para famílias de alunos migrantes para aconselhamento e orientação educacional em todos os níveis.	As escolas têm autonomia para desenvolver ou não programas de inclusão. Lei Normativa n.7/2006. ACIDI tem realizado ações específicas: a) tradução dos requisitos para acesso ao português como segunda língua no sistema educacional e b) tradução do serviço telefónico cobrindo 60 línguas e disponível aos provedores de serviços na administração pública, incluindo escolas. Entretanto, nenhum mecanismo de aconselhamento ou orientação específica para estudantes migrantes é mencionado como uma necessidade. O Programa escolhas 2013-2015	100

		definiu orientações específicas para parcerias com escolas, garantindo então a articulação entre a educação formal e não formal. O programa também fornece suporte e tutoria sobre o caminho educacional dos estudantes e suas famílias, em particular aqueles de origem imigrante. Os CLAI (Centros locais de apoio ao imigrante) têm técnicos que ajudam as crianças e suas famílias a entenderem a organização do sistema nacional de educação.	
51. Provisão ou suporte para aprender na língua de instrução			50
51a Provisão ou suporte para aprender a língua de instrução	a) na educação obrigatória, primária e secundária; b) na educação pré-primária	a) Português como segunda língua é introduzido no currículo para a Educação Básica no artigo 8 da Lei 6/2001e para a educação secundária no artigo 5 da Lei 74/2004. No Decreto Lei n.139/2012 - Orientação para a organização e gerenciamento do currículo do ensino primário e secundário, a maior diferença das orientações prévias sobre o papel das escolas no gerenciamento e aplicação do currículo é que tem em conta as particularidades dos estudantes e escolas. A oferta do português como segunda língua (PLNM) é objeto das leis citadas acima, entretanto as escolas podem ser responsáveis pela regulação da oferta tendo em conta as características dos estudantes.	50
51b Fluência comunicativa/Acadêmica	a) literacia comunicativa (fluência em leitura, escrita e comunicação da língua); b) literacia acadêmica (fluência em estudar, pesquisar e comunicar nos quadros acadêmicos da escola).	Todos os níveis do desenvolvimento do PLNM são apresentados na Lei 7/2006 para a educação básica (6 a 15 anos) e na Lei 30/2007 para a educação secundária (16-18 anos).	100
51c Padrões de instrução da língua	a) requisitos para os cursos usarem padrões estabelecidos para o aprendizado da segunda língua. b) requisitos de que os professores sejam especializados e certificados nestes padrões; c) padrões curriculares são acompanhados por uma entidade estatal.	As escolas podem seguir orientações e solicitar orientações de outras instituições, mas elas têm autonomia para desenvolver seus próprios indicadores de qualidade.	0
52. Monitoramento dos alunos migrantes	Sistema desagrega migrantes dentro de vários subgrupos/o sistema monitora migrantes como um simples grupo agregado/migrantes são somente incluídos em categorias gerais para monitoramento que se aplicam a todos os estudantes.	Para fins estatísticos, no início do ano acadêmico, todo aluno ou seus pais preenchem um formulário que especifica o país ou o grupo étnico de origem, bem como outras informações sobre o background da família. Para fins estatísticos o Ministério da Educação coleta dados sobre imigrantes.	100
53. Medidas dirigidas a situação educacional dos grupos migrantes	a) fornecimento de orientação sistemática; b) provisão sistemática de recursos financeiros	Só a) é coberto. Ordem normativa 7/2006 provê atividades adicionais para suporte do ensino e aprendizagem do Português como segunda língua. Para outros assuntos, as atividades adicionais para alunos migrantes seguem as orientações para os demais alunos. Tempo adicional é incluído no currículo de alunos imigrantes para português como segunda língua. De acordo com necessidades individuais, as escolas podem incluir outras medidas de suporte (monitoração, tutoria etc.).	50
54. Treinamento de professores para atender as necessidades de	Treinamento de professores e programas de desenvolvimento profissional com cursos focados nas necessidades de aprendizado dos	Somente b) O Ministério da Educação e o Ministério das Ciências suportam a preparação de professores em educação intercultural, mas esta formação não é requisitada. Para o	50

aprendizado de alunos migrantes	alunos migrantes, expectativas dos professores em relação aos alunos imigrantes e estratégias específicas: a) tópico requerido na formação inicial que qualifica o professor. b) tópico requerido in treinamento de desenvolvimento profissional obrigatório em serviço.	desenvolvimento profissional ambos os ministérios e a ACIDI, bem como a Educação Superior oferecem cursos, materiais e chamam para programas relacionados à educação para migrantes.	
Novas oportunidades: Todos os alunos se beneficiam das oportunidades que as imigrações trazem para a escola, como a língua dos imigrantes, culturas, salas de aula diversas e comunicação com pais?			40
55. Suporte para o ensino das línguas imigrantes			75
55a Opção para aprender línguas imigrantes	Provisão dentro da escola ou fora para aprender línguas imigrantes. Há regulamentos e recomendações/Há acordos bilaterais ou esquemas financiados por outros países/Somente por iniciativas privadas ou da comunidade.	Existem recomendações do Ministério da Educação e iniciativas privadas para aprendizado das línguas mãe de imigrantes. ACIDI entidade pública que trabalha em parceria com o Ministério da Educação provê orientações nesta área (PLNM). O Ministério da Educação oferece para algumas comunidades de imigrantes escolas do estado que aos finais de semana para aprenderem em sua língua (mandarim, ucraniano, moldávio). Algumas associações, ONG ou parceiros da ACIDI podem oferecer estes cursos. TEIP também tem alguns mediadores sócio culturais de comunicação em algumas línguas imigrantes. Há também projetos bilíngues Chinês-PT e Cabo Verde-PT.	100
55b Entrega de línguas imigrantes	a) em um dia de escola regular, o que envolve perder outra disciplina; b) como uma adaptação para cursos de língua estrangeira na escola, os quais podem ser abertos a todos os estudantes; c) Fora da escola com algum financiamento do estado. 2 ou mais/1/Nem entregue na escola, nem financiado pelo estado.	Fora da agenda do estudante. Embora o estado não suporte financeiramente, o Ministério da Educação entrega às comunidades imigrantes escolas que nos finais de semana podem ser utilizadas para o aprendizado de suas línguas.	50
56. Suporte para ensinar culturas imigrantes			75
56a Opção de aprender a cultura do imigrante	Provisão dentro ou fora da escola para aprender sobre a cultura dos alunos migrantes, as suas, ou as do país de origem de seus pais. Regulamentação e recomendação do Estado/Acordos Bilaterais/Não há provisão. Somente através de iniciativas privadas ou da comunidade.	Ministério da Educação recomenda incluir materiais do background dos alunos migrantes na Educação para a Cidadania. A abordagem enquadrada na Educação para a Cidadania é também possível para outras áreas ou disciplinas. As orientações para o currículo da educação pré-escolar e programas da educação básica prevê uma abordagem para compreender outras pessoas e culturas. Em áreas de Conhecimento do Mundo, Educação Pessoal e Social (Educação da Infância), Educação ambiental (primeiro ciclo 6-10), História e Geografia de Portugal (segundo ciclo 10-12) e História e Geografia (terceiro ciclo 12-14).	100
56b Entrega da cultura imigrante	a) em um dia de escola regular, o que envolve perder outra disciplina; b) como uma adaptação para cursos de língua estrangeira na escola, os quais podem ser abertos a todos os estudantes; c) Fora da escola com algum financiamento do estado. 2 ou mais/1/Nem entregue na escola, nem financiado pelo estado.	Na Educação para a Cidadania, cujo currículo e materiais são decididos por cada escola.	50
57. Medidas para conter a segregação dos alunos migrantes e promover integração	a) medidas que incentivam as escolas com poucos alunos imigrantes a atrair mais alunos imigrantes e escolas com muitos a	O Ministério da Educação recomenda a composição de turmas heterogêneas. Todas as crianças na pré-escola ou em idade escolar deve frequentar a escola na sua área de residência.	0

	atrair mais não-imigrantes; b) medidas para ligar as escolas com poucos alunos migrantes e muitos alunos migrantes (curricular ou extracurricular). 2/1/Nenhum		
58. Medidas para suporte a pais migrantes e comunidades	a) exigência ao nível da comunidade para envolvimento de pais no aprendizado de suas crianças; b) exigência ao nível da escola para dar suporte e ligar os estudantes migrantes e suas escolas; c) medidas para incentivar pais migrantes a se envolverem na governança da escola. 2 ou mais/1/Nenhum. Pais migrantes são incluídos em categorias gerais que se aplicam a todos.	a) coberto. ACIDI dá suporte a pais imigrantes, mas não há qualquer exigência específica para imigrantes serem parte da governança da escola.	50
59. Medidas para trazer migrantes para a força de trabalho do professorado	a) incentivar mais imigrantes a estudar e se qualificar como professor; b) incentivar mais migrantes a entrar para o professorado. 2/1/Nenhum	Nenhum	0
Educação intercultural para todos: Todos os alunos e professores têm suporte para trabalharem juntos em uma sociedade diversa?			70
60. Currículo escolar reflete a diversidade	O objetivo oficial da educação intercultural inclui a apreciação da diversidade cultural e ela é entregue: a) como uma disciplina separada no currículo; b) integrada através do currículo. 2/1/Educação intercultural não está integrada ao currículo ou a educação intercultural não inclui a apreciação da diversidade cultural.	Somente b). Apreciação da diversidade cultural está incluída na Educação para a Cidadania como transversal ao currículo. Currículo Nacional para a Educação Básica. Decreto-Lei 94/2011 artigos 3, 5 e 6.	50
61. Iniciativas de informação suportadas pelo estado	O Estado dá suporte a informação pública de iniciativas para promover a apreciação da diversidade cultural através da sociedade. Iniciativas são parte do mandato de instituições subsidiadas pelo estado/Iniciativas são parte de linha de orçamento do estado para financiamento desta finalidade/Nenhuma das duas.	ACIDI é a instituição governamental que provê o suporte para o “diálogo cultural”. Ela inclui um observatório para monitorar a qualidade da democratização da sociedade, incluindo o desenvolvimento da apreciação da diversidade cultural. O Programa Entre culturas, patrocinado pela ACIDI, também promove o conhecimento da diversidade cultural.	100
62. Adaptação do currículo para refletir a diversidade	O currículo escolar e os materiais de ensino podem ser modificados para refletir mudanças na diversidade da população da escola. a) o estado orienta a mudança curricular para refletir tanto a variação da população nacional quanto da população local; b) inspeção, avaliação e monitoramento da implementação de a). 2/1/Nenhuma.	O Ministério da Educação dá suporte para oportunidades iguais e a Educação para a Cidadania está incluída no Currículo Nacional e inspetores monitoram a implementação da Educação para a Cidadania nas escolas.	100
63. Adaptação do cotidiano da escola para refletir a diversidade	O cotidiano da escola pode ser adaptado baseado na necessidade cultural ou religiosa para evitar a exclusão dos alunos. Tais adaptações podem incluir uma ou poucas das seguintes: mudanças nas agendas existentes das escolas e feriados religiosos; atividades educacionais; códigos de vestir e vestimentas; menus. Regulação estatal ou orientação a respeito de adaptações locais/ Leis	As escolas têm autonomia para adaptações do currículo às necessidades do aluno e da família. A educação religiosa é opcional. Currículo Nacional para a Educação Básica. Lei 6/2001 artigos 5, modificado pelo decreto lei 94/2011 artigos 3 e 5.	50

	que permitem os locais ou ao nível das escolas os critérios/Nenhuma adaptação é prevista.		
64. Treinamento do professor para a diversidade	Treinamento e desenvolvimento de programas profissionais requerem a educação intercultural e a apreciação da diversidade cultural para todos os professores: a) tópico requerido no serviço da pré-escola, em relação à qualificação como professor; b) tópico requerido obrigatoriamente em programas de treinamento em serviço. A ou B/A ou B oferecido extensivamente aos professores/A ou B somente em projetos com esta finalidade.	Institutos de educação superior oferecem cursos opcionais em educação intercultural para programas de treinamento de professores. Toda formação inicial inclui uma área de educação cultural, social e étnica (Bolonha Masters in Teacher's Education), mas não são obrigatórios. Há cursos de pós-graduação e programas de desenvolvimento profissional oferecidos pelas instituições de Educação Superior, mas são de participação voluntária. Novamente, isso é recomendado, mas os professores podem participar ou não de qualquer um desses programas (...). Não há obrigatoriedade na existência de formação intercultural dos professores.	50

Apêndice 2 - Temas, subtemas, dimensões de análise e definição dos participantes

Temas e Fontes	Dimensões		Estudantes	Pais /Resp.	Professore	Diretor
Integração						
Acesso, Participação e Sucesso Mipex 44, 45, 46	Acesso-APS1	Documentação exigida/acesso de indocumentados, existência de processos seletivo, oferecimento de vagas.		X		X
	Programa -APS2	Condições de funcionamento (local, materiais e professores que falam a língua do migrante), atividades oferecidas para alunos migrantes, participação de alunos migrantes.	X	X	X	X
	Composição das turmas-APS3	Distribuição balanceada dos alunos migrantes nas turmas.				X
	Avaliação da aprendizagem prévia-APS4	Critérios (uso ferramentas standardizadas), aplicação por pessoa treinada, índice de aprovação para o mesmo ano que o aluno cursaria no país de origem.		X		X
Necessidades Específicas Mipex 50, 51, 51a, 51b, 51c, 53	Orientação educacional- NE1	Oferecimento de orientação aos pais de alunos imigrantes, programas de inclusão desenvolvidos pela escola, oferecimento de materiais traduzidos/intérprete/tradução do serviço telefônico.		X		X
	PLNM-NE2	Provisão PLNM ou outro suporte para aprender o idioma, padrões de instrução, professor especializados, oferecimento suporte adicional para alunos com dificuldades.	X	X	X	X
	Situação educacional-NE3	Provisão de atividades adicionais (monitoração/tutoria).		X	X	X
Novas Oportunidades Mipex 55, 55a,55b, 56, 56a, 56b, 57,58	Aprendizado da língua do aluno migrante-NO1	Opção para o aprendizado da língua do migrante, entrega (como uma disciplina no horário regular; fora do horário regular; fora da escola).		X	X	X
	Aprendizado da cultura do aluno imigrante-NO2	Opção para o aprendizado da cultura do migrante, entrega na Educação para a Cidadania/em outras disciplinas, em datas específicas na escola/fora da escola.	X	X	X	X
	Medidas para conter a segregação-NO3	Medidas para ligar as escolas com poucos alunos migrantes e muitos alunos migrantes (curriculares ou extracurriculares).			X	X
Educação Intercultural para todos Mipex 60, 62, 63, (54 e 64)	Medidas para envolver pais e comunidades- EI1	Medidas para ligar estudantes imigrantes à escola, medidas para incentivar pais migrantes se envolverem na governança da escola.		X	X	X
	Educação para a Cidadania, currículo e diversidade -EI2	Currículo reflete a diversidade, adaptação curricular para refletir a diversidade (local e de migrantes), apreciação da diversidade cultural, implementação/inspeção/avaliação e monitoramento da Educação para a Cidadania.		X	X	X
	Cotidiano da escola- EI3	Adaptação para refletir a diversidade (necessidades culturais ou religiosas; mudança nas agendas e feriados religiosos)			X	X
	Formação de Professores-EI4	Formação inicial/treinamento para atender às necessidades do aluno migrante e para a educação intercultural, expectativas dos professores em relação ao aluno migrante.	X	X	X	X
Participação						

Krasny, Marianne E, Kalbacker, Leigh, Stedman, Richard C, & Russ, Alex (2015)	Capital social-P1	Confiança, socialização informal, diversidade de amizades, envolvimento em associações, liderança cívica.	X	X		
Albanesi, Cicognani & Zani 2007;	Bem-estar social e emocional-P2	Satisfação das necessidades, conexão emocional com pares, conexão emocional com a comunidade (escolar), sentimento de fazer parte, oportunidade de participar. (Preditores da participação comunitária)	X	X	X	X
Ferreira, Azevedo & Menezes, 2012; Ferreira & Menezes, s/d; Freire, 1973, 1993)	Qualidade da participação-P4	Desafios que suportam a ação e a reflexão, consciência crítica, oportunidades de confronto com questões políticas, percepção da desigualdade, reflexão/possibilidades de ação/mudança. (Preditores do envolvimento político).	X	X	X	X
Häkli & Kallio, 2011, 2018	Entendimento da "política"-P5	Questões relevantes para a criança/criança migrante, situações/eventos/posições oferecidas. (Dimensão espacial-temporal da ação política)	X	X	X	X
Lawy, 2006; Bieta, 2011	Ensino X Aprendizagem da cidadania -P7	Práticas e interações onde a dimensão política da vida ganha saliência, oportunidades para agir na sua cidadania, sem ignorar as suas "condições de cidadania"	X	X	X	X
Cidadania Ativa						
Tomás, 2007; Sarmiento, Fernandes & Tomas, 2007	Tornar efetivo os direitos e a cidadania - CA1	Partilha de poderes entre adultos e crianças, formulação de regras, direitos e deveres feita por todos os participantes do processo, condicionamento efetivo dos meios, métodos e resultados ao processo de participação.	X	X	X	X
	Necessidades e direitos da criança como mote da intervenção educativa-CA2	Envolvimento em processos decisórios: planejamento (seleção de atividades), execução (escolha dos métodos de trabalho, gestão do tempo); avaliação.	X	X	X	X

Apêndice 3 - Pedido para participação/autorização dirigido aos pais



AOS PAIS OU ENCAREGADOS de Educação

Vimos por meio desta solicitar a sua participação e a participação de seu/sua filho/a numa investigação que tem por objetivo identificar fatores que favorecem ou inibem a participação de alunos imigrantes na escola e está sendo realizada no âmbito do curso de mestrado da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Esclarecemos que os dados serão recolhidos através de entrevistas de aproximadamente uma hora com o diretor, professores, pais e alunos imigrantes da escola, a qual muito gentilmente se dispôs a colaborar com este estudo.

Informamos de antemão que nem a escola, nem os participantes serão identificados e que todo o material da pesquisa permanecerá arquivado de forma sigilosa.

Ficamos desde já agradecidos pela sua colaboração.

Com os melhores cumprimentos

Maria de Fatima Ginicolo (investigadora)

Porto, ____/____/____.

Tiago Neves

(Orientador do estudo de mestrado)

Teresa Dias

(Orientadora do estudo de mestrado)

Participarei e autorizo meu/minha filho/a participar no estudo de mestrado sobre a participação de alunos imigrantes na escola.

Nome do pai/mãe ou responsável

Assinatura

Nome do Aluno/a (s)

Porto, ____/____/____.

Apêndice 4 - Consentimento Informado



Caro/a participante,

Agradecemos sua concordância em participar desta tarefa incluída no projeto de investigação “A cidadania de adolescentes imigrantes: relatos de experiências em uma escola portuguesa do ensino básico”, projeto que se inscreve numa dissertação no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientado pelo Professor Doutor Tiago Neves e pela Professora Doutora Teresa Dias.

Antes de tomar uma decisão informada sobre a sua participação, é importante que receba informações adequadas. Pedimos, por favor, que leia este documento e entre em contato com o aluno investigador para qualquer dúvida ou esclarecimento adicional através do e-mail: fginicolo@gmail.com.

Objetivo desta participação

O objetivo desta entrevista é recolher informações para identificar fatores que favorecem ou inibem a participação e a cidadania ativa de adolescentes imigrantes na escola e examinar os resultados das políticas de integração de migrantes na área da educação e a implantação destas políticas ao nível local.

Natureza e consequências da participação

A participação é voluntária. Tem o direito de desistir ou retirar o consentimento para participação a qualquer momento, sem consequências negativas para si ou para a sua instituição de ensino. Esta entrevista será gravada em áudio, e, posteriormente, transcrita pela equipa de investigação do projeto. São garantidos o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos em todas as fases e produtos da investigação. Os dados obtidos através desta entrevista serão apenas usados no âmbito do trabalho de investigação em curso.

Não se preveem riscos de maior ou benefícios económicos decorrentes desta participação.

Nome: _____ Data de nascimento: _____

Ao assinar abaixo, eu concordo que:

- Li as informações no documento, entendi o seu conteúdo e todas as informações fornecidas oralmente pelo/a investigador/a.
- Estou consciente de que a participação no estudo é voluntária, sem coerção, e que tenho o direito de me retirar do estudo em qualquer momento, sem indicar qualquer motivo e sem consequências negativas.
- Estou consciente da natureza das atividades do estudo e da inexistência de riscos de maior ou de benefícios económicos decorrentes desta participação.

Concordo Não Concordo participar no estudo, no conhecimento de que tal consentimento é dado livremente.

Porto, ____/____/____.

Assinatura do/a entrevistado/a

Assinatura da investigadora

Apêndice 5 - Roteiros de Entrevistas

5.1 Diretor

Objetivos:

- Identificar fatores que favorecem ou inibem a integração, a participação e a cidadania ativa de adolescentes imigrantes na escola;
- Examinar, ao nível local, o desenvolvimento das políticas portuguesas de integração de imigrantes na área da educação apontadas pelo Migration Integration Policy Index (MIPEX, 2020)

Dimensões de análise:

- Integração: condições de acesso e sucesso (documentação para matrícula, processos seletivos, vagas, avaliação de conhecimentos prévios, composição das turmas, Programa TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária; necessidades específicas (orientação educacional, Programa PLNM - Português como língua não materna; atividades adicionais de mentoria/tutoria), provisão de atividades adicionais para migrantes; novas oportunidades (aprendizado da língua e da cultura do imigrante, medidas para conter a segregação; educação intercultural (formação e expectativa do professor em relação ao aluno migrante, apreciação da diversidade, medidas para incentivar pais migrantes a se envolverem na governança da escola, adaptação do cotidiano escolar).
- Participação: capital social (confiança, socialização informal, diversidade de amizades), bem-estar social e emocional (sentimento de pertença), reconhecimento da identidade, qualidade da participação (oportunidades para discutir e refletir sobre questões do mundo e do mundo da escola).
- Cidadania ativa (envolvimento na formulação de regras, direitos e deveres e em processos decisórios sobre planejamento, execução e avaliação de atividades).

Entrevistador:

Maria de Fatima Ginicolo (Mestranda)

Recursos/Materiais:

Gravador, roteiro da entrevista

Apresentação inicial:

Bom dia/Boa tarde!

Meu nome é Maria de Fátima e sou aluna do curso de mestrado em Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Antes de iniciarmos, gostaria de agradecer a sua participação e lhe informar que esta é uma pesquisa sobre a participação de alunos migrantes na escola da qual participam o diretor, professores, pais e alunos. Os dados serão recolhidos neste estudo através de entrevistas e grupos focais, no seu caso a entrevista, que será gravada e posteriormente transcrita. Assim, preciso da sua autorização formal para realizar a entrevista e da sua concordância para que ela seja gravada. Porém, antes quero esclarecer que a transcrição será utilizada apenas para este trabalho de investigação, que nem a escola, nem os participantes serão identificados nas transcrições e que todo material da pesquisa permanecerá arquivado de forma sigilosa. Peço então a sua assinatura no termo de consentimento no qual você declara estar ciente dos objetivos da pesquisa. Podemos ligar o gravador e começar?

Tópico A – Acesso à escola

Primeiramente gostaria de fazer algumas perguntas relativas à chegada dos pais e estudantes migrantes à escola, pode ser?

NE 1

PO: A escola desenvolve algum programa/algumas linhas orientadoras para receber pais e alunos migrantes?

PO: Quais são os funcionários responsáveis por receber pais e alunos imigrantes, o que poderíamos referir como o primeiro rosto à chegada à escola?

PO: Eles estão orientados para prestar esclarecimentos sobre o funcionamento do sistema educativo em Portugal?

PS: Algum material explicativo é entregue nesta primeira visita?

PS: E material ao nível da escola/agrupamento?

APS 1

PO: Para que a matrícula de um aluno migrante seja efetivada, quais são os documentos exigidos?

PO: A escola faz algum processo seletivo?

PS: Há limitação de vagas oferecidas em algum ciclo/ano?

Uma das etapas iniciais no acolhimento de alunos migrantes é certamente o processo de avaliação de conhecimentos, será possível explicar-me como funciona este processo no agrupamento que dirige?

APS4

(Quanto à avaliação dos conhecimentos prévios de alunos imigrantes gostaria de saber)

PS: Como é feita a avaliação?

PS: Quem na escola procede à avaliação?

PO: Quais têm sido os resultados obtidos? Os alunos migrantes têm demonstrado aptidão para seguir no mesmo ciclo/ano que corresponderia à educação em seu país de origem?

APS3

PO: Qual é o critério utilizado para distribuição dos alunos migrantes nas turmas quando há mais de uma turma do mesmo ano/ciclo?

PS: Concentrá-los ou distribuí-los?

Tópico B – Programas TEIP e PLNM

As próximas questões se referem aos programas TEIP e PLNM.

Com o programa TEIP aspectos locais assumiram ou deveriam assumir uma maior relevância na busca de soluções para os problemas educativos da comunidade de um determinado território.

PO: Gostaria então de saber quais são os principais problemas educativos que esta escola possui e como vêm sendo focados pelo programa?

PS: Você considera que o programa tem conseguido enfrentar estes problemas?

APS2

PO: Como foi desenvolvido o Programa TEIP na escola?

PS: Quais são as principais atividades realizadas no âmbito do programa nesta escola?

PS: Você considera que existem recursos suficientes para o seu funcionamento (materiais, pessoal, espaço adequado, etc.)?

PS: O programa estabeleceu alguma parceria com entidades locais?

PO: Como tem sido a articulação entre os professores regulares e os professores/monitores TEIP para fazer frente aos problemas que o programa tem colocado em foco?

PO: Como tem sido os resultados dos estudantes desta escola, desde a implantação do programa?

NE3

PO: Quais atividades têm sido oferecidas especificamente aos alunos imigrantes no sentido de fazer frente às dificuldades que enfrentam em disciplinas específicas?

PS: Quais têm sido as dificuldades mais frequentes entre estes alunos?

PS: O programa possui mediadores que comunicam em outro idioma?

PO: Como você avalia o suporte que o programa oferece aos alunos migrantes?

PS: O que você considera que poderia ser feito para ajudar os alunos migrantes de uma forma melhor?

Gostaria agora de ouvi-lo sobre o Programa PLNM

PO: Poderia falar um pouco sobre como funciona o programa?

PO: Desde quando o programa funciona na escola? E como foi desenvolvido?

PS: Qual o padrão de instrução adotado pela escola?

PS: Qual é a exigência de formação para lecionar em turmas de PLNM?

PO: Você considera que existem recursos suficientes para o funcionamento do programa (materiais, pessoal, espaço adequado, etc.)?

PO: Quantas turmas de PLNM estão funcionando?

PO: Como tem sido a avaliação dos alunos participantes do programa PLNM em termos de comunicação e dos trabalhos acadêmicos?

PS: Quais têm sido as principais dificuldades apresentadas pelos alunos?

PS: Como o programa poderia ajudar os alunos de uma forma melhor?

PO: Existe algum tipo de articulação entre os professores regulares e os professores do PLNM?

PS: O programa oferece atividades adicionais para alunos em dificuldade?

NE3

PO: Em relação às demais disciplinas o planejamento prevê atividades adicionais para alunos migrantes com dificuldades de aprendizagem como monitorização ou tutorias?

PS: Como funciona este oferecimento?

NO 1

PO: A escola tem como oferta para alunos ou pais o ensino de algum idioma falado pelos alunos migrantes dentro ou fora do horário regular?

PO: No seu entendimento seria importante que o aluno frequentasse um curso para aprender a língua materna?

PS: Por quê?

PS: Você considera que este tipo de aprendizado interessa/poderia interessar também aos demais alunos?

Tópico C – Oportunidades trazidas pelos migrantes e Educação Intercultural

Agora vamos falar sobre oportunidades trazidas pelos migrantes e sobre educação intercultural.

NO3

Como as matrículas nas escolas em Portugal estão condicionadas à área de residência do aluno, nem sempre é possível adotar procedimentos para organizar a distribuição de estudantes migrantes pelas diferentes escolas e agrupamentos de escolas acontecendo por vezes que algumas escolas possam ter um grande número de alunos imigrantes.

PO: No seu entendimento, o número de alunos imigrantes que existe nesta escola apresenta algum constrangimento?

PS: esta é uma escola segregada/estigmatizada por ter um número elevado de migrantes entre seus alunos?

Um procedimento no sentido de conter a segregação/estigmatização seria o de promover a ligação entre escolas com poucos imigrantes e escolas com muitos imigrantes e vice-versa em atividades curriculares ou extracurriculares.

PO: Como você vê este tipo de iniciativa?

PS: No seu entendimento ações deste tipo seriam efetivas?

PS: Quais seriam as facilidades ou impedimentos para realizar este tipo de atividade?

PO: A escola poderia tomar ou tem tomado alguma outra medida para conter a segregação?

PS: Qual?

NO 2

PO: Você considera que existem preocupações por parte da escola e dos professores de que os alunos aprendam sobre características de diferentes culturas?

PS: Os alunos participam de atividades dentro ou fora da escola nas quais a preocupação é aprender a respeito de diferentes culturas?

PS: Esta preocupação está presente em atividades realizadas dentro de alguma disciplina específica? Qual?

EI3

PO: A escola tem feito adaptações no seu cotidiano com o objetivo de incluir necessidades/hábitos culturais especiais de imigrantes ou de outras minorias étnicas como a modificação de suas agendas para contemplar feriados ou festas religiosas?

EI 2

PO: Você considera que nesta escola a diversidade cultural é apreciada ou tida como um problema?

PO: Você pode dizer que nesta escola há situações nas quais o preconceito se torna evidente?

PS: Quais seriam estas situações?

PS: Quais têm sido as ações tomadas pela escola no sentido de conter estas situações?

PO: Houveram situações de preconceito envolvendo os alunos migrantes que chegaram ao seu conhecimento?

PS: Quais foram estas situações?

PS: Em relação à estas situações quais foram as medidas tomadas pela escola?

EI4

PO: Em relação a formação/treinamento para a educação intercultural (ou de migrantes) gostaria de lhe perguntar como é o preparo dos professores desta escola.

PO: A escola procura alocar professores com esta formação em turmas onde existe um número relevante de alunos imigrantes?

PO: Você poderia dizer que nesta escola alunos migrantes e alunos portugueses têm as mesmas oportunidades para se desenvolverem e obterem bons resultados?

PS: Por que?

PO: A escola dispõe dos recursos necessários para atender às necessidades específicas dos alunos imigrantes?

PO: O que a escola poderia fazer, além do que já vem fazendo, para atender de uma forma melhor a estas necessidades específicas?

EI1

PO: Você considera que a escola tem realizado esforços para se aproximar dos alunos e dos pais de migrantes?

PS: Quais medidas têm sido tomadas neste sentido?

PS: Pais de alunos migrantes são convidados a fazer parte de reuniões sobre a administração da escola?

PO: Como está estruturada a educação para a cidadania no currículo da escola?

PS: Como as atividades têm sido desenvolvidas dentro e fora das disciplinas?

PO: Quais são as ações de supervisão, avaliação e monitoração que têm sido feitas para acompanhar o que a escola tem feito neste sentido?

PO: Gostaria que me dissesse agora de forma breve o que cidadania significa para você?

Tópico C – Os relacionamentos e a participação na escola

Ainda sobre a escola, gostaria que pensasse nos espaços físicos, nos professores, na relação entre os alunos, com os professores e funcionários, nas aulas e atividades.

P1

PO: Você considera que na escola os alunos migrantes têm demonstrado facilidade para fazer novas amizades?

PS: Quais seriam as dificuldades enfrentadas por estes alunos em relação a estabelecer novas amizades aqui na escola?

PS: Considera que estes alunos têm sido acolhidos por seus colegas de turma e de outras turmas?

PO: De acordo com o seu entendimento os alunos migrantes demonstram confiar na escola, nos professores e nos colegas?

P2

PO: Os alunos migrantes têm demonstrado gostar de seus professores e funcionários?

PO: Poderia dizer que eles sentem que fazem parte desta escola?

PS: Seria capaz de me dar um exemplo de algo que o/a fez ter esta percepção?

PS: E um exemplo em que sentiu que o aluno demonstrava ainda não fazer parte da escola?

P3

PO: Você poderia dizer que os alunos migrantes demonstram ter orgulho de pertencer ao país onde nasceu?

PS: O que o faz pensar assim?

As próximas perguntas se referem a todos os alunos e não apenas aos migrantes.

P4, P5, P6, P7

PO: Você considera que aqui na escola os alunos têm oportunidades para discutir e refletir sobre questões do mundo em geral e do mundo da escola?

PS: Poderia dizer como e quando acontecem discussões deste tipo?

P8

PO: Você poderia dizer que nesta escola as crianças/alunos participam da formulação de regras, direitos e deveres?

PS: Como se dá esta participação?

P9

PO: Nesta escola as crianças/alunos participam da decisão sobre a forma como se organizam as

aulas? (o que será estudado, quais as tarefas que serão realizadas, como o tempo será gasto, como será a avaliação)?

Tenho ainda duas perguntas

P1

Gostaria agora que pensasse nos espaços físicos, nos professores, nas relações entre os alunos, entre alunos e professores, entre professores, entre funcionários, entre você e todos que aqui trabalham e estudam e me respondesse.

PO: O que seria para você uma escola “boa”?

PS: e quanto aos professores?

PS: e quanto a relação entre os alunos?

PS: e na forma de os professores darem as aulas?

E agora passamos da escola ideal para a esta escola que é real, ok?

PO: Você considera que esta é uma “boa” escola?

Encerramento:

Terminamos a nossa conversa. Foi excelente!

Assim que tiver concluído a análise dos dados recolhidos nas entrevistas estarei disponível para apresentar a todos os participantes os resultados obtidos, se a escola entender ser uma mais valia.

5.2 Professores

Objetivos:

- Identificar fatores que favorecem ou inibem a integração, a participação e a cidadania ativa de adolescentes imigrantes na escola;
- Examinar, ao nível local, o desenvolvimento das políticas portuguesas de integração de imigrantes na área da educação apontadas pelo Migration Integration Policy Index (MIPEX, 2020).

Dimensões de análise:

- Integração: condições de sucesso (Programa TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária; necessidades específicas (orientação educacional, Programa PLNM - Português como língua não materna, atividades adicionais de mentoria/tutoria); novas oportunidades (aprendizado da língua e da cultura do imigrante, medidas para conter a segregação; educação intercultural (formação e expectativa do professor em relação ao aluno migrante, apreciação da diversidade, adaptação do cotidiano escolar, medidas para incentivar pais migrantes a se envolverem na governança da escola).
- Participação: capital social (confiança, socialização informal, diversidade de amizades), bem-estar social e emocional (sentimento de pertença), qualidade da participação (oportunidades para discutir e refletir sobre questões do mundo e do mundo da escola).
- Cidadania ativa (envolvimento na formulação de regras, direitos e deveres e em processos decisórios sobre planejamento, execução e avaliação de atividades).

Entrevistador:

Maria de Fatima Ginicolo (Mestranda)

Recursos/Materiais:

Gravador, roteiro da entrevista

Apresentação inicial:

Bom dia/Boa tarde!

Meu nome é Maria de Fatima e sou aluna do curso de mestrado da Universidade do Porto.

Antes de iniciarmos, gostaria de agradecer a sua participação e lhe informar que esta é uma pesquisa sobre a participação de alunos migrantes na escola, cujos dados são recolhidos através da transcrição de entrevistas com o diretor, professores, pais e alunos. Assim, preciso da sua autorização formal para realizar a entrevista e da sua concordância para que ela seja gravada.

Porém, antes quero esclarecer que a gravação será utilizada apenas para este trabalho de investigação e que nem a escola, nem os participantes serão identificados nas transcrições e que todo material da pesquisa permanecerá arquivado de forma sigilosa. Peço então a sua assinatura no termo de consentimento no qual você declara estar ciente dos objetivos da pesquisa. Podemos ligar o gravador e começar?

Tópico A: Programas TEIP e PLNM

Vamos iniciar com questões relativas aos programas TEIP e PLNM. Primeiramente gostaria de saber, se for do seu conhecimento

APS 2

PO: Como foi desenvolvido o Programa TEIP na escola?

PO: Poderia me dizer como funciona?

PS: Você considera que existem recursos suficientes para o seu funcionamento (materiais, pessoal, espaço adequado, etc.)?

PO: Quanto aos alunos migrantes como tem sido a articulação entre o professor regular e os professores/monitores TEIP para fazer frente às dificuldades que estes alunos apresentam?

PS: Quais têm sido as dificuldades mais presentes entre estes alunos?

PS: Como você avalia o suporte que o programa oferece aos alunos migrantes?

PS: O programa possui mediadores que comunicam em outro idioma?

PS: O que você considera que poderia ser feito para ajudar os alunos migrantes de uma forma melhor?

Agora gostaria de saber suas impressões sobre o programa PLNM. Poderia me dizer, se for do seu conhecimento

NE2

PO: Como o programa foi desenvolvido na escola?

PO: Poderia falar um pouco sobre como funciona o programa?

PS: Qual o padrão de instrução adotado pela escola?

PS: Qual é a exigência de formação para lecionar em turmas de PLNM?

PS: Você considera que existem recursos suficientes para o funcionamento do programa (materiais, pessoal, espaço adequado, etc.)?

PS: O programa oferece atividades adicionais para alunos em dificuldade?

NO3

PO: E em relação às demais disciplinas gostaria de saber se o planejamento prevê atividades adicionais para alunos migrantes com dificuldades de aprendizagem como monitorias ou tutorias?

PS: Como funciona este oferecimento?

Para encerrar este bloco restam ainda duas questões.

NE2

PO: Como tem sido a avaliação dos alunos participantes do programa PLNM em termos de comunicação e dos trabalhos acadêmicos?

PS: O que você considera que poderia ser feito para ajudar os alunos migrantes de uma forma melhor?

Tópico B: Novas oportunidades

Vamos iniciar agora um novo conjunto de questões sobre oportunidades que a presença de alunos migrantes poderia trazer para a escola. A primeira delas está relacionada ao aprendizado de idiomas falados pelos migrantes.

NO 1

PO: Gostaria então de lhe perguntar se a escola oferta o ensino de algum idioma falado pelos alunos migrantes dentro ou fora do horário regular?

PO: No seu entendimento seria importante que o aluno frequentasse um curso para aprender a língua materna?

PS: Por que?

PS: Você considera que este tipo de aprendizado interessa/poderia interessar também aos demais alunos?

NO 2

PO: Em termos do aprendizado da cultura do imigrante, qual tem sido a postura da escola?

PS: Em quais disciplinas você poderia dizer que esta preocupação está mais presente?

PS: A escola desenvolve algum projeto e/ou alguma atividades dentro do horário regular ou fora da escola neste sentido?

NO 3

Como as matrículas nas escolas em Portugal estão condicionadas à área de residência do aluno, não é possível adotar procedimentos para conter a segregação como o de remanejar estudantes migrantes de escolas com um grande número deles para outras que possuam um número menor.

PO: No seu entendimento, esta é uma escola segregada/estigmatizada por ter um número elevado de migrantes entre seus alunos ou ainda por alguma outra razão?

Outro procedimento no sentido de conter a segregação seria o de que escolas com poucos imigrantes se liguem a escolas com muitos imigrantes e vice-versa em atividades curriculares ou extracurriculares.

PO: Como você vê este tipo de iniciativa?

PS: No seu entendimento ações deste tipo seriam efetivas?

PS: Quais seriam as facilidades ou impedimentos para realizar este tipo de atividade?

PS: A escola poderia tomar ou tem tomado alguma outra medida para conter a segregação?

PS: Qual?

EI 1

PO: A escola tem desenvolvido ações para aproximar alunos, pais e as comunidades migrantes?

PS: Quais?

PS: Houve por parte da escola alguma iniciativa no sentido de chamar pais migrantes para participarem da administração da escola ou de se envolverem com as atividades escolares de seus filhos?

Tópico C: Educação Intercultural

As questões que a seguir se referem à diversidade cultural e à educação intercultural.

Para iniciarmos esta etapa da entrevista gostaria de fazer inicialmente algumas perguntas sobre a sua formação profissional.

EI 4

PO: Você teve a oportunidade de cursar alguma disciplina para a educação intercultural na sua formação inicial?

PS: E depois da sua formação, fez algum curso ou treinamento?

PO: Como você tem visto a chegada de um número cada vez maior de alunos imigrantes à escola?

PO: No seu entendimento nesta escola alunos imigrantes podem se desenvolver e ter o mesmo desempenho que alunos portugueses?

PO: De um modo geral a escola possui recursos suficientes para atender as necessidades específicas dos alunos migrantes?

PS: Quais são as dificuldades mais presentes entre estes alunos?

EI 2

PO: Você poderia dizer que esta escola tem um currículo que reflete a diversidade?

PS: Poderia citar algumas adaptações curriculares feitas com a preocupação de envolver a diversidade de alunos imigrantes e também dos alunos portugueses?

PO: Você considera que nesta escola a diversidade cultural é apreciada ou é um problema?

PS: Por que?

EI 3

PO: A escola tem feito adaptações no seu cotidiano com o objetivo de incluir necessidades especiais de imigrantes ou de outras minorias étnicas como a modificação de suas agendas para contemplar feriados ou festas religiosas?

EI 2

PO: Sobre situações que envolvem preconceito em relação aos alunos migrantes e também aos que pertencem às minorias locais. Você considera que aqui na escola há situações em que o preconceito se torna evidente?

PS: Quais seriam estas situações?

PO: A escola já tomou alguma ação no sentido de conter o preconceito?

PS: Houve alguma situação de preconceito na qual teve que intervir diretamente?

PS: Poderia falar um pouco sobre uma destas situações?

PS: Nestes casos quais medidas foram tomadas?

PO: Como está estruturada a Educação para a Cidadania na escola?

PS: Poderia falar um pouco sobre a forma como vem sendo implementada?

PS: É de seu conhecimento ações de inspeção, avaliação e monitoração desta implementação?

PO: Poderia me dizer brevemente o que significa cidadania para você?

Tópico D – Participação

Este é o bloco final que inclui questões relacionadas à participação dos alunos, algumas específicas sobre alunos migrantes e outras se referem aos alunos em geral. Podemos prosseguir?

P2

PO: Você considera que os alunos migrantes têm se envolvido com você e com os colegas da turma e de outras turmas?

PS: Considera que eles se sentem parte desta escola?

PS: Poderia citar uma situação em que você pode perceber este pertencimento?

PS: Poderia falar um pouco sobre a participação dos alunos imigrantes e dos demais alunos nas atividades que você desenvolve em suas aulas?

P4, P5, P6, P7

PO: No planejamento da escola ou no seu planejamento em particular estão incluídas atividades onde os alunos discutem questões sociais relevantes, bem como questões que dizem respeito ao mundo da escola, de forma refletida?

PS: Nestas atividades os alunos discutem possibilidades de ação para mudar estas situações?

PS: Poderia citar alguns exemplos?

P8

PO: Nesta escola as crianças participam da formulação de regras, direitos e deveres?

PS: Como se dá esta participação?

Por último gostaria que pensasse em termos ideais sobre espaços físicos, os professores, a relação entre os alunos, com os professores e funcionários, as aulas, as atividades que se realizam em uma escola e me respondesse

P1

PO: O que seria para você uma escola “boa”?

E agora passando da escola ideal para esta escola que é real, ok?

PO: Você considera que esta é uma “boa” escola?

PO: Você considera que os estudantes confiam em seus colegas, nos professores e demais funcionários da escola?

Encerramento:

Terminamos a nossa conversa. Foi excelente!

Assim que tiver concluído a análise dos dados recolhidos nas entrevistas gostaria de apresentar a todos os participantes os resultados obtidos. Você concordaria em participar deste encontro?

5.3 Encarregados da Educação

Objetivos:

- Identificar fatores que favorecem ou inibem a integração, a participação e a cidadania ativa de adolescentes imigrantes na escola;
- Examinar, ao nível local, o desenvolvimento das políticas portuguesas de integração de imigrantes na área da educação apontadas pelo Migration Integration Policy Index (MIPEX, 2020)

Dimensões de análise:

- Integração: condições de acesso e sucesso (documentação para matrícula, processos seletivos, vagas, avaliação de conhecimentos prévios, Programa TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária; necessidades específicas (orientação educacional, Programa PLNM - Português como língua não materna, atividades adicionais de mentoria/tutoria); novas oportunidades (aprendizado da língua e da cultura do imigrante; educação intercultural (formação e expectativa do professor em relação ao aluno migrante, apreciação da diversidade, medidas para incentivar pais migrantes a se envolverem na governança da escola).
- Participação: capital social (confiança, socialização informal, diversidade de amizades), bem-estar social e emocional (sentimento de pertença), reconhecimento da identidade, qualidade da participação (oportunidades para discutir e refletir sobre questões do mundo e do mundo da escola).
- Cidadania ativa (envolvimento na formulação de regras, direitos e deveres e em processos decisórios sobre planeamento, execução e avaliação de atividades).

Entrevistador:

Maria de Fatima Ginicolo (Mestranda)

Recursos/Materiais:

Gravador, roteiro da entrevista

Apresentação inicial:

Bom dia/Boa tarde!

Meu nome é Maria de Fatima e sou aluna do curso de mestrado da Universidade do Porto. Antes de iniciarmos, gostaria de agradecer a sua participação e informar que esta é uma pesquisa sobre a participação de alunos migrantes na escola, cujos dados são recolhidos através da transcrição de entrevistas com o diretor, professores, pais e alunos. Assim, preciso da sua autorização

formal para realizar a entrevista e da sua concordância para que ela seja gravada. Porém, antes quero esclarecer que a gravação será utilizada apenas para este trabalho de investigação e que nem a escola, nem os participantes serão identificados nas transcrições e que todo material da pesquisa permanecerá arquivado de forma sigilosa. Peço então a sua assinatura no termo de consentimento no qual você declara estar ciente dos objetivos da pesquisa. Podemos ligar o gravador e começar?

Tópico A – A chegada à escola

Primeiramente gostaria de lhe perguntar sobre a sua experiência com a escola quando chegou a Portugal, pode ser?

NE 1

PO: Como foi o seu primeiro contato com a escola?

PO: Você considera que houve por parte de quem o/a recebeu preocupações no sentido de orientá-lo sobre o funcionamento do sistema educacional em Portugal?

PS: Você recebeu algum material explicativo?

PS: Tem conhecimento de algum programa desenvolvido pela escola para receber pais de imigrantes que visitam a escola pela primeira vez?

APS 1

PO: No processo de matrícula quais foram os documentos exigidos?

PO: Houve algum processo seletivo?

PS: Você enfrentou alguma dificuldade em matricular seu filho/filha por não existirem vagas para o ciclo/ano que ele deveria cursar?

APS4

A escola faz a avaliação dos conhecimentos prévios de alunos imigrantes para alocá-los no ciclo/ano adequado.

PO: Você tem conhecimento desta avaliação e de como ela foi feita?

PS: Sabe quem fez a avaliação de seu filho/filha?

PO: Qual foi o resultado do seu filho/filha nesta avaliação?

PS: Ele demonstrou apto/a seguir no mesmo ciclo/ano que corresponderia à educação em seu país?

Tópico B – Aspectos culturais

Agora vamos falar sobre alguns aspectos culturais.

NO 1

PO: Gostaria de saber qual é o idioma falado em sua casa com o seu filho/a?

PO: A escola oferece alguma opção (dentro ou fora do horário regular) para o aprendizado deste idioma?

PS: Você considera que este tipo de aprendizado interessa/poderia interessar também a outros alunos?

NO 2

PO: Você considera que existem preocupações por parte da escola e dos professores de que os alunos aprendam a respeito da sua cultura?

PS: Você percebeu esta preocupação em atividades realizadas dentro de alguma disciplina específica? Qual?

PS: Seu filho teve oportunidade de participar de alguma atividade fora da escola na qual a preocupação foi aprender a respeito de diferentes culturas?

EI 2

PO: Você considera que nesta escola a diversidade cultural é apreciada ou é um problema?

PO: Você pode dizer que nesta escola há situações nas quais o preconceito se torna evidente?

PS: Quais seriam estas situações?

PS: A escola tem demonstrado preocupações no sentido de conter estas situações?

PS: Houve alguma situação de preconceito envolvendo você, seu filho ou outra pessoa que tenha chegado ao seu conhecimento?

PS: Quais foram estas situações?

PS: Em relação a estas situações você tomou conhecimento de alguma medida tomada pela escola?

PS: Poderia citar quais foram as medidas tomadas?

Tópico C: A sua relação e a de seu filho com a escola

As próximas perguntas se referem à sua relação e à relação do seu filho/a com a escola. Podemos prosseguir?

EI 4

PO: Na sua opinião os professores desta escola são bons para ensinar alunos que vêm de outro país?

PS: Por que?

PS: O que faz a diferença entre estes professores?

PO: Você acredita que nesta escola um aluno imigrante pode ter as mesmas oportunidades para ter bons resultados que os alunos portugueses?

PS: Por que?

PO: Você considera que nesta escola alunos imigrantes têm as mesmas oportunidades de participar das atividades do que qualquer outro aluno?

PO: De acordo com a sua observação esta escola ou as escolas que seus filhos frequentaram (os que estão em Portugal há mais tempo) têm tudo o que eles necessitam para aprender ou está faltando algo?

PS: Poderia me dar exemplos do que têm para aprender e do que estaria faltando?

EI 1

PO: Você considera que a escola tem realizado esforços para se aproximar dos alunos e dos pais imigrantes?

PS: Quais medidas tomadas pela escola são do seu conhecimento?

PS: Você já foi convidado para fazer parte de reuniões sobre a administração da escola ou tem conhecimento de algum pai/mãe imigrante que tenha sido convidado?

Ainda sobre a escola, gostaria que pensasse nos espaços físicos, nos professores, na relação entre os alunos, com os professores e funcionários, nas aulas e atividades.

PI

Ainda sobre a escola, gostaria que pensasse nos espaços físicos, nos professores, na relação entre os alunos, com os professores e funcionários, nas aulas e atividades e me respondesse.

PO: O que seria para você uma escola “boa”?

PS: e quanto aos professores?

PS: e quanto a relação entre os alunos?

PS: e na forma de os professores darem as aulas?

E agora passamos da escola ideal para a esta escola que é real, ok?

PO: Você considera que esta é uma “boa” escola?

PO: Você considera que seu filho confia em seus colegas, nos professores e demais funcionários da escola?

Tópico D – Os relacionamentos de seu filho dentro e fora da escola

Agora vamos falar um pouco sobre os relacionamentos que seu filho possui dentro e fora da escola.

P1

PO: Foi fácil para o seu filho chegar à escola e fazer novas amizades?

PS: quais as dificuldades ele sentiu?

PS: Como foi acolhido pelos colegas da turma? e os de outras turmas?

PS: Os colegas sentem diferença por seu filho ser de outro país?

PO: Na escola qual a nacionalidade das crianças com as quais seu filho mais se relaciona?

PO: Seu filho demonstra confiar na escola, nos professores, nos colegas?

P2

PO: Seu filho/a gosta de algum colega em especial?

PO: Gosta dos seus professores e dos funcionários da escola em geral?

PO: Poderia dizer que ele/a sente que faz parte desta escola?

PS: Seria capaz de me dar um exemplo de algo que o/a fez sentir fazer parte da escola?

PS: e um exemplo em que sentiram que ainda não faziam parte da escola?

P3

PO: Você poderia dizer que seu filho tem orgulho de pertencer ao país onde nasceu?

PS: Por que ele se sente /não se sente orgulhoso de pertencer ao país onde nasceu?

P1

PO: Além da escola, a que lugares seu filho/a vai com frequência?

PS: como foi recebido nesses locais/atividades?

PO: Fora da escola qual a nacionalidade das crianças com as quais ele mais se relaciona?

PO: Seu filho utiliza as redes sociais para manter contato com familiares distantes ou amigos?

Com que frequência?

PO: A família participa de alguma atividade associativa (igreja, clube, entidade beneficente, partidos políticos)

PS: Algum familiar exerce papel de liderança em alguma associação?

Tópico E: A participação dos alunos na escola (migrantes ou não)

As próximas perguntas se referem a todos os alunos e não apenas aos migrantes.

P4, P5, P6, P7

PO: Você considera que aqui na escola os alunos têm oportunidades para discutir e refletir sobre

questões do mundo em geral e do mundo da escola?

PS: Poderia dizer como e quando acontece essa discussão?

PO: No seu modo de ver quais seriam as questões referentes ao mundo da escola que as crianças/crianças imigrantes deveriam discutir e participar?

P8

PO: Você poderia dizer que nesta escola as crianças/alunos participam da formulação de regras, direitos e deveres?

PS: Tem conhecimento de como se dá esta participação?

P9

PO: Nesta escola as crianças/alunos participam da decisão sobre a forma como se organizam as aulas? (o que será estudado, quais as tarefas que serão realizadas, como o tempo será gasto, como será a avaliação).

Tópico F – Integração em escolas TEIP ou Programa PLNM:

Estamos chegando ao final da entrevista. Neste último bloco gostaríamos de saber especificamente a respeito de dois programas que funcionam aqui na escola. O programa TEIP- Territórios Educativos de Intervenção Prioritária e o Programa PLNM- Português como língua não materna.

APS 2

PO: O seu filho/a frequenta as aulas do programa TEIP. Você sabe o que é o programa e como funciona?

PO: Gostaria de saber quais foram as dificuldades escolares que levaram seu filho a frequentar o programa?

PS: Você acredita que as aulas estão ajudando a superar suas dificuldades?

PS: Seu filho demonstra gostar das aulas do programa?

PS: O que seria necessário fazer para que as aulas o ajudassem de uma forma melhor?

NE2

PO: O seu filho/a participa ou já participou das aulas do programa PLNM na escola? Gostaria que me falassem um pouco sobre estas aulas. O lugar onde estas aulas são dadas; os materiais

utilizados; o professor.

PO: O seu filho/filha tem se saído bem nestas aulas ou têm alguma dificuldade?

PS: Poderia me falar um pouco das dificuldades de seu filho/a no aprendizado do Português?

PS: Seu filho/a já frequentou aulas adicionais para superar estas dificuldades?

NE3

PO: E em relação às demais disciplinas a escola oferece atividades adicionais como tutoria/monitoria?

Encerramento:

Terminamos a nossa conversa. Foi excelente!

Assim que tiver concluído a análise dos dados recolhidos nas entrevistas gostaria de apresentar a todos os participantes os resultados obtidos. Você concordaria em participar deste encontro?

5.4 Alunos

Objetivos:

- Identificar fatores que favorecem ou inibem a integração, a participação e a cidadania ativa de adolescentes imigrantes na escola;
- Examinar, ao nível local, o desenvolvimento das políticas portuguesas de integração de imigrantes na área da educação apontadas pelo Migration Integration Policy Index (MIPEX, 2015)

Dimensões de análise:

- Integração: condições para o sucesso (Programa TEIP - Territórios Educativos de Intervenção Prioritária); necessidades específicas (Programa PLNM - Português como língua não materna, aprendizado da cultura do imigrante, educação intercultural (formação e expectativa do professor em relação ao aluno estrangeiro).
- Participação: capital social (confiança, socialização informal, diversidade de amizades), bem-estar social e emocional (sentimento de pertença), qualidade da participação (oportunidades para discutir e refletir sobre questões do mundo e do mundo da escola).
- Cidadania ativa (envolvimento na formulação de regras, direitos e deveres e em processos decisórios sobre planeamento, execução e avaliação de atividades).

Entrevistador:

Maria de Fatima Ginicolo (Mestranda)

Recursos/Materiais:

Computador, acesso à internet, imagens diversas

Nota: como o estudo envolve alunos com idades, discursos e compreensões diferentes, deve o/a moderador/a estar preparado para reformular ou explicar uma pergunta ou um desafio lançado.

Apresentação inicial:

- Pedir autorização para gravação.
- Agradecer a participação.
- Apresentar-se.
- Apresentar brevemente e de forma muito simples o projeto.
- Explicar brevemente algumas questões metodológicas e éticas: as gravações áudio serão utilizadas apenas este trabalho de investigação; os/as participantes não serão

identificados nas transcrições; a participação é voluntária e por isso é possível desistir em qualquer altura.

- Esclarecer que não há respostas certas nem erradas;
- Perguntar a respeito de alguma dúvida que o participante tenha e, se existirem dúvidas, esclarecê-las.
- Verificar o consentimento informado.

Aquecimento

Compartilhar a imagem de um planisfério e iniciar a entrevista.



Neste nosso início de conversa, gostaria que você pensasse que vai fazer uma pequena viagem. O lugar de partida vai ser o seu país de origem e o seu destino será Portugal, onde está morando hoje.

PO: Poderia me falar um pouco do país de onde vem?

PS: Quando chegou a Portugal e quem veio com você?

Agora que eu já conheço um pouco do lugar de onde você vem, gostaria de tentar perceber como era a sua vida no seu país e como é agora a sua vida aqui em Portugal. Certo?

Tópico A – O meu país!

Gostaria que me contasse, de forma rápida, um pouco como era a sua vida no seu país. O que você fazia desde que acordava até a hora de ir se deitar?

PS: Para além da escola, de que atividades você participava?

P3

PO: Você poderia dizer que tem orgulho de pertencer ao seu país?

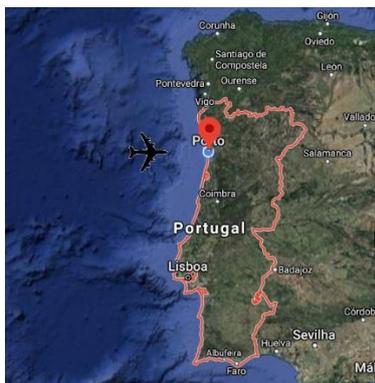
PS: Por que se sente /não se sente orgulhoso de pertencer ao seu país?

P1

PO: Você costuma manter contacto com familiares e amigos que deixou no seu país?

PS: Com quem você normalmente fala? Você utiliza as redes sociais para manter estes contatos? Com que frequência?

Tópico B – A vida em Portugal!



Vamos aterrizar em Portugal agora e gostaria que você compartilhasse comigo um pouco do que acontece com você aqui?

PO: Como é aqui em Portugal um dia normal para você?

PO: Além da escola, a que lugares você vai com frequência?

PS: como foi recebido nesses locais/atividades?

PO: Fora da escola qual a nacionalidade das crianças com as quais você mais se relaciona?

Tópico C: A escola no geral

Agora gostaria de te desafiar a pensar um pouco sobre as escolas em geral.

Nos espaços físicos, nos professores, nas relações entre professor e aluno, nas relações entre os alunos e funcionários, nas relações entre os alunos, na forma dos professores darem aula e nas atividades. Pensando nestes pontos gostaria que dissesse

PI

PO: O que seria para você uma escola “boa”

E agora passamos da escola ideal para a sua escola que é real, ok? Gostaria que pensasse nas experiências que teve na escola desde que chegou a Portugal e me respondesse:



PO: Você considera que esta é uma escola “boa”?

PO: Você considera que os seus colegas, o seu professor e demais funcionários da escola são pessoas em quem você pode confiar?

EI 4; P2

PO: Do que tem sido a sua experiência, gostaria que me respondesse o que considera serem os pontos fortes e os pontos fracos desta escola? Você considera que aqui você encontra o que necessita para aprender ou há algo em falta ou a melhorar?



PS: Poderia citar exemplos dos recursos que a escola tem e que facilitam o seu aprendizado e do que está em falta ou que poderia melhorar?

PO: Vocês consideram que os professores desta escola são bons professores para ensinar alunos que vieram de um outro país?

PS: Por que?

PS: O que faz a diferença dos professores que são bons para ensinar os alunos que vieram de um outro país?

Tópico D – Integração em escolas TEIP ou Programa PLNM:

APS2

PO: Você acredita que as aulas regulares estão contribuindo para que você se sinta integrado na escola?

PS: Em que aspectos?

PS: Você tem frequentado aulas extras, oferecidas fora do horário regular, para lhe apoiar nas dificuldades que tem enfrentado? Em quais disciplinas?

NE2

PO: Especificamente sobre o seu aprendizado do Português, gostaria de saber se você participa ou participou de aulas de Português voltadas especificamente para alunos estrangeiros?

PS: Com que frequência?

PS: Gostaria que me falassem um pouco sobre estas aulas. Os horários em que foram dadas, o lugar onde foram dadas, os materiais utilizados, o professor.

PO: Como têm corrido estas aulas? Como descreveria seu desempenho/aproveitamento?

PS: Poderia me falar um pouco sobre as dificuldades que teve ou está tendo no desempenho aprendido do Português?

PS: O que seria necessário fazer para que estas aulas lhe ajudassem de uma forma melhor?

Tópico E – A escola, as amizades entre alunos portugueses e imigrantes e a integração



Ainda na escola, pensem agora um pouco sobre os seus colegas ou amigos e também sobre os professores

P1

PO: Foi fácil chegar à escola e fazer novas amizades?

PS: quais as dificuldades que sentiram?

PS: como vos acolheram os outros colegas da turma? e os de outras turmas?

PS: o que acha que pensam os colegas sobre vocês? Julga que sentem diferença por serem de outro país?

PO: Na escola, qual a nacionalidade das crianças com as quais você mais se relaciona?

P2

PO: Você gosta de algum colega em especial?

PO: Vocês gostam dos seus professores e dos funcionários da escola em geral?

NO2

PO: Você considera que, quando estão ensinando, os professores demonstram a preocupação de que todos os alunos da turma/sala aprendam a respeito da cultura do país onde você nasceu?

P2

PO: Você sente que faz parte desta escola?

PS: é capaz de me dar um exemplo em que sentiu que fazem parte desta escola?

PS: e um exemplo em que sentiu que não fazia parte da escola?

Tópico F – a participação dos alunos na escola (portugueses e imigrantes)



Pense agora em todos os alunos e não apenas nos alunos que são imigrantes.

P4, P5, P6, P7

PO: Você considera que aqui na escola existem oportunidades para que as crianças discutam e reflitam sobre questões do mundo em geral e do mundo da escola?

PS: como e quando acontece essa discussão?

P8

PO: Nesta escola, as crianças/alunos participam da formulação de regras, direitos e deveres?

PS: Como se dá esta participação?

P9

PO: Nesta escola, as crianças/alunos participam da decisão sobre a forma como se organizam as aulas? Quais as tarefas que serão realizadas, como o tempo será gasto, como será a avaliação?

PO: No seu modo de ver, quais seriam as questões referentes ao mundo da escola que as crianças/crianças imigrantes deveriam discutir e participar?

EI4 P2

PO: Você acredita que um aluno imigrante tem as mesmas oportunidades para ter bons resultados que um aluno português?

PS: Por quê?

PO: Vocês consideram que aqui têm as mesmas oportunidades de participar das atividades do que qualquer outro aluno?

Encerramento

Para encerrar gostaria de lhe propor um desafio. Que você pensasse em uma palavra ou frase sobre tudo o que falamos nesta entrevista.

Assim que tiver concluído a análise dos dados recolhidos nas entrevistas gostaria de apresentar a todos os participantes os resultados obtidos. Você concorda em participar deste encontro? Eu lhe avisarei assim que tiver concluído o trabalho.

Foi muito bom conversar com você. Agradeço muito a sua participação. Sua entrevista foi uma excelente contribuição para a minha pesquisa.

Apêndice 6 - Transcrições das entrevistas (numeradas de acordo com a data de realização)

E1 - 09/09/2020 - Professora de Informática/Diretora de Turma

F: Então, a entrevista está dividida em 4 tópicos, cada tópico tem 4 ou 5 perguntas, então a gente vai começar o primeiro deles.que diz respeito ao acesso à escola. São Perguntas relativas à chegada dos pais e estudantes à escola. A escola desenvolve algum programa, tem alguma linha de orientação para receber pais e alunos imigrantes?

E: Ora bem, no que diz respeito, ao nível da direção talvez saiba responder melhor a isso. Mas, portanto, eles chegam à escola e é disponibilizado um conjunto de programas da escola que eles tem acesso para poder desenvolver a língua, inicialmente, uma vez que eles vêm muitas vezes sem dominar e por isso é feito um acompanhamento, mas apesar de serem incluídos nas turmas normais têm um acompanhamento à parte, com outros programas específicos.

F: Eu estou preocupada agora com este primeiro momento, com a chegada, entendeu? Quando chega à escola algum tipo de recepção preparada, algum tipo de orientação, ou alguma pessoa específica que recebe ou não, eles são recebidos como quaisquer outros?

E: Peso que não, penso que não. São recebidos como quaisquer outros.

F: Em algum momento estes alunos recebem orientação ou país, veja eu penso aqui no primeiro contato com a escola., não é? Então em algum momento eles são orientados a respeito do funcionamento do sistema educativo em Portugal?

E: Penso que sim, que eles tenham esta abordagem, mas eu como diretora de turma, como eu não faço esse ...

F: Você não faz e não tem conhecimento de que seja feito.

E: Não.

F: Tá, e no nível do agrupamento, também não?

E: Também não.

F: Para que a matrícula de um aluno imigrante seja efetivada você sabe quais são os documentos exigidos?

E: Também não sei. Isso seria na secretaria que daria essa informação.

F: Ok.... Veja bem, não se preocupe em não saber responder porque na metodologia eu pergunto a todos os participantes a mesma coisa. Alguns participantes vão desenvolver mais um ponto, né?

E: Lógico.

F: E outros não, mas então é isso. Pra que a matrícula do aluno imigrante seja efetivada os documentos... Você tem conhecimento de que a escola faça algum processo seletivo no ingresso?

E: Não, não faz.

F: E você tem conhecimento de limitação de vagas?

E: Penso que não.

F: Em algum ciclo e ano?

E: Também penso que não.

F: Ok. Aqui nesta escola não.

E: Não, Não.

F: Uma das etapas iniciais no acolhimento de alunos imigrantes é certamente o processo de avaliação de conhecimentos. Você até ia dizer sobre isso quando eu lhe cortei atrás. Será possível explicar-me como funciona este processo no agrupamento?

E: É, pois, nós temos muitas dificuldades quando eles estão chegando, sabe? à turma, de não terem um desenvolvimento da língua capaz de entender as várias disciplinas, não é? Ah,, o que aconteceu, por exemplo, na minha turma específica, em que tem uma menina indiana e outro menina turca ... ah a menina turca já estava mais desenvolvida ao nível de português e prestava apoio nas aulas junta da menina indiana. Foi um apoio muito grande, quer nos intervalos, quer para o desenvolvimento da menina e entender o que é que está a passar nas aulas. Agora, se me perguntarem a minha opinião pessoal e eu acho que existem imensos constrangimentos a nível da língua que deveria se dar um momento, portanto devia-se quando eles chegassem a escola havia de haver um ano para aprender a língua muito mais intensivo um curso no fundo de português intensivo, um ano para eles desenvolverem a língua e, eventualmente educação física

F: Em alguns países é assim ah ah

E: Completamente diferente e depois nos anos seguintes partia-se para as disciplinas Matemática, Geografia Por que...

F: Mas veja bem. Esta pergunta, nós temos uma pergunta específica sobre o PLNM, logo aqui ... a gente vai falar sobre isso mais em profundidade. Mas, aqui o que me interessa saber é aquele processo que vai dizer em que ano aquela criança, que ano ela vai cursar, e se ela está preparada para entrar naquela turma. Então, é uma avaliação feita pela escola ou aceita-se na documentação da outra escola de onde ela vem o mesmo período que ela estava.

E: Tenta-se equiparar um bocadito o ensino a este tipo a Portugal, não é?

F: Mas, assim, é feito algum teste? É isso que eu quero saber. Como é que testa esse conhecimento prévio?

E: Pois, isso...

F: É só ao nível do documento que ela traz ou tem um teste?

E: Eu acho que é ao nível do documento. Também não é da minha responsabilidade, quando eles chegam aqui... já vêm filtrados por uma determinada...

F: Então não tem nenhum responsável por proceder essa avaliação na escola?

E: Eu penso que sim, eu penso que é na entrevista inicial e ver em que ano, donde é , que ano eles vinham e proceder ...

F: E quem procede a entrevista inicial? Você não sabe...

E: Eu penso que será a Prof X mesmo. Ela sempre conferir melhor esse...

F: É sempre do diretor É o diretor que procede?

E: Sim

F: Essa entrevista inicial?

E: Sim sim...

F: E, na sua opinião, esses alunos imigrantes, eles têm demonstrado aptidão pra prosseguir no mesmo ano ciclo que corresponderia a educação em seu país ?

E: Depende muito. Eu tenho meninos que correspondem e outros que não. Mas é exigido um esforço muito grande por parte desses meninos

F: Por causa da língua...

E: Por causa da língua. No meu caso específico dessa tal menina que eu estou a falar, a indiana, ela faz um esforço monumental. Desde qualquer coisa, ela mete no tradutor para tentar perceber o que é que é pedido e ehh ... é muito aplicada muito muito aplicada. Só que vê-se que ela ...alguns constrangimentos que a miúda, que o tradutor não faz tudo não resolve tudo e por isso é que eu acho que era fundamental aprendizagem da língua mesmo em termos específicos até ah...e partir depois para as aprendizagens seguintes. Não dominar a língua cria muitos entraves e um esforço muito grande por parte do discente.

F: Sem dúvida.

E: E, por exemplo essa menina de quem eu estou a falar ela tem mais dois irmãos e eu tenho um dos irmãos. Ah.... é completamente diferente. Portanto, a miúda é super aplicada e tenta

dar o máximo e consegue e o irmão aquilo já não, não.... Pronto, se fizer esse esforço ... aplicar-se da forma que ela se aplica, já o rendimento sai muito inferior; mas mesmo muito inferior.

F: E eh ... ainda essa parte inicial tem uma última pergunta sobre o critério de distribuição dos alunos nas turmas. Concentra, distribuí...

E: Ah, nós não temos assim muitos para eu poder dizer de forma segura, mas não se ... tenta-se não colocar todos na mesma. É a nível das opções, por exemplo, essa menina tem a opção de francês e por isso que foi para uma turma de francês porque o inglês ela já domina, não é?

E, portanto, fez-se a triagem voltada a esse aspecto, em relação às vagas e em relação ...

F: Mas você diria que é mais para distribuição do que dá para a concentração?

E: Sim, sim.

F: Então agora chegamos ao PLNM rs e o TEIP, certo? Sobre o TEIP e o PLNM. vou ter duas entrevistas específicas com pessoas ...

E: Tem a Coordenadora TEIP e de PLNM ...

F: Exatamente... Bom. As próximas questões se referem aos dois programas e como no programa TEIP aspectos locais assumiram ou deveriam assumir uma maior relevância na busca de solução para o problema educativo da comunidade de um determinado território (isso é o que está lá na política, certo?

E: Pois,

F: E porque o TEIP é um programa voltado para o território, não é isso? Para desenvolver aquela comunidade então ... busca de solução para o problema específico do território, de um determinado território. Então eu gostaria. Isso é primeiro sobre o TEIP., infelizmente. Depois a gente chega no PLNM. Eu gostaria de saber então, quais são os principais problemas educativos que esta escola possui. Fácil de responder (em tom de brincadeira) e como vem sendo focados pelo TEIP. Isso a nível do programa no geral como a necessidade da comunidade educativa como um todo, entendeu?

E: Sim...

F: Você considera que o programa tem conseguido enfrentar os problemas a que ele se propõe?

E: Mais ou menos... Ahhhh acho que ainda não se conseguiu fazer o trabalho que se devia fazer ah...porque há sempre aquelas limitações de crédito de horas que a escola tem para dar e ah por isso ainda há muito pra fazer, na minha opinião.

F: Porque esse programa é principalmente voltado para o sucesso escolar, não é isso?

E: Sim, sim

F: Então é por isso a importância dele para uma escola como essa, não é? que tem um número elevado inclusive de crianças que são de fora do país....

E: Tenta-se fazer o melhor e só que eu acho que ainda...

F: O problema maior que você vê é o crédito de horas. Poderia falar um pouquinho mais sobre isso ?

E: Ah.... A escola tem uma bolsa de horas para dar... para os apoios... apoios individualizados e tudo mais ...e, portanto, esses meninos precisavam de muito mais apoio tanto a nível de português como a nível das outras disciplinas e isso não está previsto...

F: Não está previsto. Você sabe como o programa foi desenvolvido na escola?

E: Não.

F: Não precisa saber... E quais são as principais atividades realizadas no âmbito do programa nesta escola? É o reforço?

E: É o reforço. Tem o reforço ao nível do português e o da chamada cyber escola. Cyber escola é uma professora que está online e eles estão a desenvolver trabalhos a distância. Existe este programa da ciber escola que está implementado aqui na escola.

F: É reforço escolar também? Resolução de dúvidas?

E: Não é o ensino do português.

F: E pras outras disciplinas, professora.
E: Pras outras disciplinas, não.
F: Porque penso que esse programa é específico do programa PLNM
E: Sim sim
F: Ele não é específico do programa TEIP Sim?
E: Pois, não é
F: Pois ... risos. Muito bem, então... quais são as atividades... essas duas atividades que você cita são do programa PLNM... estou certa então?
E: Sim sim sim
F: Então você considera que existem recursos suficientes para o funcionamento? Mas (já disse que) não funciona então...
E: Vai funcionando... os meninos conseguem ter algum êxito, portanto, podemos dizer que vai funcionando...
F: Tem deficiências em material, pessoal, pessoal você já falou...
E: Ah ...sim
F: Em espaço?
E: A esse nível não. Mas acho que ah ... por exemplo ah... entra-se num caminho que penso que não seria o ideal. É de nós falarmos a mesma língua, numa língua que ela entenda, ah ... de forma a ah... resolver esses problemas. E as coisas não deveriam ser assim. Nós deveríamos falar o nosso português pra ela ir se desenvolvendo ainda mais, não é? Pronto. E nós falamos um bocadinho, quando ela não entende, é por gestos é falado inglês, tentar falar inglês com ela e penso que aí não seria a forma ideal. Na minha opinião, que nós fazemos esse trabalho como os surdos, que nós temos de Surdos aqui. Ah... existe uma intérprete e eu pergunto. Por que é que não haveria de haver uma intérprete nas aulas a fazer exatamente a mesma coisa, explicar a matéria, haver uma intérprete para esses meninos.
F: Eu penso isso seria... penso que seria monitoria do programa TEIP que deveria fazer. Eu. Eu não sei porque eu estou conhecendo o programa de literatura, do que eu li.
E: Pois
F: Deveriam haver monitores em vários idiomas que é para fazer o reforço pra essa molecada e tal...
E: É isso que eu acho.
F: É isso?
E: É isso.
F: Mas não tem
E: Não tem.
F: Certo.
E: Por isso ... imagina, uma menina ...
F: E não só pro português porque aí o TEIP será o reforço para todas as disciplinas e pra todos da escola
E: Sim sim sim
F: E não apenas pros imigrantes.
E: Porque nós já fizemos isso com os surdos e demonstraram, imaginemos a professora de físico-química e está a fazer a linguagem gestual, de forma
F: Então o surdo tem mais possibilidade de aprender aqui do que um imigrante

E: Pois é isso. Não faz sentido. Pronto e eu acho que isso seria a solução Ideal inicialmente. Fazer a tradução na linguagem deles ele aí eles conseguiriam evoluir. E outra coisa... poderia ter um reforço bastante grande ao nível da língua portuguesa.
F: Muito bem. Eu penso Eu não sei se tem monitor só no programa TEIP ...Não.

E: Não, não.

F: Isso é coisa da minha cabeça. Porque quando eu leio, eu tenho uma ideia do funcionamento do TEIP, entendeu?

E: Certo.

F: Mas eu realmente eu não estou segura de como ele funciona na realidade...

E: Mas com a Coordenadora...

F: Ela vai me explicar melhor.

E: Vai conhecer melhor.É.

F: Ah... Como tem sido o resultado dos alunos desta escola desde a implantação do programa? Assim... O programa TEIP mede sucesso escolar né?

E: Sim sim.

F: Em termos de sucesso, como é o desempenho dos alunos aqui?

E: Vão conseguindo, vão conseguindo

F: Em termos gerais

E: Em termos gerais os resultados são ... são... razoáveis... é

F: E os imigrantes? Falham?

E: Tá ... em relação aos imigrantes é a mesma coisa. Vão fazendo ... só que com um esforço muito grande, tanto por parte dos alunos, como por parte dos professores que às vezes não conseguimos numa turma normal chegar a todos, e... com esses meninos com essas especificidades...

F: Eu imagino que alunos nativos tenham também dificuldades de aprendizagem. Você diria que entre o aluno nativo e o aluno estrangeiro, em termos de dificuldades de desempenho, eles desempenham ... os que têm dificuldade conseguem ultrapassar ou é menos o nativo, mais o estrangeiro, mais difícil para o estrangeiro, é isso?

E: É muito mais difícil para o estrangeiro. Aliás, aquilo que se verificou ... enquanto ... como irei dizer... os professores tentam ajudar na forma do possível desde tentar falar na língua deles, com gestos, pronto. Pra eles tentarem perceber. E muitas vezes não há tempo para isso, porque em uma aula temos os outros meninos que precisam do acompanhamento normal. O que é que aconteceu? Ao nível do ensino à distância foi um desastre completo para esses meninos. Foi um desastre completo. Porque ... ah... essa menina que eu estou a falar, que é super aplicada, no fundo perdeu o apoio de outros colegas para dizer o que é pra fazer aqui...pra ela ir desenvolvendo.

F: Pra dar uma direção...

E: Exato. O grupo também é muito importante para esses meninos. Mesmo a forma de estar no recreio e tudo, sem dificuldades de ir à papelaria, de ir aqui, dos termos que devem usar.... Portanto eles vão desenvolvendo a língua se estiverem em ambiente escolar. Quando foram confinados foi um desastre completo. Mesmo esta menina que era super aplicada... ela dizia, eu não entendo...não entendo o que é para fazer, porque ela limitava-se a fazer o que? Dentro do possível meter no tradutor. Nós sabemos que o tradutor rs não traduz nada no fundo...

F: Traduz, mas

E: Traduz

F: traduz cada vez melhor ...

E: Pois, mas pronto. Com aquelas deficiências não conseguia perceber o que era para fazer nos trabalhos e isso falhou completamente. Falhou mesmo completamente e eu senti a menina completamente perdida, sem saber mesmo porque lá está. Não tinha o apoio dos colegas que isso também é muito importante.

F: Nossa...

E: Por isso voltarmos ao ensino à distância é muito complicado para esses meninos...

F: É, eu penso, aqui eu tenho uma pergunta sobre eh que tipo de atividade se desenvolvem com os alunos... para imigrantes... para que ele supere as dificuldades e não... problema que o idioma é a chave de tudo né, mas essa pergunta diz respeito às outras disciplinas. Eh ... quais têm sido as dificuldades e se o programa possui mediador... são os próprios professores... esse negócio do mediador eu já resolvi que não existe... O que você considera que poderia ser feito para ajudar de uma forma melhor?

E: É exatamente aquilo que falamos,

F: aumento número de horas

E: aumento do número de horas e um mediador em sala de aula uma professora a fazer o apoio nas diversas disciplinas

F: Na língua dele...

E: Sim sim

F: Ou em alguma língua que ele fale...

E: Sim, sim.... Até pode ser em português, mas de forma a dar um apoio individualizado em sala de aula até pode ser mesmo em português, mas se tiver uma pessoa ao lado que explique o que o professor está a dizer, e tudo... e quando não perceberem meter então a sua língua ... seria o ideal.

F: O paralelo que você fez com os surdos é campeão. Muito bom.... Chegamos ao PLNM. Eh...gostaria de ouvi-la sobre o PLNM. Poderia falar um pouco sobre como funciona o programa? Desde quando funciona? Como foi desenvolvido?

E: Não sei não sei responder.

F: Então diga aí um pouco sobre o programa, como funciona.

E: Portanto Esses meninos Existem três níveis ah, ah, mas, eu não sou a pessoa indicada para falar, por acaso, em relação a isso.. Existem três níveis...

F: Segue algum padrão internacional, tu sabes ou não?

E: Não, não sei. Sei que, portanto, ah ... eles vão para ... quando chegam à escola vão para um primeiro nível, é feita a avaliação ao nível do português e vão pouco ... para os níveis seguintes. Quando já estão capazes, pronto. Deixam de frequentar e já não são do PLNM

F: As aulas são no mesmo turno?

E: Não

F: É no contra turno

E: É

F: Qual a exigência de formação para ensinar em turma de PLNM? A senhora sabe?

E: Eles são incluídos numa turma normal...

F: Não. Em termo de formação profissional, o que é necessário para ensinar numa turma de PLNM?

E: Sobre os requisitos é com os professores de Português e eu não sou professora de português, por isso é que eu não sei.

F: Pra lecionar numa turma de PLNM?

E: Sim, os alunos eu sei que são de PLNM, os professores normalmente

F: Que formação eles têm? Alguma formação em Letras, por exemplo?

E: Sim, sim, têm sim.

F: Sim, porque tem que falar os outros idiomas, não é? Você considera que existem recursos suficientes para o funcionamento do PLNM na escola? Material, pessoal, espaço?

E: Sim, penso que sim. Nesta área do PLNM não sou eu que estou a frente

F: O seu problema é o número de horas, como você já disse, não é?

E: Hum Hum...

F: Que é pro PLNM, que é pro TEIP...

E: Sim

F: Quantas turmas de PLNM estão funcionando na escola, a senhora poderia...

E: Não existem turmas...

F: Três níveis

E: Hã ... estamos a falar...

F: Em cada nível uma turma... três turmas pelo menos

E: Sim. É a nível de alunos. Imagina que temos 5 alunos pro nível 1 ...Mas esta estatística também não sei em relação à escola toda.

F: Como tem sido a avaliação dos alunos participantes do PLNM em termos de comunicação e nos trabalhos académicos? Digamos assim que a senhora tenha acompanhado alguém que fez o PLNM até o final. Entendeu? Você acha que depois de participar do programa eles desenvolvem a comunicação, a produção académica, a produção dele de escrita de...

E: Eh Eh essa parte é mais com, digamos a professora de TEIP sabe...

F: Do PLNM né?

E: Do PLNM sabe, porque eu não. Eu não sou professora de português

F: E ele oferece atividades adicionais, que eu já lhe perguntei

E: Sim

F: Mas em número pequeno como você já me falou, não é.... Então agora Não. Ainda estamos no PLNM. Em relação às demais disciplinas o planejamento prevê atividades adicionais para alunos com dificuldades de aprendizagem como monitorização ou tutoria?

E: Também não. Tutoria é algo diferente. São para alunos que tem uma retenção e eles são incluídos em turmas de tutoria.

F: Após a retenção.

E: Sim sim, os alunos retidos tem depois e, portanto, a chamada tutoria ah... mas só quando ficaram retidos num determinado ano.

F: Ok. Eh...A escola tem como oferta para alunos ou pais de algum idioma falados pelos alunos imigrantes dentro da escola?

E: Como?

F: Por exemplo. Aqui tem muitos africanos, então tem um curso de crioulo? Ou tem um curso de inglês entendeu? Um curso no idioma ... porque existe uma política ... isso tudo é baseado nas políticas, certo? Eh ... uma política que diz respeito ao seguinte: oferta-de cursos na língua do idioma nativo do imigrante, entendeu? Porque se considera que falar a língua nativa é importante para o desenvolvimento pessoal daquela criança.

E: Não, existe o contrário, para os encarregados da educação podem frequentar a aprendizagem do português, da nossa língua, não da língua nativa

F: Então aqui, no agrupamento, não oferta outro idioma senão o português. Certo. Você acha que este tipo de aprendizado poderia interessar outros alunos além do imigrante. Porque falar chinês deve ser interessante, não só para o chinês, mas para as pessoas também.

E: rs. Sim, eles muitas vezes têm interesse. Eu eu posso falar é mais uma vez a nível dos surdos eles acham (?) e gostam de aprender a linguagem gestual por exemplo. Têm muito interesse também com alunos surdos, uma vez que tem aqui também uma pequena comunidade de surdos e que é muito importante.

F: Professora vou fazer um parêntesis para falar da minha experiência na escola, no Brasil. Essa coisa do idioma do estrangeiro é muito interessante, porque lá aconteceu o seguinte: as meninas perceberam, porque eram muitos bolivianos e sul-americanos, na maioria bolivianos, claro, falavam espanhol e, rs... elas mesmas as bolivianas organizaram um curso de espanhol porque as brasileiras queriam aprender a falar espanhol.

E: Certo.

F: Foi a coisa mais linda que aconteceu porque assim, é o excluído tentando incluir

E: É É isso

F: Foi muito lindo aquilo. Foi uma experiência maravilhosa. Mas é só um parêntesis.
E: Pois...
F: Então eu acho que esse tipo de coisa funcionaria bem e ajudaria a integração, não é?
E: Sim, sim, é muito interessante.
F: E um curso que poderia funcionar até dentro do próprio programa de línguas, porque essa professora deve falar outros idiomas, não é?
E: Certo.
F: Bom, esse PLNM funciona para os pais também, não é, professora?
E: O que?
F: O PLNM tem turmas voltadas para os pais também.
E: Portanto é mais no ensino recorrente... é à noite. À noite temos cursos específicos para pessoas que queiram aprender o português.
F: Professor X me falou ...
E: Porque eu por exemplo como diretora de turma e também é complicado comunicar com os encarregados da educação, porque eles não dominam a língua. E pronto e às vezes aos bocaditos... tinha que ser. Nota-se que os alunos mais ... os alunos conseguem aprender muito mais rápido a língua do que as pessoas de mais idade. O que acontece com os encarregados da educação, por exemplo. Eu tenho uma miúda que domina agora completamente o português e coitadinha da menina e porque eu digo coitadinha da menina, porque ela tem que ser tudo em casa. A mãe tem bebês ela tem que acompanhar os bebês ao hospital, aos médicos, para fazer a interpretação. Ela tem que ser tudo naquela família. E numa menina de 12 anos é muito complicado.
F: Eu sei disso. Mas isso acontece com a maioria das famílias migrantes, professora. Porque a criança ela é a forma de integrar a família na nova comunidade porque é ela que é colocada à frente do processo quando ela é enviada pra escola. A escola é que faz isso...
E: Pois. E por isso devia haver está lá o Português para adultos ou o português para os encarregados da educação, para dominarem a língua, porque a menina, coitadinha, ela tem que ser de tudo naquela família.... É mais velhinha, domina já a língua e os dois miúdos mais novinhos precisam de ir ao médico, lá tem que ir a menina para fazer de intérprete e isto é complicado pras crianças.
F: Pois, então seguimos porque estamos avançando na hora. Terceiro bloco. Oportunidades trazidas pelos imigrantes. Agora vamos falar sobre as oportunidades trazidas pelos imigrantes; mais ou menos sobre a educação intercultural. Como as matrículas nas escolas em Portugal estão condicionadas a área de residência do aluno, nem sempre é possível adotar procedimentos para organizar a distribuição dos estudantes pelas diferentes escolas e agrupamentos de escolas, acontecendo, por vezes, que algumas escolas possam ter um maior número de imigrantes. No seu entendimento, o número de alunos imigrantes que existe nesta escola apresenta algum constrangimento? Esta é uma escola segregada, estigmatizada por ter um número elevado de imigrantes entre os alunos?
E: Não. Não considero. Acho que não se nota isso. Eles são bem acolhidos por todos e a ...
F: Eu pergunto assim sobre a ... a literatura aponta isso, não é? a literatura diz que geralmente as escolas de programas TEIP são escolas estigmatizadas, porque trabalham com um público com padrão de renda mais baixo...
E: É, mas nesta escola eu não noto isso.

F: Não?
E: Não.
F: Muito bem.
E: Nesta escola. Eventualmente há escolas ...

F: As escolas mais periféricas, não é? Porque esta escola está bem localizada...

E: É, não

F: um procedimento no sentido de conter a segregação o de promover a ligação entre as escolas com poucos alunos migrantes e escolas com muitos migrantes. E vice-versa. Atividades curriculares, extracurriculares. Como você vê este tipo de iniciativa? No seu entendimento ações deste tipo seriam efetivas?

E: Eu acho que sim. Acho que era importante fazer esta ligação entre as várias escolas e os vários alunos.

F: Quais seriam as facilidades ou impedimentos para realizar isso?

E: Isso tem fazer um bocadito a boa vontade de cada um e de cada escola. Mas que isso é possível, é possível.

F: Pra perceber que você não está em um ... que aquela é uma realidade que pertence a outros também, né...

E: Sim, sim, sim

F: É muito interessante. A escola poderia tomar ou tem tomado alguma outra medida para conter a segregação? ou seja, acabar se transformando em uma escola de imigrantes, entendeu?

E: Não, não.

F: OK. Você considera que existem preocupações por parte das escolas e dos professores de que os alunos aprendam sobre características de diversas culturas?

E: A escola tenta, portanto, abordar estes temas de forma saudável, de forma, por exemplo, no caso da minha aluna ela vai então com o lençinho na cabeça, pronto. e os alunos já, pronto, já consideram isso normal...

F: O véu muçulmano...

E: Sim, sim. Sem problema absolutamente nenhum, não são discriminados, não se nota ...ah.. e os próprios alunos, portanto, sabem que existem culturas diferentes, têm esta noção e (? Inaudível)

F: Os alunos participam de atividades dentro ou fora da escola nas quais a preocupação é aprender a respeito de diferentes culturas?

E: Acho que sim.

F: Esta preocupação está presente em atividades realizadas dentro de uma disciplina específica?

E: Educação para a cidadania.

F: Ou é um ... ou é objeto de programas, projetos?

E: Sim, sim. Sempre que possível na educação para a cidadania vêm logo estes temas ah

F: Este é o espaço, então?

E: Sim.

F: Ou você pode dizer que acontece em outras disciplinas?

E: Sim, sempre que se torna ahh

F: oportuno

E: Oportuno. Sempre que se torna oportuno qualquer professor

F: Aborda

E: Aborda

F: A escola tem feito adaptações no seu cotidiano com o objetivo de incluir necessidades, hábitos culturais, especialmente de imigrantes ou de outras minorias étnicas, como modificações nas agendas para contemplar feriados ou festas religiosas? Por exemplo, temos aqui ... hoje é o feriado, sei lá, é o ano novo chinês. E temos um chinês, então o que fazemos? Comemoramos, mudamos essa agenda para comemorar o ano novo chinês?

E: Não. Não se toca nesse aspecto ah... portanto, eles vêm para uma realidade que é nossa tem que sentir um bocadito os nossos hábitos, costumes, também.

F: Também, não só.... rs.... Você considera que nesta escola a diversidade cultural é apreciada ou dita como um problema?

E: É apreciada.

F: Você poderia dizer que nesta escola há situações nas quais o preconceito se torna evidente?

E: Não. como é que foi a pergunta?

F: Você poderia dizer que nesta escola há situações nas quais o preconceito se torna evidente?

E: Não, não existe.

F: Não há situações em que o preconceito fica evidenciado...

E: Não considero. Nós trabalhamos de forma que isso não aconteça

F: Éh... E quais têm sido as ações tomadas no sentido de conter? Você disse nós trabalhamos no sentido de que não aconteça.

E: Lá esta, na educação para a cidadania, temos uma disciplina específica em que se faz esse trabalho de educação para a cidadania...

F: Certo. Tudo, tudo, tudo educação pra a cidadania né?

E: Pois

F: Você vê na política, tudo pra educação pra cidadania tudo... Queria conversar com uma professora de educação para a cidadania... Houveram situações de preconceito envolvendo... mesmo porque (mais um parêntesis) depois tiro isso da... mesmo porque a especialidade da minha orientadora do mestrado é na educação para a cidadania.

E; Ah é?

F: Isabel Menezes, eu não sei se você a conhece...

E: Eu já tive algumas horas de Educação para a Cidadania e exatamente faço este trabalho, educação (?) respeito pelas raças ah aborda imensos temas

F: Colocaram tudo dentro da Educação para a Cidadania

E: Sim, sim...

F: A educação sexual, a educação financeira

E: Tudo.

F: Não é? Bom, enfim.... Houveram...

E: Mas vai se dando...e não acho mal porque cada ano vamos abordar um tema específico e, portanto, ao longo do 5º 6º 7º 8º vai se abordando determinados temas, vai se escolhendo o tema mais ahhh que se adapta melhor aquele tipo de alunos e das necessidades, por isso à partida eu não consigo dizer que esteja mal. E é um tempo por semana, acho que é muito importante ter esta disciplina e abordar esses temas...

F: Falar das situações ... Houveram situações de preconceito envolvendo alunos que chegaram ao seu conhecimento?

E: Não, não.

F: Em relação à formação, treinamento, dos professores para a educação intercultural ou de imigrantes, Éhh... como é o preparo desta escola?

E: Não existe, a nível de preparação rs nós tínhamos que ser um bocado rs...

F: Porque esta é uma formação é específica, não? A escola procura alocar professores com esta formação em turmas onde existe um número relevante de aluno?

E: Lá esta....

F: A educação intercultural, porque a formação inicial ela não prevê a a educação intercultural. A formação inicial. Mas, lá no registro das políticas portuguesas tá escrito que existem vários cursos oferecidos em educação intercultural tanto na formação de continuidade... essa formação dada na própria escola ou esqueço o nome, não consigo me referir ao termo correto, no Brasil é outra coisa, que é uma educação feita na própria escola, não é? tanto quanto em institutos. Então a pergunta é. Você tem conhecimento de que algum professor tenha este tipo de formação?

E: Não, não.

F: Tenha feito um curso específico de educação intercultural?

E: Não. Pronto. É aquilo que eu ia dizer e mais uma vez estou a comparar ah uma realidade que é em relação surdos ah que por exemplo os professores que dão aula a surdos, que eles sentiram necessidade de aprender também a linguagem deles, para saber comunicar nos intervalos ou apesar de haver intérprete há sempre alguma necessidade, e fizeram esta formação. Portanto, há cursos específicos e os professores sentem necessidade e fazem esta formação. A este nível também deveria existir mais formação, mas não existe, não conheço, não tenho conhecimento de que haja esta formação.

F: Porque o número de imigrantes ainda é pequeno, a cidade é pequena, não é?

E: Porque acho que aqui no Norte há muitos meninos em Lisboa, as coisas já são completamente ...

F: Éh, tem uma história de imigração...

E: diferentes...

F: Mais antiga, não é?

E: É.

F: O subúrbio de Lisboa... a região metropolitana de Lisboa tem uma população imigrante mais numerosa... A escola procurar alocar professores com esta formação? Não se sabe... Você poderia dizer que esta escola alunos imigrantes e alunos portugueses têm as mesmas oportunidades para se desenvolverem e obterem bom resultado?

E: Sim, nós tentamos rs que tenham, agora...

F: Por que?

E: Agora eu acho que ainda são insuficientes.

F: Então não têm as mesmas oportunidades por que ainda são insuficientes.

Você poderia dizer que a escola dispõe de recursos necessários para atender as necessidades específicas dos alunos imigrantes?

E: Como é que é?

F: Se a escola tem recurso...

E: Pois...

F: Não. rs. Já me disse...

E: Com dificuldades.

F: O que a escola pode/poderia fazer além do que já vem fazendo? Para atender de uma forma melhor as necessidades específicas?

E: Ora, lá está. Um acompanhamento mais individualizado desses alunos, intensificar a língua

F: Mais alguma coisa? Essa é a pergunta da minha pesquisa, me ajuda... rs

O que favorece e o que inibe a integração do aluno imigrante, então me ajuda...

E: Na minha opinião lá está, se tivesse um ano intensivo para dominar a língua era muito interessante, muito interessante... curso intensivo... e eu penso assim, se fosse para o estrangeiro, se fosse viver no estrangeiro eu também a primeira coisa que eu iria fazer era um curso intensivo na língua pra depois poder me desenvolver. Se não der este passo, acho que já está ali imensos obstáculos, imensas ah... que não permitem ah oo desenvolver de forma capaz. Mas essa é a minha opinião. rs...

F: Recapitulando éh... um maior número de horas de reforço

E: Intensificar de reforço ao nível da língua, para domínio da língua

F: O curso intensivo de línguas e ...

E: Intensificar o número de horas para a aprendizagem da língua, nem que fosse só num determinado ano, ficar, aprendizagem de português e eventualmente meter educação física...

F: Esta é a grande falha pra você? Tá. De que não há recursos para isso.

E: E depois passar para um patamar no ano seguinte, portanto. Já domina a língua e agora vamos começar as outras aprendizagens.

F: Ah, você acha que num primeiro momento deveria só intensificar o curso de idioma

E: Sim, sim.

F: Só idioma.

E: Sim, sim.

F: E depois no ano seguinte.... ele teria um retardo de um ano.

E: Sim, sim

F: Mas seria um retardo já previsto pela legislação, pela política, não é?

E: Poderia, por exemplo, a matar disciplinas que seriam incluídas logo de início, seria TIC, uso das tecnologias, acho que isso é importante em todo o momento e a educação física também, por que não? E a língua. O Português.

F: Muito bem! Ainda continuamos naquela parte da cultura.

E: Por que às vezes o querer que eles abarquem tudo, pode criar desmotivação. E, eu isso não na minha aluna em que ela é mesmo muito...pronto...muito expedita e portanto muito aplicada, no irmãozito nota-se uma demonstração e ah ...para que isso não aconteça é que deveria ser ... e vejo o miúdo em determinadas disciplinas sem saber ... história por exemplo. O que é que a história lhe diz? Não é? Agora se tivesse, lá está, se podia minimizar isto se tivesse uma intérprete, uma auxiliar, uma mediadora como quiserem chamar para ajudar na interpretação, na aula propriamente dita, portanto, ter um apoio individualizado em sala de aula em todas as disciplinas. Isso era importantíssimo e aí já penso que as coisas se resolvem, não é?

F: Você considera que a escola tem realizado esforços para aproximar os pais... dos alunos imigrantes?

E: Isso também não existe muito.

F: Quais medidas têm sido tomadas? Não existe muito...

Pais de alunos são convidados a fazer parte de reuniões sobre a administração da escola?

E: Também não. Nem sequer eles dominam a língua...

F: É, pois.

E: rs

F.: Como está estruturada a educação para a cidadania no currículo... talvez... você já falou um pouco...

E: Sim, sim Ah... temas específicos para diversas necessidades...

F: temas específicos anuais

E: Em cada ano tem um determinado tema pra ser abordado.

F: Como as atividades têm sido desenvolvidas dentro e fora das disciplinas... não entendi a minha própria pergunta.... Quais são as ações de supervisão, avaliação, monitoração, feitas para acompanhar o que a escola tem feito ah... éhhh Educação para a cidadania pode ser feita dentro e fora das disciplinas, né?

E: Sim.

F: Aqui faz dentro da disciplina eventualmente fora da disciplina, você já disse.

E: Eventualmente fora, mas dentro das disciplinas...

F: Tá. Éhh existem ações que supervisionam, avaliam, monitoram o que a educação para a cidadania faz na escola? Porque existe na política um ítem que fala que a educação para a cidadania, ela é avaliada. E eu queria saber, avaliada por quem? como?...Não se sabe..... Talvez pelo agrupamento?

E: Existe um projeto que é.... Eu estive incluída neste projeto... agora há dois anos, esse é muito interessante...Ah...não sei se você tem conhecimento, que é o projeto "Eu e os Outros". Ah....

F: De passar os olhos quando vi os programas ...

E: Certo. Nós estamos implementando, implementamos em várias turmas, nos 5ºs, 6ºs 7ºs e agora vai passar para 8ºs e 9ºs, penso eu.... Ah... e no que é que consiste este projeto? Através de uma história vai se fazendo abordagens ah...sobre a sexualidade, sobre a vida (?) sobre o uso exagerado das tecnologias, por exemplo, o tema da adolescência, o relacionamento interpessoal ah portanto. Sem eles se darem conta ao construir a história porque são eles que vão ser os decisores da história, portanto, a história tem vários caminhos e à medida que vai se desenvolvendo a história vai se abordando determinados temas quando é oportuno ah ... sendo oportuno, por que eles são no fundo os construtores da história ah...podem ir por um caminho, por outro, e é um projeto muito interessante, esse projeto “Eu e os outros” porque não é ... como é que eu ia dizer... na disciplina as coisas vão acontecendo, os temas vão sendo debatidos à medida das necessidades e da turma em si.

F: Eu conheço através da educação ambiental essa metodologia...

E: Eu considero, pronto, que está bastante interessante...

F: Esse é um projeto dentro da Educação para a Cidadania?

E: Sim, sim, sim.

F: E é um projeto que já veio de ...

E: Começou há dois anos...

F: E ele é monitorado?

E: Sim, portanto, de forma externa.

F: Quem monitora?

E: Ahhhh Dra. X...

F: A instituição que elaborou o projeto? É isso?

E: Sim, sim, sim.

F: Bom, mas isso não é tudo da educação para a cidadania, não é? Isso é um projeto lá dentro que é feito...

E: Sim, que a partida vai ocupar as horas da educação para a cidadania.

F: Todas as horas?

E: Quase todas.

F: Ah então é assim que monitora... porque o projeto é externo

E: Sim, sim, o projeto é eterno e...

F: o projeto é externo e você, a escola, só aplica o projeto...

E: Sim.

F: Uau! Isso é uma novidade para mim.

E: Mas é super interessante, funciona muito bem..

F: Sim, isso não impede de ser um bom projeto.

E: Eles atendem muito bem, porque, pronto, eles se vêem nos personagens da história e as coisas vão acontecendo sem eles se darem conta, portanto. E foi interessante ver, portanto, que eu tive esta oportunidade de implementar este projeto tanto à distância como

F: Presencialmente

E: Presencialmente. E o que é que se detectou? Quando eles estão em grupo, eles às vezes têm receio de falar, e falar dos seus sentimentos e das suas coisas. Quando se passou à distância muitos meninos foi uma revolução. Porque quiseram escrever, quiseram dizer, quiseram contar, o que eles já tinham vivenciado; coisa que se fosse em turma, em grupo turma, não aconteceria... porque há sempre aqueles alunos que abafam os outros, não é? E muitos perante o grupo não gostam de ...

F: De se expor...

E: De se expor, e aconteceu isso e foi muito interessante, portanto, as diferenças, houve aspectos positivos e negativos, portanto, tanto no ensino a distância como no presencial... completamente diferente. Eu achei interessante ver isso.

F: Uma boa notícia...

E: E mais...detectou-se alguns problemas... não foi comigo, foi com uma colega que também estava a implementar o projeto, que detectou (?) em risco quando ela desabafou as coisas que estavam a acontecer...

F: Eu não entendi.... se detectou o

E: No ensino a distância conseguiu-se perceber problemas que uma menina estava a vivenciar... pronto, se fossem turmas ..

F: De abuso sexual...

E: Sim, mais ou menos...seria neste patamar, e por isso é que eu digo, eles fora estavam mais à vontade para poder se exporem, para relatarem aquilo que por que passavam e ... pronto, foi interessante.

F: Que bom...

E: E foi nesta disciplina que se conseguiu captar, e eles aderem muito bem, e querem sempre saber mais, e agora o que é que vai acontecer...

F: Porque tem a parte super importante da ação política, não é?

E: Pois,

F: É isso, mas vamos emendar uma pergunta que cabe bem aqui. Queria que você me dissesse de forma breve o que é cidadania

E: Cidadania, no fundo, o mais importante é o respeito por nós próprios e pelos outros. Para mim a cidadania é...

F: É respeito

E: Digamos, incluir(?) a intimidade e haver o respeito por todos.

F: Muito bem, Éh ... Éh... Éh... Direitos?

E: Sim em termos ...

F: É só uma provocação...desculpa

E: Sim, sim rs

F: Por que o respeito ...

E: Isso pra mim já está incluído no respeito, vai aceitar o ...

F: Que todos tenham os mesmos direitos

E: Tenham os mesmos... igualdade, direitos, tudo isso.

F: OK. Éh... chegamos ao último bloco! Rs

Ainda sobre a escola, relacionamentos e participação. Ainda sobre a escola gostaria que pensasse na escola, nos espaços físicos, nos professores, na relação entre os alunos, com os professores, com funcionários, nas aulas, nas atividades, na escola. Éh...é disso que a gente vai falar, certo? Sobre estas relações.... Têm várias perguntas eu pensei que já ia engatar direto em uma, mas não. Tem ainda um caminho a fazer aqui. Você considera que os alunos imigrantes têm demonstrado facilidade para fazer novas amizades?

E: Algum sim e alguns não.

F: Éh... quais seriam as dificuldades? De quem não está conseguindo?

E: Ahh... é lá está, o caminho da língua continua a ser um entrave muito grande...

F: A língua, né?

E: É...

F: Considera que estes alunos têm sido acolhidos pelos colegas de turma, das outras turmas, das outras turmas, também?

E: Sim, sim.

F: De acordo com o seu entendimento, os alunos migrantes demonstram confiar na escola,

E: Sim.

F: No professor?

E: Sim., sim sim.

F: No colega?

E: Sim.

F: Os alunos migrantes têm demonstrado gostar do professor?

E: Sim.

F: Confiar, gostar, poderia dizer que eles sentem que fazem parte da escola?

E: Sim, também.

F: Você seria capaz de me dar um exemplo de algo que fez, que fez, você ter a percepção de que aquele aluno se sente parte da escola?

E: Posso falar exatamente ;;; nós desenvolvemos atividades na escola e tinha, pronto, sei lá, prática experimental em educação física ... é um conjunto de atividades que cada grupo de professores iria funcionar e desenvolver, portanto, a escola tava aberto a todo um conjunto de atividades. E nós, como diretores de turma, trazíamos a turma para éh...irem fazer as diversas atividade. Ah... o que aconteceu e eu digo no meu caso específico em que tinha meninas , duas meninas imigrantes. Elas quiseram participar em todas as atividades. Eu achei super interessante. Mesmo a menina indiana que trazia o véuzinho e o vestido comprido e tudo, ela quis tipo saltar a corda, conforme os outros faziam. E eu própria saltei a corda com elas, como quem diz: todos somos capazes de não sei que ... depois havia outra atividade que era com os pés atados que tínhamos que ir aos pulinhos atingir uma determinada meta. Ela quis participar em tudo e, portanto, isso é uma prova de que estava integrada de que.... não era obrigatório participar... e ela quis, por iniciativa dela, mais do que outros meninos da própria turma. Ah... Ela quis participar em tudo...

F: Que bom...

E: E teve a última, em que a qualquer altura eles podiam ir embora pra casa e ela ficou até o final a querer participar em todas as atividades.

F: Super...

E: E isso é uma prova de que as coisas correm bem Eu achei piada porque eu até estava com receio de que a miúda com o vestido comprido e tudo rs que tropeçasse, e véu e tudo e ela... isso não é impeditivo em absolutamente nada, de participar das coisas.

F: Agora você me dê um exemplo ah... de um aluno que demonstra não fazer parte..

E: Ah...Portanto verifiquei porque eu tive de ver... observância... em aulas de história conforme eu disse ...

F: Realmente fazer parte em aula de história é difícil. rs...

E: Completamente desmotivado quando poderia estar a produzir alguma coisa, não é? E nessas disciplinas assim em que é preciso haver muito domínio da língua .. eu vi nessas disciplinas mais específicas, físico-química ... ah.... biologia, até mesmo a biologia ... evidente que há muitas imagens e tudo mais ah... vê-lo desligado e isso é que constrange...

F: Nós trabalhávamos ... outro parêntesis...na escola eu trabalhei especificamente em algumas disciplinas dos meus estágios, né? Essa coisa de tornar uma disciplina como história, geografia, que eu fiz estes dois estágios lá, ah... interessante pro aluno que tá de fora, por que ... então uma das coisas que eu fiz foi mostrar a imigração historicamente, entendeu? E enquanto mostrava a imigração historicamente, pra que ele se sentisse digamos que, identificado com o tema, porque ele é imigrante, não é? Éh, a gente mostrava o processo de industrialização da cidade, entendeu? Que eram temas mais universais...

E: Pois, se calhar o currículo para estes miúdos nalgumas disciplinas teria que ser diferente

F: O currículo teria que ser adaptado, de forma a contemplá-los porque cada hora vai ser um diferente, não é? Eu penso. Foi meu projeto lá com a escola, não é? Então, por exemplo, nos mapas da geografia sempre fazia referência à Bolívia, ou se estávamos falando de comércio

E: Fazer a ligação com o seu país...

F: Com fluxo de imigração ilegal da Bolívia para o Brasil, entendeu? com sub-emprego, com trabalho escravo

E: Sim, sim, sim

F: E aí você vai ... que este assunto e também de interesse para o brasileiro, né, era lá no momento, então a gente conseguiu fazer um trabalho ...

E: E acho muito interessante... ah ... tinha que se fazer uma adaptação a estes problemas, a estes..

F: Tomar a posição do migrante, né? E mostrar pra ele que ele está em uma situação que é semelhante a de muitos que aqui já passara... não é? Eu acho fundamental. E ver a marca da imigração no território também, sabe? No território onde está a marca do que foi deixado pelo imigrante? Isso desperta nele uma curiosidade, uma atenção que é diferenciada... E aí você contra a história de Portugal Você está contando a história de Portugal de um prisma que... bom este foi o meu projeto... mas vamos fechar o parêntesis senão não saímos daqui. Só tenha mais algumas perguntas ... eh... Onde eu estou? Já estou cá embaixo.... Você acha que eles têm orgulho de pertencer ao país em que nasceram.

E: Sim, acho que sim.

F: E o que faz você pensar assim... o que a faz pensar?

E: Por a[que, por exemplo, eu noto às vezes quando eles falam do país, pronto, com ... com gosto e ...

F: Você está falando de pessoas que nasceram lá...

E: Sim sim.... Quando falam do país deles estão orgulhosos, eu noto isso.

F: Bom... as próximas se referem não apenas aos alunos migrantes, a todos. Você considera que aqui na escola os alunos têm oportunidades para discutir e refletir sobre as questões do mundo em geral e do mundo da escola?

E: Sim, sim, têm oportunidades. Os próprios professores em cada disciplina ... eu na minha faço isso também, dou-lhes oportunidade de falarem um pouco sobre a escola e dos constrangimentos, das dificuldades que têm e que sentem e, por isso, penso que fazemos todos um pod=cadinho este papel.

F: E você pode dizer que nesta escola as crianças participam da formulação de regras, direitos, deveres?

E: Sim, mas se calhar deveria ser um pocadinho mais rs

F: E como é que se dá esta pouca participação?

E: Éhhh... pronto. É através de inquéritos que fazemos para ter uma noção do que é que eles consideram e depois o tratamento dos inquéritos, é isso que se faz

F: Éh... todo final de ano?

E: Sim, sim.

F: Ok. E nesta escola os alunos participam da decisão da forma como se organizam as aulas?

E: Eles dão suas opiniões...

F: Quais serão as tarefas a serem realizadas, como o tempo poderia ser gasto, como seria a avaliação?

E: Sim. Eles dão os inquéritos, aliás ainda há pouco tempo tivemos uma avaliação da escola e o interesse da própria escola em fazer esta avaliação. E foi feito tudo isso, desde encarregados de educação, alunos, pessoas, portanto, todos foram inquiridos e puderam ter oportunidade de fazer as suas de colocar as suas questões e tudo isso.... e até houve, ao contrário, daquilo que pensávamos, uma participação muito grande dos encarregados da educação.... e, pronto, foi muito bom ter isso.

F: E têm um plano de ação para responder a ...

E: Sim... depois a escola, os grupos se reúnem e vamos ver as falhas que eles detectaram e ver em que é que se pode colmatar estas falhas.

F: Muito bom, muito bom. Gostaria agora que pensasse nos espaços físicos

E: sobre os espaços físicos ...

F: Nos professores... essa era a pergunta que eu achei ... essa é a última...eu achei que era lá, mas é aqui.

E: Não sei se tem conhecimento, mas nós estamos emprestados aqui.

F: Eu sei, eu sei ... Eu já estive lá naquela escola.

E: Por que a escola está aqui em obras e ...

F: No primeiro contato, já no primeiro semestre contatei o diretor, por indicação da Prof. Manuela Ferreira, não sei se você a conhece? Ela trabalha bastante... com diversas escolas... ela é da educação infantil. É lá da Universidade do Porto e eu pedi um auxílio pra ela porque ia trabalhar com criança, a princípio eram crianças menores, depois mudei para os adolescentes. Éh ... mas ela me indicou o diretor e eu estive na escola antes dela fechar, ela estava em funcionamento, imagina, isso foi no primeiro semestre em que eu cheguei, tenho dois anos aqui. E foi ele a pessoa com quem eu falei. Ele me deu a lista de todos os imigrantes do agrupamento inteiro, eu saí felicíssima, porque eu tinha ido ao DGEst pra conseguir e não tinha conseguido, ou seja, não conseguem me dar a concentração de aluno imigrante, não conseguem me dar, fiquei furiosa. Ai a (nome da pessoa) disse, vá lá fale com (fulano) e tal e pá... e eu fui lá e ele me deu a lista, eu sei todos os alunos da escola, os que têm nacionalidade, os que não tem, provavelmente os que são de primeira geração, de segunda geração porque você percebe pela informação que tem no quadro, é sensacional, e ele me recebeu super bem. E a escola é linda, é, não sei, agora com a reforma...

E: Isso vai demorar...

F: Vai demorar muito ainda

E: Pois, segundo dizem...

F: E está sobrecarregando aqui, deve estar...

E: Estamos aqui, como vê, de fato um poucadito,

F: Menos cuidado...

E: É, é e esta escola isto nem era escola, ela passou a ser escola ... em termos antigos era para ser uma escola provisória e passou a definitiva rs ah, eh

F: Então pense nos espaços, no professor, nas relações entre os alunos e me responda em termos ideais o que seria para você uma escola boa? Pensa no espaço, nos professores, nas relações entre as pessoas...

E: Ah... é assim, eu acho que os espaços são fundamentais... porque a pessoa se não tiver condições em ? É difícil. De qualquer maneira a nível de estrutura de professores, o acolhimento, as relações são muito boas...

F: Tá, eu queria saber o que é o ideal...

E: O ideal é realmente ter condições físicas rs ..e o relacionamento entre as pessoas ser mais colaborativo, que é a coisa que eu ponho mesmo no topo. Ah... não estar cada um a olhar para o seu umbigo...rs ... saber olhar e ver à volta, não ser só assim ... e ah pronto, isso importantíssimo e ...

F: Essa seria uma escola boa, colaborativa

E: Muito colaborativa, com espaços organizados, as pessoas a trabalharem para um determinado objetivo e, pronto, no fundo, ficarmos todos em sintonia e com objetivos específicos e tentar levar tudo a bom porto...

F: E agora, você já pode imaginar qual é a minha última pergunta rs passando da escola ideal para a escola real, você considera que esta é uma boa escola?

E: Ah... neste momento ainda não. rs Neste momento ainda não, mas ... pronto, tenho fé que venha a ser quando reunirmos essas condições e passarmos para a nova escola, capaz, ansiosa por isso...

F: Você diria que o principal problema aqui hoje é o espaço.

E: É, É. E nós podendo todos ir para a mesma escola, para o mesmo espaço, as coisas também se tornam mais fáceis. Por exemplo, entretanto, criando condições nesta já não há aqueles professores da ? daqui e da escola. Portanto, podemos estar todos concentrados no mesmo espaço...

F: E mais objetivamente centrado no que tem que fazer.

E: Sim.

F: E assim terminamos, foi excelente, muito obrigada, muito obrigada, espero que não tenha doído nada rs

E: Espero que tenha contribuído

F: Ah muito, muito, você falou muito bem aquelas, aqueles dificultadores, foi excelente...Vamos desligar?

E: Já podemos desligar...

F: Uma hora e 20 minutos...

E2 - 15/09/2020 e 29/09/2020 - Professora de Português, especializada em PLNМ e Coordenadora do Programa TEIP

Speaker 1: Primeiro que eu queria que você me falasse um pouquinho sobre a sua atividade.

Speaker 2: Ok. Eu tenho duas atividades. Eu desenvolvo duas atividades no fundo. Eu sou professora e tenho duas disciplinas que leccionou que é Português e Francês. E depois paralelamente a essa minha atividade eu coordeno o programa TEIP no agrupamento, que é um programa de promoção do sucesso educativo ao nível nacional que já existe em Portugal desde 1956 e que conforme os quadros comunitários de financiamento também têm quatro anos; cada quatro anos muda o quadro comunitário e também muda um pouquinho os objetivos gerais do programa nacional. Mas anda tudo ali à volta do sucesso educativo, do combate ao abandono escolar e a indisciplina, anda tudo sempre muito por ali. E, portanto, são essas minhas grandes duas atividades no agrupamento deste 2012.

Speaker 1: Bom então eu queria ver, por que eu tenho dois questionários aqui: um questionário de diretor e um questionário de professor. O questionário do diretor, ele é mais amplo.

Speaker 2: E é pro diretor.

Speaker 1: Eu queria ver ... porque com a professora X ela diz lá - diretora de alunos imigrantes,

Speaker 2: Diretora de turma.

Speaker 1: Eu não entendi isso

Speaker 2: Então o que temos que distinguir é se pretende direcionar a entrevista para o diretor do agrupamento que é a figura máxima do agrupamento ou se quer direcionar essa entrevista para o professor responsável pela turma que aqui em Portugal chamamos de diretor de turma.

Speaker 1: Ah é?

Speaker 2: Sim. A Professora foi e continua agora a ser no nono ano diretora de turma de uma turma que recebeu alunos estrangeiros, uma mesma estrangeira, um de filhos de emigrantes em França, etc. Eu falo e conheço porque também fui professora dessa turma. Portanto a Professora é diretora de turma. O cargo de diretora de turma aqui é o professor da turma, mas que para além da disciplina que dá é responsável pela turma; contato com os pais; apontamento de faltas, orientações do próprio conselho de turma, portanto é o responsável pela turma. Não sei como no Brasil se chama isso, cá em Portugal é diretor de turma, ou seja, o responsável pela turma.

Speaker 1: Ok não temos essa figura no Brasil.

Speaker 2: Não? Pronto. Nós temos aqui no conselho de turma por exemplo 10, 11 professores no total...

Speaker 1 Ah, no Conselho

Speaker 2: O Conselho de docentes e, desse conselho de docentes sai sempre um que vai ser o responsável pela turma; coordenação do conselho de turma, dos alunos, dos pais, dos problemas da turma, etc., etc. Há sempre um responsável, que é o chamado diretor da turma.

Speaker 1: Agora fez sentido. Então eu vou começar com você e também começo com todos os outros professores falando sobre o programa TEIP e sobre o programa PLNМ. A meu ver são os programas que mais interessam para gente.

Speaker 2: Pra sua entrevista. Vamos então começar pela coordenação TEIP.

Speaker 1: Eu tenho aqui a primeira pergunta para você.

Speaker 2: Ok vamos lá.

Speaker 1: A escola desenvolve algum programa, algumas linhas orientadoras Ah. Essa é (a entrevista) do diretor. Não. Tô nervosa.

Speaker 2: Vamos com calma, temos tempo.

Speaker 1: Aqui diz o seguinte: como foi desenvolvido o programa TEIP na escola? Meio um histórico.

Speaker 2: Bem, um mínimo, rápido. Estamos aqui para dizer, mas sinteticamente o Agrupamento de Escolas ao o ano existe desde junho de 2012. A escola segue da escola secundária não tinha nada a ver com quem transportou o programa para este conjunto de escolas em 2012 foi o anterior agrupamento X. E o agrupamento abraçou o programa desde a primeira vez do primeiro ano em que isto foi lançado a nível nacional. Por que? Por que no início o programa era sobretudo destinado a agrupamentos com uma localização geográfica deprimente das cidades normalmente eram agrupamentos que recebiam alunos de bairros sociais cujos encarregados de educação não acompanhavam muitas as escolas; em termos económicos também muito deficitários; com alunos com um histórico de abandono escolar antes de acabar a escolaridade obrigatória; com histórico também de alunos que eram retidos várias vezes durante o percurso escolar; meninos que não acabavam a escolaridade obrigatória.

Speaker 1: Essa era a realidade deste agrupamento?

Speaker 2: Era e, por isso é que se candidatou ao programa TEIP, no primeiro programa em 1996 ou 1998 agora já não consigo precisar. Portanto, a nível nacional o Ministério da Educação, copiando até outros modelos europeus, nomeadamente a França. A França alinhou no programa ZEP, que é idêntico a isto. O ZEP em França era zona d'école prioritaire, começaram muito antes de nós, muito antes de 1998. Eles tiveram uma experiência de cerca de 25 anos e abandonaram um bocadinho isto. São questões sociais, não são tanto, há uma parte da escola, mas são sobretudo questões sociais nas quais a escola tem um pequeno impacto, mas não resolve tudo. Pronto, nós resolvemos aquilo que nos é possível resolver. Portanto, dentro da sala de aula dentro da escola fazemos a nossa cozinha a nossa as nossas receitas. Mas o que é certo é que temas económicos, problemas sociais, nós infelizmente não temos impacto a 100%. A nossa escola não tem que fazer tudo, não é? Substituir a tudo e a todos. A sociedade tem também uma certa parte. E, portanto, o agrupamento foi sempre acompanhando esses programas: o Programa TEIP1, depois acabou, abriu o programa TEIP2, etc., etc. Quando nós agrupados em 2012 o agrupamento herdou o programa, ou seja, aquilo que era já uma prática em termos organizativos, em termos de sala de aula, acabou por ser aproveitado ou melhor imposto pelo Ministério. O Ministério disse assim, agora que vocês já são um agrupamento, vocês todos vão passar a ser TEIP, o que criou alguns constrangimentos, é verdade, naqueles que nunca tinham ouvido fala ou que durante muitos anos o programa TEIP também foi associado aos meninos malcomportados, às escolas com muitos problemas, portanto, era um selo que ninguém queria. Isso tem mudado imenso porque as escolas têm aquelas que souberam agarrar este projeto e utilizar os recursos utilizados e inventar, inovar. São escolas que neste momento dão a cara e têm e começam já a ter muita fama, tem muitos exemplos de coisas bem-feitas. Existe a nível nacional. Fizeram o caminho. Isto tem cerca de quase de quase 20 anos fizeram o caminho que neste momento se podem orgulhar dele. Portanto, o programa aí também tem evoluído. Enquanto que no início era sobretudo a reduzir as taxas de abandono; reduzir o insucesso; reduzir as retenções; reduzir a indisciplina, neste momento o programa TEIP tem como grandes objetivos melhorar a qualidade das aprendizagens, portanto, houve uma grande evolução. Enquanto no início estávamos mais preocupados em pôr os meninos da escola e ficar os meninos na escola, agora é melhorar a qualidade das aprendizagens. Ainda estamos aqui preocupados com o abandono, mas os abandonos a nível nacional neste momento são residuais. No nosso Agrupamento é super residual. Não há. Os abandonos que nós temos são sobretudo de alunos estrangeiros que de alguma maneira regressam ao país de origem e que não regularizam as suas situações nas escolas portuguesas e, portanto, a escola não pode anular a matrícula desse menino, sem ter na mão uma prova de que ele está inscrito numa escola no país de origem. Enquanto a sua declaração não chega às secretarias das escolas o aluno é um

abandono escolar e muitas vezes é falso porque o que não chega à escola é a tal declaração. Mas depois os técnicos do serviço social assistentes sociais etc., sabem, porque têm contatos com as famílias que eles já estão lá na Bulgária ou na China ou na Turquia ou onde quer que seja, já estão a frequentar a escola, mas ainda não chegou o papel à escola e depois também metem barulho o SEF, CPCJotas (?) que depois também se articulam com o SEF. Portanto, neste momento, os abandonos escolares, por acaso, desses alunos estrangeiros. Portanto, é assim, em grandes moldes, em grandes linhas, o programa TEIP neste momento atual. Depois, relativamente ao PLNM ...

Speaker 1 Não. Não. Eu gostaria que você me falasse um pouquinho como funciona o programa na escola.

Speaker 2: Ok então. Na escola existe um coordenador, que sou eu. A equipe infelizmente não existe, deveria existir, porque a portaria que regulamenta o programa TEIP que tem 60 ou 62 anos, já não sei bem precisar, fala da existência de uma equipe que é composta pelo diretor, coordenador, diretores de turma os nossos diretores, os coordenadores de departamento e a cuidadora TEIP. Se existe esta equipe? Formalmente não existe... e a nível do funcionamento da escola o programa pretende implementar uma série de ações que estão integradas no Plano Plurianual de melhorias. Portanto, existe o plano trienal melhoria. Como ele é feito? Depois de se diagnosticar uma série de problemas que existem na escola e que são impeditivos do sucesso educativo dos alunos, desde o currículo, até a indisciplina, passa por estas coisas todas, portanto, o agrupamento detecta aquilo que está mal e propõe um plano de melhoria que também segue projeto educativo e que procura justamente com a implementação de esta ação, aquela ação e aquela ação, procura ir ao encontro daquilo que nós entendemos, a nível do agrupamento, ser as nossas fragilidades e que queremos colmatar para poder então chegar ao maior sucesso educativo. Esse sucesso educativo traduz-se nas notas dos meninos; no abandono que nós queremos que seja zero; na indisciplina que nós gostávamos muito que fosse também zero. E também desenvolvimento do currículo que depois chega obrigatoriamente ao sucesso traduzido em notas, em prêmios, etc., portanto, como é que ele implementa o TEIP? O TEIP operacionaliza-se através da melhoria e do projeto educativo da escola. Nós temos, depois, se quiser consultar na página.

Speaker 1: Já consultei.

Speaker 2: Portanto, existe o plano de melhoria que é monitorizado é avaliado, há responsáveis por cada ação no terreno; portanto, temos ali algumas ações ou atividades, se quiser assim chamar, que são desenvolvidas ao longo do ano, que tem metas muito específicas para se atingir e que é monitorizado e avaliado cada ano e se necessário reformulado. Porque se chegamos à conclusão que não é bem por ali, mas por ali ...

Speaker 1: Avaliada pelo Ministério?

Speaker 2: Não, não, não.

Speaker 1: Nós internamente avaliamos. E, depois o ministério e isto que estou já a tratar há alguns dias, o Ministério duas vezes por ano a meio mais ou menos fevereiro e março e depois agora em setembro pede-nos essas nossas avaliações. Chegaram lá; não chegaram; a vossa meta era isto. Então, chegaram à meta? Ultrapassaram? Ou estão muito longe? Então se estão muito longe pensaram mal essa meta, refaçam, reformulem aí os objetivos, percebe? O ministério está cá sempre por cima; há 137 agrupamentos no país que estão no programa TEIP. Portanto, o Ministério duas vezes por ano vem cá bater-nos à nossa porta e pedir contas, porque nós somos financiados. Existe dinheiro no meio disto e a partir do momento em que há dinheiro injetado nos agrupamentos para podemos operacionalizar este plano, o Ministério também quer nos pedir contas nós temos que prestar contas do dinheiro que recebemos.

Speaker 1: Por falar em recurso. Você acha que os recursos são suficientes pro programa funcionar?

Speaker 2: Não. Nunca é, não? Rs. Nós temos recursos financeiros que são organizados em função de categorias, portanto, o dinheiro é distribuído, mas o dinheiro nunca vem a tempo, porque o dinheiro...a Europa manda o dinheiro, mas o IGF que é o Instituto de Gestão Financeira faz... Portanto, o dinheiro não vem diretamente para as escolas. O dinheiro vai para o Ministério primeiro e para o Ministério das Finanças. E é o Ministério das Finanças que desbloqueia as verbas. Só que muitas vezes não desbloqueia quando nós precisamos. Nós temos um plano anual de atividades, por exemplo. No ano passado ele andou à volta dos 34 mil euros. Pois, nenhuma atividade se concretizou porque o dinheiro não veio a tempo, estás a ver? Depois é isto, é teoria muito bonita. E vocês que são escolas TEIP, que tem alunos com fragilidades, em contextos educativos frágeis, etc., precisam ter outras dinâmicas. A teoria é, se precisam ter outras dinâmicas porque o vosso público é um bocadinho diferente, toma lá dinheiro e saibam usar esse dinheiro, só que depois esse dinheiro não vem a tempo. Isso é a parte menos boa da coisa. E depois também temos recursos humanos e os recursos humanos ah nós temos técnicos especializados, temos aqui no agrupamento, nós em concreto não em todos os acampamentos igual, mas nós em concreto temos uma psicóloga, uma educadora social, uma assistente social, uma mediadora e uma animadora socioeducativa e o objetivo disso é o quê? É do ponto de vista social, da animação e da mediação conseguirmos também pegar naqueles alunos mais problemáticos ou que tenham histórico familiar também que assim exigem, para os ajudar. Portanto é de facto uma mais valia. Graças a isso nós temos técnicas muitos anos ou renovadas em termos de contratos. Neste momento o Ministério deu possibilidade dessas de algumas delas concorrerem através de uma candidatura e já estão no quadro do agrupamento. Portanto, isso foi muito bom. Eu acho que a mais valia do programa é também isso. É a possibilidade de termos...as outras escolas não têm isso. Tem isso quem é do programa TEIP. Que eles reconhecem que dentro deste programa, e para dar resposta a estes alunos que têm um quadro um pouquinho mais frágil. É necessário este técnico especializado nestas áreas, áreas sociais, psicologia, animação, de ação, etc. E depois temos também a possibilidade de aumentar os professores de português de matemática consoante o nosso plano melhorias. Se nós entendermos que o nosso plano de melhoria tem que trabalhar mais nas áreas estruturantes do currículo, então, nós temos a possibilidade porque existe uma fórmula a nível nacional... as escolas normais, sem ser TEIP, multiplicam o número de turmas por sete, as escolas TEIP multiplicam o número de turmas por dez e é esse extra, que nos dá a possibilidade de gerir o nível do currículo, a colocação de mais professores para desenvolver as tais atividades do plano melhoria.

Speaker 1: No caso específico dos alunos imigrantes eu sei que o TEIP não objetiva especificamente esse público, mas todo o público da escola, eu tenho duas perguntas: uma em relação ao apoio psicológico porque a gente pensa, quer dizer eu penso, eu tenho lido que esse apoio psicológico tem sido voltado para outras necessidades, mas não essa necessidade por exemplo desse desequilíbrio causado na vida de um jovem que está saindo de uma realidade para outra completamente diferente.

Speaker 2: É assim, Fatima, O programa TEIP tem que dar mais liberdade para nós construirmos o nosso plano melhoria. A escola que tem que pensar se essa comunidade de alunos estrangeiros, pelo número que também são, se é uma prioridade para o agrupamento. No ano passado nós tínhamos, ao nível do agrupamento, 17 alunos com necessidades de Português Língua Não Materna. Com alunos em 1500. De fato, é um público muito reduzido e até ao momento o agrupamento não tem uma estratégia muito ancorada> Dentro do plano de melhoria não existe nenhuma ação destinada a esses alunos. Quando eu me pergunto a nível psicológico. Os problemas são tantos e de tal ordem, que esses miúdos são um bocadinho esquecidos a nível psicológico. Portanto, o menino que se automutila, o menino que teve tentativa de suicídio, o menino que está numa instituição há três ou quatro anos, o menino que

pinta a manta numa sala de aula e que ninguém dá conta do recado, o menino que durante o recreio batia em 50 e, portanto, os problemas são tantos e tal ordem que o problema psicológico do estrangeiro que chegou agora que está perdido, é a vigésima prioridade, embora eles precisem. Mas, como eu digo, coitados ficam esquecidos ali no meio daquilo tudo. Não há uma estratégia, a nível deste agrupamento não existe uma estratégia do ponto de vista do acompanhamento psicológico desses alunos, isso não existe. Claro que depois poderá ter esse apoio porque eventualmente foi identificado que o agregado familiar tem problemas, mas, é por arrastamento. Não é porque o menino em si precisa. É porque foi identificado, se calhar, faltou um mês. Alto. Este menino faltou um mês. Qual é o problema? Então aí desencadeia-se o processo. Mas dizer assim, é uma política de acolhimento, não é.

Speaker 1: Outra pergunta que eu gostaria de fazer. Sobre essas outras pessoas além do psicólogo ...

Speaker 2: Tem os técnicos

Speaker 1: Entre eles os mediadores.

Speaker 2: Há uma. Há uma mediadora e há professores já formados em mediação, eu sou uma delas também. Tivemos um curso em mediação escolar.

Speaker 1: Hummm, mediação escolar, não tem nada a ver ...

Speaker 2: Com a mentoria?

Speaker 1: Não poderia fazer a mediação do idioma, por exemplo, o reforço escolar de um aluno imigrante?

Speaker 2: Ah, pera aí, nós estávamos a falar na parte psicológica, não estamos a falar da parte do currículo.

Speaker 1: Você tinha referido a outros profissionais, não é?

Speaker 2: Pronto, é assim em relação a intervenção psicológica a nível do acolhimento seja uma prática... vem agora o menino estrangeiro, chegou à escola, não é uma prática. Mas, nos temos histórico de receber alunos, situados na cidade do Porto, recebe muitos turcos, muitos indianos ... já esta escola recebia muitos. Agora, do ponto de vista no currículo não há uma estratégia muito definida. Mas os professores vão recebendo, não é? Alunos numa turma, alunos noutra, olha! Chegou este menino ou até pelo próprio nome ... já sabemos ao começar as aulas deve ser estrangeiro, às vezes não é, já é nativo, os pais é que estão já há muito tempo. Então, como é que nós fazemos? Olha fazemos um bocadinho... ahmm há professores de português neste agrupamento que têm formação no âmbito do Português língua não materna e, portanto, que sabe já como fazer. Mas há outros que não. E então vão se socorrendo uns aos outros, não é? Ora, como é que faz, como é que é, pronto. Depois existe hamm neste momento existe enquadramento legal relativamente à inclusão. Vocês no Brasil estão à frente em relação à inclusão e às medidas de suporte à aprendizagem. Acho que temos muito a aprender com o Brasil. Mas, em Portugal, isto consubstanciou-se num decreto lei que creio é o 54 que não se olha agora só os meninos deficientes. Olha-se a todos os alunos que têm barreiras à aprendizagem e a língua para esses é uma barreira à aprendizagem. Agora, a escola também tem. Quando digo a escola, não só a minha, têm que se apropriar dessa lei e perceber que esse enquadramento neste momento é para todos alunos tem as barreiras. Não é só para o menino que é cego ou o menino que não ouve, são todos... e estes também são. Eles chegam a Portugal e a principal barreira deles é uma barreira ao currículo. Ele consegue aprender nada se não percebe a língua e, portanto, tem que haver aqui toda uma estrutura montada, as fases, o acolhimento e a própria aprendizagem da língua, portanto. Imagina um menino, imagina bem, o menino chegado à Turquia hoje amanhã é enfiado numa turma e nunca ouviu falar português. E este país, e isto agora é minha opinião pessoal, este país tem muito a barreira da inclusão. Mas, a inclusão no espaço, para mim isto não é inclusão.

Speaker 1: É integração, mas não inclusão.

Speaker 2: Exatamente. Para mim estes meninos precisavam de uns meses para levar um banho na língua e não estarmos preocupados com a geografia ou a história, por enquanto isso não é preocupação. A preocupação é o banho de língua, aquilo que fazem muitos países lá fora na Europa. Não estarmos preocupados com a inclusão no mesmo espaço, porque isso não é incluir. Incluir é proporcionar uma integração gradual em termos sociais, em termos de turma, em termos disso tudo, em termos de língua. E, infelizmente os nossos em Portugal em todo o lado é assim é que fazem. Enfiam-nos numa turma e agora desenrasquem-se, desenrasquem-se as pessoas e desenrasque-se o miúdo. E depois, assim, tem muito a ver com o país de origem. Há muitos que se agarram, os ucranianos, por exemplo, os dos países de Leste e até os próprios chineses. Embora o sistema linguístico deles provoca ainda mais problemas... são muito ... envolvem-se, quer dizer, implicam-se, são motivados, querem mesmo. Mas, há outros que nem tanto. Isto tem a ver com as características pessoais de cada um, mas há depois, determinada cultura dos países que eles trazem, que também os levam a agarrar-se, a querer, e à facilidade da língua. Portanto, O que é que nós temos a jogar na nossa ...

Speaker 1: Tem mediadores que falam outros idiomas? Esse mediador poderia fazer isso, contato com pais...

Speaker 1: Poderia, se fosse uma sensibilidade neste momento. Um mediador que nós temos é uma técnica que teve a formação superior mesmo em mediação, portanto, existem cursos no ensino superior só sobre a mediação escolar e ela não domina nenhuma língua estrangeira, quer dizer, domina o inglês, praticamente. Agora, nem sempre o inglês é a língua de comunicação desses meninos. Eu vou dar lhe um exemplo. Eu tenho tido uma chinesa no ano passado no sétimo ano e a menina não falava inglês. Então, nós com aquela tentativa toda de nos fazer perceber, mas ela não falava inglês. Muitas vezes o inglês que eles trazem é um inglês de rua entre aspas não é o inglês escolar e com os problemas todos que isso acarreta. Depois, por exemplo, os turcos. Os turcos comunicam com o inglês, minimamente, os indianos também. Os chineses, por exemplo, nem sempre. Depois existe a possibilidade de recorrermos a consulados, a embaixadas que também nos liberam aí um tradutor. Existe uma linha específica para isso, mas existem professores que fizeram formação em mediação e que são professores de língua. Eu sou um caso, e há outros, de inglês, que fizeram. Mas neste momento não estamos a usar isto como uma mais valia. O agrupamento em termos organizativos não usa este recurso para mediar entre o estrangeiro e os outros professores. Portanto, conforme eu disse é muito na base do desenrasque. Se ele desenrascar no inglês, mas também nós não estamos fazendo favor nenhum ao menino, porque ele se refugia no inglês, e não aprende o Português. Por que a comunicação imediata que ele quer fazer conosco é no inglês. E é assim e é quando que o rapaz vai aprender a falar o Português se nós estamos sempre a facilitar com o inglês? Nunca. Nós temos a sorte de termos um projeto que não é nosso, é um projeto nacional. É o ciberescola da língua portuguesa, não sei se já ouviu falar. Existe desde 2013, penso eu, e, portanto, começou como um projeto pequenininho em Lisboa, neste momento já está bastante difundido e consiste E consiste no quê? É um ensino do português e-learning, à distância. Nós identificamos os nossos meninos e elas lá, as professoras da Ciberescola, têm um mapa, organizam as aulas e basicamente os miúdos têm uma hora por semana marcada fora do horário deles, sobrecarregam os meninos, e eles têm depois à distância, com recurso ao computador e fazem algumas atividades...

Speaker 1: Isso é dentro do PLNM?

Speaker 2: Ah, isso é um...não é da nossa escola. Isto é um apoio complementar, é no fundo é uma parceria que nós temos.

Speaker 1: É dentro do programa da língua, como uma atividade de reforço, digamos?

Speaker 2: Funciona um bocadinho como complemento, sim, como reforço. É um programa, portanto, externo à escola, que veio propor esse projeto ao agrupamento em 2013, salvo erro.

Nós, como temos alunos a chegar todo ano, aceitamos, claro, de bom grado. E, internamente quando é possível, quando temos um professor que ainda está disponível, tem horas ainda para dar e que seja de português preferencialmente, então aloca-se esse professor a dar um reforço de uma hora, duas horas, por semana. Mas, nem sempre isso é possível.

Speaker 1: Deixa eu lhe perguntar para fechar o TEIP porque a gente já está caminhando um pouco para o PLNM, mas para fechar o TEIP, dentro do TEIP, dentro do programa TEIP o que poderia ainda ser feito para ajudar especificamente o aluno imigrante?

Speaker 2: Primeiro, precisava de ser uma necessidade do próprio programa, ou seja, o próprio programa quando lança as orientações para construir os planos de melhoria, o próprio Programa Nacional tinha que ter consciência que isso é uma necessidade.

Speaker 1: E está recebendo mais imigrantes...

Speaker 2: Ainda por cima neste momento somos um país receptor. Já não somos só um país produtor de imigrantes. Foi nos anos 70 80 e isso acabou. Neste momento estamos a produzir uma emigração muito qualificada para o exterior, mas estamos a receber e nós não tínhamos essa prática de país receptor e estamos há muitos anos a receber pessoas de fora, portanto, que vem cá se instalar por várias razões, ou porque são refugiados, mas não só ou porque decidiram fazer aqui o seu projeto de vida.

Speaker 1: Só nos últimos dois anos é que alcança um nível que foi parecido ao início dos anos 1990 que foi o boom da imigração, então se está vivendo um momento de transição.

Speaker 2: Exato. Assim, existe gradualmente nas políticas educativas, sem ser programa TEIP, programa TEIP é um programa nacional de (?). É um dos... há outros. Mas, nas políticas educativas progressivamente viu-se que o ministério tinha noção deste público e foi integrando a disciplina de PLNM, por exemplo.

Mas, há constrangimentos. Nós não podemos criar a disciplina de PLNM no currículo se não houver uma turma de dez alunos no mínimo independentemente do nível de proficiência. Isso é uma exigência absurda.

Speaker 1: Quando eu li isso eu disse esse programa não existe.

Speaker 2: Não, quer dizer, há escolas, repare o nosso caso. Nós até temos mais do que dez, mas estão espalhados pelas nove escolas do agrupamento. Como é que quer criar um horário em que àquela hora vamos verter para uma turma um menino que está no primeiro ano o menino que está no quinto, um menino que está no sétimo, porque aqui não interessa se eles têm 10 anos ou se tem 15 anos. O que interessa é o domínio da língua portuguesa que eles têm. E isso é independente da idade. Mas, em termos organizativos, é impossível isso, porque se calhar na nesta escola, por exemplo temos quatro. Na escola X no primário temos três e juntá-los com esta dispersão geográfica, não dá. Haverá outras escolas neste país, pode haver em Lisboa, na capital. Há muita comunidade estrangeira e é natural que haja em algumas escolas essa possibilidade. E então aí sim. Os meninos ao invés de ter o Português na minha sala, junto com os outros. Imagine você, eu sou professora de Português...

Speaker 1: às vezes eu penso que é só para se enquadrar na política europeia. Portugal desde que trabalha com imigração, pelo que ouvi das críticas que eu ouço ou que eu leio, fala-se muito que Portugal segue as orientações da União Europeia, desde que se integrou à comunidade europeia, mais digamos assim...

Speaker 2: Assim. Há algum caminho feito, há algum caminho feito porque isto tem se visto desde 2006. Suiu pela primeira vez em 2006 um despacho normativo. Despacho 6, que enquadrava estes alunos diferentes entre aspas. E diziam que, até erradamente, porque eles consideram o nível B1 um nível avançado. Não é. A partir do momento em que aluno tem o nível B2 já deixa de ter os apoios todos. Desde 2006 tem se vindo a verificar da parte do Ministério alguma consciência de que eles existem estão cá e que é preciso dar resposta a esses meninos, que a escolaridade obrigatória é para todos, não só o português, não é s[ó] para os

portugueses nativos, é para todos. E, portanto, estes meninos agora têm que estar na escola 12 anos até fazerem os 18 anos eles têm que estar na escola e, portanto, a escola tem que ter uma resposta para eles; não podem estar ali esquecidos no fundo da sala e, progressivamente, nas várias legislações que têm sido produzidas, eles têm sido incluídos, mas sempre com muita autonomia à escola. A escola é que tem que criar a resposta. O ministério não pode dizer façam assim, assim, assim. O ministério lança as linhas gerais e já nos inclui. Mas as escolas é que têm que perceber que público é que têm e que tipo de atividades e de ações que são benéficas a este público. Por isso vai depender muito da gestão de cada escola e das intervenções das pessoas nessa escola e da quantidade de miúdos que têm também. Agora, de fato tem havido alguma evolução. Ainda não estamos lá. Há escolas que funcionam bem, está muito bem definido desde o dia em que eles lá chegam. E há outras que estão um bocadinho a experimentar coisas...

Speaker 1: Como é que está o PLNM na escola, quantas turmas? .

Speaker 2: Ora, neste momento não existe nenhuma turma de PLNM. Portanto, saem da aula de português normal. Isso não existe no agrupamento. Então como é que isto funciona? Os meninos estão metidos na sala de aula juntamente com os outros todos. E cabe ao professor, se tiver vontade, se tiver formação e tudo mais. Olha, se reparar que ele existe, se lhe fizer diferença ter ali uma menina ou um menino que sabe que não percebe nada; se fizer de conta que ele não está lá, que isso também acontece. Agora, se tiver um professor minimamente, com uma formação que tem que ter, porque isto não é para toda a gente, isto é específico, ensinar o português como se fosse uma língua estrangeira, não é para toda a gente. Tem que ter minimamente formação, se tiver formação em línguas estrangeiras ajuda. Mas, o ideal era haver uma formação nessa área.

Speaker 1: Quantos na escola têm essa formação, além de ti?

Speaker 2: Que eu tenha conhecimento zero. Só eu. Este ano no verão fiz outra. Mas é assim, nós, entretanto, vamos partilhando experiências na hora de fazer. Olha, como se faz isto? Os professores de português ensinam o português

Speaker 1: Então não existe turma de PLNM formada?

Speaker 2: Não existe não.

Speaker 1: O PLNM é no contra turno...

Speaker 2: Deveria. O que deveria acontecer? Quando a turma tem Português normal esses alunos deveriam sair da sala e juntarem-se todos com uma professora que os ensinasse a língua portuguesa e para além disso, deveria articular também com a geografia e a história. Porque quando estes meninos caírem numa disciplina de geografia de história ou de Físico-Química... Assim. A língua de comunicação é o português. A língua de escolarização também é o Português. E a termos específicos, eles não percebem nada. Mas em primeiro lugar a preocupação deveria ser ensinar o português como língua de comunicação e depois numa fase mais à frente, seria ensinar o português como língua de escolarização e já articulariam com as outras disciplinas todas. Mas isso era se houvesse a tal turma. Essa turma não existe no nosso agrupamento. Não existe porque? Porque nós não conseguimos, e isso é uma imposição do Ministério. Nós não conseguimos ter no mesmo edifício dez alunos, no mínimo. Mesmo que sejam de níveis diferentes, não conseguimos ter esse grupo no mesmo edifício. Então como é que nós fazemos? Olha temos numa sala Se eu for um bocadinho sensível e tiver alguma formação.... Ah! tenho esse, tenho mais um deficiente, mais dois ali e mais trinta e tenho que tentar dar resposta a isso tudo na mesma sala. O que não permite fazer assim um acompanhamento muito, muito de perto. Mas aqui eu acho que o ministério com essa bandeira da inclusão que na verdade não é inclusão nenhuma acaba por não integrar estes miúdos, eles já andam perdidos há muito tempo. Portanto, eles têm o que? Quando é possível um apoio que vem da ciberescola que é externa a nosso Agrupamento e quando é possível um professor

preferencialmente de português, mas que não tem forçosamente formação que ele tenha conhecido e que lhes dá uma horinha ou duas horinhas por semana e depois não sabem muito bem por onde começar, enfim....

Speaker 1: Isso seria um reforço ...

Speaker 2: Um reforço, um apoio.

Speaker 1: Mas vocês têm recurso, horas de professor para fazer isso?

Speaker 2: Ano passado tivemos, no ano passado tivemos um professor ...que era professora de português não era professora de PLNLM também não tinha formação e ela tinha 7 horas que usava com quatro alunos. Às vezes os quatro ao mesmo tempo no apoio, mas isto era fora de horário. Eles tinham que vir a mais, né? Mas só havia essa hipótese, não podia ser de outra maneira. Há anos em que temos essa possibilidade de ter professores e há outros anos que não temos. Mas quase sempre temos conseguido alguém. No nosso Agrupamento é o retrato. Poderá haver outros agrupamentos nomeadamente ali em Lisboa e naquela zona ali... Amadora, Loures. Por ali por que há muito mais comunidade não é e que já consigam á mais comunidade até já consigam, acredito que sim que hajam turmas. Nós pedimos autorização no ano passado...

Speaker 1: Dentro deste programa, vou lhe fazer a mesma pergunta que eu fiz para o TEIP, para encerrar, o que você acha que poderia ser feito para ajudar o imigrante de forma melhor, ajudar a reduzir reduzisse...

Speaker 2: No âmbito do TEIP?

Speaker 1: Não. Já lhe perguntei ao nível do TEIP, e agora lhe pergunto ao nível do PLNLM.

Speaker 2: É assim, a nível do PLNLM, eu acho que esta questão de fazer uma turma de dez é um forte constrangimento. Porque ou tens dez ou não tens dez. Se tens nove já não dá para fazer. Agora, isto tem muito a ver com ...como eu digo: o ministério faz as políticas educativas de forma geral. Isto tem que ser também uma necessidade das escolas. Se as escolas não estiverem alertas, se as escolas não acharem isto uma prioridade, esqueça o PLNLM. Isto tem que ser uma necessidade sentida na escola tem que fazer sentido na escola, tem que ser uma preocupação dos agrupamentos, senão for mesmo que ... eu estou no Conselho Pedagógico, que mesmo nos conselhos pedagógicos se dia ah coitadinho do menino, ah coitadinha da menina. Ha? Se não é uma preocupação generalizada, se não é assumido, dentro das escolas, como uma necessidade e como uma prioridade, não será. Agora, o que é que o Ministério pode fazer mais dentro deste programa? Poderia eventualmente ser livre, não obrigar a que seja grupos de dez alunos. Isso poderia facilitar a organização da escola. Se tivesse por exemplo quatro alunos num edifício, já organizava os horários de outra forma e já era possível. Isso é uma das coisas que o ministério poderia fazer em termos de políticas educativas. Depois, para mim, é muito a bola está do lado dos agrupamentos. Os próprios agrupamentos poderiam criar dentro dos planos de melhoria ações estratégicas como destinadas a esses alunos em particular. Mas volto a dizer o ministério lança as linhas gerais. Se as escolas, os agrupamentos, não se apropriam das coisas, não criam ações. A escola tem autonomia de se gerirem. Agora, por exemplo, criar uma turma quando o ministério diz não, não, não, abaixo de dez não é possível, não há volta a dar, não se consegue.

Speaker 1: Não se consegue?

Speaker 2: Não, não temos autorização para fazer isso. Nós pedimos isso no ano passado até fui eu que fiz o texto com base na Lei, fundamentado, bla bla bla e a resposta foi negativa. Nós somos um agrupamento que recebe todos os anos e às vezes assiste se a miúdos. Nós tivemos no passado uma miúda no nono ano que deixou de ir à escola

Speaker 1: E agregar, por exemplo, fazer uma turma... eu estou pensando também na necessidade dos pais

Speaker 2: Existe, nós temos à noite...

Speaker 1: Eu sei...

Speaker 2: No nosso agrupamento existe a noite. Nós temos um caso desse. A aluna até (?) faria. Nós temos a noite um curso. Acho que é a única escola da cidade do Porto. Temos o PFOL, português para falantes de outras línguas. Nós somos um agrupamento que oferece o curso à noite para adultos estrangeiros e tivemos no ano passado um caso de uma aluna nossa, cuja mãe frequentava esse curso à noite. Depois com a pandemia isso fechou tudo, não é? Mas, a mãe comentava que era bom. Porque a miúda é uma miúda turca, já está cá, isto já vai para o quarto ano e se não soubesse o nome dela não diria que ela era turca. Ela fala português fluentemente. Em termos de escrita detecta-se alguns problemazinhos, mas em termos de português... como se fosse uma portuguesa nativa. E esses meninos, em termos culturais, ajudam muito em casa, quer dizer, o irmão, a irmã, comida, a louça e, por intermédio da diretora de turma ela teve conhecimento deste curso. Então a menina também incentivava a mãe a ir aprender português. Ela frequentava o curso à noite de PFOL.

Speaker 1: Porque na escola que eu trabalhei no Brasil, com imigrantes, eu não falei um pouco da minha história, mas eu tenho lá uma história de trabalhar numa escola com 20 por cento de alunos imigrantes na cidade de São Paulo. ...

Speaker 2: Força!

Speaker 1: Então. A própria escola oferecia no noturno, por iniciativa da própria escola, um curso, com recursos da própria escola, um profissional que dava aula no noturno para os pais.

Speaker 2: Nós temos isso à noite. É recurso da própria escola, são professores da própria escola. E, só que o público tem que ser adulto.

Speaker 2: E não pode ser misturado.

Speaker 1: Não, porque são geralmente trabalhadores estudantes ou trabalhadores ou até sem ocupação. Mas tem que ser adultos porque o ensino recorrente em Portugal é destinado a alunos com mais de 18 anos. E, portanto, nós recebemos miuditos que chegam no segundo ano, que tem 8 anos, que tem 10 que tem 14 que tem 12. Portanto, quando eles já vêm adultos, geralmente trabalham, e há depois assim, esses casos específicos: ou querem o atestado de residência, por isso tem que fazer um exame e vai aprender português à noite. Portanto, os interesses dessas pessoas são diferentes dos interesses dos nossos alunos. Eles frequentam o curso à noite, no ensino noturno, porque é regra geral tem que se submeter ao exame de língua para depois ter autorização de residência. Portanto está tudo ligado ao trabalho geralmente.

Speaker 1: Sim, sim o Instituto do Emprego é que direciona. Vamos mudar de assunto agora.

Speaker 2: Ok.

Speaker 1: Minha pesquisa está baseada nos indicadores da integração do índice MIPLEX, você sabe que Portugal tem lá um índice muito positivo, segundo lugar no ranking geral, sexto lugar no ranking dos indicadores da educação entre 37 países e aí eu disse eu vou estudar isto porque eu quero ver lá no contexto ...

Speaker 2: Mas, diga-me outra vez o que é esse ex?

Speaker 1: É o índice.

Speaker 2: Ah, o índice.

Speaker 1: Existem vários índices que medem a integração de imigrantes na Europa, vários, na Europa e em outros países também nos Estados Unidos, Nações Unidas, OCDE, enfim. O MIPLEX - Migration Integration Policy... MIPLEX. E, Portugal, nas últimas duas edições do MIPLEX, a última em 2015, esse índice deve estar sendo feito agora, ele obteve o segundo lugar nas políticas de integração, ou seja, segundo esse índice Portugal é o país que mais integra imigrantes, desses 31 países ...

Speaker 2: Estou admirada.

Speaker 1: Ficando atrás da Suécia. Olha que coisa...

Speaker 2: Força!

Speaker 1: Força? Então é o seguinte. E ele tem um resultado menos positivo na educação, ele está em sexto lugar no último índice. E a educação nesse índice pra Portugal é o pior indicador nas duas últimas edições. Entendeu? Então eu disse, eu acho que essa é uma boa pesquisa porque ele está sendo altamente valorizado, mas vamos ver lá no contexto como é que essa política está chegando. Então, veja, eu sigo os indicadores do MIPEX. Todas essas perguntas que eu lhe fiz estão ligadas a um indicador que está lá no MIPEX, que mede as políticas. E, agora, eu vou entrar num tópico aqui que é um tópico do MIPEX também, de Novas Oportunidades. Porque diz que a presença dos alunos imigrantes poderia trazer para a escola novas oportunidades. A primeira diz respeito ao aprendizado dos idiomas falados pelos imigrantes. Então eu gostaria de lhe perguntar se a escola oferta o ensino de algum idioma falado pelo imigrante dentro ou fora do horário regular. Porque é lá um indicador de Portugal, a resposta é aqui sim, que têm horários no final de semana para aprender o idioma do imigrante.

Speaker 2: Mas para os nativos portugueses...

Speaker 1: Não, para o próprio imigrante. Por que? O reforço ao ensino do idioma do imigrante reforça uma parte cognitiva ...

Speaker 2. Ok, já percebi. Portanto, imaginemos um turco que chega cá na escola lhe oferece aulas de turco pós horário da escola fora do horário. Eu no nosso agrupamento só posso falar da realidade do nosso dia a dia. No nosso agrupamento não. Não há turco, não há mandarim, não há hindu, não há as línguas que o imigrante traz. A escola não oferece para ele cursar esta parte cultural e até parte emocional do imigrante.

Speaker 1: No seu entendimento isso é importante?

Speaker 2: Eu acho que sim. Até para nós, até para os miúdos daqui os portugueses por que não? Porque não oferecer por exemplo, iniciação de turco e até pedir ajuda desses miúdos; vão se sentir mais integrados, poderiam fazer tutorias de pares, a nível até da produção oral, sem saber escrever, essa não é a preocupação primeira.

Speaker 1: Eu vou contar isso para o resto da minha vida, mas na escola em que eu trabalhei como professora voluntária porque eu fiz um curso de pedagogia muito depois de me aposentar, entendeu? Porque eu tinha começado a trabalhar numa ONG e dava aulas e eu achava que fazia aquilo muito mal. E aí fui fazer pedagogia e enfim... lá nesta escola, o que foi muito interessante é que as meninas queriam aprender a falar espanhol porque tínhamos lá muitos bolivianos muitos sul-americanos e as meninas queriam falar espanhol então as meninas bolivianas organizaram um curso de espanhol.

Speaker 2: Ótimo.

Speaker 1: Olha, aquilo foi uma coisa...

Speaker 2: É claro que os miúdos não são professores, nem têm a didática da língua estrangeira nem nada. Mas até clubes, por que não? Até em nível de clubes, até se poderia criar clubes da língua ou que seriam dinamizados por esses meninos estrangeiros em que pontualmente eles até a nível de pares, com os colegas deles, poderiam oralmente aprender. Olá bom dia. Como te chamas? O rudimentar da comunicação. Isso é uma forma de os integrar a eles, os estrangeiros, e de estabelecer uma rede unida e uma rede de emoções e de ligação entre as pessoas. Isso. Nós tínhamos antes de ser agrupamento, tínhamos uma prática que agora acabou por se tentar fazer da mesma forma, mas não se deu grande importância aos estrangeiros. O agrupamento recebia muitos estrangeiros e nós lá conseguimos fazer a tal turma, a tal turma nós fazíamos lá. Eu era administrativa deste agrupamento e uma vez por ano havia a festa do Dia do agrupamento e essa festa era sempre aos sábados que a fazíamos. Por que? Porque as famílias aos sábados geralmente não trabalham e era a forma de nós termos lá as famílias. E, então de manhã à noite. E fazíamos barraquinhas: a barraquinha do artesanato, a barraquinha do inglês, e havia a barraquinha dos estrangeiros. E, nessas alturas nós recebíamos muitos indianos e marroquinos também... e as miúdas faziam aquelas tatuagens com Henna. Olha,

aquilo era um sucesso. Era toda a gente a fazer tatuagem no braço, na perna, na mão e elas sentiam-se... e, depois traziam as especialidades delas culinárias. Aquilo era para elas, elas brilhavam naquele dia. E toda a gente queria passar pela barraquinha das estrangeiras. Porque havia esta interação. E durante o ano também. Elas durante o ano traziam a comidinha ... olha a prova professora, prova.

Speaker 1: E, você poderia dizer que aí, agora, nesta escola, neste momento, tem essa preocupação de aprendizado da cultura do imigrante?

Speaker 2: Não... é assim. Se se falasse nisso, se houvesse oportunidade de se falar nisso, até acredito que se agarrasse, porque isto é uma forma de inclusão. Ahh, agora, depois tínhamos que pensar tudo na parte toda organizativa e, como isso poderia se operacionalizar, mas isso era de fato uma ótima ideia. No nosso agrupamento não foi lançado. Não sei se já há agrupamentos que praticam isso, mas isso era uma ótima ideia. Claro que do ponto de vista rigoroso... Ai Jesus eles não são professores, vão ensinar agora o turco, vão ensinar agora o árabe. Não era tanto nessa preocupação. Era mais na preocupação da ligação entre eles porque eles têm que eles têm que se integrar e isso é uma forma de integração. Pode começar por ali ...

Speaker 1: O aprendizado de uma língua estrangeira pode interessar a qualquer outro aluno, não é? Por exemplo, me interessa saber algumas palavrinhas em chinês...

Speaker 2: Exatamente. Na base da comunicação básica, do primeiro encontro. Claro que não é tirar um certificado de nível B2, não é esse o objetivo. Não é esse o propósito. Mas, era de fato para dar uma ideia.

Speaker 1: Olha, eu acredito que eu não cheguei nem a metade da minha entrevista.

Speaker 2: Se quiser uma outra altura fazermos outro online ou até na escola. Hoje teve que ser assim que eu acabei de sair de uma reunião, o médico, mas podemos fazer em presença. A escola vai começar dia 17.

Speaker 1: Nós vamos fechar uma hora agora.

Speaker 2: Se quiser, Fatima, combinar outra altura

Speaker 1: Você pode?

Speaker 2: Sim, podemos, pode ser até na escola porque agora as aulas vão começar e até podemos nos encontrar lá. Eu ainda não recebi o meu horário não sei dizer nada ainda. Tenho o horário provavelmente amanhã ou quinta, mas depois entra em contato novamente comigo daqui uns dias e aí já consigo dizer com mais certeza, olha posso na terça feira a tal horas ou quinta e depois ajusta-se. Ou até à noite.

Speaker 1: Vou fazer uma marquinha aqui no meu questionário e retomamos.

Speaker 2: Combinado. Gostei muito.

Speaker 1: Esta parte do TEIP foi muito demorada porque eu também tinha muito interesse em saber e sabia que era você a pessoa que podia falar com mais propriedade então deixei você falar bastante então avançamos.

Speaker 2: Ok não há problema. Entra em contato comigo depois que assim já marcamos outra vez.

Speaker 1: Muito, muito obrigada.

Speaker 2: Nada, nada, eu aprendi muito.

Speaker 1: Bom, a gente estava em um tópico que falava das oportunidades que os alunos imigrantes podem trazer para a escola. Falávamos dos clubes de idioma, até lhe contei sobre a minha experiência com as alunas na escola onde trabalhei, as bolivianas que organizaram o curso para as brasileiras.

Speaker 2: Lhe falei aqui das pinturas nas mãos da hena, sim, nós falamos disso.

Speaker 1: Aqui tem uma, vamos ver, em termos da cultura do imigrante, qual tem sido a postura da escola? Em quais disciplinas você poderia dizer que esta preocupação está mais presente? A escola desenvolve algum projeto, atividade, dentro do horário regular ou fora escola neste sentido?

Speaker 2: É assim, nós temos uma parceria com a ciber escola de língua portuguesa, que acaba por funcionar como um complemento a aprendizagem do português. E esse complemento funciona em horário pós letivo, os alunos estão numa sala e é online, portanto é através do recurso online da plataforma da ciber escola, até com recurso a vídeo, e resolvem as tarefas, as atividades e fazem isso, portanto fora do horário deles. É o projeto que nós temos, projeto não, é uma parceria que nós temos para ajudar um pouquinho estes miúdos.

Speaker 1: Você está falando em termos de língua, não é?

Speaker 2: Sim...

Speaker 1: Eu estou falando em termos de aprendizado da cultura do imigrante. Sabe aquela coisa intercultural, digamos...

Speaker 2: De partilha, no fundo. Não.

Speaker 1: Como as matrículas nas escolas de Portugal estão condicionadas à área de residência do aluno, não é possível adotar procedimentos para conter a segregação como o de manejar estudantes migrantes de escolas com grande número deles para outras que possuam número menor.

Speaker 2: Hã... tá.

Speaker 1: No seu entendimento, esta é uma escola segregada? Estigmatizada por ter um número elevado de migrantes entre seus alunos?

Speaker 2: Não, penso que não. A questão é que é uma escola que está perto das áreas de residência deles, que é ali na Batalha, há muitos imigrantes indianos aqui na zona histórica da cidade e, portanto, eles normalmente vão para escolas que estão mais próximas das áreas de residência deles.

Speaker 1: Outro procedimento no sentido de conter a segregação seria que as escolas com poucos imigrantes se liguem a escolas com muitos imigrantes e vice-versa, em atividades curriculares, extracurriculares.

Speaker 1: Ora, esta é uma rica ideia, mas na prática não existe.

Speaker 2: Como você vê este tipo de iniciativa e no seu entendimento ações seriam efetivas?

Speaker 1: Isto implica logo uma articulação e uma logística que neste momento não seria possível. Possível seria se houvesse vontade, mas não é uma prática, não é uma rotina. Não é uma tradição entre aspas. As escolas vivem muito fechadas sobre elas e sobre a comunidade envolvente delas, mas quer dizer, este tipo de partilha, este tipo de articulação misturando alunos, trocando alunos, eu não tenho conhecimento que isso exista. Pode existir noutra país, noutros sítios.

Speaker 2: No nível das políticas... lá no índice ele vai comparando os países, o que os países estão desenvolvendo, este é um ...

Speaker 1: De boa prática?

Speaker 2: Tipo de boa prática...

Speaker 1: Mas que se pratica onde?

Speaker 2: Aqui não... aqui com nosso agrupamento. Nós temos por aqui, por exemplo, o agrupamento do Cerco que é o mais próximo de nós e que tem uma realidade muito semelhante à nossa e que também recebe estrangeiros e que até tem minoras étnicas, tem ciganos e nós não temos esta boa prática. Nica tivemos cá a necessidade de a pôr em prática, ou...

Speaker 1: Mas quais seriam as facilidades ou impedimento de fazer isso?

Speaker 2: Eu acho que é mais a nível de logística. Não é tanto ao nível dos ganhos, porque teríamos ganhos, com certeza. Agora, deslocação de alunos, muitas vezes eles estão, ainda são,

recém-chegados a cidade, não sabem bem como se deslocar, mas isso seria facilmente ultrapassado. Agora, a questão aqui é. Por em comum atividades que se desenvolvem em um espaço e no outro, gerir os horários de forma que... é uma questão de logística, mais que pode estar aqui a criar entrave.

Speaker 1: Uma questão de proximidade... com as outras escolas....

Speaker 2: Mas é mais uma questão de logística, questão dos horários, fazer bater tudo, a recolher os alunos, agora é ali, agora é acolá... tinha que haver uma grande articulação, tinha que haver uma rotina

Speaker 1: Um evento conjunto...

Speaker 2: Por exemplo, poderia ser um evento

Speaker 1: Extracurricular, por exemplo

Speaker 2: Podia passar por aí. Mas, pelo visto há escolas que fazem isso neste país. Speaker

1: Neste país não sei, mas nos 38 que o índice aborda sim.

Speaker 2: ok, ok, ok.

Speaker 1: Porque isso é tido como uma boa prática. Mas isso é uma boa ideia, não é? Porque é uma coisa relativamente tranquila de se fazer.

Speaker 2: Claro!

Speaker 1: E isso daria um enorme conforto para eles porque veriam pessoas que estão passando pelas mesmas..., não é?

Speaker 2: É verdade, é verdade.

Speaker 1 Enfim... aqui tenho uma pergunta sobre segregação, eu não sei onde eu estava com a cabeça quando eu fiz, mas se a escola poderia ou tem tomado alguma outra medida para conter... esse tipo de segregação, entendeu? Porque quando é determinado pelo endereço de residência, isso é meio que inevitável.

Speaker 2: É assim, pode ser determinado, as pessoas estão livres de querer inscrever-se lá no Cerco, por exemplo. Eu acho que aqui não tanto... essa segregação não existe, naturalmente as pessoas escolhem a escola que está mais próximo da área de residência delas. Agora, se houvesse por exemplo ...

Speaker 1: Mas isso não é obrigatório, ser na área...

Speaker 2: É o indicador, mas eu posso inscrever o meu filho em qualquer escola que eu queira. Claro que se houver dez vagas e 100 interessados, em primeiro lugar vão os que moram naquela área de residência. Mas, mas se não for uma escola muito procurada...

Speaker 1: No Brasil é assim também.

Speaker 2: Por exemplo, estes alunos estrangeiros, ninguém os obriga a vir cá bater à porta deste agrupamento. Eles poderiam ir bater à porta do agrupamento X. Mas, este é o que este está mais perto da residência deles. E, se calhar, já conhecem pessoas que já estiveram cá e que são vizinhos, portanto tudo isso também funciona.

Speaker 1: A escola tem desenvolvido ações para aproximar alunos pais e comunidade

Speaker 2: Tem desenvolvido? Ações para aproximar alunos pais e comunidades imigrantes. É assim, nós temos... perdeu-se um bocadinho agora por parte das obras agora, é um bocado difícil de executar, mas nós vamos implementar uma vez por ano o dia do patrono.

Speaker 2: Isso poderia ser uma oportunidade para criar justamente essas atividades para aproximar não só os alunos estrangeiros, mas os outros todos, quer dizer, alunos pais e comunidade envolvente. Com as obras no edifício da escola sede e as escolas um pouquinho dispersas, porque faz sentido fazer o dia do patrono no edifício do patrono. Não faz muito sentido fazer o dia do patrono ... Rs. E, portanto, eu acredito que depois das obras terem acabado e de estarmos em uma nova rotina, no novo edifício, se volta outra vez a dinamizar e seria a oportunidade para fazer justamente essas atividades para aproximar todas estas comunidades.

Speaker 1: É, porque eu vou te contar uma outra história. Quando eu estava iniciando meus trabalhos na escola com os imigrantes fiz quando eu estava na escola. Você sabe que eu fiz o curso tardio...

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Depois eu tenho que transcrever isso é um horror, mas vamos lá. Uma primeira atividade foi a seguinte, logo que eu cheguei na escola. Eu fiz uma árvore genealógica da escola inteira. Eu passei de sala em sala com a minha arvrinha genealógica e dizia, olha, se o papai puder colaborar, estou fazendo um trabalho ... depois vou mostrar o trabalho para vocês e tal. Foi muito legal. Tive quase 30 por cento dos formulários devolvidos e daí deu pra tabular uns dados maravilhosos. Isso pra dizer um pouco que a diversidade é um pouco incomensurável. Mesmo os portugueses têm na sua ascendência outros...

Speaker 2: Podem ter sim

Speaker 1: Então esse tipo de atividade fica muito bem. Porque não é só o imigrante que vai estar contemplado.

Speaker 2: Os que são residentes também tem na rua origem um raminho ali de um estrangeiro. E no Brasil então em que há muita recepção de imigrantes....

Speaker 1: Então dá para saber de onde vieram, aliás meu projeto chamava-se De onde viemos, dá pra saber de onde veio, quais eram as profissões dessas pessoas. Isso é um projeto que tem a ver também com o lado pedagógico porque você a depender, quer dizer, com o resultado da sua sala por exemplo você consegue ver fenômenos ali que estão acontecendo na sociedade que são interessantes para abordar temas do conteúdo de história, do conteúdo da geografia, entendeu? Ou mesmo do português. Por exemplo, lá era a questão da urbanização das cidades. Então você vê o fluxo migratório, naqueles país que estão chegando, a migratório daqueles que estão chegando à profissão que tinham, como cidade modificou tudo isso...

Speaker 2: Daí a sua entrevista com a coordenadora da cidadania, e ela ainda por cima é DT é professora diretora de turma e tem uma aluna estrangeira, a Sara, que chegou o ano passado em fevereiro, coitadinha, ela não fala nadinha. Ela é marroquina, coitadinha. Ela percebe algumas coisas que nós dizemos, mas falar... e depois com a pandemia esteve em casa, também não teve a oportunidade de desenvolver

Speaker 1: Sabe que eu estava prevendo encontro com um grupo focal desenvolver, eu pretendia fazer dois encontros com oito alunos, pelo menos.

Speaker 2: Eu acho que com a (nome da aluna) eu lhe consigo.

Speaker 1: Mas não acho que isso vai ser uma loucura. Acho que eu não vou conseguir.

Speaker 2: Mas que tenham um português para depois comunicar com eles não vai ser fácil.

Speaker 1: Ah, se fosse um inglesinho também dava, mas...

Speaker 2: Mas há indianos que dominam o inglês aqui.

Speaker 1: Pois então...

Speaker 2: Mas a (nome da aluna) em princípio ...

Speaker 1: Bom, agora sobre educação intercultural, se é que isso existe aqui. As questões a seguir se referem à diversidade cultural e à educação intercultural. Para iniciar esta etapa da entrevista gostaria de fazer inicialmente algumas perguntas sobre a sua formação profissional. Você teve a oportunidade de passar por alguma disciplina de educação intercultural na sua formação?

Speaker 2: Não. Tive uma formação promovida pelo Alto Comissariado para as Migrações.

Speaker 1: Depois da formação...

Speaker 2: Sim, muito depois. Tive uma formação nesta área, mas uma formação pequenina com 4 ou 5 horas, não mais. Portanto, eu não tenho na minha formação inicial nada de nada, nada que se relacione com isso.

Speaker 1: Como você tem visto a chegada de um número cada vez maior de imigrantes à escola. Speaker 2: Como eu tenho visto? Ora, é bom ver que já não é Portugal a produzir emigrantes como era nos anos 60/70, mas Portugal neste momento recebe. Isto significa que Portugal tem algo a oferecer. Até o aspecto positivo da coisa. Se este país é procurado pelos imigrantes é porque economicamente e noutras áreas também Portugal tem algo a oferecer. A minha questão é se Portugal está preparado, em termos educativos, das políticas educativas, se está suficientemente preparado para receber estes jovens, estas crianças. Porque Portugal não é tradicionalmente um país que recebe, mas um país que exporta. Isso mudou. Nestes últimos anos Portugal tem vindo a receber e das mais variadas origens.

Speaker 1: Portugal, no início dos anos 90 era um país de imigração, né?

Speaker 2: Sim. E até passou a ter uma imigração qualificada e passou a ter uma imigração desqualificada para uma imigração qualificada. Mas é, nestes últimos anos ...

Speaker 1: Mas não é por obra do destino, não é? A política assim o conduziu.

Speaker 2: Sim. Sim. Agora, é claro, Lisboa, a área metropolitana de Lisboa, sempre recebeu imigrantes, mas sobretudo dos PALOP, não é? Agora é o que se verifica, e já há alguns anos a esta parte verifica-se que não é só dos PALOP. Eles vêm da Turquia, eles vêm...os fluxos já são diferentes também. A minha questão é que comparando, portanto, nós temos na Europa países que já tem uma tradição de receber jovens e crianças de outros países como por exemplo a França. É uma tradição de há muitos longos anos. E, já tem politicamente, nas políticas educativas as coisas muito bem montadas muito bem formatadas. Portanto, quando olho para França quando recebem imigrantes filhos de imigrantes que não sabem falar francês, eles não os mergulham nas salas de aula em todas as disciplinas, no início. Nós fazemos isso aqui. Em nome da inclusão. Mas os franceses não fazem.

Speaker 1: Ha... não fazem.

Speaker 2: Os franceses quando recebem filhos de imigrantes não fazem esse mergulho nas salas de aula de todas as disciplinas. Segregam entre aspas em algumas disciplinas para lhes dar um intensivo do curso de francês, da língua.

Speaker 1: Sim, sim.

Speaker 2: Eles vão a disciplinas como Educação Física, desenho, essas disciplinas mais abrangentes. Mas, são retirados daquelas em que a língua é fundamental, escrita e oral. Nós não, não fazemos isso. Portanto, se calhar, devemos aprender com os outros, não é? Assim, eu cada vez mais acho que quando nós não temos condições de criar a tal turma de PLNM por falta dos tais dez alunos, o que é que nos acontece? Nós temos dentro de uma turma de 25, o coitado do estrangeiro que chegou há dois dias.

Speaker 1: No fundo da sala...

Speaker 2: Ou no fundo, ou à frente ou no meio, mas quer dizer, das duas uma, ou tem uma formação em PLNM e, se for numa língua estrangeira ajuda, mas o professor de físico-química está completamente perdido. Sabe lá como há de pegar nisto. O professor de história sabe lá como acabo de pegar nisto. Não sabe. O miúdo não percebe nada do que se lhe diz... e anda ali a patinar uns meses. O input é zero, é daquilo que ele vai aprendendo no dia a dia no contato com os colegas. Se não for um aluno do tipo muito reservado, porque se for como alguns alunos que nós temos, nos intervalos nem se misturam com os outros.

Speaker 1: Como você tem visto a chegada de um número maior à escola? Speaker 2: Já falei, portanto, é isso.

Speaker 1: No seu entendimento nesta escola pode se desenvolver e ter o mesmo desempenho que os portugueses?

Speaker 2: Poderão vir a ter. No início não. E, se numa pauta, aparentemente parece que têm, alguma coisa ali funcionou mal. O que eu quero dizer é que alunos que chegaram há dois meses

e que tem. Por exemplo uma pauta final do período três a tudo. Ora bolas, como é que eles têm três a tudo se eles não percebem sequer o que eu digo?

Speaker 1: Pois é.... o diretor fala isso muito bem. Ele diz assim. Uma coisa que me preocupa muito é você ter o mesmo sistema de avaliação para o aluno que está nesta situação e o aluno que já é. Então, como é que eu posso...

Speaker 2: Embora assim, o sistema de avaliação poderia até eventualmente ser o mesmo. Mas há que perceber que o currículo não pode ser o mesmo. Não pode ser o mesmo currículo. Eu não posso ensinar não, ele não percebe. O currículo desse menino estrangeiro em todas as disciplinas tem que ser diferente. Não é só no português como eu digo as vezes. Ô colegas ele não é estrangeiro só no português. Ele é estrangeiro na Físico Química, na história, na geografia ele é estrangeiro nas outras todas. Portanto eu não tenho que adaptar os meus critérios de avaliação só na minha disciplina, e o currículo também. Porque ele não é só estrangeiro em Português disciplina, ele é estrangeiro em todas elas.

Speaker 1: A questão curricular é bastante complicada.

Speaker 2: Assim, o decreto lei 54 vem um pouquinho dar resposta a isto. Porque agora a nível de políticas educativas já desde 2018 visto que políticas educativas já desde 2018 entendeu-se que os alunos não têm que ter medidas diferenciadas só porque são deficientes ou por ter alguma patologia, etc. É o que o DUA o desenho universal da aprendizagem vem trazer. Vocês no Brasil já estão muito à frente em relação a isto. Então a conclusão a que se chegou é que cada um tem o seu modo de aprender e cada um pode ter barreiras a essa aprendizagem. E, por ter estas barreiras, não tem da mesma maneira o acesso ao currículo como todos os outros. E como a lei alterou, estes estrangeiros vêm ter resposta porque a barreira deles não é uma barreira da doença da visão ou da deficiência. A barreira deles é a barreira da língua. Então, porque eles têm uma barreira que os impede de aceder ao currículo como os outros, há que pôr em prática uma série de ações e de atividades. A questão é que a lei consegue pegar nestes. As pessoas aqui ainda não se apropriaram. Numa hora o professor de físico-química deveria ter algumas orientações porque não nasce ensinado para - se eu percebo um aluno que está no nível A1 ou A0 no domínio português - o que é que eu, professor de física química posso fazer. O que é que eu como professor de história ou geografia posso fazer. E isso ou parte da iniciativa do professor que é interessado, procura, ou existe ao nível do agrupamento uma visão e uma estratégia. Só existe se houver a necessidade. Só que nós somos, criamos alguma coisa se houver necessidade.

Speaker 1: Mas eu acho que esse fluxo, né, que agora está ficando cada mais intenso nos últimos anos vai

Speaker 2: Eu este ano vi pessoas, colegas meus aflitos porque tem numa turma de décimo ano turismo, uma indiana que não fala português. Como é que eu faço? Como é que eu faço? Outra indiana que chegou, que até é amiga da primeira, décimo primeiro turismo que chegou agora e não sabe falar português. Como é que eu faço, como é que eu faço? Eles já estão a vir para o secundário, e, portanto, enquanto que os miúdos vão chegando muitos para o primeiro ciclo, para o segundo, para o terceiro, neste momento já chegadas de miúdos que depois lhes darem a equivalência, vão para o secundário. E ainda há isso um pouquinho aqui, há muitos professores que só lecionam no secundário, e ouviam falar ... agora já os têm dentro das salas.

Speaker 1: Aliás tem um estudo que mostra a situação particular de Portugal. Por que Portugal tem esta boa nota? Uma situação é que recebe muito pouco, um número muito baixo de alunos imigrantes e uma segunda é que tem um número baixo de alunos da secundária,

Speaker 2: Mas isto está a mudar.

Speaker 1: Sim, claro. Mas isso é o que apontou lá.

Speaker 2: O estudo tem a ver ...

Speaker 1: O estudo é recente, é de 2018, é da Rede Eurídice. De um modo geral a escola tem recursos para atender às necessidades específicas dos alunos imigrantes?

Speaker 2: Sim. A questão é como utilizar esse recurso. Estou agora a lembrar dos professores de português do segundo ciclo que já estão em fim de carreira. Em Portugal, em termos de ensino, funciona assim: a partir de uma certa idade os professores têm a redução do horário. A partir de 50 anos eu não vou dar 22 horas letivas, eu vou dar 20 e aquelas duas horas vão ter que ser usadas noutras coisas, apoio biblioteca, outras coisas. Poderia por exemplo ser canalizado para estes alunos. Em escolas das cidades há muito pessoal docente já com uma certa idade.

Speaker 1: Alguém com experiência, não é?

Speaker 2: quer dizer, podem não ter especificamente uma experiência no PLN, mas também se recicla e aprende. Agora. Existe o recurso. Existe o pacote de horas. Às vezes é que não nos lembramos. Que existe. Este grupo de alunos e para os quais poderia ser benéfico. Portanto, vai depender muito do eu tenho estes professores, eu tenho este pacote de horas, o que é que eu faço com estas horas. É o que eu digo, ainda não é uma necessidade. Assim, quando eles começarem a fazer barulho rs....

Speaker 1: Eu vou ajudar a fazer um barulhinho

Speaker 2: Estão ali, coitadinhos, é uma benção ir à escola porque, se calhar, nos países deles já estariam casadas e a fazer outras coisas. Portanto eles fazem pouco barulho estes miúdos. E os pais então coitados nem os vê, não é? Porque eles têm tanto para fazer um barulhinho...

Speaker 1: Bom. E quais são as dificuldades mais presentes desses alunos no seu modo de ver?

Speaker 2: Olha, quando eles chegam às vezes até é em coisas banais como tirar a senha para o almoço. Não percebem como é que funciona. Eles têm hipótese de ter uma ementa diferenciada, porque eles podem não comer carne de porco. Portanto, coisas simples como tirar a senha do almoço, perceber que podem pedir uma refeição adaptada à cultura, portanto se não comem carne de porco podem ter uma ementa diferente. Dificuldades deles: compreender o que os professores dizem, básico; compreender o que os colegas dizem. Portanto eles têm ali uma série de obstáculos no início o que os outros não têm. Portanto eles não se focam logo nas matérias nem no currículo eles focam-se primeiro nesses obstáculos. Há que horas é que eu tenho que entrar, como é que eu faço para tirar a senha.

Speaker 1: eu fiz uma entrevista teste com uma mãe e ela reporta que o filho ficava sentado na sala e não sabia o que acontecia porque saíam todos e ele ficava e ele não sabia que era ele que tinha que rodar e não era o professor que rodava

Speaker 2: Hoje eles trazem a cultura deles e ninguém lhes diz quando chegam aqui - aqui as coisas funcionam assim. Eu tive uma coisa muito engraçada. Há dois anos. A menina agora está no nono. Eu recebi no sétimo ano...

Speaker 1: Olha que coisa legal também, os próprios alunos formarem uma comissão...

Speaker 2: Sim, por exemplo um tutor de pares, uma tutoria de pares, por exemplo. Ela chegou em fevereiro. E então cheguei a aula e tinha lá aquela miúda. Cada vez que eu tomava a palavra, ela levantava-se. ela vinha da Índia, e ainda hoje ela veste-se com aquelas vestes todas. Cada vez que eu falava que eu me dirigi a ela, ela levantava-se da cadeira. Isto deve ser na Índia. Na Índia, por respeito ao professor, cada vez que ele dirige a palavra ela deve se levantar e ela trazia essa cultura de lá. Depois, no meu miserável inglês disse - Faria, em Portugal não precisa levantar quando um professor fala para si e ela então deixou de fazer isso. Mas as primeiras a primeira e a segunda hora ela tinha essa reação automática. Eu falava para ela e ela levantava-se. Lá está, têm esses obstáculos. Eles não se focam logo na necessidade de aprender a língua. Eles primeiro focam-se na necessidade de combater estes obstáculos, desde o tirar a senha, de ver como, isto é, porque é que toca, o que tem que fazer quando toca, quer dizer, porque eles estão perdidos. Estão perdidos. Eles estão perdidos. Imagina, isso toca num caso porque eu fui filha de imigrantes também. Mas, felizmente eu nasci no país de acolhimento dos meus pais e, portanto, eu sou bilíngue numa língua. Mas toca me um bocado porque eu penso assim... e se fosse comigo? E se fosse com um filho meu?

Speaker 1: E com todos estes portugueses que saíram daqui, não é?

Speaker 2: Não é? E com todos estes que saíram daqui. Os meus pais saíram... não dominavam uma palavra francesa. Eles foram imigrantes em França; como é que eles se sentiram?

Speaker 1: Os meus avós são romenos... no Brasil...

Speaker 2: Como é que eles se sentiram? Como é que eles foram recebidos?

Speaker 1: Ou italianos...eram três italianos e um romeno.

Speaker 2: No século 21, tudo globalizado não é um fluxo migratório para todos os lados e estamos na mesma, não é verdade? Há escolas em que, eu estou a pensar ali em escolas de Lisboa e periferias devem estar muito mais à frente ...

Speaker 1: Ia te perguntar se o currículo reflete a diversidade, mas não é esta a preocupação...

Speaker 2: É assim, esta disciplina como cidadania poderia aproveitar porque é tão abrangente que até poderia aproveitar.

Speaker 1: Adaptações curriculares feita com a preocupação de envolver a diversidade.

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Tipo assim, como eu sugeri lá na outra escola. A aula é de geografia e você tem um mapa...

Speaker 1: Sim, nós poderíamos se estivéssemos sensibilizados. Por exemplo, era possível. Olha, de onde veio ...? vem aqui botar de onde tu vens, não é? Às vezes com essa, ela foi minha aluna dois anos, sei lá mesmo através de comida e tudo e, como é na Índia? Portanto, coitadita, ela compreende, mas para produzir em termos de produção oral, está muito ...

Speaker 1: (tento escrever o nome da aluna para me lembrar depois e ela me corrige) Ah!

Speaker 2: Ela está no 9º ano.

Speaker 1: Ela é perfeita (pensando em incluí-la na pesquisa)

Speaker 2: Também poderia ser, eu também lhe posso..., mas ela em termos de comunicação...não vai ser muito elucidativa. Ela compreende, está no nível A1, agora passou para o A2, mas em termos de produção oral mistura a língua inglesa ainda muito, põe a língua de português e então agora parada há cinco meses deve...

Speaker 1: Porque a minha pesquisa é com estes alunos adolescentes, não é?

Speaker 2: Pois.

Speaker 1: Porque não quis pegar os alunos que já estão fazendo para fazer a transição. Bom, vamos lá. Alguma adaptação curricular?

Speaker 2: A cidadania é ótima para fazer isso né.

Speaker 1: Você considera que nessa escola a diversidade cultural é apreciada, ou é um problema?

Speaker 2: (passa uma pessoa conhecida e a professora cumprimenta) O que é que eu ia dizer? Se olhar o nosso projeto educativo, o nosso projeto educativo valoriza muito a diversidade. Nós temos alunos surdos nós temos... não é? Portanto, isto não é um problema para este agrupamento. Receber alunos estrangeiros não é um problema. O problema está no como, o que fazer com eles rs. Eles virem não tem problema, temos surdos, temos deficientes, temos tudo, temos unidades de meninos coitadinhos que andam de cadeiras de rodas, que são todos torcidinhos, temos autistas... nós somos o agrupamento da diversidade e da inclusão. A questão depois como isto é em particular, que resposta que nós temos.

Speaker 1: Então... a escola tem feito adaptações no cotidiano para incluir necessidades de imigrantes ou de outras minorias étnicas como a modificação das agendas para contemplar feriados e festas religiosas.

Speaker 2: Não.

Speaker 1: O Ano Novo chinês, por exemplo,

Speaker 2: Baixa, não.

Speaker 1: Sobre situações que envolvem preconceito em relação aos alunos imigrantes e também aos que pertencem à minoria local, você considera que aqui na escola a restrição (querendo dizer situação) em que o preço ou preconceito se torna evidente? Speaker 2: Não parece que haja preconceito simplesmente se calhar o não dar importância ao Ano Novo Chinês ou não dar importância a outro tipo de manifestações culturais, isso não acontece porque sejamos preconceituosos. É porque não pensamos nisto em termos de plano anual de atividades, quer dizer, não é uma... não sentimos isso como uma necessidade lá está.

Speaker 1: É, mas por exemplo...

Speaker 2: Vamos nesta rotina de andar para frente e esquecemo-nos que eles estão cá.

Não é por preconceito, nada disso.

Speaker 1: Não, não, não, não

Speaker 2: É porque simplesmente ...

Speaker 1: Uma pergunta é sobre essa ... e a outra é sobre o preconceito; uma é se há essa preocupação em adaptar, não é?

Speaker 2: Não. Por exemplo nós temos aqueles que têm que fazer o Ramadão.

Speaker 1: Exatamente.

Speaker 2: É assim, não há preocupação, quer dizer, poderiam ser ... eu nem sei se os diretores de turma sabem da altura em que eles fazem o Ramadão e, ainda por cima são períodos voláteis no ano, não é sempre na mesma altura do ano, varia de ano para ano, não é? Os miúdos estão mais cansados, vêm mais dorminhocos, não é? Porque só podem comer quando o sol se põe. Portanto, eles têm que esperar. Na cultura deles normalmente é aos 14 anos quando a menina é menstruada e quando um rapaz tem 14 anos é que eles começam a fazer o Ramadão. Mas isso não é uma. Preocupação. Alguns DTs (diretores de turma) nem sabem que estão a fazer. Claro, há pessoas que dizem -Olha o fulaninho agora dorme mais nas aulas! Mas não culpabilizam o Ramadão e a cultura. Porque eles em casa continuam a praticar a religião, isso tudo. Portanto, concretamente, por exemplo, em relação a esses meninos que praticam o Ramadão, que são muçulmanos...

Speaker 1: Eles deveriam guardar esses dias na escola, não? Tem que ter uma modificação na agenda...

Speaker 2: Falta às escolas, não parece que seja a solução, mas, pelo menos, terem atenção que durante esse período o trabalho de casa, a exigência do trabalho de casa, compreender que na aula estejam um pouquinho mais sonolentos. Porque é assim os miúdos têm que esperar pelo pôr do sol para comer e têm que se pôr de pé muito cedo de manhã antes do levantar do Sol também para comer. Portanto, o horário deles é um bocadinho alterado durante esses dias todos. E isso não é uma preocupação. Quer dizer, não é uma preocupação porque ninguém se sensibiliza para isso. Eu acho que aqui deveria haver um grupo, não era preciso muita gente, dois ou três, era suficiente, que estivessem alertados para estas situações e comesçassem a disseminar estas coisas, que isto não se faz de um dia para o outro...

Speaker 1: Claro!

Speaker 2: Mas começassem a ver isso. Olha, atenção que está a começar o período do Ramadão. Fulano Fulano Fulano Fulano são muçulmanos. Tem um diretor de turma, veicula isso no conselho de turma. Tenham atenção para agora não serem tão rigorosos em relação ao comprimento da (tarefa) de casa ou em relação à atitude dele na sala de aula ou até nos recreios ou nos corredores, dariam atenção a estas coisas porque isso tem impacto. São miúdos que estão a fazer uma coisa como fazem os adultos os adultos têm muito mais poder de encaixe. Eles estão a começar, têm 14 15 anos e tal começar a coisa do Ramadão, tem impacto. Não era preciso muita gente dois ou três. Speaker 1: Pois, agora sim sobre os preconceitos. Há situação que envolve o preconceito?

Speaker 2: Não, eu aqui não acho isso. Não acho isso. Aqui eu acho que é mais o....

Speaker 1: Tem situações em que você percebe o preconceito?

Speaker 2: Não, não me parece. Já tive alguns alunos, mesmo em relação aos coleguinhas, eles são muito bem aceitos. Os miúdos, os mais jovens querem ajudar e às vezes não sabem muito bem como... Ó professora eu já lhe disse, eu já fui com ele lá embaixo, ou com ele.... Portanto, os miúdos, naturalmente, têm a vontade de ajudar. Depois têm a barreira da língua, mas depois vão logo para os sinais e arrastam e depois há também miúdos estrangeiros que são mais introvertidos. Por exemplo, eu tive uma menina chinesa que durante os intervalos não se misturava com ninguém. Eu dizia aos miúdos - Vão lá falar com Xena, porque a Xena tem vergonha, não sei o que...

- Ó professora, já fomos, mas ela não quer, ela não quer, pronto. Mas os miúdos nas idades mais jovens, tem essa... este não estão lá a ver se ele é estrangeiro ou o que é; é um miúdo, é um miúdo como eles, querem brincar e....

Speaker 1: Bom, situação de preconceito que tivesse que intervir?

Speaker 2: Não, não, que tivéssemos que intervir não. Não tenho conhecimento nem...

Speaker 1: Como está estruturada a Educação para a cidadania na escola?

Speaker 2: Ora, está estruturada, mas claro, a pessoa mais indicada para responder seria a professora X

Speaker 1: Eu vou aprofundar com ela, mas aqui é rapidamente

Speaker 2: Portanto, nós temos a legislação que nos orienta também, não é? E também temos as aprendizagens essenciais também a desenvolver juntamente com o perfil do aluno e, depois ao nível da escola temos alguns temas para trabalhar, que são temas entre aspas obrigatórios, depois há temas à escolha. Depois há assim um planeamento anual, mas assim, a professora X é a pessoa mais indicada para dizer como é que está estruturada. Depois, no ensino secundário tem uma estruturação diferente, uma organização diferente porque é a nível de projeto e transdisciplinar. Enquanto que no básico é uma disciplina mesmo à parte, no secundário não está organizada de outra forma, na metodologia de projeto.

Speaker 1: Escuta. Lá nos indicadores, quando eles falam sobre cada indicador no índice ...

Speaker 2 No tal estudo...

Speaker 1: No tal estudo, eles dizem assim que Portugal inspeciona avalia e monitora a implementação da educação para a cidadania. Eu quero saber como é esse processo. Porque isso é muito sui generis, e a autonomia? Você falou muito de autonomia na outra entrevista.

Speaker 2: Sim. Dão-nos uma ilusão. Não é eu falar mal de quem me paga. Dão-nos a ilusão de que temos autonomia para criar projetos, implementar disto e daquilo. Mas às vezes alguns projetos algumas ações esbarram na legalidade. Por exemplo, se nos dessem autonomia, aqui, se calhar, embora não tenhamos os 10 alunos, criávamos na mesma a turma de PLNM; criávamos um projeto, certo? E isso era a nossa autonomia. Só que esbarramos na legalidade. Não podemos criar a turma se não tivermos dez alunos. Então, um projeto desses, das duas uma ou encaixa num Plano Plurianual de melhoria e é isso que vai validar, mesmo que não se tenha os dez alunos.

Speaker 1: Mas tem que entrar hein

Speaker 1: Teria que entrar... teria que entrar...

Speaker 2: Portanto, acho que é via pela qual poderíamos desviar um bocadinho da imposição legal e, como está num projeto, num plano de melhoria e essa é a nossa autonomia, então encaixar aí. Por exemplo, esta poderia ser uma via. Em relação à necessidade de avaliar monitorizar avaliar e acompanhar a educação a educação para a cidadania, é assim, percebe-se, percebe-se porque é uma coisa nova, não é? Educação para a Cidadania entrou no currículo há poucos anos.

Speaker 1: Quantos anos?

Speaker 2: Desde que mudou o currículo, portanto em 2018. Antigamente era a formação cívica. Teve vários nomes....

Speaker 1: Sim, sim, sim...

Speaker 2: Houve escolas que não esperaram para 2018 e que como uma oferta de escola, ofereciam já isso. A partir do momento em que entrou o 55 em vigor, é quase uma imposição, não é? Tem havido polêmica, não sei se tem visto o telejornal ... tem havido polêmica relativamente a essa disciplina... que ensina os meninos a ser homossexuais... rs...

Speaker 1: É que nem no Brasil...

Speaker 2: E que agora já há pais que não querem porque se fala lá em educação sexual... Opa! Educação sexual já se deve falar nas escolas desde mil novecentos e ... não é novidade nenhuma. Não sei quem foi o artista que levantou este problema que não é problema nenhum. Agora, como é relativamente recente, e depois mexe com

Speaker 1: A política...

Speaker 2: Mexe com política, mexe com dinheiro porque temos que ter professores relacionados a esta disciplina e, portanto, tem que haver um retorno em termos qualitativo daquilo de como isto funcionou. Se correu bem, se não, se há projeto... porque assim, a partir do momento que envolve política educativa, dinheiro, recursos humanos, temos que medir para ver se isto de fato tem resultados ou não.

Speaker 1: E como é que é feita a medida?

Speaker 2: Não sei lhe dizer, no nosso agrupamento... pergunta para a professora X que ela é coordenadora...

Speaker 1: Não cheguei nesta pergunta com o diretor.

Speaker 2: É assim ... o conselho pedagógico tem que ter retorno da parte desse coordenador de como é que isto correu. Ou de vez em quando no ano, fazer balanços, pontos da situação relativamente a como esta disciplina está a ser trabalhada, o que é que faz e como é que os alunos interagem como não?

Speaker 1: Então é em termos de auto avaliação.

Speaker 2: Sim. É assim, eu não sei se existe alguma coisa em que temos que dar retorno ao ministério, mas internamente ...

Speaker 1: Deve ter porque inspeção e ...

Speaker 2: Sim, quando há uma inspeção, uma avaliação externa. Nós tivemos uma este ano e, provavelmente questionaram sobre o que é que fazem na educação para a cidadania, de certeza absoluta. Mas, as inspeções externas existem de quatro em quatro anos.

Speaker 1: Ah

Speaker 2: E neste ano todas as escolas entram no bolo. É a IGEC - Inspeção-Geral da Educação e da Ciência, IGEC, certo. Há ciclos avaliativos, são de quatro em quatro anos e nem sempre todas as escolas têm visitas de quatro em quatro anos. Portanto, externamente ok. Internamente, tem que haver um acompanhamento disto. E, normalmente existem estes coordenadores que dão feedback e dão informação ao conselho pedagógico que se posiciona e que dá orientações.

Speaker 1: Também não perguntei isso pro diretor, mas poderia me dizer brevemente o que significa cidadania para você?

Speaker 2: Ficamos aqui três dias agora.

Speaker 1: Não, rapidinho...senão não terminamos o último bloco.

Speaker 2: Basicamente resumir-se-ia a uma coisa, penso eu, eu, enquanto educadora estou a formar o cidadão do século 21. E, formar o cidadão no século 21 é dotá-lo de competências, de maneira que ele possa ser um cidadão interventivo numa sociedade onde ele se vai mover; reflexivo. A nível de relações interpessoais também que...e, portanto, o cidadão o cidadão do século 21 é uma coisa complexa.

Speaker 1: É um cidadão do futuro?

Speaker 2: Sim. Um cidadão que seja capaz de se desenvolver na sociedade do futuro porque neste momento eu estou a formá-lo, eu estou a criá-lo. Eu tenho que o criar, não em função dos valores do século 19, mas em função daquilo que é expectável para eles.

Speaker 1: Esse não é um cidadão no presente...

Speaker 2: Exatamente, eu tenho assim que perspectivar aquilo que se espera dele. Por isso o perfil do aluno e a estratégia nacional. Nós temos um documento nacional que é a estratégia nacional para a cidadania, uma Estratégia Nacional para a cidadania, e isso está lá bem definido, qual é o perfil.

Speaker 1: Eu já li o perfil.

Speaker 2: Portanto, qualquer professor tem que ter isso em mente. Então, o (professor) que dá a disciplina de Cidadania ainda mais. Não é só chegar ali e, vamos falar dos direitos humanos, da declaração de 1948...

Speaker 1: Não, não...

Speaker 2: Não é isso, ou não é só isso, vai. Isso também é importante, mas não é só. Portamos temos que ter a noção é isso, cidadania é tão complexo, é principalmente isso, é criar, dota-lo de ferramentas para que ele possa exercer de fato a sua cidadania. Ser um cidadão é muita coisa mais, é ser interventivo, ser flexível, ser capaz de respeitar o outro, ser capaz de tanta coisa...

Speaker 1: Mas esta é uma discussão teórica bastante aprofundada já, não é? No sentido assim... ele é cidadão no futuro, ou ele é cidadão no presente? Porque existe toda uma postura política, de relação, que é desde já.

Speaker 2: Sim, sim... nós temos na escola obrigatoriamente 12 anos quando estamos

Speaker 1: nós temos nas escolas obrigatoriamente 12 anos. A escolaridade é obrigatória em Portugal durante 12 anos. Já aí. Já estamos de certa forma a prepará-lo para o futuro é certo, mas também para o presente. Quando nós estamos a dinamizar uma atividade em que ele obrigatoriamente vai ter que ouvir a opinião do outro, trabalho em grupo por exemplo, vai ter que ouvir a opinião do outro e depois falar da dele e respeitar os momentos de cada um, no momento presente já estou a trabalhar. Agora, o que eu quero é que fique a sementinha para depois.

Speaker 1: Bom o último bloco é sobre participação e não é mais só sobre o aluno imigrante, mas diz respeito a todos os alunos e algumas perguntas são específicas sobre o imigrante e outras são mais gerais. Então, você considera que os imigrantes têm se envolvido com você, com os colegas de turma e de outras turmas?

Speaker 1: Assim. Eles não são todos iguais. Há miúdos que têm mais essa empatia conosco, também vai mundo de como nós nos relacionamos com eles. Eles procuram-nos às vezes, tem um problema sabem que se for falar com aquele professor que se calhar vão ajudar, portanto, tem muito a ver da forma com como nos relacionamos com eles. Portanto, e também depois depende das dinâmicas que eles conseguem na própria turma desenvolver. Porque há miúdos que naturalmente chegam ao outro, querem ajudar, não é? Estou a lembrar desta turma do 9ºA que tem lá a (nome da aluna) e a (nome da outra aluna), eles ajudam-se entre eles. Há lá um grupinho de meninas que não se importa de ficar ao pé da (nome da aluna) tem lá (nome da aluna) que é também uma estrangeira que está sempre - olha, faz isso. Olha, o trabalho é da (nome da aluna), se estás a fazer o trabalho dela, ela nunca aprende. Mas ela tinha essa coisa. Talvez porque tenha passado por essa circunstância toda e agora já não estava, não é? Já tinha aprendido o português e tal, mas sabia que ela estava a ter aquela dificuldade, então a maneira dela... percebia que a (nome da aluna) percebia a (nome da aluna) mais depressa do que me percebia a mim. Ela, naquelas maneiras dela de explicar, pronto...rs

Speaker 1: Você considera que eles se sentem parte da escola, os estrangeiros.

Speaker 2: Acho que não. Quer dizer, os que chegam. Porque se vissem por exemplo clubes em que valorizem as culturas deles, se vissem por exemplo, o Dia do Imigrante em que eles

pudessem montar a barraquinha, haveria possibilidades de que fossem mais integrados. Depois acabam de sentir aqueles que já passaram cá dois ou três anos, já estão perfeitamente integrados. Mas no início é difícil.

Speaker 1: Em que situação que você percebe que eles não estão integrados, não pertencem, não tem essa sensação de pertencimento?

Speaker 2: Olha, por exemplo, nos recreios. Quando eles estão cá a pouco tempo, das duas uma - ou a turma acolheu bem e eles estão com aquela coleguinha tal ou os vimos muito sozinhos nos recreios. Andam por ali a caminhar até o toque outra vez e tornam a ir.

Speaker 1: eu vi um trabalho na Noruega onde eu trabalhei seis meses, num intercâmbio que eu fiz da USP, quando eu terminei, estava no final do curso de Pedagogia eu tive essa oportunidade, entrei lá numa bolsa de mérito e fui pra Noruega. Fiquei lá oito meses. E é um programa de recreio, um programa assim para evitar...

Speaker 2: o isolamento

Speaker 1: o isolamento

Speaker 2: Porque é isso que eu vejo nestes miúdos.

Speaker 1: Existe um grupo de alunos que são, é mentoria...

Speaker 2: É mentoria...

Speaker 1: É mentoria de par. Eles vão lá tentar entender o que está acontecendo com aquele menino e, de alguma forma ...

Speaker 2: Dialogar, não só com o estrangeiro, mas com outro qualquer

Speaker 1: Com outro qualquer e, trazê-lo para a brincadeira. É muito interessante. Trabalho belíssimo. Bom, muito bem, agora já nem sei mais onde eu tô.... Sobre como eles se portam nas suas aulas eu acho que você já falou bastante. Aqui já é geral. No planejamento da escola ou no seu planejamento em particular está incluída atividade onde os alunos discutem questões sociais, bem como questões que dizem respeito ao mundo da escola de forma refletida?

Speaker 2: É assim, inevitavelmente há sempre, durante o ano, mesmo que a disciplina aparentemente - o português e francês, aparentemente isto não cabe. Aparentemente só.

Speaker 1: Imagine, cabe sim.

Speaker 2: Porque há sempre alguma coisa que desencadeia a conversa ou um texto ou interpretação de um texto, ou uma lenda, ou um texto dramático, há sempre alguma coisa que surge ali que eu aproveito para pegar justamente em questões sociais. Neste fim de semana, não viram o telejornal? Olha, o texto que nós estamos a canalizar até tem um ponto de contato com a notícia do domingo passado. No ano passado implementei na minha aula de português, eles tinham que trazer à segunda feira uma notícia de jornal que os tivesse marcado. Bastava que fosse o título e o subtítulo e dizer porque é que escolheram aquilo. Então todas as semanas havia alguém que trazia a notícia que o marcou e a razão pela qual escolheu àquela e não outra. Não podiam trazer coisas relacionadas com o futebol. Rs...

Speaker 1: Como se fala em futebol aqui, pelo amor...pensei que fosse só no Brasil

Speaker 2: Portanto eu assim matava dois coelhos. Usava a nível do português, a estrutura do texto etc., não é? E ao mesmo tempo pegava em cidadania, portanto pegava nas duas coisas. Eu não dava cidadania. Mas eles depois tinham que exprimir-se oralmente relativamente àquela notícia. Portanto, isso é uma especificidade da minha disciplina, mas ao mesmo tempo isto até desencadeava assunto de conversa e até opiniões...

Speaker 1: Participação política.

Speaker 2: Eu não fazia política na aula, mas não fazia só português, ou seja...

Speaker 1: Não é política, é participação política.

Speaker 2: Participação política e cívica um bocadinho.

Speaker 1: Nestas atividades os alunos discutem possibilidades de ação para mudar estas situações?

Speaker 2: Sim, sim, sim, não é tempo perdido.

Speaker 1: Pode citar um exemplo?

Speaker 2: Posso. Aconteceu na semana passada, numa aula de 9º ano Português. Estamos agora nestas primeiras aulas a tentar sossega-los relativamente à Covid e ao pânico que eles possam ter, etc. E eu arranjei uma maneira, eu tenho que trabalhar, como eu disse, a especificidade da minha disciplina, que é a expressão oral compreensão, escrita, gramática, etc., mas quando nós temos que nos exprimir, nós temos que falar de alguma coisa. Eu pensei assim, alto! Eu vou desencadear a expressão oral, mas, partindo de cartoons. E esses cartuns focavam especificamente aspectos negativos e positivos da Covid. Isso desencadeou forçosamente conversa que não tinha a ver com o português. O efeito da Covid na economia, nos mercados financeiros. Alguns alunos estão completamente out, não devem ver telejornais, não devem ver nada. Só devem ver jogos de vídeo e vigorosas e pouco mais. Não tem opinião sobre nada. Isso força-os a ter opinião e a ter uma posição e, portanto, isto é um exemplo a notícia que fiz no ano passado de trazer uma notícia para a aula e explicar porque é que a escolheram. Por que escolheste esta e não escolheste outra? Ah porque tenho na família e não sei que, tocou-me particularmente, porque não sei o que ah por várias razões. Isso às vezes gerava discussão ... mas acho que isso não é nada assim, na minha opinião porque portanto, alguns têm um posicionamento depois também não sabem muito defender esse posicionamento. Tem aqui depois de dar as ferramentas para eles argumentarem.

Speaker 1: Mas tudo isso é preparação para o futuro, não é?

Speaker 2: Sim...

Speaker 1: Lembrei de Hannah Arendt com relação aos negros não sei se tem um texto de Hannah Arendt sobre aquela discussão da escola com muitos alunos ou só de alunos negros nos EUA e Hannah Arendt crítica, tem um texto específico dela sobre, ela critica

E diz assim... a defesa da situação de ser negro, se a pessoa não sabia nem sequer falar. Então, como é que você vai defender sua posição de negro se você não sabe nem falar. E as escolas - aquela - estavam muito mais preocupadas, segundo ela, entendeu? E ela é muito criticada por isso. Ela causou uma polêmica. E, no final, a escola até tira ela e diz que foi através dela, da própria Arendt, que a escola conseguiu a visibilidade que queria. Mas a polêmica é mais ou menos isso, como é que essa coisa de falar de defender um ponto de vista é muito importante. E a escola pouco trabalha isso.

Speaker 2: Mas isso está muito no currículo, sabe?

Speaker 1: Sim, está.

Speaker 2: No meu currículo de português já existe desde o 7º ano, eu tenho que trabalhar isto com os meus alunos. Eu tenho que os pôr a defender um ponto de vista, argumentar e tanto na escrita como na oralidade organizar o discurso para passar a mensagem ao destinatário. Eu tenho que os ensinar a fazer isso. Ainda hoje dizia isto aos meus alunos. A função da escola, na nossa disciplina, eu não venho praqui pa pa pa pa. Vocês têm que trabalhar muito. Vocês trabalham mais do que eu. Tem que trabalhar mais do que eu. Eu tenho que usar as ferramentas e vocês têm que treinar. É isso que eu a fazer, estou tentando criar o aluno que seja capaz de um dia mais tarde defender um ponto de vista.

Speaker 1: Pois. Nesta escola, os alunos, em geral, formulam regras, direitos, deveres?

Speaker 2: Se eles são...

Speaker 1: E como é que se dá esta participação?

Speaker 2: Se eles são interventivos nisso?

Speaker 1: Se a escola os chama para participar de formulação de regras

Speaker 2: É educação cívica, na organização e na formulação de regras, não é?

Speaker 1: Essa é uma outra das competências que nós devemos desenvolver neles. Mas é preciso também que a escola crie estas oportunidades. Existe uma associação de

estudantes. Existe também um conselho geral e conselho geral em termos organizativos é o que está no topo da organização. Em geral tem ali representação de alunos. E o que é que se espera desta intervenção? Que o aluno seja ativo, que faça valer a sua opinião, porque ele é igual, ele é tão importante como o voto de um professor ou de um funcionário que está nesse conselho geral. Se é isso que acontece, não sei, não estou lá, mas eu acho que isso é um bocadinho... isso se desencadeia nem se faz com alunos do secundário. Isto tem que começar dos pequeninhos. Os pequeninhos já têm ... tem que trabalhar os miúdos pequeninhos.

Spaeaker1: Na escola lá onde eu trabalhei, o professor foi muito preocupado em formar essa associação de alunos.

Speaker 2: Existe a associação de alunos, mas parece-me que as associações de alunos não têm esse lado de intervenção na organização. Tem mais uma preocupação de festas, de organizar os torneios, portanto em termos de associativismo nós deveríamos e há tantos parceiros na cidade, que poderiam ajudar a ensiná-los, porque eles são uma associação. E em termos de associativismo não é só pensar em festas.

Speaker 1: A própria universidade, na formação da associação na escola, que não existia, a própria universidade, a USP, ajudou a montar a estratégia

Speaker 2: Exato, é porque assim eles também coitadinhos, não nascem ensinados. Portanto basicamente a ideia deles é - vamos organizar o torneio interturmas, vamos fazer a festa de Natal, vamos fazer as festas dos finalistas, portanto, em termos de ser interventivos na organização da própria instituição onde eu vivo não sei quantos anos, fazer-me ouvir, provavelmente sim, querem uma entrevista com o diretor mas quer dizer, dizer assim, isso existe, esta atividade existe, esta situação existe porque saiu da cabeça da associação, isso (não - movimento de cabeça).

Speaker 1: Que pena

Speaker 2: Ou as tutorias existem, a mentoria existe, porque quem está de fato a encabeçar isso é de fato um professor, mas se ele não tivesse a ajuda daquele fulano ...

Percebe, não tem essa, porque isso não é É assim, isso para mim tem que ser trabalhado desde pequeninhos, tem que se começar na pré. Por isso eu acho que o escotismo, eu acho que todos os miúdos deveriam passar pelo escotismo. Porque o escotismo desenvolve muito isso nos meninos.

Speaker 1: Ou no trabalho voluntário

Speaker 2: ou por exemplo trabalho voluntário, porque eles decidem em grupo, fazem propostas, decidem em grupo, são interventivos e é desde pequeninhos. Se nós conseguíssemos, nós temos uma ação no plano de melhoria que visa isso, só que infelizmente ela não se desenvolve, está no papel. Temos isso no primeiro ciclo, que uma das vertentes desta ação desenvolve justamente isso.... E começa desde pequenino.

Speaker 1: Incrível como há este bloqueio, não é?

Speaker 2: É difícil passar do papel para a prática.

Speaker 1: Por último gostaria que pensassem em termos ideais, sobre espaço físico professor, a relação entre os alunos, com os professores e funcionários, as aulas, as atividades que realizam em uma escola ideal e me respondesse. O que seria para você uma escola boa.

Speaker 2: Uma escola boa seria uma escola que desse resposta a cada aluno. Cada aluno tem seu projeto de vida e tem suas necessidades. Há os que vão crescer (?) e tem longo percurso pela frente e aqueles que simplesmente querem fazer o 12º ano ou fazer os 12 anos e acabou. Cada um tem o sucesso a sua medida. O sucesso educativo para mim pode não ser o mesmo que pra si. Uma escola boa seria uma escola que desse resposta a cada um. Fizesse um (?) à medida de cada um. Isso é muito complicado. Nós temos 20, 25, estamos preocupados com o programa, com o currículo e no fim do ano já dei tudo, eles não perceberam nada, mas eu já dei tudo. rs... Uma escola pra mim seria essa escola que...

Speaker 1: Relacionamentos, a relação professor aluno...

Speaker 2: O relacionamento, sim, o ser capaz de me relacionar com uma pessoa que é muito diferente de mim, mas eu sou capaz de estabelecer o diálogo. No fundo é um bocadinho a escola que os normativos querem criar. Quando olha para o perfil do aluno isso é top, quando conseguimos criar este perfil de aluno... rs era o ideal é o ideal aquilo, é o ideal. Portanto, sim, a escola seria essa escola que desse resposta a cada um, em função das necessidades de cada um.

Speaker 1: E espaços...

Speaker 2: Eu imaginava uma sala de aula do futuro, com computadores XPTÓ para cada um.

Speaker 1: Agora, passa para esta escola real e me diz uma coisa. Você considera que esta é uma boa escola?

Speaker 2: Depende. Depende do que é que estamos a falar.

Speaker 1: Da escola ideal que você mesma acabou de falar...

Speaker 2: Sim. Neste momento nós não damos...pra na minha realidade, pros alunos que eu tenho e do que eu vejo, de tantos conselhos de turma. Não estamos a dar resposta a cada um. Estamos a dar resposta a grupos de alunos. Por exemplo, estes estrangeiros. São miúdos que estão ali um pouquinho... contam com a boa vontade de alguns professores, com alguns que não tem com o que se preocupar...É assim, eles gostam os miúdos de estar cá. Se perguntar porque é que uma escola que não tem nenhuma condições em termos físicos e que ainda continua a ter alunos, então alguma coisa os atrai, não é? Portanto o espaço físico não é sempre que determina ter ou não alunos. É porque eles encontram aqui o relacionamento que têm com professores, estão satisfeitos com isto, na ajuda que os professores prestam também Nós fazemos, a equipe de avaliação interna fez um inquérito no ano passado e avisamos também sobre a satisfação dos pais e dos alunos relativamente a escola. Portanto, verbalmente eles estão satisfeitos com o serviço educativo que é prestado aqui.

Speaker 1: Você acha que eles confiam nos colegas, nos professores...

Speaker 2: Sim, senão não permaneciam tantos anos. O espaço físico não atrai, não é? Computadores não há, a tecnologia não existe, quer dizer, o que é que os atrai, então? É a relação interpessoal. É a conclusão a que eu chego.

Speaker 1: Terminamos. Foi ótimo, foi excelente, a melhor entrevista, muito obrigada.

Speaker 2: Hi, aprendi umas coisas.

Speaker 1: Não, é que remexe a cabecinha, não é?

Speaker 2: Sim, sim, e deu-me ideias...

E3 - 25/09/2020 - Diretor

Speaker 1: Olá bom dia. Tudo bem?

Speaker 2: Tudo! Bom dia! Como vai? Agradeço muito você colaborar comigo, ter me respondido prontamente, estar presente aqui comigo, isso para mim é um imenso prazer, uma satisfação muito grande. Porque você sabe que fazer pesquisa não é fácil,

Speaker 1: Nesta altura, mais complicado é.

Speaker 2: Então, como você viu eu perdi todo o período da quarentena, estou reiniciando agora...

Speaker 1: Vamos com calma... nós não comandamos esta coisa...

Speaker 2: Não comandamos nada, na verdade, não é ?

Speaker 1: Agora é que estamos a perceber isso.

Speaker 2: Você sabe, minha pesquisa é sobre o estudante imigrante e tenta identificar fatores que inibem ou favorecem o estudante na escola. Eu tenho como base os indicadores do Índice MIPEX, eu não sei se você conhece este índice. É um índice que mede as políticas de integração de imigrantes...

Speaker 1: O nome não me é estranho, mas conhecimento não tenho não.

Speaker 2: Pois então. Portugal tem uma pontuação muito boa neste índice, no índice geral é o segundo colocado. Neste índice que mede as políticas de integração em 38 países da OCDE e da EU e na educação os números de Portugal não são tão favoráveis. Então eu disse, vou fazer a minha pesquisa (porque trabalhei com estudantes imigrantes no Brasil e queria continuar com este tema aqui). Ai quando eu tomei conhecimento deste índice eu disse, vou toma-lo como base da pesquisa e vou tentar perceber no contexto de uma das escolas, como é que essas políticas estão funcionando e se é que estão funcionando, se estão atendendo, se não estão atendendo. Então a minha pesquisa é basicamente sobre isso.

Speaker 1: Muito bem.

Speaker 2: Tem uma metodologia que pretende ouvir professores, o diretor, alunos e pais.

Speaker 1: Muito bem.

Speaker 2: E a metodologia prevê no final um encontro para que eu mostre para vocês todos que participaram, os resultados. Se é que isso vai valer de alguma coisa...

Speaker 1: Claro que vai valer.

Speaker 2: Mas, eu acredito que sim. É sempre uma percepção que ajuda nos rumos da escola, não é? Bom...então minhas perguntas estão baseadas nas políticas, nos indicadores que medem as políticas. Então vamos a primeira. Com relação à chegada dos pais e estudantes imigrantes na escola. Tudo bem? Ah... esqueci de te dizer que mandei por e-mail o termo de consentimento porque eu preciso da sua autorização formal para gravar a entrevista e etc.

Speaker 1: Ah está bem. Mas isso, tem o consentimento todo já.

Speaker 2: Então a primeira pergunta diz respeito a chegada dos pais. A escola desenvolve algum programa, algumas linhas orientadoras para receber pais e alunos imigrantes?

Speaker 1: Ora bem, formalizada efetivamente não. Agora, ela acontece. Acontece sobretudo a cada inicio do ano escolar. Há uma pré-sinalização, porque sabemos quem são os alunos que são oriundos de outros países, portanto. E acabamos por desenvolver em trabalho colaborativo, um conjunto de ações preparatórias para acolhimento, primeiro com os pais e depois com os próprios alunos. O que é que acontece? Eu disse-lhe que não, por uma razão muito simples. Este agrupamento tem um problema, bom tem muitos problemas, mas não relativamente a este nível. É o seguinte. Agora está a haver um fluxo muito grande de migrantes. O que é que acontece? Nós estamos muito próximos aqui dos serviços da Região Norte e, durante o ano todo, nós somos bombardeados entre aspas, com pedidos de entradas de novos alunos, portanto. Ah, normalmente são alunos imigrantes e de famílias imigrantes que acabam de chegar a

Portugal e precisam de colocar os filhos na escola. E, portanto, não há um plano propriamente estruturado, o que acontece é que há uma recepção individualizada, caso a caso, até pelas situações de barreira linguística, não é? Nós podemos ser confrontados com pais que muitas vezes - sobretudo quando estamos a falar de alunos que sejam oriundos do Bangladesh, do Paquistão, da Índia. São alunos cujos pais não têm um nível de escolaridade alto, mesmo no domínio do inglês e, isso em termos práticos reduz a uma enorme dificuldade que nós temos, primeiro, temos que arranjar um intérprete português ou um intérprete bengali que fale a língua deles, o paquistanês, e que venha a servir de tradutor. Muitas vezes, estes próprios intérpretes, como têm aqui negócios, destas coisas de souvenirs, há muitas lojas de souvenirs e então o que eles sabem de português é muito básico, portanto aí há interferências e há ruídos na comunicação. Por incrível que pareça, depois a coisa começa a ser muito fácil, a partir do momento que começamos a trabalhar com os alunos. Isto é, não há grande dificuldade, digamos que ainda durante as duas primeiras semanas ou três primeiras semanas vão se adaptando ao sistema, mas depois não tenho tido eco de grandes dificuldades de adaptação dos alunos depois ao sistema português.

Speaker 2: Então você está me dizendo que não existe um programa formal, mas que tem funcionários que estão aptos a receber esses pais...

Speaker 1: Sim, sim.

Speaker 2: E quando não há, existe uma procura por pessoas que possam servir de intermediários nesta comunicação, não é isso?

Speaker 1: Sim, sim, mas o primeiro contato é sempre com os pais no sentido de esclarecer sobre o sistema ...

Speaker 2: Ah, sim... sobre o funcionamento do sistema educativo em Portugal, há uma preocupação de mostrar para eles, como funciona? Tem algum material que é entregue na primeira visita?

Speaker 1: Sim, sim, quando os alunos e os pais vão à escola, e também repare, há também um outro aspecto, que há um grande desfasamento entre imigrantes que vem para o primeiro ciclo e para a educação pré-escolar, e que vem para outros níveis de ensino, que são efetivamente um número muito menor. Então digamos que esta parte mais estruturada existe com os educadores e com os professores do primeiro ciclo. E é um contato muito personalizado em que as pessoas falam diretamente com os pais e há um esclarecimento, caso a caso, sobre como é a escola em Portugal, até porque, repare, passa muitas vezes por questões tão simples, como a própria alimentação dos alunos. Por exemplo, quando nós temos alunos muçulmanos que almoçam na escola, nós teremos que desde logo fazer a consciencialização para articular com o serviço de refeições para determinado tipo de convencionalismos que tem que haver na alimentação para aqueles meninos e, respeito por estas convenções. Isso acho que todos podemos. Também eu disse que nós fazíamos algum trabalho informal, mas eu vou falar assim de uma maneira ainda mimética. Digamos assim, falta-nos esta estruturação, porque às vezes é impossível ter uma estruturação tão pensada, porque nós lidamos com o imprevisto. Essa é um pouquinho como a Covid19...nós estamos a ver como as coisas evoluem, então nunca podemos programar, ter uma ideia muito concreta sobre aquilo que poderá existir. Portanto nós vamos enriquecendo nosso trabalho à medida que vamos sendo confrontados com situações novas. Não sei se sabe, nós no nosso agrupamento temos uma escola com referência à educação de adultos...

Speaker 2: Sei, você me disse...

Speaker 1: Temos cursos de Português para falantes de outras línguas. E temos montes de alunos que são migrantes. Alunos que estão em Erasmus, alunos que estão a fazer doutoramento, alunos que vêm para a construção civil, alunos que vêm para montar o negócio... E o que é que nós fazemos? Criamos uns momentos de interculturalidade, isto é, com música, com poesia oriunda de outros países, com atividades de partilha culinária, no sentido de

promovermos uma interação grande no âmbito deste curso e depois é divulgada, a sessão é feita normalmente à noite e é aberta, é uma sessão aberta, e é muito interessante, tivemos muita gente de pé. Olha, lembro-me que o ano passado, agora não houve por que a escola sede está em obras, mas há dois anos, portanto não neste ano que acabou, mas, no outro anterior, tínhamos representantes da América do Sul, das Honduras, do Panamá, da Venezuela...

Speaker 2: Uma feira das nações ...

Speaker 1: Mas era muito interessante, sabe, porque aprendemos muitos aspectos e depois acabamos por ver que há muito coisas que são comuns do que diferenças. Lá no fundo, no fundo, até no aspecto musical, nós vamos encontrar muitas coisas próximas a nós e isso acaba por ser interessante. Agora...

Speaker 2: Fala pra mim...

Speaker 1: De forma mais concreta, a resposta em termos educativos, é mais no primeiro ciclo, diretamente com os pais e feita pelos professores...

Speaker 2: Me diga sobre a matrícula, queria saber agora sobre a documentação da matrícula, que documentos são exigidos e se é feito algum processo seletivo, se há limitação de vagas ...

Speaker 1: Não fazemos nenhum processo seletivo para vagas. Normalmente os alunos que vem cá é porque não tiveram vaga em lugar algum. E os pais estão aflitos. E nós temos uma escola de porta aberta. Portanto o que é que nós fazemos? Há um conjunto de requisitos, o primeiro é o aluno ter um certificado de habilitações, do país de onde vem, há países com quem nós já temos, está na lei, protocolado um sistema de equivalências e há outros países com os quais nós não temos esse sistema de equivalências. Agora, enquanto não há uma definição concreta da equivalência, vamos supor, com o Brasil nós temos, com a Espanha temos, com muitos países da América do Sul temos, com muitos países africanos de expressão portuguesa como o Timor etc., mas, vamos supor que há países com os quais não há uma equivalência direta. O que é que nós fazemos? O aluno traz o seu certificado, normalmente ou vem com apostila do consulado deles cá ou do consulado de Portugal em um país O que é que nós fazemos? O aluno traz o seu certificado, normalmente ou vem com apostila do consulado deles cá ou do consulado de Portugal no país de onde eles são oriundos, se houver relações diplomáticas e se este país não constar dessa tabela de equivalências nós mandamos para Lisboa. Agora, o aluno vem para a escola ele é acolhido logo...

Speaker 2: Mesmo indocumentado?

Speaker 1: Mesmo indocumentado, fica condicional, no que aí é mesmo a teoria do achômetro. Em primeiro lugar vamos integra-lo naquilo que seria o mais provável de ele estar a frequentar cá. E depois há um trabalho dos diretores de turma que desde logo, primeiro, têm o reforço no português, no ensino de português.

Speaker 2: Vamos falar disso adiante.

Speaker 1: E o que é que acontece? O diretor de turma vai ver se, portanto, consegue perceber se há um desfasamento, por exemplo, há disciplinas em que é muito fácil ver isso. Em termos de secundário. Começa a saber o domínio de conteúdos para a matemática, física, na biologia e nas ciências exatas é muito fácil perceber qual o domínio para diagnosticar o nível que o aluno tem e, portanto, por aproximação, se tivermos que depois aí mudar para fazer a integração do aluno em um nível inferior ou superior, nós fazemos. Entretanto, às vezes, o processo é um bocadinho moroso e ele fica na turma.

Speaker 2: No geral ele fica no mesmo ano, no mesmo nível que ele estava na escola do seu país?

Speaker 1: Hamm, também depende e exatamente falou de um aspecto muito importante, porque nós recolhemos a informação também dos pais que nos dizem que ele andava em tal ano, nos termos deles, e nós vamos conhecendo, a maior parte dos países nós conhecemos e já temos essa parte. Nos casos em que não conhecemos o que é que nós fazemos vamos procurar

ver como é que o sistema de ensino nesses países. Temos verificado que há muita paridade internacional. Cada vez há mais convergência entre os sistemas de ensino no que diz respeito ao longo de anos de escolaridade. A questão da obrigatoriedade é que não, a obrigatoriedade é que não. Mas, a oferta, portanto, nós temos... vamos lá ver, uma coisa é a escolaridade obrigatória, certo?

Speaker 2: Hum, Hum.

Speaker 1: E a escolaridade obrigatória é sempre dispare, porque há países em que o número de anos é muito reduzido e há outros em que é muito elevado. Agora..., mas em termos de oferta para chegar à universidade para chegar ao ensino superior não poderá haver alguma outra situação, agora não estou concretamente a lembrar, mas até agora tem sido tem sido relativamente fácil nós conseguirmos essa integração aqui. Portanto nós vemos mais ou menos o ano em que o menino estava ou do aluno jovem estava no país dele e tentamos coloca-lo

Speaker 2: Ok.

Speaker 1: Evidentemente que a maior parte das vezes eu tenho que dizer, a bem da verdade, são os próprios pais que inicialmente, logo no primeiro contato, pedem para eles descerem. Pedem para que os alunos venham para um nível mais baixo, para depois...

Speaker 2: poderem acompanhar

Speaker 1: estar de forma mais harmoniosa com a própria escola. Sim, isso acontece.

Speaker 2: Agora, com relação ao critério de distribuição desses alunos pelas turmas. Como é que você organiza as turmas ... o agrupamento, as escolas ai do agrupamento? A tendência é uni-los ou separá-los? Concentrar ou distribuir?

Speaker 1: Nossa tendência é incluir os alunos irmãos ... nós não fazemos segregação. Vamos supor que mesmo ... vamos para um caso concreto.

Speaker 2: Mas se você tiver vários da mesma série, por exemplo, três angolanos da mesma série...

Speaker 1: Se forem do mesmo ano e do mesmo país, evidentemente que tenho que que colocá-los na mesma turma, até porque depois o trabalho é mais eficaz. Na gestão do Português, no ensino do português como língua não materna, é muito mais fácil se os alunos estiverem na mesma, na gestão do populismo do ensino do Português como Língua Não Materna é muito mais fácil os alunos estiverem todos na mesma, no mesmo o mesmo grupo.

Speaker 2. É compreensível.

Speaker 1: Mas nós não temos normalmente ... o que é que nos acontece? Quando acontece quando vem países. Quando é por país, aquilo que acontece muitas vezes a uma família, pode trazer muitos filhos, um número variável de filhos, mas que estão em anos de escolaridade diferentes. ...E aí se trata de o aluno ficar integrado em uma turma, muitas vezes sozinho, sozinho sendo aluno imigrante, mas integrado certamente no nosso sistema. Depois nós temos um projeto que é um projeto que se chama se chama Cyber escola...

Speaker 2: Sim. Vamos falar disso lá, lá, já sabemos, é o reforço da língua do PLNM,

Speaker 1: Sim.

Speaker 2: Já chego lá. Agora partimos agora para o segundo bloco de perguntas e esse bloco vai falar sobre os dois programas que a meu ver, as políticas mencionam lá nos resultados como sustentadores dos resultados de Portugal no Índice.

Speaker 1: Sim.

Speaker 2: O programa TEIP e o programa PLNM. Começando pelo TEIP. Com o programa TEIP aspectos locais assumiram ou deveriam assumir uma maior relevância na busca de soluções para os problemas educativos da comunidade de um determinado território. Então eu gostaria de saber quais são os principais programas educativos que o território digamos assim possui e como eles têm vindo sendo focados pelo programa especificamente pelo programa TEIP. Porque essa é a função do TEIP, trabalhar o sucesso do estudante. É então, quais seriam

os principais problemas que o programa enfrenta no agrupamento para atingir, enfrentar esses problemas que atrasam o desempenho?

Speaker 1: Muito bem. Em primeiro lugar nós estamos integrados no TEIP, num território de intervenção prioritária e é um território educativo que está em constante mudança, isto é, está a viver e a refletir digamos assim aquilo que tem sido o impacto em termos da mudança social e económica na zona envolvente à escola. Aquilo que tem sido o que quer dizer o que... que dentro da filosofia do TEIP, do nosso Agrupamento, aquilo que já foi prioridade, neste momento já não é prioridade porque já foi ultrapassado. E, portanto, nós vamos adaptando a nossa estratégia às necessidades que o agrupamento percebe. Por exemplo, uma das áreas era a área do absentismo e do abandono escolar. Inicialmente nós tínhamos uma taxa elevadíssima de alunos com um número grande, um número enorme de absentismo e sobretudo de taxas de abandono escolar, alunos que não completavam a escolaridade obrigatória que deveriam completar e, por essa razão exatamente porque nós estamos integrados no TEIP, nós priorizamos essa como uma das primeiras grandes ações a desenvolver e isso já foi estabilizado, os números são praticamente insignificantes, aquilo que acontece no agrupamento está perfeitamente identificado, são situações de famílias oriundas de países do leste da Europa que são cíclicas, portanto, vão e voltam, que os pais fazem trabalho sazonal aqui na Espanha na França e depois tem o período das férias e vão para a Bulgária ou para a Romênia, são sobretudo esses países. Mas são casos muito diminutos e muito concretos, e são eles, portanto, que acabam por não ser um abandono, porque a seguir eles voltam à escola. Pronto. E nós fazemos um acompanhamento com os pais. Houve uma enorme evolução a esse nível também. Isso para nós é algo de bastante satisfação, relativamente ao trabalho que a escola desenvolveu. Por quê? Porque os pais que até aqui olhavam para a escola sem nenhum tipo de interesse, neste momento avisam a escola, de antemão, sobre aquilo que vai acontecer e até mesmo para garantirem a matrícula do menino. E, portanto, nós temos essa situação clara. E é um caso muito, muito, muito reduzido de pessoas.

Speaker 2: Por enquanto, porque esta migração circular, a tendência é aumentar.

Speaker 1: Mas nesse caso nesse caso dos alunos romenos e búlgaros é o que nós temos aqui. Por que os outros, dos outros países acabam por ser fieis muito fiéis e não têm taxas de abandono escolar. Poderá haver um aluno que no momento ou outro, os pais retornam ao país de origem, mas é uma situação muito rara.

Speaker 2: Me fale um problema que o programa TEIP hoje tenta enfrentar.

Speaker 1: Aquilo que agora tem sido, nós estamos a focalizar a nossa ação, até por que houve esta mudança, é na questão da promoção do sucesso escolar. Portanto nós estamos a tentar cada vez mais, no âmbito do português e da matemática, elaboramos um plano de melhoria do agrupamento e aí elaboramos um conjunto de ações que vão ao encontro daquilo que são as nossas grandes preocupações e a nossa preocupação é agora, num outro nível. Isto antigamente era de segundo plano, que é a questão do sucesso escolar, na obtenção de melhores resultados. Por que? Se antigamente os alunos não vinham à escola era muito difícil estarmos preocupado com a questão dos resultados. Eles agora seguramente são muito mais leais e, portanto, há que elevar há que se elevar o nível de desempenho deles. Isso é um aspecto muito importante. Em segundo lugar, um outro aspecto é que aí a questão das famílias imigrantes tem uma tónica muito especial, que é um contato entre a escola e a família. Essa ponte é fundamental. E isso sim é um desafio que vai se prolongar sempre. Esse não vai ser cíclico.

Speaker 2: Isto está lá no plano de ação do TEIP.

Speaker 1: É um plano permanente, um compacto. O que é que nós temos? O programa TEIP prevê a contratação de técnicos e nós temos uma educadora social uma assistente social e uma psicóloga que desenvolvem muito trabalho a este nível. Não só na relação escola-família, como na relação entre as famílias e a sociedade portuguesa e diversos organismos da sociedade

portuguesa. Sei lá, quando eles têm dificuldades em ir à Segurança Social; quando têm dificuldade em ter acesso a determinadas questões organizacionais portuguesas, relativamente a organizações, ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Os nossos técnicos ajudam e fazem esse serviço à comunidade. Portanto são estes casos para nós neste momento são efetivamente o nosso foco de atenção. Como lhe disse, estamos em um plano de evolução e já estamos num outro patamar que aqui, há cinco anos, não existia. Nós neste momento temos uma animadora sociocultural, portanto, já estamos a passar para outro componente que é a ligação com as aprendizagens escolares e outras formas de expressão artística e cultural que nós não púnhamos nem sequer contemplava há cinco anos atrás nem sequer pensávamos nisso. O índice de problemas económicos e sociais era de tal maneira elevado que não nos permitia fazer isso. E estamos também a trabalhar na mediação escolar como formação generalizada de professores, que tem sido até através de um programa TEIP, da Universidade Lusófona e em parceria com a Católica também, que tem a ver com a mediação escolar. Isto é, nós estamos a criar equipas de mediadores escolares orientadas por professores, mas em que os alunos terão um papel fundamental e isto vai ter um aspecto importante na integração, por exemplo, de tudo que são minorias ou alunos migrantes ou pessoas que estejam um bocadinho à margem ou que se sintam à margem do sistema.

Speaker 2: Esses técnicos, eles fazem parte de algum programa de reforço escolar?

Speaker 1: Claro, estes técnicos estão previstos no Programa TEIP. Digamos, o governo...

Speaker 2: Sim, sim, mas eles fazem esse trabalho de reforço escolar?

Speaker 1: Fazem é claro, eles mais do que ninguém. Aliás, os alunos têm um gabinete de apoio multidisciplinar onde os alunos se dirigem, as famílias também, é um lugar das escolas e um dos pontos da escola com maior procura por parte dos alunos e das famílias...

Speaker 2: Seria um apoio complementar para alunos com dificuldades e tal?

Speaker 1: Não é ...

Speaker 2: Não, eu sei, é difícil para mim porque isso é uma coisa que eu estou vendo aqui acontecer, no meu país não existe. Mas eu entendo é um tipo de apoio, mas não necessariamente pedagógico, não é?

Speaker 1: Não é nada pedagógico. Porque elas são técnicas especializadas em determinadas áreas.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Sem evidentemente um conhecimento no contexto pedagógico. Agora são pessoas parecidas e que conseguem canalizar a sua ação ao nível da orientação dos alunos para a superação das suas próprias necessidades, mas também atuam no terreno. Por exemplo, a animadora sociocultural tem uma atuação pedagógica. Ela trabalha na escola, aliás vou lhe dizer que mesmo no contexto de pandemia, eu tenho evidências disso porque me mandavam, portanto, elas, entre outras coisas, tinham um clube da culinária e faziam aulas. Portanto, documentavam as atividades através de vídeo à distância, de culinária de pratos típicos. Os miúdos aderem muito. Elas têm essa relação pedagógica não é só uma margem meramente técnica. Sei lá, são momentos da celebração da escola.

Speaker 2: Elas falam vários idiomas, não? No sentido de isso ser facilitador para o imigrante...

Speaker 1: O, português o inglês e o espanhol, porque todos os portugueses acham que falam, mas eu acho que não porque não porque depois não conseguem falar com facilidade e, depois, o que conseguem sempre é ter uma abordagem esclarecida. Isto é, conseguem cooptar. Por exemplo quando se trata de países daqueles com quem nós temos muito pouca relação comercial e cultural elas conseguem sempre chegar, ou propiciar às famílias o acesso a interlocutores e isso é muito importante.

Speaker 2: Perfeito! Entendi o papel ...

Speaker 1: Fazermos um mata-mata como dizia o vosso Scolari.

À medida que as coisas vão surgindo preferencialmente numa rotina assim rápida.rs.

Speaker 2: Ora, deixa eu te falar uma coisa. Antes de te perguntar sobre os resultados da escola. Eu queria saber mais uma coisinha. Essa psicóloga que está na equipe...porque é assim... o que eu leio na literatura é que os alunos imigrantes deveriam ter um apoio psicológico diferenciado porque sofrem às vezes situações, muitos constrangimentos, são muito pequenos e estão enfrentando ali uma situação bastante pesada, às vezes para a idade que têm, etc. Pois então, e aí a literatura fala da necessidade desse apoio; que as escolas vêm dando mais apoio pedagógico do que apoio psicológico. Como o TEIP tem um psicólogo, voltado para esta melhoria do território e tal, eu pergunto. Tem uma ação específica deste psicólogo com o aluno imigrante, ou só quando ele demanda?

Speaker 1: Não no âmbito do TEIP, mas no âmbito do Plano Nacional de sucesso escolar, que nós alocamos um psicólogo e vai mais ao encontro dessas questões. Não é quando o aluno procura. Estes alunos muitas vezes entram neste tipo de acompanhamento e, falou de um aspecto que é realmente muito importante, a literatura fala, mas, nós não temos isso de forma estruturada e programada. Portanto, estas situações podem ocorrer e até ocorrem, mediante sinalizações. Muitas vezes até na observação direta, muitas vezes de pares, depende do nível de ensino. Portanto, muitas vezes é de pares de alunos, outras vezes de professores, funcionários, auxiliares da escola que fazem uma sinalização. E, depois, há um acompanhamento. E depois do conhecimento (?) eles trabalham colaborativa mente, sobretudo entre a assistente social, a educadora social e a psicóloga há um trabalho holístico, em conjunto, elas trabalham no mesmo espaço, lado a lado e conseguem ser muito mais proativas nesta questão. Agora efetivamente, dizer assim, ter um psicólogo para estes casos exclusivamente não têm.

Speaker 2: porque assim ...saber como eles estão, como chegaram, se eles estão com algum problema ...assim, um atendimento direto com esses alunos, não é?

Speaker 1: Nós, sabemos, nós acabamos por saber.

Speaker 2: Claro, claro...

Speaker 1: Tivemos aqui uma situação de uma aluna, de uma família paquistanesa que veio a mãe, o pai com dois filhos. E aconteceu o seguinte: olha isso parece até uma tragédia ao modo do fado português, mas só que na versão paquistanesa. O que é que aconteceu? Uma tragédia daquelas com grande impacto. O pai teve o acidente na construção civil e morreu. Ficou aquela mãe sozinha e ainda por cima temos uma sociedade que é muito patriarcal e pronto. A senhora ficou sozinha com os filhos, entretanto, acontece-lhe um problema de foro oncológico, que acabou também por falecer. Quer dizer, olha lá, quer dizer que foi a escola, neste caso concreto, que ajudou, que ajudou que ajudou a encontrar família que estava em Inglaterra, em articulação com a comunidade paquistanesa que existia aqui e foi de alguma maneira prestar naquele apoio, fora das atividades escolares. Eles normalmente têm um líder cá que ia monitorizando aquela família e ajudando a pagar o aluguel e durante aqueles cerca de dois meses em que eles ainda permaneceram nesta situação, sem qualquer tipo de background familiar, eles depois foram, veio o tio e levou-os, era tio direto dos miúdos, eles conheciam, ele estava completamente identificado nessa situação, portanto, a escola tende a fazer isso. Agora é como eu lhe digo, a escola não tem uma equipe estruturada, institucionalizada para estas coisas, mas tentamos chegar lá.

Speaker 2: Pois, e o resultado da escola? Como é que você avalia o resultado que os meninos estão tendo na escola em geral mesmo

Speaker 1: Em termos de desempenho escolar nós estamos numa situação de melhoria. Olhe, houve uma melhoria enorme onde temos dados e evidências. A melhoria significativa foi nas formas de comportamento e também da atitude deles relativamente a escola. Posso lhe dizer que este agrupamento começou em 2012 e os anos 2012, 2013 eu não desejo a ninguém, porque não havia dia nenhum em que não houvesse aqui a polícia, intervenção na escola e isso tudo. E

neste momento hoje já dá três anos que desta parte zero. A polícia vem cá fazer ações de prevenção quando é altura de saber sobre violência no namoro ou consumo de entorpecentes, mas, de resto mais nada. Tenho um ambiente calmo, nós temos muito mais escola ali e estamos muito tranquilos todos. E isto de alguma maneira teve impacto nas aprendizagens. A própria relação pedagógica entre todos os alunos melhorou substancialmente. Eu vou lhe dizer uma coisa, também a equipe de auto avaliação que vai fazendo alguma monitorização disto, e eu acho que os nossos alunos começaram, estão com atraso relativamente a muitas escolas deste país. Até porque este agrupamento de escolas não foi sequer intervencionado. Ao contrário das escolas do Porto todas que foram todas renovadas, esta está a ser renovada a escola sede. E isso trouxe logo muitos problemas, não é?

Speaker 2: É eu sei, eu estive ali quando você estava lidando com o problema das goteiras, da chuva interna...

Speaker 1: Agora a escola está vazia, as obras estão a avançar, eu acho que há um clima muito grande de otimismo e os alunos começam a ter muito mais consciência da importância da escola para o futuro deles. Olhe, nota-se isto mesmo neste contexto de pandemia. E eu, evidentemente, nesta situação, ia receber os alunos lá em baixo, na entrada da escola, com a solução de álcool e com uma máscara para usar e, posso lhe dizer, que os alunos foram exemplares. Não tenho um único aluno em que há situação de perturbação. E, até agora, que já vamos acabar agora a segunda semana desta história da reabertura das escolas. Portanto, a primeira semana da reabertura, faltam alguns dias da outra, até o momento as coisas têm corrido com normalidade. Não acho que o ambiente entre os alunos nem é demasiadamente à vontade e digamos assim inconsciente, mas também não é de pessoas que vivem aterrorizadas. É um ambiente de tranquilidade. Ver todos os alunos com máscaras, mantém as coisas, eu acho que isso é bom. Há promessas e houve impacto aí.

Speaker 2: Deixa eu lhe falar, o que o programa específico TEIP poderia fazer para ajudar o aluno migrante que ainda não faz?

Speaker 1: Olhe, em primeiro lugar o programa TEIP devia estar mais atualizado, relativamente ao contexto das migrações em Portugal. E aí que está completamente a zero. Porquê? Porque os fluxos migratórios são todos muito inconstantes e o programa TEIP deveria estar muito mais preparado para de alguma maneira conseguir alguma antecipação, se calhar até curta, dentro do tempo, porque estas coisas acontecem algumas vezes de forma imprevista...

Speaker 2: O movimento cresce nos últimos três últimos períodos escolares, não é, o movimento da imigração então a gente está falando de algo que é recente...

Speaker 1: Claro, e por isso deveria estar mais preparado e conferir mais atenção. Como deve saber Fátima nós em Portugal temos uma história que às vezes eu até lamento por aquilo que na comunicação social porque fico muito triste com isso porque assim, muitas vezes ouvimos o nosso primeiro ministro, parece bonzinho, não é? Ainda agora com a história da Grécia, de terem lá incendiado o campo. Ah! Portugal recebe. Quando foi com os sírios, Portugal recebe. Depois nós recebemos, as pessoas até vêm para cá, mas depois cá acabam por de alguma maneira tentar sempre seguir para outros lados. Não encontram aqui uma resposta cabal. Há casos de sucesso, eu também conheço pessoas que nunca mais iriam e nem querem sair daqui. Eu tenho alunos que nunca mais vão querer sair de cá e que gostam de estar aqui. Mas também sei que há muita gente que, entretanto, acabam por sair.

Também em termos de instalações eles acabam de sair de campos de refugiados metem-nos em pensões sem grandes condições, em Lisboa é uma coisa que acontece por demais e, portanto, a este nível, eu acho que o próprio programa TEIP deveria reinventar-se um pouquinho. Porque, se nós temos consciência de que há uma evolução, aquilo que era problema, já deixou de ser problema. Mas, entretanto, há novas situações que estão a chegar.

Speaker 2: Há novos problemas chegando, não é?

Speaker 1: São novos a chegar e aí eu acho que nós falhamos. Precisamos ter maior abertura e maior atenção e não pode ser só discurso, tem que ser da ação.

Speaker 2: Bom vamos falar rapidamente do programa TEIP (mencionado por engano querendo dizer PLNM), embora esse programa PLNM é o coração do meu trabalho, não é? Porque sem a língua não fazemos a mediação.

Speaker 1: O Português Língua Não Materna-PLNM

Speaker 2: PLNM. É difícil fazer essas perguntas para você, quando já as fiz para (outra professora), e ela me disse que ... bom, mas eu vou fazer-la. Você tem turmas de PLNM no seu Agrupamento?

Speaker 1: Não.

Speaker 2: Não. Não tem.

Speaker 1: Mas estamos a precisar...

Speaker 2: Pois então, esse programa, desde quando eu li o funcionamento dele nas normas de funcionamento do programa que estão aí disponíveis na internet, eu vi lá o número de alunos por turma, por nível. E eu disse, gente, isso aqui não vai nunca em lugar nenhum, num país pequeno como esse. Então isso aqui me parece que é para inglês ver, não é?

Speaker 1: É para inglês ver.

Speaker 2: Não é? Então poxa, quando eu me deparo com isso na escola, isso é gravíssimo, isso é gravíssimo...

Speaker 1: Muito.

Speaker 2: Porque é assim você vê muitos países europeus o país onde eu estive e onde eu fiz um pequeno período de intercâmbio que a Noruega tem uma preocupação com a formação na língua de instrução que é muito, muito desenvolvida né. O cara meio que faz aquela imersão ali na língua antes de ser colocado na sala de aula.

Speaker 1: Claro.

Speaker 2: E tem verba. E aí quando você lê a política portuguesa não tem verba destinada para isso. Poxa, eu fiquei muito chocada. Então eu queria te ouvir um pouquinho.

Speaker 1: É verdade.

Speaker 2: É verdade... um pouco sobre essas questões da língua; como é que o agrupamento enfrenta; o que você ouve dos professores; o que seria melhor; o que seria preciso, a formação desses professores para ensinar alunos que a língua não é a nativa; enfim, queria ouvir um pouco sobre tudo isso.

Speaker 1: Ok. Então, vamos lá.

Speaker 2: Efetivamente como disse, está no papel, na legislação, mas a legislação é impraticável. Nós não conseguimos por mais que tentemos. Em primeiro lugar logo pela própria organização em agrupamento. Vamos supor que eu até conseguia reunir um número de alunos. Vamos supor que a escola trabalhava tão bem que conseguia articular e tinha recursos humanos para identificar em níveis inequivocamente níveis de proficiência nos alunos. Quer dizer, o primeiro grande desafio é saber perceber qual o nível de proficiência dos alunos. E nós não temos recursos humanos especializados a esse nível para poderem fazer esse trabalho. Portanto é assim deveria haver dentro de escolas, da mesma forma que agora abriram por exemplo lugares para professores de Língua Gestual Portuguesa, há um professor de língua gestual portuguesa, devia existir um lugar para um professor de português como língua segunda, como língua estrangeira.

Speaker 1: E um homem que é um poliglota, ou uma mulher

Speaker 2: É claro! Tendo essa formação para ensinar português como língua estrangeira é muito diferente a ensinar português como língua materna. E o que é que acontece é que nós aqui vemo-nos muitas vezes confrontados, e o apoio que damos. Primeiro porque não temos uma turma junta que, se calhar, poderia ser até um laico motivo para as pessoas começarem a

organizar um trabalho mais consciente. Não. São situações de vai agora dar um apoio àquele, vai dar um apoio ao outro. Não existe um trabalho organizado, consistente e (?). O que é que acontece? Os nossos alunos de alguma maneira são apoiados por professores de português que têm competências enquanto falantes de português e professores de português como língua materna e não como língua estrangeira. E depois tem uma enorme dificuldade, é a minha maior preocupação, até passa a ser esta, têm muita, tem enorme dificuldade na seriação dos alunos ou na identificação dos alunos relativamente ao nível de proficiência porque isso compromete o futuro dos alunos. Porque a partir do momento que ultrapassa o B2 já passa a ser encarado como português. E agora, diga-me, muitas vezes isso é feito de ânimo muito leve.

Speaker 2: Ah, eu sou B2 em inglês e nem por isso sou

Speaker 1: Está a ver? Pois, mas o que é que acontece? Depois obrigam os alunos a fazerem os exames e as provas exatamente como os alunos portugueses.

Speaker 2: Exato. E aí você tem um problema de avaliação.

Speaker 1: Isto quer dizer o que? Quer dizer que efetivamente os professores não fizeram um bom trabalho por desconhecimento. Isto é, primeiro acompanharam o aluno em aula e não fizeram, não houve um trabalho exaustivo e variado dentro deste nível de proficiência, o mesmo acontecendo no A2. Houve muito mais uma situação (tom do telefone chamando) desculpe estão a ligar.... Atende aqui, está aqui o tele móvel (falando com uma funcionária que estava ao seu lado na sala). Peço desculpas. Tente falar mais baixo, por favor, que eu estou aqui... (voltando a falar com a funcionária). Portanto, o que é que acontece? Nós comprometemos os alunos, comprometemos a vida deles. Isso para mim ... é a pior coisa que pode acontecer é eu ter consciência disso. Por isso é que nós socorremos também, e temos essa semente já lançada há uns anos que é o programa da ciber. escola, que é muito curto, é muito rudimentar, não chega, que deveria ser um programa complementar e muitas vezes é quase que exclusivo. Para o aluno chinês aquilo é muito giro por que mexe com novas tecnologias; é muito interessante, mas (não) há uma relação pedagógica direta, próxima, como todos os alunos aprendem. A própria questão de podermos exercer a nossa atividade junto de alunos que não são falantes de português, mediante o nível de proficiência que estes alunos demonstram ter. O que é que acontece? Vou lhe pôr assim um caso muito prático. (Fala com a funcionária da escola e depois retoma). Acontece uma coisa simples, desabafo de professores. Opa, estou mal porque eu tenho um aluno, imagina, tenho lá um chinês e ele está sozinho, quer dizer, eu não consigo quer dizer, eu não consigo. Eu estou a tentar, estou a tentar arranjar material, mas é uma coisa que não é orientada que não tem consistência, é muito em função da iniciativa do professor. Ele não tem uma formação coesa e sustentada nem sequer faz trabalho colaborativo, porque evidentemente deveria ter. Numa cidade como Porto, que é a segunda cidade deste país, era muito importante que houvesse um núcleo significativo. Acho que há, são doze agrupamentos ou dezesseis, já não sei, mas que arranjassem pelo menos dezesseis pessoas, uma por cada agrupamento, que fizessem um trabalho em conjunto que definisse estratégias; compartilhassem problemas; partilhassem experiências e sobretudo tentassem encontrar soluções. Porque isto na atividade pedagógica há uma coisa que eu tenho muito clara, que é a seguinte: a receita não existe. Nós aprendemos muito, em primeiro lugar estivemos muito atentos àquilo que devemos fazer e quando refletimos sobre aquilo que viemos fazer. Vamos olhar para aquilo que está a ser feito numa escola e, dentro daquelas coisas, até posso achar muito interessante, mas podem não ter aplicação na minha. Mas, dali eu posso retirar coisas que eu tenho certeza que vão criar benefício para meus olhos. Por isso é que eu acho que é muito importante esta discussão e esta reflexão partilhada e o trabalho colaborativo, que é aquilo que não existe. Porque eu acho que o próprio Estado, vai fazer uma legislação para o caso do Português Língua Não Materna. Está tudo muito bem, a gente lê os despachos, mas não sai do papel. Porque depois efetivamente não deu o salto.

Speaker 2: Em nenhum agrupamento do Porto, do Norte, têm, não?

Speaker 1: Na verdade esta situação existe e conseguirá ver em Lisboa.

Speaker 2: Só, ou acho que lá no Algarve talvez...

Speaker 1: Não sei, do Algarve não tenho conhecimento, mas em Lisboa eu sei que sim. Sei que há porque conheço o agrupamento que tem a situação na zona de Sintra, por exemplo, tem agrupamentos com turmas criadas, aliás, até por níveis de proficiência, o que é muito bom.

Speaker 2: Bom, eu vou adiantar um pouquinho, senão não vou conseguir nem terminar o segundo bloco com você. Você pode continuar comigo mais um pouco porque nós já estamos em uma hora.

Speaker 1: 11:12. Ok, mais dez minutitos, 15, pode ser?

Speaker 2: Pode. Então vamos ver... Há na literatura e também no entendimento de formuladores de políticas de que seria importante que o aluno tivesse uma formação na sua língua materna para que ele pudesse melhor se desenvolver cognitivamente, etc. etc. Lá na política, quando você olha lá, Portugal diz que tem algumas escolas em que se oferece os cursos falados pelos imigrantes, entendeu? Fora do horário regular. No seu entendimento isto seria importante e você tem conhecimento que isso ocorreu em algum lugar deste planeta?

Speaker 2: Não. E olhe, está a me dar uma grande novidade. Agora, há uma coisa, eu tenho opinião sobre isso. E minha opinião é de que é determinante. Repare, o aluno migrante tem direito à sua dignidade como qualquer ser humano, tem direito à salvaguarda da sua cultura e, tem direito de qualquer que seja a geração, seja segunda ou terceira geração, a ter conhecimento profundo da sua cultura. Eu estou a lhe falar isso porque sou das pessoas revoltadas com aquilo que acontece com os portugueses que são imigrantes em França. A segunda e a terceira gerações de portugueses, o que é que nos acontece aqui em agosto? É que eu vou na rua, eu vou na rua e quando eu começo a ver senhoras e senhores apelarem aos meninos da primeira geração que falam mal em francês e a falarem com os filhos em francês, ou com os netos, sem terem qualquer preocupação, sem qualquer preocupação em lhes passar dados da cultura portuguesa. E, repare, estamos a dar um exemplo de França e até sei que em França há um oportunismo, que isto não é oportunidade, é oportunismo puro por parte de alguns portugueses que se vão inscrever em Português, na língua portuguesa, há escolas que oferecem o ensino da língua portuguesa, mas que eles vão vá exclusivamente por oportunismo, porque o pai é falante. Não é por interesse em conhecer o Português. Há uma desvalorização cultural. E isso a mim aqui agora transpondo as coisas para Portugal deixa-me profundamente desiludido com o meu país esta questão de nós de alguma maneira não promovermos uma boa integração de qualquer pessoa na nossa sociedade, evidentemente é, por um lado muni-la de conhecimento cultural linguístico sobre a sociedade em que a pessoa vai estar inserida, mas é também garantir que ela não vai cortar o cordão umbilical com as suas raízes. E nós, estas pessoas parecem que de um momento para outro e... não há... se descobrisse que há algo pensado, só se for com base em alguma ONG, porque boa parte do governo, muito sinceramente, não tenho conhecimento disso. Aliás até gostava ...

Speaker 2: Dizem que oferecem as salas de aula em finais de semana e isso foi averiguado, eu não li nada sobre.

Speaker 1: Olha eu acho que isso pode ser em uma ou outra escola de Lisboa em que possa acontecer, mas isso não pode ser paradigma de sucesso porque está lá, é a exceção da exceção, da exceção.

Speaker 2: Falou e disse agora.

Speaker 1: Eu acho que há uma preocupação do governo federal e do ministério e das entidades competentes relativamente à questão da inclusão. Quer dizer, nós estamos a avançar. Agora, o ritmo em que se vai avançando é um ritmo muito lento e ainda estamos muito herméticos relativamente a beber dos contributos que vêm das experiências que já foram comprovadas

noutros lugares e que poderiam ser úteis para o nosso próprio ritmo de aprendizagem relativamente a esta questão da integração e das migrações e dessa sensibilização de forma mais eficaz e eficiente e mais rápida ...

Speaker 2: O que se diz e o que eu tenho lido é que Portugal tem uma preocupação em integrar, mas não em incluir, não?

Speaker 1: Claro, é o que eu digo, exatamente... fazem... primeiro porque não há aquilo que é uma atividade que eu acho que é fundamental e, que só assim é que de alguma maneira nós poderemos salvaguardar ou perspectivar algum sucesso, que tem a ver com o esclarecimento das coisas para, mesmo no ato de integrar, a integração tem de ser esclarecida de forma que nós podemos chegar a um outro patamar que será o da inclusão definitiva. Ora isso não acontece porque não vale a pena estar a carregar de braços abertos...

Speaker 1: Pois, eu consigo a matrícula na escola e depois não consigo aprender o Português e aí é...

Speaker 1: Sabe o que eu acho, Fatima? Eu acho o seguinte: Eu acho que em Portugal o grande problema é que assim... eu vou lhe estabelecer uma analogia, se calhar, não sei se vou chocar ou não. Mas, pronto, é aquilo que eu penso, é aquilo que eu digo aqui diariamente, é a minha realidade neste agrupamento. Nós trabalhamos com montes de..., temos aqui algumas instituições de acolhimento, lares que funcionam em regime de internato, para alunos portugueses que são retirados das famílias. Eu não consigo perceber como é que o Estado, que é esta abstração enorme, retira meninos as famílias e os mete depois numa instituição. E, a partir do momento em que os mete numa instituição, lava as mãos. Isso é enganar duas vezes as pessoas. E eu acho que com os migrantes acontece um bocadinho a mesma coisa. Nós demos meio e depois as pessoas ficam completamente, por si só abandonadas ao sistema. E elas é que se tem que arranjar, maneira e modo de ...

Speaker 2: É um processo de assimilação, não? Muito forte, unilateral

Speaker 1: Isso não pode ser. Tem que manter sempre a reciprocidade e não houver abertura de mente, nós continuamos com teias de aranha e não vamos adiante.

Speaker 2: Eu acho que se você conversar comigo agora um pouquinho sobre a Educação para a cidadania, como está estruturada na escola, como faz parte do currículo, como ela tem tratado as questões da imigração, eu vou ficar feliz com a sua entrevista.

Speaker 1: Olha, nós estamos a fazer nosso trabalho de Educação para a Cidadania, temos a disciplina também a disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, essa tem andado aí em tudo quanto é noticiário por causa das crenças de muita gente. Eu acho que este agrupamento, aquilo que perde relativamente às paredes que tem e às estruturas físicas, ganha em agrupamento humano. É um agrupamento heterogêneo, eu tenho cá professores de todo tipo, mas eu acho que há uma consciência quase que, eu diria, a cem por cento e, que é algo que me deixa feliz, no sentido de tentar ir ao encontro daquilo que é a missão prevista para o agrupamento, isto é, formar, no máximo que pudermos, alunos que mais tarde consigam vislumbrar caminhos possíveis. E, por essa razão, nós ao nível da cidadania e da educação para a cidadania nós vamos por anos de escolaridade desenvolvendo temáticas, se calhar até com alguns inúmeros tropeções, mas conseguimos fazer isso em trabalho colaborativo. Obrigamos os professores, obrigamos entre aspas, mas, dizemos aos professores, damos horas aos professores para realizar um trabalho colaborativo para prepararem as temáticas que vão ser tratadas. Por exemplo, neste momento, todo o agrupamento, foi uma determinação minha, e aí foi unipessoal, à moda do ditador de outros tempos, foi com esta questão da Covid em todas as turmas do agrupamento. O ministério previu cinco semanas para consolidação das aprendizagens, mas, nós, das cinco semanas, vamos tirar uma semana, em todas as salas, para trabalhar a questão da saúde, a questão da informação sobre o que é isso do vírus, como é que se transmite, dos comportamentos de risco e a coisa está a ser desenvolvida. Por exemplo, nós somos um

agrupamento muito pouco xenófobo e isso também passa exatamente porque se faz trabalho a este nível, junto dos nossos alunos. Relativamente à questão da violência e sensibilização relativamente às questões da violência, há temáticas que são prioritárias entre nós, até porque muitos alunos provinham de contextos familiares complicados - a questão da violência de gênero, a questão da homossexualidade, a questão da educação financeira é muito importante porque nós temos também alunos que vêm de famílias que não têm bons modelos de gestão financeira em casa, famílias que estão em crise, portanto, uma boa gestão econômica. Isso é trabalhado no domínio da educação para a cidadania. Depois com esta história dos incêndios em Portugal, um fenómeno que nos preocupa muito. Está a haver também, este ano alargou o tema, com mais profundidade, para a educação ambiental que é muito importante. Uma terra, um país não pode queimar a sua própria terra. Não faz sentido nenhum eu estar de alguma maneira a para em primeiro lugar para a destruição daquilo que me é próximo e depois à escala planetária...

Speaker 2: Nem me fale sobre isso...

Speaker 1: Pois, eu sei que no Brasil a coisa está um bocadinho pior. E agora, estamos também, porque achamos que isso é muito importante, com duas outras questões que têm a ver, em primeiro lugar, com a circulação rodoviária, e a mais importante agora que tem sido a questão da tolerância. Como sabe, em Portugal estamos a entrar em desígnios populistas, está um bocado o contágio, nós estamos a fazer uma filtragem daquilo que falam os medias, daquilo que sai, nós estamos com algum receio relativamente à questão da intolerância e, portanto, o agrupamento tem feito isto de forma concertada. Algumas das temáticas vão em fase ainda da experimentação, portanto estão em vários status. Vão em fase de experimentação, outras já de consolidação com pessoas cada vez ... e outras ainda de projeção em que as pessoas já ultrapassam, já têm as coisas devidamente assentes e já conseguem criar maior autonomia e maior dinamismo dos nossos alunos. Mas é como lhe digo. Se me perguntar assim o que mais o deixou orgulhoso relativamente ao seu agrupamento, eu digo que são as pessoas. Eu acho que ainda ontem fui a uma turma, por acaso foi muito engraçado, eles reclamaram por causa da falta, tinham mandado um documento a dizer que não voltavam a entrar naquela sala se o funcionário não fossem desinfetar convenientemente a sala. E eu achei aquilo muito bem e fui lá falar com eles, estive uma hora lá a falar com eles. Depois explicamos que eles tinham a sua quota parte de responsabilidade nomeadamente ter cuidados também, tinham que redobrar determinado tipo de cuidados, mas que tinham todas as razões. Eles no início até achavam que eu ia lá passar-lhes um sermão daqueles e eu disse, sabe o que é que eu mais gosto aqui? Vocês podiam ser uns beatinhos, poderiam ser meninos com muito boas notas, alunos do melhor que existem em termos nacionais, mas eu prefiro como vocês são, porque são autênticos e porque são pessoas. Como vocês são autênticos são pessoas. E, tudo aquilo que eu puder fazer para garantir a vossa segurança o vosso bem-estar podem ter a certeza que este compromisso têm. Por isso eu tenho que vos ouvir e vim cá para vos ouvir. Os miúdos se dirigiram até a isso e eu acho que têm uma questão muito importante. Têm uma alma grande; podem não ter muito dinheiro; podem ter pobreza, podem não ter acompanhamento e muitos deles é na escola que até recolhem e bebem muitas coisas que deviam recolher no contexto das famílias e por isso nós estamos muito atentos a esta questão. Também não ou puxar (?), mas isso eu tenho que lhe dizer relativamente a este agrupamento é que esses alunos que vêm das instituições, todos os anos chegam ao mês de agosto e tem pedidos a não sei quantos colégios e internatos, esses alunos são sempre os primeiros a entrar. Olha, pode não haver vaga para mais ninguém. Esses são sempre os primeiros a entrar aqui na escola porque eu acho que a escola tem essa obrigação.

Speaker 2: Eu tenho ouvido alguns pais e me falam que é a única escola que tinha vaga para o brasileiro era a sua. Então me diz uma coisa, espaço físico, professores relações entre alunos,

entre alunos professores entre professores funcionários entre todos vocês que aí trabalham e estudam. Essa é uma escola boa?

Speaker 1: Eu acho que é uma escola a melhorar ou melhorando. Não é uma escola boa porque, repara, eu nem gosto disso. Eu acho boas são as pessoas autênticas, que bons são os alunos que nós temos. A escola, aliás, nunca se deve acomodar, se calhar, a este conceito. É muito melhor sempre nos termos nós sempre, por exemplo, eu sou diretor de agrupamento...

Speaker 2: Porque seremos bons em umas coisas e não seremos em outras com certeza.

Speaker 1: Claro! Nós temos que ter sempre o desafio de tentar melhorar e refazer nossas imperfeições. Portanto esta não é uma escola boa. Agora posso lhe dizer uma coisa, é uma escola onde as pessoas trabalham dentro de um conceito muito amplo. Uma escola evidentemente é um microcosmo com muita gente, mas nós conseguimos, temos aqui pessoas muito voluntariosa que trabalham a sério, que levam a sério a sua profissão, que estão atentas relativamente aos alunos. Agora, que ao longo de todos os dias cometem inúmeras imperfeições, aí não tenha dúvida. Eu não tenho dúvidas nenhuma para reconhecer isso e a dizer isso, que é a nossa realidade.

Speaker 2: Eu tenho uma impressão muito boa do agrupamento porque sempre fui bem recebida.

Speaker 1: Olhe, nós somos uma escola aberta e transparente, bem, ninguém vem cá a pensar que vai encontrar aqui a escola toda de nível tal e depois sai daqui completamente desfraldada. Isso não acontece. A escola é aquilo que se mostra. Portanto, é também um valor que nós cultivamos e temos até no nosso está no próprio projeto educativo que é a questão da transparência, dos processos e dos procedimentos. E a transparência, evidentemente, que implica o lado bom e o lado mau, é o meio transparente, né, passa a ser aqui uma escola dissimulada que nós, evidentemente, pronto, tentamos corrigir e estamos todos muito atentos aos aspectos... às vezes há dias, como ainda ontem à tarde estava aqui a falar com uma das minhas colegas, dizia assim - Parece que nos cai tudo em cima. A gente pensa que já está a resolver um ou que acabou por resolver um problema e já está o outro a cair, pois é, as escolas são assim.

Speaker 2: Isso em qualquer trabalho, não é? Eu trabalhei trinta anos, 20 deles em uma única empresa e, todo dia era muito mais do que a gente podia fazer.

Speaker 1: Faz parte dos desafios do nosso dia a dia, não é? É importante...

Speaker 2: O diretor, a professora X têm me ajudado muito no contato com os professores, nessa primeira fase da minha retomada com a escola. Porque depois daquela nossa primeiríssima conversa...

Speaker 1: Sim, sim eu sei...

Speaker 2: Agora você lembrou de mim, não é?

Speaker 1: Sim

Speaker 2: daquela nossa primeiríssima conversa eu fiz um ano de matérias, não me envolvi com o projeto...

Speaker 1: Depois quando me falou da (?) aí eu pau... tenho isso claro. Eu contato com muita gente, às vezes...

Speaker 2: Agora, minha segunda fase eu estou quase terminando as entrevistas com as professoras, a professora X ficou de conversar mais um pouco comigo, porque ela fala pra caramba ...

Speaker 1: É como o diretor Rs

Speaker 2: Ela fez pela metade comigo e aí ela tinha um período curto e eu vou falar com ela de novo, falei com a professora X, já agendei com Y, professora Z de Educação para a Cidadania que eu queria ouvir, enfim, está tudo correndo bem com as professoras, agora minha

segunda etapa seria conversar com os pais de alunos e depois com os alunos, a terceira etapa seria os alunos, não é?

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: Então, se você puder, tiver algum contato estreito com algum pai que pudesse colaborar comigo, eu agradeceria.

Speaker 1: Nós temos o presidente da associação de pais ... ele será um bom elemento

Speaker 2: Fernando Barbosa

Speaker 1: Está muito envolvido relativamente a questão da escola, muito interessado relativamente ao agrupamento.

Speaker 1: Mas ele é pai de imigrante, não?

Speaker 2: Não. Não é pai de imigrantes, mas eu posso tentar arranjar alguém que seja pai de imigrante.

Speaker 1: Eu acho que a professora X vai me ajudar também, mas...

Speaker 2: A professora X também ajuda nisso porque ela está mais, tem uma área de trabalho mais direcionada pra essas coisas. Eu acho que não vai ter dificuldade.

Speaker 2: Tá bom, então era isso, professor, muito obrigada

Speaker 1: Não tem nada que agradecer, estamos aqui pra isso

Speaker 2: Muito mesmo, quero saber ai se concorda em participar da última reunião onde eu vou apresentar, vou apresentar para a escola

Speaker 1: Sim, claro!

Speaker 2: E tentar reunir todas as pessoas que eu entrevistei pra dar um retorno.

Speaker 1: Muito bem.

Speaker 2: Então é isso, continuo trabalhando como uma maluca aqui, escrevendo e transcrevendo entrevistas Rs

Speaker 1: É muito trabalho

Speaker 2: Mas agora com mais tranquilidade porque eu vou ter que fazer mais um ano mesmo. Eu deveria terminar esse semestre, mas com a pandemia, não fiz as entrevistas

Speaker 1: A pandemia veio a condicionar a vida de toda a gente

Speaker 2: Então tá bom. Muito obrigada.

Speaker 1: Qualquer coisa disponha, está bem?

Speaker 2: Agradeço demais, demais mesmo, vocês todos.

Speaker 1: Não tem nada que agradecer, estamos aqui, gostamos até destas coisas, por isso disponha mesmo. Está bem?

Speaker 2: Obrigada, obrigada, um abraço. Tchau, tchau.

Speaker 1: Um abraço, até.

E4 - 06/10/2020 - Professora Geografia/Cidadania e Desenvolvimento

Speaker1: Bom, estão eu vou começar, apesar de você trabalhar especificamente na educação para a cidadania ou na geografia, eu vou fazer algumas perguntas para saber se você conhece o funcionamento e como foi desenvolvido o programa TEIP aqui na escola.

Speaker 2: É assim, estou cá há três anos, portanto, nós temos realmente. Um programa que atenda às necessidades dos alunos nas diferentes áreas nomeadamente até a nível económico, mas concretamente estas a me perguntar ações desenvolvidas...

Speaker 1: É, como ele foi desenvolvido o programa na escola, quanto tempo tem funcionamento, como ele funciona, quais são as atividades que estão previstas dentro dele... mas não é preciso ficar inibida se você não...

Speaker 2: Não... tem que pensar um bocadinho porque nós temos vários campos de ação temos equipas por exemplo temos uma equipa multidisciplinar que está muito atenta e faz a ponte por exemplo com a segurança social e, portanto, com situações de risco, situações comportamentais, situações complicadas a nível parental, elas têm uma atuação mais próxima de acompanhamento das famílias...

Speaker 1: E essa equipe é específica do programa ... por ser TEIP a escola tem esta equipe.

Speaker 2: Exatamente. Essa é uma das, depois temos tutorias para quando os meninos têm, evidenciam algumas retenções ao longo dos anos letivos. Temos também, há uma tutoria específica quando a retenção já contabiliza dois anos e depois temos outro apoio quando eles evidenciam dificuldades.

Speaker 1: São preventivas.

Speaker2: Exato. De acompanhamento, na tentativa de terem um suporte extra para ultrapassarem algumas barreiras

Speaker 1: Isso é do programa TEIP? O reforço escolar?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: O reforço escolar?

Speaker 2: Eu penso que não. Eu não sei responder isso, sinceramente. Eu penso ... porque eu estive em outras escolas não TEIPs em que isso não existia. Portanto, eu deduzo que seja dentro do programa TEIP

Speaker 1: Como é um programa para o sucesso escolar, ele deveria ter alguma atividade sobre isso, mas como eu não sou daqui eu fico especulando e tentando saber.

Speaker 2: Eu confesso que só por comparação com outras escolas não TEIP de intervenção não prioritária, porque esta é uma delas, isso não existia. Portanto eu deduzo que haja esta ligação direta.

Speaker 1: E você sabe quais as dificuldades que tem sido mais presente para um aluno imigrante? Tem observado alguma coisa?

Speaker 2: Eu neste momento tenho uma situação na minha direção de turma de uma menina marroquina. Ela ano passado veio para Portugal já tardiamente, portanto já o ano letivo estava a decorrer. Entretanto houve a situação da pandemia e toda a gente teve aulas à distância. O acompanhamento foi feito, mas, com muitas lacunas e, com muitas dificuldades, não é? Porque é uma menina que não falava nadinha de português. Hoje, atualmente, este ano letivo, no início eu estava muito receosa porque eu falei com ela e ela não respondia em língua absolutamente nenhuma. Mas, entretanto, esteve cá com a mãe e o irmão e o irmão frequentou esta escola fala bem português percebe bem português e, portanto, eu expus a minha situação o meu receio.

Speaker 1: Ele veio antes que ela?

Speaker 2: Ele veio com ela na reunião com os encarregados da educação e depois ficou no final ...

Speaker 1: Mas, ele já está em Portugal há mais tempo?

Speaker 2: Ele já tem mais tempo. Ele estudou nesta escola, é já é um adulto, um jovem adulto e foi a ponte para a menina começar a conversar um bocadinho mais, já vem a ter comigo e diz-me olá e bom dia... e mesmo nas aulas já há algum esforço e alguma manifestação de integração, contudo estamos a tratar, de ver ao nível do apoio da língua portuguesa da língua não materna o que é que poderemos fazer.

Speaker 1: Mas ainda dentro do programa TEIP você acredita que poderia haver algo que pudesse melhor ajudar os alunos de fora? Dentro do programa, dentro dessa ideia do reforço, do apoio para o sucesso.

Speaker 2: Uma coisa que seria transversal e que iria ajudar-nos a todos e em relação a todos os alunos independentemente da sua nacionalidade era nós termos equipamentos informáticos que funcionassem efetivamente. Nós temos algumas dificuldades. Vamos dar aula, não sabemos se naquela sala o computador vai resolver falhar, se o vídeo projetor funciona, não funciona, se a imagem é de qualidade. Temos falta de ... aqui temos estoques nas salas de aula não. Muitas vezes os alunos não estão a ver o que eu estou escrevendo no quadro, portanto em termos de recursos materiais. Aqui temos (? Usa uma palavra que não compreendi para se referir a persianas, cortinas), nas salas de aula não. Muitas vezes os alunos não estão a ver o que eu estou a escrever no quadro, portanto, em termos de recursos materiais? Temos aqui muitas dificuldades, muitas falhas e que seriam muito úteis e vantajosas efetivamente no sucesso das salas, não é? .

Speaker 1: Muito bem. Então digamos assim que não há recursos suficientes, né?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Faltam alguns recursos.

Speaker 2: Faltam.

Speaker 1: E agora sobre suas impressões do PLNM

Speaker 2: Português Língua Não Materna

Speaker 1: Isso, se o programa existe nas escolas, como foi desenvolvido, como funciona ...

Speaker 2: Eu este ano não lhe sei dizer nada ainda sobre esse assunto, porque estamos muito no início. Mas, até agora, portanto, nos anos anteriores tem funcionado. E há uma equipa, a Professora X, com quem já teve a oportunidade de conversar, ela é uma das pessoas que está ligada ao projeto TEIP e, portanto, também ao programa de Português Língua Não Materna e desenvolvem. E há também a ciber escola que no fundo utiliza a internet para trabalhar a língua portuguesa especificamente para os meninos de português de língua não materna. Isso eu sei que tem funcionado. Estamos agora a tentar perceber quais são os meninos que ainda não estão integrados nomeadamente a (minha aluna) não estava integrada. Iremos aplicar-lhe o teste de proficiência para perceber em que nível então é que vamos integrá-la, para ela também se beneficie deste apoio.

Speaker 1: Hã, hã (afirmativamente). O programa PLNM, ele prevê a formação de turmas específicas no português para esses alunos, seriado, por nível de proficiência, não é?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E me parece que isso não funciona assim aqui.

Speaker 2: Eu penso que, segundo a última conversa que tive com a Professora X ela me disse que este ano não estava a funcionar. Eu não sei porque. Ela é a melhor pessoa para lhe responder sobre isso.

Speaker 1: Tá bom. Já conversei com ela sobre isso. O programa precisa de 10 alunos, legalmente, em cada nível para formar uma turma. E ela nunca consegue formar uma turma.

Speaker 2: Então pronto. Está aí a explicação.

Speaker 1: Então legalmente não funciona. Então o que ela faz é apoiar os professores, porque parece-me que ela é a única que tem formação em PLNM.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Eu acho que ela é a única que tem uma formação mais específica, então as pessoas recorrem a ela e ela vai suportando na maneira em que ela pode, não é? Então esse programa é fogo, viu?

Speaker 2: É. Esse condicionalismo acaba por não deixar que ele aconteça. Eu não sabia porque, você agora falou

Speaker 1: Mas, ela me disse que isso poderia integrar um plano de melhoria da escola, e eu gostei muito desta fala dela. Mas, não há, segundo ela, uma necessidade entendeu? Se a necessidade fosse demonstrada de fato, já estaria no plano e deveria já estar no plano. Porém há que se observar o seguinte - o crescimento do número de alunos imigrantes, ele é recente em Portugal pelo que eu estudei nos números, nas estatísticas.

Speaker 2: Sim.

São os dois últimos períodos escolares que têm um acréscimo de alunos de outros países. O percentual de alunos imigrantes aumenta. Como esse percentual sempre foi baixo, não é? Em Portugal especificamente, então, quer dizer, o crescimento nessa sala, naquela sala, não está ainda representando muita coisa.

Speaker 2: Certo.

Speaker 1: Porque por exemplo em São Paulo eu trabalhava numa sala que tinha 20 alunos imigrantes, bolivianos, sul americanos e etc. que não percebiam nada. Falavam espanhol, mas você pensa que o espanhol ...nem você entende eles, nem eles a você. Então é isso, eu fiquei muito decepcionada ao saber disso, que não tem possibilidade de cursar o PLNM em qualquer situação. Nem que isso fosse fora da sala de aula, mas que isso se formasse pela prefeitura, se reunissem e mandassem lá os meninos no contra turno, alguma coisa, mas, ... isso me deixou muito chocada.

Speaker 2: E este ano particularmente eu penso que ainda é pior. Porque os alunos passam muitas horas aqui na escola, atendendo ao fato de que tentamos a evitar um aglomerado no mesmo momento, portanto separou-se aqui o segundo ciclo do sétimo, evita que estejam todos, mas é impossível. Há momento em que estão cá não diria as turmas todas, mas quase e, portanto, isso acaba por sobrecarregar também os horários. Os horários dos meninos estendem-se até às seis e meia, dos meninos, aos domingos estendendo se até às 18:30, 18:20 às 18:30. Portanto eles estão cá o dia todo. É muito complicado. Isto é muito cansativo, pra eles e pra nós. Eles são a nossa prioridade, não é?

Speaker 1: Muito bem. Vamos deixar o programa da língua para trás. Então, agora eu tenho um novo conjunto de indicadores. Eu fiz aquelas perguntas específicas sobre os programas antes, mas este aqui é "Novas Oportunidades", é um conjunto de indicadores no índice.

Speaker 2: OK.

Speaker 1: Então esse conjunto de questões fala sobre a presença de alunos imigrantes, oportunidades que a presença do aluno imigrante pode trazer para a escola. A primeira delas está relacionada ao aprendizado de idiomas falados pelo imigrante.

Speaker 2: Certo.

Speaker 1: Gostaria então de lhe perguntar se a escola oferta o ensino de línguas de algum idioma falado pelos alunos imigrantes, dentro ou fora do período regular. Isso aqui é o seguinte...

Speaker 2: Isso posso lhe dizer que não. Porque nós temos o inglês, o francês e o espanhol. Isso é transversal ao país. Faz parte do currículo estas três línguas para além do português, não é? Portanto, se nós tivermos aqui um menino italiano não há oferta de italiano para.

Speaker 1: É... porque existe lá um item no índice que diz que Portugal oferta em horários alternativos tipo aos finais de semana as salas de aulas das escolas para que se organizem cursos da língua materna. Porque compreende-se que falar a língua materna ajuda o cognitivo ...

Speaker 2: E na própria integração, a sentirem se mais apoiados ...

Speaker 1: No seu entendimento, seria importante que o aluno frequentasse um curso para aprender a língua materna e por que?

Speaker 2: Penso que isso tem a ver com uma questão de identidade. Nós devemos percorrer o mundo inteiro, mas penso que não devemos perder a nossa identidade, as nossas raízes para que no futuro não se perca a história também, não é? .

Speaker 1: Você considera que esse tipo de aprendizado interessa ou poderia interessar também a outros alunos?

Speaker 2: a outros alunos?

Speaker 1: Por exemplo, um curso de chinês, aqui, ou de mandarim, perdão rs

Speaker 2: Nós temos muitos alunos chineses.

Speaker 1: Se tivéssemos um curso de mandarim, você acha que os portugueses se interessariam em falar mandarim? Pode ser?

Speaker 2: Eu penso que sim. Os miúdos, sendo estimulados, acabam por revelar interesse. Aliás, eles em contato com esses alunos acabam por aprender algumas palavras, algumas não muito recomendáveis, não é? Rs. Assim, o olá, o bom dia, o muito obrigado, eles sabem isso tudo. Aprendem com eles, portanto eu acho isso uma mais valia, sem dúvida, e poderia ser interessante.

Speaker 1: Em termos de aprendizado da cultura imigrante - não do idioma, da cultura - qual tem sido a postura da escola?

Speaker 2: Em termos de atividade concreta relativamente a buscar isto, só se for em contexto de sala de aula. E falo disso com professora de geografia, quando falo dos fatores de identidade quando dou diversidade cultural, quando falo da diferença em gastronomia por esses países fora eu trago esses alunos para a aula e peço que nos contem um bocadinho de história da vida deles no país de origem. Portanto isso é um contributo que pode ser muito útil. Se nós aqui fazermos alguma coisa.

Speaker 1: projeto, alguma atividade dentro, fora do horário ...

Speaker 2: Desconheço.

Speaker 1: Como as matrículas nas escolas de Portugal estão condicionadas à área de residência do aluno, não é possível adotar procedimentos para conter a segregação. Como remanejar estudantes imigrantes de escolas com maior número deles para outras que possuam menos número. Então o que acontece é um acúmulo de pessoas no mesmo estabelecimento.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: No seu entendimento, esta é uma escola segregada por tem um número elevado de imigrantes ou ainda por alguma outra razão?

Speaker 2: Não considero!

Speaker 1: Ok. Outro procedimento no sentido de conter a segregação, seria o de que escolas com poucos imigrantes se liguem a escolas com muitos imigrantes

Speaker 2: Sim isto seria interessante

Speaker 1: e vice-versa, em atividades curriculares e extracurriculares.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Como você vê esse tipo de iniciativa?

Speaker 2: Eu acho que para além de ser interessante e, nós também podemos até conhecer um bocadinho mais, para eles, se calhar talvez ajudasse também na questão da integração, quer a nível escolar, quer mesmo a nível da comunidade. Esse é meu ponto de vista.

Speaker 1: No seu entendimento seriam efetivas, claro né? Seriam. E quais seriam as facilidades ou impedimentos de fazer isso?

Speaker 2: Facilidades é realmente existir número de imigrantes que permite fazer isso, portanto, então, em termos de recursos humanos, eles existem. As únicas coisas que poderiam

talvez ser difíceis era a nível de espaços físicos que estivessem abertos a acolher esse tipo de atividade. Mas se fosse interno de escolas, seria possível.

Speaker 1: Tem uma proximidade entre as escolas? Speaker 2: Sim, temos alguma proximidade, temos algumas escolas aqui à volta. Mesmo os próprios agrupamentos têm várias escolas, desde as primárias até as secundárias.

Speaker 1: Dentro do próprio agrupamento.

Speaker 2: São várias escolas, várias faixas etárias e ainda poderíamos agregar as universidades, não é?

Speaker 1: As o que?

Speaker 2: As universidades, as faculdades, os alunos universitários, não é? São várias faixas etárias, portanto, poderia ser dos mais pequeninos até os mais adultos.

Speaker 1: Mas você diz os secundaristas?

Speaker 2: Para além do secundário, portanto a faculdade. Como é que se diz isto?

Speaker 1: Mas o agrupamento não tem faculdade...

Speaker 2: Não, sei. Mas em termos de comunidade.

Speaker 1: Ah, da comunidade, sim, pois, você já foi mais longe do que eu. Eu estou pensando nas escolas do mesmo nível, né? A escola tem desenvolvido ações para aproximar alunos, pais e comunidades migrantes?

Speaker 2: Não percebi.

Speaker 1: Se a escola tem desenvolvido ações para aproximar alunos, pais e comunidades migrantes? .

Speaker 2: Atividades concretas (sinal de cabeça que não)

Speaker 1: Então você pode dizer que não por parte da escola nenhuma iniciativa no sentido de chamar pais imigrantes para participar da administração da escola ou de se envolver com as atividades escolares?

Speaker 2: A única ação que é transversal é efetivamente que cada turma tem que ter dois representantes encarregados de educação e que todos fazem parte da Associação de Pais. E sendo imigrantes ou não podem efetivamente participar.

Speaker 1: Como é? Então explica melhor explica que isso eu não sei.

Speaker 2: A associação de pais resulta de um conjunto de pais que são os representantes de cada turma. Tem uma direção de turma.

Speaker 1: Dois por turma ...

Speaker 2: Dois por turma, exatamente. Pronto, e depois 2 por turma nesta escola, dá não sei quantos pais, não é? E há uma associação de pais que se dedica a lutar pelos direitos e até algum apoio às escolas, se for possível. Eu andava na Associação de Pais quando minha filha andava na escola primária e todos os pais contribuía da maneira que podiam. Nomeadamente a questão que lhe falei há pouco de não temos nem (? - querendo dizer persianas) nem cortinas em algumas salas. Também havia esse problema. E houve pais que conheciam empresários de indústrias têxtil e arranjaram os tecidos, outros cortaram, coseram, outros foram lá aplicar... coisas muito concretas, não é? A associação de pais pode fazer este tipo de atividades.

Speaker 1: Ok. O terceiro tópico fala da educação intercultural e aí acho que vamos chegando mais na sua área de atividades. As questões a seguir se referem à diversidade cultural e educação intercultural. Para iniciar esta etapa da entrevista gostaria de fazer algumas perguntas sobre a sua formação. Você teve a oportunidade de cursar alguma disciplina para a educação multicultural na sua formação inicial?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: E depois da sua formação fez algum curso, treinamento

Speaker 2: Não. Só trabalhando os temas ligados à diversidade cultural que fazem parte do programa de geografia. Agora, se eu fiz uma formação específica, não fiz.

Speaker 1: Como você tem visto a chegada de um número cada vez maior de imigrantes na escola?

Speaker 2: Para mim, um aluno, é um aluno, independentemente da sua nacionalidade, não é? Pode oferecer maiores dificuldades em chegar até ele ou oferecer menos dificuldade. Agora em termos de escola. Acho que é um enriquecimento cultural, lá está. Traz na bagagem coisas que os outros meninos provavelmente desconhecem, os menos providos desconhecem mesmo, não é? Isto depende um pouquinho do contexto socioeconómico de cada um. Já tive alunos que viajaram muito e tenho alunos que nunca viajaram para fora do país.

Speaker 1: E que são estrangeiros?

Speaker 2: Não. Portugueses.

Speaker 1: Ah, sim.

Speaker 2: Os estrangeiros chegando cá trazem na bagagem cultura que podem divulgar junto dos mais pequenos.

Speaker 1: Pensei que estivesse referindo a uma pessoa de fora, mas que nasceu em Portugal e vive dentro de uma cultura...

Speaker 2: É, também temos, não é? Também temos.

Speaker 1: No seu entendimento, nesta escola alunos imigrantes podem se desenvolver e ter o mesmo desempenho que os portugueses?

Speaker 1: Ah! Podem.

Speaker 2: Mesmo não falando a língua?

Speaker 1: Mesmo não falando a língua.

Speaker 2: Eu tive uma menina ucraniana que não dava erros ao escrever português e tinha alunos portugueses de nascimento que eram muito fracos, portanto podem. Poder podem.

Speaker 1: Poder podem?]

Speaker 2: Podem. Depende de muita coisa e depende também da força de vontade, se calhar até de uma aptidão mais natural para aprender a língua, depende do apoio familiar e depende também, claro está mais absoluto do contexto, da turma em que se inserem.

Speaker 1: De um modo geral a escola possui recursos suficientes para atender a necessidades específicas do aluno imigrante?

Speaker 2: A especificidade do aluno migrante já é uma coisa genérica porque o imigrante pode ser uma língua que não oferece tanta barreira. Mas se eu tiver uma menina árabe, como eu tenho, a barreira é maior. Eu não conhecia aqui ninguém que fale árabe. Se falarmos de um espanhol se calhar, arranhamos melhor e conseguimos chegar melhor ao aluno. Portanto, temos aqui uma diversidade de imigrantes, portanto, que a sua receptividade e a capacidade de chegar até ele não é igual. Depende muito em termos de recursos humanos...

Speaker 1: E, digamos assim, entre os falantes de línguas que não estão neste... porque assim, eu percebo que quando os professores falam dos alunos imigrantes, eles não se referem ao Cabo Verdiano, ao Angolano, ao Brasileiro. Eles se referem ao marroquino, ao árabe, ao chinês, então eu acho que a gente está se referindo mais a esses mesmos que tem essa barreira da língua muito forte.

Speaker 2: A barreira existe, é maior.

Speaker 1: E de um modo geral a escola possui recursos suficientes para atender às necessidades específicas destes alunos?

Speaker 2: Precisávamos de alguém que dominasse essas línguas. Portanto, não, não é? Não.

Speaker 1: Então... isso, isso...

Speaker 2: Se nos esforçamos e damos o nosso melhor e tentamos sim. Termos técnicos a este nível, não.

Speaker 1: Isso eu penso, estudando melhor o TEIP, vendo lá que tem uma mediadora cultural e etc., não tem lá uma animadora sócio educativa? Eu penso que estes profissionais deveriam falar, entendeu?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Que seria uma coisa para aproveitar dentro do próprio TEIP, digamos assim, em termos bastante idealistas, não é? Porque isso passa pela contratação dos técnicos, pelo concurso público, sabe Deus o que tem lá dentro (querendo dizer, do perfil exigido) mas, com o crescimento do número de alunos imigrantes nas escolas, eu penso que isso poderia dar certo. Isso facilitaria muito porque teria dentro do agrupamento

Speaker 2: Sim, seria a porta de entrada (fazendo anotações)

Speaker 1: Exatamente, e de falar com as famílias, não é? Penso que seria. Assim, ouvindo falar do programa. Porque parece que são dois técnicos, um mediador e um animador sócio cultural. Aqui poderia ter um poliglota.

Speaker 1: Poderia ser. Vou querer saber.

Speaker 2: Mas isso não está digamos assim nas competências que são exigidas desses técnicos, mas que muito poderiam vir a estar, entendeu?

Speaker 1: Bom, então. Quais são as dificuldades mais presentes entre esses alunos, digamos esses da língua difícil de falar.

Speaker 2: É a comunicação em si mesma, não é? Eu falo, eu explico, eu uff! Viro-me ao contrário e eu sei que aquela menina não está a perceber metade do que eu estou a dizer. Ela pega algumas coisas, sim, mas eu própria tenho dificuldade em testar se ela compreendeu o que eu expliquei. Para mim é um handicap (deficiência) é uma dificuldade muito grande, mesmo.

Speaker 1: E você poderia citar algumas adaptações curriculares que você fez com a preocupação de envolver estes alunos?

Speaker 2: Pronto, eu neste momento falo as línguas que eu conheço e tento ver se ela me dá um feedback positivo. Falo em francês com ela o pouco que eu sei e pronto. E percebo a receptividade dela... eu acho que ela percebe que estou a tentar ir ao encontro dela. Isto agora tem sido a minha ação. Paralelamente, como disse, estamos a tentar perceber que ajuda em termos de PLNM lhe podemos oferecer para ver se conseguimos desenvolver aqui um pouquinho mais a capacidade de entendimento da língua da parte dela. Estamos no início.

Speaker 1: Não aula extra, não tem

Speaker 2: É a comunicação em si mesma, não é? Eu falo, eu explico, eu uff! Viro-me ao contrário e eu sei que aquela menina não está a perceber metade do que eu estou a dizer. Ela pega algumas coisas, sim, mas eu própria tenho dificuldade em testar se ela compreendeu o que eu expliquei. Pra mim é um handicap (deficiência) é uma dificuldade muito grande, mesmo.

Speaker 1: E você poderia citar algumas adaptações curriculares que você fez com a preocupação de envolver estes alunos?

Speaker 2: Pronto, eu neste momento falo as línguas que eu conheço e tento ver se ela me dá um feedback positivo. Falo em francês com ela o pouco que eu sei e pronto. E percebo a receptividade dela... eu acho que ela percebe que estou a tentar ir ao encontro dela. Isto agora tem sido a minha ação. Paralelamente, como disse, estamos a tentar perceber que ajuda em termos de PLNM lhe podemos oferecer para ver se conseguimos desenvolver aqui um pouquinho mais a capacidade de entendimento da língua da parte dela. Pronto. Estamos no início.

Speaker 1: Não tem horário aula

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Para fazer este reforço

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Então é difícil.

Speaker 2: É

Speaker 1: você poderia dizer que a escola tem um currículo que reflete a diversidade?

Speaker 2: Sim, eu penso que sim. Acha que não?

Speaker 1: Eu acho que sim, eu já li o currículo.

Speaker 2: Eu penso que sim. E acho que a escola tem esse currículo de ...

Speaker 1: Quero dizer, eu li o projeto educativo

Speaker 2: Sim, porque é uma realidade aqui nesta zona. Isto é uma realidade. A diversidade existe. Portanto, se não a aplicássemos aqui dentro iríamos estar a tapar o sol com a peneira, não é?

Speaker 1: Você pode citar alguma adaptação curricular?

Speaker 2: Alguma?

Speaker 1: Adaptação curricular feita para envolver a diversidade?

Speaker 2: Eu, eu ..., mas, está se referir aos imigrantes?

Speaker 1: E também aos portugueses, porque temos as etnias e etc., não é?

Speaker 1: Sim temos e, temos aqui uma comunidade de alunos surdos. Esta escola é muito forte na vertente de alunos surdos, surdos-mudos até, e, portanto, têm técnicos especializados. Pois, a questão é essa. É que também seria necessário técnico especializado para os outros, falantes, mas que têm uma barreira na comunicação.

Speaker 1: Bom, a escola tem feito adaptações no seu cotidiano com o objetivo de incluir necessidades especiais de imigrantes de outras minorias étnicas como as modificações de agenda para contemplar feriados, festas religiosas, o Ramadão, por exemplo?

Speaker 1: Não. Penso que não. Mas é uma coisa que já me ocorreu especialmente este ano quando me deparei com aquela menina. Sim.

Speaker 2: É muçulmana?

Speaker 1: Ela é muçulmana, é.

Speaker 2: Precisa ficar atenta ao Ramadão...

Speaker 1: Eu hoje fiquei muito contente com a atitude de humanidade que uma menina me veio dizer. Disse-me que todos os dias tem trazido uma peça de fruta para essa menina porque se apercebeu que ela nem sempre traz lanche. Isso é uma coisa que eu vou fazer chegar a quem de direito..., mas, contudo, fiquei até emocionada por ela me vir dizer - ó professora, eu falei com os meus pais e agora nós temos possibilidades (fazendo sinal de que tem dinheiro) então os meus pais disseram que todos os dias posso trazer uma peça de frutas para Sara. Eu fiquei tão... com os olhos embargados que nem sabia ... que atitude tão bonita, que gesto tão bonito e fiquei agradada com a atitude dela.

Speaker 1: É uma portuguesa?

Speaker 2: É é uma portuguesa, sim.

Speaker 1: É... difícil, não é?

Speaker 2: É.

Speaker 1: Sobre situações que envolvem preconceito em relação aos estudantes imigrantes e também aos que pertencem às minorias locais, você considera que aqui na escola há situações em que o preconceito se torna evidente?

Speaker 2: Eu estou convencida de que essas situações poderão existir pontualmente, como existem lá fora. Não especificamente dentro da escola. E quando isso acontece é que alguém, assim, professores, auxiliares na educação, sendo errado é pontuado, não é? Portanto são assuntos onde nós atuamos quase que de imediato.

Speaker 1: E quais seriam essas situações?

Speaker 2: As situações, olhe, sei lá. Outro dia estava precisamente numa aula de cidadania e por alguma razão referiram se ao racismo e de chamarem Preto então explorar essa situação com eles. Tenho também alunos de raça negra que, portanto, estavam persentes e expliquei que

a questão às vezes não é aquilo que se diz, mas é a forma como se diz. Porque se eu estiver em uma comunidade de raça negra a dar uma aula e se eles disserem - aquela professora, a professora branca, eu não posso falar mal - eu sou branca. E depois mostrei-lhes que mesmo nós, os caucasianos que lá estávamos, não temos exatamente o mesmo tom de pele, uns são mais morenos, outros são mais brancos esquelidos e tudo isso. Fui puxando por eles, fui levando-os a perceberem que isso não faz sentido, não é? A massa humana é a mesma, o tom de pele é que é diferente. Isso assim de uma forma muito simplista, é claro, que virou uma aula e que a menina deu inclusivamente alguns exemplos de coisas que lhe chamam - aquele preto, que é ofensivo para eles chamar-lhes pretos, não é?

Speaker 1: De preto, não de negro?

Speaker 2: Não, ela disse preto.

Speaker 1: Porque no Brasil é ofensivo chamar negro, eles querem ser chamados de preto.

Speaker 2: Pois, portanto, olhe, não sei, eu tentei explorar a situação, fazê-los entender, não é? O tom de pele não significa...

Speaker 1: Não significa, mas significa, não é? Infelizmente...

Speaker 2: Sim claro que nós temos uma história que nos lembra isso mesmo. Pronto. Mas, nós temos que nos trabalhar enquanto seres humanos e valorizar aquilo que realmente tem valor.

Speaker 1: Essa história da raça ser uma só, não é? É muito legal de explorar. É uma única raça - porque reproduz com qualquer tom de pele ...

Speaker 2: Já sei porque eles falaram nisso. Por causa daquele norte americano...

Speaker 1: Sim, claro.

Speaker 2: que mataram, que foi morto pelos próprios policiais. Eu os escutei falar, muito bem, muito bem não deveriam ter feito, né? Não deveriam tê-lo feito porque ele era de raça negra ou porque ele era um ser humano? E aí...claro... porque era um ser humano, independentemente de tom de pele. Foi por aí.

Speaker 1: Porque tem muita gente que acha que é raça, que é raça negra, entendeu? E a raça não existe raça negra...

Speaker 2: Nós aprendemos, não é? A dividir os povos pelo tom de pele e denominou-se raça para haver uma distinção. Nós somos todos raça humana ou deveríamos ser, não é?

Speaker 1: homo sapiens, nem muito sapiens às vezes, não é? Bom, a escola já tomou alguma ação no sentido de conter o preconceito que você tenha conhecimento?

Speaker 2: Eu de repente não estou a lembrar assim de nenhuma ação ao nível de escola, específica. O que sei é que quando temos conhecimento, em conselhos de turma, cada professor...

Speaker 1: Alguma situação de preconceito na qual você teve que intervir diretamente?

Speaker 2: Ao longo da minha história de professora já intervi de certeza em algumas situações, agora concretamente em alguma de preconceito.... Ah! Já sim. Preconceito não relativamente ao estrangeiro, mas a homofobia. Tive em uma sala de aula em que tinha um colega do ensino especial a acompanhar um aluno e há uma aluna que se põe a falar ... nós tivemos um caso de um aluno que era capaz e quis mudar de sexo para menina e, eles estavam a referir-se a isso, a condenar, mas, eu deixei-os falar. Ouvi-os até ao fim. E depois eu disse - agora posso falar eu? -Ah! professora ela é homossexual, - e como é que tu sabes que ela é homossexual? - Ah! Porque vê-se! - Ah! Estas a me a ver? - Ah! Professora, tô. - Então agora diz-me eu sou heterossexual ou sou homossexual? -Ó por amor de Deus! - Por amor de deus não, diz-me, diz que se vê, então diz-me se eu sou heterossexual ou homossexual é só olhar para mim que eu sei dizer. - A professora tem uma filha - ok, então vamos lá desmontar isso, duas coisas, a orientação sexual e a reprodução. Pronto, então se desmonta isso de uma forma muito simples. Então também aquelas situações de identidade de género, há crianças que nascem num corpo, mas sentem-se outro ser. Eu tive uma aluna assim. Era uma menina, mas olhando para

ela, as atitudes, os gestos, tudo nela era rapaz, exceto o corpo em que nasceu. Então eu expliquei-lhes que é a mesma coisa que irmos ao supermercado ... há vários cereais, há os que são de chocolate e outros são de mel, tem cores diferentes. Ok, nós queremos os de chocolate, ok? Colocamos na caixa dos de chocolate e quando chegamos a casa vemos que o que está lá dentro afinal não eram os de chocolate, eram os de mel. Eles perceberam, explorei isto com mais calma, mas esta foi uma situação que no momento resolvi assim.

Speaker 1: Muito bom eu tenho muito medo que isso não grave..., mas está gravando.

Speaker 2: Está.

Speaker 1: Bom, então vamos correr porque a gente está ...E tomou-se alguma medida depois desta situação?

Speaker 2: Não houve necessidade. No entanto, essas atitudes adversas não voltaram a acontecer. Mas estivemos muito mais atentos naturalmente e na altura não era eu que estava em educação cívica com eles, por isso não sei se houve continuidade, não me recordo.

Speaker 1: Chegamos. Como está estruturada a educação para a cidadania na escola.

Speaker 2: Está estruturada do seguinte modo: há temas que são obrigatórios em todos os níveis de escolaridade e estes vão ser abordados por todos e depois temos temas que nós aqui na escola fomos adaptando. Há determinados temas que são mais exigentes, que exigem mais conhecimento, mais capacidade de análise e que os mais novos não têm, e que estes temas mais complexos são abordados em anos mais avançados. Eu posso lhe mostrar se quiser (mostrando o fichário com o planeamento)

Speaker 1: Gostaria.

Speaker 2: Isto ainda está um pouco riscado porque estou a fazer..., portanto temos os vários temas, falta aqui o tema saúde e sexualidade, porque são abordados no projeto Eu e os outros. Não estão aqui para não haver em duplicação e todos os outros temas estão por cada ano, este é o primeiro, segundo e terceiro ciclos, que é aqui onde estamos. No 7º ano iremos abordar os direitos humanos a igualdade de género que eu acho fundamental, a interculturalidade lá está, ok? E depois temos também os medias que eu até faço a ponte deste com este e com este e até com este, este serve para tudo, não é? Depois nos oitavos anos temos três grandes temas - o desenvolvimento sustentável, já se espera que eles sejam capazes de explorar melhor, a questão da educação ambiental e o risco, na sua ampla aceção da palavra. E, depois, no nono ano voltamos a ter os direitos humanos, mas de uma forma mais profunda, a igualdade de género também porque eles também já têm ciências naturais em que já abordaram a questão da sexualidade antes, a educação ambiental é um reforço e uma continuidade e instituições e participação e (?) são temas que eles também abordam em algumas disciplinas. A distribuição foi esta. Esta distribuição já foi feita ano passado este ano estamos a dar continuidade porque os meninos que vêm do sexto ano vão trabalhar alguns aspectos que não trabalharam ao nível da igualdade de género. Foi uma distribuição que entenderam eficaz.

Speaker 1: Estes são os temas obrigatórios?

Speaker 2: Sim, os do primeiro grupo, os temas são todos obrigatórios. Pronto. Estão aí distribuídos, não são todos, ou seja

Speaker 1: Direitos Humanos Igualdade de Género Desenvolvimento Sustentável Interculturalidade Educação Ambiental e a Saúde que não consta aqui por causa do projeto. E aqui é o trabalhado por vocês...

Speaker 2: Exatamente. Este aqui cada um escolhe, cada um não, já escolhemos, já estão aqui (é horário do intervalo, o barulho aumenta e a entrevistada é interrompida por uma outra professora por alguns instantes) Desculpe.

Speaker 1: Não há problema. Estes são temas sugeridos ou são temas que vocês levantaram?

Speaker 2: Não, não, vêm do programa de Cidadania, só que estes são obrigatórios e transversais aos diferentes anos letivos. Aqui temos de dar dois ou até dois, mas isto é assim...

Speaker 1: Não, não há problema. Isto está no programa lá, não é? Eu consigo ver. Eu já tenho esta legislação, preciso olhar melhor, a diretriz, a estratégia, é essa aí mesmo. É essa que eu tenho.

Speaker 2: O primeiro grupo é obrigatório, portanto em todos os níveis de escolaridade porque se tratam de áreas transversais e longitudinais, o segundo, pelo menos em dois ciclos tem que ser abordados estes temas em dois ciclos diferentes e o terceiro com aplicação opcional, ou seja, se entendermos que aqueles temas não são... os meninos aqui não são capazes de os trabalhar convenientemente também não é obrigatório, vamos trabalhar outros. Por isso é que há aqui algumas... uns têm quatro, outros têm três, outros têm dois. (Outra interrupção, por outro professor).

Speaker 1: Então é o seguinte.... Já nem sei aonde eu tô.

Speaker 2: Estávamos no programa Cidadania...

Speaker 1: Ah! Sim, como está estruturada, né?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Ah! Então, como ela foi implementada você já me mostrou, não é?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E é de seu conhecimento ações de inspeção avaliação monitoração dessa implementação?

Speaker 2: Estava a ler as palavras que sublinhou, portanto, inspeção, avaliação...

Speaker 1: Porque isso me pareceu assim uma coisa de maluco. Quando eu vi lá nos indicadores do índice que Portugal avaliava monitorava, tinha uma inspeção, uma avaliação, uma monitoração da implementação da educação para a cidadania. Eu disse uau!

Speaker 2: Isto consta da legislação. Se isto se concretizou não sei lhe responder porque é o primeiro ano que estou com isso e, portanto, ainda estamos no início. Eu, a única coisa que lhe posso dizer é que assumi a coordenação do trabalho, então trabalho com os colegas, tiramos dúvidas, partilhamos, orientamo-nos mutuamente, mas em termos de.... Isto é uma hierarquia e supostamente alguém do Ministério da Educação viria inspecionar ou poderá vir. Isso consta da legislação. Se isso aconteceu noutros anos eu não sei de responder ...

Speaker 1: A Professora X me falou um pouco, ela disse que é nessa IGE Inspeção Geral da Educação que acontece de quatro em quatro anos.

Speaker 2: Então, pronto.

Speaker 1: É...., mas isso foi difícil de saber. Precisei conversar com ela muito até que ela falou.

Speaker 2: Então me diz, brevemente, o que significa cidadania para você.

Speaker 1: Ah! Cidadania eu vou lhe dizer como trabalhei com os meus alunos. Fomos desmontando a palavra, cidadania ligada a cidadão; o que é o cidadão?; não é só o habitante de uma cidade é muito mais do que isso porque as pessoas que vivem nas aldeias também são cidadãos. Então vamos lá ver o outro lado, no sentido mais amplo do ser cidadão. Pronto. Trabalhei com eles a questão do que é que é isso da cidadania; é ser cidadão e saber ser cidadão conhecer os seus direitos, mas também os seus deveres. Eu passei por aí, não sei se estou certa ou não, mas foi isto que eu fiz...

Speaker 1: Mas para você é isso

Speaker 2: Pra mim é, sim. Cidadania é uma palavra bastante abrangente e que a responsabilidade de cada um de nós, nós todos juntos é que implementamos uma cidadania num local.

Speaker 1: Você acha que todo mundo tem direitos...

Speaker 2: Toda gente tem direitos. Mas as pessoas esquecem-se que também têm deveres.

Speaker 1: Todos têm direitos

Speaker 2: Se eles são respeitados ou não é outra questão, mas que os temos sim, a nossa legislação a Constituição da República Portuguesa diz que sim; se todos efetivamente os têm na prática, não claro que não... já sabemos que não...

Speaker 1: Eu estava me lembrando de Hannah Arendt, do direito a ter direitos, né?

Speaker 2: Ah Temos direito a ter direitos, mas também temos muitos deveres e o dever de saber ser efetivamente um bom cidadão.

Speaker 1: E você acha que ... como é que você vê a cidadania da criança?

Speaker 2: Com muitas lacunas; porque a cidadania implica a meu ver com educação. Saber ser, saber estar e, muitas crianças não sabem estar. O fato deles entrarem por aqui fora, pelo corredor a correr aos berros como se estivessem no exterior num parque de diversões, isso pra mim é falta de saber estar e isso deveria ser trazido de casa. Eu também já fui criança e também andei em escolas e não me lembro de algumas coisas que eles fazem. Portanto eu acho que a cidadania explica respeito, educação, saber ser e saber estar eu acho que são pilares fundamentais para mim são.

Speaker 1: Então você diria que a criança ela não é cidadão, só depois de ser educada é que ela vai ser um cidadão.

Speaker 2: Ela é um cidadão por natureza por ser um ser humano, não é?; nasceu com essa qualidade. Agora saber ser um bom cidadão, saber ser cidadão acho que se aprende, não é? Eu acho que se aprende; ninguém nasce a saber tudo e, tal como ser cidadão, também se pode aprender.

Speaker 1: Você acha que é possível um aluno estrangeiro ser tratado como um cidadão? Ele é humano...

Speaker 2: Claro que é um cidadão. É um cidadão estrangeiro, mas é um cidadão desta comunidade. Ele agora vive aqui, portanto também tem que ser tratado como um igual, eu entendo assim. Há uma palavra para mim que é fundamental: é equidade. As pessoas gostam de falar em igualdade; eu gosto mais de falar em equidade; a cada um na medida das suas necessidades.

Speaker 1: Isso é Marx hein? Rs

Speaker 2: Não me interessa. Porque um aluno estrangeiro não tem as mesmas necessidades que um aluno nacional, em alguns aspectos. Esse aluno nacional, dependendo das suas características, vamos imaginar um menino com trissomia 21 tem umas necessidades que este aluno, apesar de ser estrangeiro, não as tem. Portanto, isto tem a ver com a condição humana e não propriamente com o ser estrangeiro ou não, portanto equidade pra mim acho que é fundamental; é efetivamente chegarmos àquilo que eles realmente precisam.

Speaker 1: É verdade, porque não adianta ter previsões na política que não estão dizendo nada para aquelas pessoas, não é? Você tem absoluta razão.

Speaker 2: O leite faz muito bem, ajuda a crescer. Ora bolas eu não posso tomar leite para que é que vão me dar o leite se eu não posso toma-lo?

Speaker 1: Pois, então... acabou. Participação e aí a última parte da entrevista.

Speaker 2: Ok.

Speaker 1: Este bloco final inclui questões relacionadas à participação dos alunos algumas específicas sobre alunos imigrantes e outras que se referem aos alunos de modo geral. Você considera que os alunos imigrantes têm se envolvido com você e com seus colegas de turma de outras turmas.

Speaker 2: Envolvido a nível de integração?

Speaker 1: Isso.

Speaker 2: Sim sim sim...mesmo como lhe disse esta menina que eu estava assim um pouquinho apreensiva porque não dizia uma palavra. Eu até lhe fiz o cumprimento em árabe,

mas no fim ela não me respondeu. Hoje já não. Eu vejo, ela sai da sala, sai acompanhada, vai com as outras meninas, anda sempre com elas...

Speaker 1: Ah que bom...

Speaker 2: Tem a preocupação do Google Tradutor para comunicarem com ela...

Speaker 1: Como ela chama?

Speaker 2: Sara. E, portanto...

Speaker 1: Ela fala já português?

Speaker 2: Sim vai falando, diz olá, diz bom dia, já me veio falar do cartão dela e vai dizendo às vezes parecem palavras soltas, mas se estivermos atentas conseguimos já entender e penso que está a ser cada dia melhor.

Speaker 1: Muito bom, você considera que esses alunos estrangeiros se sentem hoje parte da escola?

Speaker 2: Eu espero que sim, nós trabalhamos

Speaker 1: Pra isso, né?

Speaker 2: Pra isso, sim. Estamos atentas...

Speaker 1: Uma situação em que você pode perceber esse pertencimento.

Speaker 2: Uma situação que eu pudesse ver esta preocupação

Speaker 1: Esse sentimento de pertencer à escola.

Speaker 2: É que nós estamos aqui no início do ano letivo com estes alunos, mas deixe-me pensar. Eu tive alunos chineses também aqui. E um deles, particularmente, falava por sete cotovelos, portanto ele estava mais do que integrado. Sentia-se tão então à vontade

Speaker 1: Dizia o que?

Speaker 2: Disparates. Às vezes palhaçada, dizia assim brincadeiras, coisas; o que também era bom porque ele acabava por quebrar às vezes a seriedade da aula, enfim e depois voltávamos a aula, havia ali um balanço... e ele sentia que era entendido mesmo nas brincadeiras, portanto, eu acho que isso é prova que ele se sentia integrado. Não tinha medo de dizer baboseiras, não é? Rs. Eu acho que isso é prova que ele se sentia integrado, sim.

Speaker 1: Você poderia falar um pouco sobre a participação dos alunos imigrantes e dos demais alunos nas atividades que você desenvolve nas suas aulas?

Speaker 2: Os meus alunos de cidadania que é minha direção de turma, neste momento, são muito participativos. Aqueles que participam menos têm mais a ver com as suas características, mais conservados, mais calados, têm medo de errar ..., mas, por norma quando um começa a falar e vamos dialogando, acabam por outros ir dizendo assim. Às vezes dizem palavrinhas soltas, quando eu vejo que estão mais calados eu direciono para também trazê-los. Mas eu só tive duas aulas... é muito pouco.

Speaker 1: Este ano?

Speaker 2: É, sim.

Speaker 1: Mas tudo o que eu faço em Cidadania, faço nas minhas aulas de geografia.

Speaker 2: Mas o que faço em Cidadania faço em minhas aulas de Geografia, portanto. O que interessa é trazer os miúdos para a aula. Sim.

Speaker 1: No planeamento da escola e no seu planeamento em particular estão incluídas atividades onde os alunos discutem questões relevantes bem como questões que dizem respeito ao mundo da escola de forma refletida?

Speaker 2: Nas minhas atividades letivas não estou a lembrar de nada que, contudo, há uma coisa que para mim é fundamental que é o diálogo. E se eles sentirem necessidade de abordarem questões sobre a escola, alguma situação específica, eles sabem que o podem fazer. Agora, concretamente assim, uma atividade em que eles tenham - ok esta é a assembleia de escola ...

Speaker 1: Não, não é isso, longe disso

Speaker 2: Pronto. Nós não temos atividades ou

Speaker 1: Ou você não entendeu muito bem a minha pergunta.

Speaker 2: E então?

Speaker 1: É assim. No seu planejamento de aula, nas atividades que você desenvolve, tem espaço para discutir questões relevantes ao mundo da escola ou ao mundo, questões sociais relevantes, entendeu?

Speaker 2: Ah ...Sim. Ok. A própria cidadania, os temas que abordamos Ah Sim sim claro. Eu pensei que estava a referir-se mais no nosso dia a dia....

Speaker 1: Sim, mas questões sociais relevantes e questões do mundo da escola.

Speaker 2: Sim claro que sim. Sim. Até os próprios temas dão asa a que se fale de situações concretas aqui dentro da escola, na comunidade. Sim, sem dúvida.

Speaker 1: Nestas atividades os alunos discutem possibilidades de ação para mudar as situações?

Speaker 2: Ah discutem. Ainda hoje. O início da minha aula foi - antes de iniciarmos a aula vamos conversar... vocês têm que começar a mudar a vossa forma de entrar na sala de aula. É fundamental. Não pode haver esta bagunça, conversas cruzadas. Porque primeiro que eles sentem, relaxem, foquem na aula é difícil. Eu disse - vocês prejudicam-se porque ficam com todos os estímulos e as marcas, estão a vibrar com as brincadeiras e não estão focados, não estão com atenção. Portanto, entra dentro da sala de aula vai ter que desligar tudo, entrar com o telemóvel ligado não pode ser.... já tem que entrar com o telemóvel desligado. Todas as aulas têm de ser um exemplo de; todos os momentos são importantes e podem e devem ser utilizados para melhorar, não é, e refletirem. Eles perceberam que era importante o silêncio, a calma. Até porque com as máscaras já é difícil entender. E eu expliquei mais uma vez esta questão. E eles concordaram e acrescentaram...

Speaker 1: Nesta escola as crianças participam de formulação de regras, direitos e deveres?

Speaker 2: Eu pelo menos eu não gosto de impor. Eu gosto que eles percebam a necessidade da existência dessas regras. Portanto, isto é dialogado, é explicado e, portanto, sim.

Speaker 1: Certo.

Speaker 2: Eles percebem e participam inclusivamente porque eles às vezes acabam por se auto regularem e ajudam-se nesse sentido.

Speaker 1: Certo. A participação, como se dá a participação nessa formulação de regras?

Speaker 2: Como é que eu faço isso na prática?

Speaker 1: Isso. Como é que participa da formulação de regras?

Speaker 2: Na formulação talvez não seja, agora...

Speaker 1: Tipo, assim, nós vamos aqui acordar uma série de procedimentos pra entrada na sala de aula, porque não é possível, então vamos quero saber de cada um de vocês ... é isso?

Speaker 2: às vezes sim; às vezes eu digo ok aconteceu isto, aconteceu determinada situação, quais foram as consequências? Eu fiz uma participação, então e, benefícios? Então como é que podemos mudar isso? Eu pessoalmente faço isso com eles, pontualmente, não vou dizer que é sempre.

Speaker 1: Pois.

Speaker 2: E porque depois temos o tempo, temos o programa...

Speaker 1: Com certeza...

Speaker 2: Agora, sempre que possível eu gosto que sejam eles a perceberem ... então como é que vamos resolver? Sim. Portanto, é uma forma... pontualmente, sim, pontualmente.

Speaker 1: Por último eu gostaria que você pensasse em termos ideais - espaço físico, professores, relação entre alunos, relação entre professores, funcionários, pensasse nas aulas, nas atividades que se realizam em uma escola e me respondesse - o que seria pra você uma escola boa?

Speaker 2: Uma escola boa? Rs. Eu acho que para tudo na vida há uma coisa na vida que é fundamental que é querer. E, quando eu quero ensinar bem, já estou no caminho certo. Quando o aluno quer aprender já vem ao meu encontro. Depois o que que era o ideal? Era que as condições físicas, os recursos materiais também fossem adequados; existirem recursos suficientes e com qualidade ajudavam muito. Seria a base. Depois podemos extrapolar e ir para fora da escola. O ideal seria que nenhum passasse fome com algumas situações que nós temos aqui, não é? Portanto, que eles tivessem uma boa alimentação; que tivessem uma família equilibrada; que lhes transmitisse exatamente não só os valores, mas também o equilíbrio para que pudessem crescerem enquanto crianças que; às vezes crescem muito depressa, outras vezes (?). Há meninos que foram abandonados pelos pais e que vivem com avós de 90 anos, elas próprias já precisavam de apoio e estão a apoiar uma criança. Era preciso nascermos todos de novo, não é Rs... Mas fundamentalmente, sim. Quando há o querer fazer melhor; querer aprender, eles conseguem chegar e nós também conseguimos apoiá-los.

Speaker 1: E, passando desta escola que é a ideal, para uma escola real, você considera que esta é uma boa escola?

Speaker 2: Eu gosto de trabalhar aqui eu acho que é por isto. Eu acho que é uma boa escola. Tem a sua lacuna, tem. Já lhe disse que sim. Mas se é uma boa escola, eu acho que sim.

Speaker 1: Por que?

Speaker 2: Ah... Por várias razões. Eu já trabalhei em muitas escolas e aqui no agrupamento já dei aulas aqui e na escola, que agora está em obras. Eu sempre gostei muito mais de trabalhar nesta escola. É mais pequena, é mais acolhedora, estou mais em cima do acontecimento. Eu enquanto diretor de turma, eu aparecia quase de imediato as situações e eles ficavam - como é que é possível, como é que ela já sabe disto tudo? Porque há aqui um sentimento de família que eu acho que é fundamental.

Nós passamos aqui a maior parte do tempo - nós e os alunos, portanto ter este sentimento de saber se o meu aluno A B ou C que em algumas dificuldades em orientar-se, por exemplo, um menino que tem dificuldade em orientar-se tem que tirar as (?) com antecipação. Eu sei que posso contar ali senhora da papelaria - Ó Professora, ele já cá esteve, vamos controlá-lo, vamos controlá-lo. E trabalhamos efetivamente em parceria. Isso às vezes é difícil. Quando as escolas são muito grandes às vezes esta qualidade da massa humana perde-se um bocadinho. Aqui eu sinto que é um pouquinho mais coesa. Não é perfeita, porque não existe.

Speaker 1: Você acha que os estudantes aqui confiam nos professores, nos colegas?

Speaker 2: Eu penso que sim. De um modo geral, sim. Há situações pontuais que os alunos não gostam tanto... o professor A ou B Alberto; neste momento porque é um handicap, dificulta, e uma barreira. Eu tento também destruir e desmontar esse pensamento nos alunos. É ótimo quando os miúdos gostam do professor, é mais agradável. Mas mesmo que não gostem muito, só tem que se focar é que o professor está ali para explicar a matéria. Em termos de empatia, se não existe, paciência - ao longo da vossa vida vocês vão conhecer pessoas com as quais vão sentir empatia e outras com as quais não vão sentir esta empatia. Essa prática é uma forma de se prepararem para a vida também.

Speaker 1. Ok terminamos, foi excelente, muito obrigada.

Speaker 2: Obrigada também. Gostei de conversar consigo.

E5 - 09/10/2020 - Professora de Português

Speaker 1: Então, fale um pouquinho aí do seu trabalho, pra quem você dá aula...

Speaker 2: Exatamente. Pronto. Eu dou aulas, vamos começar pelo 7º a duas alunas ... são ambas de origem brasileira.

Speaker 1: Você é professora de Português...

Speaker 2: De Português, este ano 7º e 8º anos. Isso. Dou aulas também a um menino, que é indiano e um menino indiano que já é de segunda geração e à uma venezuelana. E todos estes três meninos frequentam a turma do 8ºE. A minha experiência com eles é sempre muito gratificante. Eu pessoalmente gosto de ter alunos estrangeiros nas minhas aulas. Só tenho pena de eles não fazerem parte de uma só turma porque acho que seria muito mais benéfico para eles usufruírem só da disciplina de Português Língua Não Materna. O apoio seria maior porque eles estão integrados numa turma o que é positivo, não é? para a socialização, mas em contrapartida o apoio nos conteúdos programáticos poderia ser ainda maior, se tivesse esta disciplina ...

Speaker 1: Nós vamos falar sobre isso ...

Speaker 2: Mas só para terminar a resposta a esta questão. Gosto imenso desta parte que falamos de nacionalidades diferentes porque fomenta a interculturalidade entre alunos, a partilha de experiências... é muito positivo! Os outros alunos, nós portugueses, deveríamos encará-los sempre como um fator de enriquecimento cultural e ainda acho que ainda falta trabalhar isso com os nossos alunos portugueses.

Speaker 1: Isso mesmo. A integração, como dizem, é de ambos os lados, não é?

Speaker 2: E é isso que falta trabalhar. E eu acredito que o fato de integrar os alunos na turma é positivo, mas eles quando chegaram há pouco tempo se sentem muito inseguros têm muito medo ...

Speaker 1: Integra, mas não inclui, não é?

Speaker 2: Por exemplo, no ano passado tive alunas chinesas este ano já não tenho. Elas já cá estão há dois anos. Elas não têm amigos portugueses. Elas sem da sala de aula e fogem. Não estão com eles. Elas estão na turma, mas não partilham os mesmos gostos. E a solidão impera. E era isso que me magoava. Já quando há proximidade da língua já consegue haver uma maior conexão. É que eles têm uma língua muito diferente e muita dificuldade e os chineses são os que têm maior dificuldade.

Speaker 1: Bom vou iniciar com um tópico que fala dos programas TEIP e dos programas PLNM que são - esses dois programas - que sustentam as notas, as boas notas que Portugal tem no índice, além da educação para a cidadania, mas, a educação para a cidadania coloquei em outro tópico. Então eu queria falar sobre estes dois, que são programas mesmo, específicos, o TEIP não especificamente para imigrantes, mas o PLNM especificamente para o migrante. Então, você conhece o programa TEIP, já se referiu a ele. Você poderia me dizer um pouquinho de como foi desenvolvido na escola, como tem funcionado de modo geral e o que você souber, porque eu sei que tem uma coordenadora...

Speaker 2: Sim, sim. O que eu sei neste momento é que lá está. Não foi possível criar uma turma de Português Língua Não Materna.

Speaker 1: O TEIP

Speaker 2: Sim, sim. O que eu sei neste momento é que lá está. Não foi possível criar uma turma de Português Língua Não Materna.

Speaker 1: O TEIP

Speaker 2: O TEIP. O que se sabe é que eles estão integrados na turma, certo? E que têm um programa, isto é, um currículo diferente do currículo, neste caso, de português, dos restantes alunos. E o professor da turma regular deve acompanhar nessa situação.

Speaker 1: Qualquer aluno em dificuldade porque o TEIP é para todos, não é?

Speaker 2: O TEIP é para todos. Neste caso estamos a falar dos meninos que vêm de fora e também para os meninos de necessidades educativas, certo?

Speaker 1: Ah sim.

Speaker 2: Todos os meninos são abrangidos por este programa TEIP. Agora em relação aos alunos imigrantes está funcionando desta forma com um currículo distinto. Há uma parceria da escola com a Ciberescola e nós trabalhamos em conjunto. Os meninos têm aulas online duas vezes por semana com a Ciberescola online, este ano.

Speaker 1: Esta turma tem quantos alunos?

Speaker 2: Do 8ª Esta turma, que está a falar?

Speaker 1: Da Ciberescola

Speaker 2: Da Ciberescola? Eles funcionam em turnos diferentes, mas, por norma, é um aluno, com uma professora, no máximo dois, creio eu, não é?

Speaker 1: Ah....

Speaker 2: E as aulas são dadas online.

Speaker 1: Hummm. Pensei que fossem mais alunos.

Speaker 2: Porque o objetivo fundamental

Speaker 1: É dar o apoio

Speaker 2: É dar o apoio e estimular a interação oral porque na aula o aluno, lá está acaba por não...

Speaker 1: Sente-se inibido

Speaker 2: Exatamente. Acaba por não haver tanto esta competência da oralidade.

Speaker 1: Mas isso não é TEIP, esqueçamos ...

Speaker 2: Pronto, pronto. Neste momento o que sei dizer do TEIP é isto.

Speaker 1: TEIP é sucesso, TEIP é reforço escolar...

Speaker 2: E eles têm, um professor. Acho que ainda não está colocado, que normalmente dá um apoio extra aula a esses alunos. Percebe? Eles estão integrados na turma e depois têm um tempo letivo ou dois, depende da carga horária que é atribuída e este professor para dar um apoio extra a esses alunos e esse professor de preferência, lá está, trabalha em ligação como professor titular. Chega lá o professor e ele diz, vou trabalhar com estes alunos. Há alguma tarefa, alguma competência, algum domínio que tu queres que eu trabalhe mais? Normalmente eu peço para trabalhar o domínio da compreensão oral, da expressão oral, que é onde os meninos têm mais dificuldade e nas aulas acabam por não desenvolver. Portanto, este, efetivamente o TEIP concretiza-se nesta escola com este reforço, prestado por esse tal professor.

Speaker 1: Pois, você acha que este reforço que o TEIP proporciona é um recurso suficiente?

Speaker 2: Na minha opinião, não. Por que? Porque deveria haver mais disponibilidade, isto é, eu volto a insistir...

Speaker 1: Deveria ter a tal turma de PLNM

Speaker 2: Julgo que funcionaria melhor porque no ensino recorrente, esta escola também possibilita a adultos turmas de PLNM e resulta muito bem independentemente das diversas nacionalidades. Na minha opinião resultaria melhor. O reforço ajuda, mas creio que são poucos tempos letivos. Só que também não vamos sobrecarregar o aluno...

Speaker 1: Ah pois...

Speaker 2: Que já tem imensa carga horária com mais reforço. Só que a escola também não consegue criar uma turma só porque os alunos têm as outras disciplinas com o horário daquela turma e é difícil arranjar um horário que seja comum todos à mesma hora, nos mesmos dias da semana. Esse que é o grande problema. É a dificuldade que nosso Diretor encontra em conseguir criar essa turma. Porque este orienta PLNM, mas as restantes disciplinas têm que estar todas de acordo com turma onde estão integrados. Também poder-se-ia criar uma turma de PLNM, mas isso implicava contratar mais professores, um professor para cada disciplina, geografia, francês,

inglês, matemática, físico-química só que não se quer gastar, mais uma vez o fator economicista entra em ação.

Speaker 1: Nós vamos falar sobre isso. Eu já cheguei a um entendimento sobre isso. Já, já a gente chega lá e a gente comenta, mas eu queria, encerrando o TEIP... (repassando as questões) quanto aos alunos migrantes como tem sido a integração entre o professor regular e os professores/monitores do TEIP, quer dizer é este professor reforço que você fala; você já me falou que você passa para ele...

Speaker 2: É a articulação...

Speaker 1: (continuando a repassar as perguntas do roteiro) para fazer frente às dificuldades dos alunos ... você já falou que pede para ele trabalhar isso, aquilo... quais tem sido as dificuldades mais presentes nesse aluno, é a comunicação, sem dúvida...

Speaker 2: Sim a parte da expressão oral, da compreensão oral, o esforço perante a turma em termos de oralidade é muito difícil para esses alunos. Ele, se puder passar escondido, ele passa, não é? Agora em contrapartida, já tenho, por exemplo a experiência do aluno de segunda geração que não. A quem isso não acontece porque felizmente é extremamente participativo, está muito bem integrado, nasceu cá, fala muito bem português. Mas aqueles alunos que chegaram cá ao país tem pouco tempo têm essa grande dificuldade. Falta-lhes a segurança, o domínio da língua, falta-lhes este domínio para se sentirem confortáveis e expor-se perante a turma; têm sempre o receio de serem gozados, não é? E nós estamos dizendo que isso acontece frequentemente, seja imigrante ou não seja.

Speaker 1: Hum, Hum.

Speaker 2: É uma característica destes adolescentes, não é?

Speaker 1: É... o suporte você já disse que é insuficiente, não é isso?

Speaker 2: É. Seria (suficiente) se tivéssemos mais carga horária. Mas lá está, não podemos sobrecarregá-los...

Speaker 1: O programa possui mediadores que comunicam em outro idioma?

Speaker 2: Não. Nós tivemos a experiência da Ifei Chen (?) e da Feng Chumin(?) estas meninas chinesas que só tinham um suporte através da ciberescola, do tradutor tradutora que ajudava. Mas era muito difícil para ela, coitadinhas.

Speaker 1: O que você considera que poderia ser feito para ajudar dentro do programa TEIP melhor?

Speaker 1: Eu já lhe tinha dito, era mesmo perfeito a criação de uma turma só com o português língua não materna com horário específico

Speaker 2: Mas seria reforço? Porque o TEIP é reforço, não é?

Speaker 1: E o ideal era criar essa turma; seria perfeito criar uma turma.

Speaker 2: Porque aqui alguns professores já me disseram que existe um reforço para alunos que já vêm apresentando anos de repetição, vêm perdendo, não conseguem passar para o outro ano.

Speaker 2: Uma espécie de estudo acompanhado

Speaker 1: Estudo acompanhado?

Speaker 2: Sim. Este ano tem outro nome, a designação é CAP em que há um professor que presta auxílio, mas a todos os alunos com dificuldades. Lá está. Isto poderia acontecer, mas isso mais uma vez vai sobrecarregar o aluno.

Speaker 1: Mas eu penso assim, em termos preventivos. Porque me parece que este reforço é dado para quem já perdeu.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Não há um reforço em termos preventivos.

Speaker 2: Sabe que no passado fazia parte da estruturação dos currículos uma disciplina que era estudo acompanhado. E eu cheguei a dar estudo acompanhado, Fatima. E acontecia que

neste estudo acompanhado conseguia, lá está, reforçar, não a todas as disciplinas, mas até a outras disciplinas história ciências geografia conseguia ajudar os miúdos, porque eu sou de Português, é só estudar a matéria, resumir, sintetizar, se quiser, em línguas estrangeiras. Matemática não conseguia, mas conseguia acompanhar nesta parte. Estudo acompanhado era perfeito. E quem estiver a dar CAP pode canalizar as suas energias para esse efeito. Pode realmente ajudar os alunos a estudar. Ainda a pouco, antes de estar consigo, o professor de matemática que dá CAP à turma...

Speaker 1: O que é CAP?

Speaker 2 CAP é uma espécie, nem eu sei clarificar a sigla de momento, mas se quiser...

Speaker 1: Não, não.

Speaker 2: Eu não sei porque este ano não estou a dar CAP., mas é uma espécie de estudo acompanhado; que ajudam o aluno a estudar, metodologias estratégias de estudo.

Speaker 1: Hã Hã.... Bacana.

Speaker 2: É interessante. E este mesmo professor até me perguntou - Olha, por acaso tu estás a dar o texto dramático? Estou a aprofundar as aprendizagens do ano anterior nestas primeiras cinco semanas. - Não tens nenhuma ficha de trabalho relacionada com o tema? Eu disse, não tenho agora, mas na próxima aula vou arranjar e, assim, tu podes estudar e reforçar o estudo, o texto dramático com os alunos. E já estamos a articular e já estamos a colaborar.

Speaker 1: É o que eu chamo de preventivo, né?

Speaker 2: Não é?

Speaker 1: Porque se você oferece o reforço só depois que o aluno já foi Aí já num

Speaker 2: É, é.

Speaker 1: Porque no Brasil a gente tem um reforço antes do final do ano.

Speaker 2: Pois, e nós tínhamos aqui.

Speaker 1: Nosso problema é que oferecemos no contra turno e o aluno não vai à escola, entendeu? Como é no contra turno a escola diz - eu ofereço, ele que não vem.

Speaker 2: Pronto. Nós tínhamos isto em anos anteriores, tínhamos as aulas de apoio, sempre tivemos o ano inteiro, mas agora por uma questão econômica, redução de muita coisa, cortes em muita coisa em termos educativos, já não temos essa possibilidade. Porque isso acontecia...

Speaker 1: Isso era TEIP?

Speaker 2: Hum Hum (afirmativo)

Speaker 1: Porque o TEIP é sucesso educativo

Speaker 2: É.

Speaker 1: Porque para mim vem o reforço escolar na hora entendeu?

Speaker 2: Mas este ano está a acontecer através do CAP. Até tenho que ver a sigla e lhe dizer o que significa ao certo. No fundo é mesmo uma espécie de Estudo Acompanhado em que o professor define estratégias de recuperação de aprofundamento da aprendizagem...

Speaker 1: Isto é TEIP?

Speaker 2: Isto é TEIP.

Speaker 1: Ah, ninguém me falou disso, tá vendo? A gente precisa...

Speaker 2: Eu me lembrei, vamos lembrando, eu vou lhe dizendo aquilo que sei. E este ano o CAP está a funcionar nesse sentido. Eu considero positivo.

Speaker 1: Muito, muito.

Speaker 2: Também estamos a fazer, mas isso penso que é geral, em todas as escolas, dada a pandemia em que nos encontramos.

Speaker 1: Agora, por exemplo, você dá um CAF, mas você não consegue dar um CAF prá todos porque o aluno imigrante já não consegue acompanhar isso ...

Speaker 2: Depende....

Speaker 1: Depende do imigrante, é claro, os de língua mais difícil

Speaker 2: Por exemplo a (aluna venezuelana) consegue. O (aluno indiano) se estiver algum tempo com ele vai conseguindo. A (aluna brasileira) está muito bem, mas ela não é considerada aluna de PLNM por ser brasileira, dada a proximidade da língua, não foi considerada aluna de PLNM

Speaker 1: Não é? Isso é bom. Porque sempre que referem ao PLNM, isso me chamou atenção e até comentei isso com Marcelo eu disse poxa eles referem sempre o aluno imigrante, mas não referem o cabo-verdiano, o brasileiro, o angolano

Speaker 2: Porque a língua é próxima, portanto não houve a necessidade de integrar esses alunos.

Speaker 1: Vamos correr, estamos agora no Programa PLNM então fala para mim como é que ele tem funcionado na escola, como funciona, o padrão de instrução adotado, exigência de formação para lecionar em turmas de PLNM. Tenho várias perguntas aqui, vou fazer todas de uma vez, você vai falando

Speaker 2: Diz, diz

Speaker 1: Se você considera que os recursos são suficientes, se o programa oferece atividade adicional para aluno em dificuldade. É por aí, por enquanto vamos por aí.

Speaker 2: Vamos começar do zero. Em PLNM, por exemplo, este ano eu já conhecia o aluno X, já não houve problema, é o tal aluno de segunda geração. O (aluno indiano) também. chegou-me entre aspas às mãos no ano passado, no sétimo ano, e ele era um aluno com nível de proficiência zero A0, porque ele vai compreendendo algumas palavras, mas fala muito pouco. Um dos grandes problemas destes alunos é que eles não desenvolvem amizades no exterior. Chegam à casa continuam a falar a sua língua nativa e não desenvolvem o português, o que dificulta ainda mais a aprendizagem do português. Aconteceu com os indianos e aconteceu com os alunos de origem chinesa também tive no ano passado. Chiang que nasceu cá e estes alunos que nascem cá são os que melhor falam, mas mesmo Chiang em termos de escrita tinha bastante dificuldades porque lá está, chegava a casa, continuava a falar mandarim com os pais e familiares. Apesar de ter tido uma ama que o criou desde sempre e que falava português com quem ele aprendeu bastante português. Pronto. Portanto, os alunos têm as aulas com o professor de português titular, este professor de português aplica-lhes um teste de diagnóstico que está na página da Direção-Geral da escola para aferir o nível de proficiência do aluno. Speaker 1: Quem aplica?

Speaker 2: O professor de português. E este ano vou ter que aplicar à minha aluna, porque ela vem de outra escola de Gaia, ela é venezuelana e já frequentou PLNM integrada em uma turma e era aluna do A1. Ao transitar imediatamente passa para o A2 só que como ela veio transferida, para avaliar se de fato ela está no nível 1 ou realmente está no 2.

Speaker 1: Esse padrão, o padrão de instrução adotado pela escola é o padrão do Ministério da Educação

Speaker 2: Exatamente. Da página da Direção-Geral de Educação. Então, aplicamos este teste e então aferimos o nível de proficiência do aluno.

Speaker 1: A exigência de formação do professor ...

Speaker 2: Eu não tive nenhuma formação em PLNM. Frequentei algumas formações ações de formação, de forma autónoma porque quis. Mas nós não somos obrigados a ..., portanto, ao obter a formação em português, automaticamente estou preparada para lecionar aulas de PLNM. Em relação à (aluna venezuelana)... (interrompida pela bibliotecária que dá instruções de como fechar a porta quando sairmos da biblioteca, local onde estamos gravando a entrevista).

Speaker 1: Portanto, nós estamos no momento em que aplicamos o teste diagnóstico baseado então nas instruções e diretivas do Ministério da Educação para o fazer, aferir o nível de proficiência do aluno. E essa aferição também é feita pela ciberescola que depois manifesta a sua concordância ou não de acordo com o que vai trabalhando com a aluna. A aluna, como disse

então beneficia de aulas presenciais e juntamente com essas aulas presenciais... lembrei-me agora de um fato a destacar com alunos chineses, talvez não esqueça ... e conjuntamente com essas aulas presenciais em sala de aula de PLNM, ela também tem as aulas de ciberescola uma ou duas vezes por semana; eu penso que é só uma, online. Tem a professora da ciberescola que vai treinando e parece-me a mim, mais explorando os tais domínios da compreensão e expressão oral. O professor titular neste caso, eu, concebe materiais para a aluna trabalhar. Planifica - há uma planificação que foi feita, com as estratégias, os domínios, as competências, certo? Essa é uma gestão anual do programa, ou seja, com os conteúdos que a aluna vai trabalhar ao longo do primeiro, do segundo e do terceiro...

Speaker 1: Individual?

Speaker 2: Essa planificação é baseada nos documentos orientadores da Direção-Geral de Escola. Já a fiz para a (aluna venezuelana) e para o (aluno indiano).

Speaker 1: Que massa!

Speaker 2: Do A1 e do A2. Portanto eu suponho que o (aluno indiano), como transitou, vai ter aulas de nível de proficiência A1 e a (aluna venezuelana), a partida terá A2, ainda estou a acabar um texto que estou a fazer com ela. Esse texto, mais uma vez foi tirado da tal página da DGE. Estamos neste momento na questão da conjugação das aulas, dos materiais específicos, portanto, eu tenho que estar a dar as minhas aulas à turma e atribuir uma tarefa aos meus alunos em simultâneo. Portanto, tudo poderia acontecer muito melhor e de forma mais profícua Fátima e aí que poderia haver uma inovação, se houvesse ali um professor coadjuvante a ajudar. Esse tal professor de apoio que está fora poderia eventualmente ter mais uma hora, estar de fato, apoiá-los durante uma vez por semana, que seja, mas também poderia estar em sala de aula. Não importava nada, não era? E assim, enquanto eu estava a expor a matéria para o restante da turma, a professora de apoio sempre que pudesse auxiliava o (aluno indiano) com o A1 e a (aluna venezuelana) com o A2. Era muito mais rentável porque por vezes estes meninos acabam por não expor todas as suas dúvidas embora lhes diga - Meninos, no final da aula se tiverem dúvidas coloquem-nas, mas eles saem coitadinhos, eles querem usufruir do intervalo e só quando a necessidade é extrema e quando tem uma vontade mesmo.

Speaker 1: Me veio uma ideia, mas ...

Speaker 2: Portanto, mas há pouco lembramos o seguinte. O ano passado quando a gravidade da situação e, isso é projeto TEIP, quando a gravidade da situação (?) e isso acontecia com a X e a Y, ela acabou por suprimir a aprendizagem de uma disciplina, eu creio que foi... se não estou em erro eu creio que foi o francês, que suprimiram esta disciplina e acrescentaram com uma hora de apoio. Esta professora que veio de fora especificamente para apoiar os alunos de Português Língua Não Materna.

Speaker 1: Ah... veio uma professora de fora?

Speaker 2: Sim, há dois anos, que os apoiava. Este ano ainda não temos, mas eu creio que virá para apoiar estes alunos de língua não materna, nem que seja uma vez por semana. Essa tal professora que há dois anos veio, portanto, estava mais uma hora por semana a Y e prestava-lhe um apoio extra, ela ao fim e ao cabo chegava a ter duas ou três horas de apoio com essa professora, no fundo é uma professora de PLNM, que estava a apoiar esses meninos.

Speaker 1: Falava mandarim, era poliglota...

Speaker 2: Não temos esta hipótese de ter tradutor, isso aí implica custos. E esse é o problema, Fatima. No nosso sistema educativo quando envolvemos custos, tudo é difícil. Assim as escolas TEIP tem uma espécie de ajuda monetária, mas ainda assim não é suficiente, dadas as fragilidades e as necessidades que temos.

Speaker 1: Eu não consigo ficar calada. Depois eu tenho que traduzir (transcrever) tudo isso. Rs... Mas, suponha por exemplo, que essa monitoria, chamo monitoria, aqui monitoria tem outro sentido, mas esse apoio não poderia ser dado por estudante? Tipo voluntariado?

Speaker 2: Poderia, até que agora este ano está sendo implementado aqui um novo programa que é English for all ou algo do gênero, no projeto em que há dois colegas que aqui estão a trabalhar e a coadjuvarem, não sei qual a nacionalidade dos mesmos, mas poderia ser quem sabe por exemplo de outra nacionalidade, chinesa

Speaker 1: Porque na Faculdade de Letras está assim de chinês fazendo curso de Português, ele poderia fazer um estágio aqui...

Speaker 2: Isso poderia ser uma sugestão. Olhe quando falar com o senhor diretor proponha-lhe isso. Rs...

Speaker 1: Você vai estar presente ... Vamos lá.

Speaker 2: Ai vou? Não me diga...

Speaker 1: Vai, vai sim.... Olha aqui ó. Bom, beleza. Este negócio não tem suporte, o programa não tem mediador.... Qual a exigência de formação para lecionar em PLNM?

Speaker 2: Neste caso nós não temos, não é? Automaticamente, se pertencemos ao agrupamento já estamos habilitados para ensinar PLNM porque no fundo a metodologia difere, mas os conteúdos são os mais simples de todos, não é? Só temos que adaptar as estratégias e as metodologias à faixa etária do aluno.

Speaker 1: Bom, aqui tinha uma pergunta em relação às outras disciplinas não ao português; apoio para as outras disciplinas.

Speaker 2: Ó Fatima,

Speaker 1: Como é que faz apoio às outras disciplinas

Speaker 2: Pois é isso, como se faz nas outras disciplinas, é verdade. Nessa área sou um pouquinho ignorante, mas o pouco que sei é que não há um apoio concreto. Basicamente o aluno está na aula e ouve o que os outros alunos portugueses ouvem. Portanto, se um aluno tem dificuldade em compreender a língua, um indiano, um chinês, dificilmente vai entender o que o professor de História, o professor de Geografia, matemática tenta explicar. Aliás, a matemática até é uma das disciplinas em que melhor conseguem entender porque estamos a falar de linguagem numérica. Por exemplo, o (alubno indiano), segundo o professor de matemática, até vai participando e vai percebendo porque estamos a falar de operações matemáticas; não envolve linguagem verbal. E isso é benéfico, mas eles se beneficiam do mesmo currículo e, por isso eu continua a insistir, Fatima, estes meninos deveriam fazer parte de uma turma e ter um professor para cada disciplina, mas esse professor deveria ter em atenção que teria de ter outra metodologia, outra abordagem dos diferentes conteúdos para eles conseguirem perceber.

Speaker 1: Como você a adaptação do português, não?

Speaker 2: Sim, e os restantes colegas que têm alunos em sala de aula.

Speaker 1: Você tem conhecimento de que eles fazem essa adaptação curricular?

Speaker 2: Eu não tenho, mas estas são as indicações enviadas pelo Diretor, pela Coordenadora.

Speaker 1: Adaptação curricular

Speaker 2: Sim. Ainda recentemente enviei à minha coordenadora porque ela havia pedido uma planificação a longo e a médio prazo, com os devidos critérios de avaliação porque estes meninos têm que ter distinção em termos de critério de avaliação.

Speaker 1: O professor, o diretor falou disso...

Speaker 2: Sim, sim...

Speaker 1: Que é uma grande preocupação dele principalmente quando os meninos atingem o nível B2, porque B2 parece que é pá e não é....

Speaker 2: Eles têm que fazer no nono ano, sabia? Esse é o problema. Se eles não evoluíram podem ter muitas dificuldades no exame nacional porque são obrigados a fazer um exame nacional de PLNM com nível A2 é o mínimo é o mais baixo e especialmente os meninos de nacionalidade chinesa têm muita dificuldade em resolver e responder este exame. E os

resultados podem não ser os melhores. Porque o grau de dificuldade abordado nas aulas não se equipara ao grau de dificuldade presente nos exames nacionais.

Speaker 1: Sem dúvida...

Speaker 2: E, para isso acontecer tem que haver uma ajuda extrema. Tem que haver uma ajuda extrema desse tal professor de apoio que reforça, não é? Se tivéssemos essa possibilidade ...

Speaker 1: É que você poderia fazer mais uma planificação

Speaker 2: Eu faço uma planificação, mas às vezes eu gostaria de estar mais tempo com o aluno para estimular o discurso oral e a interação. E esse professor de apoio que me pode ajudar quando eu articulo com ele, não é? E eu continuo a considerar que a formação de uma turma era perfeita, mas nós não temos essa possibilidade. Portanto, temos que remediar. Speaker 1: Como tem sido a avaliação dos alunos que tem PLNМ em termos de comunicação nos trabalhos acadêmicos.

Speaker 2: Sim. Em termos de avaliação nós procedemos da mesma forma como procedemos para os meninos do ensino regular, isto é, aplicamos avaliações diagnósticas, avaliações estimativas ... nós fazemos de uma forma mais ligeira e por domínios de compreensão oral, da expressão oral. Normalmente quando eu tenho professor de apoio peço para o professor de apoio fazer a avaliação da compreensão oral porque ele está numa sala a parte com ele e consegue colocar o registro áudio, o aluno ouve um registo áudio e responde às questões ... em sala de aula, em simultâneo é difícil. Mesmo a questão da interação oral, esse professor trabalha essa parte com o aluno. E também tem a vantagem da ciberescola para promover essa questão. Às vezes, a ciberescola, às vezes não, mais frequentemente ou semanalmente envia fichas de trabalho para desenvolvermos com o aluno, o que nós achamos, por vezes, é que o grau de dificuldade das fichas de trabalho é demasiado simples.

Speaker 1: É demasiado simples?

Speaker 2: Simples. E não se adequa, na minha opinião e dos restantes colegas ao grau de complexidade que depois o exame A2 tem.

Speaker 1: É, eu tenho uma mãe que diz que a menina deixou de estudar, a primeira mãe que eu entrevistei, por pura sorte, porque era minha amiga da faculdade

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: quando eu fui ver a filha estudava aqui. Eu fiz uma entrevista teste com ela sem saber que a filha estudava aqui...

Speaker 2: O grau de dificuldade é muito...

Speaker 1: Ela disse, ela fez duas aulas e parou...

Speaker 2: E depois, sabe, a ficha que enviam nós fotocopiamos e se nós não apagarmos as soluções, o aluno tem as soluções em baixo. O problema é que as fichas enviadas vêm em PDF, depois tem que desconverter e é uma grande chatice. Julgo que, se calhar, o grau de dificuldade deveria ser mais útil, mais exigente, para depois prepará-los para o dito exame no 9º ano. Porque se o aluno passa porque é fácil ele resolver as fichas que lhe são enviadas pela ciberescola, mesmo os materiais que nós temos, temos livros lá em cima na biblioteca da Pedro de Lima, fotocopiamos e transformamos em fichas para atribuir aos alunos... são fáceis alguns, mas outros são mais difíceis e quando falo difíceis é no fundo para promover os conhecimentos no aluno, na aquisição dos mesmos. Mas eu gostaria de ter mais tempo para estar com os alunos para explicar-lhe tudo de uma forma mais profunda e só posso contar com a ajuda do professor de apoio quando há.

Speaker 1: E você nunca teve esse professor de apoio... há dois anos atrás...

Speaker 2: Há dois anos tivemos, o ano passado não tivemos, o que é pena.

Speaker 1: Tá bom Agora vamos trocar de assunto. Quanto ao PLNМ deixa eu só lhe falar uma coisa. O problema da formação das turmas é um problema legal

Speaker 2: É

Speaker 1: Porque assim, legalmente você só pode formar turmas com dez alunos. Você tem que ter 10 alunos, naquele nível para formar uma turma de PLNM

Speaker 2: E não temos...

Speaker 1: E a Professora X disse que a solução seria colocar essa necessidade... que isso ainda não demonstrou ser uma necessidade porque se assim houvesse sido, poderia essa necessidade compor um plano plurianual para formar essa turma... através desse mecanismo poderia ser formada a turma, mas isso teria que ser um plano de melhoria no Plano Plurianual uma coisa assim.

Speaker 2: Sim, sim, sim. É possível...

Speaker 1: Senão não há, então eu vejo e depois vou dizer tudo isso que já disse numa outra entrevista, quando eu li o funcionamento do PLNM no papel, pensei, mas isso não vai funcionar ... porque 10 alunos com dificuldades em cada nível, numa escola; e não é no agrupamento veja, é na escola.

Speaker 2: Esse é o problema.

Speaker 1: Porque tem o problema da agenda como você refere, entendeu? Então...

Speaker 2: Esse é um dos problemas e nós precisamos dessa parte. Agora nós temos mais do que 10 alunos imigrantes só que uns estão na escola X e outros estão na Y, outros estão nas escolas básicas... para conseguir...

Speaker 1: Você não consegue...

Speaker 2: Numa turma de 10 pode haver 10 com diferentes níveis de proficiente, um A1, um A2, um A0 de idades distintas.

Speaker 1: E aí você não pode formar turma.

Speaker 2: E é essa a grande dificuldade, porque, por exemplo, se a escola, se houvesse dinheiro, Fatima, podíamos criar turmas de A1, de A2, de A0.

Speaker 1: Se houvesse dinheiro?

Speaker 2: Se o Ministério da Educação tivesse isso em conta.

Speaker 1: Mas não adianta ter dinheiro porque tem uma legislação específica, nem com dinheiro.

Speaker 2: Mas podia se alterar a legislação. Se a Europa é uma Europa que pretende unificar, uniformizar e aceitar todos como se fossem iguais o que eu acho lindo, poético e, acho que o Multiculturalismo, a interculturalidade isso é uma vantagem para qualquer sociedade, a partilha de tradições, de hábitos enfim eu seu favor disso.

Speaker 1: Vamos falar sobre isto. Tenho aqui um conjunto de perguntas a seguir que fala das Novas Oportunidades que a presença de alunos imigrantes pode trazer para a escola.

Speaker 2: Lá está...

Speaker 1: A primeira delas está relacionada ao aprendizado de idiomas falados pelos imigrantes. Eu gostaria de saber, então ... de lhe perguntar se a escola oferta ensino de algum idioma falado pelos alunos imigrantes dentro ou fora do horário regular. Porque lá no índice está dito que as escolas podem funcionar em horários alternativos até em conjunto com outras instituições ... para fornecer o curso do idioma nativo do imigrante porque isso melhora a cognição, entendeu?

Speaker 2: Isso era interessante... era muito interessante que acontecesse, Fatima, mas não temos.

Speaker 1: Mas lá diz que em algum lugar em Lisboa...

Speaker 2: Poderá haver

Speaker 1: Poderá haver...

Speaker 2: Olha, na escola que minha filha frequenta na Póvoa de Varzim, Flavio Gonçalves, há o curso de mandarim.

Speaker 1: Ah, que massa...

Speaker 2: Da procura de vários chineses a integrarem lá os filhos então a escola, como uma forma de cativar o público, abriu o Curso Livre de mandarim.

Speaker 1: Ah que bom!

Speaker 2: Mas aqui não há essa possibilidade, mas era muito interessante porque nós temos um grande grupo de alunos chineses, indianos...

Speaker 1: Então...você sabe se isso foi iniciativa da escola ou se foi iniciativa da comunidade chinesa?

Speaker 2: Segundo eu sei foi iniciativa da escola, mas não lhe consigo atestar e dizer realmente se foi...

Speaker 1: Que massa. E deve com certeza ter alunos portugueses fazendo esse curso, não é?

Speaker 2: Tem, tem meninos de 9º ano, especialmente. Conheço dois.

Speaker 1: Se eu tivesse que traduzir (transcrever) depois eu ia te contar uma história, mas eu gostaria de lhe perguntar se no seu entendimento seria importante que o aluno frequentar um curso para aprender a sua língua materna e por que? .

Speaker 2: Especialmente aqueles que estão recém-chegados era fundamental frequentar esse curso, em que desenvolvem a aprendizagem do português, neste caso, está a falar do português? Então vamos lá recapitular. Está a fazer uma questão de os alunos portugueses aprenderem uma língua estrangeira?

Speaker 1: Não, não. Que o aluno estrangeiro frequentasse um curso para aprender a língua dele, a língua materna dele. Você entende que isso seria importante?

Speaker 2: Então, se ele já domina a língua ...

Speaker 1: Ele domina a língua? Será que ele domina a língua? .

Speaker 2: Ok já estou a perceber, ou seja, continuar a aprender a língua materna

Speaker 1: Como os chineses lá em Póvoa de Varzim.

Speaker 2: Sim. Sim, estou aqui a ver

Speaker 1: Você considera que este tipo de aprendizado interessa?

Speaker 2: Eu vou ser honesta, Fátima. É assim. Na minha opinião não vejo grandes vantagens, ou seja, haveria vantagens se um dia ele tivesse a vontade de regressar ao seu país de origem para manter vivo o idioma em si. Mas para ficar cá, provavelmente em casa, eu conheço famílias que funcionam em regime bilíngue, isto é, os alunos continuam a falar a sua língua nativa e depois, lá está, acontecia muito com os meninos chineses. Em casa continua a falar mandarim e na escola continuam a aprender o português. Considero rico se não sobrecarregar o aluno acho muito proveitoso ele manter viva a aprendizagem da língua nativa e não esquecer as suas raízes. E, se ele conseguir conciliar esse fator mais aprendizagem da nova língua do país onde está é perfeito, considero benéfico nesse sentido. Agora se começa a ser demasiado sobrecarregado para o aluno não é ele não tem essa autonomia e essa capacidade já não considera tão benéfico entende? Agora depende um bocadinho da autonomia, da responsabilidade, do aluno em si, não é? Um aluno mais novo tem essa facilidade em conjugar as duas línguas. Quanto mais novos somos, melhor aprendemos línguas estrangeiras, não é? Eu acho isso muito positivo.

Speaker 1: Meus netos falam quatro idiomas.

Speaker 2: aí sim seria positivo começar já com esta aprendizagem em simultâneo. Por exemplo, num primeiro ciclo e continuar o aluno já está habituado, se calhar até acaba por funcionar como uma forma de escape, não é? De sentir-se ainda mais reforçado com uma alta segurança. Nunca pensei nisso Fátima, mas olha que realmente traria mais vantagens do que desvantagens. Mesmo querendo voltar ou não, sentir-se bem, mais reforçado.

Speaker 1: Isso está na literatura, melhora o aspecto cognitivo.

Speaker 2: Penso que sim eu considero sempre positivo. Quanto mais línguas estrangeiras o aluno aprender, melhor, é sempre mais rico.

Speaker 1: Bom... e se alguém poderia, os portugueses, poderiam aproveitar, você já disse que sim.

Speaker 2: Acho que sim, acho que sim.

Speaker 1: Que poderia interessar.

Speaker 2: Muito, muito. Eles não têm que anular as suas próprias características tradicionais e hábitos, não. Eles não têm que ser autônomos antes, pelo contrário, têm que partilhar.

Speaker 1: Olha, aqui é sobre o idioma do aluno imigrante, certo?

Speaker 2: Hum...

Speaker 1: Agora em termos da cultura, em termos do aprendizado da cultura do imigrante, como tem sido a postura desta escola?

Speaker 2: Olha eu tive uma experiência muito rica quando estive a dar ensino recorrente aqui há três anos. Assisti a um sarau intercultural. Lá está, a turma de adultos, do ensino recorrente promoveu um sarau. Muito giro, adorei, estive presente fiz parte e adorei. E gostava que replicassem esse sarau. Na época eu adorei, mas eu gostei imenso. Olha, ainda hoje estávamos a falar sobre isso. Porque a minha aluna venezuelana tem muita facilidade, dada a proximidade da língua, ela fala um português bastante razoável. Estava uma colega a ver - ó professora, já me ensinou umas quantas palavras em espanhol e eu estou a adorar. O espanhol aqui há poucas turmas e eles fazem parte da turma do francês, estão com a professora X. - Ó Professora, estou a adorar. Está a ver? Um dia (ela) vai fazer uma apresentação e, (o outro aluno) de alguns aspectos que eles bem gostarem na sua língua. - Concordam? E o outro aluno abriu os olhitos e gostou. E a (aluna venezuelana) ficou assim um bocadinho envergonhada. - Olha, em janeiro, vamos deixar cimentar estas amizades, tu vais gostar. E acho que ia ser interessante, acho que é muito rico e, dada a experiência que tive no recorrente, era perfeito. Criávamos estes saraus na altura do Natal, não era giro? Partilhar poemas, canções, danças.

Speaker 1: As meninas, na escola em que eu trabalhei, por iniciativa própria, as bolivianas em contato com as brasileiras, nós tínhamos muitos bolivianos nessa..., as bolivianas organizaram um curso de idioma para ensinar espanhol para as brasileiras...

Speaker 2: As meninas... tinham que idade?

Speaker 1: 10, 11. Foi a coisa mais legal que aconteceu.

Speaker 2: Isso era bem giro.

Speaker 1: Porque era assim, o excluído incluindo...

Speaker 2: É aí que cria a inclusão. Aí a inclusão começa a acontecer...

Speaker 1: Muito, muito lindo...

Speaker 2: Olha achei essa ideia lindíssima (Fazendo uma anotação).

Speaker 1: Porque entre elas, elas querem falar, querem conhecer o idioma uma das outras, entendeu?

Speaker 2: Fatima, eu cheguei a pedir o número de telefone (à minha aluna chinesa) para partilhar com (outra aluna chinesa da turma) que tinha chegado há meses à escola. A menina era extremamente tímida, ela deve ter tido uma cultura muito rígida... bastava a Fatima aproximar-se dela aproximar que ela imediatamente se encolhia. Portanto, uma educação castrante, na minha opinião. Adiante, para ela partilhar e começar a criar uma nova amizade. Entretanto estourou a pandemia foi tudo por água abaixo. Olha, mas gostei dessa ideia do clube de línguas ...

Speaker 1: É maravilhosa, a Professora X também se apaixonou.

Speaker 2: Ah, eu gostei muito.

Speaker 1: Nem que fosse para aprender o básico, né? O bom dia, boa tarde...

Speaker 2: Exatamente. Até eu participava Adoro isto.

Speaker 1: Em quais disciplinas você pode dizer que essa preocupação está mais presente, do aprendizado da cultura do imigrante, se é que isto é uma preocupação.

Speaker 2: Eu diria que na disciplina de geografia acontece porque chegam a estudar, penso eu, esses temas. Mas, em português isso acontece frequentemente nos testes que vamos abordando. Vamos abordar possivelmente um texto de bullying que posso articular precisamente com a questão da aceitação da pessoa que vem de fora, por exemplo, isso é sempre passível de acontecer. E penso nas línguas estrangeiras, inglês e francês também chegam a abordar essa temática, na minha opinião. Chega ali um momento em que falam de culturas distintas da aceitação de culturas, em inglês especialmente. Julgo que focam este aspecto. Mas Português é a tal disciplina transversal que se for bem utilizada pode ser ajustável a este tema.

Speaker 1: E você tem conhecimento de algum projeto atividade dentro do horário regular ou fora nesse sentido? Tipo, desloca para ir a um museu para conhecer...

Speaker 2: Não. Que eu saiba aqui na escola não existe.

Speaker 1: Ou um projeto? Como o clube da língua, ou ...

Speaker 2: Não, nós não temos aqui na escola.

Speaker 1: Como as matrículas nas escolas em Portugal estão condicionadas à área de residência do aluno, não é possível adotar procedimento para conter a segregação, como o de remanejar estudantes migrantes de escolas com um grande número deles para outras que possuem um número menor. Entenda, isso porque está condicionado a área de residência, então a escola que tem muito imigrante, terá sempre muito imigrante e isso lá no índice tenha países que remanejam, aqui não é possível fazer...

Speaker 2: Não fazem isso.

Speaker 1: Até é. Até poderia ser e eu acho que em certa medida até é, desculpe, mas vamos ver.... vai depender da análise depois, não é? Como as matrículas nas escolas estão condicionados à área de residência não é possível adotar procedimentos procedimento para conter a segregação como o de remanejar estudantes migrantes de escolas com grande número para outras que possuam o menor número. No seu entendimento, esta é uma escola segregada, estigmatizada por ter um número elevado de imigrantes entre seus alunos, ou ainda por alguma outra razão?

Speaker 2: Não considero que esta escola seja, que segrega, nem Eu até acho que esta escola é bastante receptiva, porque acolhe alunos de diferentes nacionalidades e se quisesse poderia não o fazer.

Speaker 1: Ela não é, com certeza, não é uma escola que evita, mas é que ela acaba por ser uma escola com grande número e por isso ela pode ser vista como uma escola segregada.

Speaker 2: Sim eu por acaso nunca olhei a escola nessa perspectiva quero ser mais otimista

Speaker 1: Dizem isso das escolas TEIP

Speaker 2: Pois eu sei, mas também dizem as TEIP são um escape, um bode expiatório de tudo que é mau, não é? As TEIPs são as escolas que recebem os alunos com mais dificuldades, as escolas que recebem os alunos que vivem em condições sociais fragilizadas; as TEIPs são escolas que recebem tudo o que as outras escolas não querem, basicamente. Eu lhe diria que as outras é que segregam. Isso poderia não acontecer. Eu acredito que é positivo para qualquer tipo de escola seja TEIP ou não receber alunos com diferentes nacionalidades, Mais uma vez, saliento que só vão enriquecer o povo que lá está, as pessoas que lá estão. Mas, sim, isto acontece em Portugal. Não sei se acontece nos países estrangeiros mas pelo que eu ouço falar em França parece acontecer algo do gênero. Mas acontece. E depois nós também temos aqui uma grande, vá, uma repartição entre o ensino público e o privado. O público acaba por receber todos os alunos que às vezes o privado não quer, não é? Por exemplo, está a falar em TEIP. Há uma escola de autonomia consagrada de TEIP que é a escola X e essa não enquadra nos moldes da escola TEIP, porque ela é uma escola que teve autonomia e por norma selecionava os alunos para entrar nas turmas de 7º ano. Só os alunos que tinham boas notas é que entravam prás turmas de 7º ano. Só haviam duas turmas. Portanto, essa questão da

autonomia começo a achar que cada um gera autonomia conforme pode e consegue. Não posso dizer mais do que isso...

Speaker 1: Mas isso, na primeira entrevista com um pai eu percebi que existiu o processo seletivo porque isso era uma preocupação. Eu trabalhei num projeto na USP para conhecer o projeto de pesquisa dentro da universidade. Fui participar de um processo sobre desigualdade intraescolar. E um dos processos que fazia parte dos indicadores da pesquisa era o processo seletivo. Então, quando eu cheguei aqui, ah a matrícula é 100%, é indocumentado, é qualquer um, pode entrar e tal, não tem processo seletivo. Eu lembrei do projeto e meti uma pergunta sobre isso no questionário dos pais. A menina veio - foi a menina que estudou aqui o ano passado - A menina veio, estudou aqui e ela tinha excelentes notas e disseram, ela vai ficar melhor na outra escola e mandaram a menina embora, quer dizer, a menina já está com problema de se integrar, está num país estranho, fica um ano em uma escola, sabe? Me deixe... não gostei.

Speaker 2: Mas outro procedimento no sentido de conter a segregação, seria que escolas com poucos imigrantes se liguem a escolas com muitos imigrantes e vice-versa em atividades curriculares ou extracurriculares.

Speaker 2: Hum, Hum, estou a perceber

Speaker 1: Como você vê esse tipo de iniciativa? No seu entendimento estas ações seriam efetivas? Quais seriam as facilidades ou impedimentos para fazer coisas desse tipo?

Speaker 2: Olha, eu considero muito positivo, só enriquece a cultura, os horizontes de todos que nelas participam E, agora falamos numa era de globalização em que todos devemos estar a funcionar como um só, o que considero positivo e só vejo vantagens muito honestamente. Agora, o único obstáculo será articular entre escolas todo esse processo. Tem que haver em primeiro lugar vontade dos docentes, dos diretores em fomentar estas atividades. Que isso pode acontecer, só que isso exige muito trabalho, Fatima. Tem que haver um trabalho de antemão.

Speaker 1: Ele é um trabalho extra, não é?

Speaker 2: É um trabalho extra. De antemão criava-se uma equipe como se criam equipes de auto avaliação, de trabalho...

Speaker 1: Isso é um projeto, não verdade...

Speaker 2: Criava-se uma equipa para desenvolver esse projeto que provavelmente exigiria alguns meses de trabalho para que tudo funcionar, se houvesse vontade, mais uma vez reforço esta ideia ... pode acontecer mas tem que haver vontade de o fazer e tem que haver também um corpo docente já estável naquela escola que não pode ser feita por um professor que esteja a trocar de escola; que já conhece aquela comunidade e que tenha uma certa forma

Speaker 1. A proximidade

Speaker 2: com outras, de forma a acontecer. Acho que quando há vontade as coisas podem acontecer. Mas, tem que haver estabilidade e vontade dos outros em cooperar. É a tal cooperação que falávamos a pouco sobre. Sem cooperação e vontade de colaborar as coisas não acontecem, mas para mim é positivo. Tem é que haver uma equipe que fomente esta articulação. E o único obstáculo pode ser mesmo este.

Speaker 1: Esta escola desenvolve ações para aproximar alunos, pais e comunidades migrantes?

Speaker 2: Olhe eu no ensino recorrente, vejo isso claramente, como lhe disse, quando estava lá estava a noite tive mais este contato próximo e que os pais, inclusive alguns deles, chegaram a trazer os filhos para a escola porque não tinham alguém baixar e as pessoas deixavam assistir. Estavam ali lindamente, foram dois ou três casos que aconteceram. No ensino diurno, francamente, como não sou diretora de turma não tenho uma noção exata que isso aconteça. Mas eu creio que sim porque os diretores de turma aqueles que eu conheço são extremamente

profissionais procuram sempre entrar em contato. Ano passado tínhamos a experiência do (diretor de turma) que trabalhava sempre no sentido de criar uma proximidade com o encarregado de educação (da aluna chiensa), mas desta feita o encarregado de educação que lá está, por uma questão de impedimento de língua, como não entendia português não vinha cá, não falava, não articulava, a criança não participava em projetos. Portanto, a questão, o obstáculo mais uma vez é a língua que está a impedir, neste caso (da aluna chinesa), mas parece-me que a escola articula sempre que pode através dos diretores de turma.

Speaker 1: Dos diretores de turma

Speaker 2: Que são no fundo quem recebem as diretivas do Sr. Diretor que por sua vez transmite, há sempre esta preocupação no início do ano letivo de integrar os alunos de português língua não materna e os diretores contactam com os encarregados da educação e assim funciona o ciclo.

Speaker 1: Houve por parte da escola alguma iniciativa no sentido de chamar os pais para participar da administração da escola, destes alunos imigrantes?

Speaker 2: Isso já não lhe sei mencionar. Não faço ideia, mas acredito que sim.

Speaker 1: Ou de se envolverem nas atividades escolares?

Speaker 2: Mas não há muitas atividades nesse sentido, sabe? As atividades, poderia haver, as tais interculturais, de partilha, houveram à noite, mas, lá está, à noite não chega. Queremos também replicar ...

Speaker 1: Por isso que eu amava aquele meu diretor porque eram tantas festas para envolver os bolivianos eram tantas coisas e chamava os pais... Porque você sabe que bolivianos gostam muito de dançar, não é?

Speaker 2: Sim. É um povo muito efusivo...

Speaker 1: Exatamente. E em São Paulo, a gente tem lá o Memorial da América Latina que por sinal ficava bem perto da casa onde eu morava, do apartamento em São Paulo e os bolivianos tem lá o dia, não sei, é um dia comemorativo boliviano e os grupos se apresentam. Então parte dos alunos, os pais dos alunos eram dirigentes destes grupos folclóricos bolivianos. Ah... o professor fazia altos eventos com estes bolivianos na escola, era muito bom, com muita comida...

Speaker 2: Mas, olha, nós fizemos isso à noite e foi muito bonito... de dia é que poderia acontecer mais vezes.

Speaker 1: Bom. Agora sobre educação intercultural. Para iniciar essa etapa gostaria de fazer inicialmente algumas perguntas sobre a sua formação inicial. Você teve a oportunidade de cursar alguma disciplina para a Educação Intercultural na sua formação inicial?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: E depois você fez alguma formação, algum curso, algum treinamento?

Speaker 1: Sim. Olhe, fiz neste período da quarentena, não fiz uma formação, eu tirei uma especialização em Educação Especial, domínio cognitivo e motor que não tem nada a ver, mas fiz formações e uma delas, a última, foi educação para a cidadania, o perfil intercultural do aluno. Portanto, foi a última que fiz. Foram 25 horas de formação, mas fiz de forma autônoma.

Speaker 1: Como você tem visto a chegada de um número cada vez maior de migrantes na escola?

Speaker 2: A mim não assusta em nada. Até, pelo contrário, acho positivo. Os pais procuram melhores condições de vida. Eu pá, se vivesse em um país que estivesse em apuros, provavelmente também queria sair de lá e ser bem aceito num outro país e ter melhores condições de vida para a minha filha, neste caso. Portanto, eu vejo isso de uma forma muito positiva e as pessoas simplesmente querem sobreviver quando vêm pra fora. E é positivo. E só espero que essas pessoas sejam bem-sucedidas.

Speaker 1: No seu entendimento, nessa escola alunos imigrantes podem se desenvolver e ter o mesmo desempenho que os portugueses?

Speaker 1: Poder podem. Agora eu não sei se eles têm condições econômicas para o fazer, em alguns deles. Por exemplo, como já lhe contei o caso do meu aluno X, o pai foi muito bem-sucedido e ele já nasceu cá, o pai tem um restaurante, ele vai muito bem. Mas estes alunos recém-chegados, tudo depende. Em termos educacionais o que é que nós pretendemos? Formá-lo para ser um cidadão ativo que tenha consciência dos seus direitos. Também tem que ter consciência que tem deveres a cumprir. Mas, acima de tudo que se sinta seguro porque muitos deles têm uma autoestima baixa e pensam que por serem imigrantes, e se calhar já circulam um bocadinho isto lá fora, que tem menos direitos do que os outros, o que não é correto, que devem ser olhados à semelhança dos que cá, mas isso é algo que demora a acontecer. Eles próprios também têm que perceber que...

Speaker 1: Que é luta, né?

Speaker 2: Têm que lutar para aprender, não é? Não podem ficar eternamente à espera de aprender uma linguagem, tem que lutar. Assim como nós quando vamos para fora, temos que aprender a língua temos que estudar e trabalhar. Portanto, eles também têm que perceber que deve haver um certo esforço por parte deles. E que têm todo o direito de ser iguais aos outros alunos, agora têm que estudar minimamente, assim como os outros alunos também têm que estudar. Nós dizemos o mesmo aos alunos portugueses. Vocês têm que estudar para conseguir ter um certificado que os permita entrar no mundo laboral. E eu, no fundo, trato os alunos imigrantes da mesma forma que os meus alunos portugueses.

Speaker 1: De modo geral, a escola tem recursos suficientes para atender necessidades específicas do aluno imigrante.

Speaker 2: É como lhe disse... poderia ter muito mais.

Speaker 1: Quais são as dificuldades mais presentes nestes alunos?

Speaker 2: É, acima de tudo... o obstáculo é a linguagem; e o próprio currículo que lhes é apresentado. PLN não há aquele problema porque está ajustado a ele e as outras disciplinas?

Speaker 1: E, então? Você poderia dizer que a escola tem um currículo que reflete a diversidade?

Speaker 2: Sim. Nós temos muitos alunos de diferentes nacionalidades e que exprime um pouco esta diversidade cultural. Não sei se era essa a resposta que pretendia.

Speaker 1: Seria assim... se o currículo contempla

Speaker 2: O currículo da disciplina...

Speaker 1: O currículo...

Speaker 2: Ou seja, está a falar do historial da escola

Speaker 1: O currículo...

Speaker 2: Ou seja, está a falar do historial da escola, não é? Se contempla a ...

A segunda talvez possa esclarecer. Poderia citar algumas adaptações, em termos de adaptação curricular, entendeu? Porque assim, se eu tenho um currículo fechado que não permite adaptar para contemplar um aluno de fora, entendeu? Esse currículo não está refletindo a diversidade. Essa é a minha ideia, entendeu? Poderia citar algumas adaptações curriculares feitas com a preocupação de envolver a diversidade do imigrante e também dos alunos portugueses, porque a gente tem aqui alunos de outra etnia, tem uma etnia forte, enfim...

Speaker 2: Eu começava ... Na sala de aula, lá esta Começar com a (?) primeiro, fora da sala de aula promover as tais atividades interculturais. Acho que seria muito benéfico criar clubes de línguas, partilhar experiências culturais em momentos diversos ao longo do ano letivo. Chamar mais os encarregados de educação desses alunos à escola para partilhar experiências, fazer workshops da língua, sei lá, se eles se sentem confortáveis...

Speaker 1: Um show de música, uma apresentação de guitarra, qualquer coisa...

Speaker 2: Acho que isso iria permitir uma inclusão tremenda. Era o que eu acho que poderia acontecer.

Speaker 1: Você considera que nessa escola a diversidade cultural é apreciada? Ou é um problema?

Speaker 2: Olha, nem uma coisa nem outra. Muito honestamente.

Speaker 1: Por que?

Speaker 2: Vou lhe ser honesta. Tendo em conta meus alunos Lá está. Aqueles alunos que têm uma proximidade da língua acabam por se entrosar mais facilmente e criar amizades mais rapidamente. Nos que têm uma língua mais distinta da nossa, eu não os vejo ligar-se aos outros colegas e muito honestamente também não vejo muito interesse da parte deles em aproximar-se. Eu acho que também isto é uma questão de personalidade é uma questão de cultura e educação. Mas, eu gostaria também de ver um bocadinho de vontade do outro lado em aproximar-se porque esses tais alunos, por exemplo, afastam-se. Eu sei que é uma questão de autoestima e segurança, aproximação...

Speaker 1: É que eles são crianças

Speaker 2: Eles são crianças, não se sentem em casa. Mas também o que é que os pais fazem em casa? Poderiam ter uma explicação, dizer-lhes não tenhas medo, faz novas amizades, tenta criar amigos uma ou outra, não precisas ter muitos, trazê-lo à casa, não é? Partilhar amizade e porque se calhar chegavam à escola e começavam a criar novas amizades, o amigo que foi lá à casa e diz - Sabes? Estive na casa de fulano, tão gira, a decoração da casa é tão engraçada. Olha, com tantas cores, tantos padrões ou até poderia não ser nada disso, mas são coisas do dia a dia que as partilhavam e os outros sentiam curiosidade. Ah é? Então, ó fulano, é verdade que tens lá em casa um tapete multicolorido, cheio de brilhantes e sei lá, começavam uma nova amizade. Mas isto é a minha forma de pensar. Isto prá voltar ao que é. Eu às vezes acho que os alunos estão assim um bocadinho num deixar-se ir. Não é um problema, mas também ainda não é encarar como uma vantagem. Mas lá está, se nós começássemos a dinamizar essas atividades interculturais, a partilhar, a fomentar, elas até seriam um giro. Assim como a aluna foi hoje capaz de me dizer - Professora, já aprendi mais a palavra de espanhol, e eu -Boa! Então, um dia destes vai dar aqui uma aula ou então uma parte da aula, só em espanhol. Concordas ? (dirigindo-se à aluna venezuelanoa) E ela assim toda engraçada com toda a gente... Eu acho que se nós promovemos essa parte, a escola começava a adquirir esse espírito.

Speaker 1: Fazíamos o seguinte lá. Chamávamos os meninos, reunimos só os imigrantes, entendeu? Começamos o projeto só imigrantes. Então, a sala só de imigrantes. E aí se falava um pouco de onde vieram, traziam coisas que eram coisas muito interessantes, tipo objetos para carregar crianças.

Speaker 2: É isso

Speaker 1: Enfim, vários objetos e eles traziam, traziam, traziam coisas e a gente sempre passava um filme e fazia uma discussão depois sobre o tema ... usávamos muito vídeo, depois discutíamos o vídeo e tal, muito bem. Fizemos aulas, até fiz uma aula pra eles e tal. E aí depois esse grupo começou os brasileiros ...

Speaker 2: Estas a ver?

Speaker 1: Eles que chamavam. A gente fez o contrário, né? Partimos deles e eles chamavam os brasileiros, entendeu? E o grupo foi crescendo...

Speaker 2: Era isso podemos dinamizar atividades, não é? Que um dia, uma feira, uma semana intercultural...

Speaker 1: Para o grupo foi chamado quem eles confiavam, entendeu?

Speaker 2: Exato, olhe assim como se realizam em algumas escolas a Semana das Línguas, a Semana da interculturalidade, um dia os indianos, outro dia os chineses, e era giríssimo e começava por aí. E aí sim começava a ser um projeto a escola está realmente encarar o espírito

de Escola Intercultural, que é um espírito lindíssimo, não é? Uma escola de línguas então era uma Escola Intercultural e aliás eu reforço que esta ideia era primordial. E depois aquela questão, aquela questão de ser obstáculo aqui nesta escola não, porque nunca assisti a casos de bullying e perseguição de outras nacionalidades, mas ouvi o relato de uma perseguição de cor; inclusive um aluno que tenho hoje numa turma que é o (nome do aluno), que é de raça negra e ele é um amor de miúdo... ele foi muito bem aceito na turma pela primeira vez e os colegas até olharam para ele e admiraram-se quando ele relatou que veio transferido de outra escola porque os colegas dele destruíram-lhe o material todo e foram muito rudes com ele. O pai transferiu e os colegas ficam a olhar pra ele, do gênero, Ui! Por que? Portanto, são bons miúdos. Aonde ele está até achavam estranho aquilo, por que? Porque felizmente nós temos muitos alunos de diversas cores coloridas rs... que eu acho giríssimo e toda a gente

Speaker 1: Mais um projeto, rapidinho.... Eu fiz uma árvore genealógica da escola para mostrar que a diversidade não só está nesses, a dificuldade está naqueles. Porque a diversidade é algo que é meio incomensurável. Então se nós olharmos nos nossos ramos, nós vamos lá encontrar

Speaker 2: Estão lá todos, não é? Nós somos todos iguais, nós somos seres humanos. Ponto.

Speaker 1: E ficou muito lindo este projeto....

Speaker 2: Imagino...

Speaker 1: Uma árvore genealógica da escola inteira

Speaker 2: Mas isso deu um trabalhão imenso, Fátima!

Speaker 1: Deu, pra tabular e tal... e você receber as árvores decoradas com as fotografias, nossa, foi muito lindo.

Speaker 2: Imagino. Eu acho isso positivo.

Speaker 1: Mas vamos nessa.... Isso aqui é se a escola faz adaptações no seu cotidiano com o objetivo de incluir necessidades especiais migrantes e outras minorias, contemplar na agenda feriado, festa religiosa...

Speaker 2: Não. Não fazemos nada disso. Olha eu vou lhe ser honesta, mesmo nas nossas, são poucas as festividades que também aqui são lembranças Natal Páscoa Dia de São Valentim, pouco mais do que isso.

Speaker 1: É ... porque conversando com a professora X ela lembrou uma coisa muito boa que é....

Speaker 2: Ah o dia do patrono... é a única situação em que a escola basicamente está unida, em sintonia

Speaker 1: É... nesse dia do patrono é que ela imaginava fazer essas atividades

Speaker 2: É possível sim, aliás o sarau que nós fizemos no recorrente foi neste âmbito.

Speaker 1: Mas, a professora X falou sobre o Ramadão, que precisaria ter uma atenção um pouco mais...

Speaker 2; ah porque ela tem a (uma aluna indiana)...

Speaker 1: É porque é um período que ficam muito tempo sem comer e, ficam sonolentos...

Speaker 2: Mas eu por exemplo não tenho a não ser o (aluno indiano).. a aluna dela é que sim. Não tenho estes casos, isso acaba por não acontecer...

Speaker 1: Mas tem o ano novo chinês, não é, tem outros...

Speaker 2: Sim, por exemplo, não é? Mas também não é dito. Este ano não tenho alunos chineses, mas o ano passado tinha e nunca cheguei a questionar isso...Rs

Speaker 1: A escola já tomou alguma ação no sentido ... agora situações de preconceito, você acabou de relatar...

Speaker 2: Mas também foi aquele caso único.

Speaker 1: Certo...

Speaker 2: De resto não me apercebi de mais nada, muito honestamente.

Speaker 1: Ok. E na situação, o pai foi quem interveio, o pai que tirou.

Speaker 2: Mas não foi nesta escola...

Speaker 1: Ah...

Speaker 2: Sim, mas não foi nesta escola. Foi numa outra escola em que tal aconteceu lá atrás e o pai transferiu o X para esta escola...

Speaker 1: Ah, pois entendi.

Speaker 2: Portanto, o episódio ocorreu na anterior escola do X.

Speaker 1: Aqui você não tem conhecimento ...

Speaker 2: Não. Até acho que lá está. É o que eu lhe digo, eu até acho que, de uma forma geral, os alunos são bastante receptivos à diferença, sabe ... e aceitam bem, mas depois também não se envolvem mais. E eu acho que se nós começarmos a dar esse exemplo a promover essa envolvimento essa inclusão essa... seria tudo mais fácil porque eles acabariam por seguir estes passos, estas linhas orientadoras - Que giro! Vamos aprender, olha que giro, vamos partilhar...

Speaker 1: Hoje se não traduzir, a gente precisa traduzir, não é?

Speaker 2: E começa também, pelos pais, juntarem-se ...

Speaker 1: Eu li um autor que dizia que a principal ciência é a da tradução pros nossos tempos....

Speaker 2: É traduzir efetivamente e depois nós vivemos numa época de correria

Speaker 1: Porque quando se traduz se cede uma parte...

Speaker 2: Sim. Definitivamente. Mas quando nós estamos e falamos eles ouvem. Agora, quando eles saem é um ritmo de vida alucinante. É a geração touch, é tudo à velocidade de um toque. E as redes sociais, o parar, por exemplo, a leitura que é fulcral para refletirem não ocorre porque eles não gostam de ler, porque é aborrecido, porque demora tempo, porque exige interpretação. Nas redes sociais é muito mais fácil, é muita imagem pouca palavra

Speaker 1: Até as nossas matérias estão ficando cada vez mais curtas...você vai ver, uma matéria de jornal...

Speaker 2: Sim, sim é tudo muito sucinto, não é? É porque o próprio jornalista quando escreve uma reportagem

Speaker 1: Já nem assina mais assina, né?

Speaker 2: Porque não se está mais predisposta a ler porque demora muito tempo. Vivemos todos um ritmo de vida alucinante.

Speaker 1: Pra que, né? Vamos aonde? Quando chegar à minha idade você vai ver só.... Vamos pra onde, fazer nada... Rs

Speaker 2: É mesmo, é levar a vida com calma.

Speaker 1: Vou levar aqui mais um ano fazendo este mestrado, fazer o que né não? ... Sobre a Educação para a Cidadania, você pode me falar um pouco?

Speaker2: Eu enquanto professora de português...

Speaker 1: Você fez a formação, não é?

Speaker 2: Eu sempre que posso promovo a cidadania dentro da sala de aula. O respeitar, os deveres, os colegas, as diferenças Por vezes os miúdos são um pouco mal-educados com os outros, mas seja de qualquer nacionalidade que for destacam-se e eu não aceito. Imponho sempre o respeito mútuo. E digo isso sempre - se vocês querem ser respeitados tem de respeitar. Entrar com ordem, serem corretos com os colegas, tentarem ser os mais reais possível. No fundo respeitar, serem solidários. Olhem, aceitar a diferença do outro, tentar aconchegar-se sempre que necessário. Esquecerem os amigos virtuais e comecem a tratar melhor os amigos de carne e osso. No fundo, olhe, tento fazer eles entenderem que a escola no fundo é realmente um bilhete, é uma passagem para o mundo laboral e que devem encarar a escola como um lugar que os prepara da melhor forma para isso. Não só em termos de conhecimento, mas também em termos de valores, eu sempre que posso tento transmitir-lhes esta ideia-os valores são importantes. E depois perguntam, o que são os valores? Começamos lá a desfiá-los e a dizer a importância da(?) solidária, a importância de partilhar, a importância de aceitar a diferença e,

começo por aí. Promovam o máximo os valores e tudo que é relacionado com a cidadania. A ideia é formar, ir ao encontro do perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória. É um tal documento estruturante que agora caminha ao lado das aprendizagens essenciais e que no fundo o que é que pretende é que nós formemos alunos conscientes, responsáveis e autônomos. Faço-o sempre que posso. Olha. Fátima se eles o retém ou não, não sei. Mas em termos de postura isso vai acontecendo e vai melhorando ao longo do ano. O que já é muito bom. É uma conquista. E passo a passo, no 8º, no 9º, quem sabe no 12º ano já tenhamos alunos a quem ficou algo relativamente à questão da implementação da cidadania. Ser um cidadão ativo, responsável, autônomo, e todo o resto que nós já sabemos.

Speaker 1: O que é cidadania, para você?

Speaker 2: A cidadania é acima de tudo, ser um cidadão, lá está, consciente dos seus deveres, das suas obrigações, dos seus direitos que tenha acima de tudo uma consciência de que ele não é o único ser do mundo que deve ser respeitador em relação a tudo que o rodeia, que deve preparar-se melhor para a vida que leva, o melhor possível para a vida que leva e viver o dia a dia de uma forma tranquila sempre sem prejudicar o outro. Cidadania para mim é isto. É ser um cidadão responsável, autônomo, que quer crescer e aprender e partilhar aquilo que sabe. Isto para mim é ser um cidadão. Se tudo fosse assim, se desejássemos o melhor aos outros, este mundo seria bem melhor, sabe Fatima, é aquilo que eu penso.

Speaker 1: É verdade. Bom, eu tenho aqui uma pergunta sobre a inspeção, a avaliação, a monitorização, implementação da educação para a cidadania que eu faço para todos, mas eu acho que eu já consegui a resposta. Lá nos indicadores diz que a educação para a cidadania é inspecionada, avaliada e monitorizada

Speaker 2: De uma forma formativa, sabe?

Speaker 1: De uma forma avaliativa mesmo, inspecionada.

Speaker 2: Pois, mas aqui é que eu faço essencialmente

Speaker 1: Você sabe se tem alguma ação de inspeção?

Speaker 2: Não há, mas através das atitudes e dos valores que faz parte da avaliação somativa.

Speaker 1: Avaliação interna

Speaker 2: Da avaliação do aluno no final de cada período...

Speaker 1: Ah sim...

Speaker 2: Há sempre uma componente de atitudes e valores, portanto em 100, 30% é por atitudes e valores dentro do ano e, neste indicador, nós, se quisermos, fica ali avaliada a responsabilidade, a autonomia, a cooperação, a cooperação entre pares. É isso que podemos colocar aquela questão da cidadania e avaliarmos o aluno neste aspecto. Mas é só neste aspecto, não há exatamente uma avaliação específica, que eu saiba, nesta escola, nunca me falaram sobre este assunto.

Speaker 1: Como é que ficaria para você essa questão da cidadania do aluno que não é um cidadão português?

Speaker 2: Ficaria da mesma forma daquela que é aplicada ao aluno que é português, não é? Então ele é aluno, tem os mesmos direitos que o outro. Portanto, certo, é assim que eu encaro. Para mim é mais um aluno, diferente em termos de língua mais igual como aluno, é igual.

Speaker 1: Cidadania é um tema complexo, não é?

Speaker 2: Eu encaro a cidadania desta forma e eu tenho os mesmos direitos, agora e os deveres, só que, se calhar, vai demorar um pouquinho mais de tempo a perceber quais são os seus direitos, que eles próprios não têm essa consciência, não é? Alguém tem que lhes traduzir, não é, Fatima? Rs...

Speaker 1: Participação, o último bloco

Speaker 2: Diga, e depois vamos almoçar...

Speaker 1: Esse bloco é de questões relacionadas à participação dos alunos, algumas são específicas sobre o imigrante, outras são referentes aos alunos em geral. Você considera que os alunos migrantes têm se envolvido com você com os colegas da turma, de outras turmas. Considera que eles sentem parte desta escola?

Speaker 2: Como já falei anteriormente, eu até considero que os de segunda geração estão muito bem, mas os de primeira geração que estão recém-chegados, têm muita dificuldade, especialmente no que toca às diferenças de línguas.

Speaker 1: você pode falar um pouco sobre a participação dos alunos imigrantes e dos outros também nas suas aulas?

Speaker 2: Olha, voltando, já falei disso anteriormente, mas volto a salientar. Os que estão cá e que falam o indiano, o chinês, tem muitas dificuldades em participar em sala de aula. O entrave é a língua nitidamente; já falamos que a componente social também afeta, não é? Mas, eu consigo e, outros colegas também, conseguimos estabelecer uma certa ligação. No ano passado, exatamente, no ano passado para conseguir falar com a (aluna chinesa), isso há dois anos, quando a conheci, chegávamos a desenhar, a fazer desenhos para dizer que ela tinha que dizer ao pai para vir à escola. Mas nós conseguimos comunicar. E aquela atitude que ela tinha inicialmente de se refugiar passou a acontecer. Já aceitava a minha presença, dos outros colegas, nomeadamente da parceira de mesa. Portanto, felizmente consegui estabelecer uma boa ligação com os meus alunos, ainda este ano, considero que estou muito bem com o (aluno indiano), com as meninas brasileiras não há problemas, é uma alegria. Elas partilham conosco, eu brinco com elas, falo de vez em quando em brasileiro, elas acham piada, tento falar, naturalmente. Neste ano com a (aluna venezuelana) estou a fomentar a minha ligação com esta menina, porque esta menina está institucionalizada e ela é uma miúda extremamente afetuosa, mas ainda estou a estabelecer e a conectar-me com ela. Mas não posso queixar. Tenho uma boa relação com estes meninos.

Speaker 1: No planeamento da escola e, no seu em particular, estão incluídas atividades onde os alunos discutem questões sociais relevantes, bem como questões a respeito do mundo da escola, de forma refletida?

Speaker 2: Olha, ainda há dias nós estudamos um texto que era o regresso às aulas e então tratava-se de uma conversa entre uma avó e um neto que partilhavam experiências, a avó partilhava experiências de quando ela regressava às aulas. E o neto, por sua vez, relatava seu dia que era totalmente diferente. E depois solicitei a esses alunos que partilhassem a experiência com (a aluna venezuelana) -Como era a tua experiência de regresso às aulas, na Venezuela? E ela partilhava conosco. Sempre que tenho esta possibilidade peço para partilhar sempre que os textos são oportunos, ou algum tema que se articula, mas, por exemplo, ano passado nós fizemos um projeto no âmbito da flexibilidade curricular em que os alunos tinham que desenvolver um projeto sobre as rochas. Para que servem as rochas? E (o outro aluno) apresentou a sua parte no seu português rudimentar, mas apresentou. E é por aí, eles pelo menos têm essa oportunidade tento chamar o aluno. Eu continuo a salientar, quando é um aluno de origem chinesa é mais difícil, porque o miúdo ele não quer... A (aluna chinesa), por exemplo, recusava-se a ler, não queria mesmo ler, tinha mesmo vergonha. Até que consegui convencê-la um dia, foi no 8º ano, a turma era mais pequena, e ela leu um pouco.

Speaker 1: Aqui eu estou me referendo mais à questão dos problemas do mundo, entendeu? Se você tem essa preocupação de conectar aquilo que você esta

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: Com o problema do mundo, com o que está acontecendo na escola, se há oportunidade de refletir sobre estes problemas...

Speaker 2: Sim. Nós fazemos estas reflexões, por exemplo, houve um tema relacionado com a migração e nós falamos sobre os refugiados, a condição dos refugiados e aí via alguns desses

alunos a tentarem exprimir a sua opinião e, chegaram a fazê-lo, isso foi há dois anos quando tinha também o aluno espanhol que assim o fez, mas este ano ainda não cheguei lá, mas vai ser mais fácil.

Speaker 1: É, mas sobre qualquer coisa, não só sobre estas situações...

Speaker 2: Sempre que surgem oportunidades, eu tento, eu tento... é importante fazê-los refletir, porque estimula sua capacidade crítica.

Speaker 1: Isso é cidadania, é política, desde cedo...

Speaker 2: Sempre, não é, torná-los conscientes daquilo que passa à sua volta.

Speaker 1: Aqui as crianças participam da formulação de regras, direitos, deveres?

Speaker 2: Que eu saiba, não. Que eu saiba.... Eu não sei se em conversa com o diretor de turma, talvez possa abordar este tema. Eu como não sou diretora de turma, não faço ideia.

Speaker 1: Por último gostaria que pensasse em termos ideais, sobre espaços físicos, professores, relação com alunos, relação de professor com professor, com funcionário, sobre o desenvolvimento das aulas, das atividades que se realizam numa escola e me respondesse. O que é uma escola boa pra você?

Speaker 2: Olha, uma escola boa é uma escola que recebe sem estar preocupada com este aluno, recebe e ponto. Que não privilegia, que também não repudia, mas que aceita aquele aluno e que o aceita para proporcionar-lhe o máximo de conhecimento possível e prepará-lo o melhor possível para o seu futuro. Dar-lhe as armas suficientes para ele singrar ao longo da vida. Para mim isso é uma escola boa. Agora, tem que haver uma aceitação do outro lado, tem que haver um pouquinho e esforço para continuar. Às vezes nem sempre todos os professores estão com vontade de o fazer, o cansaço, os estímulos...

Speaker 1: Agora estamos falando do que é a escola boa.

Speaker 2: Escola boa, pra mim, é esta, Fatima. É a escola que prepara o aluno, que lhe dá armas suficientes para ele se preparar para o que vem por aí; estamos a falar de crescimento, estamos a falar de valores, esses valores são dados em casa, mas também aqui lembrados diariamente, regras de convivência social, etc. Portanto, para mim esta é a escola boa. É a que aceita o aluno independentemente das suas diferenças, sejam elas linguísticas, raciais, tudo isso. Pra mim é uma escola boa. E, se é uma ideia utópica, pode até ser, não é? Mas eu gostaria que fosse assim.

Speaker 1: E agora, passando dessa escola boa, vamos passar para esta escola real. Desta escola ideal, para esta escola real. Você considera que esta é uma boa escola?

Speaker 2: Esta escola poderia ser muito melhor. Dado todos aspectos que mencionamos anteriormente.

Speaker 1: É, nós não somos perfeitos... ninguém é.

Speaker 2: Nós poderíamos ser uma potência, poderíamos ter aqui uma massa de alunos diversificada, nós poderíamos criar aqui uma escola fabulosa. Só que exige muito trabalho e vontade de todos. Tem que haver coesão, ligação.

Speaker 1: É o que a Professora X fala, né? Necessidade, não sei, algo tem que aparecer

Speaker 2: Eu e a Professora X já falamos sobre isso tantas vezes, percebe? Se não há vontade, como diz o nosso diretor, se todos não têm vontade de vestir a camisola da escola, é difícil criar um projeto frutífero.

Speaker 1: É isso. Terminamos, não doeu (rs)

Speaker 2: Não, gostei muito...

Speaker 1: Me ajudou demais, lhe agradeço do fundo do coração.

E6 - 02/11/2020 - Encarregada da Educação (Indiana)

Speaker 1: Are you listening me?

Speaker 2: I am listening you.

Speaker 1: Ok. So, may I start? Gazala, everything all right?

Speaker 2: Yes, Yes.

Speaker 1: Yes, Yes, ok. Nice to see you, to know you, thank you for accepted my invite, you know, my name is Fatima I am a student in a master course at the Faculty of Psychology and Sciences of Education at Porto University. The school where my daughter studies agreed to help me in my research project... Are you listening me?

Speaker 2: Yes, I am listening you.

Speaker 1: Ok. The school agreed to help me in my research project and this project involves the head of School Grouping, teachers, guardians and adolescents, everybody and my goal is to identify facts that favor or inhibit the participation of immigrant' children in school. It is based on indicators from a study carried out in 38 countries that compares and evaluates the integration policies in various areas, including Education, and indicators informed by the academic literature about participation and citizenship of young. First, more one time I want to thank you a lot and to say that this interview is very important to my research. The experience of your daughter will bring me useful information about the students and families who arrived in Portugal without mastering the language.

Speaker 2: Yes.

Speaker 1: To make our conversation easier I invited Israel, who is following us by audio and is going to help me because my English is not so good. He will follow the interview by audio and he will make the questions... I will make the questions in Portuguese and he will translate for you. If I do not understand your answer, he will try to clarify it for me. The interview will be recorded but your identity will not to be revealed when I am going to present the results and in the text of my thesis. I need that you say now that you know the goal of research project and that you agree with the recording of the interview. This is a formal procedure. You have to say I know the research project and I agree with the recording of the interview. Can you say for me, please...?

Speaker 2: Ah yes, you can. If you record, yes, I agree, I agree.

Speaker 1: And you know the goals of the research

Speaker 2: Hum

Speaker 1: Yes?

Speaker 2: Yes, ok, start.

Speaker 1: Fine. So, I will make the question in Portuguese and my friend will translate.

Speaker 2: Ok.

Speaker 1: Do you understand something in Portuguese, Gazala? Gazala is correct?

Speaker 2 Yes, Gazala is correct. A little bit, but I don't. clearly understand the words of Portuguese. It is difficult for me. Some words like I, you, tu, nome, simple, simple words. Not much.

Speaker 2: Primeiramente eu gostaria de lhe perguntar sobre a sua experiência com a escola quando você chegou em Portugal. Aliás, eu gostaria que você falasse um pouquinho se faz tempo que você chegou, sobre seus filhos, não é? E depois de falar sobre essa sua chegada em Portugal, quanto tempo faz, quantos filhos seus tem na escola, eu queria saber como foi o seu primeiro contato com a escola quando você chegou.

Speaker 3: So, I would like to know how was your first contact with the school and how was your engagement with the school in general, how many children you have in school and how was your first contact?

Speaker 1: How many times you are in Portugal? How many time?

Speaker 2: How many years...

Speaker 3: How long have you been in Portugal?

Speaker 2: Yes, I am here nearly 2 years ago. I came here nearly two years ago, in 2018, me 2018, yes, after that, because I'm a foreigner I have to ... need some documents for immigrants, I have three children with me and I want to send them to school. For that purpose, I went to CNAI immigrant office here, in Portugal, which says CNAI. I went there and I asked about the how can I send my children to school. They helped me, they give me all the details tell that... I have to contact, I have to go to school at first, they give me the school name Alexandria which is near my house, they can see... here all schools is ... all schools is...the children is going to school with area basis, select the school with my area basis because here we send the children nearby school, house only, not far, not far. So, I went to ..., my preferential school ... that school suggested by CNAI to me and I went there I ask about the admission of the my my children. I have three children plus two my daughter on that time she will be in a six class and my second children is a boy who is in

Speaker 1: What is your name of the boy?

Speaker 2: (nome do filho)...

Speaker 1: (nome do filho)...

Speaker 2: Yes. First of all, (nome da filha) she admitted in seventh, (nome do filho) in sixth (nome do outro filho) in 4th, 4th is a smaller class so the school is different, what you say... Junior School.

Speaker 1: Hum hum.

Speaker 2: And they both in secundária. In (nome do agrupamento) all members help me how to admission, how take admission in the school. I have to, have to give the documents of passport, the financial number, social number, health number and document, which I will be from my national school where they already studied this paper which indicates that school they have studied some classes.

Speaker 1: I have a question about the documents. Now, I want to know, how was your first contact with the school. Who people received you in the school, how was, how was, how were ...your impression of the people, the first contact, if you received orientations about the educational system in Portugal, if you have received some papers, informative papers, if there was a special people to receive you, how you solve your problems with the language

Speaker 2: No, no there is no special person for immigrant student receive the papers or talk to immigrants, there is no special person. Albeit I have faced very difficult about language purpose. Some people know English in school also, they call that person, she talk to me... She knows English well. She talk to me, she explain the details then I understand all the details, then I submit a paper, but they are so friendly, so friendly, they cooperate with me, they explain me, in English, but particular places or what you say, particular office, not is to the immigrant students consult. Generally, all the people consult, it is one office only, if somebody is there who knows English well, she will come to explain. But there is not a special office. Not at all.

Speaker 1: OK, Where, where you received information about the school.

Speaker 2: I received; personally, I received from the immigrant office.

Speaker 1: OK.

Speaker 2: What you say in Portugal? CNAI C N A I

Speaker 1: Sim Sim CNAI

Speaker 2: Yes, CNAI. On that place, I asked for my children's education. These are some big department for children.

Speaker 1: Yes, I know.And the CNAI people told you where you had to go.

Speaker 2: For school purpose, which area is for my area here, we cannot go to any school for admission. We have to go to school, which is nearby our house.

Speaker 1: And there was ... I do not know Israel how to say vaga, lugar, place ...

Speaker 3: Were there openings, places available for all the kids?

Speaker 1: No, there is not open places for everyone. If seats are there, vacancy that place only get for children.

Speaker 2: I did not understand.

Speaker 3: Sorry, could you repeat, please?

Speaker 2: All schools have no admission. Where there is a vacancy that place open for admission.

Speaker 3: But in your case, you have three kids, right, in your case. Did you have a vacancy in the school near your house?

Speaker 2: Yes, Yes, in my case, I have a vacancy of my three children also. In my case, I select the school. In some freguesias there is a four, five schools and one major school is there. They have three or four schools in there. In that freguesia they have a three, four schools. I select my children's school with my thinking. I want to send my children to this school only. There is a vacancy; on my time there is a vacancy.

Speaker 1: As escolas estavam em férias, é isso?

Speaker 3: Não, ela falou que...just a second, I will translate to her, ok?

Que na freguesia dela tinha mais de uma escola. Tinha tipo 5 escolas, 3 escolas, depende da freguesia e ela escolheu qual era a escola que era melhor para colocar os filhos dela, que, no caso dela, ela conseguiu vaga para todos os filhos.

Speaker 1: Ok. Então havia vaga, vacancy é vaga

Speaker 3: Hum Hum

Speaker 1: Ok. Muito bem.

Speaker 3: Vacancy é disponibilidade de vagas.

Speaker 1: Então, podemos fazer a segunda pergunta, Israel.

Speaker 3: Which documents were required to enroll the kids?

Speaker 2: Ohh, finance paper for in Portugal children use your documents finance paper, and register card and social paper for children and from my country native country, which country you have come from that. Then you have to submit to the school this school documents, previous school document.

Speaker 2: OK and you had the documents. The school' documents?

Speaker 1: Yes, I have my documents.

Speaker 3: By the time you had all these documents?

Speaker 2: No, no, no, not all these documents. I have finance people, I have only the Portugal documents and my native country documents. I had to call my friends or my family to send the documents to me, because after coming here, I know that I have to submit this document also. So from school, I got a time of two months for this document.

Speaker 1: Two months

Speaker 2: Ok two months to submit the document.

Speaker 1: OK, OK.

Speaker 2: Because the documents needed the posters, what you say stamp from your country.

Speaker 1: Ok. And let us talk about the evaluation of the children and how they know which year of education your children... they will put your children. I do not know... Can you help me Israel?

Speaker 3: It is correct. Did the school make any kind of previous assessment to place your kids on this specific year, according to what?

Speaker 2: They asked me that which class you want to put your children to study because of the language purpose it is not, they do not ...what you say...

Speaker 1: follow the same year that

Speaker 2: No, No, ah! They do not study at the same year as in the native country, because that language is different from this language. I already tell the school that I have to give previous classes like my children studied the same class for two times for India also they studied in a seven class. And here they studied in seven class.

Speaker 3: OK, but was it you who assessed like, I would like to put my kids in this position, or was it the school that made any recommendation?

Speaker 2: Oh, no, no, no, they do not tell me anything, they just tell me that if you want your children to stay in (a ligação ficou ruim).

Speaker 1: Do you understand Israel?

Speaker 3: No, the audio was breaking.

Speaker 2: Yeah.

Speaker 3: Could you repeat, please because we could not listen.

Speaker 2: They do not suggest me, I told them, I suggest them, I want to make my children to be previous classes because it is typical for them to put the language, because the language.

Speaker 2: How many years?

Speaker 3: In which grade?

Speaker 2: one-year back.

Speaker 1: one-year back?

Speaker 2: Yes.

Speaker 1: Ok.

Speaker 3: So, was there a person who assessed knowledge or evaluated your kid in any way?

Speaker 2: I did not understand. In a school?

Speaker 1: Yes, who evaluated your children in the school, you know?

Speaker 2: Yes, the teachers, only, the professors.

Speaker 2: Ok.

Speaker 2: As I said, there is no special person for immigrants to assist. Maybe any person is there, I do not know, because they did not talk to me. They talk directly to the children.

Speaker 1: Ok.

Speaker 3: So, they talked directly to the children and after that, you had this talk to put them one-year back?

Speaker 2: Oh, no, no, no, no, that is on the admission time only, which I suggest I is my idea, my means, my thought that my children is not so intelligent to catch the language in that speed. So, I said that my children will not come to be on the same classes they will be put in our previous class.

Speaker 3 All right.

Speaker 1: And they accepted.

Speaker 2: Yes, on the admission time only, which I suggest I is my idea, my means, my thought that my children is not so intelligent to catch the language in that speed. So, I said that my children will not come to be on the same classes they will be put in our previous class.

Speaker 1: OK.

Speaker 2: And all subjects in Portuguese only.

Speaker 1: Ok. Let's go ahead, Israel, please.

Speaker 3: Aspectos culturais, é?

Speaker 1: Ok. Let's talk about cultural issues. Yeah?

Speaker 2: Hum Hum.

Speaker 3: I would like to know what is the mother tongue spoken at home?

Speaker 2: Our mother tongue is Urdu.

Speaker 3: So that is the language you speak at home with your kids.

Speaker 2: Yes, sometimes Urdu, sometimes English.

Speaker 3: Does the school offer any option for learning of this language, of this foreign language? That you speak at home.

Speaker 2: A little bit, not continuously, not. Just because I am learning, I am also learning Portuguese language, so when we... Exactly not so much, a little bit. We are not in the house

Speaker 1: You are learning Portuguese in school here? Because Portugal has a program to adults, you know?

Speaker 2: Yes, yes. I am also learning ppt. You said PPT, no? Portuguese language.

Speaker 1: Are you following these classes?

Speaker 2: Yes, Yes.

Speaker 1: Ok. I have a question about the teach of idioms talked by immigrants, because some places offer like Mandarin because there are many Chinese in that school. So they offer Mandarin to that students, you know, but in your case, they do not offer any course about your language and, you know? You understood me?

Speaker 2: No.

Speaker 3: Because in some schools they offer courses in the mother tongue, like if there are a lot of Chinese people, the Chinese student, they offer the Mandarin so that the kid can keep learning the foreign language. The question is, in your case, does this happen. Does this apply to you? Does the school make any effort to teach the foreign students and keep their traditions in their language alive?

Speaker 2: No.

Speaker 3: No?

Speaker 2: I do not know about that. I think in this school I think not, not yet.

Speaker 1: Ok. Make the second question, please Israel.

Speaker 3: Do you think that if the school offered these classes of foreign languages, this could be interesting to others students?

Speaker 2: I guess, yeah, because the other students also get knowledge about the foreigners that they prefer this type of thinking, the languages, because they are learning your language, they also learn our language. So, it is good. I think it is good if they start this type of thing.

Speaker 1: OK, go ahead, Israel.

Speaker 3: Do you think that the teachers of the school have any concern about the students learning about the foreign culture of the immigrant students?

Speaker 2: Yes, the teachers is very much helping in this to learn the immigrant students to their language and culture, to read this language and culture

Speaker 3: Was there any kind of cultural activity or history activity about the history and the traditions of the home country of this foreign students? Do you know of any activity so that the other students could know more about Indian culture or Brazilian culture or any culture that is also present in that classroom?

Speaker 1: I do not know about this. In this school, I do not think that this happens any time. I did not heard my children by this. Because only the function, is hear about Portugal function only. Not the other countries. Even I did not heard about this for my children. Maybe they are not organized like this type of all cultures program. I do not think so.

Speaker 2: About the cultural diversity, Israel.

Speaker 3: About cultural diversity, do you know of any activity involving cultural diversity?

Speaker 2: No, I do not.

Speaker 1: The following question, Israel.

Speaker 3: Do you consider that in this school cultural diversity is stimulated or is it a problem or is it an issue?

Speaker 2: Not an issue, but if they started the culture programs it is good for the other children and the foreigners, immigrants' children. Immigrant children can present their culture country and their language to these Portugal students. They also will know their type of culture; they are follow this type of culture. They also be knowing about the Portuguese, that they are following these type of culture, but Portuguese did not know about what kind of culture they are following. If this started in the schools, it is good for immigrants also. But in this school, I don't think so this is any time this will be happen. I do not think.

Speaker 1: So, it is good?

Speaker 2: Yes, it is good.

Speaker 1: Or it is a problem.

Speaker 1: No, no, it is good.

Speaker 2: Is good for you. You think that is good cultural diversity or it is a problem, for the school, to manage

Speaker 3: No, no, no, not a problem. If you are showing the culture of other people to the students of your school, they also know about the person they are coming to country and is following that type of culture, you understand?

Speaker 3: OK.

Speaker 2: This is a knowledge for children.

Speaker 1: Yes.

Speaker 2: I am learning your culture and seeing all the difficulties. Here the students also gain other culture about us, what type of culture we are following.

Speaker 1: I agree. I agree. I agree. But my question is, if you think that for the school, to the school, cultural diversity is...

Speaker 3: A difficulty. Do you think that it is hard? There are situations or

Speaker 2: Not be so hard, because if they are starting any cultural program, a simple program. The student which are from the countries, they present something, some says about the countries is, and some festival shows, program show to other students is simple. Not so much hard.

Speaker 3: Ok.

Speaker 1: But there are no programs like these in this school.

Speaker 2: My children never told me about this type of program

Speaker 1: OK. A próxima, Israel.

Speaker 3: Can you tell us if in this school has ever been any uncomfortable situation concerning prejudice or discrimination?

Speaker 2: I did not understand.

Speaker 3: Have ever heard about prejudice or discrimination situations happening in this school?

Speaker 1: No, no, no, no. Nothing like that. In this school my children is so happy. No problem is there, any problem.

Speaker 1: Pulamos a próxima e vamos pra outra. Pergunta se ela soube de alguma situação envolvendo outros alunos, não especificamente o filho dela.

Speaker 3: Have ever heard of any situation concerning other students, classmates about discrimination or prejudice? Have you ever heard of a situation like that in this school?

Speaker 2: Yes, this type of situation is everywhere. But in this school this type of situation, with my children also, they also face this type of situation, but not much. They only ask that you are not from my country, what type of country you are belonging, some type of words, not so much, because the teachers are with my children, the teachers help my children to develop

their sociality and to make a friends with their classmate, the colleagues. So not much. My children not face much, much problem for this purpose.

Speaker 1: OK.

Speaker 3: But have ever heard about other kids? If there have ever been problems with other kids who are in the school?

Speaker 2: No, No. There is any complaint, any complaint from any other children.

Speaker 1: OK. The third part of the interview now. Is about the relationship of your children with the school, your relationship and the relationship of your children in their school.

Speaker 2: Children is very much friendly with the professors. The professors by their mail, you know, and the... It is good; it is not very hard because they share everything.

Any problems in the studies, they share with the professors and they help them. It is a good relationship between the children and the professor. They help to ...

Speaker 2: And let me know, in the case of documents or in the case of cultural aspects that we have talked back. What do you think that could be better to receive the immigrant children? You talked about programs... to share the culture, I like your suggestion, but I forgot to ask you in the first contact with the school, what you think that could be better.

Speaker 3: From the first contact, on the first contact with the school, what do you think that could be better. On the first day, that you went there to see if you could enroll your kids for the first time and what could have been better at that moment.

Speaker 2: For all immigrants, I think that there is a separate office in the school to manage the immigrant people, because newly when they went to school, they cannot talk the language. So if somebody else in some office, something is did, ask them in their language and they explain all the things in their language. It is good and better for immigrants because the first presentation, if you could see anybody there talking in English. Again and again asking. If somebody is there, they will talk with us. If not, they return, come another day. So it is good if there is in every school, there is a separate office or department for immigrants.

Speaker 1: OK, and referent the first time that your daughter go to school, they receive the information how to will be the classes, how to go to the canteen or the library, in general, information.

Speaker 2: the children first contact...because in our country the school is totally different from these schools. Here we have to change the classes. If the class is finished, they get from the class and wait for the next professor. And if the professor came, open the class and they run to. On that time, they have to run to end it. In my country is not like that. If they went to one class, they have to sit down; only teacher will come to his classes. They do not have to go their room. This seems my children very difficult. They have to every time they have a lot. If they not here or not went to training back to back, because they do not know the language, they have to observe everything. If the training is going in that class, maybe the classes is my class, they have to go running and ask, is this my class? If they said yes, it is your class you that is your class. They have to face much problem in this. Because of changing the classes from here and there.

Speaker 1: OK, and from the options of food. The school offers a special menu to...

Speaker 2: No, No, No. the school do not offer any special menu. The menu is the same. What you eat, the people, the children already. They do not change the menu for the immigrants because we are Muslim, we do not eat meat, eat fish and some vegetables, but the menu not change. But they ask that if you do not eat this one, then you eat this apple, fruits, milk, something different. But the menu is not changed.

Speaker 3: But they have vegetarian options?

Speaker 2: Yes, they have options. There is a milk, apple, some vegetables. They ask what you have to eat. This is the menu. In this, something is there, they suggest eat fish, fish is good so

they suggest if my children want to eat, please give them fish, not other food, and they wait and they give that only. There is options, some options.

Speaker 1: But I want to know if you had this kind of information was told you when the classes started? If you had these options in the cantina, the functional way of library, I do not know, the...

Speaker 3: If on the beginning of the classes, did you have any person explaining to your daughter what she needed to get a book from the library, what, how the canteen, the cafeteria worked and the general operation of the school routine?

Speaker 2: For the first time, I think not like that. It is like that my children did not say anything about that because everything they learned by their own efforts, only. They asked their friends when they are going to have seen it. This is the cafeteria, this is the library. All these things they learned from themselves only, because of the language problem. If they ask to somebody, they told in Portuguese, which they did not understand. So I do not think anybody help them. There is no other person is there. Person is not there for them to understand all the things.

Speaker 1: Ok, let's go. OK, thank you so much. Vamos fazer a próxima sobre professores, Israel.

Speaker 3: In your opinion, are the kids from this school, good for teaching kids who come from other countries?

Speaker 1: No.

Speaker 3: What? Não é essa, Fatima?

Speaker 2: Não de kids, the teachers are good...

Speaker 3: Oh... Are the teachers good at teaching students from another country?

Speaker 2: Yes, the teacher is so good for teaching them, because everything here is teaching by practical. Practically teaching. Here education is different from my native country. There are only theoretical explanation is there, but here everything is in practical explanations. In the laboratory, in a library, everything should be practical. So, education is more good.

Speaker 3: So, how do you think this helps integrate new students, people who come from other countries? Do you think this is a positive thing it helps in the integration?

Speaker 2: Yes, I do not know for the other countries, but for my country, it is very good for my children to understand everything. Because they see personally everything like they explain in science laboratory, they see everything practically, they understand. In my country there is not like that. They explain all the things by books only. So it is good for children to study here. And it is nice. Then the school and the teacher are also nice here to explain all the things.

Speaker 1: Ok.

Speaker 3 Do you believe that in this school a foreign student can have the same opportunities to achieve great results as a Portuguese student?

Speaker 2: Ah! Yes, and that it is the same opportunities here, nothing is different. Because my children never told me about that. The teachers explain Portuguese like they need and they like that. The same are the teachers. And the teacher told the children to explain the difference. Not, they did not take the children separately, not like that. They explain in class and ask the children who is from, who knows English. They told them to explain to that goal with your view, with your thinking. What I explain you, you explain to her. No, there is no partiality, nothing else. My children did not say anything about that.

Speaker 3: Did the other kids help your kids in the classroom like translating things.

Speaker 2: Yes, Yes,

Speaker 3: In the beginning, was there a special person who help to translate or the teachers did this, like help to integrating their language?

Speaker 2: Yes, teachers helped my children to integrate the friends. And after that, sometime, sometime has taken them to their friends, to explain my children, but not beginning. Beginning the teachers help them.

Speaker 1: OK. (Fulana) is a good friend for your daughter, no?

Speaker 2: Yes.

Speaker 1: (Fulana) helps my daughter a lot. I know everything but I never talk with them. But, I know that they are friends. Ok. The teachers are good; they know how to talk with immigrant students. In the class, you know how is the mechanism? The teacher explain to everybody and after goes to my daughter to explain more closely her?

Speaker 2: Yes.

Speaker 1: Yes? Ok.

Speaker 3: Do you consider that this school has everything your kids need to teach them everything they need, or do you think there is something missing? Is there anything missing or that could be improved?

Speaker 2: Maybe some... everything is there, but some classes, like the special classes, like music or some sports, which (a ligação ficou ruim). Hello...

Speaker 3: Hello

Speaker 2: Yes, some special classes, which I cannot let them to go. These are sports also and everything is there, but special classes like music. My children, my daughter wants to learn some piano classes and some other classes. If they started, it is good. Everything is there in school, everything is there. But some special classes maybe if it started it is good, if not, no problem. They can make at the time.

Speaker 3: So, they do not have special classes, or...

Speaker 2: They have classes of music but special classes means only one type of music. Is a subject in a music, not a special class.

Speaker 3: Ok.

Speaker 1: I understood.

Speaker 2: Yes.

Speaker 1: Pergunta para ela, Israel, sobre as instalações da escola. Se ela acha adequada, se a quadra, se a sala de aula, sobre as instalações, sobre as condições das instalações, entendeu?

Speaker 3: Do you think (a ligação ficou ruim). Do you think...Hello, can you hear me?

Speaker 2: Yes, hello.

Speaker 3: Hello. Do you consider the school facilities like the classrooms, the sport gymnasium, everything, the building, the infrastructure...? Do you think it is a good infrastructure or could it be improved in any way?

Speaker 2: Ah, no. It is good. Not at all improvement, because there is (a ligação ficou ruim). Hello...

Speaker 3: Hello.

Speaker 2: Yes, there is a classroom (a ligação ficou ruim)

Speaker 1: If you want to answer this call, you could. No problem.

Speaker 3: You can take it.

Speaker 2: Ok, no problem. Is my mother call. She calls me again and again and I will respond ... Ok fine, everything is in a school, gymnastics and exercise is there everything is there; it is not at all for other classes. It is good.

Speaker 1: Ok.

Speaker 3: Everything is fine in the classroom as well. They have all the materials? (ligação interrompida de novo).

Speaker 2: Yes...

Speaker 1: So, we were talking about the condition of classroom, sporting spaces, you think that it is ok.]

Speaker 2: Yes, ok.

Speaker 1: Vamos fazer a próxima Israel.

Speaker 3: Do you consider that the school has made an effort to reach the immigrant parents ... Do you think the school has made efforts to get closer to the students, to foreign students' parents?

Speaker 2: Yes. The school made a meeting student parents of the immigrants. They also know about the school details, because I know my school details, because my children tell me everything, everything to me about school. But I cannot ask everything to teacher because they talk to me Portuguese language only. Very much a little bit of teachers is there to explain me in English. But whenever I went to meeting just sit there and sign some papers because I cannot ask, I cannot even explain I have a problem. If I have a problem, I cannot explain that. I only have to write it in Portuguese language at class meeting and give to the professor because I cannot explain them. They did not understand me and there is no other teachers who talk English with me for these all problems. So if there is anyone, any teacher is there, any professor is there to consult with the parents separately. It is good for them also and the children also, because every student is not telling everything of school to the parents. So something is missing which only professors can then. So it is good if this type of change become. Are you understand me?

Speaker 1: You understood, Israel?

Speaker 3: Yes, eu entendi. É que muitas vezes... just a second... ela tinha reunião de pais com os pais imigrantes, mas ela vai, assina os papéis e não consegue explicar se ela tiver realmente um problema, porque na reunião as pessoas falam português, ela não consegue explicar o problema dela em português. Então ela escreve em português num papel depois e fala para o professor.

Speaker 2: Ok.

Speaker 3: Qual é a próxima?

Speaker 2: Então ela pensa que não há um esforço muito grande de aproximação com os pais imigrantes, não é?

Speaker 3: Ela acha que se houvesse uma pessoa que fizesse esse intermédio, que conseguisse se comunicar... pela fala dela o que deu a entender é que ela acha que já feito um esforço porque tem a reunião com os pais imigrantes para informar das coisas gerais da escola e os professores também quando ela fala algo, pelo bilhete, os professores atendem.

Speaker 1: Ok.

Speaker 3: Mas que na hora da comunicação, pela fala dela, o que deu a entender é que ela sente que ela não consegue se expressar em português e ela sente como se isso fosse a barreira, entendeu?

Speaker 1: Ok. Ask her about the meetings of fathers...

Speaker 3: Ela respondeu ... que tinha.

Speaker 1: Yes, but it is about pedagogy, is about how the children is going in the school. But I want to know if there are immigrant fathers invited to participate in an administration of the school.

Speaker 3: OK. Are you listening? Ela está escutando?

Speaker 1: Gazala.... Gazala caiu. Ela caiu. Vamos esperar ela chegar de novo. Eu acho que já estou me estendendo, né Israel?

Speaker 3: Me diz... não, mas é as perguntas. Você pode aproveitar este tempo para me explicar o que está faltando ainda.

Speaker 1: Ficou um pouco mais lenta por causa dessa metodologia, não é? E também a gente precisa contar com esta boa vontade dela.

Speaker 3: É porque o áudio também não ajuda sempre.

Speaker 1: Hum Hum. Você viu que ela saiu?

Speaker 3: Não, eu não vi.

Speaker 1: Ela está aqui, acho que você vê participantes, ela não está...

Speaker 3: Não, porque eu já estava seguindo só o áudio. Agora eu to aqui te vendo, mas antes estava com as perguntas abertas...

Speaker 1: Olha ela, voltou. Como é que é fugir?

Speaker 3: Scaped, escapou.

Speaker 1: Gazala... Gazala...

Speaker 3: Hello

Speaker 1: You scaped.... Let's go.

Speaker 3: Hello

Speaker 2: Hello, are you listening?

Speaker 3: Yes. Was there any invitation from the school for any immigrant parent to participate in the administration or in the decisions of the school?

Speaker 2: Yes. There is a meeting says that, which I attended for my children purpose, there is a meeting but the meeting is for all people, not only for immigrants, not only for immigrants, for all students. And in that meeting, they explain all the things in Portuguese language only. Is difficult for me to understand. On that meeting, there is most paper for me, to explain what school, or my children purpose still didn't know in that meeting. So, the administration meetings, every meeting is there in the school, but for all students and all other parents, not particularly for immigrants.

Speaker 1: OK. Let's go.

Speaker 3: Qual é a próxima?

Speaker 1: Agora, Israel, sorry Gazala, one second, please. Agora é uma suposição, entendeu? Para ela imaginar o que é uma escola boa, que ela pense nos espaços físicos, no professor, na relação entre os alunos e diga pra nós o que é uma escola boa e depois que ela responder a gente vai perguntar se ela considera esta escola boa, porque ela vai dizer pra nós o que ela espera de uma escola boa, entendeu?

Speaker 3: OK, so if you could imagine an ideal school, a great school for your kids, considering the infrastructure, the building, the teachers, everything, what you consider to be an ideal school, a great school?

Speaker 2: The building is very old. I think the school like that, there is a school totally different, all type of sports must be in school and children purpose, there is a special places, all the school is very special, but the school like that is a special school. Everything provided in a school only for children purpose. For children everything is provided in school, like sports, cantina. Cantina must be good and more things to be available for children. And classes is also nice. I've seen the classes it is good in school, but the building would be new, the classes also would be new, all advantages, everything should be new it is good. But in this school, everything is OK. I have seen everything. It is good. But if change it is also nice for children only. I do not think so, about the structure of the school because the teachers is good in a school. They are explaining the children in such a good manner and they are getting that they are engaging, learning, the learning is good. So not only for structure, I do not think. If you change, good. If not change is also good.

Speaker 1: OK. Bom... sobre os relacionamentos e se foi fácil para o filho dela fazer amizades na escola e que dificuldades ele sentiu.

Speaker 3: Up now talking about your kids' relationships inside and outside of the school. Was it easy for your kid to get to school and make new friends?

Speaker 1: No, it is not easy for my children to make friends. Because, here the children are so, what you say... they talk in their language only and they do not know do friends easy. Here Portuguese is not friendly, all students not friendly. Maybe one or two is near to make a friends. They want to talk, they want to explain their, the language, everything. So my son are facing this problem very much, because they cannot make the friends easily. Because they do not know the language, they even do not so... friendly also, they are facing this problem.

Speaker 1: OK.

Speaker 2: Only (nome da filha) have friends, even one or two friends here, but my (nome do filho), he do not have any friend. What maybe they talk very little ... maybe one or two persons. They not did because they had never told me about their friend. And meu filho have a friend, just not like any playing with a ... friends like explaining each other. Not like that. Just school friend, colleague who seat behind him, like that only. Not for playing friendly, not for telling each other something like that. So they are facing the friends problem here much more.

Speaker 1: The colleagues feel differences, because your children is immigrant...

Speaker 2: Yes, but maybe is they do not want to immigrant each other. Because they are not familiarized. The children think that, they are from different countries; they do not know their language, why should we talk with them. And my children said that they do not know our language. Why should we talk to them like that? They are not meeting a friend each other.

Speaker 1: In school, which nationality they are friends?

Speaker 2: Mostly Portuguese and Brazilians are friends because the language is the same, and they understand each other.

Speaker 3: But your kids like, if your kid have friends, which nationality are your kid's friends?

Speaker 2: Ahh. Every other immigrants who is not from this country like, there is a Turkish or Chinese, Chinese are not in that school, Brazilians is there, some Brazilians and other girl who is came from Africa ...

Speaker 3: But the friends of your kids, where do they come from?

Speaker 2: From Turkish, from Turkey. They come from the Turkey, but one different is from Brasilia. The two friends I have understand, my friend's children is this. But (nome do filho) there is nobody, they (he) do not tell me about that, anybody different.

Speaker 3: Do you think your son; your kids trust the school, the teachers and their classmate? Their classmates.

Speaker 2: During the class, they trust the teachers they ask everything to the teacher only. The teachers is only their friends. In leisure time they talk to the teachers only, not much friends. So teachers is good for my children development. Friends is a little bit better, but they never told me about that, this is my friend, like that. They have not much friends, only (nome da filha), because she have friends. Because only (nome da filha) told me about their friends.

Speaker 3: Does your son likes any friend like. Do you know any of your friend's son's name specifically?

Speaker 2: No, for my son nobody is there. No, I do not think so.

Speaker 3: And your daughter?

Speaker 2: My daughter makes friends and told about them, which one is Portuguese and another is an immigrant child.

Speaker 3: Do your kids like the teachers and the school workers?

Speaker 2: Yes, they like teachers and the school workers also. Because they had explained that, the teachers and the school workers help my children to develop them and help them for their learning about the language.

Speaker 1: Teacher X loves (nome da filha)

Speaker 2: Yes.

Speaker 1: She told me about her very well... Vamos fazer a pergunta, Israel, se a menina se sente parte da escola.

Speaker 3: Could you say that your kids make part of the school? Do you think your daughter feels that she is part of the school?

Speaker 2: She is part of school...

Speaker 1: She belongs

Speaker 3: She feel integrated...that she belongs there.

Speaker 2: No, no, I did not understand.

Speaker 3: Do you think your daughter feels that she belongs to the school, that she is part in the school?

Speaker 2: Yes, my daughter told me that she feels very happy with the friends and the teachers, but part of the school... maybe I do not know exactly about it.

Speaker 1: No? How do you feel that she is not part of the school, what situation makes you think that she is not part of the school?

Speaker 1: No, no....

Speaker 3: Ela falou que sim.

Speaker 1: Ela falou que sim?

Speaker 3: Hum Hum

Speaker 1: Então pergunte para ela qual a situação que ela percebe que a menina é parte da escola.

Speaker 3: Ok. Could you tell us any situation where your daughter feels engaged in the school? Is there any special activity or a special event that makes your daughter feel that she belongs to the school and that she really likes it?

Speaker 2: Oh, yes. Yes, then she went to the sports, she feels that the teachers makes them make the exercises and every situation... the school is very nice and all teachers and all ... what she likes. What she would do next, so my daughter never told me do not like the school and maybe she is part of a school. I never heard anything about that. If she is part or not a part. Everybody knows (her) very well in every events, in everything they talk about (her) and if they ask her what happened, what she liked, everything said ...yes, maybe she is a part of the school.

Speaker 3: Was there any moment where she felt the opposite? Was there any moment where she came home a bit sad because anything happened and she did not feel she belonged to there.

Speaker 2: No, no, not like that, any time she told me about that, because every day she goes to school and return happy and she feels very happy. No, not once. Any time did this happen to me. Never told me that she do not want to go to school or she do not want this school. Never, she do not tell me.

Speaker 3: Could you say that your daughter is proud of belonging to her home country, to the country where she was born?

Speaker 2: Yes. She told it. That her home country is also very good.

Speaker 3: OK, so, what does she feel proud of her country about? What are the things that makes she proud of her home country?

Speaker 2: Our home country is cultural they born there, they live there much years, they live there nearly 10 to 12 years and there is a friends, they are native also, so they are connected with their native country also. So they are proud about this country because they are seeing their country from they born, by birth, but the country is also so good, there is also the teachers, their friends and they feel the culture is different, all culture, all things, everything and they are proud of the country and every time they think that. If I am in my country, I will do like that. So, they miss the country and they like, also.

Speaker 1: Ok

Speaker 3: Besides the school, are there other places where your daughter go often?

Speaker 2: Yes, school... means nowadays? Here in Portugal?

Speaker 1: Yeah.

Speaker 3: Yes.

Speaker 2: Yes, we went to Lisbon, Aveiro...

Speaker 3: No, no, no, places that you or your kids go constantly, for example, to gym, or park, cinema, some places that you go constantly?

Speaker 2: From school or from family.

Speaker 3: No, no, not school.

Speaker 2: From family. We went to a park, malls for shopping purposes and not for cinema. We never went for cinema and we went for museum. And an only church nearby my house. There is a Batalha church that we went there, many parks nearby my place we went there also.

Speaker 3: Ok.

Speaker 2: And we went with our family. I and my husband and my children.

Speaker 3: And how were you received in these places, how were you received, like how do you feel when you go with your family? How does your daughter and your family feels when you go to parks? Do you feel welcome when you go to the local church or other places?

Speaker 2: Yes. The people is very friendly here. They never see me like that, but all are friendly. I am here ... I am living here all are very friendly. Because ... I do not think so...

Anybody tell us anything. all are Portuguese are friendly here. whenever we ask something to them, they explain better if I do not know the language or they explain by the ... what you say... they explain how I can understand. In that manner, if I ask somebody how to go to that place, if they cannot explain in my language, then they say go like this, turn like that ... so, they are so friendly with us.

Speaker 1: Ok.

Speaker 2: And then I have been to park or any mall, I feel very happy, my children also very happy. They play; they enjoy everything, no problem.

Speaker 3: Out of the school, out of the school environment, which nationalities have the kids that your kids play with. Do your kids have friends on the street, or on the same street or at church in any places, and where do these other kids come from?

Speaker 1: Oh, my ... boy, my children, the small, he has friends nearby my house and they came from Russia. Maybe they are Russians I think. They have a cafe nearby me, the children come here, they play with my child, and the language is English only. So it is not typical for him to friend easily, make the friendship easily and then they play. They are Russians.

Speaker 3: Ok

Speaker 1: Russians?

Speaker 2: Yes.

Speaker 1: Ok.

Speaker 3: Does your kid use social network to keep contact with the family the distant family or friends and how often?

Speaker 2: They have... I have a Facebook, not my child, and they contact them with my Facebook. They have a number also, it is WhatsApp and then they call them with WhatsApp also and they never came here...

Speaker 3: But how often do your kids use WhatsApp to call your family in India, how often does it happen? Or their friends from their hometown town.

Speaker 2: My children came little kids, but I did. I talk to my native country daily, because my parents is there, but my children will call with the friends and relatives and weekly two or three times.

Speaker 1: Maybe daily because your mother was talking just now. Alô...

Speaker 3: Oi.

Speaker 1: Está me ouvindo?

Speaker 3: Sim.

Speaker 1: Let's go to the ...In the church

Speaker 3: Do you, or your husband or anybody from your family has any leadership role in the church, in a club, or in some type, some kind of political party or NGO? Does anybody from your family has a leadership Role, position in any of these associations?

Speaker 2: No, no, nobody. No.

Speaker 1: OK, OK, let's go.

Speaker 3: Próxima?

Speaker 1: We are near to the end.

Speaker 3: Yes. The next questions are about all the students, not only the foreign students, not only the immigrant students. Do you consider that at the school the students have opportunity to discuss and talk about general questions about the world in the school?

Speaker 2: General questions about.

Speaker 3: Do you consider that at the school, the students have opportunity to discuss and talk about general questions involving the world?

Speaker 1: Yes, it is good for the students if they talk about general questions about the world.

Speaker 3: But does it happen in this school?

Speaker 2: Maybe, I do not know, I never asked this to my children.

Speaker 3: Maybe in the history class or geography class.

Speaker 2: Oh, in history classes, they told me there is all, the history in the history books, which explains about the previous time, all previous things. In that, they did not say anything about that.

Speaker 1: OK.

Speaker 3: Because, for example, Portugal had many colonies, for example, we come from Brazil and in Brazil we learn about Portuguese culture in general, about Portugal, but also a bit about the other cultures, about Macau, about Timor Leste, so we learn a little bit about Portugal and all the other cultures in the Portuguese world and general world.

Speaker 1: But I mean in this question, Israel, about questions, which are important themes of actuality, about pollution, about racism...

Speaker 3: Ok.

Speaker 2: Yes, yes. In history, in Portugal history there is particular little about the Mouros that they entered Portugal and they take something like that, there is a history, mentioned in a book. Yes?

Speaker 3: Is it about about relevant topics like prejudice or globalization,

Speaker 1: Yes,

Speaker 3: News in general, news in general. Do you think in the school they discuss news and what is happening in the world?

Speaker 1: You do not know.

Speaker 2: Oh, No, I do not know.

Speaker 1: OK.

Speaker 2: I do not know exactly, because my children never told me about that.

Speaker 1: Ok. The next...

Speaker 3: In your opinion, which questions concerning the world, do you think the immigrant's kids should discuss and participate?

Speaker 1: There are some things at school that is relevant to immigrant children or there are relevant to children's in general. In school, do you think that there are opportunities to discuss the problems of a school what was the student was feeling in any kind of a situation or...?

Speaker 2: Yes

Speaker 1: They discuss about the school and the problems of a school in the classroom?

Speaker 2: Yes. They have to discuss, but never told me, but I think if you are asking maybe this happens, yes, you have to discuss problems of school and things to the children also because they have to know this type of problem they think. But talking about globalization or any problem in a school, anything, anything, if they discuss each other, it is making them to understand what is going on. Well, if you discuss, you tell them, you explain them. It is good for them also.

Speaker 1: Ok. A próxima.

Speaker 2: Because children not listen the news. They never listen to the news. If you discuss about all the things, which is going on in Portugal in a classroom, one of these classes did that about the politics or things happening in the Portugal. If they are discussing with each other, they knows about the news and the situation going on in the Portugal. Because children is not in the book that they will take the news. they never talk about the news. they listen there only. That much only. They do not know about any politics, they do not know about the ministers, even they do not know the name of the ministers because they never listen. Even in their house, they only see the cartoons, what they like, they play the games. If there is a class in a school about the globalization and the situation around them is happening, all the changes that in Portugal is going on, which kind of thing is going on in a politics or anything, in medical concern, anything. If they discuss in their classes is good for the children because not much, but something is going on their mind, that this is happening in our side by side around a lot of these type of things is happening then know. So, if there is a discussion about all the things, any type of things in the classes, it is good for the children because they learn from the class only, from the school only. After that they are not learning everything ... they are moving on.

Speaker 3: Could you say that in this in this school, the students participate on the making of the rules, rights and obligations?

Speaker 2: Yes, I want to say that only. In that school there must be one more class or debate must be about things are going on around us. If this type of class, this type of discussion, is did they knows the situation, something they know about that.

Speaker 1: I did not understood.

Speaker 3: Ela falou que há aulas que eles falam sobre regras direitos e deveres

Speaker 1: Yes?

Speaker 3: E eles discutem isso.

Speaker 1: E você sabe como eles participam dessas discussões?

Speaker 3: Do you know how the school, how the students participate on making rules, right, and obligations?

Speaker 2: There must be one class in a week. They talk about all the news, all the situations which has happened in Portugal. They talk about that much only for them. It might be.

Speaker 1: Ok.

Speaker 2: Because children never listen news, nothing they do not know anything. So if monthly, if there is a class about what is going on around their side in Portugal, many things is changing, like medical field ... the globalization changes in environment like this. This is also the news and changes in rights, in children rights or educational things also, but they do not know anything. Just they are going on, taking the books reading and coming back it is only they know. They do not know other things, so if there is one class is there.

Speaker 3: So, in this school there are these kind of classes already.

Speaker 2: No, no, no, none of them in this school, there is nothing like social classes, not like that. In this school only book classes, which is in the books only and Portuguese language classes.

Speaker 3: But the students take part in making rules and deciding what is best?

Speaker 2: I guess. Maybe the students not take part but there is a class, which makes them to sit and listen, they will listen.

Speaker 1: Maybe, maybe she refers... because there are classes of citizenship.

Speaker 2: Yes, I need more information about that.

Speaker 1: You have heard about this discipline. Citizenship and the participation, I do not know...

Speaker 2: I heard and get some details on Google only by searching by myself, but the children did not know anything about that. What I explained that is not much. They do not know what is citizenship, what is the requirements and what they have to do. Nothing. They don't know anything. They do not know the immigrants' duties. They do not know what they have to be, what they have to and what the health law they have from this country, then they do not know anything. And I also do not know anything. I am learning from the Google only. I am searching it. And then I know what I have to know. I do it.

Speaker 2: Ok. Now...let me say to Israel and he translate. Israel, é o seguinte, eu queria falar sobre um último aspecto. É o último. Está ficando longo demais, ela já está cansada, nós estamos há duas horas. Eu quero falar sobre uma coisa só que é o apoio que ela tem recebido para aprender o Português. O que poderia ser feito de melhor para ajudar a filha dela a aprender o Português. Entendeu? Que é o PLNM que é o programa que está aqui logo atrás.

Speaker 3: OK

Speaker 1: É a última pergunta. Explica pra ela que é a última pergunta ...

Speaker 3: OK. So, this is the last question, OK?

Speaker 2: OK.

Speaker 3: The last question is about what support your daughter is receiving for her to learn Portuguese.

Is your daughter receiving any kind of support on PLNM Português como Língua Não Materna? And what could be better if she is receiving any help from the school or from anybody, could it be better?

Speaker 1: Because, Gazala, there are special programs to immigrant children in school. And these programs have to support the children, but I do not know how... now I understand better, but I do not know how it works for the children. I know what the teachers said, what the director said, but I want to know what the children, the parents think about this support. Is not enough, could be better, more time, less time, I do not know. You think your children is improving in the right way, if could be better, if is slow, because if she not speaks very well and understand very well she cannot follow the other disciplines, maths, geography, history.

Speaker 2: Yes. The school is teaching special classes for my children, then they are learning Portuguese language

Speaker 1: how many times a week, for example...

Speaker 2: Yes. Weekly, two or three classes is there for them and it's enough for them to learn. From the beginning of the school joining, they started the classes, support only for the language purpose, only. But it is very difficult for them.

Speaker 1: Is there classes by internet?

Speaker 3: online

Speaker 2: Because this depends on the micro, there is internet, there is from internet, previously they learn in that classes also. There is a teacher who stands by them and teach them and show all the things in the computer, and they seat there for two, three children there is a teacher. before this time there is a teacher. But nowadays there is a language classes and on that, also there is a teacher that explain the things to them.

Speaker 1: After the school hour?

Speaker 2: Yes, Yes, after the school. School is different, these classes is different.
Speaker 1: OK.
Speaker 2: Is totally different, only for immigrants.
Speaker 1: Ok. How many children were in this classroom?
Speaker 2: Maybe for teacher, four five students.
Speaker 1: Four or five
Speaker 2: For one teacher
Speaker 1: Yes. It was two, three times a week for how long?
Speaker 2: For my children two times for a week.
Speaker 3: How long does the class last?
Speaker 2: Two hours.
Speaker 1: Only two hours?
Speaker 3: Twice a week, duas horas por semana.
Speaker 2: One hour they explain and one hour they asking the questions.
Speaker 1: Duas horas por semana, two times a week for one year, two years, since they arrived at school, until now. I want to know.
Speaker 2: Yes, there is two hours classes, because in school they already teach Portuguese only. But there is a class in Portuguese in school also, one subject Portuguese, one subject of English. In that they learning other than that they are taking a separate classes of two hours. Only purpose of language. So, not only for this classes also school, subject there is a language, Portuguese language they are learning, and in subject also they are learning.
Speaker 3: How long they are attending these classes, since they arrived? Like a year ago...
Speaker 2: Since they arrived, they are learning these classes.
Speaker 1: But there are classes every week since they arrived?
Speaker 2: For two years, because the last year back when they arrived at school, since that they started the classes. There is supporting classes weekly to this.
Speaker 1: Ok.
Speaker 2: It is helping speak in Portuguese, they understand, but they cannot speak fluently, because they understand the language, they are start to talk to their friends in Portuguese but not speedily stopped and not started yet.
Speaker 1: A frequência, the frequency ... I did not understand.
Speaker 2: Frequency, speedily, they cannot talk speedily.
Speaker 1: Ok.
Speaker 2: Speedily, like you, they cannot speak Portuguese like you. They take much time for them. But they understanding. And they make me understand some words.
Speaker 1: About the cipherschool that there is the program by internet. What do you think about this support?
Speaker 2: For internet purpose? Internet classes is much difficult classes. They not study in front of a computer.
Speaker 1: No, no, no, no. You did not understand. The school offers support through a program that calls cipherschool...
Speaker 2: Cipherschool. Yes.
Speaker 1: You know this program?
Speaker 2: Yes, yes.
Speaker 1: One children at time to learn Portuguese. Your daughter is attending these classes? Gazala... Gazala... não me abandone.
Speaker 2: Alô.
Speaker 1: Alô. Is she attending these classes?

Speaker 2: Yes, she is attending these classes I am talking you but these classes only. They are teaching at different classes, ciberescola is taking differently.

Speaker 1: Your internet connection is slow... She attends these classes?

Speaker 2: Yes, yes. They attending these classes we are talking also.

Speaker 1: It is being useful.

Speaker 2: Yes, yes useful for them, yes.

Speaker 1: Is it a good course? the materials, the way that teachers talk, is a good course? She is improving with this support?

Speaker 2: Yes, yes. It is a good course and they are improving in the language.

Speaker 1: Ok. So, I think that is all that I need to know. It was excellent. Once I have finished analyzing the data collect in the interviews I would like to present the results to all participants. would you agree to participate in this meeting?

Speaker 2: Yes.

Speaker 1: Yes? Because is the opportunity to show the results of research and maybe offer opportunities to school to make better for these immigrant students. I do not know. I think that is possible, but I do not know if really will help the school. I do not know. The interviews with teenagers, your daughter and others will be done soon, after I finished with the parents. I will invite her and you in time, ok?

Speaker 2: Fine.

Speaker 1: More one time, thank you so much, so much.

Speaker 2: Thank you very much.

Speaker 1: It is a pleaser to meet you.

Speaker 2: Thank you, bye!

Speaker 2: Bye, bye... obrigada.

E7 - 03/11/2020 - Encarregada da Educação (Brasileira)

A entrevistada instala o Zoom no telefone e eu acompanho pelo celular como ela acessa a aplicação pela primeira vez...)

Speaker 1: Ahhh essa tecnologia é uma maravilha né, fala a verdade.... Que bom que você tem essa horinha disponível pra conversar comigo... te agradeço demais porque fazer pesquisa na pandemia é uma coisa complicada, não é? Então eu previ ... essa é uma pesquisa que prevê envolver o diretor do agrupamento, professores, pais e alunos, entendeu? Então eu estou tendo muito trabalho pra fazer estes contatos... problemas mil... mas a gente vai chegar lá. Então, agora - eu já entrevistei os professores, já entrevistei o diretor do agrupamento - e agora eu estou entrevistando os pais. Os alunos eu vou entrevistar numa fase posterior, né? Então depois eu vou contatar o seu filho pra gente fazer isso. Então a gente vai falar mais uma vez quando eu for entrevista-lo, entendeu?

(Há algum problema com o áudio da entrevista... segue-se um diálogo na tentativa de resolver)
Bom, então é o seguinte Então você já sabe sobre o que é a minha pesquisa, você entendeu como é que ela vai funcionar, não é? Eu preciso que agora você me dê a autorização para eu realizar a entrevista com você e que você concorde que ela seja gravada.

Speaker 2: Sim...

Speaker 1: Porque, assim, apesar dela ser gravada, de eu ter a sua imagem, etc., a sua identidade não vai ser revelada, entendeu? Nem na escrita da tese, nem quando eu apresentar os resultados, certo? A gente não revela o entrevistado, a identidade do entrevistado e, todo o material da pesquisa vai ser mantido de forma sigilosa. Então eu queria que você dissesse pra mim agora - eu concordo que seja gravada, eu conheço a pesquisa, por favor, é um procedimento formal.

Speaker 2: Sim, sim pode ser gravado...

Speaker 1: Então assim, a primeira pergunta que eu tenho aqui pra você é sobre a sua chegada... o primeiro contato com a escola... eu queria saber um pouco como é que foi esse primeiro contato. Se você podia falar sobre isso. Como é que você chegou na escola e como é que foi esse primeiro contato.

Speaker 2: Ah tá.

(Novo problema com o áudio da entrevista... segue-se um novo diálogo para resolver)

Speaker 2: Nós chegamos em janeiro e quando eu fui procurar escola foi lá em Salvaterra ... que eu cheguei em Salvaterra...

Speaker 1: Você viu o problema qual era? É que eu não tinha desligado a ligação com você.

Speaker 2: Ahhh tá.

Speaker 1: Então era eu que estava fazendo a microfonia, não você. Rs

Speaker 2: Aí quando eu cheguei eu vim lá pra Salvaterra, mas não tive problema nenhum. Assim que eu cheguei minha irmã foi comigo lá na escola...

Speaker 1: Você foi direito na escola?

Speaker 2: Sim eu mais minha irmã fomos direto na escola e levei os papéis, documentos e ... rapidinho eu já consegui a vaga pro meu filho

Speaker 1: E... quando você foi recebida na escola, você sentiu que a escola tinha alguma preocupação de receber pais estrangeiros, tinha lá um pessoal que explicou pra você o funcionamento do sistema de educação em Portugal?

Speaker 2: Aiii...

Speaker 1: Porque, assim, o sistema de educação de Portugal ele é um pouco diferente...

Speaker 2: O microfone tá muito baixo, não estou escutando direito...

Speaker 1: Ok... vamos ver aqui... eu vou ficar mais próxima... assim melhorou?

Speaker 2: Ainda está baixo

Speaker 1: Ainda está baixo? Está no máximo meu volume...

Speaker 2: Ah deixa eu pegar o fone ali... talvez o fone ajuda... acho que agora dá... oie

Speaker 1: Tô aqui...

Speaker 2: Agora tá

Speaker 1: Você está ouvindo melhor agora?

Speaker 2: Sim, sim, eu coloquei o fone... Rs

Speaker 1: Bom, então assim... pergunto: Quando você chegou na escola teve alguém lá preocupado em receber um pai que é estrangeiro, que não conhece o sistema educacional, te deu explicações de como o sistema funciona em Portugal, te deu algum material explicativo?

Speaker 2: Não, não tive nada

Speaker 1: Porque minha intenção é perceber se tem algum programa que a escola desenvolve para receber pais imigrantes, que vêm pra escola na primeira vez, mas você ...não... nada disso, né?

Speaker 2: Não...não tive nada, foi normal, só entreguei o documento e pronto e fez a matrícula.

Speaker 1: Tá. No processo de matrícula quais foram os documentos exigidos?

Speaker 2: Foi o histórico... aliás eu trouxe uma declaração primeiro, né, entreguei a declaração

Speaker 1: E depois você teve que fazer apostilado e aí você entregou numa outra fase

Speaker 2: Sim, no caso entreguei agora aqui em Porto. Eu mudei agora prá cá, entreguei aqui.

Speaker 1: Ah entendi. Você foi prá onde inicialmente?

Speaker 2: Eu fui pra Salvaterra; é Lisboa

Speaker 1: Ah! É Lisboa

Speaker 2: Agora (?) eu tô no Porto.

Speaker 1: Então você não percebeu nenhum programa especial para receber pais imigrantes na escola...

Speaker 2: Não

Speaker 1: É uma pessoa normal que chega

Speaker 2: Não, foi normal mesmo, como se fosse lá no Brasil mesmo...

Speaker 1: Você acha que houve algum processo seletivo? Não.

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Não. Você enfrentou alguma dificuldade em matricular por não existir vaga? Não. Tinha vaga? Tá...

Speaker 2: Tinha, tinha, até porque quando eu cheguei já estava bem dizer no final rs de janeiro, fevereiro é que fui colocar nessa escola aqui

Speaker 1: Já estava no final do ano letivo, né?

Speaker 2: É.... rs

Speaker 1: Sobre a avaliação dos conhecimentos prévios do seu filho, né, pra alocar ele no devido ciclo/ano. Você tem conhecimento de como foi feita esta avaliação?

Speaker 2: Não, não foi feita não porque ele veio certo, foi pro ano certo

Speaker 1: Ele veio no certo e continua no certo, permaneceu no mesmo ano em que ele estava lá

Speaker 2: Não fizeram nada não.

Speaker 1: Não, então você não tem conhecimento de quem avaliou e se avaliou...

Speaker 2: É tem isso...

Speaker 1: Muito bem.... Agora um tópico que fala sobre aspectos culturais.... Na sua casa fala-se que idioma?

Speaker 2: Pode repetir, fazendo um favor, porque o microfone caiu... o negócio caiu... rs ... fazendo o favor.

Speaker 1: Na sua casa fala-se que idioma?

Speaker 2: Aqui? Português....

Speaker 1: Fala-se Português, todos são portugueses, todos são brasileiros

Speaker 2: Sim. Tem duas sobrinhas que nasceram aqui também, mas é brasileira também

Speaker 1: As suas sobrinhas que nasceram aqui...

Speaker 2: A minha irmã tem duas filhas

Speaker 1: Ah a sua irmã tem duas filhas que nasceram aqui...

Speaker 2: Sim

O filho da entrevistada aparece na tela da entrevista

Speaker 1: Esse é o nosso querido...

Speaker 2: (Nome do filho)

Speaker 1: Olá, tudo bom? Em breve vou falar com você viu? Eu vi que sua mãe tinha uma ajuda aí ... tecnológica

Speaker 2: Rs

Speaker 1: Eu vi que sua mãe tinha uma ajuda com a tecnologia, logo imaginei que era você, viu? Rs...

Speaker 2: De tecnologia ele é bom, mexer com essas coisas internet

Speaker 1: Você gostou do 'zoom', é bem legal não é?

Ele concorda...

Speaker 1: Então está bom...

Speaker 2: Ele vai usar agora para conversar com o pai, né?

Speaker 1: Deixa eu conversar com a sua mãe e depois eu vou conversar com você, tá? Mas não hoje, um outro dia, tá certo?

Ele acena que sim

Speaker 1: Um beijo, tchau, tchau... Que fofo! Bom.... Olha... existem escolas que oferecem opção de cursos de idioma nativo... da língua nativa do imigrante.... Você tem conhecimento de que na escola se oferece algum curso de idioma?

Speaker 2: Aqui tem... espanhol né... na escola mesmo?

Speaker 1: Mas aí já são os idiomas ...normal né, o espanhol, o inglês e o francês, não é? Fora disso nenhum idioma, tipo o mandarim, ou cursos de idioma de imigrante mesmo não esses cursos...

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Tá bom.... Você considera que existem preocupações por parte da escola e dos professores de que os alunos aprendam a respeito da sua cultura? Da cultura deles...

Speaker 2: No caso aqui?

Speaker 1: É

Speaker 2: Ah não percebi ainda não porque tem pouco tempo Rs

Speaker 1: Você percebeu ... por exemplo... Eu penso assim... Tem atividades em que você percebe que existe uma preocupação em aprender sobre culturas diferentes, entendeu... sobre a cultura chinesa, sobre a cultura indiana, a cultura muçulmana ... outras culturas além da cultura portuguesa... isso que eu quero entender... se a escola tem preocupações em que a criança tenha contato com essas culturas, ou dentro do próprio curriculum da disciplina que eles estão estudando, por exemplo, geografia, história, ou se a escola leva eles pra visitar um museu pra conhecer a história dos judeus ou ... essas coisas.

Speaker 2: Ah isso tem...meu menino não participou ainda não porque tem pouco tempo que tá aqui na escola, mas minhas sobrinhas fazem isso.

Speaker 1: Fazem o que?

Speaker2: Visita a museu, visita a outra ... país... outra

Speaker 1: Pra conhecer outras culturas?

Speaker 2: Outras culturas, isso...

Speaker 1: Mas no caso específico desta escola... você está falando porque suas sobrinhas também estudam na escola?

Speaker 2: Sim, uma estuda.

Speaker 1: Então você acha que este tipo de atividade existe nessa escola...

Speaker 2: Sim... vou conferir com a minha irmã, pode?

Speaker 1: Depois você confere..., mas, você acha que há, mas você não tem certeza, não é isso?

Speaker 2: É não tenho...

Speaker 1: Tá bom... Ele está há nove meses, não é?

Speaker 2: Certo...

Speaker 1: Você considera que nesta escola a diversidade cultural, a diversidade cultural, ela é apreciada, ou ela é um problema? O fato de haver crianças de várias origens na escola? Isto é uma coisa positiva, é vista pela escola como positiva ou é vista pela escola como um problema?

Speaker 1: Ah eu acho que é positivo

Speaker 2: Até mesmo para as crianças, porque eles adora né?

Speaker 1; Eles adoram a escola, é isso?

Speaker 2: O meu filho adora a escola, os colegas, o sotaque, a comida...

Speaker 1: Ah é? Que bom.

Speaker 2: Ele adora

Speaker 1: Mas isso é uma postura dele ou é uma postura da escola?

Speaker 2: Acredito que a escola também... eu também não tive quase contato com a escola porque tem um mês só que ele está na escola aqui. Lá ele ficou um mês porque teve a epidemia. Aqui agora aqui também só tem um mês então eu tô sabendo pouco. Rs.

Speaker 1: Ah tá bom... rs Você pode dizer que nesta escola há situações ... você tem conhecimento de situações de preconceito na escola?

Speaker 2: Acho que não. Ainda não apareceu não...

Speaker 1: Ok. Houve alguma situação de preconceito que envolveu você ou o seu filho?

Speaker 2: Não (?)

Speaker 1: Como?

Speaker 2: Eles são muito educados

Speaker 1: São muito educados, né?

Speaker 2: São muito (?)

Speaker 1: Mas você também não tem conhecimento de que isso tenha acontecido com outros alunos...

Speaker 2: Não

Speaker 1: Ok. As próximas perguntas se referem à sua relação e a relação do seu filho com a escola, certo? Podemos prosseguir? Na sua opinião os professores desta escola são bons para ensinar alunos que vem de outros países?

Speaker 2: Ah... mais ou menos... pra mim eles tinham que procurar saber mais, no caso dele que veio de fora, procurar saber mais onde ele está...onde ele se encaixa melhor, em que matéria se ele está bom, num.... não falam nada e também a gente não está tendo como ir lá...conversar... sobre... no caso ele, por exemplo, que veio do Brasil, então ele tem dificuldade, se não tem

Speaker 1: Não te dão conhecimento de como ele está indo, né? Ele não teve esta avaliação prévia, então você não sabe muito bem...

Speaker 2: Não sei. É ... agora ele está fazendo uns testes, mas acredito que ele poderia estar melhor se eles tivessem sondado né, conversado comigo, com ele, saber se tem algum problema, se não tem, as coisas que ele gosta mais de fazer na escola, matéria...

Speaker 1: Você está me dizendo que não houve uma entrevista que envolvesse você e ele no sentido de ter uma maior aproximação pra sentir as dificuldades que ele tem ou ...

Speaker 2: Sim.... No caso que veio de fora, veio de outro país... todo mundo, acho que toda criança encontra dificuldade ...porque é diferente... a matéria, o português é diferente, a matemática é a mesma, mas português é muito diferente.

Speaker 1: Então você acha que esses professores são bons ou não são, pra ensinar pessoas que vêm de fora? Ou ainda não deu pra avaliar?

Speaker 2: Ah! Eu acho mais ou menos, porque poderia estar melhor se eles tivessem... no caso tivessem conversado mais...conversado... comigo e com ele

Speaker 1: Ok

Speaker 2: No caso eles já chegam e dão matéria, que ele já está aí, né? Quem vem de fora, no caso, tem que encaixar no currículo deles.

Speaker 1: Tem que entrar naquele ritmo e não tem...

Speaker 2: Tem que ter

Speaker 1: E não tem um tempo de adaptação, nada, né?

Speaker 2: Não tem. Não tem. Até porque também agora com esse negócio de Covid não tem nem como a gente tá indo na escola... conversar

Speaker 1: Bom, você considera que nesta escola os alunos imigrantes têm a mesma oportunidade de participar das atividades do que outros alunos, os portugueses, no caso?

Speaker 2: Atividades... está falando de casa...

Speaker 1: Não, eu tô falando lá na escola. Ele participa das atividades como um português?

Speaker 2: Ah, sim, participa.

Speaker 1: Participa. Ele tem essa oportunidade, dão essa oportunidade pra ele participar...

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: De acordo com a sua observação esta escola ou a escola, esta escola né? Tem tudo o que um aluno que vem de fora necessita para aprender ou está faltando alguma coisa?

Speaker 2: Acredito que sim, que tenha.

Speaker 1: Então me dê aí exemplos do que ele tem, do que a escola tem adequado para o aluno aprender e do que estaria faltando, no caso.... Se não há nada faltando, me dê exemplo das condições que eles têm que favorecem o aprendizado deles, nessa escola.

Speaker 2: Uai, pra mim é a matéria deles que é muito boa...só que no caso de quem vem do Brasil, o currículo lá é mais fraco, mas acredito que seja bom. O que falta mesmo é mais incluir eles na matéria deles, no caso... uma aula específica, tipo um teste pra saber... é isso, um teste pra ver o grau de conhecimento dele, acho que isso precisaria... que no caso a escola é boa.

Speaker 1: Então não faltam recursos, não faltam materiais, não faltam professores... o prédio é adequado, tem livros, tem biblioteca, tem tudo que ele precisa...

Speaker 2: Tem

Speaker 1: É isso?

Speaker 2: Tem, tanto é que o livro é ganhado rs o livro a gente pega em outro lugar...

Speaker 1: É, eu sei... Bom, você considera que a escola tem realizado esforço para aproximar pais e alunos imigrantes... Esforço pra te aproximar da escola, por exemplo, te chamam na escola, querem saber de você, querem saber como está o seu filho...

Speaker 2: Não...

Speaker 1: Se aproximar do pai e do aluno imigrante... você acha que não.

Speaker 2: Não. Isso não teve não. (?) rs...

Speaker 1: Como é que é? Eu não entendi...

Speaker 2: Na verdade eles nem sabem quem eu sou. Só o diretor de turma que sabe, né? Que eu já fui atrás dele rs... mas o resto nem sabe, nem conheço...

Speaker 1: Ah sim... porque o contato ... A Sra. tem tido contato com o diretor de turma

Speaker 2: Foi no dia da reunião, mas foi só aquele dia.... também os outros nem conheço nem sei quem é.... nem eles sabem também quem é....

Speaker 1: Você já foi convidada ou tem conhecimento de pessoas que foram convidadas pra participar da administração da escola?

Speaker 2: Não, tenho não.

Speaker 1: Tipo...associação de pais, essas coisas, prá...

Speaker 2: Ah tá. No dia da reunião tinha dois pais lá que já ... duas mães de dois coleguinhas de (?) que já era desde o ano passado e continuaram, no caso... como é que chama aquilo?

Speaker 1: É uma associação de pais, como a nossa APM...

Speaker 2: É sim, mas também nem pegaram endereço meu nem nada pra me colocar no grupo... Ir lá interagir, saber o que se passa, o que que não...

Speaker 1: Hum

Speaker 2: Mas tem que ter

Speaker 1: Mas existe um grupo deles e eles não lhe colocaram

Speaker 2: Sim, sim..

Speaker 1: Não fizeram essa aproximação com você, não é?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Muito bem... Você sabe se entre estas duas pessoas que são da associação, tinha algum imigrante, ou eram portugueses?

Speaker 2: Não. É português. Toda as duas.

Speaker 1: Tá. Ainda sobre a escola, gostaria que pensasse nos espaços físicos, no professor, na relação entre os alunos, na relação do aluno com o professor e com os funcionários, nas aulas, nas atividades e me respondesse o que é pra você uma escola boa? Não quero que você me fale dessa escola. Em termos ideais, o que seria pra você uma escola boa? Espaço físico, relação entre as pessoas, as atividades. O que seria pra você idealmente uma escola boa?

Speaker 2: Uma escola boa? Seria uma escola com professores preparados, escola adaptada com criança especial, em todas as áreas, cadeirantes, surdos, cegos, professores também preparados academicamente, psicologicamente, desde a sala até o pessoal da limpeza. Eu acho que todos deveriam ter uma preparação para cuidar das crianças, pra não descarregar nas crianças os problema... sim... acho que assim - minha irmã está perguntando - acho que assim seria uma escola boa

Speaker 1: Uma escola que tivesse atenção para cada tipo de necessidade, né?

Speaker 2: Isso. E que todos fossem ... tivessem uma preparação. Não que todos tivessem uma formação acadêmica que não tem condição, mas que todo mundo que trabalhasse na escola tivesse assim uma preparação, um cursinho de como cuidar de uma criança especial, de como tratar, de não descarregar nas crianças, até mesmo nos pais, nos funcionários... descarregar as emoções, que sempre tivesse assim... os professores sempre tivessem... rs... eu sei que é difícil rs... tivesse sempre, sabe assim, mesmo que estivesse com a bomba por dentro, mas que não despachasse, não descarregasse nas pessoas, nas crianças ou até mesmo os pais também... não descarregar em cima do professor os seus problemas, acho que daria uma escola boa.

Speaker 1: Daria uma escola boa, não é?

Speaker 2: E na relação do professor com o aluno?

Speaker 1: Acho que faltava mais é amor. Acho que um pouquinho mais de amor seria bom. No Brasil eu sei que os professor têm muito amor pra cuidar, pra conversar, ne? Aqui o pessoal é mais longe, mais afastado, não preocupa tanto com.... de conversar, de conhecer a criança, não.

Speaker 1: E na forma como o professor dá a aula?

Speaker 2: Oi? Falhou, deu uma falha aí.

Speaker 1: Na forma como é a aula, como a aula poderia ser idealmente uma aula ótima?

Speaker 2: Ah tá... uma aula que não fugisse do foco.

Speaker 1: Não fugisse...

Speaker 1: O professor não falasse

Speaker 2: Não fugisse do foco. Ele fosse pra lecionar português, não começasse a contar caso, contar história e.... seria bom que fosse assim. Rs.

Speaker 1: Certo. E agora passando dessa escola ideal, que os professores são pacientes, próximos, amorosos com os alunos, que dão suas aulas focadas e atingir os objetivos, etc., agora a gente passa pra essa escola e você me responde. Essa é uma escola boa?

Speaker 2: Essa que eu falei ou essa que meu filho tá?

Speaker 1: Não, eu tô te perguntando, você me falou o que é uma escola idealmente boa. Agora eu tô te perguntando, essa escola real, essa escola, saindo do ideal pro real, essa é uma escola boa?

Speaker 2: É.

Speaker 1: Os professores são pacientes?

Speaker 2: Aqui não, mas lá no Brasil são e eu sei o Brasil tem escolas boas, muito boas

Speaker 1: Eu sei, mas eu to te perguntando

Speaker 2: Aqui

Speaker 1: Você me disse de uma escola ideal, to perguntando, essa daí.... Idealmente seria boa uma escola que fosse assim.

Speaker 2: Hum

Speaker 1: Aqui, é uma boa escola?

Speaker 2: Não, do meu ponto de vista não, falta muito...

Speaker 1: Por que?

Speaker 2: Porque não há uma proximidade, é isso?

Speaker 2: Isso. Não há proximidade do professor com o aluno... tem que ter, mesmo que ele vai lá pra ensinar, tipo assim, vai ensinar física, ele tem que ter a visão de ver ali tem alguma criança com alguma dificuldade, algum problema, não está conseguindo concentrar ... de ter essa visão, de ver, de perceber as coisas, entendeu? Não que ele traga os seus problemas, mas que ele consiga perceber na criança, a necessidade. É muitas crianças com problema, com problema na sala e não consegue aprender. De repente a criança nem tem, não é dificuldade psicológica da criança, mas alguma coisa que sofreu na rua.... Eu acho que o professor tinha que ter essa visão... pra poder ainda dar melhor ainda a sua aula, ele renderia ainda mais ainda. Se ele tinha dificuldade de dar a sua aula, por causa de bagunça, de zueira, alguma coisa assim, ele ajudando essa criança, percebendo essa criança, com certeza ele poderia ajudar e a sua aula poderia render muito mais.

Speaker 1: Certo. E você me falou sobre o professor descarregar os seus problemas nos alunos, isso pra você seria uma escola ideal. Você acha que nesta escola existe este tipo de situação?

Speaker 2: Existe, existe quando (?) o professor descarregava tudo isso nos alunos, teve que afastar ela porque não dava... Aqui também tem... os meninos fala, nossa o professor grita, o professor bate na mesa, então o professor ta com problema, tem que tratar...

Speaker 1: Ai meu Deus do céu... Certo... Muito bem. Vamos passar pra um outro tópico agora. Sobre o relacionamento do seu filho dentro da escola e fora da escola. Foi fácil pro seu filho chegar na escola e fazer amizades?

Speaker 2: Foi.

Speaker 1: Foi? Ele se relaciona com alunos de que nacionalidade, na escola?

Speaker 2: Ah, na sala dele tem português, tem brasileiro também, não tem? (Perguntando para o filho). Ele tem facilidade de fazer...

Speaker 1: E ele se relaciona com brasileiros, com portugueses, com todo mundo?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E ele foi bem acolhido então pela turma? Pessoal de outras turmas...

Speaker 2: Sim, ele tem muitos colegas já, nem parece que está em outro país, já tem colega mais que no Brasil.... Rs

Speaker 1: Rs... Que bom, então ele é uma pessoa social, né?

Speaker 2: Sim...

Speaker 1: Os colegas sentem diferença pelo fato do seu filho ser de um outro país?

Speaker 2: Não, acredito que não, viu, pelo tanto de amizade que ele tem rs

Speaker 1: É?

Speaker 2: Os colega tudo gosta... mesmo

Speaker 1: Eles se frequentam, você recebe portugueses em sua casa, ele vai à casa de portugueses?

Speaker 2: Não... vai não...

Speaker 1: Não. Só na escola ...

Speaker 2: É só vejo mesmo porque que de vez em quando eu passo na porta da escola eu vejo como é que ele é. Eu não estou trabalhando mesmo então de vez em quando eu vou rodear lá a escola Rs...

Speaker 1: Rs... E aí você vê que ele está se dando bem porque ele brinca, ele conversa

Speaker 2: Sim...

Speaker 1: Tá no grupo, não é isso?

Speaker 2: Sim, eu até falei com o senhor que fica na porta e ele falou que é, que ele é muito comunicativo, que parecia mais velho que nem parecia meu filho rs... Ele é muito despachado, já vai fazendo...

Speaker 1: Que nada, você é muito comunicativa, olha aí já liguei, já estamos falando...nossa, maravilhoso! Então... mais uma coisa aqui. O seu filho demonstra confiar na escola, ele confia na escola, nos professores, nos colegas, ele tem confiança?

Speaker 2: Sim... ele gosta de ir

Speaker 1: Então...e ele gosta de algum colega em especial?

Speaker 2: Sim

Speaker 1: E quem é?

Speaker 2: Fulano

Speaker 1: Fulano é português?

Speaker 1: Hummm tá bom. E ele gosta dos professores, dos funcionários, da escola em geral?

Speaker 2: Gosta. Principalmente da cantineira Rs...

Speaker 1: Rs...Ele gosta da faxineira...Rs

Speaker 2: Rs...É da faxineira, da cozinheira, diz que ela cozinha muito bem Rs...

Speaker 1: Rs...Ele gosta de comer, né? Rs...

Speaker 2: Rs...Gosta.

Speaker 1: Ai ai, você acha que ele se sente fazer parte daquela escola?

Speaker 2: Sim...

Speaker 1: Sim?

Speaker 2: Acho que ele não sente que está fora do seu país não. Pra ele, ele está no mesmo lugar. Ele achou amizade, gostou de todo mundo, pra ele tá encaixado...Rs...

Speaker 1: Ele gosta dos professores? Ou tem algum professor que ele não gosta... como é a relação com o professor? Ele gosta de todos?

Speaker 2: Ele gosta de todos, não gosta? Fala com ela aqui... ele gosta de todos... olha aqui...

Speaker 1: Fala ...

Speaker 2: Olha a cara dele...

Speaker 1: Você gosta de todos ou tem alguém que você não gosta?

Speaker 2: (Dirigindo-se ao filho). Você gosta de todos professores?

(Ele responde - Eu gosto de todos os professores).

Speaker 1: Ah que bom! Que bom! Que bom! Mas a minha conversa com você é depois. Agora eu vou falar com sua mãe.... Seria capaz de me dar um exemplo daquilo que acontece ou que aconteceu que você percebeu que ele se sente fazer parte da escola? Uma situação...

Speaker 2: Situação...que ele acorda já querendo ir pra escola...

Speaker 1: Ah é?

Speaker 2: Ah isso pra mim já está familiarizado, minha filha, já adora. Nem no Brasil ele tinha tanta pressa de ir pra escola...

Speaker 1: Ah é? que coisa...

Speaker 2: Ele acorda e fala que quer ir pra escola, gosta da escola, gosta do professor

Speaker 1: Você poderia dizer que o seu filho tem orgulho de pertencer ao país onde ele nasceu?

Speaker 2: Tem... (E dirigindo ao filho - Não tem?) Ele tem.

Speaker 1: E por que é que ele se sente orgulhoso, ou não se sente ... de pertencer ao país onde ele nasceu?

Speaker 2: (Dirigindo-se ao filho - Sente orgulho de ser brasileiro? Por que?) To perguntando prá ele. É um país rico, bonito

Speaker 1: Tá certo...

Speaker 2: Só não dá muita opção pra gente Rs...

Speaker 1: Rs... Ai ai. Além da escola, o seu filho frequenta algum ... que lugares ele vai com frequência?

Speaker 2: Só na Igreja. Escola-Igreja...

Speaker 1: Escola-Igreja. Vocês são de que religião?

Speaker 2: Evangélico.

Speaker 1: São evangélicos, né? E como é que ele foi recebido na Igreja, por exemplo?

Speaker 2: Ah, de braços abertos. Até porque só tinha um rapazinho na igreja, fia, ele chegou foi festa... Rs

Speaker 1: Como é que é?

Speaker2: Só tinha um rapazinho, um adolescente, na igreja ... então chegou ele minha fia, chegou mais um... era só mulher...

Speaker 1: Ah caramba... e aí chegou ele pra fazer companhia a esse outro...

Speaker 2: Companhia ... agora tem dois rapazinhos e a igreja toda gosta.

Speaker 1: E eles são portugueses ou são brasileiros também?

Speaker 2: Nasceram aqui, mas são filhos de brasileiros

Speaker 1: Da igreja, né? Esse migo da igreja é brasileiro...

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Então fora da escola o seu filho se relaciona com crianças brasileiras

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Ou também portuguesas...

Speaker 2: Brasileiras. Mas só na igreja também que a gente num sai

Speaker 1: Não sai pra outro lugar, né?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Ele usa a rede social para fazer contato com a família distante, com amigos?

Speaker 2: Sim, o Zap...

Speaker 1: O Zap, né? Com que frequência ele fala com a família?

Speaker 2: Com o pai? Ele fala todo dia. Só o pai ficou lá.

Speaker 1: Ah o pai ficou lá! E aí ele fala todo dia com o pai

Speaker 2: No Zap. Ele fala com os amiguinhos no Instagram

Speaker 1: Escuta. A família participa de alguma atividade associativa, você já me disse, a Igreja, né?

Speaker 2: Hum

Speaker 1: E algum familiar exerce papel de liderança na igreja?

Speaker 2: Não. Ah sim, minha irmã é líder das irmãs

Speaker 1: Ah sua irmã é líder. Ok. A participação dos alunos na escola agora, certo? Agora a participação dos alunos na escola. Você considera que aqui nesta escola os alunos têm oportunidades para discutir e refletir sobre questões do mundo em geral e do mundo da escola?

Speaker 2: Ahhh... acho que têm.

Speaker 1: Você acha por que?

Speaker 2: Porque não estou sabendo, não tô por dentro disso não.

Speaker 1: Você não sabe, não é? Não chega a você este tipo de coisa, que ele discutiu, que na escola hoje que na escola teve uma discussão a respeito do capitalismo, do racismo, do problema... não?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: E sobre o que acontece na escola.... Tipo assim, eles têm oportunidade de discutir - Olha, nós estamos tendo na escola um problema de indisciplina, tá acontecendo isso, isso, de que forma nós vamos resolver ... também não.

Speaker 2: A respeito de indisciplina na sala?

Speaker 1: Não.... É assim, questões que afetam o mundo da escola, né? Algum problema que tenha acontecido no interior da escola e que está ali colocado para eles discutirem...não tem...

Speaker 2: Tem sim, mas nunca ninguém levou a isso não...teve problema na sala, mas num teve tipo assim, professor num chamou, conversou, não.

Speaker 1: E que problema foi esse?

Speaker 2: Foi com um aluno que estava desafiando o professor.

Speaker 1: Mas não foram chamados a discutir esse problema...

Speaker 2: Não... não me falou nada não...

Speaker 1: Seria bom, né? É bom discutir com todos, não é? No seu modo de ver, quais seriam as questões referentes ao mundo da escola que as crianças deveriam discutir e participar?

Speaker 2: Tudo isso. Você acabou de falar agora

Speaker 2: Tudo isso. Como nós acabou de falar agora sobre esse problema que teve. Se tivesse tido, tipo assim, se tivesse feito uma reunião com os alunos, com os pais, sobre isso, acho que ajudaria, colocaria mais os alunos, tipo assim - Por que está acontecendo isso? Que fazer para não acontecer? Acho que seria bom.

Speaker 1: Você poderia dizer que nessa escola as crianças participam da formulação de regras, direitos e deveres?

Speaker 2: Não sei... não sei.

Speaker 1: Por exemplo, é muito comum, pelo menos no Brasil, nas escolas que meus filhos frequentaram, acorda-se com os alunos, né, as regras. Então, por exemplo, nessa sala de aula a gente não pode fazer isso, a gente não pode fazer aquilo, a gente pode fazer isso, a gente pode fazer aquilo... eu me lembro, na escola dos meus filhos até tinha uma tabela presa na parede que dizia, ah eu não posso destratar o colega...então são regras de convivência, ou regras de atitudes que são estabelecidas ali por todos, não é? Regras e deveres, então eu queria saber se aqui em Portugal as crianças têm a oportunidade de participar da definição da regra, entendeu?

Speaker 2: Ah eu não sei vou até perguntar pra ele - Ó Junior, nesta escola você participa de alguma coisa assim, tipo de fazer um calendário do que pode e que não pode brigar, xingar, tem isso?

(O filho responde a ela)

Eles não participam, mas na escola tem os cartazes lá pelo corredor. Mas eles não participa.

Speaker 1: Ah sim, mas não foram eles que ajudaram a definir a regra, né?

Speaker 2: Não, foi os professor mesmo.

Speaker 1: Pois era isso

Speaker 2: Seria bom se eles fizessem isso, né?

Speaker 1: Seria bom que eles participassem porque aí estariam envolvidos, não é?

Mas aí é uma opinião pessoal que eu nem deveria tá dando aqui, né?

Speaker 2: Rs...

Speaker 1: Nessa escola as crianças participam da decisão de como se organizam as aulas, o que vão estudar, as tarefas, o tempo que eles vão ficar envolvidos naquilo, como eles vão ser avaliados?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Muito bem. A gente está chegando ao final e agora são perguntas específicas sobre alguns programas que a política de integração de imigrantes prevê pra facilitar a vida dessa pessoa que está chegando no país. Então diz respeito, por exemplo, apoios para que a criança tenha sucesso na escola. Um dos programas é específico sobre isso. E essa escola está envolvida nesse programa. Então é assim, é um programa que dá apoio pra criança ter sucesso. Apoio é reforço escolar, entendeu? Então eu queria saber se nessa escola tem apoio pra quem tem dificuldades em determinadas disciplinas.

Speaker 2: Tem.

Speaker 1: Tem?

Speaker 2: É o tal do TIC, né? O tal do TIC né?

Speaker 1: Não entendi

Speaker 2: Tem, aqui eles fala TIC. Esse reforço que a gente fala no Brasil reforço, fala TIC né? Aquela aula que se tem, que não está tendo é tutoria. Ah não! É tutoria, essa aula de reforço, mas a professora que escolhe quem vai.

Speaker 1: Tutoria, né, Tutoria?

Speaker 2: É....Tutoria, eu falo tutoria, eles fala que é tutoria Rs...

Speaker 1: Tutoria, de tutor, né? Tem um tutor, um cara que ajuda, um tutor

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Eles chamam tutoria. Mas aí é a escola que define quem é que vai pras aulas de tutoria

Speaker 2: Quem é que vai, é....

Speaker 1: E em que disciplina é oferecida a tutoria?

Speaker 2: Oi! Não entendi...

Speaker 1: Em que disciplinas tem tutoria? Não... é uma tutoria geral pra quem tem dificuldades e ali ele vai ...

Speaker 2: É, parece que é. É.

Speaker 1: Entendi. Mas ele não frequenta estas aulas...de tutoria

Speaker 2: Não, gostaria que frequentasse porque o português aqui é meio complicado.

Speaker 1: Mas eles acham que ele não tem necessidade.

Speaker 2: É, acho que não. Se não colocaram...

Speaker 1: Então você acha que uma ajuda no idioma seria bom para auxiliar o seu filho a superar essas dificuldades no Português?

Speaker 2: Ham Ham. Sim, seria bom.

Speaker 1: Ele tem outras dificuldades, em outra disciplina que não o Português?

Speaker 2: Não... é o Português mesmo porque ele escreve muito ruim e eu sozinha tentando ajudar aqui não dá. Seria bom se tivesse o apoio, se a escola ajudasse. Ele escreve muito ruim.

Speaker 1: Certo.

Speaker 2: Come muitas palavras, não é de hoje...

Speaker 1: Certo. Então, na sua opinião, é só isso que seria necessário para ajudar o seu filho de uma forma melhor?

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Essas aulas de Português ou tem outra coisa?

Speaker 2: Não. De Português. Se melhorasse a escrita seria ótimo.

Speaker 1: Tá. Existe um outro programa, esse é o que fala do reforço, esse que eu acabei de falar pra você e fala que dá apoio para que a criança tenha sucesso na escola e isso não é só para o imigrante, isso é para todos os alunos. Esse é o programa, o primeiro, sobre o qual eu conversei com você, sobre o reforço. Agora o segundo programa, ele é específico da língua, porque imagina, nós somos falamos português embora um português brasileiro, mas a gente entende o que as pessoas falam e tudo mais, agora imagine um aluno de outra nacionalidade, né, um turco, um chinês, um coreano, uma indiana, como eu falei ontem com uma mãe indiana que não fala nada de

Português; a mãe não fala nada, a mãe fala um inglês muito ruim, com dificuldades ainda, então assim, são muitos os problemas, né? Então nessa parte do idioma tem um programa específico que chama Português como língua não materna PLNM que é para auxiliar quem não é nativo português, certo?

Speaker 2: Nem sabia disso não.

Speaker 1: Não sabia, não é? Pois, porque apesar de eu reconhecer, eu pessoalmente, reconhecer dificuldades pra que a criança tenha em aprender o português, um brasileiro aprender o português de Portugal, porque ele vai ser cobrado no português de Portugal, não é?

Speaker 1: É

Speaker 2: Penso eu ... vai ser avaliado no português de Portugal então eu acho que essas aulas não são oferecidas a alunos brasileiros, entendeu? Ou de comunidade de língua portuguesa, os cabo-verdianos, os angolanos, entendeu? Que falam português como idioma nativo. Esse Português Língua não nativa (querendo dizer materna) é mais focado para aquele aluno que é estrangeiro mesmo, que o idioma ele não fala nada.

Speaker 1: (Inaudível)

Speaker 2: Pois então, mas eu queria, e você tocou num ponto, que você fala ah meu filho tem dificuldade com o português, entendeu? Então eu acho que você falando isso você me remete a uma coisa que ninguém remeteu até agora. Com os outros pais, eu já falei com outra mãe brasileira e ela me disse... a pessoa não tem problema com o idioma. Então você tá me dizendo, meu filho tem problema com o idioma, então eu penso, tô pensando agora em voz alta aqui ouvindo você falar...

Speaker 2: Hum

Speaker 1: E eu queria saber se é isso mesmo, não é? Por que é que não é oferecido um apoio mais específico no Português, mesmo para aqueles que são de comunidade de língua portuguesa nativa

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Porque existem diferenças que tornam o aprendizado mais duro, né, mais difícil. É a isso que você está se referindo?

Speaker 2: Sim, na verdade nós falamos português, mas do Brasil e aqui é totalmente diferente. E para escrever é ainda mais diferente.

Speaker 1: E assim, ele escreve o português brasileiro e tudo bem... você acha que a dificuldade é nessa diferença entre o português brasileiro ou se ele escrevesse bem português brasileiro isso passaria batido?

Speaker 2: Não, é por causa do sotaque... aqui eles falam uma coisa, escrevem outra... a gente fala o 'quê' eles falam 'guê'; aí ele escutando 'guê' ele vai escrever 'g', ele não vai escrever o 'que'. É o som, ele é assim o que ele escutar ele vai escrever. A professora falam 'gue' ele vai achar que é um 'g', não vai escrever um 'quê'

Speaker 1: Claro.

Speaker 2: É uma coisa assim...o sotaque

Speaker 1: O sotaque dificulta o aprendizado.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Ele tem dificuldade de entender o que o professor fala?

Speaker 2: Ele faz as coisas, mas ele é ruim.

Speaker 1: Como é ?

Speaker 2: Não... eu falei com ele, escutei a água entornando, achei que era ele que tinha deixado a torneira ligada. É minha irmã.

Speaker 1: Então ele tem dificuldade por causa do sotaque, né?

Speaker 2: Seria bom se ele tivesse uma aula específica disso, né? Ajudaria.

Speaker 1: Aula específica de português de Portugal

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Tá bom. E as outras disciplinas você acha que ele não tem dificuldades, não precisaria de um reforço?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Matemática, História ele vai tranquilo?

Speaker 2: Tá, tá.

Speaker 1; Então tá bom ... Acho que a gente terminou. Agradeço assim, muitíssimo mesmo você.

Speaker 2: Eu que agradeço

Speaker 1: ter essa disponibilidade para falar comigo é raridade, hoje as pessoas estão tão ocupadas e, foi muito bom contar com você. Foi excelente. Ah! Uma coisa que eu queria te dizer é que quando eu tiver o resultado da pesquisa, que eu tiver reunido os dados e tudo eu vou apresentar, validar, na verdade, esses resultados com a escola antes de apresentar minha tese. Porque eu acho também que por um dever ético - a escola me recebeu, abriu suas portas, abriu a casa dos estudantes pra eu conversar com os pais e eu não poderia escrever minha tese e não dar um retorno pra escola, ou dizer na minha tese coisas que vão em confronto ou que a escola não reconhece como verdadeiras, enfim. Então como procedimento ético eu vou apresentar os resultados antes, para a escola, validar o que eu estou dizendo

Então como procedimento ético eu vou apresentar os resultados antes, para a escola, validar o que eu estou dizendo com a escola. Então pra qualquer coisa que eu não tenha entendido ser esclarecida e enfim isso vai ser feito numa reunião de pais... reunião com todo mundo, vou convidar o diretor, os professores que me deram as entrevistas e os pais e os alunos também. E aí eu queria saber se você quer participar.

Speaker 2: É.... com certeza. Rs...

Speaker 1: Então tá bom, então era isso e mais pra dizer também que em breve eu faço contato com o seu filho... pra ele não ficar aflito... ele vai falar comigo em breve, certo?

Speaker 2: Rs...

Speaker 1: Ainda eu não sei se vou reunir todos num grupo, sabe? Pelo zoom que estejam todos presentes ou vou fazer uma entrevista com cada um. Ainda não decidi isso. Mas assim que eu tiver decidido com a minha orientadora a melhor forma de fazer aí eu volto a entrar em contato com você. Tá bom? Eu agradeço a sua ajuda e muito muito muito mesmo.

E8 – 24/11/2020 – Encarregada da Educação (Brasileira)

Speaker 1: Olá, não estou ouvindo, Fatima...

Speaker 2: Claro, tá no mudo...

Speaker 1: Rs, Bom dia

Speaker 2: Rs, Bom dia! Tudo bom?

Speaker 1: Tudo...

Speaker 2: Então, que maravilha hein... vamos lá. Bom, eu sou Fatima, você já sabe, sou aluna do curso de mestrado da Universidade do Porto, um pouco, assim, fora da idade pra fazer isso, não é? Mas, eu comecei a fazer um curso de Pedagogia depois de me aposentar e aí fiz o curso todo, fiz na USP, depois fiz um intercâmbio, enfim, gostei da academia e resolvi fazer o mestrado. Eu trabalhava em uma ONG com educação ambiental e aí decidi melhor a minha forma de dar aulas... e aí decidi fazer Pedagogia. Então eu estou fazendo este curso de mestrado na área de Ciências da Educação e o meu tema é o estudante imigrante, que é o meu tema desde a época em que eu estava na faculdade porque me interessei pelas questões da diversidade e fui trabalhar numa escola e trabalhei em vários projetos. Nessa escola, com alunos imigrantes, você sabe, não sei se você é de São Paulo, é de São Paulo?

Speaker 1: Não, eu sou do Rio Grande do Sul, mas estava em Santa Catarina antes de vir para cá.

Speaker 2: Em São Paulo a gente tem historicamente um fluxo de imigração muito grande e agora eu estava trabalhando numa escola com quase 20% de alunos bolivianos.

Speaker 1: Nossa!

Speaker 2: E aí, quando eu vim para cá eu falei, vou continuar nesse tema e tal, mas foi um tema bastante difícil de abordar, por desconhecimento da realidade do país, da realidade europeia, como estas questões são tratadas aqui, enfim, uma missão bastante difícil. Mas, assim, antes da gente começar a nossa entrevista eu vou te agradecer mais uma vez

Speaker 1: Imagina!

Speaker 2: por ter atendido meu pedido, meu convite e dizer que esta é uma pesquisa sobre a integração, a participação e a cidadania ativa de crianças imigrantes na escola em Portugal, que pretende visualizar como é que as políticas de educação para estudantes imigrantes têm respondido às necessidades desses estudantes. Da pesquisa participam o diretor do agrupamento, alguns professores, quatro professores, os pais e os alunos. Assim, ouvir um pouco todo mundo sobre as mesmas coisas para ver como é que diferentes participantes do processo entendem essa questão.

Speaker 1: Pra entender a opinião, tranquilo, não tem problema não, Fatima.

Speaker 2: Assim, eu vou precisar de uma autorização formal, não sei se você já fez pesquisa, eu preciso de um consentimento informado que nada mais é do que tudo isso que eu acabei de dizer pra você, que eu estou dizendo porque nós estamos num vídeo, não temos um papel, mas eu vou mandar depois essa autorização e aí você assina pra mim e vê como é que você faz chegar, você pode mandar por sua filha

Speaker 1: Eu acho que já chegou até mim esta solicitação por escrito e eu já assinei, tá? Eu acho que a diretoria de turma já providenciou e já tá lá com ela.

Speaker 2: Mas esta autorização é a sua concordância em participar e a concordância de que o seu filho participe

Speaker 1: Entendi, depois precisa da outra...tá não tem problema. A gente providencia para você.

Speaker 2: Beleza, eu depois vou mandar. E eu quero também dizer que essa gravação vai ser utilizada somente para este trabalho, não vai ser utilizada para nenhum outro e, nem a escola,

nem os participantes são identificados nas transcrições e nas apresentações depois do resultado do material da pesquisa. Tudo isso fica arquivado de forma sigilosa. Então, tem aí a questão da confidencialidade, para que a gente não acabe por uma opinião ou por um tipo de situação, acabando por divulgar quem é a pessoa que falou, que deixou de falar qualquer coisa.

Speaker 1: Ok.

Speaker 2: Então, agora eu gostaria que você me autorizasse a gravar, né, embora eu já esteja gravando. Rs.

Speaker 1: Rs. Sem problemas. Está autorizada a gravar.

Speaker 2: Tá bom. Então eu vou começar. A primeira pergunta... eu gostaria de lhe perguntar sobre a experiência, bom deixa eu lhe falar, esta entrevista ela tem um dois três, ela tem quatro blocos. Então este primeiro bloco é sobre a chegada na escola.

Speaker 1: Ok.

Speaker 2: Então eu gostaria de saber sobre a sua experiência com a escola quando você chegou em Portugal. Como é que foi o seu primeiro contato com a escola?

Speaker 1: Bom quando eu cheguei em Portugal a minha filha não veio pra escola que ela está hoje. A gente estava na cidade, a gente chama cidade, né? A gente estava na Maia, no Conselho da Maia. E nós não fomos muito bem recebidas, não, eu precisei do auxílio de uma advogada para poder fazer todo aquele processo de transição e eles alegavam que não tinha vagas na escola, então foi bem delicado. Eu fiquei assim como se eu estivesse em cima do muro por um período de uns 10 dias pra eles dizerem pra mim pra onde que ela iria. Porque, quando você faz a matrícula, tem cinco escolas próximas da sua casa; aquela era a escola mais próxima, então era onde eu queria que ela ficasse. Então foi um pouco delicado. Mas o que eu percebi? Que eram realmente pessoas ali, não eram todas. Eram algumas pessoas que tinham alguns entraves em relação ao trabalho que estavam desenvolvendo. E aí ela entrou na escola, bem nessa que eu quis matricular, fiz todo processo certinho.... E já de início nós tivemos problemas com uma professora, uma professora de Português. E foi um problema muito delicado. Porque a minha filha é muito comunicativa, então ela chegou na escola e em seguida ela fez amizade com todo mundo... todos os colegas. Na classe dela tinham dois especiais, um com autismo e outro com.... eu acho que era assimetria 23, eu acho que era isso. E ela fez amizade com todos. Só que esta professora, na hora do intervalo, pediu para que estas crianças todas que estavam ali com ela, não se aproximassem muito. Porque não sabiam de onde ela tinha vindo, que ela era imigrante, e que ela poderia não passar para eles um bom exemplo. A senhora que cuidava deles, deveria ser uma monitora, analisou, viu tudo aquilo dali e a minha filha chegou em casa e falou pra mim - A professora de Português não gosta de mim. Eu perguntei - Por que, minha filha? Porque aconteceu isso, isso e isso. Eu disse: -Não, mas, eu acredito que não pode, né? - Ela falou na frente de todos? - Falou, mãe, na frente de todos os meus colegas. Não demorou muito, no outro dia, a diretora de turma entrou em contato comigo para saber o que estava acontecendo, porque a própria professora contou uma versão diferente, dizendo que a minha filha que havia sido agressiva com ela no pátio da escola. Então eu fui até lá. Claro que tínhamos uma testemunha, né? E eu conheço a filha que eu tenho. A gente sabe muito que nossos filhos muitas vezes se transformam na escola. Às vezes achamos que eles são o padrão que mantêm em casa, mas não são. Mas eu realmente conheço a minha filha. Então pedi para conversar com a diretora da turma e a diretora da escola, juntamente com mais a funcionária que estava lá pra entender o que estava acontecendo. E o negócio ficou bem delicado porque o preconceito foi realmente aceito pela escola e eles perguntaram para mim quais as providências que eu gostaria que fossem tomadas. Eu queria era conversar com a professora, porque eu queria saber o que ela estava passando naquele momento pra ter aquele tipo de atitude com a minha filha. E ela não quis conversar comigo em nenhum momento. Então a diretora da escola perguntou se eu queria levar adiante, fazer uma denúncia ou levar até à polícia porque aquilo realmente era um

caso de preconceito e eu pedi que não. Mas acreditei, de qualquer forma, que a professora estivesse passando por algum problema e realmente frisei isso. Fiz uma carta para a professora perguntando se eu podia auxiliar ela de alguma maneira. Até porque Portugal é terra-mãe do Brasil, então eu acho que para nós não teríamos nenhum tipo de preconceito em relação a isso. Então, falamos quase que a mesma língua, venho de um Estado aonde ... tenho pra lhe dizer que é uma minieuropa, né. Então minha filha foi extremamente educada com ela, com os colegas, foi aceita por todos, não tinha motivo pelo qual ela estar agindo dessa maneira. E eu perguntei - O que é que eu poderia auxiliar? Em contrapartida ela respondeu à diretora, não respondeu pra mim, ela pediu para sair da escola, pediu o afastamento da escola, pediu desculpas pelo que aconteceu e que ela estava passando por um processo de doença, ela está com câncer, o que não seria motivo, mas a gente tenta entender que as pessoas às vezes se revoltam e tentam descontar em alguém...e assim, o que foi que aconteceu? A professora se afastou da escola, entrou outro professor e as coisas fluíram da maneira que tinham que ser. Não levei o caso adiante, conversei com a minha filha, pedi, expliquei pra ela que sempre a gente precisa tentar resolver as coisas desta maneira. Não é porque somos agredidos que a gente tem que sair agredindo e tenho pra dizer pra você que tivemos sucesso. A diretora da escola achou muito interessante a metodologia que eu utilizei pra tentar conversar com a professora e me falou que ela ia tentar usar esse tipo de metodologia com os outros possíveis, que pudessem sofrer esse tipo de preconceito. Esse ano nós mudamos, viemos para o Porto e eu estava bem receosa quando eu cheguei no agrupamento. Porque querendo ou não a gente fica com aquele trauma, né? E foi muito pelo contrário. A minha filha foi recebida de uma maneira muito acolhedora, não só pelos colegas, mas pelos professores, por toda parte de funcionários, a diretora da turma dela é incrível. É uma pessoa super experiente mesmo e em nenhum momento, na escola que ela está, eu senti qualquer tipo de preconceito por ela não ser portuguesa.

Speaker 2: Me diga uma coisa, quando você chegou na escola, teve alguém que, seja em uma, seja em outra, não é? Você já teve essas duas experiências...teve uma preocupação de quem recebeu você no sentido de te orientar sobre o funcionamento do sistema educacional em Portugal?

Speaker 1: Na primeira não tivemos isso. Na segunda sim. Na segunda eles já me passaram a metodologia, tanto que na primeira escola eu fiquei literalmente voando, eu não sabia pra que lado eu ia, eu não sabia como funcionava o sistema de livros, que a gente tinha que fazer a retirada. Pra mim eu tinha que fazer o pagamento, eu fiquei extremamente perdida na primeira escola.

Na segunda, é óbvio que de escola em escola muda, inclusive os livros, né. E assim, a secretaria, a qual recebeu a matrícula da minha filha, né, de transferência, já me informou que os livros estavam sendo retirados em duas ou três livrarias, que a que mais teria os livros, devido a esse processo que a gente está passando, de pandemia, era a livraria tal, que elas estariam ali. No dia em que eu fui fazer o processo dela, de matrícula, não podia entrar, porque eram ... eles estavam separando... era pessoa, por pessoa, por causa da pandemia. Então eles não puderam fazer a foto dela, eles entraram em contato comigo, pediram se, por gentileza eu poderia enviar pra poder fazer o cartão e me explicaram como funcionava todo o sistema ...

Speaker 2: Da escola...

Speaker 1: Sim.

Speaker 2: Não do sistema

Speaker 1: Sim. E aí eles explicaram sala de aula, como é que ia proceder, fato de lanche, tudo como era antes e como estava devido à pandemia. Eles explicaram realmente tudo. Tudo mesmo.

Speaker 2: Tá. E sobre o sistema educacional, quero dizer, sobre o funcionamento dos x anos letivos, as grades...

Speaker 1: As grades, os conteúdos, toda a metodologia de ensino, como eles iriam... apesar deles estarem meio perdidos, foi isso que ela me disse, porque ano passado eles quase não tiveram aulas, tiveram esse processo de aulas online, então eles iriam recomeçar com o último conteúdo de cada matéria, que eles iriam tentar encaixar o sistema deles de avaliação e iriam analisar aluno por aluno mesmo fazendo um sistema de avaliação (?) eles iriam avaliar aluno por aluno, mas isso tem que ver com pandemia porque o sistema normal seria x x x então eu fui muito bem orientada quando eu cheguei nessa escola, desde sistema mesmo deles de educação, quanto ao sistema da minha filha, de integração.

Speaker 2: Agora, sobre o funcionamento do sistema português... como funciona, quantos anos letivos são, como é que é a passagem tudo isso foi dito também.

Speaker 1: Também... aqui no Herculano foi dito ... por que é que eles me explicaram? Tanto que eu não sabia que como a minha filha está no oitavo ano, daqui para frente é um período que a escola faz uma avaliação para uma possível faculdade, então, até então, eu não sabia que era assim que procedia.

17;52

Então, conforme a minha filha vai estudando, se desenvolvendo, é eles que vão me indicar qual é a faculdade que ela pode passar, porque eles não têm um sistema aqui de... como a gente faz no Brasil ... de seletivo. A escola indica o aluno e o aluno pode entrar na faculdade sem aquele processo... fazendo um processo de avaliação diferente, diferenciado. Então foi aonde eu achei muito interessante por que? Porque daqui para frente são três anos, quatro anos, vamos dizer assim, que ela precisa realmente focar para poder entrar na faculdade que ela quer.

Speaker 2: Pois, está ótimo. E teve algum material explicativo? Assim, entregaram para você algum material explicativo em mãos, um folheto?

Speaker 1: Não não não deste não. Tiveram só do sistema realmente da metodologia de ensino da escola que foi feito na primeira reunião, né, de pais, mas de como procede a nível mesmo de Portugal, não.

Speaker 2: Você tem algum conhecimento de programa desenvolvido pela escola para receber o pai emigrante que visita a escola pela primeira vez ou não são os mesmos funcionários ou não tem essa preocupação?

Speaker 1: Não, não tenho conhecimento que seja um processo diferenciado que tenha alguém para receber por ser imigrante. Fui recebida como qualquer pai português, vamos dizer assim, o que me fez sentir muito bem. Até porque eu não faria questão de ter sido recebida de uma maneira diferente, porque eu acho que aí já está o processo, né, a gente já vai... auto se exclui, por ser diferenciado. E o que eu queria era isso, queria ser igual a todos.

Speaker 2: No processo de matrícula, quais foram os documentos exigidos?

Speaker 1: Quando eu cheguei a Portugal eu precisei de algo que eu pesquisei porque eu não sabia que isso funcionava assim, a transferência dela do Brasil para cá de todas as notas e de uma carta do diretor da escola e do diretor de turma falando sobre minha filha como ser humano... vamos dizer assim, não de como ela era nas notas. Mas isso foi porque eu realmente entrei em vários sites de pesquisa e acabei descobrindo isso. Então eu fiz lá no Brasil esta carta e quando cheguei aqui realmente precisava. Entreguei na primeira escola que foi feita o primeiro ingresso dela e eles fizeram o processo dela de ... tranquilo em relação à matrícula. Eles só exigiram passaporte, exigiram a documentação dela de histórico e esta carta e o endereço... então o endereço da onde que a gente tava.

Não ... não foi algo tipo SEF, assim, então, independente de onde a gente estivesse eles não pediram muitas provas, não. Quando a gente veio para cá a própria escola de lá ... eles mandam

um e-mail para essa e, aquela documentação, ela passa a vir pra essa. Então foi bem simples, bem prático.

Speaker 2: Você quer acabou conseguindo a vaga na primeira escola, né?

Speaker 1: Consegui.

Speaker 2: Você enfrentou ... houve nesse processo de matrícula algum processo seletivo?

Speaker 1: Lá nessa escola, o que é que eu entendi quando eu cheguei na Maia... até porque eu fui muito bem auxiliada por uma advogada que estudou nessa escola. Então quando ela chegou, ela encontrou professores mais antigo dela e eu tenho para dizer para você... Minha filha só estudou na primeira escola devido a uma professora que auxiliou no processo da minha filha, senão ela não teria conseguido estudar ali. Ela iria estudar numa escola bem longe que ela ia ter que pegar transporte. Então, eu só consegui que facilitassem devido à minha advogada ter estudado nessa escola, ter conhecimento com essas professoras e essa professora entrar lá dentro do sistema, pedir para que incluíssem a minha filha pras coisas fluírem. Isso foi o que aconteceu. Essa é a verdade. Se eu não tivesse essa advogada no processo não sei aonde que a minha filha ia estudar, mesmo. Eles não fizeram questão nenhuma de explicar absolutamente nada. Só me disseram que ela entrava por um processo de cinco escolas, que eles não sabiam que escola iria aceitar, que uma delas aceitaria porque era obrigada, foi isso que a secretária me comunicou e pronto... que eles entrariam em contato. Após 12 dias, nesse período de 12 dias eu não parei né, a gente continuou e foi aonde a gente entrou em contato com essa professora que fazia parte desta direção lá também e aí foi aonde a minha filha entrou rapidinho. A gente conversou com a professora num dia e no outro dia eles ligaram dizendo que a minha filha estava na escola e que era para ir buscar a ficha onde fazia a retirada de material.

Speaker 2: Então dificuldades por não existirem vagas ...

Speaker 1: E existiam, né? Rs... O pior era isso, a gente sabia que existiam, que as vagas ali estavam. Mas o que é que eu entendi? Que realmente nós sofremos um preconceito da parte da escola. Era como se eles quisessem aguardar para ver se existia mais alguém, vamos dizer... daquele local próximo à escola, para ingressar. E então seria escolhido o que era português e não o que era brasileiro.

Speaker 2: A escola, ela faz avaliação do conhecimento prévio do aluno imigrante, para colocá-lo no ciclo, no ano adequado. Você tem conhecimento desta avaliação e de como ela foi feita.

Speaker 1: Não foi feito.

Speaker 2: Você não sabe quem procedeu a avaliação da sua filha.

Speaker 1: Não, eles não fizeram a avaliação da minha filha. Simplesmente eles pegaram o histórico escolar dela, avaliaram por eles e estava no sétimo ano passado, que no ano passado era o sétimo, e aí ela entrou e foi pro sétimo ano e ali ficou. Ela não passou por nenhum processo avaliativo da escola para saber realmente se ela podia ir para o oitavo ou ter que ir pro quinto.

Speaker 2: Ok. Então de alguma forma a escola entendeu, seja pelo documento ou por uma avaliação que você desconhece que ela podia seguir no mesmo ano que corresponderia a educação no Brasil, certo?

Speaker 1: Sim.

Speaker 2: Bom, agora a gente vai entrar no segundo bloco que é sobre os aspectos culturais. Então eu queria saber o idioma falado em casa, né, que imagino que seja o português, mas não sei ... que idiomas vocês falam em casa, e é isso. Que idioma é falado em casa?

Speaker 1: Nós falamos o português em casa e uma das coisas que eu sempre chamei muito atenção dela é desta diferenciação, né, que nós temos entre língua portuguesa e a nossa porque querendo ou não ela sempre foi muito bem em Português no Brasil que eles falam que é o Brasileiro né. E quando ela chegou aqui ela teve uma queda porque querendo ou não é muito diferente, mesmo.

Speaker 2: É, mas nós temos o acordo ortográfico, não é? Então a gente põe...eu tenho escrito no meu Português, do acordo ortográfico.

Speaker 1: Pois foi o que eu realmente tive que ir até à escola para tentar entender. Por que o que a escola queria ..., como ela está aprendendo, que ela entendesse que o Português não pode pelo acordo ortográfico. Vai ter que ser o Português de Portugal. Então ela teve uma queda na nota de português porque querendo ou não ela fazia textos com o nosso acordo e ali foi o que? Não tiraram nota, mas também não deram, entendeu? Para que ela pudesse passar por isso.

Speaker 2: E a escola ofereceu dentro do horário regular ou fora do horário regular alguma aula extra para que ela tivesse esse reforço do idioma?

Speaker 1: Propriamente não. Mas eles ofereciam aulas extras para quem tivesse com dificuldade em algumas matérias. Eu percebi que depende muito de eu mãe também buscar o interesse né e de levar ela em outros horários e foi o que eu fiz. Tanto na parte da matemática, da físico-química que é completamente diferente da nossa ... aqui eles não estudam física como a gente estuda lá e foi aonde eu coloquei ela em horários diferenciados na escola para ir entrando no ritmo

Speaker 2: Você poderia me falar um pouco mais sobre essas aulas extras se são oferecidas só para os imigrantes se é para todo mundo que tem dificuldade, em que disciplinas, em que horário ...

Speaker 1: Posso, posso sim. Eles oferecem para todos os alunos que têm dificuldades, os horários são horários que o aluno tem... por exemplo, nós temos duas vezes por semana aulas só no meio período. Então são duas manhãs, no caso, que é disposto para o aluno marcar com o seu diretor de turma para que o diretor de turma entra em contato com um professor que vai dar aula de reforço na matéria x. Então o professor agenda. Vamos supor, a minha filha tinha estas aulas extras lá, na terça de manhã e na quinta de manhã. Então ela fazia aulas extras de tudo que ela não entendia. A gente agendava com o professor e o professor agendava, semanalmente, intercalando as aulas. Foi aonde ela conseguiu ir realmente se realinhando.

Speaker 2: Que bom. Então não só do português, em outras disciplinas também...

Speaker 1: Em outras disciplinas também.

Speaker 2: Mas, por exemplo, o professor que dá o reforço, que no Brasil chamamos reforço né, o professor que dá o reforço ele é um professor de português ou é um professor da disciplina específica, entende o que eu quero falar? Ele é um cara que dá tudo ou ele é um cara que é específico?

Speaker 1: Não, ele é um cara que dá tudo. Ele está ali realmente para

Speaker 2: sanar dúvidas no geral...

Speaker 1: sanar dúvidas no geral.

Speaker 2: Muito bom. Quantas aulas ela teve de reforço?

Speaker 1: Nossa...

Speaker 2: Muitas...

Speaker 1: É. Eu vou te falar que nós seguimos eu acho que uns dois meses de aula de reforço quando nós chegamos. Então... em algumas matérias ela não se identificava muito, em compensação em outras ela super se destacou. Ela criou projeto, por exemplo, eles aqui têm umas aulas bem diferenciadas das nossas que falava muito sobre da defesa da mulher... então o projeto dela foi aceito ... ela foi ... pra você ter uma noção, nós passamos uma montanha russa legal do processo que a gente chegou na escola, de matricular, de ter o processo ela ter sido quase que rejeitada pela professora de português, vamos dizer assim, e em 45 dias ela meio que se superou, assim, na escola. Todos os colegas escolheram ela com a delegada de turma e isso nunca tinha acontecido com imigrante naquela escola e foi-me dito que ela diretora, então o projeto dela foi aceito e está em Lisboa agora, eles só não puderam debater esse projeto por causa da pandemia...mas, vai ter batido, posteriormente... então ela teve um crescimento muito

grande como grande como pessoa lá dentro; meio que ela mostrou, realmente, que ela tava lá para crescer não para tirar proveito de qualquer situação e foi bem legal, foi bem incrível mesmo esse processo todo dela, tanto que no final do ano, é muito interessante, eles fazem festas de natal para tentar unir aqueles que têm menos condições, então é muito bonito, é feito um jantar e essa professora de português apareceu lá pra pedir desculpas para a minha filha. Então foi bem interessante, foi bem legal. A professora que realmente trouxe um transtorno que eu digo pra minha filha, que a gente tem que aprender muito, que a gente tem que crescer sempre com isso, acabou indo lá e dando um abraço nela e pedindo desculpa por ter agido da maneira na qual agiu.

Speaker 2: Que bom. Nem tudo está perdido, não é?

Speaker 1: Eu acho que toda ação tem uma reação e a gente tem que tomar muito cuidado com a nossa reação.

Speaker 2: É verdade. Diga pra mim ... existem algumas escolas que oferecem uma opção de aprendizado do idioma do imigrante em horário alternativo tipo, aulas de mandarim, aulas de... Fora da grade, né, no pressuposto de que exista um número importante daqueles alunos, imagino eu... e nesse pressuposto. Você conhece algum tipo de projeto desse tipo em Portugal?

Speaker 1: Não, dessas duas escolas que frequentei, não.

Speaker 2: Tá. Você considera que existem preocupações por parte da escola e dos professores de que os alunos aprendam a respeito da sua cultura?

Speaker 1: Pouco, muito pouco mesmo, até mesmo porque antes de vir para cá eu fiz a minha filha aprender o hino de Portugal. Você está indo prá lá tem que aprender o hino de Portugal, né. E aí ela chega e fala pra mim - Oh mãe, a gente nunca cantou o hino de Portugal. Rs...

Speaker 2: Pois, então... rs... só em jogo de futebol, Cleomara!

Speaker 1: Rs...

Speaker 2: Escuta... é, mas tem a sua utilidade... rs. Você percebe, percebeu esta preocupação com a cultura da sua filha, você diz muito pouco... então houve situações em que você percebeu, em que atividades?

Speaker 1: É... eu não notei muito disso não entre os professores, assim... Posse te ser bem sincera? A diretora de turma da outra escola da minha filha se apaixonou por ela. E era uma professora ... assim, muito querida mesmo, eu tenho só elogios. O que é que eu sentia? A minha filha é branquinha e tem o olho azul né. Então, se ela não fala, todo mundo acha que ela é uma europeia, nasceu por aqui.

Speaker 2: Tem o sobrenome deste tamanho, né, rs...

Speaker 1: Bem isso, então o que é que ela tava? Em compensação nós tínhamos um colega, maravilhoso, mas ele veio de Angola, então ele já é pretinho, entendeu? Ele sofria pra caramba. Ele tinha que fazer aula de introdução a cultura, coisa que a minha filha não fazia e eu questioneei. A minha filha não tem conhecimento realmente de como procede a cultura... eu tentei passar para ela o máximo possível porque nós estávamos vindo prá cá, então vamos estudar um pouquinho pra onde a gente está indo. E a professora falou assim - Mas ela não precisa, ela já é uma europeia. E o que é que eu senti? Que a minha filha não precisava porque era branquinha de olho azul, mas o coleguinha precisava porque ele não era assim. Então ele precisava mostrar que ele sabia.

Speaker 2: E que aulas eram essas?

Speaker 1: A minha filha disse pra mim que ele comentava que eram aulas que falavam sobre reis, quem fundou o que, quem que veio pro Porto, quem que não veio pro Porto. Pra mim é como se fosse aula de história mesmo, pelo que ela me passou.

Speaker 2: Entendi. A sua filha teve oportunidade de participar de alguma atividade fora da escola na qual a preocupação foi aprender a respeito de diferentes culturas?

Speaker 1: Lá nessa escola nós tivemos vários projetos, inclusive esse projeto na qual o dela foi escolhido era um que... era prá realmente entender como é que funcionava o sistema fora da escola. Tivemos um outro que eles faziam conhecer uma região mais local da escola onde tinha mais lar, em relação às pessoas mais idosas, para mostrar que Portugal, querendo ou não, tinha muitas pessoas idosas que tinham que ter respeito com os mais velhos, mas nada muito profundo, eram visitas de (?) leve, assim.

Speaker 2: Na verdade isso era na primeira escola e isso era pra conhecer a cultura portuguesa, não era pra conhecer diferentes culturas, tipo, vou fazer uma saída pra ver o museu, sei lá, da história Afro, não.

Speaker 1: Só a portuguesa.

Speaker 2: Ok. Você considera que nessa escola a diversidade, nesta aqui, pode até falar de lá também. Você considera que nestas escolas a diversidade cultural é apreciada ou é um problema?

Speaker 2: Ok. Você considera que nessa escola a diversidade, nesta aqui, pode até falar de lá também. Você considera que nestas escolas a diversidade cultural é apreciada ou é um problema?

Eu acho que ela é quase que ocultada, entendeu? É realmente ...o que importa mesmo é a portuguesa, fala-se muito pouco sobre as outras culturas e tem-se imagens não muito aprofundados em relação a outras culturas. É como se ficar assim meio maquiado, como se brasileiro realmente vivesse de futebol e carnaval. Então, quando se toca nesse assunto em relação aos outros países é pouco ... um exemplo disso é que quando nós fizemos esta festa no natal. Os pais tinham que levar um prato.

Speaker 2: Na primeira escola

Speaker 1: Lá na primeira escola... um prato de doce ou salgado e cada turma tinha uma mesa na qual era enfeitada e passava por um processo de concurso para saber qual era a mesa mais bonita. E eu pensei assim, meu Deus, o que vou fazer para levar, então eu comentei (?) o nosso natal é totalmente diferente, né. Nós temos outras comidas que a gente come, não estas comidas, e para mim foi curiosíssimo, né, com tanta coisa e eles pediram pra mim, a diretora da escola pediu que eu fosse até um supermercado e comprasse algo que fosse daqui. E a diretora de turma disse - Não! Traga alguma coisa que seja do Brasil pra gente saber como é que é o natal no Brasil. Então ficou um impasse, então o que é que eu fiz? Fiz as duas coisas, levei uma que era daqui e levei uma que era do Brasil, realmente foi bem curioso o processo dessa história de que nós somos quase que igual a americanos, a gente também né o peru de natal e foi isso que a gente fez. Mas realmente meio que o nosso que é o legal, sabe, então é diferente. O nosso fica em segundo plano.

Speaker 2: Você pode dizer que nesta escola há situações nas quais - essa, na outra, aí você escolhe, você decide - se nesta escola há situações nas quais o preconceito se torna evidente? Nesta que nós estamos agora, não. Nesta a gente consegue sentir em relação ao diretor da escola, em relação ao diretor de turma, professores, algo muito leve. É como se todos realmente fossem iguais mesmo, até porque nós temos, né, colegas da turma que também vêm de outro país. Agora, na primeira não. A primeira era bem ... bem diferente. Nós levamos um bom tempo para conseguir conquistar a confiança, eu acho que é isso que eu posso te dizer. E aí sim, aí depois disso a gente conseguiu ficar mais tranquilos.

Speaker 2: Bom, sobre situações que envolveram preconceito você já falou, não é? Na primeira escola, a situação com ela logo de início acho que não é necessário a gente voltar nisso agora. Aqui nesta escola você não tem observado situações que envolvem preconceito?

Speaker 1: É, não existe, com a minha filha não existiu, desde o dia que ela chegou até agora. Pelo contrário, inclusive o professor pede a ela que ela fale e eles imitam ela falando para eles falarem Brasileiro. Fazem vídeos, o professor tentando falar brasileiro fica até legal, então nessa

nós estamos sendo muito muito muito acolhidas. Não sei te informar se ficou alguma coisa registrada na ficha da minha filha, o que ela passou na outra escola, ou se esta escola procede assim, mas eu tenho pra te dizer que aqui nós estamos muito bem acolhidas.

Speaker2: Nesta escola não houve então nenhuma situação que envolvesse preconceito com você com seu filho outra pessoa que tenha chegado ao seu conhecimento. Não.

Speaker 1: Não.

Speaker 2: Bom, estamos no terceiro bloco, vamos indo bem, mais ou menos, né.

Speaker 1: Rs

Speaker 2: É o que eu disse, sempre passa um pouco uma hora.

Speaker 1: Não tem problema.

Speaker 2: As próximas perguntas se referem à sua relação e a relação dela com a escola. Na sua opinião, os professores desta escola são bons para ensinar alunos que vêm de outro país?

Speaker 1: Nesta em que nós estamos agora eu tenho notado realmente um esforço grande, mesmo, da parte de ambos, de todos os professores, inclusive de matemática, porque, o que é que eu observei na minha filha? Que ela não estava tendo dificuldades no conteúdo em si, mas na forma que o professor falava para ela, explicava pra ela. Porque ela estava tendo dificuldade nessa transmissão de língua, foi aonde eu disse a ela, filha, conversa com o professor para ele ou fale mais calmo ou que ele me explique para você o significado da palavra em si, para você entender o conteúdo. E ela humildemente explicou isso e foi aonde ela teve a compreensão de todos os professores na qual ela sentiu dificuldade.

Speaker 2: Muito bom. Então, se eles são bons, não é? Eles são bons para ensinar pessoas que vêm de outros países, o que faz essa diferença?

Speaker 1: Eu acho que em todo caso o que ajudou muito foi o diálogo dela para com eles, falando para eles da dificuldade que ela tinha não só em relação à matéria didática, mas em relação ao modo dele explicar.

Speaker 2: Então essa abertura para...

Speaker 1: Sim. Bem isso mesmo. E é claro, eu acredito que todo o aluno tem que ter um suporte que venha de casa, né, então o nosso filho está indo para escola para ter a parte didática, a educação quem dá sou eu. Então eu sempre deixo isso muito claro. E eu sempre converso com ela e então por isso que nesse processo que nós passamos, desse preconceito grande, a minha intenção nunca foi realmente prejudicar a professora e sim ajudá-la. E aqui nessa escola foi a mesma coisa que eu falei pra minha filha. Você está sentindo dificuldade no que? Eu não estou conseguindo entender o que o professor está explicando, mãe. Então chega, conversa com ele, fala que você está tendo dificuldade no jeito que ele está falando. E foi aonde esse professor começou a introduzir o Brasileiro, vamos lá...como é que é assim assim tal

Speaker 2: Rs Muito bom!

Speaker 1: Foi super recíproco, super aberto, entendeu? Pra conseguir se explicar. Inclusive já estão falando até gírias brasileiras, né?

Speaker 2: Rs. Eu até conheço esta professora. Ela já me contou essa história.

Speaker 1: Ah é? Rs

Speaker 2: As histórias cruzam...

Speaker 1: Tá vendo?

Speaker 2: Ela disse que é uma alegria, que as brasileiras são uma alegria, que agora ela até está falando português, é muito engraçado.

Speaker 1: Rs. Que bom...

Speaker 2: Você considera que nesta escola alunos imigrantes têm as mesmas oportunidades de participar das atividades do que qualquer outro aluno?

Speaker 1: Sim. Com certeza. Nessa escola que a minha filha está hoje, eu sinto isso e às vezes sinto que ela é escolhida na frente dos outros

Speaker 2: Rs

Speaker 1: Que ela é que está na frente Rs Ela é a única brasileira na turma, então ali já fica bem seletivo o negócio.

Speaker 2: Rs... E pode ter as mesmas oportunidades para ter bons resultados que os alunos portugueses...

Speaker 1: Exatamente. Exato. E o que é que eu sinto? Essa escola, como tudo isso, né, um bom professor faz a turma dele. E eu sinto que o professor introduz os próprios colegas no processo em que ela tem dificuldade pra que os próprios colegas a auxiliem. E mesmo passando por esse processo de pandemia, a Ana senta com uma coleguinha que é portuguesa para que ela tenha esse auxílio. Então já começam a conversar e ali, na própria língua, já vão se entendendo. Na outra escola não. Ela só podia sentar com a coleguinha brasileira. Então aqui eu notei muuuuuta diferença.

Speaker 2: De acordo com a sua observação esta escola ou outras escolas que sua filha frequentou tem tudo o que eles precisam, os alunos precisam para aprender, ou está faltando alguma coisa?

Speaker 1: Eu acho que como toda escola e todo governo, sempre alguma coisa falta. Eu vejo muito os professores se virarem bastante buscando cada vez mais. Mas, se a gente for analisar o sistema Brasil e aqui, então, querendo ou não, aqui ainda estamos muito à frente, né? Noto que às vezes eles sentem alguma dificuldade, mas não sinto dificuldade de material didático, nunca faltou. Até mesmo tivemos uma reunião, que se por acaso voltarmos ao sistema pandêmico e os alunos não tiverem um telefone ou um tablet, a própria escola vai ceder, se não tiver internet vão providenciar, então eu noto um esforço muito grande da parte deles para incluir o aluno em tudo, mesmo que muitas vezes, a própria diretora de turma fala, que a escola está passando por um processo de falta de verbas. Mas eles tentam. Eles fazem de tudo para realmente deixar da melhor maneira possível para todos os alunos.

Speaker 2: Você não observa nada em relação à ao prédio, à estrutura, às instalações?

Speaker 1: É um prédio comum. Um prédio que a gente tem aqui bem antigo, né, mas eu vejo que na sua antiguidade ele é um prédio seguro, ele não está...

Speaker 2: A dela é a X ou a Y

Speaker 1: É a X.

Speaker 2: A X, né?

Speaker 1: Hum Hum...

Speaker 2: É porque tem um novo ano, acho que é uma turma de nono ano que está na Y... Então eu tenho esta mistura de gente Porque eu entrevisto sétimos, oitavos e nonos anos, não é? Então tem essa confusão pra mim.

Speaker 1: ...nono, oitavo, décimo primeiro e décimo segundo vai voltar aqui pra frente mesmo, está em obras...

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: Então a ansiedade deles é para que ano que vem esteja tudo lindo, maravilhoso, para que eles já ingressem ali.

Speaker 2: É uma ansiedade por essa escola nova... Rs

Speaker 1: Rs... E os professores já explicaram ... a gente está aqui, mas vamos respeitar, o prédio não é igual ao que estávamos, porque o nosso está em obras... então eles sempre estão estimulando o aluno que vão ir pra algo melhor. Não noto assim que ... não tá mal pintado, os banheiros são totalmente higienizados, tem tudo...

Speaker 2: A cantina, a biblioteca, a quadra esportiva...

Speaker 1: Tudo, tudo, tudo. Eles têm acesso a tudo. É uma forma simples, não é superluxo, não é uma escola particular, mas é realmente em condições, mesmo, de uso.

Speaker 2: Ok. Você considera que a escola tem feito esforço para aproximar os alunos, os pais imigrantes?

Speaker 1: Sim.

Speaker 2: Se aproximar dos alunos e pais imigrantes.

Speaker 1: Muito, muito, muito, inclusive quando eu tive a primeira reunião, eu cheguei, eu sentei, né, fiquei aguardando, nosso que a diretora entrou, a gente tinha que se apresentar. E daí, no momento em que eu me apresentei, todo mundo se virou. Ah! Você que é a mãe da (nome da aluna), a brasileira... Foi assim algo totalmente diferente. Não, sou muito bem aceita, as próprias colegas também, então os pais em geral dessa escola, eu não sei se é porque aqui é mais centralizado e, na primeira já a gente estudava já era uma escola um pouco menor, então, então eu acho que era aquela coisa mais bairrista, né, mas nesta nós estamos muito bem. Estamos iguais a todos.

Speaker 2: Ok. Que medidas foram tomadas, que são do seu conhecimento, para fazer essa aproximação com os pais?

Speaker 1: Eu acredito que a primeira coisa em relação aos professores, né, eles que tomam esta primeira iniciativa em relação aos próprios alunos. Então... apresentando a minha filha como colega nova, porque a turma toda já era uma turma que vem de muito tempo, né, a Ana que chegou agora. Então todos os colegas que ali estão já vêm de 4, 5, 6, tem uns que começaram desde o primeiro ano e, os professores tomaram a atitude, a primeira atitude foi deles, assim. A primeira iniciativa foi dos professores pra socializar mesmo e integrar. Automaticamente, na primeira reunião, a diretora de turma fez esse processo e eu fui acolhida por todos os pais.

Speaker 2: Você já foi convidada para fazer parte de reuniões sobre a administração da escola?

Speaker 1: Já... inclusive me convidaram nessa primeira reunião... se eu quisesse fazer parte ... aqui eu não sei como é que funciona, mas no Brasil era como se fosse centro de pais e mestres...

Speaker 2: APM, associações de pais e mestres...

Speaker 1: E eu é que disse não. Obrigada por que realmente eu não tenho tempo e isso é um compromisso muito grande e agradei. Então, até isso, aqui, eles me questionaram se eu tinha vontade de fazer parte.

Speaker 2: Aqui tem uma espécie, pelo que eu entendi, porque eu aprendo muito com vocês todos, aliás, aprendo com vocês, né, porque nos livros está tudo de maneira ideal, né, então o que acontece de fato aprendo com vocês e, me explicaram muito bem isso. Uma professora me explicou. Tem uma árvore assim, entendeu? Então têm os delegados da escola, de cada turma e aí formando como uma comissão pra essa assembleia maior.

Speaker 1: E até mesmo pra criar, acho, a responsabilidade do próprio aluno de manter a turma unida e a turma... porque, se tem o delegado de turma, que nós temos hoje delegado de turma, ele não é português, o delegado de turma, ele é da Angola, o menino que é o delegado da turma dela hoje...

Speaker 2: Ah você está falando de grêmio, ou está falando de representante de turma?

Speaker 1; Representante de turma...

Speaker 2: Vamos trocar o português pra gente se entender...rs

Speaker 1: Rs. Isso. Vamos falar brasileiro. Rs... O delegado de turma dela hoje ele não é português, o coleguinha dela, e ele foi eleito pelos próprios colegas ... Porque? Eles acabam adquirindo uma responsabilidade de manter tudo em ordem, né. Então, de ver se tem alguém que não está bem, então eles têm um colega que tem autismo e eles têm um cuidado de não bater palma, o cuidado de não fazer barulho, então parte disso uma responsabilidade muito grande quando um começa a ir pra um lado que não é legal, o delegado de turma já vem e já começa a conversar, se não consegue já chama o diretor de turma, existe uma hierarquia muito grande para que eles tenham esta compreensão de quem é que realmente manda, sabe? É muito interessante, sabe esse processo na escola. E aí vai passando até chegar ao Diretor que é o

supremo, né? Então, quando o delegado de turma, solicita à diretora de turma e conseguem resolver ali, tá tudo ok. Quando a diretora passa pro diretor da escola é quando a coisa fica delicada. Então eles têm essa noção de quem realmente tem responsabilidade na escola, quem manda. E eu acho bem interessante, porque no Brasil a gente não tinha, né?

Speaker 2: É, parece que não. Parece que falta esta noção para que se respeite um pouco mais, né. Saber até aonde você pode ir, não é?

Speaker 1: Então.

Speaker 2: Ainda sobre a escola eu gostaria que pensasse nos espaços físicos... numa escola ideal, certo? Uma escola ideal. Você pensa nos espaços, nos professores, na relação entre os alunos, com os professores e funcionários, nas aulas, nas atividades, certo? Uma escola ideal. E me responde pensando nessa escola ideal,

Speaker 1: Entendi

Speaker 2: nestes aspectos que eu lhe falei. O que seria para você uma escola boa?

Speaker 1: Em aspectos físicos eu acredito que essa escola que está passando agora por todo esse processo de reforma, que é uma escola antiguíssima, né, vai alcançar o objetivo. Porque a escola que minha filha está hoje estudando é uma escola boa, ainda falta um pouco mais de espaço, só que o que é que acontece? Eu acho que hoje eles estão limitados também por causa do vírus, por causa da pandemia, por causa do medo. Então, antes, tinham mais mesas, mais cadeiras, eles estavam mais unidos, eles tinham mais área fora da sala de aula, que eles conseguiam estudar também do lado de fora, tinha uma área de convivência que hoje não tem. Então eu não posso julgar que a escola não tenha este espaço, que antes era mais confortável pros nossos filhos, porque eu sei que hoje eles tiraram isso pra eles terem o que? Porque eles estão tendo, a turma do oitavo ano tem um espaço limitado, demarcado, que é aonde eles podem ficar. Lá têm bancos, lá tem mesa, mas antes era mais confortável.

Speaker 2: Bom, você, eu queria que você pensasse numa escola idealmente boa, né, pra depois fazer uma comparação com esta escola, que é hoje. Mas você não fez este raciocínio, então eu vou passar para a próxima questão. Foi fácil pro seu filho chegar na escola e fazer novas amizades?

Speaker 1: Foi, foi fácil. Em relação à pergunta que você me fez, eu acho que a escola boa é a escola que tem professores dispostos a ensinar. E em relação a ambas escolas, mesmo passando pelo processo com a professora de português, eu encontrei isso. Eu encontrei professores dispostos a ensinar. O espaço físico é muito importante? É., mas aqui nós temos isso, nós temos um respeito em relação ao aluno com ao espaço físico. Então foi por isso que a resposta que eu te dei foi meio global neste sentido, porque, essa escola tem realmente professores preparados pra ensinar, e eu sinto isso pela diferença de alunos que tem dentro da sala da minha filha, cada um com suas virtudes e com seus problemas, né? Temos, como eu te falei, temos um aluno com necessidades especiais, temos um aluno que passa dificuldades em relação aos pais, tremenda, ele tem poder aquisitivo baixíssimo, problema sociocultural, acredito que este aluno não seja português, que ele venha, ele é português, mas eles já andaram meio mundo e, eu consigo perceber os professores contornando a situação e ensinando o que eles precisam ensinar. Então em espaço físico o que eu tenho pra te dizer é que eu acredito que esta escola que eles vão vir, espero que realmente seja melhor, mas em relação a uma escola boa, é a escola em que minha filha está. Com professores e diretores dispostos a realmente ensinar aquilo que eles estão ali pra ensinar.

Speaker 2: Pois, obrigada. E agora me fale um pouco das dificuldades que ela sentiu para fazer amizades, parece que ela não sente, ela é muito comunicativa rs... Como é que ela foi acolhida pelos colegas...

Speaker 1: Minha filha foi acolhida tanto na primeira, quanto nessa, como a rainha, né?

Speaker 2: É, pois... eu já estou fazendo uma imagem dela aqui, a própria...

Speaker 1: O mais interessante que lá em Santa Catarina, há anos atrás, acho que mais precisamente uns três anos atrás, ela fez uma peça...

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Uma peça de natal em que ela foi Carlota Joaquina, né? Rainha aqui de Portugal...E foi por esta peça, feita nessa escola que ela decidiu que queria vir embora para Portugal. Porque ela estudou muito sobre isso. Rs... Eu sempre falo quando ela chega na escola ou determinados assuntos que ela fala, eu olho pra ela e falo assim...

Carlota Joaquina, Carlota Joaquina... Rs.

Speaker 2: Rs.

Speaker 1: Mas ela foi sim, ela foi aceita, nossa! Muito, muito bem, todos os colegas se dão bem, inclusive, fora da turma dela, né. A gente sabe que eles estão com espaço limitado, mas toda escola, toda parte de funcionários... se dá bem com todo mundo.

Speaker 2: Que bom! E assim, os colegas não sentem diferença por ela ser de outro país? [

Speaker 1: Não, pelo contrário, pelo contrário, a (?) brasileira...

Speaker 2: Querem aprender o português... na escola ela se relaciona com crianças de que nacionalidade?

Speaker 1: Eu acredito que nós temos este colega que é angolano, né, ela me fala que nesta escola parece que somente três brasileiros, em toda a escola, em todo o núcleo escolar e, tivemos uma aluna que era inglesa, na outra escola, né, nasceu na Inglaterra, falava português, mas nasceu na Inglaterra... tivemos uma francesa. Na verdade, a minha filha se relaciona com todo mundo, assim, ela super interage com todo mundo. E, como eu falei pra você, eu acho que muito disso também vem de casa. Nós saímos do nosso país, estamos tentando ser acolhidas nesse e, o que é que a gente faz? Tenta entrar realmente entrar no ritmo que este país tem. Porque se eu sai do meu país porque lá não estava bom para mim, eu não posso chegar aqui e trazer os mesmos vícios que eu tinha lá, porque senão eu vou tornar este país tão ruim quanto o meu. Então eu ensinei para a minha filha que aqui existem regras, nem sempre estas regras são fáceis porque são diferentes da nossa cultura, mas que a gente precisa seguir, porque nós escolhemos esse país agora. Então nós temos que respeitar. Então eu acredito que é por isso que ela não sinta diferença, entendeu, sentiu lá com essa professora e, no mesmo instante que ela sentiu, ela achou, pensou exatamente igual eu, né, chegou em casa e comentou comigo e, eu tento fazer assim.

Speaker 2: É uma boa prática. É uma boa linha de conduta. Você acha que ela demonstra confiar na escola, no professor, no colega?

Speaker 1: Sim, muito.

Speaker 2: E ela gosta de algum colega em especial?

Speaker 1: Ah sim, eu digo que elas têm o grupo, né, tem quatro colegas que elas são inseparáveis, né, e uma e carne ali, né. Eles sempre fazem esse processo, mas ela se dá bem com todas, inclusive quando tem algum tipo de ciúme da parte de uma ou de outra, porque no outro ano eram mais amigas, hoje são mais amigas da minha filha, ela sempre tenta contornar a situação, fazer pro grupo, tentar fazer algo do tipo. Então, ela, realmente como eu falei pra você, ela se dá bem com todos. Tem essas quatro que elas vivem grudadas, né, ela e mais três ...

Speaker 2: E são portuguesas?

Speaker 1: Portuguesas, portuguesas.

Speaker 2: A sua filha gosta dos professores e dos funcionários?

Speaker 1: Gosta. Ama. A professora de educação física então, meu deus, né? É uma coisa assim, é uma apaixonite, é uma coisa incrível, mas ela gosta de todos. Ela com o de matemática, entraram num acordo hoje e virou o maior amor também. Ela se dá bem com todos, sim, hoje

ela já começou a realmente entender como eles falam, então, o processo ficou mais leve. Ela gosta de todos.

Speaker 2: Você pode dizer que ela se sente parte da escola?

Speaker 1: Total.

Speaker 2: Tá tudo dominado, prá ela...Rs

Speaker 1: Rs. A minha filha, só sinto que ela é brasileira hoje quando ela fala, né, ou quando tem, por exemplo, um gosto musical que ainda nos pertence no Brasil porque demais, ela já ama as comidas daqui, ela já sai com as meninas para almoçar comendo as comidas daqui. Porque de início, não. De início ela meio que queria que fosse o arroz com feijão, entendeu? Hoje não. Hoje com o trabalho que eu faço e fiz com ela para que ela entendesse o que eu falei pra você na outra pergunta, ela já acolheu. Ela acolheu Portugal, então tá tudo tranquilo.

Speaker 2: Que bom! Me dá um exemplo de algo que fez com que ela se sentisse parte da escola. Onde você vê que ela se sente parte da escola?

Speaker 2: Na primeira escola, quando pediram para ela apresentar este projeto, né, que foi escolhido por toda a escola entre todos os alunos e ela apresentou, então, quando os professores disseram pra ela assim - Você gostaria de representar nossa escola? Ela se sentiu total portuguesa, assim, né. Nesta que ela está hoje não existe não existe um processo de diferenciação nenhuma, assim, ela chegou e ela se sente mesmo parte dessa família escolar, parte daquele grupo, em nenhum momento ela se sente excluída de nada.

Speaker 1: Então não há nenhum exemplo que você possa me dar no qual ela sentiu que ainda não faz parte ou...

Speaker 2: Não, em nenhum, nenhum, nenhum, pelo contrário.

Speaker 1: Que bom...

Speaker 1: Eles ainda tentam agregar em várias situações, em educação visual ou na educação física, professor de história, sempre contar uma parte da história ou alguma música ou alguma palavra que faça parte do mundo dela. Então eles incluem ela de uma tal maneira que ela é super bem aceita.

Speaker 2: Muito bem.... seguimos neste tópico, é a última pergunta, um pouco extensa, mas é a última pergunta deste tópico de relacionamentos dentro e fora da escola. Você pode dizer que a sua filha tem orgulho de pertencer ao país onde ela nasceu?

Speaker 1: Tem, a minha filha tem orgulho de ser brasileira, mesmo.

Speaker 2: Por que?

Speaker 1: Pela cultura, pela família, a minha filha tem orgulho, eu não sei te explicar assim, porque é uma questão que eu nunca fiz a ela. Eu estou falando por ela, mas é o que sinto dela em relação a isso, a nossa cultura, a nossa alegria, porque às vezes a gente sente, né, que as pessoas aqui são pessoas que passaram por muito sofrimento, vêm de coisas passadas assim que carregam um semblante triste e a gente não, aconteça o que acontecer a gente está rindo, então, ela sempre comenta isso.

Speaker 2: Fazendo piada...

Speaker 1: Sim, bem isso mesmo, então isso às vezes ela comenta, mas o que eu mais acho interessante nela é que, por exemplo, essas amigas que ela tem e que já frequentam a nossa casa e ela frequenta a casa e já foi convidada para ir

Speaker 2: Que bom...

Speaker 1: Ela tenta Ah não fique assim não, dá risada, né, tipo chorar não paga conta vamos lá, ri porque... tirou nota ruim no teste vamos estudar mais, então ela tenta implantar esse sistema, essa metodologia da alegria nas meninas e.... vida que segue, mas ama o país dela, até esses dias eu perguntei se ela para gostaria de voltar e... antes ela dizia que sim. Hoje eu acho que o grupo, o núcleo, sabe, lá tá tão forte que ela fala assim -Não, vá passear ver a família sim, mas ir embora ...

Speaker 2: Não... rs. Bom, além da escola, que lugares que a Ana frequenta com frequência? Que lugares ela costuma ir?

Speaker 1: A gente gosta, nós gostamos muito de turistar, como eu digo, né. Então a gente gosta muito dos parques, a gente gosta muito... além de Shopping, é claro. Claro, agora nós estamos, né, um pouco o nosso estilo de vida. Mas eu sempre foi uma pessoa que, eu gosto muito de conhecer a cultura daqui, como se criou, como que foi, onde é que veio, as casas mais antigas, as igrejas, os teatros, então a gente está sempre buscando, quando a gente tem tempo, no final de semana, conhecer lugares, a minha filha gosta muito de natureza, gosta muito de praia, então este final de semana a gente passou na praia e a gente está sempre fazendo isso, sempre buscando, ah essa história daqui, por que essa cidade é chamada assim, por que aquela é chamada assado então a gente tá sempre buscando isso, quando a gente não está na escola. Porque como eu falei, eu acho que isso agrega futuramente até mesmo pro convívio escolar dela; ela saber o que é que é. Então, ah eu estou no Porto, mas porque é que tem aquela ponte? Por que é que lá do outro lado tem aquilo, por que tem convento, como é que originou isso? Nós estamos aqui, a gente não pode só passar aqui, a gente tem que deixar a nossa marca aqui é o que eu falo pra minha filha sempre. Então ... vai buscar, vai estudar, vai conhecer porque se ela quer fazer a vida dela aqui, daqui 5 anos, ela quer realmente ter um passaporte vermelho pra ser portuguesa e ter o trabalho dela aqui, ela tem que conhecer, ela tem que entender e não é só dentro da escola que a gente busca isso, né, é nosso dia a dia, é na nossa rua, é com o nosso vizinho, é realmente se socializando. E ela faz muito isso comigo sim.

Speaker 2: E fora da escola, com que nacionalidade de crianças ela se relaciona?

Speaker 1: Com as portuguesas, muito com as portuguesas, nós não temos aqui contato com crianças brasileiras, né, aqui no Porto não estamos tendo, então a gente tem mesmo é com portuguesa e nós tínhamos uma ótima coleguinha que era da Inglaterra, mas que acabou voltando, então uma amiguinha, hoje é com português, português mesmo.

Speaker 2: E a sua filha usa a rede social para manter contato com a família, com amigos?

Speaker 1: Uuuusa, usa, até demais, eu chego a ter realmente uma conta que é só pra mim né e ela tem uma conta que é dos amigos daqui. Então, eu digo, ela é muito blogueira Rs... tem que tomar cuidado

Speaker 2: Rs... Então com que frequência, é diariamente, é....

Speaker 1: Diariamente. Essa é meio que uma questão de briga entre mãe e filha, né, que tem que deixar um pouco de viver no mundo das redes sociais, porque a idade deles hoje e o fato deles ficarem mais presinhos, faz com que eles vivam muito nesse sistema. Então ela vive, nossa, com muita frequência.

Speaker 2: E a família participa de alguma atividade associativa? Igreja, clube, entidade beneficente, partido político?

Speaker 1: Deixa eu ver Eu hoje, porque é eu e ela que estamos aqui em Portugal...

Speaker 2: Ah...

Speaker 1: Nossa família é eu e ela. Então, do que é que a gente participa? A gente tenta... nós temos alguns amigos portugueses que a gente partilha visitas, né, trocar visitas em casa... a Ana foi convidada pelo Benfica para jogar futebol!

Speaker 2: Que massa!

Speaker 1: A minha filha hoje faz parte de uma academia de jiu-jitsu, né, na qual ...

Speaker 2: Agora eu vou lhe dizer, agora eu vou lhe fazer inveja, porque meu sobrinho é jogador profissional ...

Speaker 1: Ah que legal! Ela foi convidada ano passado pra fazer parte do time feminino e esse ano ia fazer parte do processo de peneira, aquela coisa toda...

Speaker 2: Que bom...

Speaker 1: E eu sou muito assim, eu acho que ela deve viver de escolhas, porque, senão, adolescentes às vezes eles não se encontram muito, querem fazer tudo, né

Speaker 2: Pois...

Speaker 1: Eu sempre puxo a minha filha assim, tá, você quer jiu-jitsu ou você quer futebol? Você vai ter que escolher e arcar com suas escolhas. E ela optou por fazer o jiu-jitsu, então hoje ela faz o jiu-jitsu, tem contato lá com brasileiras e tem contato com portuguesas na academia. Então é algo que ela se socializa fora da escola. Eu, trabalho para caramba, né, trabalho muito aqui que eu sou terapeuta; tenho muitas pacientes portuguesas; eu sou reikeana, dou curso de reike, então eu estou sempre em movimento. E ela tem as atividades dela, então, no final de semana a gente sempre opta por fazer alguma coisa que a gente, quando formação eu não estou dando formação, que a gente consiga relaxar, estar em contato com a natureza, estar em contato com alguma coisa que ela... então uma vez por mês a gente vai no shopping pra não ser uma coisa muito forçada, shopping é consumo, aquela coisa toda, né, a gente tem conhecido, procurado conhecer mais lugares daqui de Portugal e assim que eles têm vivido

Speaker 2: Mas agora vamos falar sobre ... o último bloco, sobre a participação dos alunos na escola. Você considera que aqui na escola, nessa escola, os alunos têm oportunidade para discutir e refletir questões do mundo em geral e do mundo da escola?

Speaker 1: Eu acho que eles têm oportunidade, mas eu acho que podia ser mais enfatizado.

Speaker 2: Pode me dizer quando e como acontece?

O que é que eu sinto, eu sinto que em algumas algumas aulas, ahh que aqui têm nomes diferentes, né, tipo EV, TI, alguma coisa que no nosso tempo lá era quase que uma educação moral e cívica e eles têm esse debate meio que...

Speaker 2: Educação para a Cidadania aqui

Speaker 1: Isso mesmo. Aí nessa aula eles têm. Mas eu acho pouco, eu acho que podia ser abrangido de uma forma um pouco mais intensa.

Speaker 2: Ok. Você pode dizer que nessa escola as crianças participam da formulação de regras deveres

Speaker 1: Sim, eu não digo que eles participam da formulação, de uma maneira em geral. Nessa aqui eu ainda não senti isso. Na outra sim. Foi quando entrou em pauta esse assunto da violência, né, contra a mulher e pediram para que cada aluno desenvolvesse, criasse, uma lei que preservasse a mulher. Foi aonde ela criou uma lei. né, criou um projeto lei que foi aprovado pela escola e foi aprovada pela Câmara do Porto e foi tá lá em Lisboa pra ser aprovado como projeto lei. Nesta aqui eu não senti ainda eles em contato com esse tipo de situação. Não sei se eles ainda estão meio perdido, porque entraram num ano bem difícil, né, mas não senti nada de entendi nada criação de regras; a única regra que eles criam lá é a de distanciamento rs... essa aqui é a nossa área, é a única coisa que eu sinto assim que eles estão participando toda a hora. E criando com o professor de educação física, não podia ter muito contato, tá professor, se a gente passar álcool na mão e tá de máscara, quem sabe a gente pode chegar mais perto. Isso eu vejo eles brigando muito, mas nada além disso. Aqui ainda não tivemos isso. Mas, querendo ou não, que nós ainda temos, né, um bom pedaço de ano ainda, então, quem sabe ainda apareça.

Speaker 2: Nessa escola os alunos, as crianças, os adolescentes, participam da decisão de como se organiza a aula, das tarefas, o tempo, como será a avaliação....

Speaker 1: Não, nenhuma delas. Aqui o que a gente consegue observar é que eles precisam seguir regras impostas pela escola, que foi imposta, né, por professor e assim sucessivamente.

Speaker 2: Tá bom. Esse bloco eu incluí na entrevista, mas como eu já fiz várias entrevistas com os pais eu vejo que eu não tenho muitas respostas para isso, os pais desconhecem. Mas vou perguntar pra você rapidinho.

Speaker 1: Tranquilo. Vou te ser a mais sincera possível.

Speaker 2: É sobre os programas mesmo que fazem parte da política educativa e que contemplam as ações que visam os imigrantes. Um deles é o Programa TEIP Território Educativo de intervenção Prioritária, você sabe o que é TEIP? Ouviu em alguma...

Speaker 1: Desconheço.

Speaker 2: Pois então, a escola da sua filha ela está incluída num agrupamento que é um Território Educativo de intervenção prioritária; não são todos os territórios que são de intervenção prioritária, existem agrupamentos que não são territórios de intervenção prioritária.

Speaker 1: Entendo.

Speaker 2: Então, por fazer parte desse território de intervenção prioritária a escola tem alguns recursos humanos a mais, alguns recursos financeiros também há mais algum tempo dos financeiros também então e eu acredito que aquele reforço escolar, as aulas extras que ela teve, esses recursos venham deste programa, entendeu? Porque o programa TEIP é um programa que visa o sucesso escolar de todos não só dos imigrantes. E aí um dos meus objetivos com a pesquisa é perceber né se o programa teip pode fazer mais pelo aluno imigrante do que ele tem feito. Sua filha fala bem o português, mas não é o caso de todos os imigrantes

Speaker 1: Ela fala bem brasileiro, né...

Speaker 1: Tem palavras mesmo que ...

Speaker 2: Então, ela precisaria... Pára. Aí pensa... Além do Programa TEIP que eu acredito que ele tem o objetivo de conter o absenteísmo a violência.... Então tem lá os mediadores escolares, o psicólogo TEIP que faz esse suporte e vai fazendo a coisa a funcionar. Porém, além da verba, do projeto educativo, não é? Que é um projeto que tem um plano de ação para melhoria da escola, que prevê, que requer determinadas verbas e é nesse projeto teip que a verba chega enfim além dele tem um outro programa o segundo programa que é o PLNM português como língua não materna. Esse você já ouviu falar então você tem conhecimento de que tem aulas de Português Língua não Materna naquela escola?

Speaker 1: Não tenho conhecimento.

Speaker 2: Não, pois então e nós temos turcos, indianos, venezuelanos.... Ela teve algum suporte de PLNM... nas aulas de reforço, né?

Speaker 1: Sim é o que eu ia dizer, nas aulas de reforço foi onde a gente tentou introduzir, né, pelo menos a maneira como os professores explicavam, mas eu vou falar pra você que foi bem superficial; o foco maior era o conteúdo didático, não a forma que ela falava.

Speaker 2: Tá bom... E é isso mulher, foi excelente, terminamos...

Speaker 1: Que bom!

E9 - 24/11/2020 - Aluna (Turca)

Speaker 1: Você me ouve? Ebaaa oi ela.... Onde você está?

Speaker 2: Olá

Speaker 1: Olá boa tarde?

Speaker 2: Consegue me ouvir?

Speaker 1: Sim sim.... Onde você está? Tá na escola?

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Ah certo

Speaker 2: Vou ver se consigo ir para a sala

Speaker 1: É, talvez seja melhor mesmo.

Speaker 2: Sim, eu vou pra sala.

Speaker 1: Tem uma sala vazia? Aí tem um espaço, não é, tipo uma quadra que tem umas mesas

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Eu fiz uma entrevista com uma professora aí. Tem um espaço bom. Ah... você está na sala.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Nós vamos levar mais ou menos uma hora, você não vai precisar sair daí em uma hora?

Speaker 2: Eu acho que não há problema.

Speaker 1: Tá certo então.

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Eu imaginei ... primeiro eu preciso lhe falar umas coisas, pedir sua autorização pra gravar este vídeo, né, e esse áudio, se você concorda que seja gravado

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E dizer pra você que eu agradeço muito o fato de você ter concordado em participar, porque a sua experiência vai ser muito valiosa pra mim, né, você é uma pessoa que veio de fora, falava outro idioma, consegui falar o português, então essa experiência é muito rica

Speaker 2: Certo.

Speaker 1: Pra quem quer compreender como é que os estudantes imigrantes se adaptam aqui na escola em Portugal, que é o meu caso, né, é o objetivo da minha pesquisa. Então, você sabe, eu sou Fatima e eu sou estudante da Universidade do Porto, na área da... na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, minha área é Ciências da Educação. E minha pesquisa é dentro das Ciências da Educação. Eu comecei um curso depois, quando eu já estava aposentada, não é, me aposentei, voltei pra faculdade, fiz um curso de pedagogia, porque eu estava dando aula numa ONG, sabe ONG, NGO, de Educação Ambiental, tava dando aula de educação ambiental e não sabia muito bem fazer aquilo, era voluntária, né, num projeto de Educação Ambiental e fui fazer uma faculdade de Pedagogia e agora gostei desta atividade na academia e resolvi fazer o mestrado. Então eis-me aqui fazendo a sua entrevista. Como você sabe, o projeto, não sei se você sabe, mas se souber eu vou lhe dizer mais uma vez, o 'objetivo do projeto é perceber como é a integração, a participação, o exercício da cidadania do estudante estrangeiro na escola portuguesa e a gente vai olhar, eu, né, no caso, vou olhar pras políticas públicas de integração de estudantes imigrantes e vou ver como estas políticas estão sendo... estão suprimindo as necessidades que vocês têm aí na escola. Então eu vou ouvir os estudantes, vou ouvir os pais, vou ouvir os professores, já ouvi o diretor do agrupamento, vou ouvir todo mundo, pra tentar formar uma ideia melhor de como é que é essa coisa, como funciona essa integração de vocês dentro da escola em Portugal. Esse é o objetivo do projeto. E, eu quero dizer que você pode... que é assim, eu não vou identificar nada do que você disser ...

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Tudo que você vai dizer é mantido em sigilo e assim, algo que possa comprometer ... não vai constar porque você tem o compromisso de que a investigação, ela é confidencial.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E também que a sua participação é voluntária, então não há problema nenhum se você, no meio da entrevista, não quiser responder mais ou seja, você pode desistir de participar a qualquer momento se estiver lhe incomodando ou algo aconteça. E também que não existem respostas certas, nem errada, certo?

Speaker 2: Certo.

Speaker 1: É a sua resposta e não há coisas certas e erradas aqui. E qualquer dúvida que você vai tendo no caminho da entrevista, você vai fazendo as perguntas e eu vou lhe respondendo. Eu preciso da sua assinatura num outro papel. Eu sei que sua mãe já assinou um papel permitindo que você participasse, mas eu preciso de um onde você concorda em participar.

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Porque uma coisa é seu pai dizer que você pode participar e uma outra coisa é você querer participar. Então eu vou mandar esse papel pra você depois e aí a gente vai combinar por WhatsApp uma forma de... eu passo na escola e pego, ou assina, escaneia, manda pra mim, não sei. A gente vê aí como vai fazer aí com esse papel, ele chama consentimento informado, ou seja, você está consentindo me ceder a entrevista e tem conhecimento do projeto, etc., etc., tudo isso que a gente já conversou agora. Podemos começar?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Então beleza. Então eu imaginei essa entrevista meio como uma viagem, como uma viagem, você está recebendo a tela?

Speaker 2: Sim, sim, estou a ver.

Speaker 1: Então, é como uma viagem e é isso que eu gostaria que você pensasse, que nós vamos fazer uma viagem, o lugar de partida vai ser o seu país de origem e o destino vai ser Portugal, onde você está morando hoje.

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Eu imaginei uma dinâmica aqui que eu não sei se vai ser difícil de fazer. Como é a primeira entrevista que eu tô fazendo, você é o meu teste também Rs. Então queria que você me mostrasse uma imagem do país de onde você vem. Você consegue fazer isso facilmente aí no....

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Sim? Me mostra uma imagem do país de onde você vem, compartilha comigo

Speaker 2: Ok... então... ai meu Deus!

Speaker 1: Não fica nervosa, vai com calma. A gente se atrapalha... eu pensei que você fosse fazer do computador, do computador seria mais fácil, não?

Speaker 2: Pois

Speaker 1: Mas do celular fica um pouco difícil...

Speaker 2: Como é que eu partilho o ecrã?

Speaker 1: Tem um share aqui, new share

Speaker 2: Sim, cliquei.

Speaker 1: Isso e aí ele te dá todas as telas e você clica em cima da tela que você quer compartilhar.

Speaker 2: Ele está a dizer que eu não posso fazer isto.

Speaker 1: Não? Claro que pode

Speaker 2: Só quem fez a reunião

Speaker 1: Oxente, você não está na reunião? Ó você aqui...

Speaker 2: Mas... Ai meu Deus

Speaker 1: Não fica nervosa, vamos deixar prá lá. Me fale um pouquinho, não precisa me mostrar nada. Me fale um pouquinho de qual é o país que você vem e quando você chegou a Portugal e me fale um pouquinho do lugar de onde você vem, do seu país.

Speaker 2: Pronto! Eu gostava muito de viver lá, que é um lugar maravilhoso

Speaker 1: Hum, de onde vem?

Speaker 2: Turquia

Speaker 1: De que cidade?

Speaker 2: Bursa

Speaker 1: Bursa?

Speaker 2: Sim

Speaker 1: E como é a cidade, o que tem de interessante pra eu que quero ir lá pra conhecer?

Speaker 2: Eu não estou a conseguir ouvir

Speaker 1: Como é a cidade de Bursa?

Speaker 2: Bom, é maravilhosa, tanto lugar pra gente visitar ou... eu acho gostoso de viver lá

Speaker 1: E quando você chegou em Portugal?

Speaker 2: Eu estava a me sentir um bocadinho entusiasmada, estava muito entusiasmada, mas tive algumas dificuldades em nível da língua, da escola, de ter novos amigos, eu estava também triste de deixar lá meus amigos e a minha escola, os meus professores em que já estou habituada, mas mudar de país foi muito difícil pra mim.

Speaker 1: E quando foi que você chegou? Quantos anos faz?

Speaker 2: Já faz 4, 5 anos, 5 anos

Speaker 1: Cinco anos que você está aqui. Sempre nesta escola?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E quem veio com você?

Speaker 2: Era a minha mãe e o meu irmão. Tenho um irmão meu que nasceu aqui

Speaker 1: Como ele chama?

Speaker 2: Mirhad, ele tem três anos.

Speaker 1: Ah, ele tem três anos...

Speaker 2: Sim. E meu pai já estava aqui.

Speaker 1: Ah vieram encontrar seu pai que já estava aqui trabalhando

Speaker 2: Meu pai já estava aqui a trabalhar há 7, 8 anos. Sim.

Speaker 1: Jura? Muito tempo heim

Speaker 2: Pois, eu só falava com ele pela videochamada, assim

Speaker 1: Rs

Speaker 2: Depois de 8 anos ver ele também...

Speaker 1: É, então, agora que eu conheço um pouco, né

Speaker 2: Sim

Speaker 1: De onde você veio, eu gostaria de tentar perceber seu país e como é a sua vida agora em Portugal. Certo?

Speaker 2: Bom, é mais ou menos igual.... Sim, eu prefiro viver na Turquia por uma questão de cultura, é a língua, é o que eu sei, é o que eu aprendi durante 7, 8 anos e, agora estar aqui em Portugal é muito bom. Eu gosto de Portugal, mas claro que preferia o meu país.

Speaker 1: Muito bem! Me conta de forma rápida, como era um dia, um dia na sua vida na Turquia, o que você fazia desde que acordava até a hora em que ia se deitar...

Speaker 2: Então, eu acordava, eu ia lá lavar minha cara e assim...

Speaker 1: Rs

Speaker 2: Depois tomava pequeno almoço, ia pra escola, depois era hora de almoço, a minha mãe sempre me levava almoço na escola

Speaker 1: Ah é?

Speaker 2: Era. Eu preferia comida de casa

Speaker 1: Ah sim...

Speaker 2: Por isso minha mãe trazia sempre meu almoço e, então, depois eu tinha algumas atividades, tinha aulas de piano, tinha aulas de natação, e eram 7 horas, eu vinha pra casa, tomava banhinho e depois jantar, passava um bocadinho de tempo com a família e depois dormia. E depois no outro dia...

Speaker 1: Esse era o seu dia normal...

Speaker 2: Sim, pois.

Speaker 1: E logo no outro dia, tudo de novo

Speaker 2: Tudo de novo, só que eu, no outro dia, em vez de ter as atividades, eu estudava em casa.

Speaker 1: Ah, sim ... porque não tinha aulas todos os dias...

Speaker 2: Sim. Eu tinha um dia sim, outro dia não.

Speaker 1: Ah que interessante

Speaker 2: Tinha dias que não tinha, eu fazia os meus trabalhos, estudava para a escola e assim.

Speaker 1: E prá além da escola, o que você fazia?

Speaker 2: Bom, como eu disse, eu tinha aulas de piano, natação e gosto muito de passar tempo com a minha família.

Speaker 1: Que bom.

Speaker 2: Fim de semana sempre fazíamos algo diferente

Speaker 1: Que bom.... Você poderia dizer que tem orgulho de pertencer ao país que você nasceu?

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: Eu percebi, mesmo que você gosta mesmo de lá, né?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E por que você sente orgulho de pertencer ao seu país?

Speaker 2: Bom, isso já não sei explicar... Rs

Speaker 1: Rs

Speaker 2: Não tem tanta diferença, mas eu mesmo nasci lá, estou habituada depois com a maneira de viver lá e assim eu prefiro meu país e gosto muito de lá mesmo.

Speaker 1: E você costuma manter contato com a sua família, amigos que você deixou lá?

Speaker 2: Não, com os amigos eu não consegui, só que ainda falava com os professores

Speaker 1: Ah que bom!

Speaker 2: Porque era assim, quando eu cheguei aqui em Portugal eu tive muitas dificuldades na escola... é como se eu passasse do 4º ano para o 6º ano

Speaker 1: Dois anos

Speaker 2: É como se eu não tivesse um ano de escolaridade e passei logo. Isso fez-me muita dificuldade assim...

Speaker 1: E os professores lhe ajudavam de alguma forma, não é, esses que estavam lá na Turquia?

Speaker 2: Sim, sim. E tinha aqui aulas de português, ciberescola e, tinha sempre, duas vezes por semana, isto também ajudou-me a aprender português.

Speaker 1: Muito bem. Bom, vamos aterrissar em Portugal, agora, certo?

Speaker 2: Ok.

Speaker 1: E queria que você compartilhasse comigo agora, um pouco do que acontece com você aqui, né. Como é, aqui em Portugal, um dia normal pra você?

Speaker 2: Ok.... Eu acordo, faço as mesmas coisas, depois tomo pequeno almoço, venho pra escola e tenho hora de almoço e eu vou no Café do meu pai almoçar.

Speaker 1: Ah, seu pai tem um restaurante? Um café?

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Ah que bom.

Speaker 2: Tem um restaurante e eu vou lá almoçar, que é pertinho da escola, cinco minutos

Speaker 1: Ham Ham

Speaker 2: E eu almoço lá, depois volto pra escola de novo, gosto

Speaker 1: Congelou sua imagem...

Speaker 2: de passar tempo com os meus amigos, as aulas também, gosto

Speaker 1: E além da escola a que lugares você vai com frequência aqui em Portugal?

Speaker 2: Eu vou para a Santa Catarina, Rua Santa Catarina, pra Via Catarina, assim, que é perto da minha casa, costumo passar tempo lá com os meus pais, eu acho que é divertido.

Speaker 1: Rs. Gosta do shopping, não é?

Speaker 2: Eu amo shopping Rs.

Speaker 1: Rs. Ai ai, então ...como foi recebida nos locais que você frequenta, fora da escola?

Speaker 2: Não consigo ouvir

Speaker 1: Assim... não conseguiu ouvir?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Fora da escola, qual a nacionalidade das pessoas com as quais você convive?

Speaker 2: São todos portugueses.

Speaker 1: São portugueses? Que bom.

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Que bom

Speaker 2: Porque aqui pessoas turcas não são frequentes

Speaker 1: Não são frequentes?

Speaker 2: Nem sempre se encontra

Speaker 1: OK Não sempre se encontra...

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Agora eu gostaria de te desafiar a pensar um pouco sobre a escola em geral, nos espaços físicos, nos professores, nas relações entre professor e aluno

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Nas relações entre aluno e funcionário, entre alunos, na forma do professor dar aula, nas atividades '

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Pensando nesses pontos, pra você o que seria uma escola boa?

Speaker 2: Uma escola boa? Como sempre com regras,

Speaker 1: Com regras...

Speaker 2: Sim (inaudível) gostam de falar com os alunos, amigos, assim muito como uma equipe, juntos todos

Speaker 1: Certo

Speaker 2: E mais, aulas acho que está muito bom, podia ser como agora, ah assim, não sei explicar mais

Speaker 1: Não?

Speaker 2: Não

Speaker 1: Sobre os espaços físicos, sobre a relação com os colegas, com os professores

Speaker 2: A relação com os colegas já, como eu disse, uma turma toda junta, que gosta de passar tempo juntos

Speaker 1: Isso, é verdade...

Speaker 2: Agora, o espaço não me interessa, eu preciso dos amigos, das aulas mesmo, da escolaridade.

Speaker 1: Ok. Agora vamos passar dessa escola ideal pra essa escola que é real, que é a sua escola

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Você considera essa escola uma boa escola?

Speaker 2: Eu não estou a ouvir, peço desculpa.

Speaker 1: Nós passamos desta ideia da escola ideal, né, que não importa o espaço,

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Que o que importa é relacionamento entre as pessoas, esta escola que você idealizou como uma escola ideal, né

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Para essa sua escola, que é real, não é? E aí queria que você me respondesse

Speaker 2: Minha escola real

Speaker 1: Essa sua escola real, não é. Essa imagem que está aí.

Speaker 2: Estou aqui a imaginar

Speaker 1: Agora eu pergunto pra você, sobre esta escola sua, que é real, não é ideal, você considera que esta é uma boa escola?

Speaker 2: Ok.... É sim

Speaker 1: Você considera que seus colegas, seus professores e demais funcionários da escola são pessoas em que você pode confiar?

Speaker 2: Ah... nem todos.

Speaker 1: Nem todos... Quais as situações que fazem você pensar que nem todos são pessoas em que você pode confiar? Você pode me dar um exemplo, citar uma situação que lhe trouxe este constrangimento?

Speaker 2: Bom, os professores, os funcionários nem sempre são justos

Speaker 1: Não são justos

Speaker 2: Nem sempre Rs

Speaker 1: Ham ham.... Não são justos por que?

Speaker 2: É que eles querem ser da maneira deles, mesmo. Há alguns que não se importam com a a ideia dos alunos, com o que os alunos querem ser e assim e, os outros, que são muito amiguinhos dão muito importância à ideia dos alunos e o resto também. Gosto muito, mas no caso dos meus professores, gosto muito deles, eu acho que eles são muito amiguinhos, são muito bons, mas há outras turmas que já ouvi dizerem, de eles falarem dos outros professores, mas, no meu caso eu acho que eu gosto da minha turma, dos meus professores

Speaker 1: Que bom. Diga pra mim, do que tem sido a sua experiência.... Rs...Agora comigo (Ela fala com uma colega)

Speaker 2: Pronto, pode falar.

Speaker 1: Diz pra ela que eu mandei um beijinho pra ela, tá?

Speaker 2: Ham ham

Speaker 1: (nome da aluna)

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Do que tem sido sua experiência nesta escola, o que o você considera que são os pontos fortes e os pontos fracos desta escola?

Speaker 2: Hum...

Speaker 1: Você considera que nessa escola você encontra o que necessita pra aprender ou há algo em falta e a melhorar?

Speaker 2: Rs. Eu não sei mesmo explicar isso.

Speaker 1: Ah, você estava sem máscara é?

Speaker 2: Sim Rs

Speaker 1: Ah meu Deus.... Você não sabe me dizer quais os pontos fortes da sua escola?

Speaker 2: Pontos fortes, então a ... os professores... mais os intervalos
Speaker 1: Os intervalos porque são momentos
Speaker 2: Tem um tempinho de descanso, depois de tanto estudar e, assim, os amigos... não sei... as aulas...
Speaker 1: E algum ponto fraco que você gostaria de citar, ou não, ou tá tudo bom?
Speaker 2: Ponto fraco...
Speaker 1: Porque nem sempre tudo está bom, né, nem tudo está mal...
Speaker 2: Bom, na verdade eu não como aqui na escola, mas há colegas que dizem que a comida da escola não é boa Rs...
Speaker 1: Rs
Speaker 2: Mas ... má qualidade.... má qualidade estrutural...
Speaker 1: Jura? Que coisa heim... Bom, agora eu tenho mais uma pergunta.
Speaker 2: OK
Speaker 1: Eu queria entender, na perspectiva do aluno estrangeiro, né,
Speaker 2: Sim
Speaker 1: Quais os recursos que a escola tem e que facilitam o aprendizado do aluno estrangeiro, né, por isso essa pergunta dos pontos fortes e dos pontos fracos, eu quero entender o que poderia ser feito pra beneficiar o aluno que vem de fora, porque eu quero ouvir de você que passou por essa experiência, né. Então, por exemplo, se há um ponto em que a escola poderia melhorar e ajudar o aluno estrangeiros ou que ponto seria esse. É isso que eu estou tentando entender aqui.
Speaker 2: Temos uma biblioteca aqui na escola, em que podemos requisitar livros e levá-los pra casa e, depois trazemos de novo e assim... tem os computadores em que podemos estudar e fazer outras coisas também... os professores disponíveis quando nós precisamos de ajuda, podemos ir lá falar com eles, se temos alguma dúvida, esclarecer com eles.
Speaker 1: Ok
Speaker 2: Você considera que o professor ... são bons professores para ensinar alunos que vieram de outro país?
Speaker 1: Sim.
Speaker 1: E o que faz a diferença dos professores que são bons para ensinar os alunos que vieram de outro país?
Speaker 2: Eles facilitam mais o ensino, ahhh sim é isso, facilitam mais o ensino
Speaker 1: Eles são bons porque facilitam porque eles percebem o ponto em que você não compreendeu bem? Como é isso?
Speaker 2: É.... então
Speaker 1: Não é preciso responder, se você não ...
Speaker 2: Eu fico travada assim porque ainda não sei mesmo a língua toda.
Speaker 1: Ahhh pois é, isso é um problema...
Speaker 2: Não tenho palavras
Speaker 1: Isso é um problema, ainda mais falando com uma brasileira, um português brasileiro, como o meu, né?
Speaker 2: É isso.
Speaker 1: Diz uma coisa pra mim. Você acredita que as aulas normais, as aulas do dia a dia, cotidianas, regulares, estão contribuindo ou contribuíram pra que você se sentisse integrada na escola?
Speaker 2: Sim, sim.
Speaker 1: Em que aspectos?
Speaker 2: Bom, na verdade antes tinha muito mais de expor minhas ideias e assim porque estava com medo da reação dos meus colegas e também como não sei falar, falar algo ... tinha

medo de falar algo errado, só que agora de tanto olhar meus colegas e, assim, tenho mais assim... já não tenho mais esse medo, já consigo expor as ideias assim

Speaker 1: Muito bom. E as aulas te ajudaram nisso ...

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Você tem frequentado aulas extras

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Você frequentou aulas extras fornecidas fora do horário regular, não é isso?

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: É isso? Pra lhe apoiar nas dificuldades que você tem enfrentado.... Em quais disciplinas, ou era um professor que dava várias disciplinas, como foi esse apoio extra que você recebeu?

Speaker 2: Era só a ciberescola em que eu fazia pelo computador, tinha um site em que os professores mantinham os trabalhos e também falavam conosco... assim... pelo zoom, assim.

Speaker 1: Eram aulas individuais, essas, não?

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: Eram individuais

Speaker 2: Sim

Speaker 1: E foram úteis pra você, você gostou?

Speaker 2: Não percebi.

Speaker 1: Te ajudaram a melhorar o português, essas aulas?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E nas outras disciplinas, como foi o apoio que você recebeu?

Speaker 2: Foi quando eu vim pra cá, quando comecei a escola e este ano já não estou a precisar.

Speaker 1: Ah sim. E estas aulas de apoio são dadas fora do horário regular?

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Ahh, certo. Muito bom. Quantas vezes por semana, você sabe me dizer?

Speaker 2: Eram duas vezes por semana às vezes três

Speaker 1: As aulas de apoio... o ano todo ou só um período?

Speaker 2: O ano todo.

Speaker 1: Hum... muito bom. Sobre o aprendizado do português, especificamente, você frequentou alguma escola fora pra aprender português, ou não, aprendeu o português aí mesmo na escola?

Speaker 2: Não. Aqui mesmo na escola.

Speaker 1: Tá... ciberescola que você fez, né, e depois Você pode me falar um pouco das dificuldades que você teve para aprender o português?

Speaker 2: Ahhh, sim. No nosso país escrevemos de uma forma e lemos mesmo desta forma que escrevemos, mas aqui é diferente. Eles têm acentos e assim, só que na minha língua não é assim. E nós temos acentos nem essas coisas difíceis assim...

Speaker 1: Rs

Speaker 2: Aqui têm mais acentos... mas leem das duas outras formas e escrevem de uma forma e leem de outra forma. Isso fez-me muita dificuldade.

Speaker 1: Ahh certo, os acentos, né

Speaker 2: Sim

Speaker 1: E a grafia é diferente também, não, a forma ...

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Quanto tempo você acha que levou pra, digamos assim, ter uma comunicação razoavelmente boa com as outras pessoas?

Speaker 2: Ahh, não percebi.

Speaker 1: Você está aqui há seis anos e você está falando português muito bem.

Speaker 2: Cinco, cinco.

Speaker 1: Cinco anos. Está falando português super bem.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Eu pergunto pra você, quantos anos você precisou pra falar, ter uma comunicação boa em português?

Speaker 2: Três.

Speaker 1: Três anos.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Só a partir de então você conseguiu Eu fico pensando que a comunicação difícil no português também a impede de compreender as outras disciplinas, né? Penso eu, não é?

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: E aí você acha que acompanha o currículo, acompanha os assuntos, você consegue hoje dar conta de todos os assuntos? Você deixou alguma coisa pra trás, sabe o que eu quero te perguntar?

Speaker 2: Eu acho que deixei muita coisa pra trás, mas também estou a acompanhar

Speaker 1: Agora você sente que entrou no ritmo

Speaker 2: Sim, agora já estou a conseguir acompanhar tudo, tenho mais tempo pra mim, pra estudar também, como agora eu já aprendi a língua também, isso agora ficou mais fácil, sim.

Speaker 1: E uma última pergunta sobre o que seria pra auxiliar o aluno imigrante. O que você acha que seria necessário fazer pra que as aulas ajudassem o aluno imigrante de uma forma melhor?

Speaker 2: Eu acho que assim como eu fiz está muito bom, está muito normal, assim devagarinho, com mais calma, mais tranquilo assim, aprendemos melhor.

Speaker 1: Você acha que esse aprendizado, digamos assim, que algo mais intensivo

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Seria pior e você gostou desse ritmo

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Que foi, digamos assim, acompanhando o seu ritmo também, não é?

Speaker 2: Certo

Speaker 1: De aprender, né, porque tem um ritmo de ensinar e tem um ritmo de aprender, não é? Então é isso que você acha, né? Você disse que gostou do ritmo, não é isso?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Agora a gente vai falar sobre ... amizades, a escola, amizade entre portugueses e imigrantes, integração, sobre isso. Eu queria perguntar pra você.... Foi fácil chegar na escola e fazer novas amizades?

Speaker 2: Nem sempre... houve alguns que estão a aproximar-se de mim, me queriam ajudar e eu nem queria falar, por causa de eu não saber português e assim, de vir de um país diferente, outra cultura e assim, mas eu acho que eu fui recebida bem ... correu bem

Speaker 1: Foi, né? E quais foram essas dificuldades que você sentiu com os amigos, com as pessoas, com os colegas, digamos assim, era a língua...

Speaker 2: Eu só no quinto ano estava a sentir isso.

Speaker 1: Só no quinto ano

Speaker 2: O resto eles começaram a aproximar-se mais

Speaker 1: O quinto ano era o terceiro ano em que você estava aqui?

Speaker 2: Eu não estou a conseguir ouvir...

Speaker 1: Você me disse que só no quinto ano conseguiu se integrar melhor com os amigos, com os colegas...esse quinto ano...

Speaker 2: Não, no quinto ano não estava a conseguir

Speaker 1: Não

Speaker 2: Só foi fácil pra mim no sexto, no sétimo, no oitavo e no nono

Speaker 1: Ham ham, você diz então, a partir do terceiro ano que você estava na escola

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Então você passou três anos com dificuldades, dessa coisa mais próxima com os colegas, não é isso?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Tá me ouvindo?

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: O que você acha que pensam os colegas sobre você, julga que sentem diferença por ser de outro país?

Speaker 2: Não, não, não. Eles me veem como uma pessoa normal que vive aqui, que é portuguesa e assim, eles são mais assim, amiguinhos Rs

Speaker 1: Rs... Querem chegar no momento da entrevista, não é isso, auxiliar...

Speaker 2: Rs... Isso.

Speaker 1: Bom, deixa eu falar uma coisa pra você. Na escola você se relaciona com pessoas de que nacionalidade?

Speaker 2: Portuguesas

Speaker 1: Portuguesas

Speaker 2: indianos e dois brasileiros.

Speaker 1: Portugueses, indianos e brasileiros

Speaker 2: Sim

Speaker 1: E você gosta de algum colega em especial?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Ham ham e qual a nacionalidade?

Speaker 2: Portuguesa.

Speaker 1: E você gosta dos professores e dos funcionários da escola em geral?

Speaker 2: Ham... não percebi

Speaker 1: Você gosta dos professores e dos funcionários da escola em geral?

Speaker 2: Sim, sim, sim.

Speaker 1: Você considera que quando estão ensinando, os professores demonstram preocupação de que todos os alunos da turma aprendam a respeito da sua cultura, do país de onde você nasceu?

Speaker 2: Eu acho que sim, eu gosto de trabalhar com eles e eles também gostam de trabalhar comigo, como todos os outros.

Speaker 1: Mas você acha que eles têm preocupação que os outros alunos da turma aprendam a respeito da cultura turca, por exemplo, a sua cultura?

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: Sim? Me dê um exemplo de uma situação que faz você pensar dessa forma...

Speaker 2: Bom, tem uma amiga minha indiana, na turma

Speaker 1: Ham ham

Speaker 2: E ela usa o lenço

Speaker 1: O véu

Speaker 2: E nós na turma temos a regra, nós não podemos usar carapuço na aula,

Speaker 1: Sim

Speaker 2: Capuz, carapuço... e às vezes meus amigos gozam e dizem pra ela tirar também porque... ela é obrigatório usar porque ela quer e, às vezes, eles também usam capuz, só por causa disso, por ela também usar o véu.

Speaker 1: Ah é?

Speaker 2: E isso os professores acham que é assim, é a religião dela, e ninguém pode olhar de sala assim, vocês têm que ter respeito pra ela também e, eu gosto da maneira deles pensarem isso.

Speaker 1: Certo. Muito bom.

E você sente que você faz parte desta escola?

Speaker 2: Sim, muito... Rs

Speaker 1: Muito?

Speaker 2: Muito mesmo.

Speaker 1: E você é capaz de me dar um exemplo do que faz sentir que é parte da escola?

Speaker 2: Ah ... eu gosto bastante da minha turma, eles são muito amiguinhos, gostam de passar tempo comigo, falo com os meus professores, faz-me muito feliz e sinto que sou uma parte desta escola também.

Speaker 1: Que bom, que bom.... Vamos avançar um pouco pro último bloco ... já estamos a quase uma hora aqui, incrível

Speaker 2: Sim

Speaker 1: O tempo voa e eu queria perguntar pra você agora se você considera que aí na escola existem oportunidades para que as crianças discutam e reflitam sobre questões do mundo em geral e do mundo da escola? Você acha que existem oportunidades para que as crianças discutam e reflitam sobre questões do mundo, questões sociais, questões econômicas, questões seja lá em que âmbito for e questões do mundo da escola, né, coisas que estão acontecendo na escola, problemas que estão acontecendo na escola.... Vocês discutem a respeito disso...

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: Têm oportunidade de falar disso nas aulas?

Speaker 2: Sim, nós temos oportunidade de... isso é um dos nossos direitos, nós podemos expor as nossas ideias sobre a escola, o que nós estamos a sentir, o que é mal, o que é bom e, os professores realmente sinto que querem trocar isso (?) e mudar aquilo, eu acho que isso é muito bom também, né, ahh é muito bom os alunos mostrarem suas preocupações sobre a escola e outro resto da vida e assim.

Speaker 1: E como é que isso acontece? Quando é que acontece essa discussão?

Speaker 2: Costuma ser na aula de Ciências, porque a nossa professora de Ciências ela é subdiretora do agrupamento, e eles costumam mais partilhar essas coisas com a nossa professora de Ciências.

Speaker 1: A professora X, não é?

Speaker 2: Sim, a professora X.

Speaker 1: Ok. Nessa escola as crianças participam da decisão sobre a forma como se organizam as aulas? Tarefas, o tempo que será gasto, como será feita a avaliação?

Speaker 2: Alguns.

Speaker 1: Alguns professores permitem

Speaker 2: Sim. Outros podem quase que nem querem saber

Speaker 1: Certo. E ... na questão, por exemplo da avaliação, tem abertura pra você discutir sobre a avaliação?

Speaker 2: Bom, eu até agora não precisei disso, mas ... nem ninguém da minha turma, porque eu acho que também não vou precisar e, por mim está tudo bem.

Speaker 1: Perfeito. E no seu modo de ver quais seriam as questões referentes ao mundo da escola que as pessoas imigrantes deveriam discutir e participar?

Speaker 2: Não sei explicar isso.

Speaker 1: Não. Você acredita que um aluno imigrante tem as mesmas oportunidades pra ter bons resultados que um aluno português?

Speaker 2: Claro que sim, somos todos iguais, todos diferentes.

Speaker 1: Todos iguais ou somos todos diferentes? Rs.

Speaker 2: Sim. Rs.

Speaker 1: Você considera que aqui tem as mesmas oportunidades de participar de atividades do que qualquer outro aluno?

Speaker 2: Sim, sim, sim, sim

Speaker 1: Bom, era isso, chegamos ao final, né, espero que não tenha doido muito... nós falamos uma hora e sem parar, não é?

Speaker 2: Isso.

Speaker 1: É incrível como o tempo passa, agradeço demais a sua contribuição.

Speaker 2: Se tiver algo ... estou pronta aqui.

Speaker 1: Eu vou desligar agora, vou dar uma paragem no vídeo que eu quero lhe dizer uma coisa que é sobre a apresentação.

Speaker 2: Ok.

Speaker 1: No final da... quando eu terminar de fazer a recolha dos dados, a análise dos dados e tiver isso num formato, né, que eu tiver chegado a alguma conclusão, a respeito do que favorece ou inibe a participação dos alunos imigrantes na escola

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Eu vou apresentar esses resultados e aí eu vou convidar os pais, os professores, todo mundo que participou e aí eu vou chamar você de novo, vai ser uma oportunidade de você estar presente de novo, com os seus colegas que participaram do 7º, 8º e 9º anos, certo?

Speaker 2: Ok

Speaker 1: Então é isso, eu lhe chamo assim que meus resultados estiverem prontos, mas isso ainda vai demorar um pouco, deve demorar um meio ano aí né pra eu recolher todos os dados, depois sentar, analisar e depois marcar essa apresentação. Acho que só pro outro semestre, mas assim a entrevista foi excelente, adorei conversar com você, viu?

Speaker 2: Eu também gostei muito

Speaker 1: E mais uma vez agradeço demais a sua disponibilidade, tá bom?

Speaker 2: Tá sim, ok.

Speaker 1: A professora já tinha falado que você era uma fofa e é mesmo. Beijo grande e muito muito obrigada.

Speaker 2: Muito obrigada, beijinhos.

Speaker 1: Beijo, tchau tchau.

E10 - 25/11/2020 - Encarregado da Educação (Brasileiro)

Speaker 1: Bom então é o seguinte: eu preciso dizer pra você -não preciso, né, não preciso dizer pra você- que eu sou aluna do mestrado e que eu já tive a oportunidade de te agradecer, vou te agradecer novamente pela participação.

Speaker 2: Eu te agradeço oportunidade de colaborar ainda mais com os colegas, somos colegas de área

Speaker 1: E eu tenho que lhe informar que esta é uma pesquisa sobre a participação de alunos imigrantes na escola da qual participam o diretor, os professores os pais e os alunos. E eu tento ver os fatores que inibem e que favorecem a criança migrante na escola e também como as políticas de integração de imigrantes em Portugal têm respondido às necessidades desses alunos, em particular neste contexto que eu estou estudando. Então eu preciso da sua autorização formal para realizar a entrevista.

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: Eu já mandei para você o termo, depois você me devolve, pode deixar na escola, se você quiser, mandar por e-mail...

Speaker 2: Eu só não fiz porque hoje eu tive uma aula, depois da aula eu emendei num filme que a professora indicou que era sobre o processo do início da democracia em Portugal que é interessantíssimo que eu não se Fatima pode assistir, chama O Bom Português...

Speaker 1: Não, ainda não. Vou assistir...

Speaker 2: Fabuloso! Vou mandar o link para a Fátima nesse exato momento. Fala muito desse processo de colonização desses resquícios e como é que Portugal também não tinha um projeto de democracia e como que isso bagunçou o meio de campo todo depois da Revolução de Abril, né, mas enfim isso é uma outra questão. Por isso que eu não imprimi porque não tem impressora em casa e por isso que eu não consegui, mas eu faço isso hoje ainda....

Speaker 1: Mas você não tem uma assinatura sua escaneada?

Speaker 2: Não, não tenho, eletrônica.

Speaker 1: Então, você baixa o Adobe scanner de celular, aí você assina um papel e escaneia o papel. Aí você, coloca a sua assinatura no Adobe; tem que ter o Adobe Reader instalado no computador. Acho que a maioria dos computadores tem se você não tiver vai ter que instalar o Adobe, certo. E aí você tem uma partezinha lá quando você abre o arquivo do Adobe na guia da direita tem lá assinar e preencher. É como você assina e preenche documentos em PDF e dá pra assinar. Você assinar aquela assinatura escaneada, tem um lugarzinho lá em cima que dá pra você inserir o arquivo JPEG da assinatura. E aí você cola. Eu assino tudo assim agora.

Speaker 2: Uma boa dica. Gostei da dica.

Speaker 1: E aí eu preciso disso, né, e preciso também da sua concordância para que ela seja gravada

Speaker 2: Ok.

Speaker 1: Porém antes, antes não porque já está sendo gravada né, mas eu quero dizer que essa gravação vai ser utilizada apenas para o trabalho de investigação e nem a escola, nem os participantes vão ser identificados nas transcrições e na apresentação dos materiais da pesquisa, certo? E que todo o material vai ser guardado de forma sigilosa.

Speaker 2: Ok. Essa aqui é a minha filha, acabou de chegar agora...

Speaker 1: Cadê? Oi, em breve vou falar com você heim?

Speaker 2: Ela falou que em breve vai falar com você, tá bom? Eu estou com fone de ouvido....

Speaker 1: Ah! pois ... então beleza. Podemos começar, posso gravar?

Speaker 2: Claro, claro.

Speaker 1: Então é o seguinte, primeiramente eu gostaria de lhe perguntar sobre a sua experiência com a escola quando você chegou a Portugal. Como foi o primeiro contato com a escola?

Speaker 2: Com a escola?

Speaker 1: Sim. Ela passou por mais de uma escola?

Speaker 2: Porque o processo... acho que vale a pena eu falar sobre o processo de conseguir a vaga também que é um processo árduo não é um processo fácil, requer e determinada documentação, requer a eleição de um responsável educacional. Isso já difere um pouco da forma que tratávamos a questão lá no Brasil, apesar que eu sempre fui responsável pela educação da minha filha, mas sempre a mãe teve total participação e meu companheiro também teve total participação na educação dela, então quando um não podia resolver ou ir numa reunião de pais, alguma coisa, o outro ia, o outro cobria e cada um ajudava de uma forma. Então isso já foi o primeiro passo que foi complicado aqui, com relação a isso. Segundo que não tinha informações claras de como era o processo de conseguir a vaga. Então eu tentei antecipar, né, porque ela veio em setembro, ela chegou aqui em setembro, então, tentei antecipar, conseguir a vaga dela com antecedência. Disseram me que não era possível, que era necessário ela estar aqui, era necessário ela ter um NIF primeiro. Então imagine isso com contexto de pandemia. Isso foi muito difícil para conseguir. Ela perdeu quase um mês de aula e aí conseguimos mesmo porque eu insisti muito fui várias vezes no agrupamento escolar, mandei e-mail falando da situação, mandei que o diretor do agrupamento falando em que situação estava e, ela estava perdendo aula, ela estava sendo a mais prejudicada.

Speaker 1: Esse agrupamento?

Speaker 2: É, chama X, que é o responsável por encaminhar os alunos imigrantes para as escolas. Então eu fico imaginando uma pessoa que não tem o grau de instrução que eu tenho e o domínio da língua ...

Speaker 1: Por que você diz que o agrupamento é o responsável por encaminhar os imigrantes.

Speaker 2: Existe um agrupamento escolar chamado X.

Speaker 1: Sim

Speaker 2: Que é na Escola X, eles que encaminham, eu não posso ir direto na escola, por exemplo...

Speaker 1: Ah sim, sim, agora entendi

Speaker 2: Então esse processo foi um processo muito moroso e foi um processo muito cheio de burocracias e no qual ela estava sendo prejudicada, porque ela foi cobrada de coisas que eu não fui informado quando eu fui nas vezes anteriores e que foi impedido de tentar a vaga com antecedência. Enfim, isso então acho que vale a pena ressaltar. O contato com a escola foi muito positivo desde o início. O diretor de turma foi muito atencioso desde o primeiro contato, apresentou a escola, a minha filha teve algum desconhecimento de algumas coisas, ela foi assessorada em todo o processo, em todas as dúvidas que ela tinha.... Então, assim, com a escola eu não tenho nada, nenhuma observação diferente assim, que destoa do processo de início de aula numa escola. Mas com relação ao processo... até ela começar a estudar foi muito complicado.

Speaker 1: Então, como é que você obteve informações, você foi a qualquer escola, você recebeu orientações...

Speaker 2: Não

Speaker 1: Como é que você chegou...

Speaker 2: Como é que partiu, não é?

Speaker 1: É.

Speaker 2: Eu fui...meu critério era eu. Eu sabia das juntas de freguesia que as juntas de freguesias encaminham a princípio à escola mais próxima da moradia do aluno. Esse era o meu

critério. Eu já sabia disso com antecedência. Então eu tentei primeiro numa escola que é a mais próxima daqui de casa que é a Santa Casa de Misericórdia. Esqueci o nome da escola lógica Nossa Senhora da Esperança se não me engano, que é próxima do Jardim de São Lázaro, que é a escola mais próxima da nossa da nossa freguesia, do nosso endereço na freguesia do Bonfim. Tentei um processo lá também, foi um processo moroso foi um processo que eu tive que ir lá várias vezes. No final eles falarem que não tinha vaga para a série dela. Entende? Isso foi antes de ela chegar isso. Tudo isso foi antes dela chegar. Eu comecei esse processo e olhar as escolas desde maio. Desde maio isso. Então assim, com a pandemia, então, tinha horários que eu ia e que não funcionava, tinha horários que falavam que eu tinha que ligar, o telefone ninguém atendia, então aquelas coisas pandemia que eu acho que também não é só a pandemia, é uma questão também de uma falta de organização mesmo do sistema, enfim.

Speaker 1: E como você chegou nesse agrupamento.

Speaker 2: Só cheguei no agrupamento porque eu fui na junta de freguesia porque fui resolver uma outra questão. Eu precisava do meu do meu atestado de freguesia porque eu morava noutra lugar, para atestado de morada da Junta de Freguesia daqui para poder levar para a Universidade do Porto para efetivar a minha matrícula. E para as questões do SEF que também é uma outra complicação, se caso Fátima quiser saber depois posso informar que é um processo muito complicado né.

Speaker 1: Eu sei, eu passei por tudo isso

Speaker 2: É, eu ainda estou passando, já tem um ano e meio que eu estou aqui e não tenho nem o meu primeiro cartão cidadão, isso também já dificulta, já que eu sou o responsável educacional. Então são todas questões que vão atravancando, não prejudicando só a mim, mas prejudicando também a minha filha por causa de determinadas documentações que eu preciso ter e que o sistema não está me permitindo tirar. Estou estudando, estou matriculado regularmente, mas não consigo fazer uma marcação no SEF sem ter um contrato de trabalho então é um complicador, mas voltando estão à questão da escola, eu fui na junta de freguesia e uma senhora na junta de freguesia me informou que essa questão de conseguir escola era junto ao agrupamento e aí ela falou que o agrupamento ficava onde é que ficava e aí eu fui novamente e comecei esse processo a tentar uma vaga para o sétimo ano da minha filha.

Speaker 1: A escola onde você foi primeira era de outro agrupamento?

Speaker 2: Não. A escola que fui primeiro era uma escola particular.

Speaker 1: Ah bom!

Speaker 2: Mas era uma escola particular da qual eu acho que a mensalidade é muito baixa porque a minha preocupação era a distância.

Speaker 1: Ok. Mas as escolas ali estão bem próximas, a do Bonfim ali ...

Speaker 2: Sim, sim, é porque eu não desconhecia a escola, eu confesso

Speaker 1: Ela está escondida...

Speaker 2: Ela está muito escondida e as escolas todas que eu pesquisei só ofereciam só até o quarto ano ou não oferecia a sétima série, o sétimo ano então eu fiquei ... a única que eu consegui mais próximo disso foi duas particulares sendo que uma eu ia tentar bolsa, mas devido eu não ter contrato de trabalho não tem como ter o NIS e pleitear uma bolsa pra ela então assim já descartei de pronto, que foi o Colégio Salesiano, que também é próximo aqui de casa

Speaker 1: Ok. Deixa eu te perguntar uma coisa.

Speaker 2: Diga.

Speaker 1: Você considera que houve por parte de quem recebeu você pela primeira vez que você chegou pra procurar a vaga para sua filha, preocupações no sentido de te orientar sobre o funcionamento do sistema educacional em Portugal.

Speaker 2: Eu fui na junta de freguesia e uma senhora na junta de freguesia me informou que essa questão de conseguir escola era junto ao agrupamento e aí ela falou que o agrupamento

ficava onde é que ficava e aí eu fui novamente e comecei esse processo a tentar uma vaga para o sétimo ano

Speaker 1: Um chinês

Speaker 2: Um chinês, inclusive um chinês tem dificuldades culturais, assim, de falar baixo, de não aceitar o toque, tem várias coisas que eu já ouvi falar que os alunos passam essa dificuldade de entrosamento nas escolas. É uma outra formação. Não se toca uma pessoa se ela não te deu autorização. Aqui tem outros costumes e outras, né, barreiras culturais que é necessário entender...

Speaker 1: Bom, se ninguém lhe explicou, você também não recebeu nenhum material explicativo, recebeu algum material escrito?

Speaker 2: Não. Ah! Só no meio do processo que teve uma tentativa que foi uma tentativa mais proforma do que efetiva de tentar matricula-la antes dela conseguir o NIF, que tinha algumas solicitações de documentos nessa chama ficha de transferências. Depois eu fiquei sabendo que nem era legal a funcionária ter proposto isso. Foi a maior confusão que foi... depois que eu consegui o NIF, aí eu pude chegar e falar sobre essas coisas, mas, pelo contrário, deram informações erradas, que me deram a falsa ilusão que eu ia conseguir a vaga e o processo realmente é um processo que é eletrônico.

Speaker 1: Isso é no Agrupamento

Speaker 2: Isso tudo é no agrupamento, na escola eu não tive ...

Speaker 1: É, porque você só vai depois que está efetivada a matrícula.

Speaker 2: Nenhum problema, se eu pudesse até tinha proposto para eles se eu pudesse chegar direto na escola. Mas não posso. E aí eu impedimento todo porque é tudo um sistema eletrônico. Eu não tendo determinado o número que é o número do NIF da minha filha, até ter esse número... tanto é que eu saí das Finanças e fui direto pro Agrupamento pra poder conseguir fazer essa efetivação e mesmo assim demoraram mais duas semanas para me dar uma resposta. Aí fui mandando e-mail, fui mandando e-mail pro Diretor do Agrupamento e fui e falei - eu conheço pessoas, eu vou divulgar essa situação, que eu não posso ficar passando por isso. E é aí que teve esse desenrolar, um belo dia, depois de duas semanas de insistência, depois do NIF, que conseguimos a vaga.

Speaker 1: Você tem conhecimento de algum programa desenvolvido pela escola para receber pais de imigrantes que visitam o agrupamento no caso pela primeira vez?

Speaker 2: Ó, a escola ... o contato com a escola, o primeiro, como havia referido, foi com o professor Ruy

Speaker 1: Não, tô falando lá no Agrupamento, no primeiro contato.

Speaker 2: Não, não...

Speaker 1: Tem alguém pra receber

Speaker 2: Não, não...

Speaker 1: Não? Que fala...

Speaker 2: Ficamos numa fila e aí quando foi a nossa vez a senhora ainda encrencou porque estava eu minha filha e a mãe da minha filha, ela achou que não poderia receber 3 pessoas e a menina tinha que sair ou que a mãe tinha que saí. Eu falei assim - ela aguarda ali fora, né, mas eu acho que nós estamos no mesmo lugar, a mãe precisa participar. Então, aquela coisa do educador... eu não sei se eu posso entrar porque eu acho que estou tão dentro do curso de violências... eu acho que é uma misoginia muito clara, portuguesa, assim ... de sempre ah! o homem responde pelas questões burocráticas ou se não tiver uma figura masculina o tratamento para pra mulher é outro né. Enfim, eu não sei, Fatima, algumas coisas eu estranho um pouco;

Speaker 1: Bom, no processo de matrícula, quais foram os documentos exigidos?

Speaker 2: Processo de matrícula, como eu disse não foi claro, a exigência de todos os documentos de uma vez só. A cada volta eles exigiam um documento diferente. Então eu fui a primeira vez, me falaram que eu não poderia fazer a matrícula porque ela não tinha NIF; a

segunda vez que eu precisava ah! e não pude iniciar, por exemplo, deixar alguns documentos já para começar a adiantar, por exemplo, como precisa de uma equivalência do histórico, não pude deixar o histórico pra já começar esse processo; tinha que ser todos os documentos uma vez. Enfim voltei depois que as meninas chegaram aqui em Portugal, fui com elas lá para o agrupamento aí precisava do histórico escolar que ela já tinha eu já estava com ele desde um tempo, para iniciar a equivalência, pra poder saber pra que série ela ia ficar. Então essa foi a primeira ida, aí mandaram um e-mail pra mim falando que precisava do meu telefone sendo que eu já tinha deixado o telefone; precisava de determinados documentos meus, telefone... deixa eu lembrar que é importante isso. Eu tenho o e-mail disso falando, precisava do NIS da mãe, aliás, do NIF da mãe, do NIF da minha filha, porque é assim, o NIF não sai na hora, você tem que marcar através de um responsável português você consegue marcar nas finanças, então isso demora, demorou, 20 dias. 20 dias para poder marcar o NIF. E nesse tempo ela está perdendo aula, estava perdendo aula. Então assim, os documentos foram primeiro, o NIF, segundo o histórico, depois teve mais um impedimento que eu esqueci...

Speaker 1: Atestado de residência?

Speaker 2: Atestado de residência, passaporte, cópias de passaporte e o último agora depois que ela já estava estudando que pediram, falaram que ela precisava das vacinas. Isso não foi falado no início, no primeiro dia.

Speaker 1: Tá bom, então vamos seguir.... Houve algum processo seletivo para conseguir a vaga?

Speaker 2: Bom... os critérios que eles usaram eu não sei...teve equivalência do currículo, né...acho que este é um critério...

Speaker 1: Não, é assim... teve algum processo seletivo que você notou?

Speaker 2: Bom, é um fato curioso que ao mesmo tempo ... talvez a Fátima vai estudar sobre todos os imigrantes desta escola, não é?

Speaker 1: Dos 7^{os} 8^{os} e 9^{os} anos

Speaker 2: Talvez a Fátima vai ter contato com a (fulana) que é uma outra aluna brasileira que foi com quem a gente teve um contato, eu já os conhecia devido o pai da (fulana) ser colega do meu companheiro no trabalho. E aí ele já tinha me falado umas coisas da escola que era ... A filha dele, por exemplo, pleiteou pra uma determinada... acho que o processo seletivo foi dificultado por causa disso, nesse ponto, né. O espanhol ... três possibilidades fora o inglês, espanhol, alemão e francês ... então isso teve um processo seletivo que eu não sei qual é. Porque a minha filha já teve espanhol lá no Brasil e francês ela não teve. E aí eu falei que ele gostava que ela estudasse francês, mesmo porque a base toda educacional portuguesa é toda francesa. Basicamente os maiores pensadores, os principais são todos de Paris...

Speaker 1: Ingleses também...

Speaker 2: É, mas a base, pelo menos na Universidade do Porto, é praticamente toda francesa, enfim, mas podemos discutir sobre isso depois.... Eu gostava muito que ela estudasse francês porque o espanhol ela já tinha estudado, então eu acho que se teve algum critério de seleção foi aí.

Speaker 1: Mas não para a vaga...

Speaker 2: Pra vaga, pra estudar na qual 7^a série ela ia.

Speaker 1: Como assim?

Speaker 2: São duas turmas de sétimo ano

Speaker 1: Ah! tá...

Speaker 2: Uma eu acho que eles priorizam os alunos indo pro Espanhol e a outra indo pro Francês... acho que é isso.

Speaker 1: Ah! Entendi.

Speaker 2: Mas aí eu não sei os critérios que eles usaram.

Speaker 1: Mas não é nenhum processo seletivo pra entrar...

Speaker 2: Não, não, acho que não. Acho que não teve não, acho que tinha vaga.

Speaker 1: Então tinha a vaga no agrupamento

Speaker 2: É, a princípio sim.

Speaker 1: Bom, a escola faz avaliação dos conhecimentos prévios dos alunos imigrantes para alocá-los no ciclo/ano adequado. Você tem conhecimento desta avaliação e de como ela foi feita?

Speaker 2: Você fala do Agrupamento?

Speaker 1: É, existe uma avaliação...

Speaker 2: Essa adequação de currículo

Speaker 1: Isso...

Speaker 2: Essa adequação de currículo eu desconheço porque assim a minha filha, ela tinha plena capacidade de continuar na série que ela estava que era o oitavo ano. Eu não questionei porque, primeiro, a gente precisava da vaga, ela já estava perdendo mais de um mês de aula, praticamente...

Speaker 1: Ela foi colocada no mesmo ano?

Speaker 2: Não, ela foi colocada um ano anterior. Ela já estava cursando o oitavo ano no Brasil. Interrompeu para vir para cá e teve que voltar pelo sétimo ano. Eu não sei se isso terá alguma consequência formal, no futuro, pra ela...

Speaker 1: Acho que não...

Speaker 2: Eu não sei se tem alguma coisa no mercado de trabalho, alguma coisa assim para aceder a outras universidades, enfim, não sei, isso eu desconheço

Speaker 1: Eu também

Speaker 2: Vou procurar saber. Mas, ela fala que a matéria é o que ela já estava vendo, né, até a parte de história que eu tinha mais medo, por causa da história muito com detalhe da situação portuguesa, então era que eu tinha mais medo. Ela relata apenas a dificuldade com o português. Português pra ela é o mais complicado porque é muito mais as palavras são muito mais elaboradas, a forma de falar da professora ela não entende.

Speaker 1: Você sabe quem fez a avaliação dela?

Speaker 2: Não, não faço ideia. Nem sei os critérios...

Speaker 1: Não sabe os critérios...

Speaker 2: Inclusive até do meu ingresso na faculdade, na Universidade do Porto, eu também não faço ideia dos critérios...

Speaker 1: Ok.

Speaker 2: Não faço ideia dos critérios.

Speaker 1: Não, não, mas lá tinha uma nota, não tinha? Era trabalho, artigos publicados...

Speaker 2: Sim, sim. Tinha esses indicadores, mas eu não sei em que eu pontuei.

Speaker 1: É, pois, passando agora desses aspectos mais burocráticos, vamos falar de aspectos mais culturais. Então, eu gostaria de saber o idioma que se fala em casa com a sua filha, que imagino que seja o Português...

Speaker 2: Português do Brasil

Speaker 1: Ou Baianês

Speaker 2: Ou Minerês também, eu acho mais minerês do que ... rs... mais o minerês, até a mãe dela que é baiana...

Speaker 1: Já fala mineiro, já fala minerês...

Speaker 2: Ah é, ela já está em Minas muitos anos

Speaker 1: Existem em alguns locais em Portugal, não sei se você tem conhecimento, gostaria de lhe perguntar se você tem conhecimento de algum lugar em que seja dado cursos de idioma falado pelos imigrantes na escola, em horários alternativos. Em alguns Conselhos, isso eu

desconhecia.... Eu já sei que aí não existe. A minha pergunta era saber se no agrupamento havia essa oferta, mas eu já falei com muita gente, já sei que não há.

Speaker 2: Eu desconheço.

Speaker 1: Então, por exemplo, em Viana do Castelo, uma pessoa me reporta que existe um curso de mandarim, porque tem uma presença importante de alunos chineses, né.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Então ia lhe perguntar se você considera que este tipo de aprendizado pode interessar também a outros alunos, né, aprender uma língua que não seja essas do currículo...

Speaker 2: Eu acho que é muito importante, eu esbarro muito nessa questão da língua, principalmente quando eu estou estudando e vejo, por exemplo, um artigo mal traduzido ou escassez também de traduções sobre determinados autores que eu quero ter o contato. O meu interesse pra minha filha estudar o Francês foi porque, ela já tem uma facilidade com o espanhol, tem uma facilidade com o inglês, acho que seria interessante ela tentar uma dificuldade em outra língua, no caso o Francês que ela tem uma identificação. Então, assim, eu acho essencial essa oferta, mas eu confesso que eu desconhecia essa possibilidade, principalmente se for gratuita, para os alunos. Mas acho essencial, principalmente pra quebrar diversos paradigmas que não é simplesmente o bloqueio da língua, é a questão cultural mesmo.

Speaker 1: Ok. Você considera que existem preocupações por parte da escola, dessa escola né, e dos professores de que os alunos aprendam a respeito da cultura brasileira, por exemplo? Da cultura do país de onde vem a sua filha, da cultura brasileira.

Speaker 2: Ô Fatima, eu ainda não tive essa conversa com a minha filha, assim, porque ela está há muito pouco tempo na escola e ela é uma menina muito fechada. Então, assim, pra acessar realmente o que ela está pensando é mais complicado. É adolescente, então, aquela dificuldade. Eu sei que, de uma forma geral, os brasileiros ... têm muito brasileiro, né? Então, como tem muito brasileiro, a cultura acaba... o português assistiu muita novela brasileira, não é tão estranho como ter um indiano na sala, ou como ter um chinês na sala, porque é realmente difícil a comunicação. Eu acompanhei ... um filho de uma amiga minha estudou numa escola particular aqui do Porto, que é uma escola bilíngue, então eu tive a oportunidade de acompanhar algumas reuniões de pais e tal... então tinham pais de toda parte do mundo, então aí eu vi uma preocupação maior em abarcar essas diferenças, principalmente porque era uma escola particular e tal. Agora, como eu acho que a cultura brasileira está muito mesclada à cultura portuguesa em 'n' aspectos, eu acho que não tem muita essa formalidade de... não sei... eu vejo o português, alguns né, sempre muito aberto pra cultura brasileira. Não vejo problema não. Lógico que tem os problemas estruturais de machismo estrutural, de xenofobia

Speaker 1: A minha pergunta era mais pra saber se a aula, né, a escola e os professores contemplam essa preocupação com a cultura de quem tá chegando.

Speaker 2: Bom, eu passei o olhar pelos livros e não vi nada direcionado à cultura brasileira. Então ..., mas também não sei se é por causa da série, aí também essas coisas eu precisava conversar com ela. Realmente, eu tenho uma ignorância nesse aspecto.

Speaker 1: Pode ser que isso seja objetivo de uma atividade ou de uma disciplina específica, mas você ainda não... eu acho que é a questão do tempo mesmo, não é? Que ela tá na escola há pouco tempo e você não ficou por dentro de nada disso por enquanto, não é isso?

Speaker 2 Com relação...

Speaker 1: A essa questão cultural, de abordar a cultura de outros ...

Speaker 2: Com relação à escola, eu e a minha filha, nós temos conversas sobre a questão do conteúdo mesmo. O conteúdo, eu falo, tô tendo dificuldade com físico-química; estou tendo dificuldade de matemática. Ah pai, tenho destaque na educação visual, por exemplo, ela desenha super bem educação visual desenhos super bem, a professora reconheceu, incentiva, tanto é que um dos conceitos maiores que ela tem na avaliação. Foi agora acho que foi bimestral,

se não me engano, ela teve maior pontuação, porque ela domina e então ela teve incentivo com a professora, a professora de português em determinados aspectos também incentivou, então, assim, acredito que isso seja uma forma de acolhimento. Agora, formalmente, estruturalmente na matéria isso ainda confesso que ainda não tive tempo para poder discutir com ela sobre isso.

Speaker 1: E aí? Você acha que ela teve alguma oportunidade nesse período que ela tá lá de participar de atividades dentro ou fora da escola cuja preocupação é aprender sobre outras culturas?

Speaker 2: Bom, ela tá vendo História ... ela está vendo sobre cultura egípcia, cultura grega, mas é do conteúdo de história, não é? Então eu não sei se isso é bem o que a Fátima tá buscando.

Speaker 1: Que eu quero saber, né? Então...

Speaker 2: Não sei se é exatamente isso a matéria. Rs...

Speaker 1: Você considera que nessa escola a diversidade cultural é apreciada ou é um problema?

Speaker 2: Também é uma questão complicada, se eu olhar pelo olhar de um brasileiro. Porque como é muito próximo, a língua é próxima, ela não esbarra em questões, por exemplo, ainda não esbarrou em questões mais específicas de xenofobia, ela não esbarrou em questões disso, mas é muito, é muito leviano eu falar isso generalizando, porque eu nem sei se ela tem colegas, ela nunca me relatou isso, se ela tem colegas de outras nacionalidades. Então acredito que existam, mas ela nunca reparou. Eu já fui buscar a minha filha algumas vezes e vi alguns alguns diálogos, eu não consegui identificar se eram indianos... são parecidos, ainda não eu não consigo identificar se eram árabes ou indianos são parecidos, eu não consigo identificar turcos e árabes e indianos, não consigo, me faz muita confusão. Até fisicamente. Então, apesar que eu tive contato com um indiano que o meu marido, ele trabalhava num restaurante que tinha funcionários indianos, e eu me aproximei, ia lá buscar ele e tal e acabei começando e tal, mas mesmo assim, fisicamente, eles são parecidos e alguns são bem parecidos com indianos, se não usassem turbantes eu não ia saber...

Speaker 2: Rs. Diz uma coisa pra mim. A pergunta que está aqui exatamente é a seguinte. Você pode dizer que nessa escola há situações nas quais o preconceito tem alguma evidência?

Speaker 1: Preconceito por ser imigrante não sei, não posso te afirmar isso que eu não vi e não ouvi nenhum relato nesse pouco tempo que a minha filha está. Volto a afirmar que é pouquíssimo tempo que ela está tendo aula.

Speaker 1: Eu imaginei.

Speaker 2: Agora, questão de machismo, isso ela já relatou várias vezes. O machismo sim. Com relação à misoginia, sim. Que parte dos alunos, os alunos são agressivos, os alunos tocam nas meninas sem consentimento, então, nunca fizeram nada com ela, mas ela já presenciou. E isso realmente me assusta. Porque eu trabalhei na restauração, aqui, uma época e vi que há uma questão da violência no namoro, violência contra mulher, que é estrutural aqui e que é muito forte como é a estrutura do racismo, apesar de que não é admitido, mas, enfim. Então como ela não tem a pele negra, como ela não é de uma outra nacionalidade, ela ainda não passou por isso.

Speaker 1: OK.

Speaker 2: E ainda não me relatou que tenha acontecido algo a respeito na escola.

Speaker 1: Então não houve alguma situação envolvendo ela você ou outra pessoa ...

Speaker 2: Na escola, não.

Speaker 1: Bom, passamos o segundo bloco, tá suave, né?

Speaker 2: Tá ótimo, tá ótimo, tô adorando.

Speaker 1: Aí nós vamos para o 3º bloco que fala da relação da sua filha com a escola. Então eu queria saber, na sua opinião, se os professores - ou na opinião dela, o que ela relata, o que você tem ouvido dela - se os professores desta escola são bons para ensinar alunos que vêm de fora, que vêm de outro país.

Speaker 2: Tirando uma professora específica, a professora... eu vou falar porque

Speaker 1: Eu vou manter sigilo

Speaker 2: A professora de Português que ela teve, que ela sentiu, mas não foi para ela especificamente, ela é agressiva mesmo, é uma mulher que o posicionamento dela é de uma agressividade assim é constante, não é? A minha filha já me relatou mais de uma vez, tirando essa professora, o restante, todos os professores ela está conseguindo acompanhar. Como eu disse a dificuldade para ela é muito maior no entendimento da língua, de determinadas expressões, determinados termos que o norte tem determinadas elisões que dificultam demais o entendimento

Speaker 1: D'alma, d'ouro

Speaker 2: D'alma, Ai'ela, colocar um 'i' onde não existe, colocar a 'pischina' até que se entende que 'pischina' é piscina, você já tá em outro parágrafo.

Speaker 1: Rs.

Speaker 2: Então é 'maixcinco' até você saber que 'maixinco' não é um substantivo, é um número...

Speaker 1: Rs...somado

Speaker 2: É um número somado com artigo, então é complicado para ela. Isso eu já passei por isso também eu sei o que ela está falando ...

Speaker 1: Eu também, nossa!

Speaker 2: Rs.. Tirando isso ela fala que os professores são muito... à professora de Francês ela tece elogios, à professora de história ela está entusiasmada. O meu termômetro é o entusiasmo dela com a matéria. Se ela está entusiasmada com matéria é porque ela está percebendo bem a matéria. A única questão de comportamento que ela citou foi a professora de Português que tem comportamento agressivo.

Speaker 1: Porque é que ela não seria boa, essa professora de português

Speaker 2: Porque ela, por exemplo, ela cobra provas, por exemplo, os alunos não... esse é o critério da minha filha, ok? Por exemplo, dois, três alunos ... a minha filha fala que são quatro, aliás, os quatro cavaleiros do apocalipse. Por causa de quatro alunos que sempre dão problemas... sempre está recorrente em todas as matérias, o mau comportamento deles, a professora deu uma prova surpresa... então vocês vão fazer uma prova agora! Então isso, esse comportamento reativo e tal, a minha filha... porque prá ela não é justo, né? Ela não percebe isso, uma lógica nesse castigo. Por que é que castigar uma turma inteira por causa do comportamento de quatro ...

Speaker 1: Mas não é nada específico com o fato dela dela ser imigrante, não é? Isso foi uma...

Speaker 2: Então eu vou falar de uma violência simbólica, então. Se você tem um aluno que tem uma dificuldade muito grande no português, em palavras específicas, em textos específicos, eu acho que, como professor, acho que deveria ter um direcionamento maior na questão das leituras, por exemplo. Ela foi cobrada de ler mais, porque ela tem pouca interpretação de texto, mas eu falo - calma que os termos aqui são diferentes, palavras que você não está acostumada a usar no Brasil. Então, com relação a isso acho que a professora sim, ela poderia ser um pouco mais atenciosa com relação ao brasileiro. Não posso falar de outras línguas né de outros casos outras nacionalidades...

Speaker 1: Nem é isso que eu estou lhe questionando.

Speaker 2: É a questão que eu acho que precisaria de um acompanhamento maior, até da indicação de livros, eu, pelo menos, eu não faço ideia de quais são os clássicos portugueses que os alunos precisam ter lido nessa idade, como é, por exemplo sei lá, no Brasil Dom Casmurro, O Guarani, esses livros eu não faço ideia e em momento algum foi indicado. Lógico, também, que a minha filha está vendo de um, como se diz, o bonde andando, né? Ela já está no 7º ano. Talvez essa insensibilidade, ela advém disso, pressupõe que os alunos todos têm que já está no

nível do sétimo ano e aí é uma coisa estrutural que tem que pressionar de uma forma... se a escola realmente ela está preparada para os alunos que vem de fora

Speaker 1: E você considera que as oportunidades que os alunos imigrantes têm são as mesmas que os alunos portugueses têm de participar das atividades?

Speaker 2: Não, não. Você tem uma dificuldade com a língua, como é que você se expressa? Isso é estrutural, isso é.... eu não consigo falar conjugando da forma por exemplo sempre na segunda pessoa...

Speaker 1: O 'tu'

Speaker 2: O 'tu', não é? no caso. Então ela vai ter muita dificuldade... eu já ouvi falar, já ouvi, por exemplo, falar que o 'você' é ofensivo; para algumas pessoas, principalmente para as pessoas mais velhas. Então são muitos cuidados, é um pisar de ovos, né? pisar em ovos que isso mesmo que inconsciente ela sente. Ela nunca vai levantar e falar assim -Eu sei esta questão! Porque ela nem sabe se é permitido ela ter algum destaque, né? acho que também tem um pouco isso, fica um pouco também...

Speaker 1: Vai também do estilo da pessoa, né? Cada pessoa tem um ...

Speaker 2: Vou falar, por exemplo, de uma situação particular dessa semana. Minha filha tem um chapéu, uma boinazinha bonitinha assim que ela tem e, ela resolveu ir com ele, tava frio, ela falou assim - Meu cabelo não está bom, vou com ele. Foi assim, a turma toda - Nossa, está parecendo uma velha - Ah! Não, tira isso aí. Então assim, ela foi diferente, então acho que essa questão é, pra quem é de fora, já é uma questão que você já está tímido, então você se recolhe mais ainda.

Speaker 1: Mas isso por parte dos alunos, não dos professores...

Speaker 2: Sim, dos alunos.

Speaker 1: É, você vai falando e eu vou ligando outras coisas que já ouvi em outras entrevistas

Speaker 2: Claro, imagino.

Speaker 1: Mas eu não posso comentar agora com você, entendeu?

Speaker 2: Com certeza não, mas eu faço ideia. Eu sou educador também...a gente escuta vários casos que depois começam a fazer sentido.

Speaker 1: Você considera que, com a sua observação, né, do que você pode observar dessa escola que nela existe tudo -tudo é muita coisa, não é? Mas, existe o suficiente do que as crianças imigrantes necessitam para aprender ou tá faltando alguma coisa?

Speaker 2: É uma pergunta que eu não tenho como te responder agora, porque tem tantas necessidades, que elas precisam ser sanadas nesse momento que isso é ainda muito abstrato é muito abstrato. Primeiro que eu tenho que entender a trajetória da minha filha; como é que ela vai ... se tem alguma coisa que eu possa achar que é barreira para ela, futuramente vai ser -como é que é tem uma expressão brasileira para isso- ela vai resolver com o pé nas costas, com as mãos nas costas, esqueci o nome da expressão - mas que ela vai resolver com muita facilidade ou pode ser que mais para frente, igual ao que eu falo, por exemplo, ela regrediu um ano. Eu não sei que consequências isso pode ter futuramente na questão idade... porque no Brasil tem isso, né? Idade de ingresso na escola. Não sei se vai ter alguma, mas igual eu falo, isso é muito abstrato, uma questão muito abstrata nesse momento....

Speaker 1: É.... na verdade é mais uma tentativa de tentar perceber o que favorece e o que é inibe essa integração, entendeu?

Speaker 2: O que favorece? Posso ser sincero? Porque eu pisei aqui pensando que eu não queria ficar em Portugal, queria ficar na Europa. Então acho que se você entra num contexto europeu, você precisa aprender outras línguas. Então a escola favorece no sentido do aprendizado do inglês e do francês; isso acho que é um ponto positivo. A escola, por exemplo, oferece educação física com o livro que eu acho que isso é um contexto que no Brasil não tem, ou não com essa

riqueza, têm determinadas disciplinas que eu acho que elas têm uma abordagem mais completa. Então eu acho que isso pode favorecer sim. Não sei se é essa a pergunta de Fátima...

Speaker 1: É, na verdade estou tentando compreender os pontos fortes e os pontos fracos dessa escola...

Speaker 2: Ponto forte é estudar o dia inteiro, eu acho que é um ponto forte, porque eu acho que ela está, no que ela pode fazer de transformação, ela está sendo valorizada, então ela está tendo a oportunidade de estudar; um ponto forte de ser um material gratuito isso assim eu agradeço a Deus todos os dias

Speaker 1: Eu que o diga...

Speaker 2: Então isso, assim, faz muita diferença você ter uma equipa que acolhe igual a minha filha foi acolhida, como foi por causa do professor X, então a professora que incentivou ... eu pego nas pequenas demonstrações do dia-a-dia. Acho que a estrutura da escola só faz diferença pelo material humano. Se tem um material humano de qualidade, com certeza vai ser favorável pra ela.

Speaker 1: É essa sua percepção, que assim, eles são...

Speaker 2: Material humano faz a diferença, eu acho.

Speaker 1: Você considera que a escola tem feito esforços para se aproximar dos alunos e dos pais imigrantes?

Speaker 2: O professor X mencionou a questão de uma primeira reunião de pais que vai ter e aí eu acho que a partir disso eu vou poder ver se tem algum tratamento diferente, mas eu acho que não sou muito termômetro, que eu já sou falastrão, o (?) articulado eu fico sempre observando coisas, vou conversar... a maioria dos pais não são assim, né. A maioria dos pais são desligados, a não ser que aconteça algum problema, aí que o pai vai tomar partido, então, assim, eu não sou muito típico, né, então, não sei se isso vai ser....

Speaker 1: Ainda não houve nenhuma reunião?

Speaker 2: uma exceção na sua pesquisa.

Speaker 1: Rs... Diz uma coisa para mim. Ainda sobre a escola gostaria que você pensasse nos espaços físicos nos professores - na verdade aqui eu quero que você pense em termos ideais - espaço físico, professor, relação entre os alunos, professores- funcionário, professor-aluno, as aulas, atividades e me respondesse o que é para você uma escola boa.

Speaker 2: Escola boa? Tem muitas questões numa questão...

Speaker 1: É ideal... é uma perspectiva ideal, o que seria, né, uma escola boa?

Speaker 2: Uma escola boa é a que oferece oportunidade a todos os alunos desenvolverem o seu potencial, sua cognição, seu potencial de aprendizado, ensino-aprendizagem, de uma forma sem sentir a pressão das avaliações o que essa pressão não seja maior do que a vontade de aprender. É uma escola que tenha ... que ela esteja conectada com os problemas atuais, pandemia, questão da xenofobia, questão do machismo, questão da violência contra gênero, contra os lgbs, então que ela esteja pelo menos atenta a estas questão, não sei se de forma a mudá-las de alguma forma, mas que ela esteja atenta que isso acontece e que isso pode acontecer na escola, e o ideal seria que não fosse uma escola só para remediar casos de alunos bagunceiros, de alunos ... que também desse oportunidade para os que têm talento ou os que têm determinada desenvoltura em determinada matéria que eles possam cada vez mais ter acesso à informação e poder desenvolver esse talento ou desenvolver essas capacidades. Como é no Brasil, às vezes eu vejo muito o discurso muito focado em tentar resolver só o problema dos alunos destoantes de comportamento, viu? Não estou falando na questão do desempenho, estou falando em questão do comportamento. Então acho que a escola ideal, ou pelo menos uma boa escola, que consegue colocar numa balança esses alunos que têm comportamento não tão bom, mas que consiga também valorizar os que têm o comportamento esperado. Nos espaços da escola, a

única ressalva que eu tenho é o acesso à biblioteca que ela não conseguiu ter o acesso até hoje. Isso me preocupa.

Speaker 1: Até eu já fui naquela biblioteca...

Speaker 2: É, todos os horários que ela vai lá está fechada.

Speaker 1: Diz uma coisa pra mim... E essa escola ideal quanto aos professores, como é?

Speaker 2: Uma escola ideal quanto aos professores, são professores que conseguem perceber as diferenças, que conseguem dar oportunidade para os alunos desenvolverem suas potencialidades, cada qual na sua trajetória... eu sei que nem sempre é possível, mas tentar propiciar isso de alguma forma, pelo menos estar sensível a estas diferenças.

Speaker 1: E na relação com os alunos?

Speaker 2: Então, tem várias questões que a escola, ela precisa tomar partido, né. Então vamos falar da questão da cidadania, por exemplo. A Educação pra Cidadania teve um problema acho que numa escola em que os pais resolveram tirar dois alunos da frequência na escola porque dentro da 'Cidadania' se falava da questão orientação sexual e ...

Speaker 1: De gênero...

Speaker 2: De gênero, não é? E, então assim, essas questões elas acabam ficando por terra... o que é que a escola está fazendo com relação aos casos de racismo que aconteceram recentemente em Portugal, inclusive com perda de vida, o que é que a escola está fazendo? o que é que a escola está fazendo com relação aos casos de racismo que aconteceram recentemente em Portugal, inclusive com perda de vida, o que é que a escola está fazendo com relação ao número - hoje é o dia de combate à violência a mulher em Portugal, o que é que a escola está fazendo em relação a isso, então o ideal seria essas oportunidades, eu sei que tem uma Eu sei que tem uma disciplina sobre Cidadania, mas que essas disciplinas se debruçassem sobre estes temas pra conversar isso com os alunos. Porque se deixar sempre pros alunos resolverem as questões deles com eles mesmos, os imigrantes, com certeza, eles já estão saindo perdendo porque já não têm poder de decisão, já vão se sentir acuados, se for pensar nessa coisa da diferença. Então acho que cabe um posicionamento das escolas, ou de um sistema macro, do governo, das instituições de ensino alinhadas desde a universidade, o que pode ser feito pra esses processos... eu sei que tem alguns projetos em escolas para poder trabalhar sobre isso, mas por enquanto eu não ouvi falar nenhum na escola da minha filha. Não sei se eu fui claro...

Speaker 1: Foi.... Mais uma pergunta ainda sobre essa escola ideal...

Speaker 2: Claro. Hum Hum...

Speaker 1: E na forma do professor dar aula ...

Speaker 2: Bom, numa análise foucaultniana tem que saber desse discurso, o que é que esse discurso da prática, né, o que está sendo omitido nesse discurso, o que é que é ser um professor ideal, não é, que conteúdo que deva ser passado, é uma discussão muito mais ampla do que simplesmente o trabalho do professor em sala de aula.

Speaker 1: Estou tentando ver mais a forma da aula, como deve ser a aula...

Speaker 2: Mas então, por exemplo, se falamos, de novo, numa análise foucaultniana

Speaker 1: Foucaultiana

Speaker 2: Foucaultiana, desculpe, foucaultniana não foucaultiana, ok desculpa, perdão, foucaultiana, dos recortes de história, não vejo muito sentido gastar tanto tempo em Monarquias ou a forma, por exemplo, de apresentar os negros nos livros de história, então os conteúdos precisam ser revistos. Eu acho que isto também é muito mais amplo do que o papel do professor. E até isso também é complicado pra decidir por conta própria, realizar um conteúdo em vez de outro, enfim ...

Speaker 1: Só Paulo Freire, né?

Speaker 2: Só Paulo Freire na causa, como se diz.

Speaker 1: Ham Ham. Querido, é o seguinte, vamos agora passar dessa escola que é ideal para essa escola onde a sua filha está...

Speaker 2: Possível, a escola possível.

Speaker 1: Pra você essa é uma boa escola?

Speaker 2: É uma boa escola. É uma boa escola porque o material humano ele aparece mais do que os livros...

Speaker 1: Marido trouxe café.

Speaker 2: Maridão, Parabéns pro maridão, sempre apoiando. É isso aí, o meu não chegou ainda, então, mas assim que ele chegar vou pedir café pra ele....

Speaker 1: Bom, então é uma boa escola por causa do material humano, não é?

Speaker 2: O material humano ele sobrepõe a questão só dos livros dos conteúdos, acredito né, isso é igual eu tô falando é uma, é uma...

Speaker 1: É uma opinião ainda recente...

Speaker 2: Uma análise de um mês e pouco, pode ser que eu mude de ideia ou pode ser que as coisas encaminhem pra outras questões.

Speaker 1: Bom, passamos para mais um tópico, ultrapassamos essa que era mais ou menos tentar perceber qual é a função da escola para você, né. E eu queria falar agora dos relacionamentos do seu filho dentro e fora da escola

Speaker 2: Da minha filha.

Speaker 1: Perdão, da sua filha. Faça isso com todos viu, troco toda hora.

Speaker 2: Não há problema, foucaultiano também...

Speaker 1: É porque eu sou uma pessoa muito desatenta à questão de gênero, e ponho na minha pergunta filho, filho, filho, filho...

Speaker 2: Imagino, sim, imagino...

Speaker 1: Foi fácil pra ela chegar na escola e fazer novas amizade?

Speaker 2: Não, não, mas é da índole dela também. Ela é introspectiva, ela se questiona, ela tem problemas de autoestima, mas isso é desde lá no Brasil

Speaker 1: Mas isso é adolescência...

Speaker 2: Desde pequena, sempre. Mas ela nunca teve dificuldade com nenhuma escola. Não quanto às relações, ela sempre teve amiguinhas, sempre teve a turminha dela

Speaker 1: Mas não é muito fácil, né?

Speaker 2: Sempre o início de ano para ela é muito complicado porque ela sempre parece que ela volta... os fantasmas voltam sempre no início do ano - Ah! Não vou dar conta... eu acho que é comum pra todo ser humano. Mas ela me relata sempre ... como já acompanho ela, o estudo dela desde quando ela era né, do maternal, então eu sento e escuto essas inseguranças, algumas coisas eu relevo, outras coisas realmente acontecem. O que eu teria mais medo é que ela não conseguisse se relacionar com as colegas portuguesas, mas ela já conversou com um, com outro, mas ela está tendo dificuldade porque ela é uma pessoa introspectiva.

Speaker 2: E que tipo de dificuldade ela sentiu, que você notou...

Speaker 1: A dificuldade ... primeiro que ela como ... não sei se é com todo adolescente..., mas ela cria uma expectativa muito grande do que é que vai acontecer...

Speaker 1: Certo...

Speaker 2: Se ela vai atender essa expectativa. Então, isso para ela talvez é a barreira maior e talvez, por exemplo, tem coisas que ela já tem uma maturidade, por exemplo, eu gosto muito de reforçar as coisas que ela consegue fazer com muita propriedade que é o desenho, ela tem um ouvido musical, eu falo -Filha, tenta fazer assim as amizades a partir dessas coisas que você domina.... Então isso de fato rendeu para ela já elogio da professora de português, que a professor de português pediu até para ela ilustrar um trabalho

Speaker 1: Uau!

Speaker 2: Que ia ser coloca no mural, então ela já se sentiu valorizada, a professora de educação visual também, então nesse ponto - eu estudo com ela música sempre, quer dizer, eu falo, uma hora, sei lá, você vai usar isso numa banda, vai usar isso num trabalho, de repente é mais uma coisa que você se destaca. E, então nesse ponto acho que que ela está começando a perceber esses pontos positivos, mas é um trabalho que eu acho que até da personalidade dela mesma, como muito introspectiva, acaba o pensamento fica over né fica acima do que....

Speaker 1: Eu vou lhe pedir mais uma meia-hora, tu tens para mim?

Speaker 2: Sem problemas

Speaker 1: Porque nós conversando, já ultrapassamos uma hora. Me diz uma coisa, os colegas sentem alguma diferença por ela ser brasileira?

Speaker 2: Tem algumas curiosidades ...que são normais, assim, e tem outras que são meio clichês, assim - Ah! Lá é muito violento; Ah! Lá onde que tem prédio?; Onde você morava tem prédio, tem isso ... aí umas coisas absurdas ... -Não, eu morava numa selva.... Enfim, tô brincando, ela não responde isso não. Rs... Mas é coisa que a gente ouve, até nós que somos adultos a gente ouve perguntas absurdas com relação à realidade brasileira, mas acredito também que seja muito ...que realmente é um desconhecimento... mais por desconhecimento do que por uma intenção maldosa de comparação, né ...

Speaker 1: E na escola que nacionalidade ...pessoas de que nacionalidade ela se relaciona?

Speaker 2: Como eu disse, ela nunca relatou outras nacionalidades na escola.

Speaker 1: Portugueses, então.

Speaker 2: Ela tem uma coleguinha que a (fulana) né

Speaker 1: A (fulana) é brasileira...

Speaker 2: É, a (fulana) é brasileira e gente fez aproximação porque ela já estava na escola falei pra minha filha procura-la ...pra o que ela precisar, o que tiver de dúvida e aí, né, foi o porto seguro dela, assim, já saber que alguém, até para mim também

Speaker 1: Claro

Speaker 2: Porque pra um pai é muito complicado, num país que você desconhece as leis, um país que você desconhece, né, deixar uma filha na escola, né, então assim, não sei, podia ser uma escola muito maravilhosa, mas podia ser uma escola terrível também.

Speaker 1: Mas ela então se relaciona com....

Speaker 2: Ela tem um coleguinha mais frequente, que ela relata coisas, que é portuguesa, mas ela conversa com a minha filha também, mas elas são de salas diferentes, então por isso que tem essa, essa.... Ah! tem uma outra menina que ela não é não é brasileira, mas os pais são brasileiros, são de Curitiba ...

Speaker 1: Fulana, eu acho...

Speaker 2: Eu não lembro do nome que ela falou, só sei que ela viu um chaveiro escrito I Love Curitiba e ela falou - Ah! Você é brasileira também... - Não, eu sou portuguesa, só que meus pais são de Curitiba...

Speaker 1: Eu acho que conversei com essa mãe e aí eu tive que tirá-la do projeto porque a filha é portuguesa

Speaker 2: É sim, pois

Speaker 1: Eu disse, não tem sentido, ela foi falando e eu disse - Não é bem por aí... Bom, deixa eu perguntar. Sua filha demonstra confiança na escola, no professor, no colega?

Speaker 1: Não, ela é muito insegura.

Speaker 2: Insegura?

Speaker 1: Ela é muito insegura, mas é da natureza dela, sempre foi, ela nunca confia muito no que ela faz e a gente fala, fala, reforça

Speaker 1: Mas não é no que ela faz, é na escola, no professor, no colega...

Speaker 2: Acho que ela ainda não está nessa discussão; ela está lá ainda muito voltada para as questões dela, tenho que tirar determinada nota e é isso. Ela não questiona muito se é o professor... a não ser quando o professor é rude e aí, isso ela não admite a forma de tratamento como no caso a professora de português que foi a única que ela relatou, que ela sentiu - Não achei legal. Ah! Ela falou de uma outra professora, só que ela falou da omissão da professora. Que tinham os quatro cavaleiros do apocalipse lá, fazendo a bagunça, e era uma bagunça muito pesada, de bater na carteira, de questionar a professora de uma forma rude e a professora não tirava os meninos de sala de aula ou não levava essa questão, não resolvia, então ficava aqueles alunos fazendo bagunça e ela não conseguiu prestar atenção; não conseguiu aprender porque a professora não tomou nenhuma iniciativa.

Speaker 1: Bom, pessoas que ela gosta em especial...

Speaker 2: Da escola?

Speaker 1: Hum...

Speaker 2: Ah! Parece que ela tem uma relação bacana com professora de educação visual porque é a área dela né; a professora já chegou tecendo elogios e já falou - Nossa! Estou adoramos seus desenhos... não sei o quê, então...

Speaker 1: E algum colega?

Speaker 2: Colega? Ela tem uma essa coleguinha que é a (fulana), mas ela acha ela, como a coleguinha é um ano mais nova que ela... não tem muita conexão do papo, ela fala - Hum... tem umas coisas que ela acaba sendo mais educada do que ...

Speaker 2: Ela ainda está chegando...

Speaker 2: É, tem muito ainda para percorrer

Speaker 1: Mas ela gosta então, dos professores e dos ... salvo exceções ela gosta dos professores e dos ...

Speaker 2: Eu acho que ela gosta da escola também. Eu senti... sabe aquela coisa do 'santo bateu'? Eu acho que 'o santo bateu'; o meu santo bateu com a escola... eu acho que o santo dela também bateu, acho que foi uma coisa de uma empatia que eu espero que continue. Isso eu acho que ajuda muito no processo de aprendizagem, sabe, assim, no desenvolvimento dela na escola ... chegar e gostar, já ficar, achar um ambiente legal, sabe?

Speaker 1: E a partir daí...

Speaker 2: Se sentir à vontade na escola e se sentir né, por exemplo, a minha filha nunca teve que resolver as questões do almoço dela, essa autonomia, eu tô adorando essa autonomia. Ela está tendo que resolver as coisas; ela é que está tendo que ir lá na secretaria pra buscar informação e tal...eu falo: - Você tem que resolver, você está lá na escola o dia inteiro, papai não pode resolver isso mais.

Speaker 1: Sobre o uso da cantina, não é?

Speaker 2: Sim, ela falou - Pai, tem que ter um cartão, pai, tem isso aqui, pai, precisa assinar.... Isso pra mim eu acho que está sendo maravilhoso, assim. O fato dela ficar o dia inteiro por conta e ela está com as questões dela. Isso eu acho muito positivo na escola.

Speaker 1: Certo. E aqui eu pergunto uma situação que a fez sentir parte da escola, eu acho que você já me deu essa situação, que foi a aula... a ilustração do trabalho, não é?

Speaker 2: Isso não foi na educação visual, foi na aula também de português que teve mais peso ainda.

Speaker 1: Hum Hum...

Speaker 2: Deixa eu só pegar um negócio aqui...

Speaker 1: Então essa situação já é tipo 'tô dentro', né? Já sou parte, né?

Speaker 2: Eu acho que quando você é bem acolhido, a escola pode estar caindo aos pedaços, mas se você sente que é acolhido aquilo é seu, tem um pedacinho seu que reverbera, então acho que é maravilhoso.

Speaker 1: Você acha que a sua filha tem orgulho de ser brasileira?

Speaker 2: Sim, sim...

Speaker 1: E por que?

Speaker 2: Porque desde o início tanto eu quanto a mãe, quanto meu companheiro, talvez o meu companheiro um pouco menos, mas a gente nunca fez questão de ser outra coisa. Chegamos aqui sabendo que somos de fora e vamos tentar interações, mas nossos costumes são costumes brasileiros, dentro de casa é, né...tem coisas que a gente vê e tal, mas, às vezes, eu estou muito mais ligado e, ela também, muito mais ligada a programas, a séries americanas ou francesas ou espanholas do que Português. Não que a gente não goste, mas a gente sabe que, assim, em qualquer lugar que a gente vá, a gente não vai deixar de ser brasileiro. A gente está aqui, circunstancialmente, mas poderia estar em Berlim, poderia estar, sei lá, em Paris... Paris não, porque Paris é caro... pra morar é caro.

Speaker 1: Rs... Além da escola que lugares sua filha vai com frequência?

Speaker 2: A gente tem... aqui a rua é maravilhosa; eles fecham a rua no final de semana...

Speaker 1: Que massa!

Speaker 2: E aí ela adora andar de patins. A gente anda de patins aqui na rua, ela né, eu não, não consigo nem andar direito com sapato, quanto mais com patins.

Speaker 1: Ela tem todos os equipamentos, né, porque minha filha quebrou um braço...

Speaker 2: Não tem não, já teve.

Speaker 1: Então bote os equipamentos dela

Speaker 2: Ah! Acho que não...

Speaker 1: Bom, então depois você leva ela pro hospital

Speaker 2: Não, sim o hospital aqui é muito bom...o atendimento aqui, as vezes que a gente precisou, foi sempre ... nossa, eu senti que eu tava indo ... tava num hotel, muito bom o atendimento de saúde aqui. Não, eu falo é mais porque, primeiro que ela não é, né, ... acho que faz parte também... essa coisa de ter muito cuidado também eu acho que acaba prejudicando, enfim... espero não estar enganado, espero estar fazendo a coisa certa... mas às vezes, precisa não ter tanta proteção em cima, porque acho que isso fragiliza um pouco ... eu pelo menos acho que eu era uma criança assim, de subir em árvores, de num sei o que ... e a mãe também... então eu acho que a gente tem um pouco essa coisa de ... não precisa tanto...

Speaker 1: É, gato escaldado, tem medo de água fria, né...

Speaker 2: Ah! Sim...

Speaker 1: Então, eu estou te falando do que eu já vivi

Speaker 2: Cada ser humano é de um jeito, minha irmã, por exemplo, teve a mesma criação e ela era, assim, foi a que mais quebrou perna, quebrou braço, quebrou um montão de coisa, que ela era mega medrosa.

Speaker 1: Então ela vai andar de patins e vai mais aonde?

Speaker 2: A gente vai à praia, sempre que não tem a nortada porque com a nortada é impossível ... frio e vento...

Speaker 1: Vão à praia muito pouco, então, não é? rs ...

Speaker 2: Sim, sim. Ela, assim, é a segunda vez que ela está aqui em Portugal, né? A primeira vez ela veio ano passado passar férias e esse ano ela veio para ficar, então, assim, os programas que a gente faz é sair para comer que ela adora comer e vamos pro Sealife, ela gosta sempre de ir em museu ... que mais? A gente vai ao cinema, quando podia ir, né, ao cinema quando ela veio da outra vez a gente foi no cinema, E agora, depois dessa pandemia, a gente está indo mais ...quando a gente tem um tempo livre, a gente vai para a praia e ela vai andar de patins

Speaker 1: E fora da escola ela se relaciona com crianças de que nacionalidade?

Speaker 2: Só com as colegas lá do Brasil

Speaker 1: Por rede social

Speaker 2: Por vídeo. Ela tem um grupinho no WhatsApp que elas conseguem ver as quatro no grupo e aí ela conversa com as meninas, com as colegas dela, ela tem um grupinho das meninas que ficaram lá.

Speaker 1: A sua família participa de alguma atividade associativa, igreja, clube, entidade beneficente, partido político

Speaker 2: Minha família daqui?

Speaker 2: Minha família...a que está aqui?

Speaker 1: Sim, sua família aqui, vocês, a família

Speaker 2: Aqui eu participo ... participo né, que agora que parou, do Coro da Lapa, eu sou cantor lírico formado, então, participo do Coro da Lapa; eu participava da Batucada Radical... Maravilhoso!

Speaker 1: Ah! Que massa. Eu adorava, já segui várias vezes

Speaker 2: Inclusive, Fátima, o que me deixou com pouco mais de desenvoltura, de esperança, de entender o país, foram esses grupos. Então, por exemplo, por isso que eu falo com a minha filha assim: - Procura estudar música, ter um hobby que ele é muito bem feito, porque de repente você vai participar de um grupo de - Ah! A gente gosta de desenhar... vão trocar figurinhas, vão conversar ou um grupo de música...

Speaker 1: Vão fazer um projeto...

Speaker 2: Entende? Então, assim, eu participei desse Batucada, eu queria até levar a minha filha... até sondei lá, mas eles não estão tendo ensaio por causa da pandemia...

Speaker 1: Eu já fui mais de uma vez na Batucada, eu adoro.

Speaker 2: Eu adoro Batucada Radical, eu participei do ensaio várias vezes...

Speaker 1: Uma vez eu segui a Batucada pela rua, foi maravilhoso...

Speaker 2: É a rua daqui de casa

Speaker 1: E outro foi no Jardim do Morro, também foi muito massa. Dorei!

Speaker 2: Dorei...

Speaker 1: Algum familiar exerce papel de liderança em alguma associação?

Speaker 2: Aqui, não.

Speaker 1: Tá bom, tudo bem... obrigada... Participação do aluno na escola, imigrante ou não. Você considera que aqui na escola os alunos têm a oportunidade para discutir e refletir sobre questões do mundo em geral e do mundo da escola?

Speaker 2: A minha filha nunca relatou nada a respeito.

Speaker 1: Isso estava na sua escola ideal, não estava?

Speaker 2: É, eu acho que abarcar a diferença é ouvir também, não é só falar. Eu tenho um pouco de birra dessa coisa de que a gente vai dar voz e ninguém escuta. Todo mundo quer dar voz e ninguém escuta, enfim...

Speaker 1: Dar voz e também não se sabe se a pessoa quer ter voz, não é, tem tudo isso...

Speaker 2: Não, a pessoa tem voz, só que ninguém quer ouvir.... É ter muita pretensão, falar assim, eu vou dar voz e não quer escutar o que a pessoa ...quando ela vai falar não quer escutar o que a pessoa precisa falar. Mas isso não é só com os pequeninhos, é com os grandinhos também.

Speaker 1: No seu modo de ver quais seriam as questões referentes ao mundo da escola que as crianças imigrantes deveriam discutir participar?

Speaker 2: Bom...eu acho... Eu não sei se é possível, né ...porque esse período da pandemia tá tudo tão instável ... primeiro que eu acho que assim...eu acho muito complicado se retirar o contato numa fase que é tão primordial cê ter contato... contato físico, afeto... uma fase que é tão complicada ... já é complicada ...o corpo já é complicado e você tirar isso ... então eu não sei nem se a escola está atenta, se ele percebe a gravidade da situação. Então, por exemplo, não ...temos o hábito mais de ir à missa. Eu não sou católico..., mas não temos mais o hábito de ir à

missa. Português que é um povo católico, não têm o hábito mais de ir à missa mais porque não pode se ir à missa. Eu cantava ... tô falando isso porque eu cantava nas missas da Lapa...então é uma forma de agregar, uma forma de aproximar e de falar de coisas né do espírito. Então acho que a escola ela ainda não percebe a gravidade que é retirar o contato físico dos alunos. Não sei se eu respondi a sua pergunta, mas eu acho que...

Speaker 2: Não... é interessante o que você falou, mas minha pergunta ia mais na direção de quais seriam as questões importantes que os alunos imigrantes poderiam estar envolvidos numa discussão...

Speaker 1: Afeto, brasileiro é afetivo.... Não se fala de afeto, não se fala de sexualidade... enfim, não quero nem ir muito longe... eu estou chegando a questão do afeto. O que a escola pode proporcionar, por exemplo, para reatar, para aproximar os netos dos avós? A escola não fala... se a não falar disso ninguém vai falar.

Speaker 1: É verdade...

Speaker 2: A escola pode falar da questão do afeto, da coisa do corpo, porque já não se pode tocar nesse corpo e, também não se fala sobre ele... Nós somos o quê? Cabeças no zoom; não tem mais corpo, somos cabeça no zoom. Então isso tem uma disciplina na escola que eu acho que fala essas coisas da pandemia, mas a minha filha não me relata nada, acho que é só de coisas funcionais. Mas que eu acho que numa oficina, uma disciplina dessa, tem que se falar no que está sendo modificado. Os mortos não podem ser velados, as pessoas não podem ir a partir do único dia que ela tem de folga elas tem que ficar confinadas meio-dia em casa, a partir de uma hora da tarde, isso tem que ser falado. A atualidade tem que estar falando... porque esses meninos, eles precisam falar sobre isso; não pode achar que isso não vai ter consequências; está tendo consequência, eu acompanho os menorzinhos porque tenho uma amiga que tem um filho pequeno e teve um surto de alunos, uns mordendo os outros... começaram a morder... nunca tiveram esse comportamento... na pandemia começaram a se morder, porque não podia... Um pegava um brinquedo do outro alguma algum pegava um brinquedo do outro, o outro avançava e mordida. Então foi um surto, não foi um aluno só, não... e não era mordidinha, era mordida mesmo de ter reunião de pais. Porque essa agressividade está lá guardada, o corpo está processando isso. - Não pode isso, - Tem que limpar a mão, - Tem que ficar longe... não sei o que, é muita regra, essas regras elas vão ter consequência.

Speaker 1: Me diz uma coisa, já falando em regras, você podia dizer que nessa escola as crianças participam da formulação de regras direitos e deveres?

Speaker 2: Não, não posso falar. Não posso falar sobre isso, primeiro que não tem contato nem com os pais, não sei como é que é o perfil. Tenho só com relação ao diretor de turma e o que a minha filha me traz, não sei nada da escola, não conheço nem a sala da escola, pra você ter uma ideia.

Speaker 1: Não... eu digo assim ... se ela relata alguma ... a existência de regras ou se ela participou de alguma discussão sobre algum tipo de regra, suponha sobre a pandemia, né, discutir aquelas regras por exemplo.

Speaker 1: Não, eles têm uma disciplina sobre isso.

Speaker 2: É, eles tiveram algumas aulas, eu acho que se chama CAP, CAT ou CAP

Speaker 1: É CAP C de apoio à pandemia o C eu não sei ..., mas o A e o P é apoio à pandemia...

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Agora vamos assim... As crianças, nessa escola... também você não vai saber responder porque é pouco tempo, participam da decisão sobre a forma como se organizam as aulas, o que vai ser estudado, quais as tarefas, como será o tempo gasto... como o tempo será gasto, como será a avaliação...

Speaker 1: Não, não, assim... igual eu falo... é muita novidade ainda para cabeça dela ... ela ainda não tá processando isso não. Ela está muito com os problemas que ela lida de uma forma

muito imediata ... - Eu tenho uma prova amanhã; -Ah! O professor falou que vai ter prova tal dia Então beleza ela já se programa, começa a estudar, tá muito assim ... vamos apagar o incêndio, não tem ainda essa coisa ...

Speaker 1: Tá bom, ainda não está conversando muito

Speaker 2: Mas nem na escola dela não. A gente tinha mais acesso ao que ia ser falado durante o ano, depois de uma reunião de pais que a gente vai ter noção de como a escola processa isso. Eu acho que por enquanto eu não consigo relatar nada sobre essa questão...

Speaker 1: É muito pouco tempo. Bom, agora as duas últimas questões são sobre programas específicos voltados para imigrantes. Na verdade, um deles é voltado ... geral, para todos os alunos é um programa que foca no sucesso escolar e ele chama TEIP, eu não sei se você sabe

Speaker 2: Já vi

Speaker 1: Já viu.... Você sabe que o agrupamento ...

Speaker 2: Tiago, seu orientador, seu professor, seu orientador, ele está envolvido no TEIP com o Gil Neves ... Gil Nata

Speaker 1: Nata, exatamente...

Speaker 2: Ele falou sobre isso

Speaker 1: É, ele fez um estudo agora...

Speaker 2: Não o Tiago, eles estão trabalhando juntos o Gil e o Tiago. O Tiago não conheço..., mas o Gil falou sobre o TAP, acho que principalmente que ele também estava na equipe

Speaker 1: TEIP

Speaker 2: TEIP é, TAP, TEIP

Speaker 1: TEIP - Território Educativo de Intervenção Prioritária

Speaker 2; Território educativo?

Speaker 1: De educação prioritária. Você sabe que sua filha estuda num território TEIP?

Speaker 2: É porque assim...

Speaker 1: Você sabia ou não sabia?

Speaker 2: Eu confesso que não sabia... porque, assim, quando o Gil falou sobre o Projeto ele falou sobre a questão das crianças ciganas

Speaker 1: Esqueça isso. O TEIP é o seguinte, o TEIP é um programa que visa o sucesso de todos, entendeu? E o TEIP ele funciona com grana a mais para aquele território

Speaker 2: As escolas que têm um determinado desempenho elas recebem

Speaker 1: Uma verba ... se supõe que ali tem uma necessidade a ser suprida e aí tem uma distribuição de verbas de acordo com um projeto de melhoria da escola essa verba vem do fundo europeu, não é?

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: Então esse território além da verba que ele Justifica através do plano de melhoria ele tem também o apoio de um quadro de profissionais que compõem aquele território. Então tem um psicólogo, um mediador, sei lá, tem quatro funcionários que trabalham especificamente dentro do programa.

Speaker 2: Ah! Eu acho que o animador cultural

Speaker 1: Animador cultural, mediador ...

Speaker 2: Sim, o professor X falou sobre isso, tem uma assistente social

Speaker 1: Uma assistência social, um mediador, o animador e o psicólogo.

Speaker 2: Ele falou sim, ele falou sobre isso.

Speaker 1: Pois então...

Speaker 2: Eu só não tinha ligado que era o TEIP, ele falou dessa estrutura

Speaker 1: É o TEIP. Bom, e aí eu queria te perguntar Bom, o programa TEIP ele procura sanar as dificuldades que estão emperrando o sucesso dos alunos, não é? Então, de toda ordem, né... e aí eu pergunto, a minha pergunta de pesquisa, né? O que o TEP está fazendo para esse

estudante imigrante, não é? Porque se é para todos ... mas se o imigrante tem uma necessidade específica, principalmente em função ... emocional, a chegada, o próprio idioma, a dificuldade nas outras disciplinas ser maior ainda do que a do idioma porque se não compreende o idioma, como é que vai compreender a outra disciplina então eu pergunto, a minha dúvida é essa. O que é que o TEIP está fazendo pra melhorar a vida do estudante imigrante, né? Então tem um reforço para os alunos em dificuldades. A sua filha frequenta alguma aula de reforço, foi convidada a participar?

Speaker 2: Não, não, não. O professor X falou que tinha essa estrutura do psicólogo, da assistente social, mediador, se ela precisasse. Eu até falei que a minha filha fazia acompanhamento com psicólogo lá no Brasil e que seria interessante para ela, mas ficou por isso essa conversa e não teve nenhuma procura, pelo menos a minha filha não relatou isso. Posso até perguntar para ela, mas ela não relatou que a psicóloga chegou pra ela e falou - Ó, como é que você está se adaptando...

Speaker 1: E não existe isso. Isso eu já posso dizer de antemão porque já conversei com o diretor já ... é porque esse é um dos meus pontos, eu bati nesse ponto com ele por que eu disse, se está no território TEIP, se tem um psicólogo específico pro TEIP, entendeu? Por que não presta apoio psicológico para esses meninos que chegam? Eles não são em grande número, não é?

Speaker 2: E a minha filha precisa...

Speaker 1: Mas aí o diretor que não sei se você o conhece, né?

Speaker 2: Não

Speaker 1: Que é o Diretor do Agrupamento, ele disse que esse apoio é prestado quando há a percepção de que a criança precisa e não é exatamente pelo pelo psicólogo do TEIP... Bom, o mais importante que eu quero saber de ti. Ela está recebendo aula de reforço para aquilo que ela precisa é melhorar?

Speaker 2: Não

Speaker 1: Não. Não tem nenhuma aula de reforço, não soube de aula de reforço, nada, de português de matemática

Speaker 2: Não, inclusive ela vai precisar pra matemática, físico-química, ela precisa, inclusive ela precisa, seria fantástico.

Speaker 1: Precisa ver se haverá, né. Se haverá, porque acredito que sim. E, o outro programa é o PLNM Português como língua não nativa (materna)

Speaker 2: Péra um pouquinho PLNM

Speaker 1: Português Língua não Nativa, Materna, perdão. Esse é um programa voltado especificamente pro imigrante, porque é para o aprendizado da língua e eu esperava encontrar esse programa em funcionamento no agrupamento. Mas não encontrei. Então minha pergunta pra você é se ela está tendo algum apoio na língua, mas você já respondeu que não, que não está tendo aulas de reforço, nenhum. Porque esse programa, ele é um programa, eu vou falar rapidamente, bem resumido, ele funciona assim... pela legislação teria que ter 10 alunos no mesmo nível imaginei o A0, o A1, o A2, o B1, B2, não é? Teria que ter 10 alunos num nível pra se criar uma turma de PLNM e numa escola, num único prédio. Então, por exemplo, a coordenadora, uma das responsáveis lá, a única pessoa que tem formação em PLNM lá no agrupamento me explicou que ela tentou formar uma turma de PLNM no agrupamento e ela foi impedido porque é uma questão legal, entendeu? A menos que se incluísse no plano de melhoria da escola sim inclui-se no plano de melhoria da escola, entrasse naquela distribuição de verba, conseguiram talvez fazer alguma coisa diferente neste Agrupamento para quem tem problema da língua. Mas, como o número de alunos ainda é baixo porque nos dois últimos anos letivos 2017-18 e 18-19 é que você tem um aumento do número de alunos estrangeiros nas escolas em Portugal. Até então era decrescente o número. Ele começa a crescer de 2017 para frente. Então pode ser que em Lisboa, que é uma cidade maior e tal, lá você encontre o programa funcionando

de uma outra maneira. Mas aqui no Porto, em cidades menores, não funciona e acima de tudo o que eu vi é que os professores também não têm formação para trabalhar o português como língua não Nativa (materna) que seria uma especialização, não é? O que dificulta, não é? essa vida dos meninos que que vem de fora e que precisam aprender o português o mais rápido possível, né? E os professores falam muito da dificuldade que isso é, não é? Não só pro professor de português como pros professores das outras disciplinas, que além do português enfrentam a dificuldade de ter quase que criar um currículo especial para aquele aluno, né? que está chegando, que é de outro país, mas tudo isso para você conhecer só um pouquinho do programa da língua e das dificuldades aí, dos constrangimentos, né para desenvolver melhor essa parte, digamos assim, para melhorar a vida dos alunos que vem de fora. Então é isso, meu caro. Eu te agradeço mais uma vez muitíssimo e agora eu vou dar um stop.

E11 - 28 e 29/11/2020 - Encarregada da Educação (Portuguesa, mãe de um casal luso-brasileiro)

A entrevistada concordou em conceder-me a entrevista, mesmo tendo um bebê de colo. No primeiro contato, feito pelo telefone, combinamos de nos encontrar nos momentos que fossem convenientes para ela e para o bebê, interrompendo a entrevista caso fosse necessário e retomando em outra oportunidade. Nos dois dias de entrevista, a filha mais velha segura o bebê no colo para que a mãe possa conversar comigo.

Speaker 1: Então, muito prazer, tudo bom?

Speaker 2: Tudo bem graças a Deus.

Speaker 1: Agradeço muito sua disponibilidade, viu?

Speaker 2: Imagina.

Speaker 1: De coração, mesmo.

Speaker 2: Tranquilo.

Speaker 1: Bom, meu nome é Fatima, como você já sabe, eu sou aluna do mestrado lá na Universidade do Porto, da Psicologia e Ciências da Educação. Meu mestrado é em Ciências da Educação e eu gostaria de agradecer a sua participação e de lhe informar que esta é uma pesquisa sobre a participação de alunos imigrantes na escola, da qual participam o diretor, o professor, pais e alunos. Eu preciso da sua autorização formal para realizar a entrevista e da sua concordância para que ela seja gravada. Então, eu já disse pra você, nós poderíamos fazer isso por papel, mas se você me der a concordância pelo áudio, eu acho que não vai haver problema nenhum.

Speaker 2: Sim, esteja à vontade.

Speaker 1: Porque tem o vídeo, tá ok? Então diga para mim que você concorda que a entrevista pode ser gravada e que você concorda em participar.

Speaker 2: Sim, eu concordo em participar e concordo que a entrevista seja guardada, gravada.

Speaker 1: Beleza, maravilha. A primeira pergunta é sobre a sua experiência com a escola quando chegou a Portugal.

Speaker 2: Foi receptível até.

Speaker 1: Eu tenho algumas perguntas específicas.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Você considera que houve por parte de quem a recebeu preocupação... você pode falar no geral e depois tentar responder estas outras questões que eu vou colocar aqui. Se você considera que houve por parte de quem a recebeu preocupação no sentido de orienta-la sobre o funcionamento do sistema educacional em Portugal, se você recebeu algum material explicativo e se você tem conhecimento de algum programa na escola para receber pais e alunos imigrantes que visitam a escola pela primeira vez. Eu quero saber dessa primeira recepção, entendeu? Como ela se dá.

Speaker 1: Ok. Posso falar?

Speaker 2: Pois, pode.

Speaker 1: É assim, eu já morei aqui em Portugal e depois eu fui morar pro Brasil. E quando eu cheguei aqui de novo eu já sabia como é que funcionava a situação da escola porque eu já tinha tido duas filhas portuguesas, mas eu precisava colocar no núcleo a estudar, os dois brasileiros, que é casal de luso-brasileiros que eu tenho. Então, como eu já sabia, eu já trouxe toda uma papelada, uma documentação de lá do Brasil e, chegando aqui eu fui na escola com estes mesmos documentos que a escola me tinha dado lá no Brasil, eu apresentei e aí as minhas filhas mais velhas ainda conseguiram acabar o ano aqui, outra não foi necessário porque concluiu o

ano lá e, depois os mais novos atrasaram o ano para se inteirar, para eles inteirarem dos estudos daqui, que as matérias são totalmente diferentes de lá. Então, não, foi assim, foi fácil, no meu ver foi fácil, não foi muito burocrático, então eu já vinha mais ou menos com uma ideia e coloquei na prática. Então foi fácil.

Speaker 1: Então você tem conhecimento de algum programa específico para receber pais imigrantes?

Speaker 2: Não, não. Não isso não tenho.

Speaker 1: Não recebeu nenhum material explicativo e sobre o sistema educacional você já conhecia.

Speaker 2: Exatamente.

Speaker 1: Não havia necessidade de ser orientada, não é isso?

Speaker 2. Isso.

Speaker 1: Bom, no processo de matrícula.... Eu queria lhe fazer mais uma pergunta antes de falar sobre a documentação, que você já iniciou a falar. Mas eu queria lhe perguntar se houve algum problema com a vaga. Se você encontrou vaga disponível para as meninas.

Speaker 2: Como eu já morava na área de residência da escola, então obrigatoriamente, eles são obrigados praticamente a aceitar as crianças lá. Então, hamm eles não me disseram se tinha ou se não tinha vaga. Não falaram especificamente. Só me pediram a documentação, a certidão de residência, né? Como eu morava na morada que eu estava dando e mais nada. E aguardei e, depois, eu tive um posicionamento positivo.

Speaker 1: Muito bem. No processo de matrícula quais os documentos foram exigidos e se houve algum processo seletivo.

Speaker 2: Foram exigidos o comprovante de residência, a certidão de nascimento de ambos e as notas, ou o ... histórico (a filha ajuda a responder...) de lá do Brasil.

Speaker 1: Histórico escolar

Speaker 2: Isso.

Speaker 1: Tem alguém te ajudando aí. Rs. Deixa eu vê-la, deixa eu ver ...ha... é a mais velha. Rs.

Speaker 2: Não, não...

Speaker 1: Ela que é a portuguesa...

Speaker 2: É. (A garota diz olá, e eu pergunto...) É brasileira?

Speaker 1: Quantos filhos você tem?

Speaker 2: 5

Speaker 1; Afff Maria, é uma mulher com muitos filhos...

Speaker 2: Rs

Speaker 1: Hamm, é ... Rs... Eu tive dois e não tive mais coragem para nada

Speaker 2: Rs

Speaker 1: Não houve nenhum processo seletivo?

Speaker 2: Não, não.

Speaker 1: Não.

Speaker 1: Você enfrentou alguma dificuldade para matricular... vaga, já falou que sim... nada disso. Agora, a escola faz avaliação dos conhecimentos prévios dos alunos imigrantes para alocá-los no ciclo ou no ano adequado? Você tem conhecimento desta avaliação e de como ela é feita?

Speaker 2: Como ela é feita não sei, mas, sei que houve sim, porque, tanto que eu já falei e vou repetir, eles foram obrigados a repetir o ano, né? Tanto que da idade deles eles são atrasados um ano para se inteirarem da matéria que ia ser dada aqui, por causa disso, dessa...

Speaker 1: Dessa defasagem entre um curso e o outro, não é?

Speaker 2: Humm

Speaker 1: E o resultado foi esse, atrasou um ano

Speaker 2: Isso.

Speaker 1: Tá, beleza, então agora temos esse bloco, esse bloco é o bloco do acesso, a gente já respondeu, agora o segundo bloco de perguntas é sobre aspectos culturais. Então eu gostaria de saber qual o idioma que você fala em casa, é o português, não é?

Speaker 2: É.

Speaker 1: E se a escola oferece alguma opção dentro do horário, pro....se seus filhos tiveram aulas extras de português, os brasileiros.

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Não

Speaker 2: Por acaso não, não.

Speaker 1: Tá. E você considera que por parte da escola existe preocupação de que os professores aprendam a respeito da cultura da, da sua cultura, a sua cultura portuguesa, não é? Mas, por exemplo, da cultura brasileira?

Speaker 2: Olha, eu vou ser bem sincera. A minha filha que tem 13 anos que é a (nome da filha) e o (nome do filho) que tem 11 eles estudaram lá na escola e tudo que eles aprenderam foi tudo lá no Brasil. Não foi aqui. Então eles vinham com um estudo completamente diferente sobre história, sobre tudo, as matérias e disciplinas são diferentes de lá praqui.

Speaker 1: Hã, hã...

Speaker 2: E não teve por parte dos professores ou da escola, diretores de turma, não teve ninguém que se preocupasse com eles neste aspecto. Não teve. Sinceramente, não teve. Disseram...foi tipo assim, olha desenrasca-te, sabes, sabes, não sabes temos pena, aprende em casa e pronto acabou. Foi assim, então eles aprenderam na marra.

Speaker 1: Então não houve nenhuma adaptação do currículo para que eles pudessem aprender...

Speaker 2: Não

Speaker 1: Algo que eles tivessem em defasagem

Speaker 2: Não, não. Tanto que no primeiro ano eles tiveram notas baixas por causa disso. Porque eles vinham com uma ideia de uma coisa lá, que aprenderam lá uma coisa e aqui foi completamente diferente. Porque a história portuguesa é diferente da história do Brasil, não é?

Speaker 1: Sem dúvida, muito. Bom, você nota que a escola tem preocupações de que as crianças aprendam a respeito de diferentes culturas? Entendeu? Se existem atividades organizadas para que o aluno possa aprender a respeito de diferentes culturas, uma saída para visitar um museu, uma festa, algo que a escola desenvolva neste sentido?

Speaker 2: Eu não tenho conhecimento, nunca fui procurada para tal e, os meus filhos nunca chegaram em casa com este tipo de informação.

Speaker 1: E você considera que nesta escola a diversidade cultural é apreciada ou é um problema?

Speaker 2: É um problema.

Speaker 1: Por que você acha que é um problema?

Speaker 2: Porque se houvesse um projeto para explicar para todos os alunos que aqui em Portugal tem várias etnias, várias nacionalidades, abriam mais a mente dos alunos e os próprios alunos que sofrem, que vivem fazendo bullying com estrangeiros, tinham outra mentalidade e outro tipo de pensamento e talvez repensassem em fazer, ou talvez nem fizessem tanto bullying conforme fazem, conforme fazem com estrangeiros.

Speaker 1: Você pode dizer que nesta escola há situações em que o preconceito se torna evidente?

Speaker 2: Sim, sim, com certeza. Os meus filhos sofreram na pele.

Speaker 1: E quais seriam estas situações?

Speaker 2: Olha, eu já mudei a minha filha duas vezes de escola por causa disso, do bullying que ela mesmo sofre por ela ser brasileira. Há uma porque estas crianças levam um tipo de educação em casa que pelos próprios pais que não são impostas de mentes abertas ou outras a escola se tivesse este tipo de projeto, eles não aplicariam isto nas crianças, não é? Tipo, bullying que eles sofrem é assim, até hoje é - Tu não és daqui; - Aqui não é a tua terra, sendo que a minha filha X e o meu filho Y que são os meus dois filhos luso-brasileiros nasceram aqui e só depois de nascer aqui é que foram viver pro Brasil. E, mesmo assim, por eles terem um sotaque meio arrastado, já sofrem este tipo de bullying.

Speaker 1: A escola tem demonstrado preocupação no sentido de conter essas situações de bullying que você está referindo?

Speaker 2: Nada, nada.

Speaker 1: E houve alguma situação de preconceito envolvendo você... está dizendo que já houve, né? Ou outra com seu filho... e em relação a estas situações você tomou conhecimento de alguma medida tomada pela escola...

Speaker 2: Não, por não terem tomado medidas é que eu peguei na minha filha e troquei.

Speaker 1: Você está falando de uma escola anterior a essa. E eu estou falando especificamente desta.

Speaker 2: Sim. Desta aqui, por acaso ainda num houve, ainda não houve... seja tão agravadamente conforme foi nesta que fica perto de casa.

Speaker 1: Então você considera que nessa escola tem uma situação, tem uma preocupação no sentido de conter este tipo de...

Speaker 2: Sim. Não tão conforme... não tão rápida, conforme a gente gostaria, mas, eles lentamente, eles vão se encaixando nos, nas, em tentar resolver.

Speaker 1: Certo. Então nessa escola você não observou situações de bullying.

Speaker 2: Prá já que minha filha assim venha dizer alguma coisa...

Speaker 1: Não

Speaker 2: Sobre o país, não. Mas ela sofre o bullying de outra forma.

Speaker 1: Como?

Speaker 2: Tipo - Tu és feia; - Tu não és nada... não és nada o padrão de encaixe que eles que eles estipulam - Tu vestes uma roupa que não sei, não é adequada ou adequada aos padrões que eles acham que ela deve se enquadrar. Esse tipo assim.

Speaker 1: Ah...tá, talvez porque ela não perfoma a portuguesa que eles imaginam, não é?

Speaker 2: Sim. Ainda não teve aquela situação de bullying conforme teve na escola anterior de chegar a ponto de sofrer maus tratos, chegar a ponto de - Vai embora daqui que tu não és daqui...ainda não chegou nesta situação.

Speaker 1: É apreciada, é um problema, então, nesta escola a diversidade é um problema ou ela é apreciada?

Speaker 2: Mais ou menos, não tem meio termo ou não?

Speaker 1: Pode ser. Você pode dizer que há situações de preconceito evidente, tal, a escola tem demonstrado... houve situação de preconceito, tô repassando aqui as perguntas. Pá pararápará... Muito bem. O próximo bloco de perguntas é sobre a relação do seu filho... a sua relação e a do seu filho com a escola. Na sua opinião, os professores desta escola são bons para ensinar alunos que vem de outros países?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: São?

Speaker 2: São.

Speaker 1: Por que?

Speaker 2: Porque ...prá já nesta escola eles têm demonstrado mais paciência, têm demonstrado mais inteirados, assim, nas situações, procuram saber, preocupação...

Speaker 1: Quanto tempo ela está nesta escola, eu esqueci de perguntar...

Speaker 2: Dois anos.

Speaker 1: Tá. É o segundo ano agora?

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: Então tem um ano completo e agora vai para o segundo ano?

Speaker 2: Isso.

Speaker 1: Ok.

Speaker 2: Então eles são, eles estão relativamente ao ano passado, eles estão atentos e mais preocupados.

Speaker 1: Ok. Então você acha que eles são bons para ensinar pessoas que vêm de fora.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Por que?

Speaker 2: É assim, porque eles tentam se inteirar, né, tentam se inteirar porque na turma da minha filha tem outras etnias. Então eles tentam se inteirar, interagir, socializar uma turma num só, num só ciclo, né? Porque tem aqueles grupinhos, né? E eles tentam acabar com este tipo de situação. Porque não tem que ter grupo, é uma aula, é uma sala então tem que todos ... funcionar bem para...

Speaker 1: para dar certo.

Speaker 2: que dê tudo certo. É isso. Sobre isso minha filha não se queixa.

Speaker 1: E o que você acha que faz diferença nestes professores?

Speaker 2: Acho que o ...o diálogo

Speaker 1: Certo.

Speaker 2: O diálogo, a atenção.

Speaker 1: Ok. Muito bom. Você acredita que nesta escola alunos imigrantes têm as mesmas oportunidades de participar das atividades do que os outros alunos?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Tem.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Elas não se queixam disso, não né?

Speaker 2: Não, não. Quanto a isso não são colocados de lado.

Speaker 1: De acordo com a sua observação essa escola ou a escola que seus filhos frequentaram, os que estão em Portugal há mais tempo, têm tudo o que eles necessitam para aprender, ou está faltando algo?

Speaker 2: Tem tudo, tem tudo. Tanto que ... então as mesmas funções. O que as minhas filhas portuguesas estudaram e tiveram oportunidade de estudo, os brasileiros também estão tendo as mesmas oportunidades e os mesmos conhecimentos e até mais.

Speaker 1: Muito bom. E em termos de recursos, de instalação, não falta nada?

Speaker 2: Não faltou não.

Speaker 1: Ok. De acordo com a sua observação esta escola... vou repetir a mesma coisa.... Poderia me ... aqui é pedido para você me dar exemplos do que os meninos têm para aprender e do que está faltando, mas se você diz que tem tudo, né? Então gostaria que você me desse exemplos do que tem, do que você acha que ali está à disposição deles e que eles podem utilizar e que é útil, e que você tem notado, desde o material escolar, até alguma atividade, alguma instalação específica, uma biblioteca, essas coisas...

Speaker 2: Uma coisa, a minha filha não liga muito para biblioteca, mas aqui eles têm essa opção de ir para a biblioteca, de terem salas de informática, de ter mais opção de atividade física, de escolherem o que lhes encaixa... para eles, o que eles gostam, tipo que educação física que eu falo, tem várias opções pra eles já se sentirem e se enquadrarem numa ou em duas é conforme o gosto de cada um. E também tem aquilo que ela queria muito que era estudar

línguas, aqui também tem o inglês, o espanhol, o francês que este ano ela está a estudar duas línguas e ela está superanimada, supercontente. Então acho que desta parte aí funciona bem.

Speaker 1: Muito bem. Você considera que esta escola tem realizado esforços para aproximar, para se aproximar dos alunos e dos pais imigrantes?

Speaker 2: É assim, agora tá difícil por causa desta situação do Covid, né? Agora ficou, fica complicado, mas antes eles faziam reuniões em particular e depois faziam reuniões em grupos com os pais para ouvirem as opiniões de cada um e a expor as situações da escola também. Agora, com a situação do Covid é melhor ter reuniões por e-mail ou falar por telefone por causa disso, então, se não fosse por conta dos tempos atuais, acho que não ia mudar que nem o ano passado

Speaker 1: Você já foi convidada para participar de reuniões sobre a administração da escola?

Speaker 2: Não. Sobre a administração, não. Só sobre a reunião de pais para ver como é que a escola funcionava, para ver se tinha alguma coisa a falar, a opinar ou contra falar ou outras, mas sobre a direção não.

Speaker 1: Você conhece algum pai imigrante que tenha sido convidado para participar da administração da escola?

Speaker 2: Não, não conheço

Speaker 1: Ainda sobre a escola, gostaria de que pensasse nos espaços físicos, no professor, na relação entre os alunos, entre os professores e funcionários, nas aulas, nas atividades e me respondesse. O que seria para você uma escola boa?

Speaker 2: Uma escola boa é que... as escolas públicas já têm um bom funcionamento, né? Mas se o governo, nosso governo, pudesse não se esquecer tanto da escola pública, conforme às vezes ele se esquece, podia ser melhor, não é? Quanto aos professores e funcionários acho que o nosso governo tem um pouco de descaso, porque e aquele contadinho de funcionários e às vezes são muitos alunos para poucos funcionários ou são muitos alunos para poucos professores e assim vai.

Speaker 1: E essa escola, você considera que ela é uma boa escola?

Speaker 2: Não tenho ouvido boas coisas sobre esta escola.

Speaker 1: Não tem ouvido boas coisas.

Speaker 2: Não, não.

Speaker 1: Você pode.... Você sabe que a pesquisa não vai revelar a sua opinião, não vai ligar a sua opinião à sua pessoa, não é? Tem aqui ... é o que diz acordo que a gente, que você ia assinar, que existe uma confidencialidade dos dados. Mas, você pode falar sobre isso ou...

Speaker 2: Eu ouço desta escola é que parou no tempo. Parou no tempo, tipo assim, o governo ou Estado não quer saber de modernizar as salas, de modernizar os quadros, modernizar os funcionários, modernizar a estrutura de fora, a estrutura de dentro, então é assim, a minha filha queixa-se que a escola precisa de obras, a minha filha queixa-se que poderia ter lá uns cacifos para evitar deles levarem muito peso, entende? Porque tem dias, quinta, sexta e quarta ela passa o dia inteiro na escola e às vezes agora que é o caso atual, tem os professores que faltam, não avisam que vão faltar e ela sai daqui 7 horas da manhã com ...

Speaker 1: Carregada...

Speaker 2: Demais, e anda com aquilo o dia inteiro, entende? Então é assim, se tivesse uns cacifos, se tivesse umas melhorias, umas coisas mais avançadas com os dias de hoje seriam melhor pros alunos e para todo mundo, não é?

Speaker 1: Eu tenho ouvido que já... quando eu fiz o meu primeiro contato com a escola há dois anos atrás, dois anos inteiros atrás, a escola sofria, o diretor, teve que ir à imprensa, delatar problemas com a estrutura, que tinha goteiras, que chovia dentro da escola sede do agrupamento, não é? Eu acompanhei esse processo, não é? Então, mas ele teve uma luta muito árdua para conseguir a reforma. Mas, se você olha pra (nome da escola) também tem problemas,

se você olha pra (nome da outra escola). também tem problemas. Eu compartilho com a sua opinião de que a escola poderia ter um espaço físico melhorado, entendeu?

Speaker 2: Exatamente. Até mesmo para fazer educação física. Não tem um pavilhão adequado para fazer; nos tempos de chuva elas já não andam cá fora, o chão não é adequado, é cheio de buracos. A (Escola X) foi minha escola, eu estudei lá, acho que esta escola tá mais... como é que se fala? Mais decadente do que (a que eu estudei), ambas as escolas precisavam de uma estrutura melhor.

Speaker 1: É verdade, você tem razão. Eu compartilho dessa opinião também porque o professor mesmo, o diretor do agrupamento, ele reconhece isso, entendeu?

Speaker 2: Hum, hum.

Speaker 1: Mas é uma questão mesmo da política, do ministério, não é?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Bom..., mas então sigamos, prossigamos. Relacionamentos na escola papá, então a escola ideal, a escola real que é esta que tem alguns problemas, tem algumas coisas boas, mas que também tem problemas, não é?

Speaker 2: Hum, Hum

Speaker 1: E, se foi fácil pro seu.... Agora um bloco do relacionamento do seu filho dentro e fora da escola.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Então a gente quer saber se foi fácil pro seu filho, sua filha, no caso, chegar à escola e fazer novas amizades. Se ela sentiu dificuldades, como é que ela foi acolhida pelos amigos, colegas de outras turmas...

Speaker 2: Então...

Speaker 1: E se os colegas sentem diferença por seu filho ser do outro país e....

Speaker 2: Exatamente. Este ponto aí é complicado. Aí tocou na ferida... Rs... Porque realmente é complicado, não tem jogo de cintura por parte dos portugueses, eles não conseguem fazer amizades com, principalmente pessoas estrangeiras, não aceitam e a minha filha se limita a ficar sozinha. Porque é melhor ela... já cheguei num ponto de lhe dizer - Filha, é melhor tu ficar sozinha do que mal acompanhada, porque para chegares em casa e para ficares ... desestabilizar o emocional dela, chegar em casa e chorar a ponto de dizer - Maldita escola! E que não quer mais estudar, mais vale não ter amizades. Então ela prefere, eu disse-lhe e, ela se limita a ficar sozinha. Por conta que não tem, não tem como fazer amizades com portugueses. Porque os portugueses é que nem eu lhe falo, não conseguem, não sei, talvez se tivesse um ... umas aulas diferentes para eles aceitarem melhor e não ter tanto preconceito, talvez eles pensassem diferente. E ela consegue se relacionar mais e melhor com pessoas de outra etnia, sejam brasileiras, ou seja, moçambicanas ou angolanas... consegue se relacionar mais com este tipo de pessoas do que com o português.

Speaker 1: Então, foi difícil, está sendo difícil para ela

Speaker 2: Está

Speaker 1: fazer novas amizades, inclusive nesta escola.

Speaker 2: Nesta escola, sim.

Speaker 1: Na escola, qual é a nacionalidade das crianças com que ela mais se relaciona, você já falou, né?

Speaker 2: Brasileiras ou angolanas ou moçambicanas, assim, só este tipo.

Speaker 1: Seu filho demonstra confiar na escola, no professor e no colega?

Speaker 2: Não demonstra muito.

Speaker 1: Não?

Speaker 2: Não, não demonstra muito confiança, nem muito segura.

Speaker 1: Ah, que pena!

Speaker 2: E ele gosta de algum colega, ela gosta de algum colega em especial?

Speaker 1: Uma ou outra, mas quando ela conseguiu fazer laços que até era com uma amiga brasileira, a mãe dessa menina decidiu se mudar para Lisboa. E aí acabou, acabou que o relacionamento de amizade entre elas, as duas, foi uma para cada lado, foi cortado. Hoje normalmente falam por internet, mas não mais fisicamente.

Speaker 2: Que chato! E ela gosta dos professores, do funcionário da escola?

Speaker 1: Este ano ela não tem tido razão de queixa. O ano passado sim, o ano passado ela se queixou ... e, surgiu várias situações, mas este ano prá já, não.

Speaker 2: Ela se queixava do que?

Speaker 1: Ela se queixava de um funcionário específico lá na escola do ano passado que passava e ficava tipo insinuando algumas coisas, porque a minha filha é brasileira, e então como ela é brasileira, ela tem um corpinho, né? Ela tem 13 anos e já tem corpinho, já vai começando a ganhar formas. Então ela dizia assim - Ó mãe, eu vi o funcionário tal me insinuar, a morder os lábios e, a dar tapas na bunda de uma amiga minha e não sei que. E aí eu fiz chegar essas informações a DT, a DT chegou as informações ao diretor e chamaram a minha filha, chamaram o funcionário, chamaram a outra amiga em questão e depois a amiga disse que era tudo uma brincadeira que não passou nada daquilo e pronto. E ficou, como se diz aqui em Portugal, em águas de bacalhau.

Speaker 1: Pois, é isso mesmo. E quem sofreu o problema é o errado sempre, não é?

Speaker 2: Exatamente.

Speaker 1: A culpa é da vítima, né?

Speaker 2: Sempre...

Speaker 1: É sempre assim. Então você pode dizer se ela se sente fazer parte da escola, sente que é parte da escola?

Speaker 2: Não se sente que é parte da escola. Ela sabe que tem que ir lá na escola para o bem dela, mas por ela, ela não ia.

Speaker 1: Ai ai ai... E você poderia dar um exemplo porque ela não se sente fazer parte da escola?

Speaker 2: Por causa disso, essa tal confiança que ela perdeu, acabou por perder, por causa dessa situação que eu contei. Porque ela não se sente segura, se até o próprio diretor e o próprio funcionário acabou por passar paninhos quentes e não resolveu mais a situação, nem foi atrás de ver até que ponto era verdade, se era verdade e, a minha filha diz, se acontecer algo parecido, eles ... já nem vale a pena contar eu contar-te ou contar a alguém, porque vai acontecer que eu vou ficar por mentirosa, ou vão duvidar de novo da minha palavra... então não vale nem contar.

Speaker 1: Deixa eu ver se eu entendi. Ele insinuou que ela tava passando a mão... não entendi.

Speaker 2: Não, ele insinuava-se para ela. Tipo assim

Speaker 1: Ah, entendi.

Speaker 2: A menina passava para ir a cantina almoçar e ele ficava mordendo os lábios,

Speaker 1: Lábios... passando...

Speaker 2: É. passava, batia, batia dava ...

Speaker 2: Tapinhas

Speaker 1: Tapinhas nas costas dela, outro tapinha na bunda da outra menina

Speaker 2: Ave Maria...

Speaker 1: A minha filha ficava meio assim, nossa que confiança, o que é isto? Porque a ela é muito quieta. É muito na dela, não é muito comunicativa. Como ela já sofreu bullying antes de ir praquela escola ela se reservou e ficou mais quieta, mais fechada. Então naquela escola ela pouco fala. E como aconteceu isso o ano passado, agora ela se fechou de vez.

Speaker 1: Tá bom. A última pergunta deste bloco, uma sequência aqui. Você poderia dizer que seu filho tem orgulho de pertencer ao país onde nasceu?

Speaker 2: Não, sei. Ela gosta de morar aqui, gosta.
Speaker 1: Tem orgulho de ser brasileira?
Speaker 2: Quem, eu?
Speaker 1: Ela.
Speaker 2: Ela? Sim, ela tem.
Speaker 1: E por que é que ela se sente orgulhosa de ser brasileira?
Speaker 2: Porque ela era unha e carne do pai. E aí o pai é, era brasileiro, ela tem família brasileira. Ela é mais recolhida ou mais acarinhada pela família brasileira do que pela família portuguesa, da minha parte.
Speaker 1: Entendi. E além da escola, que lugar que ela vai com frequência?
Speaker 2: Sala de aula, mais e à biblioteca.
Speaker 1: Não, fora da escola, além da escola.
Speaker 2: Não, não vai mais prá lado nenhum. É casa escola, escola casa.
Speaker 1: Não vai para o parque, não vai pro cinema, não vai?
Speaker 2: Não, não. Até porque ela não é de fazer muitas amizades.
Speaker 1: Hum, hum.
Speaker 2: Então ela, quando sai, sai comigo pra fazer compras, pra ir num shopping, para ir comer fora ou assim, porque mais de resto ela é casa escola, escola casa.
Speaker 1: E... Mas é isso mesmo que eu estou perguntando, que atividades que ela faz, né, fora da escola. Qual a nacionalidade das crianças com quem ela se relaciona?
Speaker 2: Fora da escola não, não se relaciona com crianças fora da escola.
Speaker 1: E, se filho utiliza, ela né, sua filha, desculpa, esse negócio do masculino é um problema, né? Acabou ficando o questionário todo no masculino.
Speaker 2: Não faz mal.
Speaker 1: Questão de gênero aqui presente. Ela utiliza a rede social para manter contato com familiar, com amigos, com que frequência?
Speaker 2: Sim, sim. Sim, sempre. Sempre, diariamente ela fala a amiga brasileira que foi lá morar pra Lisboa pela rede social e pela rede social ela também fala com as amigas, com a família que deixou lá no Brasil.
Speaker 1: Que coisa, né? E a família participa de alguma atividade associativa, vocês, a sua família, a igreja, um clube, uma entidade beneficente, um partido político?
Speaker 2: Não, não, nada.
Speaker 1: Nenhum familiar tem um papel de liderança social aí, não...
Speaker 2: Não, não.
Speaker 1: Ok. O último bloco, estamos a 40 minutos, vamos ver se conseguimos encerrar rapidamente. Você considera - vou cortar o cabelo hoje olha como eu estou parecendo uma louca com este cabelo.
Speaker 2: Rs
Speaker 1: Você considera que aqui na escola os alunos têm oportunidade para discutir e refletir sobre questões do mundo em geral e do mundo da escola? É sobre a participação dos alunos, esse bloco.
Speaker 2: Sim... eu acho que se tem é dentro da sala de aula.
Speaker 1: Sim, sim, mas é isso, por exemplo...
Speaker 2: Fora da sala não.
Speaker 1: Não. Eu digo assim, se dentro da escola, da sala de aula, existem atividades, oportunidades, dadas a ele para discutir e refletir questões do mundo, questões sociais, questões relevantes, políticas ou que acontecem nos países...
Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E também em relação ao mundo da escola, coisas que estão ali acontecendo na escola que precisam ser discutidas. Se é dada a eles a oportunidade

Speaker 2: Não, isso sobre a escola, não. Mas sobre o mundo eu acho que eles discutem sim, principalmente na turma, né? Tem uma disciplina específica

Speaker 1: Qual é?

Speaker 2: Acho que é... (Pergunta pra filha mais velha -Qual é? A filha responde Religião, e ela diz, não, ela não tem religião e resolvo intervir)

Speaker 1: Cidadania, cidadania, não é?

Speaker 2: Isso.

Speaker 1: No seu modo ver quais seriam as questões referentes ao mundo da escola que a criança deveria discutir e participar? Você disse que ela não participa.

Speaker 2: É, ela não participa em nada.

Speaker 1: Mas, no seu modo de ver o que seria relevante que as crianças discutissem a respeito da escola?

Speaker 2: Elas poderiam ter um grupinho fora da escola para discutir esse projeto que eu falo que deveria ter na escola.

O bebê chora...

Speaker 1: Chegou a hora de interrompermos e deixarmos este último bloco para depois, porque eu estou vendo que ele está

Speaker 2: Ok. Ele está impaciente.

Speaker 1: Ele está irrequieto, não é? É o último bloco, são umas poucas perguntas, a gente termina rapidinho isso. Pode ser amanhã pelas 10, 11 da manhã?

Speaker 2: Pode. Pode ser.

Speaker 1: Então quando for 11 horas, 10 melhor.

Speaker 2: Ok.

Speaker 1: Ok. Eu te ligo de novo amanhã.

Speaker 2: Está bom então.

Speaker 1: Obrigada, obrigada.

Speaker 2: Obrigada, boa tarde.

Speaker 1: Bom estamos aqui no último bloco. O nenenzinho ficou bem ontem?

Speaker 2: Ficou sim, era fome e sono, as duas coisas

Speaker 1: Como é que é?

Speaker 2: Era sono e fome, as duas coisas ao mesmo tempo, então ele ficou um pouco inquieto.

Speaker 1: Rs. É assim mesmo, né? Bom, deixa eu retomar aqui, onde a gente tava. Nós estávamos falando da participação do aluno na escola, não é?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Então você tinha me dito que algumas questões do mundo em geral eles discutem em sala de aula, mas da escola não. Sobre o funcionamento da escola eles não são consultados e aqui tinha uma pergunta sobre se a criança participa da formulação de regras, deveres.

Speaker 2: Não, não também.

Speaker 1: Nesta escola as crianças participam da decisão sobre a forma como se organiza a aula, o que vai ser estudado, as tarefas, como o tempo vai ser gasto, como será a avaliação?

Speaker 2: Não, não também.

Speaker 1: Muito bem. Então esse era o final do bloco, não é? E agora a gente tem duas perguntas específicas; um tópico que fala especificamente sobre dois programas que a escola está incluída. um deles é o programa TEIP. Você conhece, já ouviu falar desse programa TEIP?

Speaker 2: Nunca ouvi falar.

Speaker 1: Não conhece nada sobre ele?

Speaker 2: Nada. Nem sei do que se trata.

Speaker 1: É, o seu filho, ele frequenta uma escola que é abrangida pelo Programa TEIP.

TEIP é Território de Educação, Território Educativo de Intervenção Prioritária, é um programa voltado para o sucesso escolar em comunidades que têm baixa renda

Speaker 2: Hã

Speaker 1: Tem um alto nível de absenteísmo, de reprovação, etc. Segundo o diretor, a escola avançou muito desde 2012 quando ela foi agrupada, né? Que hoje eles já não têm mais esses níveis elevados de absenteísmo, que o sucesso vem melhorando, não é? Enfim..., mas ela está incluída em um território. Por ela estar incluída num território desse, de intervenção prioritária, ela é um território de intervenção prioritária, ela tem alguns suportes pra, tipo reforço escolar para alunos em dificuldade, entendeu? Você tem algum conhecimento de como isso funciona? Se existe reforço, como este reforço é feito, quantas horas...

Speaker 2: Nunca... não sabia que tinha e também nunca fui informada, tipo numa reunião de pais, nunca fui informada desse projeto, nem nunca minha filha falou de tal.

Speaker 1: Depois você pode buscar na internet, ele é já um projeto bastante antigo em Portugal

Speaker 2: Hum Hum

Speaker 1: Ele copia um projeto francês, zonas de escolarização prioritária e tal. Mas a escola ganha alguns recursos para melhor gerir estes alunos em dificuldade. Você sabe que a escola onde sua filha estuda ela tem muito, muitos estudantes de...

Speaker 2: Baixa renda. Não? Mais ou menos.

Speaker 1: É, baixa renda também, mas alunos que vêm de casas, ô meu Deus, to esquecendo o nome desse ... é tipo uma casa onde as crianças são abrigo de jovens, né?

Speaker 2: Hum, hum

Speaker 1: Que foram separados judicialmente dos pais e tal

Speaker 2: Acredito

Speaker 1: E ela tem um percentual alto de crianças nesta situação, o agrupamento em si, né, o agrupamento, não sei se a escola especificamente tem. Mas o agrupamento tem esta característica, tem muitos surdos, tem programa de surdos e tem, como o professor disse, todo o tipo de deficiência, né? Cadeirantes, paralisia cerebral, então tem... o programa TEIP ele também vai nessa vertente da inclusão dessas pessoas com dificuldades. E aí a minha questão sobre o TEIP, porque eu levanto esta questão aqui na pesquisa, é porque eu entendo que o TEIP ele é um programa que ajuda as crianças como um todo, não só os deficientes, não só os estrangeiros, nem só os portugueses com dificuldade escolar.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: É um programa para todos, então eu queria saber, se é para todos, o que é feito dentro do programa, especificamente para o aluno imigrante.

Speaker 2: Pois

Speaker 1: Já sei algumas coisas, mas sempre é bom especular pra gente saber um pouco mais, não é? Porque eu sei o que os professores me disseram.

Speaker 2: Certo.

Speaker 1: Eu quero ouvir dos pais, quero ouvir dos meninos e tal. Eu queria fazer uma pergunta, no sentido assim. A sua filha é brasileira, não é?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Ela teve alguma dificuldade em alguma disciplina, em algum, você disse, ela que entrou atrasada um ano, não é?

Speaker 2: É.

Speaker 1: Se ela entrou atrasada um ano então ela teve alguma dificuldade com o idioma ou mesmo com as outras disciplinas e o que precisaria ser feito para que ela não tivesse, caso ela tenha tido alguma dificuldade, o que precisaria ser feito para evitar e outros alunos tivessem o mesmo tipo de dificuldade que ela teve?

Speaker 2: O seguinte. Ela não se encontrou com dificuldade para as disciplinas porque ela é bem atenta e quando eu fui inscreve-la na escola, o que é que acontece?

Speaker 2: O seguinte. Ela não se encontrou com dificuldade para as disciplinas porque ela é bem atenta e quando eu fui inscreve-la na escola, o que é que acontece? Eu já levei os documentos e eles disseram que provavelmente ela iria repetir um ano ou ficar com o ano atrasado, por conta disso, das disciplinas. Mas quando eu fui procurar era tipo para alguém apoiá-la. Para ela se sentir tipo em casa, não é? Mas como não encontrei isso que eu fui procurar então eu cheguei em casa e conversei com ela e falei. Vai precisar muito do teu esforço, da tua capacidade de captar as coisas, de te socializares no meio dos professores, da turma, das disciplinas, porque és tu ou nada. Então ela ficou bem atenta para não repetir, para não se atrasar mais os anos, né? Ela não via grandes dificuldades. Quando ela tinha alguma dificuldade ou outra, como as duas irmãs mais velhas, uma de 21 e outra de 19, que já tinham estudado aqui na escola de Portugal antes de irem viver para o Brasil e, como já tinham uma ideia, elas as duas, as mais velhas ajudavam a menina a se encontrar na dificuldade dela. Então foi isso, mas ela num.... tipo, não se sentiu tão perdida porque tinha o apoio aqui em casa.

Speaker 1: Esse apoio que você esperava encontrar e que você não encontrou era o que?

Speaker 2: Dos professores, tipo os professores darem mais uma atenção a essas pessoas que vêm de fora, apoio psíquico, metal, né? E um apoio assim físico que na escola não teve nem a minha filha nem o menino.

Speaker 1: Você teve oportunidade de falar sobre isso com alguém?

Speaker 2: Sim, sim. Quando eu fui fazer as matrículas eu me informei se realmente ia ter isso e eles falaram que não porque era uma turma de 29 crianças, que não tinham condições ou que não tinham nenhum professor especializado, que ia depender muito do aluno.

Speaker 1: É, o que eu venho, eu venho me batendo com e venho defendendo junto ao diretor e a Coordenadora TEIP que é a professora de Francês, professora X, eu não sei se você a conhece, professora de Português e de Frances, não sei se é a da sua filha. Ela é a Coordenadora do programa TEIP e eu disse pra ela - O programa TEIP tem um psicólogo, tem um psicólogo, tem um mediador, tem uma intervenção educativa, uma pessoa que faz intervenções educativas, que fez umas aulas de culinária agora na quarentena, não sei se você...

Speaker 2: Também não fui informada sobre isso.

Speaker 1: Pois, enfim, tem 4 recursos, 4 recursos humanos que são bancados pelo programa. Então a escola se beneficia muito, não é, porque são profissionais qualificados e estão lá, né, dando apoio no sentido assim, aos imigrantes de se desenrascarem com o SEF, com documentação necessária para a matrícula, enfim, eles ficam ali fazendo esse apoio e tem essa menina que faz a intervenção educativa, que aí faz um trabalho mais ligado ao pedagógico, mas também não entendi muito bem como isso funciona, sei que ela fez essas aulas e é tudo novo pra mim. Eu estou descobrindo essas coisas e é muito diferente do Brasil, né?

Speaker 2: Exatamente.

Speaker 1: Então, tudo isso pra dizer o que, meu Deus, que eu já me perdi. Ah! Então, eu venho me batendo, me bati com a professora X e me bati com o diretor, em relação ao apoio psicológico. Porque é assim, o imigrante quando chega... e tem lá o Psicólogo, do programa que poderia estar fazendo esse apoio psicológico para o imigrante, entendeu?

Speaker 2: Exatamente.

Speaker 1: E o professor disse - Poderia, mas nós não fazemos isso. Mas poderia, deveria porque está lá o recurso, entendeu?

Speaker 2: Exato.

Speaker 1: Não é falta de dinheiro, não é falta de pessoal. Tá lá o recurso, né? Aí ele disse que faz por uma outra ferramenta que é o Psicólogo mesmo do agrupamento, que tem um psicólogo também que é do agrupamento e que faz isso... e aí a professora X me disse: -Fazemos isso quando é necessário, quando a criança demonstra alguma necessidade...

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Quer dizer, é ... prá depois tomar alguma providência.

Speaker 2: Realmente o psicólogo só é usado mesmo em casos externos, não num caso é, é, externo, não é caso específico. E ele é contratado pra isto, não é? Aquilo que aconteceu ano passado com o funcionário chamaram a psicóloga, mas não falaram diretamente com a minha filha ou com a outra menina. Chamaram a psicólogo só para ela assistir de camarote e analisar o processo, analisar como é que estava sendo dito e falado, mas, pronto, não falaram, não disseram assim, o psicólogo vai falar com ela, o psicólogo vai falar com a outra menina, não, O psicólogo só foi para assistir de camarote a todo aquele conjunto de situações.

Speaker 1: Pois, então. Eu acho que para o imigrante, isso a literatura aponta, isso não saiu da minha rica cabeça. Em algum lugar eu li que existem, o estudo da Rede Eurydice, que é uma rede europeia, que faz pesquisa para a União Europeia na área da Educação de crianças imigrantes, entendeu? E eles falam que o apoio deveria ser também no nível psicológico e não só no apoio pedagógico

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Bom, mas enfim. Isso é o TEIP, tem estes quatro recursos, tem um pouquinho de dinheiro a mais, então os estrangeiros mesmo, com a língua ... chineses, turcos, coreanos e tal, essas pessoas têm um reforço nas aulas de português.

Speaker 2: Ah, entendi.

Speaker 1: Bom, e aí que é um recurso de horas extras de professor, para apoiar estes alunos. Então o TEIP, pelo que eu entendi, pra você que não sabe nada, tô lhe falando alguma coisa.

Speaker 2: Hum, hum

Speaker 1: Tem esses recursos, 4 recursos e tem uma verba, algumas verbas extras pra fazer algumas coisas que pode ser usada e que pode não ser usada. Há dois anos foi ... quer dizer, o ano passado teve, este ano já não tem esse apoio pros meninos. Porque agora tem um outro apoio que é o apoio da quarentena. Ela está fazendo uma reposição de aulas da quarentena?

Speaker 2: Não

Speaker 1; Estas primeiras semanas, uma revisão do currículo?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Bom, que eu saiba então talvez seja só para os que estão em dificuldade.

Speaker 2: Só se for para os que têm dificuldade, mas na turma dela já voltaram ao normal desde o início.

Speaker 1: É, porque eles me disseram que eram acho que três semanas de retomada, foi uma semana pra ... chamaram-se aulas CAP, não sei o que de apoio a pandemia.

Speaker 2: Sim, mas na turma da minha filha não chegou a ter. Porque a semana foi para ela conhecer professores, para exigir materiais, há ainda aqueles que eles têm e, depois, a partir da primeira semana já foi aulas normais, como se nem tivesse tido de quarentena.

Speaker 1: Não teve revisão, nada?

Speaker 2: Nada, nada, nada. Mandaram eles se desfazerem dos materiais do ano passado, que não iam ser, porque a minha filha estava guardando os materiais do ano passado, porque ela foi informada que iria ter essa revisão de aula de ano e este ano ela guardou e eles disseram que

era para ela doar, para ela jogar fora ou guardar porque não iria ser necessário, porque já iam começar com as disciplinas do ano 2020/2021.

Speaker 1: É difícil fazer comentário porque assim, eu acho que a escola, assim tem seu pior, não é? Mas, também tem seus melhores, não é? Então a gente não sabe o que leva à tomada de decisão, né, uma decisão, então, não podemos comentar muito a fundo, não é? Porque às vezes não se sabe o que aconteceu lá, não é? Por exemplo, esses recursos TEIP, né? Este TEIP, os recursos vêm da União Europeia, são repassados para as escolas, então eles fazem o plano de melhoria, se dedicam fazem o plano de melhoria, apontam todos os indicadores da melhoria e não sei o que, então eles querem fazer uma coisa diferente e tal. Mandam o projeto, entendeu? O negócio é aprovado e tal e depois o dinheiro não chega. Entendeu?

Speaker 2: Não chega ou vai para outro lugar.

Speaker 1: O dinheiro tem que ser repassado pelas Finanças de Portugal e demora nesse processo e aí quando o dinheiro chega o ano acabou.

Speaker 2: Pois.

Speaker 1: Então é assim, é uma coisa que a escola tem sempre que tá se adaptando, né, àquelas condições que a escola tem, não é?

Speaker 2: Exato.

Speaker 1: Nem sempre são as melhores, né? Bom, mas vamos lá. Agora tem um outro programa que é o auxílio do Português, mas você já me disse, é o PLNM, Português Língua não Nativa, não Materna. PLNM. A rigor os alunos estrangeiros deveriam ter um... É assim, na aula de Português, paralelamente, pros estrangeiros, deveria ocorrer uma turma de Português Língua Não Nativa. Então enquanto aqueles estão tendo Língua Portuguesa normal, o estrangeiro está tendo Português Língua não Nativa. Imagina o chinês, a turca, o indiano, este mundo todo de gente lá dentro. Coitados desses professores também que têm que gerir isso tudo, não é?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Então, o Governo Português, o Ministério da Educação, eles têm esse programa. E esse PLNM é para a melhoria da língua, então deveria ter uma sala específica para eles e tal. Você ouviu falar disso, sabe de alguém que frequenta?

Speaker 2: Também estas informações nunca chegaram em mim nem nunca ...

Speaker 1: Porque é assim, isto aqui, nos documentos portugueses tá lá, né? Na avaliação da política educativa, Portugal tem uma nota boa, porque tem este programa. Só que de fato, o programa, no chão da escola, ele não acontece. Porque para formar essa turma, que vai sair no mesmo horário, entendeu? E vai paralelamente ter o Português Língua não Nativa, né, onde esse professor dessa turma iria até apoiar nas outras disciplinas, porque você imagina, o cara não fala português, imagina se ele vai entender História de Portugal. Jamais.

Speaker 2: Complicado.

Speaker 1: Não é? Então haveria essa turma. Na política está lá, na avaliação da política Portugal tem notas excelentes saiu o índice, se você colocar em qualquer jornal agora saiu a nota de Portugal novamente excelente

Speaker 2: Hã

Speaker 1: No top da lista de política de imigrante, beleza. Ai o que é que acontece? Existe uma legislação que barra, entendeu? A escola formar esta turma. Porque é exigido 10 alunos por cada nível de proficiência. Então por exemplo eu tenho um aluno no A0, ou seja, não fala nada, eu tenho um aluno no A1, eu tenho que ter 10 no A0, 10 no A1, 10 no A2, 10 no B1, 10 no B2, entendeu?

Speaker 2: Complicado.

Speaker 1: Para formar as turmas. E a escola, veja, este agrupamento tem 1300 crianças e não tem 10 alunos para formar uma turma do A0, por exemplo, ou do A1, ou do B2. Então tudo isso

é muito complicado, porque quando chega no 9º ano, os estrangeiros têm que prestar uma prova de Português Língua não nativa e a escola é medida por isso, e tudo isso. Então, eles vão... tudo isso dá pra resolver no plano de melhoria, no programa TEIP, como eu lhe disse, a escola apresenta o plano de melhorias, se ela fizer disso uma necessidade, ela pode incluir, entendeu?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Entendeu? Ela pode incluir lá e pedir dinheiro pra fazer isso. Aí o problema é que isso seja uma necessidade para a escola.

Speaker 2: Parece que não.

Speaker 1: Parece que não, ou uma prioridade, que a escola entenda isso como uma prioridade e inclua lá no plano de melhoria e que o dinheiro chegue, né? Até isso o menino já está saindo da escola.

Speaker 2: Pois é.

Speaker 1: Mas, enfim. Então eu talvez ontem pudesse ter terminado com você, sem passar por estes programas, porque realmente..., mas é bom falar, né, pelo menos você conheceu um pouquinho mais do funcionamento

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Das políticas para os estrangeiros.

Speaker 2: Pois é. Tem tanta coisa que podia ser usufruída e não está sendo por negligência talvez. Porque se tivesse boa vontade não precisava ter um aluno do A, um aluno do B. um aluno do C, juntava tudo numa turma e se eles tivessem um pouco mais de consideração pelo próximo, o professor ia ter um pouco mais de paciência para explicar de um jeito pra um, de um jeito para o outro e de um jeito para outro.

Speaker 1: Eles falam no apoio, por exemplo, ali os surdos têm na sala de aula, eles têm o apoio de um professor de língua gestual. Então, na sala de aula tem um professor de língua gestual fazendo o apoio, então eles falam que deveria ter o professor de PLNM junto, também poderia ser uma saída, entendeu?

Speaker 2: Agora lembrei-me que na turma da minha filha tem um menino que ele é especial da cabeça e tem o professor que dá as aulas para a minha filha e vem um professor específico para dar aula pra esse menino.

Speaker 1: Poderia ser feito isso pros 3,4 turcos ou indianos que estão ali com a maior dificuldade, não é? Ou chineses. Os chineses são os piores

Speaker 2: É.

Speaker 1: Eles se isolam, não aprendem nada, não é, enfim.

Speaker 2: Hum, hum

Speaker 1: Mas é esse, meu trabalho é esse, entendeu? Depois eu vou fazer.... Desde já eu vou fazer um convite para você, que os resultados da pesquisa, né, eles vão ser apresentados numa reunião, depois, né?

Speaker 2: Certo.

Speaker 1: Pra validar junto com a escola o que eu estou fazendo, porque também seria uma ... eu fazer um negócio e não dar conhecimento pra escola do resultado, não é?

Speaker 2: Certo.

Speaker 1: Pois eu usei as pessoas pra fazer e tudo mais, então, procedimento ético da pesquisa é fazer uma devolutiva dos resultados, a gente vai fazer uma reunião, com o diretor, com todas as pessoas que participaram, com as crianças, inclusive.

Speaker 2: Hum, Hum

Speaker 1: Então eu queria saber desde já se você participa, se eu posso lhe convidar

Speaker 2: Pode sim, esteja à vontade.

Speaker 1: Aí você vai ver lá o resultado disso tudo.

Speaker 2: OK.

Speaker 1: E assim, com a sua filha talvez eu vá fazer ... conversar com as crianças, eu tinha feito uma metodologia de pesquisa com os meninos diferente das entrevistas. É um grupo de discussão focalizada, entendeu? Agora com a pandemia tá difícil, tá difícil porque eu fico receosa de expor os meninos, de me expor, não é? Porque também não sou nenhuma jovencinha... E não sei como eu vou fazer com os meninos, mas você permite que a sua filha participe do grupo, não?

Speaker 2: Sim, sim, com certeza.

Speaker 1: Você acha que ela vai gostar de participar?

Speaker 2: Eu acho que sim porque ela é uma pessoa de bastante opinião e gosta de interagir, de falar, só que assim, no meio dali da aula ela é mais reservada, gosta muito de observar, para depois ter uma análise daquilo que se está passando.

Speaker 1: Então tá bom, então a gente está em contato, quando eu for fazer o grupo com as crianças eu volto com você.

Speaker 2: Ok.

Speaker 1: Tá bom?

Speaker 2: Tranquilo.

Speaker 1: MUITÍSSIMO obrigada por me ouvir

Speaker 2: Imagina

Speaker 1: E me ajudar, viu? Por que fazer pesquisa nesta fase da vida e no meio da pandemia, num lugar estranho, eu não sei aonde eu estava com a cabeça quando eu inventei esse projeto pra minha vida.

Speaker 2: É complicado, mas dá tudo certo no fim

Speaker 1: Com certeza

Speaker 2: Tá bom?

Speaker 1: Tá, obrigada, bom dia pra você aí

Speaker 2: Tchau, bom dia.

Speaker 1: Tchau tchau, bom dia.

E12 - 08/12/2020 - Encarregados da Educação (Padrasto Luso-Brasileiro, Mãe Brasileira)

Speaker 1: Você está me ouvindo? Mas eu não te ouço, você tá no mudo

Speaker 2: Prontinho. Tá me ouvindo bem?

Speaker 1: Aí, beleza... muito bem. Tudo bom ?

Speaker 2: Tudo bem, e você?

Speaker 1: Muito prazer. Você é o padrasto da ...

Speaker 2: (nome da aluna)

Speaker 1: Isso mesmo

Speaker 2: A minha esposa tá aqui ...Se você quiser que ela participe junto...

Speaker 1: Ué, pode ser, porque não?

Speaker 2: Venha mãe.

Speaker 1: Rs. A sua esposa fez pesquisa a meu respeito, tudo...

Speaker 2; É, a gente pensou hum... background (?) Rs

Speaker 1: E aí mãezinha, tudo bom?

Speaker 3: Tudo bem?

Speaker 1: Prazer.

Speaker 3: Prazer.

Speaker 1: Tá gravando, beleza...Como você sabe meu nome é Fátima né. Sou estudante da Universidade do Porto. Eu decidi fazer um mês um curso de graduação depois da minha aposentadoria. Me formei há quatro anos atrás e agora decidi fazer o mestrado. Então antes de iniciar nossa conversa eu gostaria de agradecer mais uma vez a participação sua, a participação da sua esposa e futuramente a participação da sua filha na minha pesquisa, e informar que essa pesquisa ela é ela, ela trata sobre a participação de alunos migrantes na escola portuguesa. E dessa pesquisa participam o diretor professores os pais e os alunos. Então eu preciso de uma autorização formal sua ... chama-se 'consentimento informado' é um procedimento da pesquisa que eu preciso anexar. Eu vou mandar para você por pelo WhatsApp ou por e-mail aí você me devolve. Pode ser até aquela assinatura escaneada, sabe aquela assinatura que você faz pelo Adobe.

Speaker 2: Hum Hum

Speaker 1 Você conhece?

Speaker 2: Sei.

Speaker 1: Isso. Pode ser, ou você pode imprimir, assinar, escanear, o que é um pouco mais complicado.

Speaker 2: Tranquilo

Speaker 1: Mas eu infelizmente não posso prescindir desse papel e eu preciso também dar uma concordância para que a entrevista seja gravada.

Speaker 2: Está autorizada.

Speaker 1: E essa gravação ela vai ser utilizada apenas para este trabalho de investigação e, nem a escola, nem os participantes serão identificados nas transcrições e e todo o material da pesquisa vai permanecer arquivado e de forma sigilosa. Então tem aí um compromisso de confidencialidade, certo?

Speaker 2: Certo

Speaker 1: Bom aí então a gente pode começar a tentar ser ...porque eu sou de conversar, entendeu? Daqui a pouco a gente fica aqui como eu fiquei com outro pai outro dia três horas conversando... até conhece vocês, é o pai da...

Speaker 2: (Fulano).

Speaker 1: Sim

Speaker 2: Isso...

Speaker 1: Nossa, eu conversei três horas com o ele, até desliguei o vídeo, eu disse -Você é maluco? Eu vou transcrever tudo isso? Não. Bom, então, primeira pergunta. Como foi o seu primeiro contato com a escola?

Speaker 2: A escola ...Porque primeiro foi tudo intermediado pelo agrupamento...

Speaker 3: Na verdade o primeiro contato foi meu, né.

Speaker 2: Com o agrupamento?

Speaker 3: É, desculpa, você quer saber do agrupamento ou da escola? .

Speaker 1: Quero saber o primeiro contato com o agrupamento; como é que você chegou no agrupamento; se você já sabia onde se dirigir...

Speaker 3: É... esse primeiro contato com o agrupamento foi meu, eu fui só ...eu e a minha filha no caso fomos na escola, a gente já tinha pesquisado muito pela internet, como funcionava o sistema aqui, tal... então a gente sabia que a gente deveria ir no agrupamento, enfim, no nosso agrupamento, do bairro e tal... A gente acabou indo no agrupamento do bairro vizinho, a gente mora no bairro X, mas a gente mora muito perto da escola que ela estuda, da escola, né, dá cinco minutos a pé. Então apesar de a gente ser do bairro X, a minha filha estava autorizada a estudar nessa escola por estar muito mais próxima do que as do nosso agrupamento,

Speaker 2: Do Bairro X

Speaker 3: É. Que é a do Bairro X, essa, né, eu cheguei lá com ela e cheguei com todos os documentos que eram possíveis né. Como a gente tinha acabado de chegar a gente chegou em agosto a aula começaria em setembro e eu queria resolver logo essa questão da escola porque é algo que me deixa nervosa, eu sou uma pessoa muito organizada então eu já queria ter saído do Brasil com isso definido, mas não era possível. Então foi a primeira coisa que a gente fez chegando aqui. Daí faltavam alguns documentos... eu já tinha marcado ... já tinha agendamento pra tirar o meu NIF e o dela, faltava o NIF, eles pediram o número de utente, pediram o NISS dela, pediram um monte de coisa que eu não tinha, né... E daí foi meio complicado porque ele...uma má vontade muito grande, assim meio tipo... -Ah, você precisa de tal coisa, tal coisa, tal coisa.

Eu falei, tá, mas eu não tenho essas coisas agora o que eu faço. E eu fui com todos os documentos que eu tinha o histórico eu estava apostilado, enfim tudo que dava eu levei e, daí eles - Ah não, mas se não tem então, meio que não tem o que fazer assim, sabe? Enfim deixei o histórico lá para eles fazerem a validação. E eu me senti... nossa, eu aquele dia até chorei porque eu me senti realmente muito maltratada, assim, sabe, foi uma coisa meio pesada para mim e parecia meio sem solução, assim, de eles pediam, por exemplo, o número de utente, eu não tenho como ter o número de utente ainda porque o número de utente só dão quando eu tenho a residência. Eu tenho direito a residência porque eu sou casada com ele que é cidadão. Só que eu tenho que esperar passar os três meses morando aqui para daí pedir. E daí eu não tinha como ter isso na época e fui ao Centro de Saúde pedir pelo menos uma inscrição, alguma coisa, né. Enfim, daí a segunda vez foi a que você foi

Speaker 2: Foi comigo

Speaker 3: Que daí eu pedi para ele ir junto porque o tratamento é sempre diferente quando tem um cidadão envolvido e quando não tem.

Speaker 1: Há quanto tempo você chegou?

Speaker 2: Foi dia 15 de agosto.

Speaker 3: A gente chegou 15 de agosto

Speaker 1: Agora, agora...

Speaker 3: É

Speaker 1: Certo, muito bom.

Speaker 3: A gente chegou num sábado, a gente foi na escola na segunda assim

Speaker 2: A gente chegou ...

Speaker 3: Era prioridade, né, prioridade.

Speaker 2: A gente chegou em agosto justamente porque tinha um mês para começar a aula ... pra gente conseguir organizar tudo a tempo e a gente só conseguiu matricular ela no dia anterior ao início das aulas e depois de muito barraco muita espera muita... quando eu fui lá ela me disse que o tratamento foi completamente diferente do que quando ela foi...

Speaker 3: Porque foi impressionante, porque eles não me deram informação alguma de nada.... Eles simplesmente meio que desdenharam e tal e daí quando ... e eu pedi pra ele ir porque embora eu não goste dessa coisa, né, dessa diferença, eu quero matricular minha filha na escola, né, eu quero resolver o problema e daí eu pedir para ele ir. Quando eles viram que o meu esposo foi com passaporte cartão de cidadão, enfim, quando eles viram, foi um tratamento completamente diferente. Eles inclusive falaram que ele deveria ser, o agrupamento falou que ele deveria ser o encarregado, porque ele é cidadão e eu não, sendo que ele é padraço e eu sou mãe, assim, sem nenhum problema, né, mas pô é uma coisa absurda.

Speaker 2: A moça olhou, a Antonieta lá que estava atendendo na época, ela pegou e falou, é melhor fazer com ele porque vai correr melhor e também achou que era melhor colocar a minha filha no espanhol e não francês por questão de vaga, porque o sétimo ano é um ano complexo de ter vaga nas escolas tem poucas escolas que têm o sétimo, que é início do ciclo, que era o da minha filha e.... aí a gente começou a tratar a partir disso. Só que a gente ficava ligando sempre perguntando olha, já validou aí? Porque precisava que a diretora validasse o histórico da minha filha, só que a diretora estava de férias, a diretora não, era uma outra professora lá, estava de férias ... (falando com a mãe). Mas era um diretor, né, diretor, diretor. Uma diretora, ela tinha que validar, só que ela estava de férias e aí eu ligava e falava - Olha, e aí, como é que é, a diretoria já chegou, já não sei o que, já não sei o que, num sei que, num sei que ... e, foi essa enrolação ... semanas foram passando...

Speaker 1: Quanto tempo durou esse processo?

Speaker 2: Durou desde que a gente chegou no dia

Speaker 3: Segunda feira dia 17 de agosto até o dia 16 de setembro um dia antes de começar as aulas

Speaker 2: Porque aí a gente chegou e falou ...

Speaker 1: Você só conseguiu matricular um dia antes?

Speaker 2: A gente conseguiu matricular um dia antes porque a gente chegou lá e falou - A gente está fazendo tudo o que vocês pedem, a gente tem todos os documentos. É lei ela estar matriculada na escola não é possível que não tenha nada para fazer que a gente possa fazer pra minha filha estar na escola, amanhã...

Speaker 3: Teve que rolar um escândalo. A gente chegou um dia antes com eles jurando que eles teriam uma solução e daí eles não tinham essa solução. E daí eu fiz um certo escândalo, né, a gente fez um certo escândalo... Rs. Muito educado.

Speaker 2: É....

Speaker 3: Mas eu falei - Olha, eu faço o que vocês quiserem, eu só preciso realmente matricular minha filha. Não é possível, é lei que ela esteja matriculada, não é possível que não haja o que ser feito, né?

Speaker 2: Só deu certo meio na base da briga, assim mesmo. Depois de um certo tempo, essa (pessoa) que era mais senhora ela pegou férias e passou a atender a gente a.... (dirigindo-se à mãe - Como é que é o nome da menina?) Uma que a gente até indicou pro (fulano) lá, eu não lembro o nome dela, acho que é X...

Speaker 3: Eu vou ver o nome dela aqui, não é ...

Speaker 2: Ela começou a atender a gente, ela foi muito mais atenciosa, ela entendia a nossa aflição de querer estar colocando a minha filha na escola logo, foi muito mais receptiva...

Speaker 3: (Fulana)

Speaker 2: Foi muito mais receptiva e começou a atender a gente a partir daquele momento e aí, enfim, eu sei que nesse dia nesse dia a gente fez esse barraco aí, mini barraco...

Speaker 3: Era um dia antes, era dia 16 de setembro e a aula começava no dia 17...

Speaker 2: E ela falou - Realmente Ela fez assim pra gente (sinal de negativa) ...a gente falou -Não, não é possível, a aula começa amanhã. Tem que ter alguma coisa ... chama o diretor...

Speaker 3: E não é como que a gente não tivesse feito a nossa parte, não é como se a gente não tivesse tentado...

Speaker 2: Eu falei chama o diretor, chama quem for, enfim. ou Só sei que ela conseguiu falar com o diretor do agrupamento e ele conseguiu enfiar a minha filha, porque essa espera maior foi para descobrir se tinha a vaga e eles não falavam se tinha vaga não, eu falei - Não é possível que um dia antes de começar as aulas vocês não saibam se tem vaga ou não. E aí ela conseguiu lá ... O diretor matriculou a minha filha. E aí a partir disso as coisas começaram a andar. Ela ficou muito tempo sem livro porque eu não tinha pego os vouchers dos livros e aí mandaram depois de mais de umas semanas... A gente conseguiu pegar todos na editora lá na Porto Editora e um a gente só pegou semana passada

Speaker 3: Faz duas semanas...

Speaker 2: Ela ficou todo esse tempo só sem um livro de uma matéria...

Speaker 3: Mas só de um livro, né, essa questão dos livros eu acho que funcionou muito bem

Speaker 2: Depois que matriculou foi tudo bem, mas pô, a gente demorou um mês para conseguir colocá-la na escola e a gente não fez muito mais coisas além do que a gente já tinha feito. Foi só a boa vontade do diretor, cansar da gente encher o saco e falar - Beleza. E matricularam ela.

Speaker 3: Foi bem difícil.

Speaker 2: E aí a gente deu a letra para o (fulano) e para o (beltrano)... falarem com essa mesma moça e meio que fazer um barraco mesmo porque a minha filha ainda chegou depois né. A gente há um mês tentando resolver ...

Speaker 3: O que, desculpa...

Speaker 1: Brasileiros unidos...

Speaker 3: Rs

Speaker 2: Não... é que eu trabalhei... é a terceira vez estou morando aqui. Ano passado eu trabalhei com (Beltrano) no restaurante, o marido do (fulano) e aí a gente se conheceu e tal e agora tinha voltado ... e a filha estava vindo ali e eles tinham falado que tinham tudo ajustado da escola. Mas aí eles começaram a falar com a gente e eu falei, eles não têm nada ajustado.

Speaker 1: O (fulano) se matou para conseguir um NIF, né...

Speaker 2: É, pois é.

Speaker 1: Pois bem, deixa eu fazer uma outra pergunta. Você considera que houve por parte de quem recebeu você, preocupações no sentido de orientá-lo sobre o funcionamento do sistema educacional em Portugal.

Speaker 2: Não, não, a gente pesquisou, né...

Speaker 1: Tipo, o ciclo básico são não sei quantos...depois vem o secundário... são não sei quantos anos...

Speaker 3: Eu acho que a (pessoa que nos recebeu) teve... ela foi a pessoa que mais se mostrou preocupada, mas não tanto num sentido de diferença e como funciona o ensino, etc. como o ensino etc., mas teve algumas coisas, explicou que era espanhol ou francês que conversava no sétimo, que ela não ia começar... eles já teriam francês a vida inteira e ela teria francês agora, enfim explicou, uma coisa ou outra pontualmente.

Speaker 1: Pro ciclo dela, mas não sobre o sistema como um todo

Speaker 2: Mais ali dentro do agrupamento, mas a gente veio com o dever de casa muito bem estudado, assim...

Speaker 1: Ah sim, todas as informações pra chegar no agrupamento foram só pela internet
Speaker 2: Só pela internet. A gente pesquisou tudo
Speaker 3: Faz muito tempo que a gente tem pesquisado...a gente pesquisou antes de vir
Speaker 2: A nossa vinda foi definida quase um ano antes da gente vir, assim, a gente decidiu que viria de novo em outubro novembro de 2019 e viemos em agosto, então e, todo esse tempo, foi planejado em função disso. Então a escola da minha filha era uma das prioridades principais nossas e, a gente pesquisou tudo como funcionava então de diversas fontes diferentes. E aí a gente chegou já meio sabendo, sabe? As nossas dúvidas era ali em relação ao agrupamento, às escolas...

Speaker 1: Porque tem muitos pais que chegam sem orientação nenhuma
Speaker 2: Exato.
Speaker 1: E aí são orientados pela Junta de Freguesia...
Speaker 3: A nossa experiência com a Junta de Freguesia foi a pior que você pode imaginar. Olha, a Junta de Freguesia não serve prá nada... Rs.
Speaker 1: Deixemos. Algum material explicativo você recebeu na mão, um material impresso explicativo
Speaker 3: Sobre o sistema, também?
Speaker 2: Você tem conhecimento de algum programa desenvolvido pela escola para receber pais imigrantes
Speaker 2: Não...
Speaker 1: Que visitam a escola pela primeira vez?
Speaker 2: Não.
Speaker 1: No processo de matrícula foram exigidos quais documentos? Você já falou que o histórico, o NIF...
Speaker 3: O histórico apostilado, NIF, pediram NISS, mas depois aceitaram sem o NISS. Pediram número de utente, mas daí aceitaram só a inscrição no centro de saúde, pediram passaporte meu e dela, e dele, no fim das contas...
Speaker 2: É que aí eu fui obrigado a
Speaker 1: A residência dele valeu?
Speaker 2: É que eu sou cidadão, né, eu tenho cidadania, né.
Speaker 3: Eu e ela que somos reles mortais. Rs
Speaker 2: Aí foi muito mais fácil.
Speaker 1: Mas não pediram comprovativo de residência?
Speaker 3: Pediram, pediram.
Speaker 2: Pediram.
Speaker 3: Mas a gente tinha contrato de aluguel, enfim...
Speaker 2: A gente tinha um contratinho meio sem vergonha, assim, mas tinha as nossas assinaturas, da Senhoria e os documentos a senhoria e foi assim. Ah! E eu levei uma carta, eu levei uma carta também.
Speaker 1: Processo seletivo... não houve...
Speaker 2: Não houve.... Não que a gente saiba ...não passou pela gente.
Speaker 1: Tá. Alguma dificuldade por não existir vaga?
Speaker 2: Demorou, diz que não tinha, na verdade, né...
Speaker 1: Disse que não tinha?
Speaker 2: Eles não sabiam dizer se não tinha e a maior espera foi essa. A gente ligava toda semana pra descobrir se tinha vaga ou não. E não sabiam falar, porque enfim, não teve nenhuma...
Speaker 3: A gente ficou um pouco confuso, se era por causa da Covid, porque as salas são pequenas né. Tem 17 crianças na turma da minha filha, né. É uma sala relativamente pequena,

né. E então eu fiquei meio confusa se é por causa da Covid que eles diminuíram o número de crianças por sala ou se de fato é assim, mas se a gente não sabe se havia vaga ou não. Mas a questão é que toda a demora foi por causa da vaga que a gente não sabia se tinha ou não, eles não davam resposta, não diziam - Não tem, procurem em outras escolas nem -Tem, matricule sua filha, sabe? Ficou uma ...

Speaker 2: Cada um olhava pra um lado, assim, não sabia nada, a gente esperando, pressionando o tempo inteiro...

Speaker 3: Só que esse agrupamento, eu não sei se o seu trabalho é com outros agrupamentos também ou se é só especificamente com esse, tem uma questão séria no sétimo ano que tem uma escola que está em reforma, né. Então a única que tem o sétimo ano desse agrupamento é essa, então, meio que se não tem vaga eles tinham que dar um jeito, né

Speaker 2: É, ou tinha que ir para outro agrupamento, mas aí fica longe.

Speaker 3: E a minha filha nem atravessa a rua pra chegar na escola, é muito fácil

Speaker 2: É super perto.

Speaker 3: Enfim, a gente não sabe responder...

Speaker 1: Eu cheguei aqui numa época que, há dois anos atrás, a Escola sede ...tinha uma luta muito grande do diretor do agrupamento para a reforma daquela daquele prédio.

Speaker 2: Ham Ham

Speaker 1: Chovia dentro... porque

Speaker 2: Tava precário...

Speaker 1: Era uma coisa... ele foi à imprensa, entendeu? Tinha várias matérias dele na imprensa falando sobre as condições da escola. Então ele batalhou muito por essa reforma né. E parece que esse agrupamento é um dos agrupamentos que mais tardaram a receber as modificações, a modernização né... existem agrupamentos que estão bem e tudo mais.

Speaker 2: É.... quando a gente teve reunião com o diretor de turma com os pais ele falou que quando ficasse pronta essa escola ia ser

Speaker 1: Top

Speaker 2: Ponta de linha, top de linha assim. E aí ia dividir, todo mundo meio que ia prá lá, ia ser um negócio, um nível absurdo, assim.

Speaker 1: Agora está todo mundo nessa expectativa né. Tomara... Bom... a escola faz a avaliação dos conhecimentos prévios dos alunos imigrantes para alocá-los no ciclo-ano adequado. Você tem conhecimento dessa avaliação e de como ela foi feita?

Speaker 2: Não. O que teve foi... validação do histórico dela. Viram o histórico dela e aí decidiram se poderiam matricula-la ou no sétimo ou no oitavo.

Speaker 3: E optaram por colocá-la no sétimo. Ela não teve nenhum contato com a escola antes de ir para o sétimo ano. Ela chegou no sétimo ano e foi isso. Ela tinha feito metade do sétimo ano do Brasil, no Brasil, né, só que foi essa questão pandêmica e tal, foi tudo online a aí quando chegou aqui, eles validaram tudo que ela tinha feito, deram pra ela o sexto ano e aí ela começou o sétimo.

Speaker 1: Então ela perdeu um pouquinho né.

Speaker 3: É, mas foi uma escolha nossa na verdade porque a princípio ...

Speaker 1: Foi nossa, isso que eu quero saber porque há muitos pais que pedem pra ...

Speaker 2: Voltar.

Speaker 3: Não, o que aconteceu foi que o nosso plano na verdade era vir em janeiro de 2021 e ela teria concluído o sétimo ano e ia entrar no pedaço do oitavo, né, já teria começado o oitavo, ia para o oitavo a partir de janeiro. Só que como veio a pandemia ela ficou tendo aula online... assim, apesar de todos os esforços dos professores das escolas não foi frutífero, assim, ela não estava aprendendo, então a gente acabou optando por vir em agosto e ela começar, recomeçar direito o sétimo ano. Foi uma escolha nossa. A gente nem tentou que ela fosse pro oitavo ano.

Speaker 2: Mais também foi uma coincidência deles a colocarem no sétimo, não é?

Speaker 3: É que ou eles colocavam no sétimo ou no oitavo, né.

Speaker 1: E você não pediu pra ...não

Speaker 3: Não pedi pra colocar no oitavo.

Speaker 2: A gente esperou a equivalência e falou -Bom, deu sétimo, começa de novo aí porque não aprendeu nada no primeiro semestre do Brasil

Speaker 3: E é diferente aqui, tem todas as adaptações, a gente achou melhor.

Speaker 1: E você sabe como foi feita a avaliação ... só no papel.

Speaker 3: A gente nem sabe se teve, eu acho que não teve essa avaliação...

Speaker 2: Não teve, ela não passou por nenhum tipo de avaliação para nivelamento, assim...

Speaker 3: A única coisa que eles fizeram ...

Speaker 1: Não sabe quem fez essa avaliação, também ...

Speaker 2: Ela não foi abordada para fazer nenhum tipo de avaliação. Se foi, foi subjetiva, assim, uma pessoa viu...

Speaker 1: Se foi, foi pelo documento e também isso foi coisa administrativa

Speaker 3: É provável que tenha sido pelo documento...

Speaker 2: Se foi, foi uma coisa interna, nunca chegou na gente, nunca chegou na gente, nenhum de nós três.

Speaker 1: Então ela se demonstrou apta a seguir no mesmo ano que corresponderia mais ou menos ao ciclo que ela estava...

Speaker 2: Isso.

Speaker 1: Bom passamos o primeiro bloco.

Speaker 2: Beleza.

Speaker 1: Vamos ao segundo, aspectos culturais. Em casa falam que idioma vocês?

Speaker 2: Português

Speaker 1: Português brasileiro.

Speaker 2: Brasileiro.

Speaker 1: Bom... ela está há pouco tempo na escola, mas eu queria saber se vocês já perceberam se existe por parte da escola a preocupação da escola, do professor, não é? de que os alunos da sala aprendam a respeito da cultura brasileira por exemplo que é a cultura da minha filha..

Speaker 2: Acho que não.

Speaker 3: Na verdade o que ele relata é que eles sabem muito da nossa cultura, né. Eles acompanham muita coisa da nossa cultura, musica, novela, enfim..., eu posso estar errada, mas não percebi nada que ela tenha relatado ou mesmo que o próprio diretor de turma tenha relatado de um incentivo à cultura brasileira.

Speaker 2: O diretor de turma é muito atencioso e preocupado

Speaker 3: Acessível

Speaker 2: É, acessível ... com essa questão do aprendizado, mas em relação à cultura, adaptação, acho que não houve nada nesse sentido, foi muito mais aí, que ela se adapte ao nosso meio, não a gente ao dela, sabe?

Speaker 1: Alguma atividade dentro ou fora da escola que você percebeu que ela ... que tinha a preocupação de aprender a respeito de diferentes culturas?

Speaker 3: De diferentes culturas?

Speaker 1: É....diversidade cultural...

Speaker 2: Tem uma disciplina de cidadania, né?

Speaker 3: De cidadania, mas a Cidadania não é disso, a Cidadania é meio que ética, moral e bons costumes Rs...mas eu sinto um estudo muito global, assim, de muitas culturas, não digo especificamente da brasileira, mas ela vive vindo fazer trabalho... mentira, é principalmente da

Europa. Mas ela vive vindo com trabalho assim tendo que fazer trabalhos sobre culturas, de um modo geral, assim...

Speaker 1: Então há a preocupação para aprender a respeito de diferentes culturas.

Speaker 2: Mas não da brasileira...

Speaker 3: Superficialmente sim

Speaker 2: Eu acho que não há fora das disciplinas...

Speaker 1: Por causa da integração da União Europeia, talvez né...

Speaker 3: Muito mais forte.

Speaker 2: Tem um conteúdo programático das disciplinas ... Se tem essa questão é porque está dentro do conteúdo programático. Fora disso eu acho que não.

Speaker 1: E isso vocês percebem dentro da disciplina de Cidadania?

Speaker 3: Não só da cidadania, isso de um modo geral, de geografia, de história, né.

Speaker 2: É.

Speaker 1: Que bom. E você considera que na escola a diversidade cultural é apreciada ou é um problema?

00:29:24

Speaker 3: Um problema.

Speaker 1: Por que?

Speaker 3: Ah... Por que?

Eu não acho que a minha filha tenha sofrido algum tipo de preconceito por enquanto pelo menos por ser brasileira, mas culturalmente falando Brasil e Portugal... eu não sei se Brasil e Portugal ou a minha filha e a escola que ela está estudando agora tem algumas questões muito sérias em relação à mulher. Ela relata muitas questões machistas que ela fica horrorizada e ...não acontece e uma coisa ou outra aconteceu com ela, mas o mais grave não aconteceu com ela, mas foi tão grave que eu fui falar com um diretor de turma porque se acontecesse algo parecido com a minha filha eu chamava a polícia. Não é nem que eu ia na escola, no agrupamento. Não. Eu chamaria a polícia mesmo e, eu fui conversar com o diretor de turma porque para mim era uma coisa assim horrorosa que não pode acontecer, que é absurda, que nenhuma menina, mulher, ninguém ...

Speaker 1: Você pode contar pra mim esta situação?

Speaker 3: Posso contar. A minha filha me relatou. São várias pequenas coisas, mas aqui foi mais grave, foi uma situação em que uns cinco ou seis garotos da sala dela, da turma dela, prenderam uma menina, uma só, para ficar batendo e pegando na bunda de outra menina ... dessa menina que estava presa...

Speaker 1: (?)

Speaker 3: Oi?

Speaker 1: Desculpa...

Speaker 3: Pois é, eu chorei junto quando ela me contou, né, para mim foi uma coisa assim, é inaceitável, sabe?

Speaker 2: E o professor estava presente...

Speaker 3: Pois é, e o que me deixa mais chocada de tudo é que o professor de educação física estava presente e fingiu que não viu, simplesmente. E, enfim ... o que ela fala ... que isso é muito comum... porque, por exemplo, ela diz - Eu tentei ajudar a garota, mas eu sozinha não tinha como ajudar contra cinco caras. Mas eu pergunto, tá essa menina não fica indignada, sabe, não vai, sei lá, reclamar com algum adulto qualquer coisa assim - Não, elas acham isso normal, como se isso fosse realmente...como se isso fosse algo aceitável sabe. Lógico ...ela que sempre teve uma educação muito feminista, né, muito ... eu sempre tive muito esse viés assim na educação dela. Então pra ela algumas coisas são muito claras que para outras pessoas talvez não seja, né. É o que ela fala - Eu tenho a sensação de que essas meninas nem sabem que elas

não devem passar por isso. Então, enfim, fui conversar com o diretor de turma e, enfim, ele falou que realmente é um absurdo e que realmente é um absurdo o professor de educação física ter visto não ter feito nada, mas é meio que dizendo - Olha, olha...

Speaker 2: Não tem muito o que fazer

Speaker 3: Não tem muito o que fazer, é cultural mesmo ...eu abomino... eu vou conversar com as crianças, mas é assim como eles agem, meio tipo... Ele foi muito atencioso e acessível, mas meio que ele disse que ele não tem o que ele fazer sozinho assim, sabe?

Speaker 2: Meio que ele ia falar com os outros professores, mas era o que ele podia fazer... falar com os outros professores.

Speaker 3: E com as crianças, né.

Speaker 2: E com as crianças.

Speaker 3: E falou de fato com as crianças.

Speaker 2: Ele nos alertou a respeito da turma da minha filha, desde o primeiro momento, que é uma turma muito complicada... que é a pior, assim, bagunceira, desrespeitosa, meio indisciplinada e que ...

Speaker 3: Isso antes da gente ter problema ele já avisou.

Speaker 2: E que ia dar problema, sabe? Meio que na reunião de pais já falou assim que a gente tinha que meio que lidar com essas questões ou estar preparado porque a turma não correspondia, tal, tal, tal

Speaker 3: E de maneira geral os professores não gostam muito da minha filha, né. Tem uma de português, talvez que ela se queixa um pouco mais, mas de maneira geral eles acham que ela é extremamente educada porque agradece quando, sei lá, dão um papel, qualquer coisa... coisas básicas, eles acham o extremo da educação, assim, sabe, porque eles de fato estão acostumados com uma coisa que olha ...Minha filha chega pra mim horrorizada com as coisas que eles fazem com os professores por exemplo a professora fala coloquem a máscara direito fulaninho. O fulaninho vai lá e tira toda a máscara de desaforo e todo mundo da sala tira para desaforar a professora. São coisas assim ... Minha filha não foi educada assim, sabe Rs. Então pra ela é meio chocante isso, sabe, essa diferença.

Speaker 1: Essa coisa do machismo é horrível, não é?

Speaker 2: Exato.

Speaker 3: É horrível, né.

Speaker 1: Além dessa situação do machismo, algum outro tipo de preconceito... de situação de preconceito?

Speaker 2: Acho que não. Não que ela tenha relatado, especificamente.

Speaker 1: A escola tomou medidas, falou com o diretor, falou com os professores não é

Speaker 2: E é isso.

Speaker 1: E é isso.

Speaker 2: É.

Speaker 1: Tá bom.

Speaker 2: A gente pediu em pedir para mudar ela de turma, mas ela ...

Speaker 1: Outro bloco agora.

Speaker 2: Vamos lá.

Speaker 1: Agora vamos falar da relação, da sua relação e da sua filha com a escola. Na sua opinião os professores dessa escola são bons para ensinar alunos que vêm de outro país?

Speaker 3: Não tenho a menor ideia, não tenho como te responder porque eu só conheço o diretor de turma não foi apresentada a nenhum outro professor, não nada. Conheço e tenho abertura para falar com o diretor de turma, sendo que ele foi superacessível e ele também vem falar, vai para a minha filha e fala que ela tem direito ao cheque dentista sendo que a gente nem perguntou nada, ele é uma pessoa próxima e que tenta ajudar sempre, mas os professores eu

não tenho nenhum relacionamento. Posso falar pelo que ela relata, mas do meu lado não conheço nenhum.

Speaker 2: Nossa visão é a da minha filha, né, basicamente.

Speaker 1: E a sua filha relata o que?

Speaker 2: Ela tem umas queixas de alguns professores, mas nenhuma das queixas em relação a essa questão do imigrante, assim, de outras culturas...ela tem uma questão com alguns professores mais velhos...

Speaker 3: A questão é que a minha filha a vida inteira estudou em escolas construtivistas que questionam, que estimulam a criança a questionar, etc. Daí ela segue para uma mudança extremamente drástica para uma escola de ensino tradicional. Essa é a queixa maior dela no sentido de que aqui ela não pode questionar porque se ela questiona...

Speaker 2: Retaliam

Speaker 3: Eles retaliam nas crianças. Teve uma professora que deu prova... prova surpresa de retaliação porque as crianças foram perguntar para o diretor de turma sobre alguma coisa que essa professora tinha dito... e era mentira da professora e, daí a professora, enfim, o diretor de turma brigou com a professora e ela foi lá e retaliou, falou que as crianças eram absurdamente traidoras e deu prova. Rs... É uma coisa assim ... Ela a vida inteira foi ensinada a questionar... não a abaixar a cabeça sabe.

Speaker 1: Conheço...

Speaker 3: Então assim, a questão é muito mais em relação a isso, mas ela tem uma queixa muito grande da professora de português acho que a única que nesse sentido cultural que pega no pé é a de português que fala, por exemplo, que palavras ela fala não existem, este tipo de coisa. Fora essa de português, única e exclusivamente diferença de costume da minha filha

Speaker 2: De choque.

Speaker 3: De choque porque ela estava acostumada, não só por ser brasileira, ela estava acostumada com um tipo de escola completamente diferente desse, né. Então eu sinto da professora de português, pelo que ela relata, realmente, essa questão de - Ah não, essa palavra não existe, sabe?

Speaker 2: Invalidação assim.

Speaker 3: É. Uma invalidação, mas nos outros professores pelo que ela relata não há essa questão.

Speaker 1: Eles são bons para ensinar pessoas que vêm de fora. Sim ou não?

Speaker 3: Eu não sei responder, honestamente.

Speaker 2: É muito difícil falar generalizado, assim, né ...

Speaker 1: É...Tá bom.

Speaker 2: Eu acho que eles fazem o mesmo que eles fazem pros outros eu acho que não há nenhuma distinção. Essa é a questão.

Speaker 3: Não existe um existe um esforço, talvez

Speaker 2: É.

Speaker 1: Em questão de oportunidades, você acha que, de participar de atividades, ou de participar da aula, ela tem as mesmas oportunidades que os outros alunos portugueses?

Speaker 2: Eu acho que sim, né.

Speaker 3: Eu acho que sim. Não foi relatado nada diferente dela vindo para gente, pelo menos.

Speaker 2: O pessoal não é participativo da aula e ela é

Speaker 3: Então os professores gostam dela, né, então...

Speaker 2: Ela participa, né...

Speaker 3: É

Speaker 2: O resto das crianças ...

Speaker 3: Ela é educada...

Speaker 2: É.

Speaker 1: De acordo com a sua observação, a observação de vocês, esta escola ou outras..., mas só frequentou uma, então, no caso essa escola tem tudo que a sua filha precisa para aprender? Ou tá faltando alguma coisa?

Speaker 3: Material ou você diz de tudo tudo de tudo.

Speaker 1: De tudo

Speaker 2: Hummmm

Speaker 3: Eu acho que falta pessoas que eles se gostem na escola. Rs...

Speaker 2: É....

Speaker 3: Mas de estrutura...

Speaker 1: Interação, você fala interação entre os alunos?

Speaker 3: Interação. Ela não gosta das pessoas, dessas pessoas porque elas são machistas então a minha filha não tá conseguindo lidar bem com isso. O que eu entendo, porque eu também não consigo ter amigos nesses termos. Eu acho que a minha queixa em relação à escola nesse sentido seria que tem muuuita falta dos professores.

Speaker 2: É, isso é.

Speaker 3: O tempo inteiro ela tem um furo que eles chamam, né, que é quando o professor não vai, mas é o tempo inteiro...

Speaker 2: Muito, muito...

Speaker 3: É uma coisa que eu fiquei impressionada.

Speaker 1: Outras pessoas também relatam isso.

Speaker 3: Oi?

Speaker 2: O tanto de aula que ela não tem ... acorda cedo prá ir pra aula, chega lá não tem as primeiras aulas...

Speaker 3: Muito.... É a minha queixa, assim, de estrutura, disso eu não tenho queixa.

Speaker 2: Acho que não falta nada, acho que tem o básico, tem o necessário. Eu acho que a escola não vai além. Tem o que precisa e é isso aí. Mas tem essa questão dos professores faltarem muito.

Speaker 3: Faltam muito. É impressionante. E ela sempre estudou em escolas particulares, de alto nível no Brasil. Então é realmente um choque, tanto pra ela quanto pra mim.

Speaker 2: E por 'n' questões. De vez em quando vai um substituto, mas o substituto não dá aula. Meio que é aula livre.

Speaker 3: Ele só segura as crianças para as crianças não fiquem no pátio fazendo bagunça. Então elas ficam na sala (?) enfim, fazendo qualquer coisa.

Speaker 1: Você considera que a escola tem realizado esforço para aproximar os alunos e os pais imigrantes?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Não.

Speaker 3: Nem esforço nem não esforço.

Speaker 2: É o que eu falei, é uma indiferença.

Speaker 3: Indiferença, isso, tanto faz...Exceto o diretor de turma que têm essas posturas de vir avisar -Olha, eles têm direito ao cheque, traga o documento que eu consigo para você. Eu sinto que ele tenta explicar coisas que a gente não faz a menor ideia nessa questão do cheque por exemplo eu não fazia a menor ideia de que existia isso. Então o cheque de

Speaker 1: Ela tem direito, né...

Speaker 2: Ao dentista...

Speaker 3: É de saúde, de dentista... E daí ele que veio, do nada, ele nem se queixou nem nada. Eu sinto que o diretor de turma faz um esforço mais ainda assim é

Speaker 2: Dentro do que ele pode

Speaker 3: Dentro do que ele pode, exato.

Speaker 1: Ok. Então vocês foram convidados para fazer parte de reuniões sobre a administração da escola ou tem conhecimento de algum pai imigrante que tenha sido convidado para participar da administração da escola?

Speaker 3: Não.

Speaker 2: Não. Teve uma reunião de turma, reunião de pais...

Speaker 3: Que era sobre conteúdo, reunião de pais, normal...

Speaker 2: Que era de começo, assim...

Speaker 1: Sobre a parte acadêmica, assim, não sobre a parte administrativa.

Speaker 3: Nada.

Speaker 2: Definiram lá uns pais para serem tipo porta voz entre o diretor de turma e os outros pais, mas a gente nunca ouviu falar dessas pessoas, então...

Speaker 3: E eram portugueses e não teve... -Ah vão ser os mesmos do ano passado, tá? Então tá. A gente não conhecia ninguém também...

Speaker 2: Foi tipo - Ah Pode ser vocês que já foram o ano passado, já tem experiência com isso. -Ah pode. -Beleza, todo mundo de acordo? A gente... tá né.

Speaker 3: A gente nem conhece ninguém, né.

Speaker 1: Então né

Speaker 2: Nunca nem ouvimos falar dessas pessoas, então também num sei como é realmente a função.

Speaker 1: E sabem se elas fazem parte da administração?

Speaker 3: Não sabemos nada...

Speaker 2: Não. Não temos nenhum tipo de informação.

Speaker 1: Mas também são novinhos, né?

Speaker 3: Obrigada...Rs...

Speaker 1: Ó, ainda sobre a escola. Eu gostaria que você pensasse no espaço... bom aqui é uma pergunta que eu construí ... e eu queria que você pensasse em termos ideais, certo? Ideais... e pensasse na escola assim, no espaço físico, no professor, na relação entre os alunos, na relação do professor com o aluno, com funcionários, nas aulas, nas atividades e respondesse. O que é uma escola boa para você.

Speaker 3: Posso dar um nome? Rs...

Speaker 1: Pode...

Speaker 3: Eu tenho um amor muito grande por algumas escolas que a minha filha já estudou no Brasil, mas é brincadeira. Eu tenho a imagem de uma escola boa.

Speaker 1: Como ela é?

Speaker 3: Em estrutura eu acho que a escola é boa, assim, né.

Speaker 1: Não estou perguntando dessa. Eu tô perguntando da ideal.

Speaker 2: Do ideal... eu tô falando, então, eu achei que era em comparação à escola, ou não?

Speaker 2: A sua escola ideal

Speaker 3: A minha escola ideal tem espaço verde, tem espaço pra esporte, pra brincar.

Speaker 1: Tipo a escola da Vila...

Speaker 3: Tipo o que?

Speaker 1: Escola da Vila

Speaker 2; Tipo uma escola da ponte assim

Speaker 1: Da ponte?

Speaker 1: Você é paulistana?

Speaker 3: Eu sou carioca, morei em Curitiba minha vida inteira, mas nos últimos dois anos a gente estava em São Paulo, eu e minha filha.

Speaker 1: Em que escola ela estudou?

Speaker 3: Ela estudava no Gracinha. Nossa Senhora das Graças. Você conhece?

Speaker 1: Eu já ouvi falar... porque eu sou paulistana, mas morei muito tempo fora de São Paulo, morei na Bahia.

Speaker 3: Ah que delícia, eu adoro a Bahia...Rs... Você está sofrendo com o frio, então.

Speaker 1: Olha que situação.... Vamos nesse ideal, vai... a escola boa ... instalações relações entre alunos ...

Speaker 3: Tá, a escola ideal. Tem espaço verde, tem espaço para esportes, tem espaço para brincar, tem ...

Speaker 2: Provoca reflexão...

Speaker 3: Calma, calma, tô falando ainda dos espaços ainda

Speaker 2: De estrutura.

Speaker 3: De estrutura, é isso. As salas não são gigantescas por que eu não gosto de muitos alunos, eu acho que tem que ter poucos alunos. Tem música tem esportes

Speaker 2: Tem cultura

Speaker 3: Tem cultura tem passeios viagens ...sempre... lógico que

Speaker 2: Eventos

Speaker 3: Mas eventos por questões culturais, não por si só, né, eventos.... Provoca reflexão

Speaker 2: Pensamento crítico

Speaker 3: Pensamento crítico

Speaker 2: Respeito à diferença

Speaker 3: De respeito às diferenças, trabalha muito com questões humanitárias, enfim, contra a homofobia contra o machismo contra xenofobia contra qualquer tipo de preconceito que existir, incentiva as relações entre as crianças e adolescentes, ensina os adolescentes, ou pelo menos tenta, educação sexual ... que mais... tanta coisa que pode se ter numa escola ideal

Speaker 1: E os professores e as aulas?

Speaker 2: Eu acho que não simplesmente uma escola que prepare para o vestibular, sabe? Uma escola que prepare cidadãos, seres humanos, que prepare para a vida, não para tirar nota boa no vestibular, sabe?

Speaker 3: Mas os professores também acho que.... Eu tenho uma questão muito séria contra o sistema de ensino mundial Rs... atual que eu acho muito ultrapassado, né. Eu acho que as crianças têm que aprender coisas básicas de matemática, de português etc., mas para mim é muito mais importante que ela aprenda... a constituição do que ela aprenda... sei lá ... Bhaskara, sabe? Então eu ...se eu fosse pensar no sistema de ensino do mundo atual eu já sou muito contra, né. Não é algo com o que eu concorde, mas dentro desse sistema tentar sempre colocar coisas mais úteis, né, aprender a lidar com emoções, aprender a fazer imposto de renda, sei lá, são tantas coisas que eu acho que são mais importantes do que tantas coisas inúteis que eu acho que as crianças acabam aprendendo.

Speaker 1: Ok então e agora passa dessa escola ideal para a escola real, que é essa escola.

Speaker 3: Hum.

Speaker 1: Você considera que ela é uma boa escola?

Speaker 3: Eu considero uma escola ok

Speaker 2: Intermediária, é.... insuficiente é muito...

Speaker 3: Eu diria ok

Speaker 2: Uma escola cinco de um a dez.

Speaker 3: É, cinco, é a nota que eu daria também.

Speaker 1: Ok. Agora estamos no penúltimo bloco ainda..., mas o último bloco é muito rápido... é sobre os relacionamentos dela dentro e fora da escola. Foi fácil para ela chegar na escola e fazer novas amizades?

Speaker 2: Não.

Speaker 3: Não. E é algo que sempre foi fácil para ela. Ela sempre teve um monte de amigo no Brasil em São Paulo, em Curitiba e ela tem amigos da vida inteira e novos amigos. Ela é extremamente sociável e ela ainda não fez amigos na escola.

Speaker 2: No passado, por exemplo, ela entrou no Gracinha

Speaker 3: Ano retrasado

Speaker 2: Retrasado dois mil e ...

Speaker 3: 19. Ah 19, ano passado tá certo...

Speaker 2: Ela entrou no Gracinha e já fez vários amigos, amigos que ela carrega até hoje. Não foi aquelas amizades, tipo, nos conhecemos de leve... não, amizades que perduram até hoje, que ela fala muito mais até do que amizades que ela tinha em Curitiba e aqui ela não fez amigos amigos. Amigos...

Speaker 3: Ela anda com uma garota na escola, mas ela não gosta muito dessa garota ela não gosta de ninguém, basicamente.

Speaker 2: Não dormiu na casa de alguém, num socializou fora, sabe? Ainda está complexa essa questão.

Speaker 3: Essa questão tá bem difícil.

Speaker 1: E como ela foi acolhida na escola?

Speaker 3: Olha ...eu senti que ela não foi mal acolhida na escola. Inclusive essa garota com quem ela.... No primeiro dia de aula, que não era aula, era uma apresentação, várias meninas já foram conversar com ela, pediram o número do telefone dela, essas coisas...eu não senti que ela não foi bem recebida. Eu acho que ela que realmente não gosta das pessoas

Speaker 2: As pessoas não bateram na mesma vibe dela.

Speaker 3: É

Speaker 2: Até o momento

Speaker 3: E assim ...coisas que ela relata que não são legais que fazem com ela. São coisas que fazem com todo o mundo. São posturas insuportáveis machistas e infantis, enfim...

Speaker 2: Infantis...

Speaker 3: Dos garotos, principalmente, mas que fazem com todas e eu sempre questiono isso porque eu tenho medo né que ela sofra algum tipo de preconceito, qualquer coisa assim, então eu sempre questiono - Mas fazem isso com todo mundo ou é só com você? Daí ela fala - Não, faz com fulaninha, faz com fulaninha, então é uma coisa meio geral assim não é de tratamento com ela.

Speaker 1: Na escola que nacionalidade...de que nacionalidade são as pessoas com quem ela se relaciona?

Speaker 2: Portuguesas

Speaker 3: Portuguesas, só.

Speaker 2: Tem a filha dos nossos amigos que ela, de vez em quando.... Elas falavam muito por celular, né, rolou uma ajuda pelo celular ali tal, mas a filha deles também é um pouco introspectiva e elas não são da mesma turma...

Speaker 3: E os horários não batem, né

Speaker 2: Os horários são um pouco diferentes então de vez em quando elas se cruzam e trocam uma ideia, mas ainda é meio que algo superficial também.

Speaker 1: Você acha que ela confia na escola, no professor, no colega?

Speaker 2 e 3: Não.

Speaker 1: Ela gosta de alguém em especial. Também não, né? Tem essa amiga, mas ela não é uma pessoa ...

Speaker 2: Não. É uma pessoa que ela anda na escola, não é uma amiga.

Speaker 1: Hum, Hum. Entendi. Ela gosta dos professores e dos funcionários?

Speaker 3: Um ou outro. De maneira geral ela reclama muito dos professores

Speaker 2: Mas alguns específicos né

Speaker 3: Mas eu acho que é mais essa questão que eu falei de ela estar acostumada com o tipo de relacionamento aluno-professor e chega aqui numa escola tradicional, completamente diferente, né.

Speaker 2: Só tem reclamações recorrentes de professores específicos, né, da de português...

Speaker 3: A reclamação é sempre a mesma da de português, mas fora isso ela gosta de um professor ou outro; fala que não sei quem é querida; que não sei quem fala muito bem dela, fala que não sei quem deu parabéns ... ela, de maneira geral gosta...

Speaker 1: E você acha que ela se sente em fazer parte dessa escola

Speaker 3: Hum Hum (num sentido negativo)

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Me deu um exemplo de porquê é que você acha que ela ainda não se sente não fazendo parte da escola.

Speaker 3: Eu acho que é porque ela não fez amigos. Acho que se ela tivesse feito amigos ela já

Speaker 2: Estaria mais de boa...

Speaker 3: Estaria se sentindo em casa, assim.

Speaker 1: Entendi. Você pode dizer que ela tem orgulho de ser brasileira?

Speaker 3: Nossa! Que pergunta difícil...Rs...

Speaker 2: Difícil... Neste momento tá difícil, né? É um momento difícil de você perguntar isso. Não sei se tem alguém assim vibrando por ser brasileiro, agora, mas eu acho que ela gosta de ser brasileira, mas talvez no momento

Speaker 1: É o país onde nasceu, né

Speaker 3: É....acho que não tem grandes vergonhas Rs...

Speaker 2: Acho que tem esta questão da pátria nossa, de ser nossa casa, agora nesse sentido... agora ... momentâneo do Brasil, tá difícil, né?

Speaker 3: Agora tá difícil, você pode fazer a pergunta em 2022 de novo, a gente responde Rs...

Speaker 2: Falar que a gente não está num momento legal pra ter orgulho assim...

Speaker 1: Pode crê. Rs. E por que ela não se sente orgulhosa, não se sentiria orgulhosa de ... Rs...

Speaker 3: Ela não apoia Bolsonaro. Rs...

Speaker 2: Ela não apoia o Bolsonaro e seus seguidores... e as políticas bolsonaristas atuais.

Speaker 1: Além da escola, a que lugares ela vai com frequência?

Speaker 2: À natação...

Speaker 3: À natação, duas vezes por semana, que é do lado da escola

Speaker 2: Que é com pessoas diferentes, mas é ...

Speaker 3: São pessoas diferentes

Speaker 2: É, mas é esporte individual ainda, então ... num é um esporte coletivo e é isso.

Speaker 3: E daí faz coisas com a gente, né, a gente tem saído menos por causa da pandemia, né, mas vai ao cinema de vez em quando, vai dar uma volta na praia...

Speaker 2: À praia quando dá.

Speaker 3: É

Speaker 2: A gente gosta

Speaker 3: A praia é o que ela mais gosta ...

Speaker 2: É o refúgio...

Speaker 1: E ela tem amigos fora da escola?

Speaker 3: Não.

Speaker 2: Não, ainda não. Só está nessa relação online com o Brasil ainda. Tá nessa coisa presa ao Brasil ainda.

Speaker 3: Mas ela gosta das meninas da natação.

Speaker 1: Com que frequência ela acessa pela rede social?

Speaker 3: O tempo inteiro...

Speaker 1: O tempo todo...

Speaker 3: Mas ela gosta das meninas da natação, só que as meninas da atração são muito mais velhas do que ela então rola uma certa diferença, mas ela gosta das meninas e as meninas são muito queridas com ela também.

Speaker 2: As meninas são muito gente boa.

Speaker 1: São Portuguesas?

Speaker 3: Ela se sente bem na natação.

Speaker 2: É..., mas ainda são muito mais velhas. Ela nada com meninas mais velhas.

Speaker 1: São portuguesas?

Speaker 2/3: São Portuguesas.

Speaker 1: Ok. A família participa de alguma atividade associativa, igreja, clube, entidade beneficente, partido político?

Speaker 2: No momento não.

Speaker 3: Não.

Speaker 2: A gente está nesse contexto ainda chegando, meio no isolamento ainda, então tá rolando pouco isso.

Speaker 1: E algum familiar exerce papel de liderança em alguma associação, se não frequenta, não.

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Muito bem. Agora estamos chegando mais ou menos ao final.

Speaker 2/3: Rs...

Speaker 1: Ah 3 minutos... Você considera que nessa escola os alunos têm oportunidades para discutir e refletir sobre questões do mundo em geral e do mundo da escola.

Speaker 3: Difícil essa pergunta. Porque eu acho que é uma discussão que seria muito necessária e acho que o diretor de turma, não posso falar pelas outras, posso falar do nosso, tenta fazer isso. Mas eu realmente não sei até que ponto ele sozinho, porque é uma coisa estrutural, né, uma coisa do país, não é uma coisa dessas crianças especificamente. Não sei até que ponto sozinho ele consegue gerar de fato essa reflexão, mas ele tenta. Isso é fato.

Speaker 2: E, nessa disciplina, tava na ementa, né. Cidadania, tava na ementa da disciplina discutir diferenças de gênero ham....

Speaker 3: Raça...

Speaker 2: É, é...discutir essas desigualdades, essa disciplina a gente achou bem interessante na ementa, mas se ela está sendo aplicada é outra questão.

Speaker 3: Mas dizer que tem liberdade, não.

Speaker 2: É

Speaker 3: Tanto que os professores fazem retaliação se as crianças questionam alguma coisa ou sugerem alguma coisa ...

Speaker 2: Acho que é meio um ciclo ... os professores já muito cansados, a turma é muito bagunceira, um bate no outro e não rola uma relação de tipo ... não rola uma mesa redonda, assim, sabe? Vamos sentar e discutir sobre esse assunto, assim, é essa coisa hierárquica, mais autoritária.

Speaker 3: Muito autoritária. É.

Speaker 2: É isso, faz isso...e é isso. Você tem que fazer o que eu estou falando e pronto, não rola esse questionamento. Não tem um porquê. Tipo -Ah, por que? É isso, porque é assim.

Speaker 1: Se existe essa discussão ela rola na aula de educação para a cidadania ou em outras disciplinas ou só na educação para a cidadania...

Speaker 2: Acho que de coisas atuais acho que só, né? Eu acho que só.

Speaker 3: Eu acho que nessa com o diretor de turma...

Speaker 2: Que tá na ementa da disciplina e é com o professor de História que é o diretor de turma, que busca provocar esse tipo de reflexão.

Speaker 2: Bom ...no seu modo de ver quais seriam as questões referentes ao mundo da escola que as crianças imigrantes deveriam discutir e participar?

Speaker 3: Calma.... Você pode repetir?

Speaker 2: Me perdi um pouco no meio...

Speaker 1: Quais seriam as questões referente à escola, ao mundo da escola, as coisas que acontecem na escola, que os estudantes imigrantes deveriam discutir e participar?

Speaker 3: Não sei responder isso.... Acho que tudo eles deveriam discutir e participar... Ham

Speaker 2: Ham eu acho que talvez essas questões de integração, de comunidade, de pertencimento à comunidade, de criação e de acolhimento. Acho que são importantíssimas em qualquer lugar e também de buscar alternativas, tentar discutir, pelo menos, alternativas àqueles que não estão se sentindo que pertencem, né. Eu acho que isso é uma questão que poderia ser discutida entre eles, assim.

Speaker 1: Muito bom. Sensacional.... Nessa escola as crianças participam da decisão sobre como se organizam as aulas.

Speaker 2 e 3: Não.

Speaker 1: O que será estudado

Speaker 2 e 3: Não.

Speaker 1: Quais serão as tarefas...

Speaker 3: Ah isso eu acho que eles podem dar um pouco de pitaco. Acho que os professores são até bonzinhos nesse sentido. Ela, por exemplo, não tem lição de casa... Rs...

Speaker 2: Pouca tarefa, vai pouca coisa pra casa...

Speaker 3: Eu acho que os professores, nesse sentido, parecem que já estão cansados de discutir com os alunos, falar, tá, tá, então...

Speaker 2: Beleza, não vai ter, ou faz na sala...

Speaker 1: Por exemplo, elas podem opinar sobre as tarefas sobre o tempo sobre a forma de avaliar uma atividade.

Speaker 3: Forma de avaliar acho que não

Speaker 2: Acho que elas podem chorar, assim, sabe...

Speaker 3: É

Speaker 2: Dar uma choradinha assim pra ver se a professora cede.

Speaker 3: Alguns cedem, outros não. Mas dizer que é uma coisa conjunta, construída conjuntamente, não.

Speaker 2: Eu acho que eles têm lá a pauta deles, os alunos choram, de vez em quando cedem...

Speaker 3: De vez em quando cola, de vez em quando não.

Speaker 2: É....

Speaker 1: Bom eu tenho agora duas questões que são sobre programas específicos voltados para a criança migrante, na política. Se você precisar sair ...

Speaker 2: Tranquila ainda tô bem, ainda tô bem...

Speaker 1: Então veja, são dois programas um programa chamado TEIP e outro programa chama PLNM. Vamos lá TEIP é Território Educativo de Intervenção Prioritária. A escola onde... o agrupamento, aliás, onde ela estuda, ele é um Território Educativo de Intervenção Prioritária, o que quer dizer isso? Ele tem crianças, ou tinha, como diz o diretor do agrupamento que essa situação já foi ultrapassada, porque já faz muitos anos que a escola, que o agrupamento está incluído. Aliás, a escola era do programa TEIP e depois quando agrupou levou o programa

TEIP para todo agrupamento. Esse programa ele é voltado para o sucesso escolar para evitar a evasão em escolas com um grande número de crianças que evadem, muito absentéismo, muito problema de violência. Enfim é um Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, baixa renda, pessoas... locais que têm um alto percentual de alunos que recebem auxílio, vivem um auxílio governamental, crianças de asilo, enfim, eu queria saber se você sabia o que é o programa TEIP, se você tinha conhecimento que essa escola é uma escola TEIP.

Speaker 3: Não sabia que existia, não sabia disso, mas quando eu fui conversar com o diretor de turma sobre essa questão dos garotos que seguraram uma menina ele tinha me dito sobre essa escola se é uma escola que tem muita gente de asilo de baixa renda etc. etc. etc. porque isso também é um choque pra minha filha, né?

Speaker 1: Choque de realidade, né?

Speaker 3: É... a gente sempre teve uma condição boa e no Brasil estudou sempre em escola particular. É um choque muito grande, então isso também foi uma das justificativas do diretor de turma que, como ele não me falou do programa especificamente, eu estou descobrindo agora, mas ele falou que é uma escola de gente com poder aquisitivo muito baixo, de gente de famílias em situação vulnerável etc.

Speaker 2: Bom que esse programa particularmente, o que ele interessa pro imigrante, interessa a todos né, porque é um programa voltado para todos, mas é que é um programa que ele tem uma verba, entendeu? Para apoiar alunos com dificuldades. Então eu queria saber se você tomou conhecimento de alguma oportunidade de frequentar aulas nas disciplinas em que ela está sentindo alguma dificuldade.

Speaker 3: Não. Isso ela tem umas coisas no horário dela que diz 'tutoria' que daí ela não tem aula que seria, é uma tutoria para as crianças que estão com dificuldade eu não sei se entra isso ou não.

Speaker 1: E ela participa?

Speaker 3: Não

Speaker 2: É meio que convocado

Speaker 3: É

Speaker 2: Não é voluntário, é tipo, se o aluno não está indo muito bem.... É como se fosse um reforço ...

Speaker 1: Isso, exatamente...

Speaker 2: E ela não foi chamada

Speaker 1: Ótimo.

Speaker 3: Rs..

Speaker 1: Bom...então ia fazer algumas perguntas sobre essas aulas se ela tivesse frequentando, né. Você acha que algo poderia ser feito para ajudar a sua filha, de uma forma melhor, no aprendizado dela, que a escola não esteja oferecendo?

Speaker 2: Eu acho que não para ela. Eu acho que de uma maneira geral, eu acho que essas questões dos professores, essas pontuais, não são uma reclamação só dela, são meio gerais, da retaliação, do professor é cansado, a professora de português pelo que eu entendi está passando por alguma situação pessoal que foi levantada assim, tá passando por alguma coisa, meio que, vamos dar um crédito, mas pô as crianças não têm culpa, não merecem que seja descontado nelas a situação, sabe? É... eu entendo que pode ser complexo, que possa estar passando por um mau bocado, mas as crianças não sabem e levam na cabeça por causa disso. E pô, isso mexe com as crianças, sabe.

Speaker 1: Que tipo de apoio você acha que um estudante imigrante poderia ter, que ele não tem?

Speaker 2: Quem sabe rodas de conversa, quem sabe juntar os imigrantes sejam de onde forem.

Speaker 3: Eu tinha lido na internet quando a gente veio, que existia uma coisa de que eles, pegava um ou dois alunos portugueses para deixar meio como um, né

Speaker 2: Responsável

Speaker 3: Não responsável porquê...

Speaker 2: Sim...

Speaker 3: Mas pra ser alguém, para ficar ali, né

Speaker 2: Integrar

Speaker 3: Ajudar a integrar

Speaker 1: É a tutoria de pares, né

Speaker 3: Não existiu isso.

Speaker 2: Não teve

Speaker 3: Eu acho que poderia ter sido interessante.

Speaker 2: Seria legal, pra integrar, que comece como uma obrigação, mas de repente as pessoas se gostam... rola uma amizade ali, uma confidencialidade, enfim, eu acho que teria sido algo interessante.

Speaker 1: Tá bom... O segundo programa, e aí realmente é a última coisa que eu tenho pra falar pra vocês é um programa de língua, um programa que chama PLNM Português Língua Não Materna. É um curso que também é oferecido para adultos em fase de... imigrantes adultos, só que ele tem um outro nome, o de adulto ... ah não sei...esqueci o nome do adulto, mas mais pra escola ele chama a Português Língua Não Materna então por exemplo um chinês, um árabe, um indiano, ele teria direito a essas aulas com um professor especializado nesse Português Língua Não Materna. Funcionaria assim, mas não funciona, mas funcionaria assim. No mesmo horário da turma de português da aula de português que todos têm, esses meninos sairiam para ter aula de Português Língua Não Materna.

Speaker 3: Legal

Speaker 2: Interessante

Speaker 1: Não funciona

Speaker 3: Em teoria é muito legal.

Speaker 1: Pelo menos em algumas escolas porque tem uma limitação legal de que tenham dez alunos em cada nível do português, no A0, no A1, no B1, no B2. Tem que ter dez alunos em cada turma em cada prédio porque é uma questão logística o cara precisa sair da sala e ir para uma outra sala próxima onde ele vai ter aula. Então exige que tenha um número muito grande de alunos imigrantes naquela escola para que isso realmente aconteça.

Speaker 3: E imigrantes do mesmo local e que falam a mesma língua.

Speaker 1: Exatamente, que estejam no mesmo prédio. E aí eles tentam formar essa turma e não conseguem. Foi negado porque não performam esse número de alunos nem juntando o agrupamento performa. Não pode juntar porque tem que ser, enfim.... Então quem tem esse problema. Porém, o professor precisaria dar um apoio nesse português para o aluno que é imigrante. Porque é uma forma diferente de aprender o português, ele não é nativo e ele não vai aprender como um nativo. Então eu queria que você me falasse um pouco das dificuldades e do apoio que ela está tendo no aprendizado do português.

Speaker 3: Então, pra mim é o pior. Rs. Porque o resto ela ... ela não gosta de exatas, não tem facilidade, mas tudo bem, não é nada novo para gente. Ela não gosta e está tudo bem, ninguém é bom em tudo. Mas a professora de português fala que palavras que minha filha fala não existem...

Speaker 2: E vale a cultura dela e ignora a diferença do português de um lugar para o outro que é completamente diferente.

Speaker 2: Sem contar que ela é uma criança que, por exemplo, está escrevendo uma redação sobre borboleta, e daí ela vai lá e pergunta para a professora -Aqui também se diz borboletário?

E a professora dá umas tacadas assim tipo isso aqui não existe aqui. Ela está perguntando justamente para tentar se integrar e escrever da maneira correta, correta entre aspas, né?

Speaker 2: É....

Speaker 3: Então, nossa! Isso pra mim é o pior. Vou te dizer ...tô falando nesse sentido de ... conhecimento, né, de aula, assim. Essa questão do português eu acho absurda.

Speaker 3: Não.

Speaker 2: Eu acho que não. Acho que tinha que ter uma diferença na maneira como ele é dado.

Speaker 3: É, eu acho que ela que é professora deveria ser um pouquinho mais acolhedora porque ela não está indo mal português ela está indo bem ela está acompanhando, a gente também já tinha morado aqui em 2016 eu e ela, então ela não está indo mal, não é algo que ela esteja com dificuldade, mas eu acho que a professora deveria ser mais acolhedora e ensinar, né. Dizer - Olha aqui é de tal ..., não simplesmente dar uma patada e falar que isso não existe.

Speaker 1: Bom ...em relação às outras disciplinas ela não tem dificuldade, também ela não foi convidada a participar das aulas, né,

Speaker 2: Não está com notas desastrosas....

Speaker 3: Não está com notas desastrosas, ela foi mal em uma prova só que já recuperou depois também. Então ela tem uma dificuldade/não gosta de exatas, mas nada preocupante no momento, pelo menos.

Speaker 1: É..... Talvez o diretor de turma possa ajudar, não é? Bom, gente, terminei, olha que lindo!

Speaker 2: Olha só!

Speaker 1: Antes de duas horas, que coisa rara, de ficar calada.... Olha, é o seguinte eu estou terminando a recolha de dados, faltam alguns pais ainda, se não me engano três ou quatro. Alguns eu não consigo, alguns são estrangeiros falam outros idiomas, preciso de intérprete, gente é a coisa mais doida de fazer uma pesquisa dessas...

Speaker 2: Complexa.

Speaker 1: É uma indiana, uma turca, uma árabe

Speaker 3: Muito interessante...

Speaker 2: Muito louco.

Speaker 1: É, então, pois, Rs... Você não sabe o que é fazer uma entrevista ...

Speaker 2: No papel é, na hora de falar...

Speaker 1: Tenho que transcrever aquilo tudo

Speaker 2: Quando são só dados numa folha é fácil, não?

Speaker 1: Bom, assim, é só para dizer, agora é a última coisa mesmo, que no final, depois que eu terminar recolher os dados e fazer a análise... ainda vou falar com todas as crianças... está me faltando, eu acho que eu vou conseguir falar com mais dois pais no máximo. E aí eu termino a recolha com os pais e começo a recolher os estudantes. Eu já fiz uma entrevista com um estudante antes de viajar para o Brasil. Eu fui agora.

Speaker 3: Coragem

Speaker 1: Fiquei uma semaninha lá, então depois que a análise de dados estiver completada, feita, eu vou validar os dados, com os participantes. Então vou chamar numa reunião lá na escola o diretor todos os professores que participaram todos os pais e todos os meninos. E aí vou dizer - Oh, o resultado da minha pesquisa foi esse, o que vocês acharam é isso, não é isso, e tal, né. É um procedimento ético porque também de dar alguma devolutiva para escola que tanto se esforçou e colaborou comigo, em chamar vocês, não é? Não pensa que isso é uma coisa fácil, né.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Então chamar envolver as crianças e os meninos, as meninas, é uma forma de devolver. Então eu gostaria que vocês participassem, tá bom?

Speaker 3: Claro.

Speaker 2: Com certeza

Speaker 3: Estaremos lá.

Speaker 1: E eu vou agora, terminando com os pais, vou entrevistar mais esses dois pais, não sei... a senhora turca tá doente, ela deve estar com covid. E a senhora árabe, agora escreveu, a entrevista dela ia ser agora de manhã e ela está doente... tá com covid. E a outra árabe, mãe da uma garota que me deu a entrevista, também estava com covid.

Speaker 2: P* M*

Speaker 1: Coisa também que a pandemia está me atrapalhando um pouco Rs...

Speaker 2: O mundo

Speaker 3: Tá atrapalhando o mundo, né?

Speaker 1: Pois, mas eu estou há um ano já... porque eu deveria terminar a recolha ... já teria que estar defendendo. Eu vou cursar mais um ano porque eu não consegui recolher os dados por causa da pandemia. Bom, então é isso, em breve eu chamo a sua filha, tá bom? Falo com você e a gente marca com ela, tá bom?

Speaker 3: Tá bom, tranquilo.

Speaker 1: Então super beijo

Speaker 3: Outro...

Speaker 2: Muito obrigado, boa sorte.

Speaker 3: Espero que este final corra bem...

Speaker 1: Agora, pelo amor, agora já tenho os pais, agora os alunos já não me saem mais da mão, eu já mudei, ia fazer grupo de discussão, vou fazer entrevistas, pelo zoom mesmo...

Speaker 3: Tem que facilitar a vida, né, não dá pra ficar...

Speaker 1: Não dá pra inventar mais, entendeu?

Speaker 3: Rs

Speaker 2: Boa sorte pro resto da pesquisa aí.

Speaker 1: Viu, queridos, muito obrigada, mais uma vez

Speaker 3: Que é isso? A gente é que agradece.

Speaker 1: Um grande abraço para vocês.

Speaker 2 e 3: Beijos, tchau, tchau...

E13 - 10/12/2020 - Encarregado da Educação (Angolano)

Speaker 1: Olá...

Speaker 2: Olá, bom dia dra.

Speaker 1: Bom dia....

Speaker 2: Finalmente ...

Speaker 1: Vou habilitar meu vídeo aqui...

Speaker 2: Vou fazer o mesmo...

Speaker 1: (Digo o nome do entrevistado)...

Speaker 2: Sou eu mesmo rs...

Speaker 1: Gente famosa... tinha uma rua, perto da minha casa lá no Brasil, que tinha o seu nome.

Speaker 2: Não, não diz isso...

Speaker 1: Não sei quem foi ele, mas rs... deve ter sido alguém importante.

Speaker 2: Rs... Ok, ok...

Speaker 1: Então, prazer em conhecê-lo

Speaker 2: Igualmente, o prazer é todo meu...

Speaker 1: Eu agradeço demais a sua contribuição para minha pesquisa, de coração, porque não é fácil fazer pesquisa em épocas de pandemia...

Speaker 2: Exatamente

Speaker 1: Aliás nunca foi fácil, em épocas de pandemia então...

Speaker 2: Ainda piora

Speaker 1: Ainda piora, não é?

Speaker 2: Pois é.

Speaker 1: Eu sou aluna do mestrado, eu faço um curso de mestrado e a minha pesquisa é sobre a participação, a integração, a cidadania do aluno imigrante na escola. Nesta pesquisa participam o diretor, os professores, os pais e os alunos;

Speaker 2: Ok

Speaker 1: Então eu vou lhe dar mais um trabalho, não fique bravo comigo

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Mas é uma formalidade da pesquisa. Eu vou precisar da sua assinatura num 'consentimento informado'. É um papel que vai dizer que você tem conhecimento do que trata a pesquisa, dos objetivos da pesquisa e tudo mais ...

Speaker 2: Ok, ok, ok...

Speaker 1: Depois eu vou mandar e você assina, pelo Adobe... sabe assinar pelo Adobe?

Speaker 2: Sim, sim, sim

Speaker 1: Então assina pelo Adobe e ou imprime, assina, escaneia ... é um processo, né... ou então pega o papel e manda para a professora Olympia

Speaker 2: Ok, ok.

Speaker 1: Na Pires de Lima

Speaker 2: Pires de Lima... é próximo da minha casa... é no agrupamento...

Speaker 1: É ou deixa com a professora X que ela é vice-diretora do agrupamento e ela que me ajudou a fazer o contrato com vocês e ela pode receber ...se ficar difícil assina e entrega para ela, certo?

Speaker 2: OK tá bem ...

Speaker 1: Depois eu escrevo o nome dela pra você não esquecer, quando eu mandar o formulário.

Speaker 2: Ok, está bem.

Speaker 1: Bom, agora preciso da sua autorização para gravar a entrevista

Speaker 2: Sim sim, sim, pode sim, mas antes eu quero te esclarecer que essa gravação ela vai ser utilizada para apenas esse trabalho e que nem escola, nem os participantes vão ser identificados nas transcrições e material de divulgação da pesquisa; todo o material vai permanecer arquivado de forma sigilosa.

Speaker 1: Sigilosa, Ok

Speaker 1: Então não há porque você inibir de falar qualquer coisa porque tem aí um compromisso de confidencialidade, certo?

Speaker 2: Ok, certo.

Speaker 1: Beleza, então podemos começar?

Speaker 2: Sim sim com certeza.

Speaker 1: Então beleza.... Me diga aqui, antes da primeira pergunta. Você está em Portugal há quanto tempo?

Speaker 2: Eu vivo cá há 9 anos

Speaker 1: 9 anos? E você é de onde?

Speaker 2: Angola

Speaker 1: De Angola ... muito bem. E seu filho está aqui há quanto tempo?

Speaker 2: Está cá há 6 anos.

Speaker 1: Ok, já está há bastante tempo, não é?

Speaker 2: Já, já.

Speaker 1: Eu queria te perguntar, a primeira pergunta fala sobre a sua experiência com a escola quando você chegou em Portugal. Você já tinha filhos quando chegou em Portugal?

Speaker 2: Já, já. Eles saíram da Angola... eu vim cá em 2011, vim cá em tratamento oncológico, fiquei cá em tratamento durante os 3 anos e até a minha esposa decidiu que ficaríamos todo mundo cá. E eles vieram em 2014.

Speaker 1: Então me conta um pouco como foi o seu primeiro contato com a escola, com o agrupamento, onde você foi primeiro buscar informações para colocar seus filhos na escola, saber como funcionava ...

Speaker 2: De momento o meu filho já tinha feito o primeiro ano em Angola e veio para cá que era para dar continuidade, mas como o sistema de ensino é diferente, então nós decidimos que ele ao invés de ir para o segundo ano, começasse ainda ... para ele poder ter algum ...poder acompanhar a escola, ter ritmo... então preferimos que ele voltasse ainda a fazer o segundo semestre do primeiro ano. Mas a escola em que ele foi, fomos muito bem acolhidos e ficamos lá; além de serem além de ser uma boa escola, era também muito próximo de casa, estava a 5 minutos a pé de casa era praticamente atrás de casa, a escola, e fomos muito bem recebidos.

Speaker 1 E como você soube aonde você tinha que ir para matricular o seu filho, você viu a escola e falou -É aquela escola?

Speaker 2: É aquela escola, sim, sim, principalmente por causa da proximidade.

Speaker 1: Então você procurou diretamente a escola.

Speaker 2: Diretamente a escola. Só fui saber quais são as condições para que eles entrassem e até foi muito simples, muito rápido a integração. Basta ser criança, eles encontram logo espaço.

Speaker 1: Ok. Você considera que houve por parte de quem o recebeu lá na escola, na primeira vez, preocupações no sentido de te informar sobre o sistema educacional, o funcionamento do sistema educacional como um todo... tipo, aqui nós temos x anos da escola básica 3 anos são desse ciclo do outro ciclo, depois faz uma prova enfim informações sobre o sistema.

Speaker 2: Não, não. No princípio não foi assim, até porque a minha intenção era somente meter os miúdos a estudar, mas depois, durante os anos é que eu fui me apercebendo de como é que funciona, até porque naquela altura, quando eu pus eles a estudar eu também já era estudante de Engenharia e sabia mais ou menos como é que funcionava o ensino superior, mas o básico não. Então foram gostando, fiquei a saber que lá tinha o primeiro ciclo e depois do 1º ciclo

tinham que ser transferidos para escolas mais próximas do agrupamento, algumas por indicação e outras por escolha dos pais, caso não quisessem que eles ficassem na escola indicada pelo agrupamento.

Speaker 1: Entendi. E você lembra de ter recebido algum material explicativo, material impresso?

Speaker 2: Não, não, não me lembro.

Speaker 1: Você tem conhecimento de algum programa desenvolvido pela escola para receber pais imigrantes que visitam a escola pela primeira vez?

Speaker 2: Não, não tenho conhecimento.

Speaker 1: No processo de matrícula, quais foram os documentos exigidos?

Speaker 2: Documentos de identificação que no caso para eles ainda era o passaporte, uma fotografia e foi muito simples, muito simples. Eles queriam que as crianças entrassem com documentos que eles tinham, no caso, que era pra eles começarem a estudar e qualquer coisa que eles achassem que era necessário depois ligavam a solicitar. Mas foi muito rápido, muito simples.

Speaker 1: Que bom! Você enfrentou alguma dificuldade para matricular o seu filho por não existir vaga no ciclo que ele iria cursar?

Speaker 2: Não, não, não...

Speaker 1: Tinha vaga, estava tudo certo?

Speaker 2: Tinha sim...até porque o meu filho foi para o primeiro ano, já chegaram no segundo semestre e o meu mais novo foi para o ATL também não teve problema nenhum.

Speaker 1: Você tem dois, o mais velho tem quantos anos?

Speaker 2: O maior tem 12 agora e o menor tem 10.

Speaker 1: O (nome do filho mais velho) está no

Speaker 2: Sétimo.

Speaker 1: Sétimo ano, não é?

Speaker 1: Bom, a escola faz a avaliação do conhecimento prévio do aluno para alocar num ciclo/ano adequado... se bem que ele chegou muito pequeno, não é?

Speaker 2: Hum, Hum...

Speaker 1: Mas você tem conhecimento da avaliação e de como é feita?

Speaker 2: Dos alunos?

Speaker 1: Sim.

Speaker 2: Sim, sim, tenho.

Speaker 1: É porque quando um aluno estrangeiro chega a Portugal ele é avaliado; avaliado o conhecimento prévio que ele tem e pra poder alocar....

Speaker 2: Não, não, não tive conhecimento disso

Speaker 1: Não teve conhecimento porque seu filho entrou logo no primeiro aninho, não é?

Speaker 2: Sim, se calhar foi por isso.

Speaker 1: Pois... depois o mais novo também...

Speaker 2: O mais velho foi para o primeiro ano e o mais novo foi para o hotel...

Speaker 1: O que? O pré...

Speaker 2: O infantário, sim, sim o pré-escolar

Speaker 1: Bom, então você não tem conhecimento que foi feita a avaliação nenhuma Speaker

2: Não não, não, não, não

Speaker 1: Tá bom, passamos o primeiro bloco. Agora vamos entrar no segundo, que fala sobre aspectos culturais. Eu gostaria de saber que idioma você fala com os meninos na sua casa.

Speaker 2: Português...

Speaker 1: Fala Português.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Português de Portugal rs

Speaker 2: Português de Portugal rs

Speaker 1: Você considera que existem preocupações por parte da escola e dos professores para que os alunos aprendam a respeito da sua cultura?

Speaker 2: Não. Eles simplesmente por estar em Portugal, consideram como português e dão tudo com base em Portugal.

Speaker 1: Então você não percebeu nenhuma preocupação nas atividades que os meninos realizam, dentro de alguma disciplina específica, de que existe essa preocupação com o aprendizado de diferentes culturas ou da sua cultura

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Ele teve alguma oportunidade de participar de alguma, eles né, de alguma atividade fora da escola ou mesmo dentro da escola com a preocupação de aprender a respeito de diferentes culturas?

Speaker 2: Não tenho conhecimento. Ele teve algumas saídas, mas é mais lazer e para conhecerem Portugal e não outras culturas museus e outras coisas, mas tudo português

Speaker 1: Você considera que nesta escola a diversidade cultural é apreciada ou é um problema?

Speaker 2: Na escola, em si e institucionalmente é bem apreciada. Apesar que tem sempre um funcionário que não se identificava muito com isso, mas isso é muito é muito ... podemos dizer aí em 10 funcionários da instituição, dois são assim...

Speaker 1: Você diz funcionários administrativos, não está se referindo a professores ao diretor ...

Speaker 2: Não, estou mesmo a me referir a alguns professores e pessoal de apoio, de auxiliares.

Speaker 1: Você pode dizer que há situações nessa escola nas quais o preconceito fica evidente?

Speaker 2: Evidente, evidente não, mas que existe e acontece sim

Speaker 1: Você poderia citar alguma situação que o leva a pensar dessa forma?

Speaker 2: Sim, sim, uma vez o meu filho, entre crianças, agarraram-se na escola e pura e simplesmente o auxiliar estava com uma revista e ao acudir só dava revista no meu filho e até o meu filho contou-me isso - Por que ela faz isso? quer dizer, eu sabia que era um ato de preconceito, de racismo, mas eu não alimentei esse tipo de pensamento no meu filho. Eu disse - Não, você, se calhar, é que percebeu mal - Não, mas ela deu-me só a mim. E, eu preferi não inculcar no meu filho esse sentimento ou esta atitude. Tentei, como é que eu posso dizer, desvalorizar a situação, tentei desvalorizar. Até que aconteceu mais uma outra vez, eu tive que chamar a professora e a informar. Porque quando se tratasse dos meus filhos, atitude ou forma de lidar com a situação era um bocadinho para além do fariam se fosse um nacional. Prefiro não dizer, branco, mas um nacional e assim é melhor, questão de respeito, eu vi que havia ali diferenciação na forma de tratamento.

Speaker 1: Ok. Em relação a estas situações, a escola tomou alguma medida?

Speaker 2: Se tomou não sei. Para mim o mais importante era eu mesmo, como como encarregado, dar a conhecer a situação, a forma negativa com que esse trabalhador ou funcionário teve... o restante deixei a sua própria consciência falasse.

Speaker 1: Ok. Bom, passemos para o terceiro bloco Valdemar. Esse bloco se refere a relação do seu filho com a escola. Posso prosseguir? Na sua opinião, os professores desta escola são bons para ensinar alunos que vêm de outro país?

Speaker 1: Sim sim

Speaker 2: São bons para ensinar pessoas que vêm de outro país.

Speaker 1: Não, não, não, não, não, não, não, não, não. São bons professores e muitos não estão muito interessados em saber de onde a pessoa vem, quais são as dificuldades e ele só querem é despachar a matéria, fazer a sua parte, então não estão muito... como é que eu posso dizer, não estão muito preocupados em saber quais são as debilidades quais são as fragilidades que essa

pessoa tem em detrimento do sistema de ensino diferente de onde vem esse aluno. São bons para lecionar, agora para puxar um bocadinho para quem tem dificuldade ou para quem tem um sistema de ensino diferente, isso já não posso afirmar com com com a mesma convicção, acho que não.

Speaker 1: E o que o faz você pensar dessa forma?

Speaker 2: É justamente os resultados dos meus filhos e, quando, por exemplo, estávamos a falar antes sobre ...as situações de racismo e preconceito. Agora uma situação que era com o meu filho mais novo ...é muito é muito inteligente e muito perfeccionista e eu vejo que ele estava um bocadinho acima dos outros dos outros colegas, mas em nenhum momento eu vi um professor que chegasse para mim e dissesse que o teu filho tem uma grande capacidade, que queria apostar, queria incentivar para que ele chegasse um pouco longe, ou seja, o meu filho mais novo, neste momento está a fazer o 5º ano e só no 3º ano que ele teve uma professora excelente, uma senhora já mais velha, e que chegou e me disse aquilo que eu já tinha conhecimento, que o teu filho tem uma super de capacidade e que, se depender de mim, ele vai ser um aluno brilhante. Só que para minha decepção essa pessoa só ficou com ele um ano. Então já não consegui dar continuidade ao projeto que ela tinha para com ele.

Speaker 1: Bom, então você percebe.... Porque eles não são bons para ensinar quem vem de fora. Que situação lhe faz pensar que eles não são bons para ensinar alunos que vem de fora

Speaker 2: É justamente isso, os sistemas de ensino são totalmente diferentes e eu acredito que o meu filho, como já tinha vindo com algumas ideias, algumas bases feitas em Luanda em Angola foi mais difícil do que o meu filho mais novo, porque esse já começou no jardim de infância, no pré-escolar, ou seja, tudo o que ele sabe a b c e o restante aprender cá e, o maior já sabia mais ou menos ler e isso aprendeu lá. Então o que acontece o sistema de ensino são diferentes. Ele teve que se adaptar porque a escola, os professores não se adaptavam a ele.

Speaker 1: OK. Você considera que nesta escola os alunos imigrantes têm as mesmas oportunidades de participar das atividades do que qualquer outro aluno?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E, de acordo com a sua observação, nesta escola ou nas escolas que eles frequentaram, tem tudo o que eles necessitam para aprender ou está faltando alguma coisa?

Speaker 2: Isso acontece em qualquer lado, mas acredito que o básico e o principal eles têm para lecionar

Speaker 1: Me dê exemplo do que eles têm

Speaker 2: Material escolar?

Speaker 1: O material escolar que é gratuito, não é?

Speaker 2: Sim, material escolar, tem bons quadros, as carteiras, as salas em condições ... bem, acho que o mínimo exigido eles têm. Pode não ser da melhor qualidade, mas eles têm o material para cada atividade que o professor vai lecionar.

Speaker 1: Ok. Ok. Você considera que a escola tem realizado esforços para se aproximar dos alunos e dos pais imigrantes?

Speaker 2: Sim, sim...

Speaker 1: E que medidas foram tomadas pela escola que são do seu conhecimento?

Speaker 2: São as próprias atividades, as associações de pais e, nunca me senti excluído ou menos informado do que os outros pais. Até porque reuniões, os outros pais até porque reuniões normalmente antes da pandemia eram todas coletivas e sempre fui informado a tempo e hora das reuniões, sempre dei opinião, sempre dei o meu parecer e nunca senti excluído pela escola

Speaker 1: Você foi convidado para fazer parte da administração da escola?

Speaker 2: Convidado não fui, mas o que acontece? Aquilo é quem se acha... que quer se candidatar. E eu nunca me candidatei para tal.

Speaker 1: Ok. E você tem conhecimento de algum pai de criança imigrante que esteja dentro da Associação de Pais?

Speaker 2: Que eu tenha conhecimento, não. Mas também acredito que não é porque não quiseram lá... essa pessoa é que não, não, não quis participar, porque normalmente é sempre por votações, por escolha e, aquilo é livre. -Quem quer fazer parte da comissão de pais? Prestamos duas pessoas, quem tem disponibilidade... mas na sua maioria, se calhar, os próprios imigrantes é que se excluem deste tipo de situação.

Speaker 1: É, muitas vezes tem a barreira da língua, não é?

Speaker 2: Também, também, também, mas também é uma forma de integração, de convívio...

Speaker 1: Exatamente, mas ... Bom, ainda sobre a escola eu gostaria que você pensasse em termos ideais. Agora vamos viajar Pense no espaço físico, no professor, na relação com os alunos, na relação do professor-aluno, professor com funcionário, aluno-funcionário nas aulas, nas atividades e me diga o seguinte. O que seria pra você, em termos ideais hein, uma escola boa?

Speaker 2: Uma escola boa é aquela em que meus filhos sintam-se bem e tem condições de ensino boas, eu acho isso. Pra mim a escola ideal é a escola que cria condições para que meu filho seja um bom aluno, um bom cidadão, uma boa pessoa.

Speaker 1: Muito bem. E sobre os professores?

Speaker 2: Exato, para ele se tornar um bom aluno, uma boa pessoa, tem que ter bons professores, que passam bons valores, exato. Não só as coisas didáticas, as coisas educativas, mas também as coisas sociais que ao invés é um pouquinho importante.

Speaker 1: Ok. E na forma dos professores darem aula, a escola ideal?

Speaker 2: Cumpridores das regras e das técnicas todas de pedagogia, sem isenção,

Speaker 1: Um escola tradicional, então?

Speaker 2: Exatamente.

Speaker 1: Ok. E, agora a gente passa dessa escola ideal para a escola real, que é a escola do seu filho.

Speaker 2: Hum Hum

Speaker 1: E agora eu queria que você me respondesse se você considera esta, uma boa escola.

Speaker 2: Na medida do possível.... O que é que acontece? Quando eu falo em boa escola...

Speaker 1: Você acha que lá seu filho se sente bem, porque foi a primeira coisa que você me disse...

Speaker 2: Sim. Quando me pergunta se a escola é boa... eu normalmente... o que é que acontece? Primeiro é que eu, como imigrante, eu fico a me perguntar como é que são as escolas públicas do meu país e que condições oferecem pro meu filho. A partir do momento que eu vejo essa escola cá em Portugal dá melhores condições ao meu filho do que a escola do meu país, então eu considero sempre como boa. Porque eu não faço comparação de uma escola de cá de Portugal com outra de cá... não sei se está a perceber. Eu faço logo uma comparação do que o meu país tem para oferecer a ele e o que é que ele recebe cá e isso é que me diz se a escola é boa ou não. E para mim é excelente.

Speaker 1: Ok. Estamos agora em outro bloco, passamos da metade da entrevista, e é sobre os relacionamentos dele, do seu filho, dentro e fora da escola. Foi fácil para o seu filho chegar à escola e fazer novas amizades?

Speaker 2: Foi, foi. As crianças são puras, foi sim.

Speaker 1: Não teve dificuldades para fazer amizade, né?

Speaker 2: Não, não.

Speaker 1: Como ele foi acolhido pelos colegas da turma, de outras turmas?

Speaker 2: Muito bem.

Speaker 1: Os colegas sentem diferença pelo seu filho ser de outro país?

Speaker 2: Não não

Speaker 1: Não fazem diferença...

Speaker 2: Não, não.

Speaker 1: Na escola, qual a nacionalidade das crianças com as quais seu filho mais se relaciona?

Speaker 2: Ele, como gosta muito de brincar, tudo que é atividade ao ar livre, isso puxa sempre por ele.

Speaker 1: Sei, então ele tem algum amigo em especial?

Speaker 2: Ele agora mudou de escola, agora está numa escola mais próxima de casa, mas na escola anterior ele tem um grupo de amigos, eram quatro, cinco e eram muito amigos dele.

Speaker 1: Eram portugueses?

Speaker 2: Portugueses, todos portugueses.

Speaker 1: Ok. O seu filho demonstra confiar na escola, nos professores, nos colegas

Speaker 2: Sim sim, sim, sim...

Speaker 1: Poderia dizer que ele se sente parte da escola?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E você seria capaz de me dar um exemplo de algo que o faz sentir parte da escola?

Speaker 2: Olha, para não ser tão distante, ontem ele trouxe o resultado de um teste que ele teve 98% e ele sentiu-se tão feliz porque quem levou ... a entregar o teste, a lhe parabenizar foi o diretor da Escola.

Speaker 1: (Nome do diretor)

Speaker 2: Exato.

Speaker 1: Ele é do agrupamento, não?

Speaker 2: Sim, mas ele disse que a professora deu o teste a todos e quem me deu o teste dele foi o professor, a lhe dar os parabéns, a incentivar, a dizer - Continues assim.

Speaker 1: Que Maravilha, bacana.

Speaker 2: Pois

Speaker 1: Se foi o diretor, Parabéns !

Speaker 2: Sim, sim, sim, sim

Speaker 1: E o agrupamento tem o diretor que é o (nome do diretor)

Speaker 2: Exato.

Speaker 1: Então eu acho que foi o (nome do diretor), não é?

Speaker 2: Sim, sim deve ser.

Speaker 1: Que maravilha, que atitude, muito bom...

Speaker 2: Porque naquela disciplina ele teve a melhor nota do agrupamento, de todos os sétimos anos

Speaker 1: Uau! Que maravilha! Muito bom, muito bom, gostei de saber disso ... me perdi no questionário aqui ... só um minuto rs...

Speaker 2: Você poderia dizer que seu filho tem orgulho de pertence ao país onde ele nasceu?

Speaker 2: Sim sim, sim, sim, mas também fizemos de tudo o que é para não perder a ligação e o contato com o país de origem.

Speaker 1: E porque é que ele se sente orgulhoso ou não se sente orgulhoso de pertencer a Angola?

Speaker 2: Não, em nenhum momento ele deixou de sentir-se orgulhoso, ele tem muito orgulho...

Speaker 1: Tá bom... Além da escola, a que lugares seu filho vai com frequência?

Speaker 2: Além da escola nós temos um apoio...um (?) de apoio

Speaker 1: Um o que de apoio?

Speaker 2: Um centro de estudos de apoio

Speaker 1: Ah! Pois.

Speaker 2: E também temos um apoio religioso em que ensina música, mas isso já é extra, extra escola mas são as atividades que ele tem no ao sábado

Speaker 1: E como é que o seu filho foi recebido nestes locais?

Speaker 2: Muito bem muito bem

Speaker 1: E nestes locais, fora da escola, qual a nacionalidade das crianças com quem ele mais se relaciona?

Speaker 2: Todas as nacionalidades, mas são 90% portugueses.

Speaker 1: Hum Hum.... Seu filho utiliza rede social para manter contato com familiar distante ou amigos?

Speaker 2: Pela idade eu só permito WhatsApp.

Speaker 1: Pela idade você só permite usar WhatsApp

Speaker 2: Sim sim

Speaker 1: E eles fazem isso com frequência essa comunicação com Angola

Speaker 2: Sim sim fala com os avós fala com os tios com os primos, sim, sim.

Speaker 1: A família participa de atividade associativa, igreja, clube?

Speaker 2: Sim, Igreja.

Speaker 1: Igreja, né?

Speaker 2: Igreja e entidade beneficente também.

Speaker 1: Algum familiar exerce papel de liderança nessas associações?

Speaker 2: Não, não

Speaker 1: Muito bem, agora é praticamente o último bloco, participação dos alunos na escola. Você considera que nessa escola os alunos têm oportunidade de discutir e refletir sobre questões do mundo em geral e do mundo da escola?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Poderia dizer como e quando acontece esta discussão?

Speaker 2: Dependentemente da disciplina que eles têm, normalmente as participações são voluntárias e ele ele faz sempre referência a isso

Speaker 1: Sim, agora eu gostaria de saber se aqui há um espaço de uma discussão mais reflexiva sobre o mundo, entendeu? Questões que afetam o mundo em geral e questões que afetam o particular da escola, se eles discutem esses problemas essas situações

Speaker 2: É, desculpa, não percebi.

Speaker 1: Nessa pergunta eu estou querendo saber se existe um espaço de uma discussão mais reflexiva seja em alguma disciplina específica ou no geral, não é? Ou em algum evento, sei lá, se existem oportunidades para uma discussão mais reflexiva a respeito dos problemas do mundo e também do mundo da escola.

Speaker 2: Que eu tenho conhecimento não.

Speaker 1: Não, né? No seu modo de ver, quais seriam as questões referentes ao mundo da escola ou até ao mundo em geral que as crianças imigrantes deveriam discutir?

Speaker 2: Essa é uma pergunta assim um bocadinho... né

Speaker 1: É que a criança nunca participa, né? É o meu problema como pedagoga...

Speaker 2: Sim, e também muitas vezes nós hoje nós hoje os pais né algumas questões sociais nós tentamos sempre salvaguardar as crianças de terem esse conhecimento tão precoce. Agora, por exemplo, agora tem problema da pandemia, não é isso? Um problema de saúde pública, já não conseguimos esconder delas porque elas também fazem pergunta - Por que é que tem que usar a máscara? Por que é que tem que fazer isso, por que é que tem que deixar de fazer aquilo. Então nós só temos, só chegamos a explicar a elas porque é uma situação que a todos diz respeito, porque senão, acredito que poucas crianças teriam conhecimento. Assim como existem por exemplo outras doenças que no caso nunca se falou comigo com as crianças, tipo

o HIV, as tuberculoses e outras doenças, mesmo a gripe de uma forma geral, São doenças que sempre conviveram conosco, mas as crianças passariam a ter conhecimento assim quanto mais tarde melhor. Agora isso como estamos em contexto de pandemia obrigatoriamente tiveram que informar os filhos, sensibilizar os filhos sobre o porquê de algumas medidas estão a ser tomadas agora

Speaker 1: É, mas eu penso também Valdemar quando elaborei essa questão, que não existem só questões ruins, não é?

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: A gente pensa em discutir questões que são pertinentes ao mundo

Speaker 2: Claro claro, claro, claro

Speaker 1: Que poderíamos discutir com a criança, sim. Sobre o passado

Speaker 2: Sim, sobre ecologia

Speaker 1: Exato.

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: Bom.... Então você pensa que as crianças imigrantes poderia discutir alguma questão em particular, seria importante que discutissem, qual seria essa questão ... que afeta a vida do estudante imigrante, não é? Isso que eu tô querendo saber.

Speaker 2: Exatamente, pois é.

Speaker 1: Se afeta a vida do estudante imigrante eu penso que se ela tivesse oportunidade de discutir isso seria até um apoio pra ela, não é?

Speaker 2: Claro, claro

Speaker 1: Psicológico, de integração, de inclusão e tudo. E você pensa que poderia ser o que ?

Speaker 2: Opá, sim, sim diz, diz

Speaker 1: Não, eu já ia te dar a resposta, mas eu não posso.rs

Speaker 2: Não percebi,

Speaker 1: Eu já ia lhe dar a resposta

Speaker 2: Rs...Opá ... entre crianças... pois, por exemplo, eu deixo que.... (O entrevistado é abordado pela garçonete do café onde se encontra)

Speaker 1: Que é que ela quer? Não deixa você ficar...

Speaker 2: Não, é, eu tô aqui no Café do IPO e ela diz que eu não posso estar aqui a ocupar a mesa.

Speaker 1: Ah meu senhor...

Speaker 2: Mas, não liga, não liga. Nada que eu não esteja habituado. Vamos, vamos prosseguir.

Speaker 1: Bom, na verdade aqui ... você está indeciso em responder essa pergunta, não é?

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Mas aqui eu penso que, por exemplo, as crianças poderiam discutir questões a respeito de como gostariam de ser recebidas quando chegaram, de tomarem alguma iniciativa para receber quem vai chegar, entendeu? De fazer uma pequena reunião e dizer quais são as dificuldades que elas têm ... porque ela tem capacidade para fazer isso, entendeu? É preciso incentivá-las a fazer, mas que elas têm capacidade para fazer têm, até a chegar ao diretor da escola e dizer -Olha, aqui está faltando uma aula de português porque a gente está com dificuldade, estamos tirando nota baixa, então precisamos de um apoio melhor ou na matemática ou enfim, fazê-las participar, entendeu? Então eu no meu ver se eu fosse um pai de aluno imigrante eu incentivaria ele, seriam essas as questões que eu acho que seria importante que ele discutisse, A forma como ele foi recebido, como poderia fazer para receber os pares que estão chegando, entendeu? Coisas por aí, mas não tem problema, vamos a próxima. Você

poderia dizer que nessa escola as crianças alunos participam da formulação de regras direitos e deveres?

Speaker 2: Sim sim participa.

Speaker 1: Participa da formulação da regra ou apenas comunicam a regra.

Speaker 2: Olha, essa é boa.

Speaker 1: É?

Speaker 2: Eles comunicam, comunicam mais a regra, exatamente, comunicam mais a regra. Quer dizer, e depois eles só têm que cumprir.

Speaker 1: Os alunos participam da decisão de como organizar as aulas, sobre avaliação que será feita, tipo de avaliação

Speaker 2: Não

Speaker 1: Agora são os dois pontos finais, que são os dois programas de apoio à criança imigrante. São dois programas específicos, política pública voltada exatamente para crianças imigrantes. Um deles é um programa que chama TEIP Território Educativo de Intervenção Prioritária e essa escola onde seu filho estuda ela é um território educativo de intervenção prioritária, ou seja, o governo o estado coloca ali uma atenção especial, despense uma verba especial para cuidar das necessidades daquele território que ele considera de intervenção prioritária. Por que? Porque ele considera que é um território de violência ou por ser um território onde as crianças têm um baixo rendimento escolar e ele quer elevar, porque o absentismo das crianças é alto e ele quer todo mundo vai para a escola enfim é uma política pública portuguesa. Esse programa TEIP ele é um programa que não é só dedicado para o aluno internacional; ele é dedicado também para o aluno nacional, pessoas de baixa renda, enfim, crianças de asilo e a gente sabe que esse Agrupamento é um Agrupamento que tem muita criança de asilo, muito deficientes físicos visuais surdos e enfim. Esse programa ele tem uma verba para dar um apoio que tem sido usada para apoiar os imigrantes, não só os imigrantes, mas também os nacionais, mas particularmente aos imigrantes no apoio ao português ou alguma outra disciplina onde o aluno esteja sentindo dificuldade. É um reforço, no Brasil a gente chama isso de reforço escolar ou apoio

Speaker 2: É mesmo assim, aqui chama de apoio.

Speaker 1: Pois eu queria saber se o seu filho participou de alguma atividade de apoio Speaker 2: Sim sim

Speaker 1: Que atividade foi, por quanto tempo?

Speaker 2: Matemática e depois foi convidado a fazer também língua portuguesa, mas essa aqui eu achei desnecessário porque nós viemos um país de origem de língua de língua portuguesa e eu achei que não tinha muito fundamento ele dar língua portuguesa. Agora, para quem vem de outros países não português sim fazia todo sentido, mas o meu não, até porque a integração dele cá foi mais fácil porque ele veio com 3, 4 anos. Então tudo que ele sabe de língua portuguesa aprendeu cá, aprendeu cá, então só esta que eu fiz questão de ele não frequentar, mas as matemáticas e as outras estas atividades sim ele chegou a fazer, de apoio.

Speaker 1: E você considera que ajudaram a superar as dificuldades que ele tinha?

Speaker 2: Sim, e eram poucas também, principalmente no mais novo, mas para o meu filho ajudou bastante.

Speaker 1: Ele gostava das aulas?

Speaker 2: Gostava. E ele detestava matemática e ele depois chegou um tempo que praticamente ele que se entregava a matemática

Speaker 1: Que bom.

Speaker 2: Foi super vantajoso.

Speaker 1: Algo que você poderia citar que poderia ser feito para ajudar melhor o aluno imigrante ou não? Nessas aulas...

Speaker 2: Não, porque quando eles fazem esse tipo de apoio não olham muito se é imigrante ou não, olham mais é para a dificuldade

Speaker 1: Por isso que eu pergunto especificamente sobre o imigrante, porque o imigrante pode ser uma necessidade que é totalmente diferente da necessidade do nacional, entendeu?

Speaker 2: Sim, sim, sim, mas eu acredito que eles não olham pra essa parte, se é imigrante. Eles vêm se o aluno tem dificuldade, aí sim que eles sugerem este tipo de atividades de apoio.

Speaker 1: Bom o segundo programa, ele é um programa dedicado ao Português, ele chama Português Língua não Materna PLNM e, esse é um programa que coloca Portugal no top das políticas educativas para imigrante. E eu no início eu tinha bastante curiosidade de saber como é que isso funcionava na escola. Agora eu já tenho uma boa ideia porque eu já conversei com o diretor, com muitos professores, com muitos pais, mas você tem conhecimento desse programa, você sabe que existia esse programa?

Speaker 2: Não, não tenho conhecimento, mas se calhar também não me foi informado porque como não faço parte desse grupo, se calhar é por isso que não me informaram, mas não tenho conhecimento.

Speaker 1: Porque você tem o português como língua materna, né?

Speaker 2: Exato, exato.

Speaker 1: Pode me falar alguma dificuldade dele no português?

Speaker 2: Quase nenhuma, acredito que partindo do princípio que os próprios portugueses, no ensino da língua portuguesa também tem dificuldade eu considero as deficiências deles normais.

Speaker 1: Terminamos

Speaker 2: É um tendão de Aquiles todas as crianças aqui em matemática e português é sempre chato, mesmo os nacionais.

Speaker 1: É sempre chato

Speaker 2: Exato.

Speaker 1: Olha nós terminamos foi super bom conversar com você

Speaker 2: Eu é que agradeço.

Speaker 1: Porque você ser de um outro país assim você é o único país de falantes de português que eu tenho,

Speaker 2: Ah!

Speaker 1: Então a sua participação foi superimportante para mim porque eu tenho muitos brasileiros eu tenho uma turca, eu tenho uma indiana, mas eu não tinha um pai de falante do português né, a não ser brasileiros, então a sua participação foi muito importante para mim.

Speaker 2: Está bem.

Speaker 1: Eu te agradeço do fundo da minha alma, viu, muito obrigada.

Speaker 2: Ok. Tá bem tá bem OK muito obrigado, bom trabalho.

Speaker 1: Foi muito bom conversar com você. Ah! O procedimento ético da minha pesquisa é devolver os resultados para todos os participantes numa reunião lá na escola eu vou reunir todo mundo que participou da pesquisa e vou devolver o resultado eu acho que é o mínimo que eu posso fazer por essas horas que vocês dispenderam comigo e outra coisa, eu vou entrevistar o seu filho, certo? Só que vou terminar os pais e depois vou começar as crianças senão eu enlouqueço e eu tenho mais dois pais para entrevistar daí eu volto com você, a fazer contato para marcar entrevista com ele

Speaker 2: OK tá sim bom trabalho com licença.

E14 - 14/12/2020 - Encarregado da Educação (Cabo-verdiano)

Speaker 1: Boa tarde!

Speaker 2: Boa tarde!

Speaker 1: Obrigada por ter aceitado meu convite

Speaker 2: Sim Sim não há problema

Speaker 1: Eu fico muito agradecida.

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Você sabe, meu nome é Maria de Fatima, eu sou aluna do mestrado

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: Da Universidade do Porto, mais uma vez eu vou lhe agradecer e te informar que esta é uma pesquisa sobre a participação de alunos imigrantes na escola da qual participam o diretor, os professores, pais e os alunos

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: Então eu preciso de uma autorização formal, sua, para você participar. Aquela autorização que você assinou é uma autorização que você autorizava seu filho a participar, sua filha Lívia, a participar.

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: Agora eu preciso de um papel dizendo que você consente e tem conhecimento da pesquisa etc. etc. Depois eu vou mandar esse papel para você, aí você vê como você assina, pode ser aquela assinatura do Adobe, eu não sei se você conhece... é aquela assinatura que você fotografa sua assinatura...

Speaker 2: Sim. Sim

Speaker 1: Sobe no Adobe... eu não sei se você já fez isso... ou então você imprimir e mandar pra Professora X lá na Escola, certo?

Speaker 2: Está bem, sim, sim.

Speaker 1: Infelizmente é uma burocracia, não queria lhe dar este trabalho, mas eu não tenho como fugir disso.

Speaker 1: Tá bem, não há problema.

Speaker 2: E eu quero lhe dizer também que essa gravação, que eu estou fazendo agora, ela vai ser utilizada apenas pro meu trabalho de investigação, uma única vez e, nem a escola, nem os participantes serão identificados nas transcrições e nas apresentações da pesquisa e todo material fica arquivado de forma sigilosa. Certo? Então a gente tem aqui um compromisso de confidencialidade, você pode falar abertamente sobre os assuntos que ninguém vai saber que foi você que disse alguma coisa... Bom, então posso gravar, você permite que eu grave?

Speaker 2: Sim, sim, sim, sim, não há problema.

Speaker 1: Me diga um pouquinho sobre a sua origem, quanto tempo você está em Portugal, só pra eu saber um pouquinho de vocês.

Speaker 2: Eu sou cabo-verdiano

Speaker 1: Eba... precisava de um cabo-verdiano na minha pesquisa...Rs

Speaker 2: Sou de origem cabo-verdiana, meus pais são cabo-verdianos tal; tô aqui em Portugal há quatro anos e a minha filha está aqui há um ano e meio.

Speaker 1: Que bom, e ela está gostando da escola?

Speaker 2: Ah graças a Deus está a gostar da escola.

Speaker 1: Beleza.

Speaker 2: (O entrevistado me corrigo, pois estou chamando-o por outro nome, diz que eu posso chamá-lo pelo apelido)

Speaker 1: Eu chamei tanto você de (nome errado) que eu já nem consigo chamar você pelo nome certo...

Speaker 2: Pode chamar (pelo apelido) que todo mundo me conhece pelo apelido.
Speaker 1: Então tá bom...
Speaker 2: É mais fácil...
Speaker 1: Tá bom... Me fala um pouco do seu primeiro contato na escola, com a escola
Speaker 2: Com a escola daqui
Speaker 1: Em Portugal, é. Como você chegou na escola, como você soube a que escola você tinha que ir, enfim...
Speaker 2: É que tenho meu irmão que está aqui há 20 anos
Speaker 1: Ah bom...
Speaker 2: E as filhas dela estudam no mesmo agrupamento ...
Speaker 1: Hum hum
Speaker 2: E também fica mais perto de casa... fui lá a pedir informação e eles disseram - Ó tens que trazer os documentos e trazer uma declaração que tu vives ali nas zonas que pertencem ao agrupamento. E fui falar com uma senhora na secretaria, foi muito simpática comigo e disse - Olha, tens que trazer aí os documentos e ela está atrasada e tens que trazer os documentos o mais rápido possível para integrar na escola. E foi logo isso, já tinha os documentos todos, faltava um documento que era o cartão da vacina. Fui lá ao Centro de Saúde que também é cá perto, fui lá pedir e tive que marcar para o outro dia, o dia seguinte e, consegui o cartão da vacina. Por acaso não foi assim tão difícil.
Speaker 1: Você considera que quem recebeu você na escola teve preocupações de te orientar sobre o funcionamento do sistema educativo em Portugal, tipo, quantos anos seriam, qual é o ensino obrigatório...
Speaker 2: Não. Por acaso ninguém me indicou, me forneceu essa informação
Speaker 1: E você também recebeu algum material explicativo, assim, impresso...
Speaker 2: Não, também não.
Speaker 1: Você tem conhecimento que a escola tenha algum programa desenvolvido para receber pais de imigrantes que visitam a escola pela primeira vez?
Speaker 2: Não tinha informação...
Speaker 1: Tá. No processo de matrícula, quais foram os documentos exigidos?
Speaker 2: Uma declaração da Junta de Freguesia que eu vivia num.... pertencia ao Agrupamento daquela zona, o certificado de equivalência do aluno... já nem lembro qual é que foi...Rs... já nem lembro tudo
Speaker 1: Tá. Você acha que houve algum processo seletivo para que ela ingressasse na escola?
Speaker 2: Processo seletivo? Não percebi, desculpe...
Speaker 1: Ela foi imediatamente matriculada, não houve nenhuma exigência, nenhum processo de seleção...
Speaker 2: Não, tive que ficar à espera durante três ou quatro dias... não... mais...para fazer a integração, para ver qual era a turma, qual era o sítio da escola
Speaker 1: Qual era o nível dela...
Speaker 2: Ela começou a fazer sexto ano. Passou para o sexto ano em Cabo Verde, começou a ir pra escola... não ... passou pro sexto ano e eles ó se eu quisesse que ela ficava um ano a menos.... Eu não, não quero, por mim ela estuda o sexto ano. Ela sempre foi uma boa aluna e consegue integrar mais rápido. E foi isso...
Speaker 1: E, tinha vaga pra ela, sem problemas, tinha vaga, não tinha falta de vaga pro ano que ela queria...
Speaker 2: Não, eles disseram - Tem que ficar à espera pra ver a vaga, pra ver aonde iriam integrar ela. Só que fiquei à espera aqueles dias que era três ou quatro dias, fiquei à espera e eu todos os dias ia pra escola pra saber...

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: E eles já arranjaram vaga.

Speaker 1: Tá bom... E ela ficou no mesmo ciclo que ela estava, que ela iria cursar no país de origem...

Speaker 2: Sim, sim, sim...

Speaker 1: Você tem conhecimento ... a escola avalia os conhecimentos prévios do aluno para colocá-lo no ciclo/ano adequado.

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Você tem conhecimento dessa avaliação e de como ela foi feita?

Speaker 2: Ah... não, não tenho conhecimento como é que foi feito, só ...a equivalência só, foi feita a equivalência com o certificado dela que trouxe de Cabo Verde e só.

Speaker 2: Tá bom. Não foi feita com ela nenhuma avaliação, né? Ela não fez nenhuma prova, nada, só o mesmo documento validou...

Speaker 1: Só o documento, sim...e também o ensino é um pouquinho mais avançado, mas a linguagem é a mesma, é português e Cabo Verde e Portugal têm aquele protocolo e facilitou um bocado.

Speaker 1: Que bom. Esse era o primeiro bloco, era sobre esses aspectos formais da matrícula e agora vem um bloco aqui de perguntas sobre aspectos culturais. Eu suponho que em casa vocês falem português, não?

Speaker 2: Sim, sim, sim...e também falamos nossa língua de origem que é crioulo.

Speaker 1: Ah que é o crioulo, não é?

Speaker 2: É.

Speaker 1: E aqui em Portugal você tem conhecimento de alguma escola que forneça alguma opção de aprender o crioulo?

Speaker 2: Não, que eu tenha conhecimento não.

Speaker 1: Mas você acha que este tipo de aprendizado poderia interessar outros alunos?

Speaker 2: Não sei, olha, não sei. Só que crioulo é a nossa língua materna, mas a língua oficial falada em Cabo Verde é Português.

Speaker 1: Certo. É porque é assim, algumas escolas em Portugal, oferecem cursos da língua nativa do imigrante, por exemplo... Uma escola lá de ... Vila do Conde, Vila do Conde? É, oferece um curso de chinês, de mandarim, perdão, de mandarim

Speaker 2: Sim, sim, sim, sim...

Speaker 1: Porque têm vários alunos chineses, não é?

Speaker 2: Sim...

Speaker 1: Poderia ter o caso de alguma região que tivesse muitos cabo-verdianos e que houvesse alguma iniciativa para oferecer esse idioma. Então é por isso que eu estou perguntando.

Speaker 2: Sim, sim...

Speaker 1: Bom, isso é legal porque tem muitos alunos que gostariam de aprender, não é, a língua do colega

Speaker 2: Sim, sim, isso é curioso sempre

Speaker 1: Ajudaria na integração dessa população imigrante, mas deixemos isso de lado. Você considera que existem preocupações por parte da escola e dos professores de que os alunos aprendam a respeito da cultura do seu filho, da sua filha?

Speaker 2: Me explica novamente, não percebi muito bem.

Speaker 1: Você acha que a escola, os professores, têm preocupações de que os outros alunos aprendam sobre a cultura da sua filha?

Speaker 2: Não, eu acho que não, eu acho que não.

Speaker 1: Por que você acha que não?

Speaker 2: Porque o professor está mais preocupado em fazer o trabalho deles, estão mais preocupados com isso do que estar preocupado com uma aluna ou outra que vem de uma outra origem. Sempre perguntam, mas não estão aí preocupados em saber... perguntam uma coisa, uma coisa ou outra, mas não estão preocupados em saber a cultura do aluno. Eu acho que não. Também pergunto para ela sempre e ela nunca, nunca, nunca diz nada sobre isso e os professores também não, não, não perguntam.

Speaker 1: Seu filho teve oportunidade, a sua filha, teve oportunidade de participar de alguma atividade fora da escola ou dentro da escola, na qual a preocupação era aprender a respeito de diferentes culturas?

Speaker 2: Que eu saiba não... ela só participou num.... ia participar, foi o ano letivo atrasado, ia participar em fazer teatros e danças, mas só que devido à pandemia não deu continuidade, não deu continuidade...

Speaker 1: Que bom... que bom nada, que coisa, não é? Seria tão bom...

Speaker 2: Exato.

Speaker 1: Você considera que na escola, nessa escola que sua filha frequenta, a diversidade cultural é uma coisa que é apreciada ou é um problema?

Speaker 2: Isso já... em relação a isso cada cada pessoa, cada país protegem sua cultura e a sua diversidade. Eu assim não sei mesmo dizer, não sei mesmo dizer em relação a isso.

Speaker 1: Você pode dizer que nesta escola há situações nas quais o preconceito se torna evidente?

Speaker 2: Não, eu acho que não.

Speaker 1: Não se torna evidente

Speaker 2: Não.

Speaker 1: A escola tem demonstrado preocupação no sentido de conter situações de preconceito? Você nota isso?

Speaker 2: Eu acho que eles estão a trabalhar em relação a isso... há muitos alunos africanos que estudam naquela escola, pais africanos, que nasceram cá mas os pais são africanos. Não vejo assim nenhuma diferença entre ... sobre preconceito nem nada. Até alguns professores, já falei com alguns professores da minha filha e tentam ajudá-la ao máximo.

Speaker 1: Ok. Você não tomou conhecimento de nenhuma situação de preconceito na escola, não é?

Speaker 2: Não, não, não.

Speaker 1: Então passamos os aspectos culturais, vamos para o terceiro bloco que é em relação... sobre a sua relação e a relação da sua filha com a escola.

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: Na sua opinião os professores desta escola são bons para ensinar alunos que vêm de outros países?

Speaker 2: Isso eu digo que são, mas isso depende do país. Há muitas pessoas que fazem esforço com o aluno. Eu tive aí numa reunião da escola, tinha uma aluna que é da Índia e a professora teve muitas dificuldades nos primeiros dias, teve muitas dificuldades nos primeiros dias e a professora estava a puxar mais por ela. Porque aquilo que os professores também dizem em relação a isso, estão mesmo a tentar ajudar a todos.

Speaker 1: Tá bom.... Então você acha que o que faz a diferença nesses professores é ... essa colaboração com o aluno?

Speaker 2: Colaboração sempre com o aluno.

Speaker 1: Hum Hum. Você considera que nesta escola alunos imigrantes têm as mesmas oportunidades de participar das atividades do que qualquer outro aluno?

Speaker 2: Isso já não sei, isso já não sei porque... não sei ... eu busco informar sempre para saber em relação a isso, mas eu acho que os imigrantes têm sempre, se for um bom aluno, talvez

consegue alguma coisa, mas também se não for, é sempre ... não sei como..., mas eu acho que sim também... parece que ajudam... consegue alguma coisa, mas isso também tem que trabalhar para chegar lá.

Speaker 1: Sem dúvida, né, mas também tem a parte de oferecer a oportunidade para que o aluno chegue lá, não é?

Speaker 2: É também.

Speaker 1: De acordo com a sua observação, esta escola ou outra escola que seus filhos frequentaram..., mas ela só frequentou essa, né?

Speaker 2: Sim, sim...

Speaker 1: Tem tudo ... essa escola tem tudo que ela necessita para aprender ou está faltando alguma coisa?

Speaker 2: Eu acho que falta sempre, em todo lado Rs. Em todo lado, falta sempre.

Speaker 1: Pode me dar exemplo do que ela tem pra aprender e do que estaria faltando?

Speaker 2: Eu... às vezes ela queixa-se dos professores não ... estão só preocupados em dar a base do livro, mas isso... só dar e já está no livro, vá lá buscar a matéria

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: E às vezes também acho. Olha, naquela turma é sétimo ano e acho também, ainda são adolescentes, por isso se o professor puxar mais por ela ou por eles todos, não só Olha vai pesquisar, tá lá no livro... eu acho que os professores, alguns deles, deveriam puxar mais, puxar mais um pouquinho pelos alunos. Alguns alunos sei que comportam mal como também depende da educação de cada pais e, se puxar um poucado, o aluno chega, chega... consegue fazer mais, dar mais de si.

Speaker 1: Você está me dizendo sobre, digamos assim, de não serem muito exigentes... poderiam ser mais exigentes?

Speaker 2: Sim, mais exigente, mais exigente

Speaker 1: Mas porque você percebe que fica por conta do aluno...

Speaker 2: Muitas vezes ... Rs

Speaker 1: O aluno não é acompanhado de perto...

Speaker 2: É. É assim, os alunos... é acompanhado de perto a fazer trabalhos e não só, mas tem que... como estou a dizer? São dados os trabalhos na sala... o professor só chega ... esta matéria... escreve o sumário ou o tema da aula... tá lá no livro. Faz uma leitura ... às vezes deveriam puxar mais. Colocar o aluno, explicar mais o aluno, em termos disso.

Speaker 1: De refletir sobre o assunto...

Speaker 2: Sim, sim, sim.

Speaker 1: De não ser uma tarefa automática, mecânica.

Speaker 2: É

Speaker 1: É isso?

Speaker 2: Sim, é.

Speaker 1: Certo.... Porque assim... a minha pesquisa tenta entender o que é que favorece e o inibe

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: o desenvolvimento do aluno imigrante na escola, então por isso que eu sempre trabalho nessa questão... o que é que falta, o que é que está faltando, o que poderia ser melhor, entendeu? Porque eu quero ouvir de vocês que são pais, o que vocês acham sobre isso, não é?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Mas é isso. Você considera que a escola tem realizado esforços para aproximar alunos e pais imigrantes; se aproximar dos alunos e dos pais imigrantes?

Speaker 2: Isso parece que não, porque a escola só marca uma reunião por cada fim de cada trimestre; se quiser saber informação sobre o aluno tens que ir lá fazer visita, ou tens que mandar um... tens que ligar para a professora, a diretora de turma para saber. Eu acho que não.

Speaker 1: Você já foi convidado para fazer parte de reuniões sobre a administração da escola?

Speaker 2: Não, não

Speaker 1: Você tem conhecimento de algum pai imigrante que tenha sido convidado?

Speaker 2: Também não.

Speaker 1: Reuniões da administração, da gestão da escola

Speaker 2: Não, não. Só reunião mesmo de turma

Speaker 1: Do pedagógico

Speaker 2; Do pedagógico

Speaker 1: Do pedagógico, como ela vai nas disciplinas e tal

Speaker 2: Sim, sim, sim.

Speaker 1: Ainda sobre a escola... eu queria que você fizesse um exercício agora, de pensar nos espaços físicos, nos professores, na relação entre os alunos, com os professores, com funcionários, na forma como as aulas são ministradas, nas atividades que são desenvolvidas e me respondesse, idealmente, pra você o que é uma escola boa?

Speaker 2: Rs... Uma escola boa... uma escola boa pra mim é a escola que ensina a todos e não tem restrição, não tem nada disso... tem só que ensinar mesmo e dar motivação para os alunos estudar, que não é só ir todos os dias, chegar numa sala, sumário ou lição, tem também que ter um tempinho... que os alunos chegam a um ponto que fica, eu acho que fica todo saturado de tanto estar aí dentro da sala. Tem intervalo, tem intervalo, mas os professores também têm que de vem em quando fazer tipo jogos para desenvolver a capacidade de cada aluno e em termos da escola, a escola é uma boa escola, só que tem problemas como todos têm. Há um ou outro aluno que são mesmo um poucado... tiram as pessoas do sério, na turma do ano anterior tinha lá uns alunos que no início do ano já tirou o professor do sério e, às vezes também o comportamento dos pais., tive numa reunião, até fiquei triste com os comportamentos dos pais... há muitos pais que fazem com que o aluno seja como o aluno é... mal-educado, eu acho que o respeito tem que vir de casa, tem que vir de casa até chegar aos professores... os professores têm seus próprios filhos... muitas vezes estão aí a se chatear com os alunos e é isso que eu acho, não tem nada de queixar da escola... porque a minha filha pra sair da escola, os funcionários da escola, já várias vezes, iam lá me ligar, tava no trabalho, me ligavam - Olha, posso deixar a miúda sair que não tem mais aula? Aí autorizava a sair. Em termos disso acho que sempre trabalharam bem.

Speaker 1: Muito bom, muito bom. Sobre o relacionamento, agora, do seu filho dentro e fora da escola. Foi fácil pra sua filha chegar na escola e fazer novas amizades?

Speaker 2: É que ela tem a prima da mesma idade

Speaker 1: Na mesma escola

Speaker 2: Na mesma escola, só que na turma, nas turmas diferentes. Ia lá ter com a prima, conheceu a prima também pouco tempo, mas já começou... começaram a ganhar aquela afinidade de ser prima e tal e logo ela já ficou mais próximo e começou as amigas da prima, começou a fazer amizade... começou a fazer amizade, já facilitou muito. E também as colegas já facilitavam muito.

Speaker 1: Ela, ou você sente que os colegas fazem diferença por ela ser de outro país?

Speaker 2: Eu acho que não. Porque ela na escola tem... tem... o ano passado tinha umas amigas, colegas da escola, são amigas que uma era brasileira e a outra era portuguesa, andavam sempre juntas e outra era angolana... se não estou em erro, andavam sempre juntas. Eu acho que não tem lá nada de ... era fácil de fazer amizade ali e não tinha diferença nenhuma.

Speaker 1: Você acha que a Lívia demonstra confiança na escola, nos professores, nos colegas?
Confiança?

Speaker 1: Ela é uma miúda que não dá muita confiança, não dá muita confiança. Até comigo a falar às vezes... não dá muita confiança. Respeita todo mundo, mas não dá...

Speaker 1: Ela não confia?

Speaker 2: Ela não é muito de dar confiança às pessoas, não confia...

Speaker 1: Não é no sentido de dar confiança... ela acredita, ela confia na escola. confia nos professores, nos colegas...

Speaker 2: Sim, sim, sim, sim... sim. Ela está sempre passando isso, confere em termos da disciplina, dos colegas da sala... tão sempre... até já tem novos amigos na escola...

Speaker 1: Que bom.

Speaker 2: Eu acho que confia.

Speaker 1: E ela gosta de alguma colega em especial?

Speaker 2: Tem lá uma que ela está sempre a falar com ela mesmo quando está em casa ao final de semana, tão sempre a falar que é a Inês... é Inês, se não estou em erro

Speaker 1: A Inês... já estou conhecendo... Inês que veio da Alemanha?

Speaker 2: Tem lá, se eu não estou em erro é Inês

Speaker 1: Rs. Tá bom.

Speaker 2: Já (?) já passou o nome...

Speaker 1: Ela gosta dos professores, dos funcionários, de todo mundo?

Speaker 2: Sim, sim, sim, sim...

Speaker 1: Você pode dizer que ela se sente fazer parte da escola?

Speaker 2: Eu digo que sim.

Speaker 1: Me dê um exemplo de algo que faz com que você sinta que ela sente que é parte da escola.

Speaker 2: Ela, quando está em casa, tá sempre preocupada com a escola ... Rs Eu digo, tá sempre preocupada com a escola. Ela teve, teve ...fim de semana tá em casa, tá mortinha pra chegar a segunda pra ir pra escola

Speaker 1: Rs

Speaker 2: E pra ter com os amigos, para estar com os colegas, e é isso. Por isso que eu acho que ela sente parte da escola e também gosta de algumas disciplinas em específico, gosta de algumas disciplinas em específico.

Speaker 1: Alguma coisa que leva você a pensar que ela, algumas situações, nas quais ela não se sente fazer parte?

Speaker 2: Assim... não sei dizer.

Speaker 1: Lívia tem orgulho de pertencer ao país onde ela nasceu?

Speaker 2: Está sempre a dizer isso. Rs.

Speaker 1: Rs. E por que é que ela se sente orgulhosa de pertencer a Cabo Verde, de ter nascido em Cabo Verde?

Speaker 2: Porque ela está sempre a dizer que as mulheres cabo-verdianas são todas lindas, que ela é uma delas...por isso... Rs.

Speaker 1: Rs. É um lugar de mulheres bonitas...

Speaker 2: Ah...

Speaker 1: Diga

Speaker 2: Vai demorar bastante tempo a nossa entrevista?

Speaker 1: Tenho mais umas quatro perguntas

Speaker 2: Porque eu tenho que ir lá buscar ela na escola 6 e meia. Já está próximo.

Speaker 1: Você quer interromper? A gente continua daqui a pouco?

Speaker 2: Sim, mais 20, 30 minutos já estou cá

Speaker 1: Tá bom...

Speaker 2: Vou lá rápido e mando-te uma mensagem assim que...

Speaker 1: E a gente entra de novo, é pouquinho, é pouquinho coisa, mais sobre o ensino do Português

Speaker 2: Tá bem... dez, vinte minutos é só ir lá buscá-la, assim volto já, tá bem?

Speaker 1: Tá bom... até já.

Speaker 2: Obrigado, desculpa lá, desculpa lá.

Speaker 1: Tudo bom, tá me ouvindo? Ok.

Speaker 2: Dá um minuto, caiu o auricular...agora sim. Já podemos falar agora estou sem preocupação.

Speaker 1: Tá bom. Então a gente tinha falado sobre essa coisa do orgulho, né, de pertencer a Cabo Verde

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: Você me disse que ela acha que Cabo Verde é um lugar de mulheres bonitas, por isso ela tem orgulho de pertencer e.... Além da escola, a que lugares a Livia vai com frequência?

Speaker 2: Ora, sinceramente, em casa, nós não temos habito... com essa pandemia, então, é difícil de sair. Não temos muito... muito saído, assim. Ah, nas férias fomos a alguns sítios, fomos a alguns sítios, isso nas férias. Com essa pandemia tivemos mais em casa...

Speaker 1: Ok

Speaker 2: Tivemos mais em casa, de vez em quando saímos, damos uma volta, irmos ao shopping, mas assim, entretanto não temos saído muito.

Speaker 1: Fora da escola, qual é a nacionalidade das crianças com que Livia se relaciona, mais se relaciona?

Speaker 2: Ahh ... é portuguesas, filhos de cabo-verdianos também que nasceram cá. Já nem falam muito, muito... nem sabem falar crioulo, até É só o português mesmo.

Speaker 1: Sua filha usa a rede social para manter contato com familiares distantes, amigos...

Speaker 2: Sim, sim, sim, sim. A mãe ... a mãe está em Cabo Verde

Speaker 1: Ah é?

Speaker 2: A mãe está em Cabo Verde e eu é que estou cá e eu tenho o apoio das minhas duas irmãs e meus irmãos também que vivemos juntos. Ela está sempre em contato com a mãe.

Speaker 1: E com que frequência ela fala com a mãe?

Speaker 2: Ah... quase todos os dias... quase todos os dias.

Speaker 1: Você e sua família participam de alguma atividade associativa, tipo igreja, clube, partido político?

Speaker 2: Não, não.... Não, não.

Speaker 1: As próximas perguntas se referem a todos os alunos e não só alunos imigrantes.

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: Você considera que nesta escola os alunos têm oportunidade para discutir e refletir sobre questões do mundo em geral e do mundo da escola?

Speaker 2: Sim, sim, eu acho que sim. Na escola, eles têm lá muitos trabalhos que eles fazem em relação ao mundo global, em si, e eles discutem muito isso. Eu acho que a escola tem a capacidade e ... tem a capacidade, não só e, tem o dever de falar sobre isso com eles.

Speaker 1: Você pode me dizer como e quando este tipo de reflexão acontece?

Speaker 2: Ah... nas aulas de história, pelo menos, sei que falam muito sobre isso.

Speaker 1: Hum, hum...

Speaker 2: Falam muito sobre isso.

Speaker 1: E sobre questões sobre a escola, sobre o funcionamento da escola, como a escola deveria funcionar, você acha que eles discutem e refletem sobre isso?

Speaker 2: Não... isso, em relação a isso eu acho que não.

Speaker 1: Ham Ham

Speaker 2: Deveriam, mas eu acho que não.

Speaker 1: Rs. No seu modo de ver quais seriam as questões referentes ao mundo da escola, que os adolescentes, as crianças imigrantes, discutir e participar?

Speaker 2: Hamm... o funcionamento da escola, o funcionamento da escola, as regras da escola, porque cada escola tem uma regra, isso eu acho que isso também deveria ... os alunos deveriam ter mais conhecimento sobre isso, não só os alunos, mas também os pais e.... eu acho que é isso, num vejo assim no funcionamento da escola. Pode ter mais coisas assim, mas pela cabeça agora não sai.

Speaker 1: Você pode dizer que nesta escola as crianças participam na formulação de regras, direitos e deveres? Se elas têm participação na formulação de regras, direitos e deveres?

Speaker 2: Se tem participação?

Speaker 1: Na discussão, na formulação, como são formuladas as regras...

Speaker 2: Humm Acho que não.

Speaker 1: Mas existem regras...

Speaker 2: Sim, tem regras, mas acho que eles não têm... não discutem isso.

Speaker 1: Pois.... Você acha que as crianças participam da decisão sobre como as aulas deveriam ser, o que está sendo estudado, que tarefas deveriam ser realizadas, como o tempo deveria ser gasto, como deveria ser a avaliação...

Speaker 2: Se elas têm o direito de participar?

Speaker 1: Exato. Participar da decisão de como a aula vai ser dada...

Speaker 2: Por uma parte acho que sim, mas por outra acho que não. Rs.

Speaker 1: Por que parte acha que sim?

Speaker 2: De participar mais nas regras da escola, nas atividades da escola, mas me participações nos horários eles é capaz de fazerem um horário maluco. Rs.

Speaker 1: Rs. Você acha que seria uma bagunça?

Speaker 2: Rs. Seria uma bagunça.

Speaker 1: Ah olha, você se surpreenderia, penso eu...às vezes me surpreendo, porque as crianças são às vezes muito mais cruéis do que nós próprios... Rs.

Speaker 2: Às vezes são...

Speaker 1: São mais duros, enfim...

Eu tenho aqui duas perguntas finais...

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Que dizem respeito a dois programas que apoiam o estudante imigrante na escola em Portugal. Porque cada uma dessas perguntas que você respondeu elas estão baseadas nos indicadores de integração de imigrantes na área da educação. Então... principalmente as do primeiro bloco que dizem respeito à integração propriamente dita. E as principais políticas que apoiam as notas que Portugal tem nas políticas de integração, porque Portugal tem boas notas nas políticas de integração, não sei se você já ouviu falar disso...

(Há uma interrupção porque há outra pessoa falando ao fundo)

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: Na verdade são três grandes programas... três boas notas que Portugal tem nas políticas de integração de imigrantes na área da educação. Uma delas é o programa TEIP.... Eu vou falar um por um ...

Speaker 1: Sim, sim.

Speaker 2: TEIP é Território Educativo de Intervenção Prioritária

Speaker 2: Sim

Speaker 1: O que é isso? O agrupamento é território educativo de intervenção prioritária, este agrupamento é um território de intervenção prioritária. Na verdade, o que o governo quer

contornar aqui são questões de abandono escolar, de absenteísmo - falta nas aulas, de indisciplina

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Então nesses territórios onde geralmente existe um grande percentual - só um minutinho... (há um problema no áudio, peço para meu marido abaixar o som e percebo que é uma aula no zoom que eu havia pausado e que sem querer coloquei prá ouvir de novo.). Bom, então tem esse território, as escolas, normalmente localizadas nestes territórios tem alto percentual de alunos onde os pais vivem dos benefícios sociais, pessoas de abrigo, pessoas de baixa renda, enfim... O território... o agrupamento é um território desses. Antes era só a Escola X.

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: Depois, a escola, levou esse território para o agrupamento, quando foi agrupada. Histórias. De qualquer forma, este programa é voltado pro sucesso escolar de todos os alunos, então esse programa tem verba pra prover...

Speaker 2: Apoio?

Speaker 1: Um apoio especial para alunos em dificuldades. Eu quero saber se a sua filha usufruiu de alguns desses apoios. No Brasil a gente chama reforço escolar, ou seja, aulas extras pra quando a pessoa tem dificuldade na matemática, em outra disciplina. Ela teve oportunidade de frequentar alguma aula deste tipo... ela teve alguma dificuldade e foi oferecido este tipo de suporte ou não?

Speaker 2: Não, não.

Speaker 1: Ela não teve dificuldades ...

Speaker 2: Não, não, que nem sabia dessa dessa ...dessa... dessa apoio... sobre as aulas de reforço. Também ninguém me informou sobre isso e eu também... ela nunca... nunca... tem, tem algumas dificuldades em algumas disciplinas, isso tem dificuldades, mas nunca ofereceram nenhum tipo de suporte... essa disciplina, estás com problema nesta disciplina ou estás com uma nota mais fraca nessa disciplina... pra ter esse apoio, por acaso não.

Speaker 1: Pois,

Speaker 2: Não teve.

Speaker 1: Ok. Mas ela tem boas notas?

Speaker 2: Algumas disciplinas são mais fracas, o resto tem nota razoável...

Speaker 1: Ok. Porque... normalmente pelo que eu tenho observado existe o oferecimento, então eu imagino que a Livia tenha se saído bem e por isso não tenha sido convidada pra este tipo de aula.

Speaker 2: Sim. Não teve assim notas demais... notas negativas

Speaker 1: Ok.

Speaker 2: Até agora não teve, por isso...

Speaker 1: Tá. Esse é o primeiro programa. O segundo programa é o PLNM Português Língua Não Materna que é oferecido... são aulas de português que são oferecidas para alunos imigrantes. Como ela fala português, eu imagino que também este suporte não tenha sido oferecido.

Speaker 2: Não

Speaker 1: Ok. E o último programa... é sobre Educação para a Cidadania, é outra disciplina, além dos programas, né? A Educação para a Cidadania é uma disciplina que suporta a boa nota que Portugal tem na política de integração. Porque é suposto que dentro desta disciplina se discutam os assuntos culturais, a diversidade cultural, entre outros, né?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: A interculturalidade e tudo isso. Você sabe sobre essa disciplina, ela já comentou alguma coisa com você?

Speaker 2: Ah... sim, sim, sim, sim.... Já, já comentou... a Cidadania, já comentou e estava até a fazer um trabalho sobre isso...

Speaker 1: Sobre?

Speaker 2: Cidadania, sobre cidadania, o que é cidadania... e fez um trabalho sobre isso.

Speaker 1: Ok. Bom, então você não tem nenhum conhecimento de atividades adicionais, né? Como tutorias, monitorias, nada...

Speaker 2: Ela tem uma disciplina que é - dá um minuto - Ó Lívia... Lívia... Lívia, faz favor... aquela disciplina de apoio, como é o nome? Aquela aula de apoio ... (Lívia responde: CAP). Ela falou que é CAP.

Speaker 1: São aulas de apoio a Pandemia, não é? Por causa da pandemia...

Speaker 2: Sim. Sim. Essa é a única aula que ela tem de apoio... assim... sobre outras disciplinas até... é a única aula de apoio que ela tem. Mas isso está mesmo no calendário da escola.

Speaker 1: E nesta aula é dado o que?

Speaker 2: Quando tens dúvida na outra disciplina... quando ela tem dúvida na outra disciplina, o professor ajuda.

Speaker 1: Hum... e é uma vez por semana?

Speaker 2: É uma vez por semana.

Speaker 1: É fora do horário escolar?

Speaker 2: É no horário escolar...

Speaker 1: É no horário escolar?

Speaker 2: É sim no horário escolar.

Speaker 1: Você sabe se ela foi oferecida agora porque os meninos ficaram muito tempo na pandemia ... fora da escola durante a pandemia... o semestre passado e isso é um tipo de uma recuperação, digamos assim...?

Speaker 2: É uma disciplina

Speaker 1: É sempre?

Speaker 2: É um professor de apoio

Speaker 1: Ah então tem atividade de apoio

Speaker 2: Sim. Qualquer disciplina que eles tenham... professor de uma outra disciplina... também ano passado era um professor da educação física que fazia o apoio, esse ano é o professor de matemática que faz esse apoio.

Speaker 1: E tem muita gente nessas aulas, como é? É pra todo mundo?

Speaker 2: É a sala toda.

Speaker 2: A sala toda?

Speaker 2: Ah então tá num horário normal de disciplina...

Speaker 2: Tá num horário normal da disciplina

Speaker 1: Da aula...

Speaker 2: Da aula sim

Speaker 1: Entendi. É mais uma disciplina e é só pra desenvolver atividade de apoio...

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: Tá vendo, eu não sabia. Isso é uma coisa que você está me trazendo... eu não sabia.

Speaker 2: O ano passado era um professor da educação física, este ano foi o professor da matemática, das matemáticas, pra ajudar...

Speaker 1: Então tá bom ... Eu acho que nós terminamos... foi excelente

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: Muito obrigada

Speaker 2: Obrigado eu... desculpe lá por qualquer coisa...

Speaker 1: Não, não é que eu estava tentando falar com você e eu disse mas será que ele está trabalhando, mas será que o telefone dele não funciona, mas será, mas será, mas será aí hoje eu tinha que terminar com os pais, eu disse preciso falar ele...

Speaker 2: Isso porque o telemóvel já tenha há alguns dias, só que eu tenho um telemóvel também que não está aí grande coisa..

Speaker 1: Rs

Speaker 2: Não está grande coisa... eu vou ter que comprar um telemóvel... to a achar que é suicídio de natal ainda Rs

Speaker 1: Rs. Eu preciso falar com a sua filha, né?

Speaker 2: Está bem.

Speaker 1: Então eu gostaria que você perguntasse pra ela se ela quer participar da minha pesquisa e, se ela quiser, que dia que eu poderia fazer o zoom com ela.

Speaker 2: Ahh (Dirigindo-se à filha -Chega aqui). Ela chegou agora está a preparar aí ...

Speaker 1: Tá comendo, coitada.

Speaker 2: Tá aqui ela...

Speaker 1: Oi !

Speaker 2: (Falando com a filha - Ela quer saber se vais participar ...). Ela quer saber se é hoje ou se é no outro dia

Speaker 1: Não, num outro dia, a gente pode marcar um horário que seja bom pra ela, qualquer dia.

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: Ela participa?

Speaker 2: Ela está envergonhada

Speaker 1: Você tá envergonhada, vem cá, você não está nada envergonhada, você é uma mulher bonita...

Speaker 3: Sim

Speaker 1: Meu nome é Fatima e eu faço uma pesquisa com estudantes imigrantes neste agrupamento. Eu sou mestranda da Universidade do Porto, da escola de Ciências da Educação. Então eu faço esta pesquisa. Eu estou ouvindo vários estudantes a respeito de vários assuntos. Já conversei com a (a aluna X), não sei se você a conhece?

Speaker 3: Não.

Speaker 1: Amanhã vou conversar com a (aluna Y). Porque eu acho que elas são da outra escola..Elas estão lá por causa que o ano delas é lá. Elas estão entre o 7º e o 9º ano, mas parece que um desses anos é dado lá na outra escola, por causa da reforma e tal... Então é o seguinte, primeiro eu quero saber se você quer participar da entrevista, é uma entrevista de uma hora, vou fazer algumas perguntas pra você de como é a escola, como você se sente na escola, perguntas normais, entendeu? Nada complicado.

Speaker 3: Pode ser.

Speaker 1: Aí eu precisaria saber que dia a gente pode fazer isso. Porque eu sei que você está na última semana de aula agora, não é?

Speaker 2: Sexta... não

Speaker 1: Sexta?

Speaker 3: Pode ser sexta.

Speaker 1: Sexta neste horário das 18h?

Speaker 3: Sim. Só que depois das seis e meia.

Speaker 1: Depois das seis e meia?

Speaker 3: Sim, depois das seis e meia.

Speaker 1: Seis e meia ou sete?

Speaker 3: Pode ser às sete.

Speaker 1: Há que horas você saiu?

Speaker 3: Seis e meia

Speaker 1: E aí dá pra você chegar, comer alguma coisa?

Speaker 3: Sim, dá tempo.

Speaker 1: Dá tempo, tranquilo?

Speaker 3: Dá sim.

Speaker 1: Então vou marcar aqui sete e dez tá bom?

Speaker 3: Pode ser

Speaker 1: Pra te dar um tempinho.... Então tá bom. Você tem celular? Como é?

Speaker 3: Tenho

Speaker 1: Você quer que eu mande a mensagem pro seu celular?

Speaker 3: Pode ser.

Speaker 1: Eu vou anotar aqui. Só um minutinho. Contato Livia, novo contato Livia, fala pra mim Livia

Speaker 3: É 936...

Speaker 2: Esqueceu Rs

Speaker 3: É porque eu não sei de cor

Speaker 1: É, eu também não sei o meu...

Speaker 2: Vou fazer o seguinte, vou fazer o seguinte, vou te mandar pela mensagem assim vai já adicionar e fala com ela na sexta.

Speaker 1: Tá bom então. Muito obrigada, dê um beijão nela e agradeça também.

Speaker 2: Tá bem, obrigado.

Speaker 1: Foi excelente!

Speaker 2: Rs

Speaker 1: Tchau! Rs

Speaker 2: Tchau.

E15 - 15 e 17/12/2020 - Aluno (Brasileiro)

Speaker 1: Olá, tudo bom

Speaker 2 (Elenice, a mãe de Hermes): É nós... tudo bem?

Speaker 1: Tudo, e você?

Speaker 2: Eu estou bem graças a Deus. Eu vou passar pra ele, tá bom?

Speaker 1: Tá bom, obrigada Elenice.

Speaker 2: Nada...

Speaker 1: E aí Hermes, como está?

Speaker 3 (Hermes): Eu estou bem. E você

Speaker 1: Eu tô bem, tô bem, tô aqui meio trancada, meio tristonha, mas tá tudo bem, bom seria se a gente pudesse estar passeando na rua, né, sem máscara, não é?

Speaker 3: Sim, seria muito melhor.

Speaker 1: Hermes

Speaker 3: Sim

Speaker 1: Fala pra mim quanto tempo você está aqui em Portugal

Speaker 3: Ah, quanto tempo?

Speaker 1: É... quando você chegou?

Speaker 3: Não me lembro, posso perguntar pra minha mãe?

Speaker 1: Ahhhh vá, vá, então deixa eu te dizer uma coisa

Speaker 3: Faz muito tempo

Speaker 1: Muito? Dois anos, três anos?

Speaker 3: Não, ainda... já vai fazer um ano.

Speaker 1: Ahh bom.... Então é pouco tempo, né, um ano. Bom é o seguinte Hermes, primeiro eu queria agradecer a sua participação, viu, e pedir a sua autorização para gravar esse áudio que eu estou gravando, este vídeo, né? Você autoriza eu gravar?

Speaker 3: Autorizo.

Speaker 1: Então beleza. Então você sabe, eu sou estudante, tô fazendo um curso de mestrado na Universidade do Porto, na área da Educação e eu faço uma pesquisa com estudantes imigrantes pra saber quais são os fatores que favorecem ou que inibem a participação dos estudantes na escola. É uma pesquisa que vai entrevistar pais, professores, o diretor do agrupamento e os estudantes. Então, vai ouvir todo mundo. Praticamente, as perguntas que você vai responder, não são exatamente as mesmas, mas são muito parecidas com as perguntas que sua mãe respondeu e algumas perguntas são realmente as mesmas que sua mãe respondeu, porque a gente está querendo saber dos vários participantes a mesma coisa, as opiniões das várias pessoas que estão participando da pesquisa. Então, digamos assim, tudo que você falar nesse áudio ele vai guardado e assim, nada do que você falar vai ser identificado seu nome, que foi você quem falou, entendeu, então assim, o que os participantes dizem fica no sigilo, a pesquisa tem um compromisso de manter sigiloso o dado. E eu preciso dizer também que você pode desistir de participar em qualquer altura se você não estiver gostando, coisas assim. Também dizer pra você que não tem nem resposta certa, nem resposta errada. Aqui não é pra gente ... a gente não está querendo testar nada, mas é mesmo pra saber a sua opinião e ter a sua contribuição pra pesquisa, entendeu?

Speaker 3: Sim

Speaker 1: E se você tiver alguma dúvida você vai me perguntar e eu vou lhe responder. Tem mais uma coisa pra te dizer, esta pesquisa tem um lado burocrático, que eu preciso de um documento assinado, dizendo que você concorda em participar da pesquisa, apesar da sua mãe já ter autorizado, eu preciso da sua autorização. Aliás, eu preciso também da autorização da sua mãe neste mesmo documento. Então depois eu vou mandar esse papel pelo WhatsApp e aí

como se faz, você imprime pra mim, entrega lá na escola, pede pra entregar pra mim, entendeu? Você está quem que escola?

Speaker 3: Eu estou na escola X

Speaker 1 A professora X está em outra escola, né, está lá em cima, mas a gente combina conforme você faz pra me entregar depois de assinar, tá? Você pode me mandar pelo próprio WhatsApp, por e-mail, como você quiser. Mas isso não é o mais importante agora, então é o seguinte, neste nosso início de conversa, eu gostaria que você pensasse que você vai fazer uma viagem e que o lugar de partida vai ser o seu país de origem e o seu destino vai ser Portugal, onde você está morando agora. Então você poderia me falar um pouco do lugar de onde você vem lá no Brasil, que lugar é, que cidade é, com o é?

Speaker 3: Posso. Eu morava... o nome da minha cidade se chama Minas Gerais

Speaker 1: Do seu estado...

Speaker 3: E eu morava no bairro que se chama é.... no bairro que se chama Vila Celeste

Speaker 1: Em que cidade?

Speaker 3: Em que cidade? De Ipatinga

Speaker 1: Ipatinga. O que tem de bom em Ipatinga, me fala um pouco de Ipatinga

Speaker 3: O que é que tem de bom? Lá em Ipatinga é muito bom... onde que eu morava tinha muitas árvores, assim, a gente temos... tinha contato com os animais...

Speaker 1: Ah que legal! Muito bom isso, né, hoje já não tem árvore quase em lugar nenhum né Hermes?

Speaker 3: Hum hum

Speaker 1: E.... você chegou em Portugal mais ou menos há dois anos... há um ano, né, você me disse, mais ou menos

Speaker 3: Há um ano

Speaker 1: E quem veio com você

Speaker 3: Eu, minha mãe e minha irmã.

Speaker 1: Sua mãe e sua irmã... que bom.... Agora que eu já conheço um pouquinho de você... eu queria saber como era a sua vida lá em Ipatinga... como era um dia normal prá você lá em Ipatinga

Speaker 3: Um dia normal?

Speaker 1: Hum hum ... O que você fazia de manhã quando você acordava, depois ... o dia, me fala o que você fazia durante um dia lá em Ipatinga.

Speaker 3: Lá em Ipatinga eu acordava de manhã, tomava pequeno almoço, tomava meu banho e ia pra escola, porque na escola tinha um projeto, Mais Educação, o nome do projeto

Speaker 1: Hum hum... eu conheço

Speaker 3: E lá no projeto a gente para um sitio para fazermos lá nossas atividades, nós fazia judô, artes, também nós fazia português, reforço, natação, aí a gente ficava lá até na parte de tarde. Na parte de tarde nós ia direto para a escola, nós almoçamos lá na escola, depois de almoçar na escola batia o sino e a gente ia para as aulas. Aí depois das aulas, no recreio, nós brincávamos, depois tocava para dentro e aquela era as nossa última aula. Depois nós ia embora (inaudível, sinal internet ruim) depois fazia nossas atividades de casa.

Speaker 2: Esse era um dia normal pra você

Speaker 3: Sim

Speaker 1: E agora vamos chegando mais perto de Portugal, né, e tentar perceber como é a sua vida agora em Portugal.... Ah, melhor, deixa eu perguntar ainda uma coisa...Lá em Ipatinga, além de ter essas atividades na escola, você participava de outra atividade, fora da escola, para além da escola?

Speaker 3: Ah sim...

Speaker 1: Hum

Speaker 3: Sim, eu tinha um projeto que era de música, tocar flautinha, flauta doce

Speaker 1: Ah que legal!

Speaker 3: Aí nós ia pra outra escola e lá nós aprendia a tocar flauta, tocava flauta, fazia tocar tambor, essas coisas

Speaker 1: Um projeto de música, muito bom, muito bom... e você gosta do Brasil, digamos assim, você tem orgulho de ser brasileiro?

Speaker 3: Tenho.

Speaker 1: E por que você tem orgulho de ser brasileiro?

Speaker 3: Porque lá no Brasil tem muitas coisas boas e também nós lá no Brasil...nós tinha algumas coisas de maus, mais as boas, tem muitas coisas que não machuca, sabe, que não machuca, temos lá a natureza pertinho da gente, qualquer coisa nós podia nos contatar na natureza, quando nós precisávamos, pra diminuir o stress e temos lagos, essas coisas, cachoeiras, isso tudo descontraí a gente e a gente ia lá às vezes nas cachoeiras, nos lagos, nessas coisas pra gente poder descontraír do dia que nós teve, da escola...

Speaker 1: É muito bonito, né, tem lugares muito bonitos

Speaker 3: Sim

Speaker 1: Você mantém contato com a sua família, seus amigos, lá no Brasil, como é?

Speaker 3: Mantenho contato sim, com o meu pai

Speaker 1: Ham Ham ... e você utiliza rede social pra falar com ele

Speaker 3: Eu utilizo a rede social nós fala pelo WhatsApp

Speaker 1: E com que frequência você fala com seu pai ou com outras pessoas lá no Brasil?

Speaker 3: Ah, todos os dias eu estou mandando uma mensagem

Speaker 1: Todo dia você fala com gente lá no Brasil...

Speaker 3: Sim

Speaker 1: Beleza, agora a gente vai chegar em Portugal, certo? Chegamos em Portugal e eu gostaria que você compartilhasse comigo o que acontece com você aqui. Como é que aqui em Portugal é um dia normal pra você?

Speaker 3: Um dia normal? Na escola, dentro de casa...

Speaker 1: Aqui como é que ... e além da escola que lugares você vai com frequência?

Speaker 3: Que eu vou com frequência? No rio D'ouro

Speaker 1: Hum, você gosta de ver paisagem, não é?

Speaker 3: Sim

Speaker 1: Hum hum... e assim... fora da escola, né, quando você vai à algum lugar, você é bem recebido pelas pessoas, como é que é?

Speaker 3: Sou bem recebido, as pessoas me tratam muito bem.

Speaker 1: Hum hum ... assim, fora da escola você se relaciona com crianças de que países?

Speaker 3: Fora da escola?

Speaker 1: É

Speaker 3: Dos Estados Unidos

Speaker 1: É mesmo?

Speaker 3: Sim, do Brasil também...

Speaker 1: E essas pessoas todas lhe tratam super bem, tal?

Speaker 3: Sim.

Speaker 1: Então, agora Hermes, pensa nas escolas em geral, escolas em geral, no espaço físico, no professor, nas relações entre os professores e os alunos, entre professores, alunos, funcionários, nas relações entre os alunos, na forma dos professores darem aula e pensando nesses pontos eu gostaria que você me dissesse o que é pra você uma escola boa?

Speaker 3: O que é uma escola boa? Uma escola boa pra mim é aquela que os professores respeitam... que os alunos respeitam os professores e os professores respeitam os alunos e na

escola não tenha briga, não brigam, que os professores mandam atividades para casa porque tem professores que não mandam atividades para casa, pra gente poder aprender, que os professores explicam as coisas melhores, estão sempre explicando, porque na escola que eu já tive, tinha uns professores que não ajuda na matéria (a conexão falha)

Speaker 1: Não entendi, pode repetir porque falhou a ligação.

Speaker 3: O telefone caiu

Speaker 1: Eu não entendi a última coisa que você disse ... que tinha professores que não, você um professor que não

Speaker 3: Que tinha professores que não explicavam direito e quando começava a explicar começava a contar história da vida deles

Speaker 1: Certo. E assim, na relação das pessoas, como seria esta escola boa que você imagina?

Speaker 3: Em relação com as pessoas?

Speaker 1: É.... em relação a forma pela qual os alunos se relacionam, como os funcionários são...

Speaker 3: Os alunos se relacionam comigo muito bem, nós falamos bem

Speaker 1: Não, eu estou te perguntando nessa escola que você imagina que seja uma escola boa, essa escola que está na imaginação.... Como é esta escola, o que tem nessa escola boa na sua imaginação, que você gostaria... que você acha que uma escola seria boa porque teria tais e tais e tais coisas. Quais coisas seriam essas?

Speaker 3: Que a escola pudesse ter passeios

Speaker 1: Hum

Speaker 3: Passeios escolares e que também pudesse ter ...na parte lá pro fundo tem uma parte onde que as crianças têm coisas pra poderem se distrair

Speaker 1: Que tenham atividades que não sejam só aulas, é isso?

Speaker 3: Sim

Speaker 1: E quais seriam essas atividades?

Speaker 3: Quais atividades?

Speaker 1: Pra se distrair

Speaker 3: Que pudesse plantar coisas, fazer uma colheita da escola, uma plantação na escola...

Speaker 1: Muito bom, muito bom.... Você sabe que eu também gosto dessa coisa de horta, viu? Também gosto de plantar. Pra mim também, uma escola ideal tinha que ter um espaço para as crianças plantarem, né, e colherem. E agora, ô Hermes, que você já pensou nessa escola que seria pra você uma escola boa, né, que tivesse outras atividades além das aulas, que tivesse uma atenção melhor dos professores pra com os alunos, que os alunos pudessem participar mais, não é? Vamos agora sair dessa escola imaginária e pensar nessa escola real, a sua escola. Você considera que esta escola onde você tá, é uma boa escola?

Speaker 3: Sim, considero ela uma boa escola.

Speaker 1: E por que você acha que essa escola é uma boa escola?

Speaker 3: Eu acho que os professores nos tratam muito bem, os alunos, profissionais tratam muito bem, os profissionais fazem um belo trabalho

Speaker 1: Hum ... o que você acha que é elogiável nos funcionários?

Speaker 3: Elogiável nos funcionários?

Speaker 1: É

Speaker 3: Tudo o que eles fazem.

Speaker 1: Hum, hum E você acha que as pessoas na escola, os seus colegas, o seu professor, os funcionários, eles são pessoas em que você pode confiar?

Speaker 3: Sim

Speaker 1: E, do que tem sido a sua experiência na escola, você acredita, considera que a escola tem tudo o que você necessita pra aprender ou tá faltando alguma coisa?

Speaker 3: Acho que esta escola tem tudo o que eu necessito para aprender.
Speaker 1: A escola tem tudo? Eu não entendi Hermes, a escola tem tudo, é isso?
Speaker 3: Tem
Speaker 1: Não tem nada, nada, nada que você gostaria ou que seria interessante que a escola tivesse e que te ajudaria?
Speaker 3: Ah tem.... Eu queria que tivesse apoio pra mim.
Speaker 1: Apoio em que sentido?
Speaker 3: Apoio pra ajudar a entender a matéria
Speaker 1: Ah é? Porque você tem dificuldade em que matéria, Hermes
Speaker 3: Em português
Speaker 1: Ah em português e você não tem apoio, não tem aulas extras em português?
Speaker 3: Não.
Speaker 1: Só tem as aulas normais da disciplina de português
Speaker 3: Sim
Speaker 1: Hum hum ... E.... assim, qual é a sua dificuldade com o português?
Speaker 3: A matéria
Speaker 1: Porque você fala português, não é? Mas...deixa eu entender. Você tá tendo notas piores em português, é isso?
Speaker 3: Sim.
Speaker 1: E você gostaria de melhorar, não é?
Speaker 3: Rs. Sim.
Speaker 1: Sim? Que que você tá rindo?
Speaker 3: É que minha irmã entrou aqui no quarto ... eu tô rindo
Speaker 1: Rs. Ai ai ai Hermes, você tem o mesmo sorriso da sua mãe, igualzinho.
Speaker 3: Obrigado.
Speaker 1: Rs. Ô, Hermes, diga pra mim, você poderia me dar algum exemplo do que é que a escola tem e que está ajudando você a aprender e do que está faltando? Tá faltando apoio, você disse, mas só esse apoio... seriam aulas de reforço que você gostaria, é isso?
Speaker 3: Eu acho que... pode repetir a outra pergunta que eu já esqueci
Speaker 1: Se você podia me dar um exemplo do que a escola tem e do que poderia ter para facilitar o seu aprendizado do português.
Speaker 3: O que a escola tem? A escola tem bons professores na aula de português... e que na aula de português tivesse uma professora, tipo ajudante da professora, porque a professora não pode atender todo mundo e se a professora tivesse uma ajudante e puder ajudar às vezes as pessoas pra fazer uma coisa na tela que tiver precisando de ajuda
Speaker 1: Entendi, estaria faltando um professor de apoio pra ajudar porque a professora não dá conta de todo mundo, não é isso? Faz falta...não é isso?
Speaker 3: Sim
Speaker 1: Você acha que os professores desta escola são bons pra ensinar alunos que vieram de outros países?
Speaker 3: Acho.
Speaker 1: E por que que você acha que eles são bons? O que faz a diferença?
Speaker 3: É que eles nos pergunta se a gente entendeu o que eles disseram
Speaker 1: Ah é? Ok.... Então eles têm uma atenção pra vocês, né, e você nota que eles são bons porque eles têm essa atenção, é isso?
Speaker 3: Sim.
Speaker 1: Muito bem.... Você acha que só com as aulas normais você tá conseguindo da conta, tirando português, as outras disciplinas.

Speaker 3: Sim.

Speaker 1: (Inaudível)

Speaker 3: Nas outras disciplinas você está bem, o único problema seu é no português, é isso?

Speaker 3: Sim

Speaker 1: Ok. Você nunca participou de uma aula de português para estrangeiros, não, né?

Speaker 3: Não

Speaker 1: Ok, porque você sabe que tem alguns alunos, por exemplo, alunos que são de outras nacionalidades que não falam português, eles têm aulas específicas de português, você sabe?

Speaker 3: Sim

Speaker 1: Mas você... nunca lhe ofereceram esse tipo de apoio?

Speaker 3: Não tem

Speaker 1: Ok. Diz aí qual a sua dificuldade no português, Hermes

Speaker 3: A dificuldade em português?

Speaker 1: É..

Speaker 3: É pra poder entender ... esqueci o nome da matéria... uma dificuldade que eu tenho em português também são nas provas, nos testes, também fazem perguntas que tipo, lá no Brasil, nós temos um ensinamento diferente daqui, aí eu chego aqui eu faço o teste, o teste tem coisas que eles já deram aqui, que no Brasil não deram pra mim, me deram diferente...

Speaker 1: Ah sim, porque o conteúdo aqui é um conteúdo diferente do conteúdo de lá né, e você não teve esse conteúdo aqui, entendi.

Speaker 1: Foi fácil chegar na escola e fazer amigos?

Speaker 3: Foi

Speaker 1: Foi? Como é que te acolheram os colegas da tua turma, das outras turmas?

Speaker 3: Me acolheram bem.

Speaker 1: Te acolheram bem? E o que pensam os colegas sobre você, sente diferença de tratamento por você ser de outro país?

Speaker 3: Não.

Speaker 3: Não? Por parte dos portugueses.... não?

Speaker 1: Não. Eles me tratam como se eu fosse daqui

Speaker 1: Te trata como se você fosse daqui, 'é isso?

Speaker 3: Sim.

Speaker 1: Ok. Na escola, qual é a nacionalidade das crianças com quem você mais se relaciona?

Speaker 3: Portugueses mesmo

Speaker 1: Portugueses mesmo... Você gosta de algum colega em especial?

Speaker 3: Não.

Speaker 1: Nenhum amigo, assim, mais chegado?

Speaker 3: Ah mais chegado eu tenho

Speaker 1: Como é que é o nome dele?

Speaker 3: Ricardo.

Speaker 1: E ele é português?

Speaker 3: Sim, ele é.

Speaker 1: E você gosta dos funcionários, dos professores, da escola em geral?

Speaker 3: Sim.

Speaker 1: Você acha que quando os professores estão ensinando lá na sala de aula eles têm preocupação de que os outros alunos aprendam algo a respeito do seu país, da sua cultura?

Speaker 3: Não.

Speaker 1: Não cita exemplos do Brasil, não falam do Brasil, não pedem pra você falar do Brasil?

Speaker 3: (inaudível)
Speaker 1: Como? Falhou de novo.
Speaker 3: Não pedem
Speaker 1: Não pedem, né
Speaker 3: Não pedem ...
Speaker 1: Você sente que faz parte daquela escola, dessa escola?
Speaker 3: Sim
Speaker 1: E por que você sente se sente parte da escola... me dá um exemplo de uma situação na qual você se sente fazendo parte da escola?
Speaker 3: Uma situação?
Speaker 1: É...
Speaker 3: Quando eles me tratam
Speaker 1: Quando eles...
Speaker 3: Como eles me tratam
Speaker 1: Ah como eles te tratam. E como é que eles te tratam?
Speaker 3: Me tratam bem.
Speaker 1: Ok. E tem algum exemplo que te fez sentir que você não pertencia à escola ou não?
Speaker 3: Não.
Speaker 1: Muito bom.... Agora as próximas perguntas são sobre alunos são perguntas que não são apenas sobre alunos imigrantes
Speaker 3: Posso ir no banheiro rapidinho?
Speaker 1: Não entendi
Speaker 3: Eu vou no banheiro
Speaker 1: Pode ir
Speaker 3: Já volto
(Hermes teve uma indisposição e não pudemos continuar a entrevista neste dia. Combinei com a mãe, Elenice, de retomarmos no dia seguinte)

Speaker 3: Eu estou te escutando.
Speaker 1: Agora?
Speaker 3: Sim, estou te escutando agora
Speaker 1: Pois, o que é que houve?
Speaker 3: Não sei
Speaker 1: Porque eu realmente alterei a configuração aqui e falei... não é possível, tô ficando maluca... quer dizer, maluca eu já estou mesmo um pouco, não é, mas não é pra tanto. Escuta, eu tô tão maluca que eu já nem sei onde que foi que a gente parou nossa conversa, mas primeiro quero saber se você ficou melhor aí do problema do estômago.
Speaker 3: Sim, melhorei
Speaker 1: Deve ter comido alguma coisa estranha, não?
Speaker 3: Era sim...
Speaker 1: Não foi?
Speaker 3: Hum hum
Speaker 1: Tomou remédio, foi?
Speaker 3: Tomei.
Speaker 1: Remédio pro estômago?
Speaker 3: Sim
Speaker 1: Remédio pro estômago, pra parar de vomitar, né
Speaker 3: Sim
Speaker 1: Que horror, eu odeio quando eu fico assim. É muito ruim, né?

Speaker 3: Muito ruim mesmo.

Speaker 1: Perai, tô abrindo o arquivo com a sua entrevista, aqui perai.

Speaker 3: Ok.

Speaker 1: Eu acho que a gente passou por essa pergunta se foi fácil chegar na escola, fazer novas amizades, passou ou não passou Hermes?

Speaker 3: Passou

Speaker 1: Também falamos dos professores, dos funcionários da escola

Speaker 3: Sim

Speaker 1: Se você gosta deles, já falamos sobre isso também, não é?

Speaker 3: Sim.

Speaker 1: Falamos se você se sente parte da escola, você acha que se sente parte da escola, Hermes?

Speaker 3: Sim. Falamos sobre esta parte também.

Speaker 1: Falamos sobre esta parte também.

Speaker 3: Então acho que faltava esta parte aqui sobre a participação de vocês na escola. Então a gente tem uma pergunta que é sobre Se você acha que nessa escola tem oportunidade pra que as crianças discutam e reflitam sobre questões do mundo em geral e do mundo da escola.

Speaker 3: Acho que não.

Speaker 1: Vocês não discutem questões, digamos assim, da atualidade, do noticiário, do que está acontecendo no mundo, problemas como problemas ambientais, problemas de poluição, problemas políticos, conflitos.... Não discutem sobre isso?

Speaker 3: Sim, sim discutimos sim.

Speaker 1: Em que aulas vocês discutem sobre isso?

Speaker 3: Na aula de cidadania e ciências.

Speaker 1: E de ciências, que legal!

Speaker 3: Só nessas duas.

Speaker 1: Ham ham... E vocês têm oportunidade pra dizer o que vocês pensam a respeito dos assuntos que são colocados pelo professor?

Speaker 3: Sim

Speaker 1: Sim, né... E a turma toda participa, é legal, como é que é?

Speaker 3: A turma toda participa e é mesmo legal.

Speaker 1: É né. Escuta, eu queria também saber sobre o mundo da escola, tipo assim, se vocês discutem questões relacionadas ao que está acontecendo na escola, os problemas da escola, o que a escola está fazendo, enfim, se há algum problema na escola esse problema é discutido entre vocês, com vocês. Você já participou de alguma discussão deste tipo? Sobre os problemas da escola ...

Speaker 3: Não, nunca.

Speaker 1: Nunca? Ok. Pra dar a sua opinião sobre a escola, como a escola tá indo, como poderia ser.... nunca?

Speaker 3: Não.

Speaker 1: Tá bom... E nessa escola as crianças, os alunos participam, ajudam a fazer as regras, os direitos, os deveres?

Speaker 3: Não.

Speaker 1: Mas tem regra lá, não tem?

Speaker 3: Na escola?

Speaker 1: Isso

Speaker 3: Tem.

Speaker 1: Mas vocês não discutem essas regras, essas regras já estavam escritas quando vocês chegaram

Speaker 3: É já estavam escritas quando nós chegamos

Speaker 1: Nessa escola, você acha que os alunos participam de como as aulas poderiam ser organizadas, o que é que vai ser estudado, que tarefa vão fazer, que tempo vão gastar pra fazer a tarefa, como a tarefa vai ser avaliada.... Tem esse tipo de participação do aluno?

Speaker 3: Não, não tem

Speaker 1: Em alguma disciplina?

Speaker 3: Não, nenhuma.

Speaker 1: Tipo assim, hoje nós vamos fazer uma, sei lá, uma atividade aqui na sala, então como é que vocês gostariam de ser avaliados por essa atividade? Nunca fizeram isso...

Speaker 3: Como a gente gosta de ser avaliado por nossa atividade?

Speaker 1: Isso

Speaker 3: Eu não sei

Speaker 1: Você nunca participou de coisa assim né?

Speaker 3: É

Speaker 1: Você acredita que um aluno que vem de fora ele pode ter a mesma oportunidade de ter bom resultado do que os alunos que são portugueses?

Speaker 3: Sim.

Speaker 1: E porque é que você acha isso?

Speaker 3: Porque os alunos de fora eles chegam, eles começam a estudar e mais ou menos um mês, umas semanas, assim, eles já começam a se acostumar. Ele já se acostuma, conhece os amigos, professores essas coisas e começa a prestar atenção nas aulas e assim vai ganhando nota e ele consegue sim, igual dos portugueses.

Speaker 1: Então você acha que os professores dão, a escola dá a mesma oportunidade, né?

Speaker 3: Sim

Speaker 1: E você acha que nessa escola os alunos estrangeiros têm a mesma oportunidade de participar das atividades que os alunos que os alunos estrangeiros (querendo dizer nacionais)?

Speaker 3: Sim

Speaker 1: Participam, por exemplo... todo mundo participa, não tem problema

Speaker 3: É, todo mundo participa, problema nenhum. Se alguém tiver uma dúvida pergunta pro professor ...

Speaker 1: Tá bom... Hermes, não era muita coisa que ainda tinha pra conversar com você e pra eu encerrar eu gostaria de lhe pedir o seguinte, que você pensasse numa palavra, numa frase sobre tudo o que a gente conversou e me dissesse. Uma palavra ou uma frase

Speaker 3: Uma palavra ou uma frase sobre tudo o que a gente conversou?

Speaker 1: É

Speaker 3: Direitos

Speaker 1: Direitos?

Speaker 3: Sim

Speaker 1: Muito bom, gostei dessa palavra.

Speaker 3: Obrigado.

Speaker 1: Outra coisa, eu queria que você.... Ah! Eu fiquei com uma dúvida porque você falou que não tinha atividades de apoio, na entrevista, de antontem

Speaker 3: Sim

Speaker 1: E eu preciso te perguntar isso, porque isso fiquei com dúvida. Só que me parece que vocês têm uma disciplina que é dada semanalmente que é uma disciplina pra tirar dúvidas...

Speaker 3: Sim, nós tem essa disciplina, mas eu não tenho aula dessa disciplina.

Speaker 1: Você não tem essa aula?

Speaker 3: Não, no caso é...

Speaker 1: Por que?

Speaker 3: Não sei

Speaker 1: Ah você não faz essa aula de revisão...

Speaker 3: Não faço

Speaker 1: Era bom falar com seu diretor de turma, entendeu, falar da sua dificuldade do português e ver se você pode participar da atividade de reforço, fica aqui minha sugestão, não é, eu não conheço a escola, só estou lá fazendo a pesquisa, mesmo, mas pelo que eu tenho ouvido, eu acho que é possível que você consiga esse apoio, entendeu, falando com o diretor de turma, fala pra Elenice falar com o diretor de turma. Agora tem uma outra lá, que é de reforço, chamada CAP, você tem essa...

Speaker 3: Ah sim

Speaker 1: Você tem essa aula?

Speaker 3: Sim, tenho.

Speaker 1: Tem?

Speaker 3: Sim

Speaker 1: E como é que ela funciona?

Speaker 3: A aula de CAP?

Speaker 1: É

Speaker 3: A aula de CAP é também tipo um reforço, também se a gente tiver algumas dúvidas no dever de casa nós faz lá...

Speaker 1: E quantas vezes por semana tem aula de CAP

Speaker 3: Eu não sei, deixa eu olhar ali rapidinho.... Aqui o horário é também todo embolado. Com licença, está bem? Eu só tenho sexta-feira.

Speaker 1: Ah, toda sexta feira. E essa aula CAP é só esse ano, ou tinha no outro ano?

Speaker 3: Eu não sei, eu cheguei agora!

Speaker 1: Ah... pois. Tá bom.... Então tem que aproveitar essas duas oportunidades pra ajeitar o seu português aí, essas duas aulas, viu?

Speaker 3: Mas eles falaram que é só agora. Que só agora, que esta matéria é nova

Speaker 1: A CAP

Speaker 3: Sim, é nova.

Speaker 1: Mas aquela aula lá que tem ... aquela não é nova.... É nova também?

Speaker 3: Essa eu não sei, mas eu acho que é nova também...

Speaker 1: Pois, tá bom. Então é isso. Eu preciso.... Eu vou apresentar a pesquisa, que eu finalizar, eu vou apresentar a pesquisa lá na escola, pra todos os participantes, pros professores, pro diretor, pros pais e pra todo mundo que participou. Então eu quero que você esteja lá comigo, certo:

Speaker 3: OK

Speaker 1: Vai demorar um pouquinho, mas eu chego lá, tá bom?

Speaker 3: Mas vai ser que dia?

Speaker 1: Eu acredito que ainda vai demorar uns três, quatro meses, mas eu não consigo fazer isso tão rápido porque ainda tenho que transcrever todas as entrevistas e depois analisar tudo que vocês falaram, então, isso vai me levar um tempo porque é muita gente, entendeu, muita gente. Então eu tenho 8, 9 alunos, tenho 8, 9 pais, tenho 5 professores, o diretor, é muita gente. E é um trabalho que precisa ser feito, assim, com cuidado, né, então vou demorar um pouco, mas assim que eu estiver com o trabalho pronto eu aviso você e sua mãe. Agora, é o seguinte. Eu preciso de uma coisa burocrática, super burocrática, que é um termo onde você me dá o consentimento de que você conhece a pesquisa, entendeu, e que você concorda em participar. Sua mãe mandou um formulário dizendo que autorizava você a participar e que participaria também, mas agora, esse papel ele comunica que vocês conhecem a pesquisa, sabem o que é, concordam em participar, entendeu? É um outro papel. Então eu vou mandar pra sua mãe e aí

eu vou pedir pra você ajudá-la porque vai precisar imprimir, entendeu, vai precisar assinar, vai precisar me devolver, entendeu, e aí eu queria que você cuidasse disso, tá bom?

Speaker 3: Ok

Speaker 1: Eu vou precisar de dois formulários, um da sua mãe e um seu.

Speaker 3: Ok

Speaker 1: Tá bom. Desculpe essa parte burocrática, mas isso é parte da pesquisa e eu preciso anexar, de todos os participantes eu preciso anexar esse documento. Mas é isso agradeça muito sua mãe, gostei muito de falar com você, de te conhecer, saber que você está indo bem, está se adaptando em Portugal, né. Eu espero que continue assim, que continue tudo dando certo pra você e pra sua família, viu? Bom natal pra vocês. Um beijo grande.

Speaker 3: Pra você também. Peguei (o beijo).

E16 - 15/12/2020 – Aluna Indiana (Participam também uma aluna brasileira e de um aluno português)

Pedi a aluna turca, participante da pesquisa para que me auxiliasse na entrevista com a aluna indiana porque sabia que eram amigas e que a aluna indiana ainda não fala bem o português. No dia da entrevista, a aluna turca tinha uma outra atividade e convidou uma colega de turma, brasileira para me auxiliar. Ao longo da entrevista, um aluno português, amigo da entrevistada, também participa e colabora com algumas opiniões.

Speaker 1: (Aluna turca): Então.... Consegue ouvir? Eu não consigo ouvir. Não, não consigo ouvir.

Speaker 2: Eu tinha colocado no mudo enquanto vocês estavam caminhando

Speaker 1: Sim

Speaker 2: Olha, por favor, vocês vão ficar paradinhas aí pra gente conversar, não é?

Speaker 1: A gente vai fazer isso.

Speaker 2: Porque senão vocês vão andar, a conexão fica ruim.... Então beleza. Boa tarde

Speaker 3 (Aluna Indiana): Boa Tarde

Speaker 2: Everything ok with you?

Speaker 3: Yes

Speaker 2: Yes? Ok. Thank you. I talked a lot with your mother, so now it is time to talk with you. Rs. So, tell me about how much years you are in the Portugal and in this school.

How many time?

Speaker 3: Two years

Speaker 2: Two years, ok

Speaker 1: É assim, agora eu preciso ir porque tenho que fazer outra coisa. Tem aqui a minha amiga, ela vai ajudar, tá bem?

Speaker 2: Ok. ok. Thank you,

Speaker 1: Obrigada, obrigada.

Speaker 4 (Colega brasileira): Ela já foi, ela já foi. Pode continuar....

Speaker 2: So, let me share a presentation with you...

Speaker 4: Aqui ...você pode falar em português se quiser, que eu posso traduzir.

Speaker 2: Ok. Ela entende alguma coisa já em português, né? Só um minutinho...

Speaker 3: Ok

Speaker 2: Oh meu Deus! Just a moment, só um minutinho ...

Speaker 2: Bom, eu queria começar nossa conversa, queria fazer uma pequena viagem do seu país até a chegada em Portugal, entendeu? Você poderia falar um pouco do país de onde você vem?

Speaker 4: She is asking about your home country wait, how lived there, you know?

Speaker 3: Yes, I tell her

Speaker 4: Tell her, how was there

Speaker 3: (A entrevistada olha para a colega e as duas riem)

Speaker 4: Mas, assim, o que você quer saber especificamente, tipo, de lá?

Speaker 2: Eu queria que ela me falasse um pouco da cidade de onde ela vem, da cidade, como era a vida dela, como era um dia na vida dela, o que ela fazia, um dia normal da vida dela. Primeiro sobre a cidade, não é? Primeiro sobre o lugar mesmo de onde ela vem e depois como seria um dia normal na vida dela, como era um dia normal na vida dela.

Speaker 4: Did you understand?

Speaker 3: Something, a little bit, ok.

Speaker 4: Yes, you can talk to me in English and I translate, ok.

Speaker 3: I lived in Índia in Hyderabad (A entrevistada diz alguma coisa, mas o áudio é ruim e não consigo entender)

Speaker 2: The name of city is ...

Speaker 3: The city is Hyderabad

Speaker 2: Ok. Where is the city?

Speaker 3: What?

Speaker 2: Where is the city?

Speaker 3: In the south.

Speaker 2: In the south, ok.

Speaker 3: And in Hyderabad I lived (inaudível) I got school and I live there ... (inaudível)

Speaker 4: How was, like, your daily life there? Was one day in your life? Was it fun or sillies, or something?

Speaker 3: It is fun, like, I go to school I lived in school, came back home and (?) my sisters and brother... Rs

Speaker 2: And now here in Portugal is different or is the same... your daily life?

Speaker 3: Oh great changes in my day life, because I don't go out, like single and alone, but here I go out alone, I run so many places, I go praia alone. It is great thing!

Speaker 4: You can get out you need.

Speaker 3: I do not go anywhere alone

Speaker 4: So, all right, it was dangerous?

Speaker 3: Yes ... India... Ah yes, it is so dangerous because kidnappings or something

Speaker 4: Oh yes, like in Brasil Rs

Speaker 3: ...kidnappings, so they do not let me go alone but here they fell that is secure so they leave me alone...

Speaker 4: Resumindo, ela gosta de Portugal

Speaker 2: Ela gosta de Portugal porque aqui ela pode sair sozinha, não é?

Speaker 4: Exato.

Speaker 2: E como eu disse eu tenho aqui uma entrevista... E me diz uma coisa, além da escola que atividades você participava lá na Índia?

Speaker 4: Beside school what activity did you participate, if you did, so, swimming or something

Speaker 3: Drawing, I had drawing classes, math classes, (?) classes... I do not like sports, so... yes, drawing and dancing

Speaker 4: Ohh, dancing, drawing and math, ok

Speaker 2; You play the piano?

Speaker 3: Yes, I played piano...

Speaker 2: É... I know everything about you Rs... And you take some classes of piano in India? Rs... And you take some classes of piano in India?

Speaker 3: Not in India, but in Dubai... yes

Speaker 2: But where?

Speaker 3: No...in India also in Dubai, I take classes, and I am trying to take but I cannot find it.

Speaker 2: Ok...

Speaker 3: Hum

Speaker 2: You are proud to belong of your home country? Are you proud?

Speaker 4: Pode repetir em português que ela não entendeu... aí eu posso traduzir

Speaker 2: Pois, então, é assim, eu tô perguntando se ela tem orgulho de pertencer ao país onde ela nasceu.

Speaker 4: Wow, are you proud to belong, wait, to your home country... India?

Speaker 3: Yes

Speaker 2: And why?

Speaker 3: Because I am born there! When you are born on our country also to be an Indian.

Speaker 2: Por que ela disse, eu não entendi

Speaker 4: Ela disse que uma pessoa que, uma pessoa que, sabe, nasce no país devia ser orgulhosa de nascer no país, tipo, orgulhosa de ser indiana, por ter nascido lá, sabe, não necessariamente por causa da cultura, sabe?

Speaker 2: Hum, hum. Ok. E você costuma manter contato com familiares, amigos que deixou no seu país?

Speaker 4: Do you keep, wait, do you keep in touch

Speaker 3: Hum hum, my family

Speaker 4: Family, like...to your

Speaker 3: Yes, my sister, my brother...

Speaker 4: Are we there yet, still.?

Speaker 3: In India?

Speaker 4: Yes. Only (?), only not... only brothers.

Speaker 3: All right

Speaker 4: Grandmothers and grandfathers.

Speaker 2: You have a brother that still lives in India?

Speaker 4: Pode repetir por favor?

Speaker 2: Eu penso que ela ainda tem um irmão que mora lá, é isso?

Speaker 4: You still have a brother that lives there?

Speaker 3: No

Speaker 4: Não.

Speaker 2: No, only friends and cousins and grandmother ... Ok. Here you have two brothers, no?

Speaker 3: Yes

Speaker 2: What age?

Speaker 3: Fifteen

Speaker 2: Fifteen. Ok. And you?

Speaker 3: Sixteen

Speaker 2: Ok. E com quem você fala com mais frequência?

Speaker 4: Wait, which brothers do you talk more frequently?

Speaker 2: No, which people in India...

Speaker 4: Which person in India do you talk more frequently, right, from your family?

Speaker 3: My older sister

Speaker 4: A irmã mais velha dela.

Speaker 2: Quem?

Speaker 4: A irmã mais velha dela que ela fala com mais frequência, da Índia, sabe?

Speaker 2: A irmã mais velha mora na Índia?

Speaker 4: A irmã mais velha da Índia que ela fala com mais frequência.

Speaker 2: Não entendi

Speaker 4: Tu perguntou com que pessoa ela fala com mais frequência da Índia, então, a irmã mais velha.

Speaker 2: Pois então, eu perguntei pra ela se ela tinha irmãos que ainda moravam na Índia, ela disse que não e, agora, ela tem uma irmã que mora na Índia?

Speaker 3: Did your older sister (?) live in India?

Speaker 3: É... Ela entendeu que o irmão dela ainda morava lá. O Irmão não, mas a irmã sim.

Speaker 2: Ahhh, mas ela tem uma irmã mais velha que mora lá, não é?

Speaker 4: Sim.

Speaker 4: Ela deve ser maior de idade, por isso que vive lá sozinha, sabe?

Speaker 2: Ok, ok.... Bom, então, agora vamos deixar a Índia, vamos aterrissar em Portugal e, eu gostaria de saber, queria que você compartilhasse um pouco comigo o que acontece com você aqui, não é? Como é, aqui em Portugal, um dia normal pra você?

Speaker 4: In Portugal how is your daily life now in Portugal, normal day

Speaker 3: Go to school and coming back home ... Rs ...

Speaker 4: Então

Speaker 3: Go to school and come home and sometimes I am going far alone

Speaker 2: Do you go to school alone?

Speaker 3: Yes

Speaker 2: Ok. And out of school, where ... a que lugares ela vai além da escola, aqui em Portugal?

Speaker 4: Pode repetir por favor

Speaker 2: Para além da escola, a que lugares ela costuma ir aqui em Portugal?

Speaker 4: Out of school, wait, did you go anywhere ... extracurriculo, to piano or something, like...

Speaker 3: No

Speaker 2: No? To the shopping, to the park, to the museum, no?

Speaker 4: Isso? Isso até a gente vai, que a gente saiu uma vez... então Rs.

Speaker 2: Rs.

Speaker 3: I go to park, malls, I love shopping...Rs

Speaker 2: Everybody likes shopping, no? Especially woman... How was you received in these places?

Speaker 4: How were you received in those places, lime as an Indian, I think...

Speaker 2: No, no, ask because she wears different clothes and I want to know how people received her.

Speaker 4: You fell judge or not

Speaker 3: I do not think that they are judging me but ... all discuss and nobody ... it is no bad here

Speaker 2: People do not feel difference because you are wearing different clothes or is from another country?

Speaker 3: Maybe some came... in my class and boys think like that and maybe people think, but I never focus on that topic.

Speaker 4: Eles são imaturos, they are immature, but yes...Rs

Speaker 2: Rs. Ok. And outside the school what nationality there are people that you have a relationship ... out of school.

Speaker 4: Mean, what nationality do you have relationship, out of school, wait, Portuguese, just Indians?

Speaker 3: Indians

Speaker 2: Indians?

Speaker 4: Pode perguntar de novo?

Speaker 2: Eu quero saber, fora da escola, com pessoas de que nacionalidade ela se relaciona? Se com portugueses, com russos, com brasileiros... fora da escola, fora da escola

Speaker 4: Oh, so, she asked... I trying again, if out of school, wait, mean here in school ... many nationalities, wait, me, Brazilians, many, you know? And out of school do you mean more nationalities besides Portuguese and Indians?

Speaker 3: Yes, from Bangladesh

Speaker 4: Tell her

Speaker 3: Yes, from Bangladesh

Speaker 4: Tell her

Speaker 3: My father's friends are Bangladesh, not Indians aqui not there are Indians but... I have one of those friends

Speaker 2: From what? From...

Speaker 4: From Bangladesh

Speaker 2: Ahh Bangladesh...

Speaker 4: Mas é um amigo só, os amigos de família indiana e um amigo de Bangladesh, pelo que eu entendi...

Speaker 2: E na escola, você se relaciona com pessoas de que nacionalidade?

Speaker 4: Which nationalities do you have relations here in school? So start to me Brazilian

Speaker 3: Friends?

Speaker 4: Yes, friends in school

Speaker 3: Brazilian

Speaker 2: Brazilian...

Speaker 4: Brazilian, French

Speaker 3: French, Turkish

Speaker 4: Angola...

Speaker 3: Turkish, Angola

Speaker 3: Angola

Speaker 3: And Portuguese obvious ... Rs... More?

Speaker 4: Wait... Moçambique ... Moçambique também

Speaker 2: A lot of people

Speaker 4: Acho que é isso....

Speaker 2: Ok, agora, eu gostaria que você pensasse na escola.... Peraí, eu tô perdida aqui novamente com o meu roteiro, porque ele fica escondido embaixo das janelas, só um minuto.... Como é? É... porque ó o roteiro tá escondido embaixo de uma janela, caramba.... Agora, como é seu nome, você minha tradutora?

Speaker 4: Eu sou (diz o nome)

Speaker 2: Ah você é a (digo o nome).

Speaker 4: Sim...me deram um papel pra fazer essa entrevista, só que eu fiquei com preguiça de assinar... Rs

Speaker 2: Muito bem, muito participativa, você, muito legal

Speaker 4: Então, mas ...pelo menos eu tô aqui traduzindo

Speaker 2: Ah pois, alguma participação você teve, né.

Speaker 4: Rs.

Speaker 2: Rs. I want that you to think spaces of the school, teachers, relationship between teachers and students, the relationship with students and workers at school, relationship with students, in a way that teachers did, take classes, make classes, I do not know the verb... If you think in these points, I would like that you told me what is for you a good school?

Speaker 3: What?

Speaker 4: What is for you a good school in topics ... professors, you know?

Speaker 3: Yes, I understand

Speaker 2: In an ideal way...

Speaker 4: What is a great school?

Speaker 3: Ok. Because the teachers and students help me very much.

Speaker 2: I want to know what is for you an ideal school...

Speaker 4: What is an ideal school...no if this is a great school, not your evaluation of the school. What is a good school for you? Imagine if you made a school, if you are the principal in the school, will be organization inside school, you know?

Speaker 3: Ok, difficult. Students and teaches to be very friendly

Speaker 2: Ok...

Speaker 3: (A colega diz algo que a entrevistada não compreende) What?

Speaker 4: Comprehensive

Speaker 3: Comprehensive... Rs

Speaker 4? Go

Speaker 2: The spaces...

Speaker 3: I do not know, but

Speaker 4: (A colega sugere algo no ouvido da entrevistada, que imagino ser a pintura da escola)

Speaker 3: Yellow?

Speaker 4: Yellow is a good color

Speaker 3: School?

Speaker 4: Yes, Rs

Speaker 3: Ok Right.

Speaker 2: I am giving you the opportunity to express your impression about the better school that you imagined

Speaker 3: Bad school, better school

Speaker 2: The better school that you imagine. How is?

Speaker 3: She said bad school, right

Speaker 4: No, she said better

Speaker 2: Better, better, the better, the better school

Speaker 4: Yes

Speaker 3: The better school?

Speaker 4: Yes

Speaker 3: Rs. Ok.

Speaker 2: What the better school have to have?

Speaker 3: Have more holidays in school

Speaker 4: Yes...

Speaker 2: More what?

Speaker 3: Holydays.

Speaker 2: Holydays... ok.

Speaker 3: If is full of holydays ... Rs ... and teachers and students are friendly

Speaker 2: Ok

Speaker 3: Whatever you want and in the test also Rs

Speaker 4: Like, give you the answers Rs

Speaker 3: Give the answers sometimes Rs...

Speaker 2: Ah give the answers Rs...Ok

Speaker 3: And Cantine could be free Rs

Speaker 2: A cantina, a cantina?

Speaker 3: Hum Hum

Speaker 4: A cantina devia ser assim... tipo ...lanches livres, quer dizer de graça...

Speaker 2: Ok

Speaker 4: Não ia existir coisa melhor... It should be better...

Speaker 3: I wish fortunelly better ice cream Rs

Speaker 4: So

Speaker 2: A place that you could...scream

Speaker 4: Ice cream

Speaker 2: Ice cream in the cantine...Ok ...

Speaker 4: Not to gritar Rs

Speaker 2: Ice cream Rs

Speaker 3: Also chocolate and cake also...

Speaker 4: Ohhh yes

Speaker 2: Ohhh There are not cakes in the Cantine

Speaker 3 e 4: No

Speaker 2: Ohhh Rs... More, more... And the classroom? How classroom could be?

Speaker 3: A kind of space very big and

Speaker 4: Better constructed too

Speaker 3: Better constructed

Speaker 4: Yes

Speaker 3: You do not need to right, you just need to see

Speaker 4: And absorb

Speaker 3: Like projector, only see, she writes ... the teacher writes Rs

Speaker 4: Yes

Speaker 3: You know? Rs

Speaker 2: Eu não entendi, pode me dizer, eu não entendi

Speaker 4: Ela falou que as salas deveriam ter o projetor funcionando, já que o nosso não está funcionando

Speaker 2: Yes

Speaker 4: E que, tipo assim, já que o projetor não funciona e, que a professora escreve no quadro, a gente poderia tirar foto ao invés de copiar

Speaker 2: Rs

Speaker 4: A gente não aguenta mais, entendeu?

Speaker 2: Muito bom... pois é, mais fácil, não é? Usa o tempo pra outras coisas, você tem razão. E outros espaços da escola, o que poderia haver na escola melhor?

Speaker 4: Another spaces of school, another room ...

Speaker 3: Ah! Very good idea...

Speaker 4: What could be... have?

Speaker 3: Have cinema, to see movie and ...Rs...

Speaker 2: A room that was cinema...yes, ok... good idea

Speaker 4: Yes

Speaker 2: Because...

Speaker 3: Something in liibrary

Speaker 2: And the library could be better?

Speaker 3: Yes, it can have comic books

Speaker 4: Uhhh

Speaker 3: Just comics books for you... no history books, ok? Rs

Speaker 2: Another kind of books, yes?

Speaker 3: Yes, I like ...

Speaker 4: It should have a pool...

Speaker 3: Should have a pool, swimming pool

Speaker 4: Yes, devia ter piscina também ...e...Oh my god!

Speaker 2: Diga (dirigindo-me à colega), o que deveria ter? Piscina...

Speaker 4: Piscina e SPA

Speaker 2: Um SPA...muito bem...

Speaker 4: O (fulano) está aqui...(Um colega da entrevistada entra na conversa e acena para mim)

Speaker 2: Deveria ter um SPA porque é muito stress, não é?

Speaker 3: Rs...

Speaker 2: Eu não entendi, depois de livros de outros assuntos

Speaker 4: Sim

Speaker 2: Eu não entendi mais nada... vocês só deram risada, não entendi mais nada Rs.

Speaker 4: Porque assim, ela falou uma biblioteca com livros de todo tipo de assunto, comic books, sabe? Livro de quadrinhos, sabe...

Speaker 2: Quadrinhos...

Speaker 4: Nossa! Imagina aqui a Turma da Mônica..., mas, enfim, aí depois a gente começou a comentar se aqui tivesse uma piscina

Speaker 2: Ótimo

Speaker 4: E depois um SPA ... a gente começou a entrar em outro assunto, mas enfim...

Speaker 2: Sim, mas tudo isso seria bom se houvesse., né? Poderia...

Speaker 4: Sim, sim

Speaker 2: E isso tornaria a escola melhor pra vocês?

Speaker 4: Sim...all that we said turn a school better for us?

Speaker 3: Yes

Speaker 4: Right, my god! Rs...

Speaker 2: So now, so now... diga a ela ...Vamos cair na real.

Speaker 4: Let's get real now

Speaker 2: Rs... Eu queria que ela pensasse nas experiências que ela teve na escola, aqui em Portugal, desde que chegou e, me respondesse se ela considera esta escola boa?

Speaker 4: So, think about the experiences you had here in school and if you consider good for us

Speaker 3: Yes, this school is good compared to Indian school, because you can't imagine

Speaker 4: Então... esta escola é muito boa, comparada à escola indiana, você não pode nem imaginar...

Speaker 3: But I have so many friends in India ...

Speaker 2: Ok. E ... então, apesar da sua escola ideal estar muito distante desta escola, que é a escola real, você considera que essa é uma escola boa?

Speaker 4: So, despite the school is very, very, very, away from the your ideal school with a pool and spa Rs

Speaker 3: Hummm Rs

Speaker 4: You consider that school to be good?

Speaker 3: Yes

Speaker 4: Yes

Speaker 2: And why do you think that school is good?

Speaker 3: This school?

Speaker 4: Yes

Speaker 2: Yes, this...

Speaker 3: The teachers are very good... they are friendly... not everybody but...Rs they are friendly, I have very good friends, they help me... (referindo-se aos dois colegas que participam da entrevista)...Rs

Speaker 2: Quem é que tá aí do lado?

Speaker 4: É o (diz o nome)

Speaker 5: (Colega português) Sou eu, boa tarde!

Speaker 2: Pode vir participar, se você quiser...

Speaker 5: No, No, No, No

Speaker 2: So, então, você considera que os seus colegas, your friends, do you consider that your friends, your teacher and workes of school, they are persons that you can trust?

Speaker 3: Yes, I can trust them

Speaker 2: Yes?

Speaker 3: Yes

Speaker 2: Everybody?

Speaker 3: Everybody. Not everybody like teachers and most of friends, everybody no.

Speaker 2: Everybody no. How have been your experience in this school? Do you consider that this school has everything that you need to learn or is missing something?

Speaker 3: Because I do not understand what teachers said, because is Portuguese, I cannot speak Rs...

Speaker 2: Eu vou falar em português Lauritcha, você traduz pra mim. Do que tem sido a sua experiência nesta escola, você considera que ela tem tudo que você precisa para aprender ou está faltando algo?

Speaker 4: So, from your experience in school do you think something is missing, like, do you think (?) something is missing for you? No, are you fulfill?

Speaker 3: No, I am not fulfilling, but I do not know what fulfill, but I do not feel happy.

Speaker 4: Why? (A colega pergunta admirada) Ohhh...Rs

Speaker 3: I cannot speak Portuguese, I am trying, but ... so

Speaker 2: You are happy with school is offering for you...

Speaker 4: Are you happy with the school is offering for you?

Speaker 3: Yes

Speaker 4: You should be (?) Rs

Speaker 2: What is missing, because, is very important that you think about that, because my research wants to know what is in favor or what is inhibiting the immigrant students in school. Is important to me that you say, if you think that something could be better, could improve your learning, your relationships, your I do not know...

Speaker 3: Ok

Speaker 2: Yes? Assim...should be better if the library had some books in Portuguese, that I could, I do not know

Speaker 3: No, in library there are English books, everything...

Speaker 2: Ok. ...or more classes to support my learning... Portuguese learning, I do not know... if you can imagine what is missing, what could be better...

Speaker 3: Missing I think... I do not understand what teacher says, so I say to my colleagues I did not understand anything so sometimes I did not understand

Speaker 2: The teacher speaks slowly you could understand better

Speaker 3: I do not know...

Speaker 2: Você sabe que eu tive essa dificuldade quando eu cheguei em Portugal, também.... Eu tinha que sentar nas primeiras filas porque eu não entendia o que os portugueses falavam e, era tão estranho pra mim como se eu fosse uma indiana.

Speaker 4: Nossa! Eu também... So, she said when she got here, as a Brazilian, that speaks Portuguese but with another accent, she had to seat on the first chair, because they speak very fast she couldn't understand many things...

Speaker 3; She is Brazilian?

Speaker 4: Se is Brazilian but Portuguese is pretty hard to understand ... to Brazilian, you know? Sometimes they do not understand what we say, you know?

Speaker 2: Pois, então, essa seria uma boa sugestão... que os professores falassem um pouquinho mais devagar pra que vocês pudessem compreender melhor, não é isso?

Speaker 4: So again

Speaker 3: She thinks slow?

Speaker 4: Is suggesting you know? Mas tem professores que não têm paciência, entendeu?

Speaker 2: Isso não é importante. O importante é o que a gente pode imaginar que seria o melhor, não é? Porque se existem vários estrangeiros na sala, penso que seria importante que eles cuidassem desse aspecto, pelo menos foi isso que eu entendi que ela me disse, não?

Speaker 4: Você é uma professora, não?

Speaker 2: Eu sou pedagoga, mas eu nunca dei aulas

Speaker 4: Ah sim

Speaker 2: Porque eu me formei em Pedagogia depois da minha aposentadoria.

Speaker 4: Ok....

Speaker 5: O que eu ia dizer é que alguns professores, aqui na escola, o que a minha colega estava a dizer, é que por exemplo, há professores que não param para tentar explicar as coisas para ambas, porque, por exemplo, uma é brasileira, mas entende algumas coisas, agora a outra, como é indiana, mas fala inglês, fica difícil compreender, mas há professores que não facilitam muito para que ela entenda melhor as coisas, os professores só passam no quadro a matéria, mas nem perguntam se ela entende ou não. Então fica complicado para entender mais ou menos a matéria...

Speaker 2: E era isso que ela estava tentando me dizer, não é isso?

Speaker 5: Sim

Speaker 4: E é por isso que eu estou ao lado da minha colega na sala, pra traduzir tudo. Porque eu tenho este emprego, não é a professora.

Speaker 2: Oh meu Deus! Uau!

Speaker 4: Às vezes eu perco muito da aula por causa disso, entendeu? Mas it is fine. Eu estou com ela sempre.

Speaker 2: Ok...You have a good friend ...

Speaker 3: (Aponta para a colega brasileira)

Speaker 4: Meu Deus!

Speaker 2: Você considera que os professores desta escola são bons para ensinar alunos que vieram de outro país?

Speaker 4: Do you consider that teachers in general are good to teach foreigners?

Speaker 3: No

Speaker 4: No?

Speaker 3: No, I do not know

Speaker 4: You do not know or do you do not think so

Speaker 3: I do not think so

Speaker 4: Ela não acha que eles sejam bons

Speaker 2: Não acha que eles sejam bons professores.... Por que?

Speaker 4: Why?

Speaker 3: Because they only speak in Portuguese (?)

Speaker 4: Porque falam português e eu não falam inglês.

Speaker 3: Sometimes are friendly but I do not understand what (?)

Speaker 4: Sim

Speaker 5: Ela está dizendo que alguns professores tentam explicar a ela, mas ela não entende muito bem o que eles dizem

Speaker 4: Mas, assim, mesmo que expliquem em inglês, às vezes a situação é assim na aula, os professores vêm e os que não sabem nada de inglês, só ficam tentando apontar pra ela, como se ela fosse um bicho

Speaker 5: É

Speaker 4: Entendeu? Só tentam apontar para ela, entendeu? Sei lá, é muito estranho, às vezes é muito difícil lidar com as coisas que acontecem na aula. É como se ela fosse, tipo, atrasada, nem nada, ela é muito inteligente, a Fery ela sabe muito de matemática, eu chamo ela de Fery, sabe, não é que eu falo errado, mas enfim, então é porque os professores não entendem que ela é muito inteligente, entendeu? Ela sabe muito de matemática, sabe muito de ciências, etc., etc., só que assim, os professores não têm paciência pra ficar explicando pra ela, só que explicam várias vezes pros alunos que falam português, sabe? Então, assim, é difícil isso. A barreira de língua é muito chata, tá, mas, enfim, eu tento traduzir.

Speaker 2: É... mas...

Speaker 3: Hum

Speaker 2: You have to think that you need to learn Portuguese. If teachers all speak with you in English, maybe...

Speaker 3: I can't speak in Portuguese...

Speaker 4: Yes, that is a big point to you

Speaker 3: I am trying

Speaker 4: Sim, mas os professores também falam isso. E eu concordo. Mas a Fery também precisa, eu falo com ela em português, tanto em português, como em inglês. Eu tento ensinar ela a falar, né...

Speaker 2: Ok. E o que poderia ser diferente em relação aos professores, claro, que tivesse, não sei, posso imaginar, mas queria que você mesmo dissesse...

Speaker 4: In your opinion now, after all we said, would be different in the teachers if the speaker is not good?

Speaker 2: Because you said, they are friendly,

Speaker 3> Oh yes, they are friendly, they try to explain me, but that is my problem, that I do not understand

Speaker 4: Because sometimes are impatient

Speaker 2: Ahhh impatient, yes?

Speaker 4: Yes.

Speaker 2: Então...Is missing patience

Speaker 4: Yes, patience, yes.

Speaker 2: Ok. Let 's go ...Vocês traduzam aqui pra mim, por favor.

Speaker 4: Ok

Speaker 2: Você acredita que as aulas normais, estão lhe ajudando a superar as suas dificuldades?

Speaker 4: Do you think that normal classes help you to surpass your difficulties?

Speaker 3: I am working

Speaker 3: Wait, do you think that normal classes are helping you to survive, wait, your difficulties, right, in Portuguese....been like other people, Portuguese people? Making, socializing, to surpass your difficulties?

Speaker 3: No, my difficult is of language

Speaker 4: Yes, mostly

Speaker 3: Mostly Rs

Speaker 2: The school offers to you extra aulas

Speaker 3: Portuguese, ciberescola

Speaker 2: Ciberescola only or you have another kind of support?

Speaker 3: No, only ciberescola in Portuguese, Portuguese classes she gives me papers to learn

Speaker 4: Ela disse que ela só tem a ciberescola em português e nas aulas de português a professora dá umas fichas para ela fazer, e só isso... e aí a professora corrige

Speaker 2: I just finished the transcription of your mother's interview and is clear what she said to me. She said that you have two classes weekly

Speaker 3: Yes, ciberescola

Speaker 2: It is ciberescola classes, only... and e eu queria que ela me falasse um pouquinho sobre essas aulas, são duas vezes por semana, não é, elas são fora do horário regular, como é que são as aulas, se ela gosta, se os materiais são bons, se ela acha que ela está melhorando por causa dessas aulas...

Speaker 4: So, what do you think about the ciber classes? Are those good for you, the materials...

Speaker 3: To learn Portuguese?

Speaker 4: Yes, yes

Speaker 3: Yes, they are good. Teacher, her name is Ana Martins, she explains me about to words and how I can talk, and how I can read, and sometimes she explains me in English and then she says in Portuguese to learn me in Portuguese and tell me to speak in Portuguese and It is good for me, I think, yes

Speaker 2: Você acha que essas aulas, elas são suficientes pra te apoiar no aprendizado do português?

Speaker 4: Do you think those classes are enough to you help learn Portuguese?

Speaker 3: Yes, Yes

Speaker 4: Including writing, Portuguese is very difficult (inaudível)

Speaker 3: Yes, it is true, but I think so... she takes two hours one day, two hours a day

Speaker 2: I did not understand, can you explain?

Speaker 4: Ela disse que acha sim que é suficiente pra aprender o português, já que são duas horas cada dia, sabe

Speaker 3: I think so, but my mother does not think is ok

Speaker 4: Então, a mãe dela acha que não é suficiente, entendeu? Rs

Speaker 2: É porque eu... vou falar em português, eu acho que sua mãe ... porque é assim, se você não domina o idioma português, você vai ter muitas dificuldades com as outras disciplinas também, então seria melhor que você avançasse mais rápido no aprendizado do português. E é isso que eu estou procurando entender, se essas aulas estão fazendo você avançar rapidamente no aprendizado da língua, não é?

Speaker 4: So, I think she has a point, if you do not learn Portuguese fast you have a hard time learning other discipline, you know, and these hours, are very, wait, few

Speaker 3: (?)

Speaker 4: Yes, are few for you, you know, I do not think is enough, you know, but you think is enough, ok, is all right. If you think is enough for you to learn, ok ... but you really think is enough, wait, your mother say you run is not enough think about it

Speaker 3: I cannot express for hours and hours... I do not say, but it is ok. I know Portuguese, I can speak it, but I do not know, because I feel shy, so shy

Speaker 2: Ohhh everybody feels shy when speaks another language, is normal, you can...

Speaker 3: I understand and I know the answer in Portuguese, but I do not speak, because I feel shy

Speaker 4: Yes. É muito pouco, quando ela está na aula, e ela quer responder as perguntas da professora ela levanta assim o braço (pouco levantado)

Speaker 2: Rs

Speaker 4: Eu incentivo ela responder, mas ela não responde.

Speaker 2: But you have to try, you have to try, because is an exercise.

Speaker 3: Ok is my problem, I can try and I wish I go

Speaker 4: And I wish you awake and I help you here, you have a bottom Rs

Speaker 3: No Rs...

Speaker 2: When the boyfriend comes, she will need to speak Rs

Speaker 3: I do not have... I do not have right now

Speaker 4: Me too.

Speaker 2: No, no, no, no... Eu não quero saber, eu não quero saber... Bom vamos dizer o seguinte...

Speaker 3: Been alone is more happier

Speaker 4: Oh yes.

Speaker 2: E...Qual é a sua dificuldade pra aprender ...no aprendizado do português? Eu acho que está sendo mais mesmo vencer a vergonha, não é isso?

Speaker 4: What is your biggest difficult in learning Portuguese? She thinks it is your shame to talk and practice with other people and

Speaker 3: I think ... I feel shy because I think that you feel alone, stay alone, what could happen? So,

Speaker 4: Yes

Speaker3: I do not have confidence, I know that, I am not confident

Speaker 4: I am going to be to your...

Speaker 3: But I am a faster learner, I am fast learner, and I learn ...

Speaker 2: Yes, ok, ok. ok. Step by step you will go there... like Sevval. Sevval step by step Sevval has three years here and now she talks very well, so...

Speaker 4: You have one more year Rs

Speaker 3: One year... No, I can speak, but I do not speak it

Speaker 2: Olha, ainda... let 's go change the subject... Eu queria que você pensasse um pouco sobre seus amigos, seus colegas e também sobre os professores e me dissesse se foi fácil chegar na escola e fazer novas amizades.

Speaker 4: So, she wants that you thing about your friends and teachers and for you was it easy to socialize, make friends...

Speaker 3: No, no

Speaker 2: No, no?

Speaker 3: No.

Speaker 2: What was the difficulties that you feel?

Speaker 3: I am not free with everybody, that is true, because the language I do not talk to them, I am not free and I do not have so many friends, I do not get big friends but who is my friends I love them more than

Speaker 4: Ohhhhh

Speaker 2: Ohhhh Rs E como é que seus colegas de turma te acolheram, e das outras turmas também?

Speaker 4: How did... your, wait, classmates,

Speaker 3: Treat me?

Speaker 4: Not treat you..., deal with, wait, quick..... an another word, is like... when people come to you and Eu não sei esta palavra, meu Des! Acolher é como em inglês?

Speaker 2: To involve, I do not know

Speaker 3: No because I speak English and they cannot speak English, they do not talk very much ... they not speak English

Speaker 2: Here there are few people that speaks English

Speaker 3: (Diz o nome dos colegas que falam inglês)

Speaker 4: Mas eu só cheguei este ano, então...

Speaker 2: Ok. Você gosta de algum colega em especial, claro que você vai dizer que é ela, não é?

Speaker 4: Eu não consigo ouvir você, tem muita gente chegando... a gente vai mudar de lugar, wait. (Elas procuram um outro lugar) O pessoal aqui grita muito...

Speaker 2: Rs.

Speaker 4: Pode continuar...

Speaker 2: Então Você gosta de algum colega ou algum amigo em especial?

Speaker 4: Do you like a specific friend or person special here?

Speaker 3: Ela diz o nome das duas alunas que se dispuseram a me auxiliar

Speaker 4: Oh yes, I am

Speaker 2: Of course! Rs. De modo geral, você considera que quando os professores estão ensinando, eles demonstram preocupação pra que os alunos da sala aprendam a respeito da sua cultura, da cultura indiana?

Speaker 4: Do you consider that some or the teacher in general worried that our class learn about to your culture?

Speaker 3: They want to learn about my country?

Speaker 4: Wait, the teachers teach about your culture, like...

Speaker 2: When they teach if they are worried about other students know your culture.

Speaker 3: Hum

Speaker 4: Yes, so, geography teacher sometimes talks about poverty another countries and talk about India, for an exemple country, because have you in class and your nationality is an exemplo of immigrants, you know, but you do not understand because you do not speak Portuguese...Rs, but she has done it sometimes

Speaker 3: Yes

Speaker 4: This is a bit aware but teachers do that, you know, so, this is a good question. So you could answer, Yes, they do that, but sometimes, you know?

Speaker 3: Yes, they do that

Speaker 4: But sometimes Rs...

Speaker 3: But sometimes Rs...

Speaker 2: Ok... e a cultura brasileira também?

Speaker 4: Ah, às vezes eles falam muito do Brasil, só das partes violentas, eu tento falar um pouco das partes boas, mas atualmente é muito difícil, principalmente com Bolsonaro, entendeu? Rs... Então...

Speaker 2: É, porque essa coisa da violência também logo de início você disse alguma coisa, né, que ela disse da Índia, que a Índia tem violência e você disse do Brasil também...

Speaker 4: Sim

Speaker 2: Mas eu fico um pouco receosa porque essa é uma imagem que talvez o país mereça ter, mas tem muito lugar bom no Brasil pra se viver, entendeu? E o Brasil é muito grande, talvez as grandes cidades tenham esse problema, mas o Brasil é muito grande, não é, talvez Lisboa tenha esse problema, mas o Porto não, porque o Porto é menor, então eu receio muito falar do Brasil desta questão violência, porque o Brasil é muito grande e, qualquer coisa que se fale do Brasil, né? Você precisa sempre ponderar porque o Brasil é muito grande, mas tudo bem.... Você sente que faz parte da escola?

Speaker 4: If you are part of school, if you are included

Speaker 3: Yes

Speaker 2: Yes? E me dê um exemplo de que a faz pensar que você é parte da escola

Speaker 4: Give her an example of what make you think that you are included. That is a difficult part Rs...

Speaker 3: Ok

Speaker 2: Yes, I know it is an easy question... Rs

Speaker 3: Rs...I feel like that mostly in a drawing and class. I think that I am included in this school, like when there are questions and I give answer, because I understand it.

Speaker 4: Ela disse que se sente incluída nas aulas, sabe, principalmente de Inglês, de Matemática e nas aulas de Educação Visual, porque são aulas que é para todo mundo, mesmo, que não se fala muito e principalmente matemática que é sempre universal, é o mesmo em todos os países, entendeu? E, realmente, ela é muito boa em matemática, eu sempre gosto de frisar isso porque ela sempre me ajuda, entendeu? Rs. É isso mesmo, sabe, ela demorou, pelo que eu entendi, mas ela foi bem acolhida aqui, mesmo com comentários meio racistas, às vezes, ela é bem acolhida.

Speaker 2: Ela não me falou sobre isso...

Speaker 4: É, mas ela não liga, por isso que ela não fala muito sobre. E eu também às vezes não traduzo pelo bem dela, entendeu?

Speaker 2: Mas, seria bom que ela falasse sobre esse tipo de situação. Se existem situações ... comentário de pessoas que te deixam constrangida, que referem a você como sendo de outro país de uma forma, como se diz... como discriminação, entendeu? Pergunte a ela sobre isso, vai, se ela se sente discriminada...

Speaker 4: So, do you think in some ways, here in school, should some comments occurred make you... like prejudice, like in class when the boys make comments about your hijab and your culture and sometimes I try to protected you from it, but sometimes you understand

Speaker 3: Yes

Speaker 4: You know? Does that should occur sometimes?

Speaker 3: Occurs, it is normal, talvez happens but I do not feel bad when occurs because I am different, I know that.

Speaker 4: Hum hum

Speaker 2: Ok

Speaker 4: But that children in school...give them the right to say that ...

Speaker 3: But ... but that problem I do not care...

Speaker 2: But there are, there are...

Speaker 3: Yes, there are. Mostly boy

Speaker 4: Yes

Speaker 2: And what is the attitude of school about this problem?

Speaker 4: Nothing ...

Speaker 3: What?

Speaker 4: What teachers do about this problem... Nothing

Speaker 3: Nothing

Speaker 2: The teachers... the school in general, the director

Speaker 4: Nothing... Even they see, quer dizer ...

Speaker 3: If they see, right? When teacher saw and she shut up boy

Speaker 4: Yes, se a professora de inglês, só ela, vê, ela grita com os alunos para pararem, mas se as outras professoras vêm, não faz nada. Mas, por exemplo, tem situações muito graves de racismo contra os alunos negros da sala, chamando eles de escravos, de macacos, etc., eu fico muito brava, mas a professora que devia fazer alguma coisa, não faz nada, absolutamente nada, nada, assim. E se você, assim, eu fico muito incrédula, porque, sabe, é muito difícil ver essas coisas acontecendo e se sentir impotente, porque se você levanta e chama a atenção, você ainda leva advertência ou sei lá, vai para a diretoria porque gritou, alguma coisa assim, sabe? Porque levantou, é difícil, sabe? Mas, enfim, acontece. Aqui é muito difícil porque ninguém faz nada.

Speaker 2: Ok. Bom, agora eu queria saber coisas sobre os alunos em geral e não só sobre os alunos imigrantes.

Speaker 4: OK.

Speaker 2: Você considera que nesta escola, existem oportunidades para que as crianças discutam e reflitam sobre questões do mundo em geral e do mundo da escola?

Speaker 4: Você pode repetir, por favor, que uma pessoa interrompeu aqui. Rs. Desculpa.

Speaker 2: Você considera que nesta escola existem oportunidades pra refletir sobre as questões do mundo em geral e do mundo da escola, em particular?

Speaker 4: Do you consider, in school, in some classes, there are opportunities for to think about or reflect on situations of the world

Speaker 3: I do not know

Speaker 4: Economic or social, for example, in Citizenship' classes, Cidadania, we have just those stupid classes with stupid stories that some... about nothing, that teacher done, but in Geography, for example, the teacher says something valious, in History teacher says something valious

Speaker 3: For our country knowledge

Speaker 4: You know? That is that she is trying to ask you, you know?

Speaker 3: Yes

Speaker 4: Só que ...a entrevista.... Rapidinho, falta pouco pra terminar?

Speaker 2: (Faço um sinal de que sim, falta pouco).

Speaker 4: So, you can answer. Rs.

Speaker 3: Yes

Speaker 4> What you think, you know?

Speaker 3: In Geography I think so

Speaker 4: Yes

Speaker 4: Principalmente em Geografia, no caso.

Speaker 2: Ham ham... E sobre o mundo da escola? Questões sobre a escola, sobre o funcionamento, vocês discutem a respeito de algo das coisas que acontecem na escola e ...?

Speaker 4: We discuss, like in class, about, like in classes about the working of school, what is happening in the school, no, right?

Speaker 3: No

Speaker 4: No.

Speaker 2: In this school the students participate of formulação de regras, direitos, deveres

Speaker 3: What?

Speaker 2: Se vocês participam da formulação de regras, de direitos e de deveres na escola, porque provavelmente existem regras, provavelmente existem deveres e direitos que vocês têm que seguir dentro da escola. Quero saber se vocês participam dessa formulação, dessas regras, desses direitos e desses deveres

Speaker 4: Então...She is asking if we participate in the formulation and creation of rules and

Speaker 4: Regras e o que?

Speaker 2: Direitos e deveres.

Speaker 4: Wait, she is asking if we participate in the formulation or creation of rules, rights and duties, you know? We did not, no?

Speaker 3: No.

Speaker 4: Não, a gente nunca fez isso. Não.

Speaker 2: Nesta escola, os estudantes discutem sobre ou decidem sobre como as aulas vão ser organizadas, como as tarefas vão ser realizadas, o tempo das tarefas, como será a avaliação da tarefa?

Speaker 4: In the school, discussions on the previous answer, in the school do students decide the time of the classes or how the classes are going to go... No, right?

Speaker 3: No

Speaker 4: No. Rs... Definitely no.

Speaker 2: Tá vendo o que poderia ser melhor...

Speaker 4: Do you see what could be better?

Speaker 2: No seu modo de ver, que questões referentes à escola, que os alunos imigrantes deveriam discutir e participar?

Speaker 4: Here in school what should the immigrants, should foreign students discuss, about the school?

Speaker 3: What?

Speaker 4: Like, related to the working school, what should be better for us like...?

Speaker 2: No, no, no, no... In what kind of discussion immigrant children could be included?

Speaker 4: Peraí, a bateria do celular dela está acabando. Deixa eu passar a reunião pro meu celular

Speaker 2: Eu tô quase acabando, viu gente? Acho que tem mais uma pergunta só, mas pode passar

Speaker 4: Está com 2%

Speaker 2: Pode passar... (eles se conectam em outro celular).

Speaker 4: Pode continuar

Speaker 2: Bom, eu tinha uma pergunta que eu gostaria muito que ela respondesse. Qual seria um assunto que ela gostaria que os estudantes imigrantes discutissem na escola, tivessem a oportunidade para discutir.

Speaker 4: All right. So, what subject that you like that specifically foreign students had opportunity to discuss?

Speaker 2: Again

Speaker 4: Ask the question again?

Speaker 3: Hum

Speaker 4: What would you like that foreign students, specifically, had opportunity to discuss, you know, a subject, like the situation of their country, like philosophy or... something that they believe on, religion, or something...

Speaker 2: Hummmm

Speaker 3: I think something related their necessity, the reception could be better, the way people received you ... I don't know...

Speaker 4: Any subject that you

Speaker 3: I do not know... I do not know

Speaker 2: Because if you have to participate, you have to discuss something that is important for you, yes? So, I would like to know what is important to discuss about foreign students?

Speaker 3: Maybe know what they are feeling and their problem, what she is facing for

Speaker 2: What?

Speaker 3: The problem she is facing

Speaker 2: Ok, ok ... good!

Speaker 3: Discuss about that and try to solve it

Speaker 4: Solve it

Speaker 3: Yes, pretty much

Speaker 2: Como é?

Speaker 4: O que? ... só corrija ela

Speaker 2: É muito bom, muito bom, eu gostei. Você acredita, do you believe that immigrant children or students, foreign students have same opportunities to learn and to have a good result as the Portuguese student?

Speaker 3: Yes, of course!

Speaker 4: Ah wait

Speaker 3: What?

Speaker 4: She asked, wait, if you think that the foreign students

Speaker 3: Get de same access

Speaker 4: No, they should, that they have the same opportunities to learn. How do you have, like, you do not speak the same language, you have different tests

Speaker 3: Oh yes, different

Speaker 4: Yes, it's not the same opportunity, it's different.

Speaker 3: Ok I did not understand, but... Rs...I am sorry what I understand ... mine understanding is different from this understanding, sorry.

Speaker 2: Because de language, of course

Speaker 3: Hum

Speaker 4: Yes

Speaker 2 They do not have

Speaker 3: The problem is language

Speaker 4: Yes

Speaker 3 e 4: (Falamos entre si e eu não entendo)

Speaker 2: It is o que?

Speaker 4; Eu só disse que é agonizante você não saber a língua, sabe?

Speaker 2: Yes

Speaker 4: Então...

Speaker 2: Agora eu vou encerrar, né, e pra encerrar este desafio eu gostaria que ela pensasse em uma palavra, em uma frase sobre tudo o que falamos nesta entrevista.

Speaker 4: Think about one word, like, one sentence about all that you talked about in this interview

Speaker 3: Talked about me?

Speaker 2 e 4: Yes

Speaker 3: Hummm

Speaker 4: Is one word ...resume in one word or one sentence

Speaker 3: Thank you

Speaker 2: Ok. Thank you too It was excellent, I loved to know you and know that you are improving and you are happy in this school, so I wish that you have the better

Speaker 3: Thank you very much

Speaker 2: Eu queria te perguntar uma coisa agora, que é, depois que a gente fizer essa entrevista, depois que eu analisar as entrevistas, você sabe que são entrevistas dos professores, do diretor, dos pais, dos alunos, todo mundo está sendo ouvido mais ou menos sobre estas mesmas questões que você acaba de responder. Então, depois que eu analisar, eu vou apresentar os resultados da minha análise para a escola então provavelmente haverá uma reunião em que eu vou apresentar os resultados para todos os participantes e eu gostaria que você estivesse lá. Posso contar com você? E com a sua colega, of course.

Speaker 4: Rs. Ok. She said when she reuniting all the storage she takes from parents, teachers, students, she is interviewing... she will present in a synthesis in like a work, some kind of essay, you know, and presented into Scholl

Speaker 3: Oh yes

Speaker 4: You know, and she wish you be there.

Speaker 3: Yes.

Speaker 4: Onde vai ser? Aqui mesmo?

Speaker 2: Isso, na escola. Exatamente com o diretor, com todas as professoras que participaram e com todos os alunos também. Sobre os resultados da minha pesquisa, vou apresentar o que é que se conclui de tudo isso que eu estou perguntando pra vocês.

Speaker 4: Isso.

Speaker 2: E outra coisa que eu queria falar com você é se seu irmão participaria de uma entrevista, se ele tem muitas dificuldades pra falar, o que seria necessário fazer para que ele participasse...

Speaker 4: She wants to know if your brother, I think is (diz o nome dele)

Speaker 3: Yes

Speaker 4: If he will participate in an interview apart, if he has many difficulties in speaking Portuguese, if he has many difficulties what she could do to interview him

Speaker 3: Yes, you can take it

Speaker 2: He can speak Portuguese or not yet?

Speaker 3: No, he does not speak English, not Portuguese, only Indian language, he is a very sad boy

Speaker 4: My god!

Speaker 3: He do not talk too much but I think he can talk to you, if you can try

Speaker 2: Ok. So, I will think about and after that I will make contact again. Ok?

Thank you very much. Beijo grande pra vocês, vejo vocês na próxima.

Speaker 3 e 4: Tchou

Speaker 2: Tchou, tchau

E17 - 16/12/2020 - Encarregada da Educação (Brasileira)

Speaker 1: Isso, tá me ouvindo?

Speaker 2: Deu cento, que bom...

Speaker 1: Te dei muito trabalho, né?

Speaker 2: Eu que não consegui mesmo... eu quero muito ajudar, mas tem hora que o celular não ajuda.

Speaker 1: Rs...

Speaker 2: Tudo bem com você?

Speaker 1: É... na medida do possível, né. Acabei de dar uma gafe cibernética aqui, porque estava assistindo a aula

Speaker 2: Hum...

Speaker 1: E aí eu tentei fazer o link, mas eu acho que na hora que fui fazer o link pra você eu habilitei o meu microfone por um engano, entendeu?

Speaker 2: Ham Ham

Speaker 1: Então tudo que eu falei depois da tentativa de fazer o link pra você, o pessoal da aula estava ouvindo... entendeu? Foi horrível.

Speaker 2: É... mas acontece...

Speaker 1: Bom... então... então vamos lá, né? Fala pra mim uma coisa. Há quanto tempo você tá aqui em Portugal?

Speaker 2: É... agora em dezembro fizemos dez meses.

Speaker 1: Dez meses, então só dez meses que o seu filho está na escola...

Speaker 2: Não, são nove, perdão, são nove, nove meses, certinho.

Speaker 1: Então ele está há pouco tempo na escola, né?

Speaker 2: Pouco tempo.

Speaker 1: Beleza. Bom, eu preciso te dizer o seguinte. (Pergunto por que nome prefere ser chamada)

Speaker 2: Pode chamar, fique à vontade, todos os dois são meu nome, então...

Speaker 1: Tá bom, então é o seguinte, você sabe o que eu faço um curso de mestrado na Universidade do Porto né, e antes de iniciar eu gostaria de te agradecer mais uma vez... de te informar que essa é uma pesquisa sobre participação de alunos imigrantes na escola, da qual participam o diretor os professores os pais e os alunos.

Speaker 2: Ham Ham...

Speaker 1: Eu vou precisar da sua autorização formal e da sua concordância para que a entrevista seja gravada.

Speaker 2: Tudo bem...

Speaker 1: A autorização formal eu vou mandar para você pelo WhatsApp e depois você vê como é que você assina e manda pra mim.

Speaker 2: Tá bem.

Speaker 1: Infelizmente é uma burocracia que se a gente tivesse fazendo as coisas pessoalmente seria fácil de resolver, mas com esse negócio da pandemia e tudo pelo zoom, acabei enchendo de trabalho os pais né porque eu preciso da assinatura nesse documento dos pais e dos alunos

Speaker 2: Mas fica tranquila que da minha parte é o que eu te falei... no que a gente puder ajudar... que a gente puder ajudar

Speaker 1: Tá

Speaker 2: Isso não vai dar trabalho, eu faço e mando pra você sem problema.

Speaker 1: Obrigada. Chama ' termo de consentimento informado', depois eu mando para você.

Speaker 2: Ham Ham

Speaker 1: Então quero te esclarecer também que os dados da entrevista vão ser utilizados somente para essa pesquisa, que o nome dos participantes e as falas não serão identificadas. Então tem aí um compromisso de confidencialidade da pesquisa.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Então você pode ficar à vontade em dizer qualquer coisa porque nem a sua identidade nem aquilo ... não vai ser ligada à sua pessoa ... a sua fala não vai ser ligada à sua pessoa.

Speaker 2: Está bem.

Speaker 1: Bom, então primeiramente eu gostaria de lhe perguntar ...bom, deixa eu explicar antes. Tem quatro tópicos essa entrevista. O primeiro deles fala sobre a chegada à escola. Então eu gostaria de lhe perguntar sobre a sua experiência com a escola quando você chegou a Portugal. Como foi o primeiro contato com a escola?

Speaker 2: Você fala com a escola no âmbito geral não necessariamente esta escola, é isso?

Speaker 1: Sim, como é que você soube aonde você tinha que ir para matricular o seu filho, quem lhe deu as informações, como é que você chegou nesse agrupamento...

Speaker 2: Hum hum.... Então.... Eu estava morando, na época eu fiz a matrícula, busca, tudo, eu estava morando em Ermesinde

Speaker 2: Hum hum

Speaker 2: E eu já tinha a ideia mais ou menos como funcionava a escola pública para o João, porque quando a gente decidiu vir eu me informava muito, muito, muito mesmo. E a escola também era uma preocupação relevante, então é assim, algumas coisas eu sabia, como a obrigatoriedade do João estar na escola e que qualquer burocracia eu poderia usar isso como argumento sabendo que a lei me ampara. Porém eu soube mesmo... assim o que fazer como fazer, as informações foram muito vagas muito, muito vagas. E esse é um ponto que em Portugal é uma das poucas coisas que eu não gosto, até hoje. As informações elas não são no total dita. E quando a gente tem algum pouco da informação elas divergem muito de lugar para lugar, mesmo sendo, digamos tudo voltado pra a escola, tudo voltado pra saúde. As informações elas são muito divergentes dentro do mesmo setor. Então, pra te responder, eu fiquei sabendo através de uma ligação que eu fiz, se eu não estou enganada, na própria época, para a própria escola lá de Ermesinde, o que eu precisava fazer para matricular o João, no caso. E nessa ligação a pessoa foi me informado o que eu tinha que fazer.... Eu ainda estava antecipada ao prazo de abertura das matrículas... porque eu me lembro que ... se não me engano as matrículas foram a partir de maio ou junho... uma coisa assim, eu já tinha a informação dessa pessoa que me passou por telefone e, de posse dessa informação, do que eu tinha que fazer, onde eu tinha que ir, eu comecei a buscar a escola pro João. Eu queria um lugar perto, mas me preocupava muito, assim, com questão de qualidade... e, como eu não conhecia, não tinha ninguém que me dessem uma credibilidade na fala, das escolas, eu fui mesmo que procurando no escuro. E eu lembro bem que eu saí um dia de posse dos documentos todos que eu precisava e fui a uma escola lá de Ermesinde. E quando eu cheguei nessa escola fui atendida por uma espanhola e, de início ela me disse que eu não tinha posse dos documentos todos que eu precisava pra matricular o João. Que eu tinha que ter o título de residência e NISS e muitas informações que, quando eu cheguei lá, que ela foi me falando tudo isso e, ela mesmo foi perguntando a outras pessoas porque ela também não tinha todas as informações, eu confesso a você que eu saí de lá muito, muito, muito desesperada, porque pelo que ela me dizia, o João não ia conseguir estudar. Em frente a essa escola que eu fui, que um agrupamento havia uma outra escola que é outro agrupamento, apesar de ser o mesmo sítio, o mesmo bairro, digamos assim... E quando eu atravessasse essa rua, eu já tinha passado nessa escola antes e pra que eu

fosse atendida eu tinha que ter agendamento, nessa escola que era em frente a este agrupamento que eu fui e tive essa conversa com essa moça. E quando eu cheguei, que eu atravessasse a rua, o porteiro me viu. E nessa hora eu já estava chorando, de tanto desespero que eu tava. Porque eu queria que o João estudasse, né, essa era uma preocupação muito grande pra mim, que ele estivesse na escola... e o porteiro me viu... foi bem engraçado isso e ele perguntou, porque ele já tinha me visto lá, eu tinha pegado um número de telefone e tudo para me informar mais. E calhou que ele me deixou entrar para que ele conversasse com a secretária e tentasse ter acesso à secretaria. Quando eu cheguei nesse agrupamento... é outro agrupamento, eu fui muito bem recebida, por sinal... e uma luz eu achei no final do túnel. Tudo o que ela tinha me dito numa escola, lá era completamente diferente. Eu ia poder fazer a matrícula do João, a pré-matrícula, presencialmente, porque até então tudo era feito pelo site e, eu não estava conseguindo entrar pelo site. A pessoa que me recebeu me orientou muito e com o passaporte e os documentos que eu tinha até então ...até hoje, na verdade, a gente não tem NISS, é um documento bem difícil de tirar e, daí começou meu processo. Eu isolei a outra escola e comecei a fazer o processo todo nesse outro agrupamento, isso lá em Ermesinde, tá? E aí que é que acontece? Eu consegui, para finalizar a ideia e responder a você, eu consegui matricular o João nesse agrupamento. Enfim, eu fiz a inscrição dele toda ... eu voltei depois, a gente agendou nesse dia, eu voltei depois, consegui matriculá-lo e ficou tudo certo. E eu cheguei ao agrupamento porque eu vim morar no Porto depois. Não era projeto vir morar no Porto. Eu vim porque em Ermesinde eu não estava conseguindo arrendar a casa. Quando eu vim pra cá, já em agosto, o João já matriculado e decidido que ele ia ficar fazendo essa baldeação mesmo Ermesinde-Porto, eu comecei a pensar nas dificuldades, financeira, uma questão de mau tempo e tudo e decidi tentar migrar o João pra cá. E aí eu fui, busquei as informações e fiz, digamos assim, o processo da escolha, eu fiz todo novamente. As cinco escolas. E na quarta opção saiu esta escola e a última seria Ermesinde. Se eu não conseguisse vaga aqui, o meu filho voltaria para lá porque lá ele ainda tinha a segurança da vaga.

Speaker 1: Como esse processo das cinco escolas, explica pra mim.

Speaker 2: Quando o encarregado de educação ele vai fazer a matrícula ele ... é obrigatório ele colocar cinco opções de escola

Speaker 1: Ahhh

Speaker 2: E eu já havia pesquisado as escolas que eu queria pra ele.

Speaker 1: Ahhh

Speaker 2: O meu critério foi mesmo distância. Eu gosto muito, Fátima, de fazer tudo...

Speaker 1: Vocês é que indicam, porque todos os pais me falam que tinha a opção de cinco escolas e eu penso que é uma opção que o sistema que o próprio sistema busca, entendeu?

Speaker 2: Ele vai por eliminação. O que aconteceu? Eu pedi a primeira opção, pra te dar um exemplo, nós temos aqui ao lado da minha casa três minutos de casa, a Escola Aurélio de Souza, era onde eu gostaria que o João estudasse. Por ser perto ele não ia ter trabalho algum de deslocamento, mas não havia vaga. Aí ela pega vai para a segunda opção até chegar... o governo, ele é obrigado, acredito que você sabe disso até mais do que eu

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: Essa questão de informações mesmo, palpáveis, que ele é obrigado a conseguir uma escola e matricular o adolescente. Ele é obrigado, o Estado. Então João ficou em cinco sendo que a quinta opção para que ele não perdesse a vaga dele era Ermesinde. Se aqui eu não conseguisse as outras quatro, ele voltaria para lá e garantiria a vaga dele. Entendeu? Pronto, é isso, a gente quem escolhe... são os encarregados quem escolhem.

Speaker 1: E você não está próximo, a escola não está próxima da sua residência.

Speaker 2: Não. A escola fica há 30 minutos a pé e, vamos colocar assim, uns 10 minutos de autocarro. Não é próximo. Assim, esse agrupamento que está aqui próximo de casa é... dizem né, que eu não sei, que é um agrupamento também muito, muito requisitado, que é uma escola com muito renome... então bem mais difícil conseguir vaga, mas era onde ...não tenho assim preferência porque eu não conheço, como eu te falei, eu não posso julgar pelo ensino porque eu não conheço ninguém que tivesse me indicado a escola.-Olha, vai porque é boa. Não. Eu fui para eliminação, por questão mesmo de distância. No início João ia à pé...

Speaker 1: Porque o critério de alocação da criança é pela proximidade da residência e até tem problemas com relação a isso porque tem escolas que são consideradas melhores e que recebem crianças de outras porquê ...enfim, mas não é esse o critério, o critério é a proximidade da residência.

Speaker 2: Pois, mais assim, eu não culpo os órgãos porque eu cheguei no processo final e quando saiu a vaga, já foi 2 semanas antes de iniciar as aulas.

Speaker 1: Mesmo porque o agrupamento normalmente ele tem cinco escolas, quatro, cinco escolas e às vezes tem mais de uma escola com o mesmo ciclo/ano...

Speaker 2: No mesmo agrupamento...

Speaker 1: No mesmo agrupamento. Eu não culpo mesmo por isso, né, porque eu sei que eu cheguei no processo final e que eles foram, tipo assim, pressionados a realocar o João. E eu fiquei feliz, Fatima, porque pelo menos eu consegui trazê-lo pra cá e ele não fica nesse deslocamento tão grande

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: Porém, ainda assim é um desejo que eu tenho de trazer ele pra mais perto, mas...enfim é isso.

Speaker 1: Bom, você considera que houve por parte de quem recebeu você na escola preocupação de te orientar sobre o funcionamento do sistema educacional de Portugal?

Ai eu preferiria que você falasse mais desta escola...

Speaker 2: Sim, sim

Speaker 1: Deste agrupamento?

Speaker 2: Sim.

Speaker 2: u lembro que os meus primeiros contatos eu fiz com a senhora pelo nome de X e eu fui muito, muito bem recepcionada por ela. O que é que eu falo muito bem não é só questão de ser gentil cordial. É exatamente isso que você está perguntando as informações. Ela me ajudou muito.

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: E eu lembro que eu ficava ligando, de tempo em tempo para saber da vaga e como foi por eliminação ligava aqui e quando saio daqui, desse agrupamento que já não tinha mais vaga, comecei a ligar para o agrupamento e ela sempre que me dava um parecer. Então assim, até hoje eu ainda mantenho contato com ela para algumas situações e eu tive, sim, dela eu tive uma recepção com relação a como fazer onde buscar, de forma muito precisa. É até típico, mas eu posso te falar assim com verdade que dela tive sim esse apoio. Depois de andar tanto e, realmente, quando eu precisei nesse sentido dela lá eu lembro que foi muito bem informada.

Speaker 1: A minha pergunta, ela diz respeito não só a essas informações burocráticas do funcionamento da escola, de como pega o livro ou de como algo como faz a carteira para ter acesso à merenda. Porque isso a gente imagina que uma hora ou outra tem que ser comunicado, né, mas a pergunta é mais no sentido assim que a gente imagina que quem vem de fora não conhece o sistema. Quantos anos são ...quantos anos são em cada ciclo, como é que passa de ciclo pra ciclo, como é o processo seletivo para a universidade, enfim o sistema educacional em si como é que funciona. Então minha pergunta é mais a respeito disso, porque nos indicadores

Portugal tem preocupações nesse sentido, tem materiais explicativos nesse sentido que são disponibilizados, impressos, mas você não chegou a receber nenhum material deste tipo.

Speaker 2: Não recebi e não tive essas informações não. Isso, o pouco que eu sei, a nível do... até descobri que o era o ensino básico, de verdade, as séries que estão inseridas nessa parte...

Speaker 1: No ensino obrigatório, quantos anos ...

Speaker 2: O ensino secundário, enfim, nada disso eu tive informação não, da própria escola, não. O pouco que eu sei foi buscando mesmo os vídeos como eu te falei e, até hoje eu faço isso quando eu preciso... eu recorro aos vídeos, às vezes as fontes mais seguras que eu já estou acostumado a lidar, mas na escola não tive até hoje essa informação e nunca recebi nada também, formalmente.

Speaker 1: Pois. Você tem conhecimento que a escola possui algum programa ou alguma iniciativa para receber pai imigrante que vem visitar a escola pela primeira vez?

Speaker 2: Sinceramente... não.

Speaker 1: E no processo de matrícula que documentos exigiram?

Speaker 2: Olha eu apresentei passaporte, comprovativo de morada, NIF e acho que só fiz uma declaração.... Eu lembro que eu fiz a declaração a próprio punho falando sobre... deixa eu recordar do que realmente foi..., mas eu lembro que eu fiz essa declaração. Os documentos realmente só foram estes,

Speaker 1: Carteira de vacina? 00:21:16

Speaker 2: Carteira de vacina, o que é que acontece? Foi no processo final. Eu até estranhei muito isso porque no Brasil é obrigatório você apresentar. Como eu já tinha feito a transição da carteira de vacinação de lá para aqui no final do processo quando saiu a vaga do João para lá para Ermesinde, eles me pediram. Mas no dia que eu fiz a matrícula mesmo, eles não pediram. Entrou no processo final, mas foi basicamente isso, é basicamente isso, de documento foi isso aí. Ele já tinha NIF, né, essas coisas ele já tinha. A Segurança Social eles pediram, mas como não tinha ... lá em Ermesinde também, mas não foi colocado em nenhum momento que ele não iria estudar porque não teria o NISS. Mas assim, até escola me orientou que eu fosse à Segurança Social que eu ia conseguir tirar, o que não é verdade. Através da escola eu não consigo tirar o NISS. Eu só consegui tirar o NISS dos meus filhos depois que o pai tem o NISS, o pai tem o NISS, aí eu consigo tirar o deles. Na Segurança Social foi essa informação que eu recebi então eu usei o NIF, passaporte e comprovativo de morada.

Speaker 1: É impressionante, porque na verdade é um documento de quem trabalha, não é?

Speaker 2: Eu nessa parte eu te falo que até hoje eu não consigo entender. Eu sempre questioneei exatamente isso. O NISS, se é tão obrigatório a criança ter o NISS, porque é que eles mesmos não nos impulsionam através das situações pra ter esse documento. É uma burocracia muito grande. Meu esposo já está trabalhando vai conseguir tirar o dele agora, já estava marcado, enfim ... Eu vou conseguir também daqui um pouco, mas para que eu possa fazer o escalão dos meus filhos na escola... O João está no escalão... Eu estou pagando o valor da alimentação, valor cheio porque ele não tem escalão. Eu só consigo montar o escalão dele depois do NISS. Percebe? Então assim, eu acho um pouco burocrático sendo que é um documento que eles tanto pedem que tenha. Até hoje eu não sei o porquê. Eu sei porque eu tenho que ter o NISS, mas os meus filhos eu não consigo entender porque eles não trabalham.

Speaker 1: É porque tem pessoas que são beneficiárias de auxílios do Estado. E aí tem...pode ser que tenha algum benefício na escola como você está referindo agora, não sei, realmente é difícil compreender, mas de qualquer maneira vou dizer só uma coisinha. Entre parêntesis aqui. O Marcelo, meu marido, ele conseguiu tirar o NISS mesmo sem trabalho. Aí é assim, tem gente que diz que vai lá e eles dizem que é só se tiver trabalhando, mas...não é verdade, porque Marcelo fez o NISS sem estar trabalhando, sem ter um contrato de trabalho.

Speaker 2: Então

Speaker 1: Então, às vezes é questão de você ir a mais de um lugar prá...

Speaker 2: Mas é o que eu te falei, é o mesmo assunto, mas quando eu vou a vários lugares diferentes, cada lugar tem a sua lei.

Speaker 1: É verdade...

Speaker 2: Muito complicado.

Speaker 1: Bom, você acha que as escolas fazem algum processo seletivo? Ou, houve algum processo seletivo para atribuição da vaga?

Speaker 2: Olha, eu não sei. Eu não sei te responder isso, não sei qual é o critério que eles usam.

Speaker 1: E ele...

Speaker 2: O processo não foi por vaga...

Speaker 1: É... ele enfrentou dificuldades matricular por não existirem vagas?

Speaker 2: Não, não. Na escola onde eu fui recebida... eu não... em momento algum foi me dito isso -Ah talvez não tenha vaga para o seu filho. Isso foi dito com o meu outro, que é outra situação, que é uma criança de três anos que eu já sei como é, como funciona, já sabia, mas o João não. -Seu filho vai ser matriculado em algum lugar vai sair a vaga dele.

Speaker 1: Sim, mas você teve uma negativa por falta de vagas naquele que é mais pra sua casa.

Speaker 2: É, eu tive essa negativa aqui por isso, por não ter vaga, enfim ...

Speaker 1: A escola faz avaliação do conhecimento prévio do aluno imigrante, pra colocá-lo no ciclo, ano adequado. Você tem conhecimento desta avaliação e de como ela foi feita?

Speaker 2: Não. Não. Eu te confesso que quando eu assistia os vídeos eu via muito se falar disso, mas aqui quando o João foi matriculado eles me pediram e, até falei nisso agora você falou me lembrei, eles me pediram o histórico escolar do João, que eu trouxe isso em cópia e posteriormente veio o original e, nessa cópia que eles ficaram lá, do certificado de histórico escolar, eles fizeram uma certificação de equivalência. Mas eu nunca soube que foi feito com o João, diretamente...

Speaker 1: Uma avaliação.

Speaker 2: Não, se foi feito, eu não tenho conhecimento algum

Speaker 1: E o resultado da análise do documento resultou em que ele conseguiu seguir no mesmo ano que ele estaria se estivesse no Brasil?

Speaker 2: Não. O meu filho, quando nós chegamos aqui, tinha concluído o sétimo ano no Brasil, aqui entraria para o oitavo. Na Escola de Ermesinde a escola onde eu consegui matriculá-lo, eu tive essa orientação de que eu poderia avançar com ele para o oitavo. Isso era uma escolha minha, elas diziam assim -E uma escolha da mãe... dos pais no caso, ou a senhora pode deixá-lo

Speaker 1: Atrasado.

Speaker 2: É... ou posso deixa-lo atrasado. E aí ela foi me explicando que algumas matérias tipo a física e a química que se juntam, fazem uma matéria só, ela deu esse exemplo, a físico-química aqui em Portugal inicia no sétimo ano. Se a senhora colocar ele direto no oitavo. Não é que ele que vai reprovar... não é nada disso ...ele pode se sair muito bem e seguir na matéria, mas ele já vai estar no oitavo ano com essa matéria em andamento. Não sei se você consegue me compreender.

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: Ele entrando no sétimo, ele vai pegar a base da física e da química e vai seguir. Eu já tinha em mente não avançar com o João porquê... pela dificuldade da língua apesar de a gente achar muito parecida não é igual. E eu tinha medo de dificultar mais ainda o processo do João colocando ele no oitavo ano. Então, em concordância com o meu esposo e comunicando isso ao João nós conversamos e nós achamos por bem deixar ele no sétimo ano, mas isso não foi a avaliação da escola. A Escola disse - Olha, seu filho fez aqui um teste uma prova e ele tem

condições de ir pro oitavo ano. Não. Isso foi uma conversa que nós tivemos e essa pessoa da escola, a secretária, me orientou a tomar essa decisão pensando no melhor para o João. A questão de não prejudicá-lo nas matérias. E assim, eu coloquei ele no sétimo ano, ele está repetindo o sétimo ano. Então é isso.

Speaker 1: É, mas isso... não quer dizer muita coisa, acho prudente até, de certo modo. Assim, se é pra emitir opinião, que também não tenho que emitir minha opinião aqui...Rs

Speaker 2: Não, pode falar...

Speaker 1: Bom, ele não seguiu, ele ficou atrasado... Bom agora vamos mudar para o segundo tópico. O segundo tópico fala sobre aspectos culturais. Então, eu gostaria de saber qual é o idioma falado em casa, imagino que seja o português, não é? O brasileiro?

Speaker 2: Sim, o nosso português brasileiro.

Speaker 1: Exato. E queria também saber se você tem conhecimento de alguma escola aqui em Portugal, mas assim, por mera curiosidade, eu sei que você está aqui há pouco tempo..., mas a pergunta está aqui e eu vou fazer. Tem escolas que oferecem cursos no idioma do imigrante. Então, por exemplo, locais onde tem muitos chineses, por exemplo, eu acho que em Viana do Castelo ou Vila do Conde, não sei, eu já ouvi uma referência de uma escola que oferece o curso de mandarim, em horário alternativo, aos finais de semana, mas os alunos têm oportunidade de estudar o próprio idioma nessas escolas. É bacana, né?

Speaker 2: Sim...

Speaker 1: Você já tinha ouvido falar sobre isso?

Speaker 2: Não. Nunca ouvi falar.

Speaker 1: Ok. Eu também, só pela política e aí conversando, fazendo essa pergunta, uma professora me disse que tinha conhecimento de uma escola que oferecia lá em Vila do Conde, se não me engano. E você acha que este tipo de aprendizado poderia interessar a outros alunos?

Speaker 2: Ah eu acho que sim.... Porque é confortável né, apesar da gente saber que as línguas se parecem, mas não são iguais, no dia-a-dia da escola, eu tinha muito essa preocupação com o João e, ele teve muita dificuldade no início, é confortável você saber que você vai estar ali, falando o mesmo idioma. Claro que com o tempo, hoje o João já fala o português daqui, já consegue ouvir bem, porque ele tinha dificuldade de ouvir e entender o que o professor falava...

Speaker 1: Eu tinha que sentar na primeira fila, eu não entendia nada...

Speaker 2: Imagina, ele falava isso pra mim e isso me deixava aflita. Como mãe, saber, poxa, isso vai prejudicar e a pessoa que está em sala de aula, às vezes ela é, não do professor, mas dela mesma, ela fica pensando - Nossa! Eu vou pedir pro professor ficar repetindo? É constrangedor, então seria sim, bacana saber que em algum momento ele ia ter um curso que o chamasse a atenção, que ele pudesse fazer isso na própria língua dele, ia ser bom.

Speaker 1: Isso, do meu ponto de vista e, mais uma vez emitindo minha opinião que não precisa...

Speaker 2: Mas pode falar...

Speaker 1: Isso ajuda na integração, né? Porque talvez alunos portugueses aprendam mandarim e facilitem a comunicação com os chineses e, enfim, eu acho isso muito positivo.

Speaker 2: Verdade.

Speaker 1: Bom.... Agora sobre se você considera que existem preocupações, por parte da escola e dos professores, dos alunos aprenderem a respeito da sua cultura?

Speaker 2: No caso, a cultura brasileira. É isso?

Speaker 1: Hum

Speaker 2: Olha, eu não vejo muito essa preocupação, não.

Speaker 1: Já viu terem em alguma disciplina específica?

Speaker 2: Não. E eu sou participativa com as atividades do João...

Speaker 1: Mas não viu nada disso...

Speaker 2: Até então nunca vi.

Speaker 1: Você considera que ele já teve oportunidade de participar de alguma atividade dentro ou fora da escola, na qual a preocupação era aprender a respeito de diferentes culturas?

Speaker 2: Olha, não me recordo de nenhum momento assim, Fatima.

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: Nesse pouco tempo, que ele está há pouco tempo na escola

Speaker 1: Ok.

Speaker 2: Até então nunca vi ele falar, tipo assim -Nós estamos falando da cultura de tal país... não me lembro, mesmo, o João relatar sobre isso.

Speaker 1: Você considera que nessa escola, a diversidade cultural ela é apreciada ou é um problema?

Speaker 2: Olha, não sei como lhe responder essa pergunta

Se a diversidade.... Repete pra mim, por favor?

Speaker 1: Se a diversidade cultural, na escola, ela é algo apreciado, valorizado, ou se a diversidade cultural lá é um problema. Ou nenhuma das duas, nenhuma das anteriores...

Speaker 2: É isso que eu ia te falar.... No meu ponto de vista, pouco, que eu não estou 100%, quem está 100% é o João, eu acho isso muito neutro, isso não é enaltecido, sabe? (Que) é uma coisa que você vê que é muito falado, muito trabalhado...

Speaker 1: Apesar de ter uma quantidade razoável de imigrantes, não é?

Speaker 2: Aos poucos, o João até relata isso, né? Na sala dele tem alguns brasileiros, tem professor, inclusive, que é suíço, então, Portugal, na verdade é uma mistura muito grande, né, de povos. Na escola tem sim, muitas pessoas de fora.

Speaker 1: Você pode dizer que nesta escola há situações nas quais onde o preconceito se torna evidente?

Speaker 2: Olha, o João, tem relatado algumas coisas que eu tenho andado assim um pouco preocupada... não uma preocupação exagerada, é uma preocupação que eu fico às vezes assim, a gente tenta não ficar muito focado nisso, de que -Não... É porque eu sou brasileiro... Eu tento não levar tudo isso pelo fato de sermos estrangeiros, mas ontem, inclusive, ele chegou em casa falando isso, que acho que tem uma menina ou duas, de uma outra turma, toda vez que o vê passar, elas começam a rir dele e, falam como eles falam aqui -Ó brazuca! Não sei das quantas. Então ele anda um pouco... nervoso com isso. -Ah mãe, é porque eu sou brasileiro. Eu não sei se nos bastidores ele passou por alguma situação, acho que não, porque ele relata muito as coisas pra mim, mas às vezes você vê um pouco disso. Em sala de aula, outro dia, estava-se falando muito de corrupção ...

Speaker 1: Aqui não tem...

Speaker 2: Não, aqui não tem, né? Aí soltaram uma pérola. -Ah! É o Bolsonaro! Isso inflama ele, ele não gosta. E aí ele disse -Ah! tá. Portugal não tem ladrões, Portugal não tem corrupção. Então, assim, hora ou outra você vê essas pérolas, existe isso, né, não posso te dizer que não tem, talvez não seja tão latente, mas existe, existe, é real. O João passa por isso ...

Speaker 1: (Ouvimos um som). Desculpa, é meu marido vendo um filme (Ele diz -Desculpe...)

Speaker 2: A gente já sabia que poderia passar com isso, que a gente iria passar, eu realmente eu, nunca vivi, mas o João, por estar na escola, no meio de adolescentes, você sabe como que funciona. Então tem um pouco disso sim, até por parte mais dos estudantes, acredito, do que dos próprios professores.

Speaker 1: Sem dúvida... E você acha que a escola tem demonstrado preocupação no sentido de conter esse tipo de situação?

Speaker 2: Não vejo nenhuma preocupação nenhuma da escola, ne, é assim, existe o diretor de turma, que sempre que há algum problema ou alguma outra questão, até de...enfim, ele tá ali pra tudo, ele deve ser procurado, mas, o João até chegou pra ele com uma outra situação que

não foi uma questão mesmo de achar que está sofrendo um preconceito, mas assim, eu não vejo uma preocupação grande da escola com isso. E assim, do tipo, recepcionar o imigrante, como você falou anteriormente de orientar, pelo menos não nessa escola, que eu posso falar, que é a minha realidade, noutros lugares eu não sei, mas eu não vejo essa preocupação por parte da escola, não.

Speaker 1: Ok. Terceiro bloco, a relação do seu filho com a escola. Na sua opinião, os professores desta escola, são bons para ensinarem alunos que vêm de outros países?

Speaker 2: Olha... eu acredito que sim, eu acredito que sim. Como eu te disse, no início houve muita dificuldade do João, na questão do ouvir e entender. Hoje, lógico que a gente já sabia que com o avanço dos dias e com a dedicação maior dele, porque

Speaker 1: Tem que se dedicar...

Speaker 2: É..... Aquele que está passando pela situação, é ele mesmo que tem que correr, né, correr atrás digamos assim, mas eu penso que hoje isso está mais... menos difícil, digamos, pro João, né, de ter essa desenvoltura, já, em sala de aula. Mas...

Speaker 1: E o que te leva a pensar de que eles são bons professores para ensinar pessoas que vêm de fora?

Speaker 2: Pelo feedback do João.

Speaker 1: Ah! tá.

Speaker 2: É ele que me dá esse feedback -Mãe, o professor tal eu interajo bastante e me chama perto e fala -João, isso aqui não. É a troca do professor com ele, isso eu tenho observado que faz muito bem pro João. E ele teve um pouco de dificuldade de se habituar com o jeito do português falar. O João acaba que eu acho ele um pouco sensível, o jeito, às vezes, daquele jeito que o português tem de falar, de falar alto, de gritar, o João demorou muito a se acostumar com isso. E tem assim, eu acho que tem um ponto até mais pro positivo, do que pro negativo, com a quantidade de professores que se sobressaem e é nessa troca... E como é que eu percebo? O João tem melhorado muito as notas, do início pra cá. Tem sido, graças a Deus, gradativo e, para ele, sempre foi importante essa troca do professor com o aluno. Ele participar mais em sala de aula, o professor tem deixado ele à vontade também pra isso.

Speaker 1: Que bom.... Excelente...

Speaker 2: É tem um professor ou outro que não tem isso, mas é como eu te falei, vamos pensar o que é maior, que são os favoráveis, digamos assim.

Speaker 1: Você considera que nessa escola alunos imigrantes têm as mesmas oportunidades de participar das atividades do que outros alunos?

Speaker 1: Eu acredito que sim. Até então nunca me mostraram o contrário, né. Eu acho que esse tempo é um tempo de muita dificuldade para avaliar muita coisa porque a gente não pode estar presente na escola, né. As escolas, eu acredito que aqui não era diferente, de períodos em períodos, eu estava na escola pras reuniões, tanto para pegar as notas e, neste mesmo dia a gente tinha um feedback de todos os professores com relação ao João.

Speaker 1: Ham Ham

Speaker 2: E hoje a gente já não tem mais isso, então nesse sentido também atrapalhou muito, né.

Speaker 1: É, aos poucos vai se aparando estas arestas, né

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Você acha que esta escola ou as outras escolas que ele frequentou em Portugal, tem tudo o que ele necessita para aprender, ou está faltando alguma coisa?

Speaker 2: Tem tudo que necessita e cortou sua fala...

Speaker 1: Marcelo fica me dando uvas aqui

Speaker 2: Rs.

Speaker 1: Tem tudo que ele precisa para aprender ou tá faltando algo? As escolas têm o suporte, a instalação, tem tudo o que ele precisa para aprender, os professores, ou está faltando alguma coisa?

Speaker 2: Olha, Fatima, hoje eu acredito que, eu vou falar isso com certeza, até então tem me agradado. Eu acredito que tem sim esse suporte, a gente vem de um ensino muito precário, né, no Brasil, apesar de que a escola que o João estudava era uma escola muito boa

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: Mas, assim, a gente não tem como, a gente está sempre comparando. Há pouco ainda eu conversava com uma pessoa conhecida falando sobre o inglês, o estudo do inglês, do que o João tá vendo no inglês aqui é o que o João via no curso de inglês que a gente pagava pra ele. Então o João tem a condição de sala de aula, eu acredito, que uma condição favorável, têm matérias que no Brasil a gente não teria, o nível dos professores, eu penso, e do ensino em si com relação ao ano que o João tá, eu acredito que supre sim, até então sim.

Lógico que é aquela coisa, nada é tão bom que não possa ser melhorado.

Speaker 1: Claro! Sem dúvida...

Speaker 2: Mas eu acredito que está atendendo minhas expectativas, sim.

Speaker 1: Maravilha! Você considera que a escola tem realizado esforços pra se aproximar dos pais... dos alunos e dos pais imigrantes?

Speaker 2: Essa comunicação é bem distante. É bem distante. Apesar de receber os e-mails, fazer essa troca sempre com o diretor de turma, que hoje é a minha comunicação, digamos, maior, dentro da escola do João diretamente, mas assim ainda acho muuuito distante, muito distante. Às vezes eu sinto falta dessa troca. Mas hoje eu não cobro tanto, como eu não tinha o padrão de como era antes, hoje com tudo isso que está acontecendo eu acredito que hoje um distanciamento realmente necessário, mas, assim, eu acho bem distante. Eu sou aquela que gosto de estar presente, sabe? De ter essa troca, enfim, de saber o que está sendo bom, não tão bom, o que o João precisa melhorar e corrigir, a gente não tem essa troca, não tem.

Speaker 1: Você foi convidada para fazer parte de reuniões sobre a administração da escola?

Speaker 2: Olha, quando teve, antes de iniciar as aulas teve uma reunião, foi a única na verdade e, eu lembro dele falar, do diretor falar, acerca de um pai fazer parte de... como se fosse uma comissão, pra ser responsável para alguma situação que nesse momento eu nem me lembro de fato o que é que foi. Eu não quis...

Speaker 1: É como a nossa Associação de Pais e Mestres

Speaker 2: Isso, lá no Brasil tem. Eu não quis participar por que? Porque eu não sei como funciona todo o sistema a fundo, seria uma multidão sem muita informação, então pra esse início eu não quis, mas o único convite que houve foi nesse momento aí. Não sei se isso responde a tua pergunta.

Speaker 1: Sim. Responde. Porque, pelo que eu compreendi, tudo o que eu compreendo, eu compreendo através das falas de vocês

Speaker 2: Hum, hum

Speaker 1: Por que eu não conheço o sistema, assim como você, entendeu? Conheço sim as políticas, que estudo isso

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Mas não conheço ... ali... o funcionamento em si. Mas o que parece que acontece é que é como uma árvore, uma hierarquia, entendeu?

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Então tem os representantes de cada turma, que aí elegem uma outra, entendeu, tem um representante de cada turma, depois forma essa comissão e aí elege um que faz parte da comissão que é a maior, que é a comissão do agrupamento, enfim. Eu tive oportunidade, o diretor me convidou pra conversar com essa pessoa, mas eu não me interessei, eu disse prá ele

-É um imigrante? Ele disse -Não. Eu disse então eu não quero. Rs. E aí vamos prosseguir. Bom, então os pais imigrantes são convidados, né, pra fazer parte da administração.

Speaker 2: É, ele deixou isso bem claro, assim, aberto, ou seja, eu poderia ter me manifestado.

Speaker 1: Pois, Ok. Ainda sobre a escola, gostaria... agora vem uma pergunta que é um pouco assim, em termos ideais, né, pra você pensar em termos ideais na escola, nos espaços da escola, nos professores, na relação entre os alunos, entre os alunos e o professor, nas aulas e, me respondesse: O que seria pra você uma escola boa?

Speaker 1: Uma escola boa?

Speaker 2: Hum Hum, em termos ideais.

Speaker 1: Primeiramente que ela atendesse aquilo para o qual ela foi chamada, que é ensinar. Ensinar o que? Ensinar acerca de todos os conhecimentos a nível de matérias. Por que é que eu tô te falando isso? Por que aqui não é o caso até então, não é o caso da escola onde o João está, mas têm coisas que não são ensinadas na escola. Então, a escola ideal é a escola que faz o papel dela de ensinar aquilo que não se aprende dentro de casa. Eu hoje não tenho condições de ensinar matemática, português e tal e tal e tal pro João. É na escola que ele faz isso. A escola ideal seria aquela que atendesse isso, que tivesse essa troca... transparente entre professores e encarregados de educação, como eu tinha no Brasil, eu sempre tive, não posso falar disso e, o João estudou a vida toda em escola pública, não era algo porque era uma escola particular, essa troca é essencialmente necessária, ela é de suma importância, porque quando eu ouço professor em sala, que fala, né, a relação dele com o meu filho, em sala de aula, quem conhece o João Pedro não sou eu, é o professor. Então, se eu não tenho essa troca, eu só tenho o parecer do João, mas o outro lado da história eu não conheço. Então, assim, por isso que eu falo que essa troca é importante. É onde eu consigo enaltecer o que é bom no João e puxar o João pra cima quando ele não tá tão bom.

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: E que a escola proporcione tudo aquilo que é necessário, o ambiente seguro, agradável, falo assim, fora de sala de aula. Uma boa biblioteca, com uma gama boa de livros que ele possa ter acesso, talvez eu não conseguisse, financeiramente, disponibilizar pra ele, enfim, é isso, né... Onde haja também uma troca, uma troca não, é... uma troca, digamos assim, de respeito, né, de uma forma geral, do João para com todos e de todos para com o João, entende? Então em todos os âmbitos, desde sala de aula, fora de sala de aula, eu sempre primei muito por isso, mas a gente só dá aquilo que a gente recebe, então até o João entender, eu sempre coloquei isso na cabeça dele. -Ah, mas os professores eles gritam, eles falam... Porque a gente tem uma sensibilidade que aqui as pessoas não têm, isso é cultural, eu sempre tentei inculcar isso nele. -Não é com você João, não é pessoal. Então tentando sempre trazer pra que ele pudesse tirar o aproveitamento melhor das aulas. Porque se ele vai à escola, senta pra assistir aula, não consegue ouvir o que o professor diz, ele não vai render. Então, assim, quando também há uma preocupação do professor, às vezes uma sensibilidade de ver que o aluno está ali, mas tá... -Nossa! Ele é um imigrante, seja de que nacionalidade for, ele não está conseguindo me entender, e vai ficar por isso mesmo? ... a preocupação não é minha, ele que tá aqui, ele que tem que dominar o idioma. Talvez, né, alguns possam pensar isso. Mas, quando há uma troca, de fato, do professor com o aluno, de professor com encarregado de educação, tudo isso pode ser ajustado. Então, a escola ideal, pra mim, é a escola que cumpre o seu papel, para o qual ela foi chamada. Ensinar aquilo que um pai, uma mãe, no seu ambiente n~]ao tem condições de fazer, porque eu não domino, quem domina todos os conhecimentos a nível didáticos, são os professores, não sou eu. Uma escola onde as pessoas se respeitem e haja um ambiente favorável pra que aquela criança, adolescente, aprender, é isso.

Speaker 1: Muito bom. E se agora a gente sair dessa escola ideal e for pra escola real, que é a sua escola

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Você me responde: Você considera esta escola, uma boa escola?

Speaker 2: Se eu vou falar só numa palavra, eu acho que ainda falta um pouco, né, nessa troca, né, da comunicação professor com os pais, ainda deixa muito a desejar, na questão do ensino como eu falei, volto a afirmar, tá atendendo minhas expectativas e, eu acredito que essa questão, dessa troca que é necessária, porque não existe a escola só com professores e alunos, não pra um adolescente, vai existir aí pra um adulto, ainda deixa um pouco a desejar, mas pode ser melhorado. A hora que a escola entender essa importância, mesmo com toda essa pandemia, porque quando a gente quer, a gente consegue, eu vou estar disponível, eu vou achar muito bom poder participar disso. Mas nesse quesito a escola ainda deixa a desejar nesse sentido, nessa troca.

Speaker 1: Muito bom.... Agora, digamos que é o penúltimo, porque o último são poucas perguntas, mas digamos que é o último daqueles quatro, depois tem mais um pedacinho. Então, sobre os relacionamentos do seu filho?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Os relacionamentos do seu filho dentro e fora da escola. Foi fácil pra ele fazer amizades nessa escola nova?

Speaker 2: Foi difícil, foi difícil, de início foi muito difícil. E eu me preocupei também, né, mas é assim, eu procurei dar tempo ao tempo porque tudo tá muito, muito recente. Mas não foi fácil, não. Foi difícil.

Speaker 1: E quais as dificuldades que ele sentiu?

Speaker 2: Eu acredito que na questão do ser acolhido, por ser um menino, eu considero ele sensível nessa questão do tratamento, sabe?

Speaker 1: Hum, hum

Speaker 2: Ele não está acostumado. A gente acha que aquele que grita, professor que grita, é porque ele tá bravo, ele tá chateado, a turma tá muito barulhenta, então tem uma hora que ele vai gritar. O João não estava acostumado com isso, né. Então com relação aos colegas, é a mesma fala. Mas, assim, é cultural, o jeito de, de ... de falar, de articular, ele teve dificuldade com isso. O próprio idioma que não é igual, então isso também dificultou um pouco e, acredito que de início, um pouco a timidez. O João teve um pouco disso também, que aí já é uma questão dele, né?

Speaker 1: Pessoal

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Acho que isso você já me respondeu. Se os colegas sentem diferença por ele ser de outro país. Parece que sim, né?

Speaker 2: Olha, eles... eles... eu não sei se eles sentem diferença, mas assim, tem essa questão do brincar muito -Ah o brazuca! Às vezes rotulam muito isso, né? Hoje o João já não se importa tanto com isso, não. É mais assim, o que ele não gosta muito às vezes quando vê uma pessoa rindo dele. Ele fala assim, né? -Eles tão rindo de mim, porque eu já passei, Mãe, várias vezes, é a mesma pessoa que me olha de cima a baixo e ri de mim. Rs. Mas eu não sei, não sei, acredito que, sei lá, tem que dar tempo ao tempo. A gente não sabe se é realmente rindo dele ou quer fazer até uma amizade, eu não sei.

Speaker 1: É

Speaker 2: Ainda não sei...

Speaker 1: A gente nunca sabe, né, é uma questão de conversar, né, essa oportunidade seria bom que fosse criada, né, pra aproxima-los, né? Que eles pudessem...

Speaker 2: Se tivesse, de repente, né, alguma questão, dentro da escola, se pudesse haver, que a gente, também falo assim, mas com essa questão toda que está acontecendo é bem difícil, mas essa interação, realmente, essa troca, né? Que você falou muito na entrevista, né, é importante

criar-se, até por ter tantos imigrantes, que eu acredito que tenha um número bom aí de todo canto, né, de repente mais do Brasil, não sei, de ter alguma questão deles mesmos ali dentro, até que não envolvesse ninguém de fora, pra tratar um pouco mais sobre isso, né.

Speaker 1: Isso mesmo! Trabalhei numa escola com 20% de alunos imigrantes, no Brasil.

Speaker 2: Foi?

Speaker 1: Em São Paulo.

Speaker 2: Ham Ham

Speaker 1: No Pari

Speaker 2: Já ouvi falar...

Speaker 1: 20% de bolivianos... Bom, vamos prosseguir. Aonde eu estava mesmo? ...E como ele foi acolhido pelos colegas?

Speaker 2: Olha, de início não tinha muito, né, não tinha muito. Agora o João já tem um grupo, digamos assim, dentro de sala de aula já tem.

Speaker 1: Que bom. E esse grupo são adolescentes de que nacionalidade?

Speaker 2: Todos eles são portugueses.

Speaker 1: Ah que bom!

Speaker 2: É. Todos eles são portugueses. Na sala do meu filho, acho que tem uma brasileira e, eu sempre que posso, eu dou essa dica prá ele -Se aproxima

Speaker 1: Sabe o nome dela?

Speaker 2: Não, mas eu posso ver com ele e te falo. Tem uma lá e tem...

Speaker 1: Eu só quero saber se é a (nome da aluna)

Speaker 2: Eu acho que não é .

Speaker 1: Eu tô com dificuldade de entrar em contato, eu falei com a mãe dela e, agora não consigo falar com ela. Eu acho que o telefone... não sei.

Speaker 2: Eu vou ver com ele, assim que a gente finalizar aqui eu te falo o nome.

Speaker 1: Bom... O seu filho demonstra confiar na escola, no professor, no colega?

Speaker 2: Sim, sim.

No professor, sim. Os colegas do meu filho, eu particularmente, assim... é uma questão particular minha. Não gosto muito dessas amizades dele. Mas, assim, ele tem uma confiança grande nos professores, ele sempre dá esse feedback. E essa troca tem crescido muito, e a participação dele em sala de aula, os professores instigam, né, isso é bom. Ele está bem solto, bem solto mesmo.

Speaker 1: Que bom. Bom, ele gosta de algum colega especial?

Speaker 2: Olha, nesse grupo tem o (nome do amigo), que ele fala muito, é o (nome de outro aluno), acho que é esse o nome do menino, ele fala muito desse garoto e acho que tem assim umas três meninas e uns três, quatro garotos, é o grupo dele.

Speaker 1: Tá bem entrosado.

Speaker 2: Tá, tá sim. Aos poucos ele consegue, aos poucos ele consegue. Eu sabia que ele ia conseguir porque eu sempre pergunto, né, vou instigando e, se o outro é receptivo, acaba por fazer amizade, só quando a pessoa não quer mesmo. Aí você respeita.

Speaker 1: Ele gosta dos professores, você já disse que sim e, não de todos, mas

Speaker 2: A grande maioria sim.

Speaker 1: E dos funcionários?

Speaker 2: Sim, fala muito do funcionário da...

Speaker 1: Portaria.

Speaker 2: Não, é da...

Speaker 1: Cantina

Speaker 2: Do refeitório, acho que Sr. (nome do funcionário), fala muuuito, eles interagem muito.

Speaker 1: Você pode dizer que o João já se sente fazer parte da escola?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Sim?

Speaker 2: Já faz, porque eu vou te responder isso

Speaker 1: Me dá um exemplo.

Speaker 2: Eu falei pra ele esses dias, esses dias não, já tem um tempinho, depois voltei a falar -Se mamãe conseguir pra você uma vaga aqui, no Aurélio de Souza, ano que vem, quando a gente for fazer as matrículas, você topa, quer mudar de escola? -Não. -Mas, não por que? -Já estou entrosado na minha escola, mãe. Foi isso que ele me disse. Então essa é a resposta prá você. Rs.

Speaker 1: Rs. É verdade. Muito bom.

Speaker 2: A gente fica feliz, né, pelo menos, assim, sabe que está a correr tudo bem.

Speaker 1: Que bom. Você acha que o João tem orgulho de ser brasileiro?

Speaker 2: Tem. Tem e compartilha com qualquer um. Rs.

Speaker 1: Rs. E por que ele sente orgulho de ser brasileiro?

Speaker 2: Ele ama o país dele. Ele sente muita falta, ele compara, sabe? Ah, no Brasil isso aqui não seria assim, defende, quando tem alguma polêmica que envolve o Brasil, como ontem, nessa questão do Bolsonaro, ele ficou revoltado. -Ah, aqui não tem? Só lá que tem... então, assim, sim, ele é muito patriota, o João.

Speaker 1: Rs... Ai ai... Tá difícil de ser patriota no Brasil

Speaker 2: Tá, mas olha, eu vou te falar, isso, assim..., eu não, não gosto de denegrir, né, a gente sempre fala dos pontos que não são tão bons, a gente fala, debate, e é uma realidade que o João com 13 anos, algumas coisas ele já entende, mas eu não sei a quem que ele puxou...Ele está aqui, ele gosta daqui, já tá se adaptando, mas não pode dizer que o Brasil é feio não.

Speaker 1: Com certeza... Bom... Além da escola, a que lugares o João vai com frequência?

Speaker 2: Hoje, com tudo isso, à igreja.

Speaker 1: À igreja... E como é que ele foi recebido na igreja, por exemplo.

Speaker 2: Olha, ele foi bem recebido. O grupo também tem portugueses

Speaker 1: Hum Hum

Speaker 2: E também brasileiros, se não me engano dois ou três brasileiros.

Speaker 1: E lá ele se relaciona com esse grupo

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: A liderança do trabalho dos adolescentes tá bem, tem uma pessoa brasileira e, eles são muito receptivos... tudo que há, e o João também gosta de estar quando era presencial o trabalho dos adolescentes ele ia todos os sábados, não gostava mesmo de faltar. Aí tá sendo (?), aí ele já não gosta muito, porque ele não gosta muito... ele gosta do contato, sabe? Então, assim, mas tem participado e eu penso que ele foi bem acolhido, foi bem acolhido. Tudo o que há na igreja sempre chamam ele, né, ele está sempre envolvido.

Speaker 1: Que bom, isso é bom.

Speaker 2: A igreja é portuguesa

Speaker 1: A igreja é portuguesa?

Speaker 2: É.

Speaker 1: E... deixa eu fazer outra pergunta antes, que eu acho que ela combina mais. A família participa de alguma atividade associativa, na igreja, no clube, na entidade beneficente, partido político?

Speaker 2: Olha eu...pode falar...

Speaker 1: Algum familiar tem papel de liderança?

Speaker 2: Não, por enquanto não, nós por enquanto somos membros ativos, né, vamos sempre aos domingos, que é quando está havendo culto, estamos já inseridos mesmo, já fazíamos parte daquela igreja, mas ainda não temos trabalho de liderança, envolvimento nenhum.

Speaker 1: Ok. E o João fala pelas redes sociais com familiares distantes, amigos, com que frequência?

Speaker 2: Olha, familiar João não é muito

Speaker 1: De falar com família

Speaker 2: Não. Tem um primo que é muito próximo que ele vez ou outra ele fala, mas o João não é muito de procurar, aliás, procurava com muita frequência no início e aí tem aí, vamos dizer, mais um grupo que ele ainda tem esse contato, mas, tipo assim, ele parece que cansou de tanto procurar e não ser procurado

Speaker 1: Hu

m hum

Speaker 2: Acabou acontecendo isso. E, o João sentiu muita falta no início. No início tinha mais esse contato, fazendo vídeo-chamada e aquilo tudo e, às vezes, faziam quatro, cinco adolescentes na mesma chamada, hoje, com o passar do tempo isso já não é tão frequente. Hoje, digamos assim, o João está mais com os amigos daqui do que virtualmente com os amigos de lá.

Speaker 1: Muito bom.

Speaker 2: Infelizmente, né.

Speaker 1: Talvez sim, talvez não...talvez acho que ele esteja bem adaptado aqui

Speaker 2: É.

Speaker 1: Bom, sobre a participação dos alunos na escola, imigrantes ou não

Speaker 2: Hum Hum

Speaker 1: Você considera que nesta escola os alunos têm oportunidade para discutir, refletir sobre questões do mundo em geral e do mundo da escola?

Speaker 2: Se tem oportunidade... olha isso vai ficar bem vago, assim... Por que? Não sei te falar isso com profundidade. Eu acho...

Speaker 1: Alguma disciplina onde você acha que tem uma discussão sobre o mundo, sobre as questões do mundo, suponha ... os problemas ambientais, a globalização, ou?

Speaker 2: Já, já ouvi um pouco o João falar sobre a parte de História, ele já falou disso, né, mas, assim, eu acho que essa pergunta ele vai saber te falar melhor do que eu

Speaker 1: Eu vou perguntar prá ele, pode deixar

Speaker 2: Com mais profundidade, digamos assim, né? Rs..

Speaker 1: E sobre o mundo da escola, você acha que eles têm discutido sobre os problemas da escola, o que está acontecendo lá...

Speaker 2: No início falava-se até muito na questão do Covid, né?

Speaker 1: Hum Hum

Speaker 2: É... enfim, agora acho que nem tanto. Não se fala mais tanto como antes, né, mas, enfim, é outra coisa que eu não sei responder com muita propriedade.

Speaker 1: No seu modo de ver, quais seriam as questões referentes ao mundo da escola que as crianças, os alunos, os adolescentes imigrantes deveriam discutir e participar? Questões referentes ao mundo da escola que os imigrantes deveriam discutir e participar.

Speaker 2: Ah, eu penso que a própria cultura da escola, por exemplo, falar-se mais sobre o tempo que a escola foi fundada, o porquê daquela escola foi criada, quem foi a pessoa que idealizou isso. Eu nunca ouvi falar disso, apesar desse pouco tempo, né, que ainda são alguns meses na escola.

Speaker 1: Você vai ver, eles têm o dia do patrono ...

Speaker 2: É... isso que eu tô te falando. Não chegamos lá, mas de repente ainda vai acontecer. Eu acho muito bom. -Ah, por que (nome do patrono da escola), quem foi ele? Eu não sei. É algo que seria bacana se trabalhar nisso, porque tem gente que não valoriza, mas eu acredito que a grande massa valorize.

Até a nível de conhecimento, mesmo, né, isso seria algo bom, a própria cultura do país, né, que é um país, acredito que é um país muito rico, na sua história, né, faz parte, digamos assim, da História Antiga,

Speaker 1: Hum Hum

Speaker 2: Tem muita coisa bacana pra se aprender aqui, os valores, a cultura em si, eu acho que tudo isso seria bom discutir na escola, né? Nada que a gente, como família, impeça da gente buscar, pesquisar e ver, né? Eu vejo que aqui tem muito museu, esses lugares assim que desperta muito pra isso, né?

Speaker 1: Hum Hum

Speaker 2: Mas eu penso que na escola seria bacana se trabalhar essas questões, né, enfim.

Speaker 1: Boa! Boa sugestão.... Você poderia dizer que nessa escola as crianças participam da formulação de regras, direitos e deveres?

Speaker 2: Sim, eles participam. Eles participam e tem também as disciplinas, também, quando essas questões não são alcançadas, não são cumpridas, digamos assim. O João fala bastante disso. De alunos que têm problema com a própria escola, né, por indisciplina e o que isso gera. Ele fala bastante sobre isso. Então dos direitos e deveres são bem esclarecidos.

Speaker 1: Sim, mas eles participam da formulação das regras? Tipo...

Speaker 2: Eu acredito que não. Os alunos que são colocados como delegados de turma, que existe, né

Speaker 1: É... pode ser.

Speaker 2: Esse aí possa ser que sim, mas os outros, digamos assim, os outros não.

Speaker 1: Muito bom. Nessa escola as crianças participam da decisão sobre a forma como a aula é organizada, sobre o que será estudado, tarefas que podem ser realizadas, o tempo que vai gastar em cada tarefa, a avaliação como vai ser ...

Speaker 2: Pra alguns professores eu já ouvi sim o João sugerir, né, ele falar que há essa discussão sadia em sala de aula.

Speaker 1: Sobre...

Speaker 2: Mas, assim, eu não sei se isso é, digamos assim, de vários professores. Já ouvi sim ele comentar sobre isso, questões de dar sugestão quanto ao tempo de aula, digamos, quando um professor falta, o que poderia fazer, já ouvi ele falar sobre dessas questões.

Speaker 1: Você é a primeira pessoa que me fala disso.

Speaker 2: Já ouvi, eu tô te falando realmente porquê... não é uma coisa frequente, mas que eu já escutei ele falar, já sim.

Speaker 1: Tá bom, vou perguntar pra ele depois. Bom, agora é o seguinte, são políticas específicas pros imigrantes. Tem um quadro de políticas, ou melhor, tanto a União Europeia quanto os países da OCDE, eles avaliam as políticas de integração de imigrantes e, acompanham o desenvolvimento dessas políticas. E os institutos que acompanham o desenvolvimento das políticas de integração de imigrantes, um deles coloca Portugal no segundo lugar de políticas de integração no ranking dos 38 países que incluem a União Europeia e a OCDE.

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Então um dos motivos que me... um dos pontos que me levou ao estudo que eu estou fazendo, é exatamente tentar entender porque que Portugal tem essas boas notas e, como é que ... e se essas políticas têm atendido lá no contexto da escola, as necessidades dos alunos imigrantes. Porque ele tem uma posição muito favorável no ranking, mas a posição no ranking

das políticas de educação, já não é tão favorável. E é o pior resultado de Portugal. No penúltimo estudo foi o pior resultado e no último só perdeu prá Saúde. Então, na educação os resultados não são tão favoráveis assim, embora ter um sexto lugar num ranking de 38 países ainda assim, podemos dizer que o resultado é favorável.

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Ai existem legislações e políticas e até uma disciplina que é a disciplina de Educação e Cidadania ... Cidadania e... esqueci o nome o nome da disciplina agora, Educação prá Cidadania, ele tem essa na escola.

Speaker 2: (Inaudível)

Speaker 1: Exatamente. Então essa disciplina e mais duas políticas, além da legislação, é claro, elas sustentam as notas de Portugal nesse índice. Então, além da disciplina, Educação para a Cidadania, tem, sustentando a nota, um programa que chama TEIP. TEIP é Território Educativo de Intervenção Prioritária. Esse não é um programa especificamente voltado pro imigrante, mas ele é um programa pro apoio do aluno... pro sucesso dele.

Speaker 2: Hum Hum

Speaker 1: Um apoio, um programa cujo objetivo é o sucesso escolar, também a contenção da indisciplina, da violência, enfim. Por que? O agrupamento e mais ainda, a escola sozinha, era um Território Educativo de Intervenção Prioritária, lá atrás. Em 2012, eu acho que o agrupamento foi consolidado como ele está hoje e a escola trouxe o programa TEIP para o agrupamento, porque, no passado, a escola X não era TEIP, né, era uma grande escola, mas quem era TEIP era a outra. Bom, tudo isso pra falar pra você que aquela escola, aquele agrupamento, é um Território Educativo de Intervenção Prioritária. Então ele tem verbas ele tem apoio de verbas e de pessoal, não é? Para apoiar essas crianças, que tem uma grande quantidade de crianças especiais, tem uma grande quantidade de crianças que são crianças de abrigo, como toda escola pública, tem uma diversidade muito grande em termos de renda, né, tem muitos... muitos beneficiários de auxílio social, então pessoas de baixa renda e tal. Então, a rigor, ali deveria ter apoio, apoio pro desenvolvimento, pro sucesso, né, da aprendizagem desses alunos, um apoio extra. Então eu pergunto pra você: Você tem conhecimento de alguma aula de reforço, em alguma disciplina, especificamente no português, às vezes a gente pergunta muito isso quando o aluno... eu pergunto muito isso pros que não falam português, mas, não é? Apoio pro aprendizado do português e das outras disciplinas? Ele teve oferecimento, ele teve necessidade de aula de apoio, ofereceram pra ele aulas de apoio, como é que foi isso?

Speaker 2: Olha, o João faz... tem uma matéria, se eu não estou enganada, tem um dia na semana, que eu acho que é dia de sexta, que tem uma aula de CAP. Eu acho que é o CAP.

Speaker 1: O 'A' e o 'P' eu sei que é apoio à pandemia, mas o C ainda não descobri...

Speaker 2: Eu não sei o que é que é, eu teria que recapitular essa fala dele aí porque eu não me lembro. Eu sei que tem um dia da semana, que tem uma aula assim, onde 'eles reveem alguma matéria, como se aquilo fosse um reforço, não é? Mas, assim, uma questão extra sala de aula, digamos....

Speaker 1: Horário alternativo

Speaker 2: Não, não. Eu sei que quem é incompetente passa pelo processo de ter que fazer a matéria de novo e aí fica só aquele aluno que precisou e os outros vão embora, uma coisa assim, não é o caso do João...

Speaker 1: Pra quem perdeu, né, pra quem perdeu a disciplina

Speaker 2: Isso, tem pra esses alunos tem

Speaker 1: Mas depois que perdeu

Speaker 2: E tem esse dia aí que eu tô te falando que tem como se fosse um reforço, geralmente da matemática, alguma coisa que eles fazem extra, é uma aula só, é um tempo só pra isso, mas tem.

Speaker 1: Um tempo só.

Speaker 2: Um tempo só e uma vez na semana.

Speaker 1: Hum hum É isso, cada um me diz uma coisa a respeito disso. Mas vamos a seguinte. Que apoio precisaria ser dado ao João, pra que ele pudesse melhorar em algo em que ele esteja em dificuldade, ou você acha que está tudo indo bem? Difícil, né?

Speaker 2: Tem algumas matérias que aí eu vou falar muito assim, talvez a dificuldade, não sei se de empatia, do João, eu até já conversei um pouco disso com ele. O João não tem muita empatia pelo português em si. Quem é muito de exatas, não gosta muito das humanas... tem aquela coisa..., mas eu penso que um reforço na parte do português mesmo, na escrita, isso seria importante, né, com mais intensidade, porque tem a dificuldade mesmo da fala, da escrita, não tem como pular isso, então de repente isso aí, a matemática o João está conseguindo, né, se sobressair, enfim, as outras matérias eu não tenho visto tanta dificuldade. Apesar de que o francês, que ele está vendo pela primeira vez

Speaker 1: Ele deve estar adorando...

Speaker 2: De início ele não gostou, ele queria o espanhol, mas a escola não tem o espanhol e, eu acho uma maravilha ele ter

Speaker 1: O francês...

Speaker 2: Um terceiro idioma, já faz o português, que de qualquer jeito ele já está aprendendo o português daqui, o inglês, que pra gente é uma novidade, pra eles aqui não, então estar fazendo o francês ou o espanhol, o que fosse, o alemão, pra mim é maravilhoso. E eu tenho visto que ele tem gostado bastante, mas eu acho a língua muito difícil.

Speaker 1: Não, não é não.

Speaker 2: De repente... você não acha, você gosta...Rs

Speaker 1: Eu tava aprendendo agora porque eu tenho meus netos que falam francês e..

Speaker 2: Eu acho muito bonito, muito bonito, até me surpreendi com o francês porque não é um amor não... não gosto, assim. O João diz que é muito difícil, mas ele... assim, tem se dedicado bastante, mas de repente o reforço a mais mesmo direto no português porque é a base, né? pra se entender todo o resto.

Speaker 1: É isso, tá bom. O segundo programa e, aí a gente vai cair no português, de novo, é o Português como Língua não Materna. Então esse programa ele é específico para o ensino da língua para quem não é nativo, né, então, na legislação este programa deveria funcionar da seguinte maneira. Quando os alunos tivessem português, os que não são portugueses sairiam da aula, iriam pra uma outra sala onde eles teriam o Português Língua Não Materna e aí com o professor especializado para dar o curso, o curso de idioma, não é?

Speaker 2: Hum Hum

Speaker 1: Mas a legislação diz o seguinte, é preciso que a escola tenha dez alunos em cada prédio, não no agrupamento, em cada prédio, em cada escola, em cada nível...

Speaker 2: Nossa!

Speaker 1: Pois, no A0 tem que ter 10, No A1 tem que ter 10, no A2 tem que ter 10, no B1, no B2 senão não forma a turma. E escola, o agrupamento, eles não conseguem formar a turma, não é? Então ... e aí falha a formação dos professores, porque não tem, os professores de português não são professores de Português Língua Não Materna, existe uma especificidade para ensinar português para quem não é português.

Speaker 2: Ham Ham

Speaker 1: Então esse programa ele não tem funcionado, a prova está aí, né, o seu menino tem dificuldades no português, o Hermes tem dificuldades no português, entendeu? Eu conversei com uma menina que demorou, uma menina turca, chamada Sevval, Sevval demorou três anos para falar o português. E daí durante três anos ela não conseguia... ela disse -Eu perdi muito,

Fatima, eu sei que eu perdi muito, mas foi muito difícil, eu não conseguia falar e, hoje ela fala o português perfeito, parece uma portuguesa.

Speaker 2: Que bom

Speaker 1: Então, então o programa existe, tá na lei, entendeu? Mas não consegue funcionar na prática. E aí como você já falou da dificuldade no português, nós vamos passar aqui as perguntas que falam aqui do apoio no português que seu filho precisa, porque você já falou. E é isso aí, conseguimos terminar, sem doer, né

Speaker 2: Que bom

Speaker 1: Foi excelente, excelente. Agora, nunca consegui terminar em uma hora, deu uma hora e meia nossa conversa

Speaker 2: Fica tranquila.

Speaker 1: Mas é o seguinte, eu só queria te dizer duas coisas, primeiro que tem um procedimento ético da pesquisa que é fazer uma devolutiva pros participantes, dos resultados da pesquisa.

Speaker 2: Certo.

Speaker 1: Então eu vou, quando tiver transcrito todas as entrevistas de uma hora e meia, duas horas, duas horas e meia Rs... com todos os participantes e ter analisado todas elas, tiver os resultados compilados, aí eu vou marcar esta reunião e eu gostaria que você participasse, viu! Gostaria de ver você lá, né, e chamar todo mundo que participou, os meninos, os professores, o diretor, todo mundo. E outra coisa é a entrevista com o João.

Speaker 2: Hum hum

E aí gostaria que você conversasse com ele com calma, né, eu tenho agora, amanhã não tenho nenhuma entrevista a fazer com adolescentes, mas tenho uma... duas no sábado e acho que duas na sexta. Então talvez para a outra semana, né, acho que seria bom pra me dar esse fôlego

Speaker 2: Até porque ele também vai estar de férias, de férias não, nesse recesso que vai ter

Speaker 1: Pois é. Isso é uma coisa que me incomoda. Eu não queria fazer nada nas férias, porque, caramba! A pessoa sai pro recesso e ainda tá falando em coisas da escola...

Speaker 2: Mas não tem problema, não é nada...

Speaker 1: Não vai machucar, né?

Speaker 2: Não. Eu acho que é até melhor, por exemplo, no final agora dessa semana, esses dias que seguem pra você já está apertado, o João, por exemplo tem que estar de pé às sete, na sexta pela manhã eu não estou em casa, eu saio pra trabalhar, então, vai ter que ser pelo meu telemóvel porque o dele está muito pior que o meu. Se o meu está ruim, o dele está péssimo. Então na segunda, na terça, o dia que a gente conseguir, à noite, no outro dia ele não vai levantar cedo, ou num dia à tarde que eu já esteja também, não tem problema.

Speaker 1: Eu estou aqui fazendo pesquisa.... Deixa eu só ver minha agenda espera aí... eu não te desliguei não, né?

Speaker 2: Não, não, tô aqui.

Speaker 1: Então, marquei com a (nome da aluna) amanhã sete (19) horas, não, na sexta. E com mais duas alunas no sábado. É isso...

Speaker 2: Se não ficar ruim pra você a gente pode tentar fazer na quarta

Speaker 1: Na quarta próxima?

Speaker 2: Geralmente eu estou em casa, dia de quarta eu não trabalho.

Speaker 1: Tá trabalhando aonde?

Speaker 2: Eu tô trabalhando em uma casa de família, né, por enquanto eu trabalho em serviço de limpeza

Speaker 1: Ham Ham

Speaker 2: Nesse momento apareceu, é muito próximo aqui de casa e, a família é bem tranquila, graças a Deus, tá fluindo o trabalho, é isso

Speaker 1: Que bom

Speaker 2: Então às quartas eu estou livre, ou na parte da tarde, ou início da noite, você vê.

Speaker 1: Salvei, João tá salvo aqui, pra mim é indiferente. Seis da tarde?

Speaker 2: Pode ser

Speaker 1: Ou é muito em cima do horário do jantar?

Speaker 2: Não, pode ser este horário, tá bom. Eu sempre espero meu marido chegar do trabalho, ele só chega às oito

Speaker 1: Tá bom, então já está na quarta-feira próxima. Nossa! quarta-feira próxima é antevéspera de natal

Speaker 2: Por mim não tem problema.

Speaker 1: Não?

Speaker 2: Não eu vou estar em casa, ele também

Speaker 1: Tá bom

Speaker 2: Não tem problema nenhum. Qualquer contratempo da minha parte ou da sua a gente se comunica.

Speaker 1: Tá bom, se também abrir uma outra brecha você me avisa.

Speaker 2: Tá bem, tá bem.

Speaker 1: Deixa eu voltar aqui pro zoom. Muito bem. Então era isso, Te agradecer mais uma vez, muito, muito, muitíssimo obrigada e é isso.

Speaker 2: Se precisar de mais alguma coisa eu estou por aqui, eu vou pegar o nome da colega de sala dele pra te passar, tá bem? E vou te passar o meu e-mail, você diz que tem lá a questão da autorização, que você precisa

Speaker 1: É melhor por e-mail, você acha? Eu passo por e-mail então, me passa sim.

Speaker 2: Pode ser por e-mail, é melhor, né

Speaker 1: Aí você já imprime duas porque é uma pra você e uma pra ele, entendeu?

Speaker 2: Tá, tá bem.

Speaker 1: Se vocês quiserem vocês podem escanear e mandar pra mim ou imprime, assina e deixa na Pires de Lime

Speaker 2: Tá

Speaker 1: Com a professora X.

Speaker 2: Tá.

Speaker 1: Que ela escaneia e manda pra mim, porque todas aquelas autorizações de vocês, quem intermediou os contatos com vocês pra mim, foi a professora X, que é a subdiretora do agrupamento. E ela fica lá na escola X. Você nem precisa entrar, você chega na portaria e fala -Olha queria que entregasse para a Professora X.

Speaker 2: Tá

Speaker 1: É só deixar com o porteiro e ela manda pra mim, ela escaneia e manda no mesmo dia pra mim, eu fiz

Speaker 2: Aqui também não tem dificuldade não, se você quiser

Speaker 1: Pois só não quero complicar a sua vida.

Speaker 2: Aqui imprimir não tem dificuldade, tem um sitio aqui que eu consigo imprimir fácil e enviar. Eu acho que é mais fácil do que eu ir lá. Porque daqui lá é bem distante.

Speaker 1: Ah, tá bom, então, melhor ainda.

Speaker 2: Fica mais fácil assim, tá bom?

Speaker 1: Tá bom então

Speaker 2: Então tá bem

Speaker 1: Super obrigada, foi excelente!

E18 - 19/12/2020 - Aluna (Brasileira)

Speaker 1: Agora está gravando, você me autoriza a gravar?

Speaker 2: Claro

Speaker 1: Ok. Então... bom te ver, obrigada por aceitar participar da minha pesquisa

Speaker 2: Imagina!

Speaker 1: Então, você sabe eu sou Fatima, eu faço um curso de mestrado na Universidade do Porto, na área de Educação e, minha pesquisa é com estudantes imigrantes. Então, deixa eu achar aqui o roteiro da sua entrevista Rs que na correria eu não abri.... Eu estava conversando com o Brasil, agora, com os meus irmãos, por isso que me atrapalhei, eles desligaram um minuto antes de eu ter que entrar com você.

Speaker 1: Tudo bem

Speaker 2: Então, minha pesquisa é sobre a integração, a participação dos estudantes imigrantes na escola, né, e aí também o que eu desejo é verificar como que as políticas de integração de Portugal, tem favorecido, ou não, os estudantes imigrantes. Muitas das perguntas que eu vou fazer pra você elas são parte do que as políticas... das respostas que as políticas deveriam estar dando às necessidades.

Speaker 1: Ok

Speaker 2: Ok? Então, eu acho que o seu pai já me enviou um consentimento informado, que é uma burocracia, é um papel que eu não posso deixar de exigir. Se a gente estivesse presencialmente seria mais fácil porque você assinaria... é apenas mais um papel pra dizer que você tem conhecimento dos objetivos da pesquisa, mas eu vou ter que enviar esse documento pra você depois e daí você assinar e me devolver, tá bom?

Speaker 2: Ok

Speaker 1: Então, nesse início da nossa conversa, eu gostaria que você ahh não, antes de mais nada, eu queria que você me dissesse quanto tempo você está aqui

Speaker 2: Eu cheguei aqui dia 16 de agosto

Speaker 1: Ah então você acabou de chegar na escola, não é?

Speaker 2: Ou eu sai 16 de agosto e cheguei dia 17 eu não tenho certeza, mas é dia 16, 17 de agosto

Speaker 1: Ahh tá, então você está bem recente na escola, não é?

Speaker 2: Sim, daí as aulas começaram setembro, 15 de setembro, eu acho...

Speaker 1: Tá. Então eu queria que você, nesse início da nossa conversa, que você pensasse no lugar de onde você veio e que falasse um pouco do lugar de onde você vem, da sua cidade...

Speaker 2: Então, eu sou brasileira, né, rs., mas.... Eu nasci no Sul, eu nasci em Curitiba e eu fui embora do Sul, de Curitiba, com 9 anos, e eu tenho amigos desde os meus dois anos de idade que eu conheci nas escolinhas e levo até hoje, converso com eles até hoje, parece que nada mudou muito, sabe? Claro, não vejo eles mais tanto quanto eu vi só que eu super converso, mantenho contato, é ótimo. E eu fui morar em São Paulo depois, me encontrei em São Paulo, amo São Paulo com todo meu coração, tenho cinquenta amigas lá, continuo conversando com todos, amo muito São Paulo, assim como amo Curitiba, só que (abaixa a voz como alguém que não quer ser ouvida) ...gosto mais de São Paulo.

Speaker 1: Em que bairro você morava em São Paulo?

Speaker 2: Eu morava no Itaim

Speaker 1: No Itaim?

Speaker 2: No Itaim Bibi

Speaker 1: Eu morava na Barra Funda...

Speaker 2: Ah tipo eu nunca conheci muito, tipo, São Paulo, que nem eu conhecia Curitiba, né, porque eu fiquei muito menos tempo, só que eu consegui conhecer bastante. É uma cidade muito grande, São Paulo

Speaker 1: Pois então, é do tamanho de Portugal, não é?

Speaker 2: É...Rs

Speaker 1: Pequeninha, né?

Speaker 2: Muito

Speaker 1: E diz pra mim... Em São Paulo coo era um dia normal pra você? O que você fazia...

Speaker 2: Um dia normal... Minhas aulas, todo dia começavam às 7:15 da manhã e acabavam 12:40... Eu acordava, tomava café, lava o dente, essas coisas, em casa, ia pra escola... depois da escola, depende do dia eu almoçava com os meus amigos porque na escola, tinha a escola... um minuto de distância, até menos, tinha um shoppinzinho assim que há uns anos atrás era cinema só... só que daí eles colocaram os restaurantes e aí a gente costumava almoçar lá, às vezes eu almoçava com os meus amigos em alguns dias da semana, não sempre, eu ia pra casa, fazia meus deveres de casa, estudava e, quando dava três da tarde eu me arrumava e ia treinar, que eu jogava bola.

Speaker 1: Ah jogava bola, que massa!

Speaker 2: Jogava, e daí eu ia treinar e voltava, descansava, chegava exausta e tomava banho e ia dormir.

Speaker 1: Então, pra além da escola você praticava esportes, ou tinha outras atividades?

Speaker 2: Não. Eu também, toda sexta, eu fazia uma aula que era pra ajudar no Jardim Zoológico, só que não era todo dia não, era só sexta.

Speaker 1: Pra ajudar aonde?

Speaker 2: No Jardim Zoológico, pra desenvolver, pra ajudar um pouco a estudar nas matérias, a me concentrar, essas coisas

Speaker 1: Ah tá ... que massa! E, você pode dizer que tem orgulho de ser brasileira?

Speaker 2: Assim...Rs... É que no momento eu não sei se alguém tem orgulho de ser brasileiro, mas acho que eu tenho, tenho, gosto muito do Brasil, mas com esse presidente, assim Rs.

Speaker 1: E por que é que você se sente orgulhosa de pertencer ao Brasil, de ser brasileira?

Speaker 2: Ah... putz... é difícil de explicar. É que eu sempre gostei muito do Brasil, sempre me adaptei muito fácil às mudanças que eu tive lá dentro, sempre gostei muito dos brasileiros e, quando eu vim pra cá que eu percebi a diferença... do Brasil para Portugal porque eu nunca pensei que seria tão diferente. E aí eu sempre gostei muito do Brasil mesmo quando eu morava lá, mas eu acho que quando eu vim pra cá que eu comecei a valorizar mais, digamos.

Speaker 1: E o que é que valoriza no brasileiro?

Speaker 2: Ah, depende do brasileiro Rs. Tem brasileiro que ... (faz um gesto como que querendo dizer algo negativo), mas eu acho que o jeito, eu não sei explicar, desculpa, eu não sei explicar, mas o jeito, o modo de falar, claro são modos de falar diferente, eu não sei se eu consigo explicar, desculpa Rs.

Speaker 1: Você costuma manter contato com familiares e amigos, já falou dos amigos, não é?

Speaker 2: Hum hum tem os amigos, tem uma amiga que eu converso todo dia e meus outros amigos, assim, converso quando posso, mas converso bastante também, com todos eles do Brasil.

Speaker 1: Que bom. Então agora vamos aterrissar em Portugal, né, e eu gostaria que você compartilhasse um pouco comigo do que acontece com você aqui. Como é, em Portugal, um dia normal prá você?

Speaker 2: Portugal, um dia normal pra mim, aqui minha rotina é diferente porque segunda e terça eu tenho aula só de tarde e quarta quinta e sexta eu tenho aula de manhã e de tarde e um pouquinho de noite... que vai na quinta e sexta vai das 8h20 da manhã até umas 7:00 da noite,

por aí. E na quarta, das 8h20 da manhã até 4:00 da tarde. Então, terça e quinta eu nado, porque em Curitiba eu nadava, eu adorava, nadava desde pequenininha, mas quando me mudei prá São Paulo, a gente não tinha nenhum lugar barato pra eu nadar...

Speaker 1: Os SESCs Rs.

Speaker 2: É que era muito longe, muito longe

Speaker 1: Eu nadava no SESC, eu sinto a maior falta da piscina...

Speaker 2: Rs. E daí eu parei de nadar quando fui pra São Paulo e agora eu voltei, eu nado aqui em Piscinas do Campanhã, daí toda terça e quinta 9:00 da noite eu nado, fora isso eu não faço nada...Rs Só vou pra escola na quarta, não, na quinta e na sexta realmente chego exausta, não consigo fazer nada, e na quinta eu tenho que nadar então eu fico muito cansada na quinta, eu tô dormindo que nem pedra Rs...

Speaker 1: Parece que aqui a rotina é mais puxada, não?

Speaker 2: Eu acho, por causa da escola, por causa desses horários, porque fica em função da escola o dia todo, não tem outra coisa.

Speaker 1: E para além da escola a que lugares você vai com frequência?

Speaker 2: Quando não tinha esse lockdown de 1:00 da tarde eu costumava ir pra praia, porque eu gosto de praia, adoro praia, eu ia todo final de semana na praia, até no frio eu tava indo à praia, não entrava no mar, claro, porque esse mar é gelado..., mas tava indo na praia com casaco e tudo, ficava sentada lá na areia, olhando o mar... é isso que eu fazia.

Speaker 1: E nos lugares que você tem ido aqui, você tem sido bem recebida, para além da escola?

Speaker 2: Na natação eu fui super bem recebida, são meninas mais velhas que eu nado, porque eu ia nadar numa turma próxima da minha idade, só que o lugar achou melhor eu nadar com as outras meninas mais velhas já que eu sabia algumas técnicas, sabia mais nados e daí eu nado com meninas que têm de 15 anos a 17 e tem uma mulher de 26 anos, eu acho, só que mais velha assim é só ela. Fui super bem recebida, eu converso com elas, elas são super fofas.

Speaker 1: E, fora da escola com pessoas de que nacionalidade você se relaciona?

Speaker 2: Portugueses

Speaker 1: São portugueses...

Speaker 2: São portugueses.

Speaker 1: Bom, agora eu gostaria de que você pensasse um pouco sobre as escolas em geral, não é?

Speaker 2: Ok

Speaker 1: Até fiz umas imagens aqui, deixa ver se eu consigo compartilhar isso com você. É mais bonitinho, né, eu fiz as imagens e pouco uso nas entrevistas Rs as imagens

Speaker 2: Rs.... Carregou aqui...

Speaker 1: Muito bom, agora não consigo ler o roteiro da entrevista, então fica lindo...

Realmente eu imaginei isso, mas não está dando muito certo... vou ter que confessar pra você.

Rs. Porque não me permite ler o roteiro, eu teria que ter o roteiro impresso pra poder fazer isso. Tá vendo? Eu faço e faço e me atrapalho aqui com essas trocentas telas abertas ao mesmo tempo. Ficaram tão bonitinhas as imagens que eu queria usar, viu, mas eu não consigo. Bom, então eu queria que você pensasse um pouco nas escolas, em geral, de modo ideal, né

Speaker 2: Uma escola ideal?

Speaker 1: Ideal, é, que você pensasse nos espaços físicos, nos professores, nas relações entre as pessoas dentro da escola, professores-alunos, professores-funcionários, alunos-alunos, na forma do professor dar aula, nas atividades e pensando nesses pontos eu gostaria que você me dissesse: O que é pra você uma escola boa?

Speaker 2: Tá, prá mim uma escola boa, vamos começar pelos professores, relação de aluno-professor. Eu sempre fui, no Brasil, né, fui meio que amiga dos meus professores, sabe? Não,

claro, aquela amiga assim, mas sempre tive uma relação boa com os meus professores, sabe? Eu acho que isso é muito importante, tanto pra aula fluir, esse tipo de coisa que você se sente dentro, sabe, se sente acolhida na sala de aula. E uma aula ideal, dinâmica, eu acho que tem que ser uma aula de participação porque você só copiar coisas num caderno, eu, pelo menos, não aprendo muito assim. Rs. Claro, estudando, eu escrevo, essas coisas, só que os professores só colocarem coisas no quadro pra mim passar pro caderno, sabe, deixa eu pensar. Em relação ao espaço físico eu acho que, eu não sei explicar, eu acho que eu não me importo muito com o espaço físico da escola, claro, bem cuidado, essas coisas, mas em relação, por exemplo, verde, essas coisas eu não me importo muito. Claro, eu adoro um pátio grande essas coisas, só que o espaço tem que ter acho que estar bem cuidado, assim.

Speaker 1: Limpo, né, asseado...

Speaker 2: Um lugar onde não só alunos respeitam professores quanto alunos se respeitem.

Speaker 1: A relação de respeito, né, um ambiente limpo, as aulas que tenham participação, é isso, resumindo, essa é uma escola ideal pra você, não é isso?

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Bom e passando dessa escola que é ideal, pra uma escola que é real, não é? Você me responda, a considera esta escola uma boa escola?

Speaker 2: Eu não sei te explicar, por que ...

Speaker 1: Assim não vale...Rs

Speaker 2: Rs Não... eu acho que eu vou conseguir explicar.... É que assim, não aconteceu uma coisa muito agradável comigo na escola., então eu tô meio assim, sabe? Então eu acho que é não, ou mais ou menos, tipo ok, é uma escola ok, porque ... ah que, outra coisa pra mim, uma escola ideal é uma escola que incentiva a relação entre os alunos.

Speaker 1: Uma escola o que? Vou precisar colocar um fonezinho aqui... é que tem uma máquina de lavar roupa aqui, alucinada...Bom que mais que ...

Speaker 2: A escola pra mim ideal, desculpa voltar um tópico, também é uma escola que incentiva a relação entre os alunos, que não obriga - Seja amigo de todo mundo, faz isso ou aquilo, mas que todo mundo tem uma relação de colega, sabe? E não fique aquele grupo sozinho, aquela pessoa sozinha, enquanto tá todo mundo se divertindo... que todo mundo te acolhe. Uma escola que é isso pros alunos, que incentiva isso pros alunos. Bom, voltando à questão desta escola, eu acho que é uma escola ok, eu pelo menos em ...a maioria das aulas são de passar coisas por caderno, claro que tem umas aulas participativas, eu adoro quando são, porque eu entendo muito mais matéria, consigo me concentrar muito mais do que só ficar escrevendo no caderno, só que eu acho que em relação a problemas que acontecem entre os alunos, a escola não cuida muito bem disso porque aconteceu comigo, um menino me deu um soco no meio da sala de aula, um soco no nariz

Speaker 1: Uau!

Speaker 2: Como? Ah. Uau... entendi qual... E aí a escola, tipo, ainda não fez nada com ele, as pessoas que viram tão me chamando de mentirosa, porque são amigos deles e a escola me falou... quer que eu converse com ele..., mas não quero conversar com alguém que me deu um soco, sabe? Enfim, eu acho que na questão de problemas, essas coisas, essa escola não lida muito bem, mas em questão de física, parte física, sim, é uma boa escola.

Speaker 1: E nessa situação você imagina por que ele te deu um soco?

Speaker 2: Aí, vai...é que assim... vou contar se você quiser, eu estava sentada assim na minha mesa, assim como eu estou agora, estava escrevendo no meu caderno, com o meu telefone no meu bolso. Ele veio, levantou do lugar dele que é super diferente do meu, nem senta atrás de mim, levantou do lugar dele e pegou o telefone do meu bolso e saiu correndo. E eu fui atrás dele, segurei no braço dele, o braço que estava segurando o telefone e falei -Dá meu telefone, por favor, tipo não é pra menos, sabe, ele nem pediu, nem nada e peguei meu telefone. E quando

eu estava voltando pra minha mesa ele veio e pegou na minha bunda e deu um tapa na minha bunda. Eu fui... empurrei ele, claro né, olha o que ele fez e, aí quando eu empurrei ele, ele me jogou na parede, me deixou sem saída e me deu um soco no meu nariz. Eu também não entendi porque ele fez isso, porque ele estava errado, que ele pegou o negócio sem pedir, quem tocou em mim foi ele, mas...

Speaker 1: Tá, e você comunicou isso pra quem?

Speaker 2: Desculpa, qual foi a pergunta?

Speaker 1: Pra quem você comunicou essa ocorrência?

Speaker 2: Eu fui pra enfermaria porque o meu nariz tava doendo e daí me deram um gelo, enfim, eu conversei com duas mulheres, uma era mais nova e outra era um pouco mais velha, elas foram super atenciosas comigo, falaram que tudo certo, que a justiça ia ser feita e que tudo vai dar certo. Eu estava nervosa, né, eu tava tremendo, tava chorando, enfim, porque eu nunca pensei que isso ia acontecer em um ambiente escolar.

Speaker 1: É

Speaker 2: E daí eu fiz uma queixa por escrito que elas pediram pra eu fazer, escrevi, relatei tudo que tinha acontecido e, a escola, daí veio a Dra. (diz o nome) e daí me falaram que ela falou com ele, que ele falou que não fez nada e que ela falou que acha muito estranho ele ter feito isso porque elas estão com ele há uns dois anos, eu fiquei (expressão de interrogação) - Então isso não está acontecendo? -Não... Só que a gente acha estranho, quero que você converse. Mas, até agora minha escola realmente não fez nada, elas só falaram pra ele não chegar perto de mim. Só isso. Eu pensei que ele ia...

Speaker 1: E ele obedeceu?

Speaker 2: Sim, pelo menos isso.

Speaker 1: E você tem ideia porque ele queria tirar o seu telefone?

Speaker 2: Todo mundo lá fez essa brincadeira comigo, de pegar meu telefone e sair correndo, já pedi quinhentas vezes pra parar... assim, se fossem meus amigos, porque às vezes no Brasil às vezes a gente faz essa brincadeira, sabe, tipo pega e sai correndo, só que são meus amigos, são meus amigos próximos que eu sei que não vão fazer nada, sabe

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: E eles sempre estão aqui pegando meu telefone, já pedi pra parar cinquenta mil vezes, porque eu odeio essas coisas. Eu tô aqui do nada, conversando com alguém, alguém vem e pega meu telefone

Speaker 1: Ah, entendi...

Speaker 2: Já pedi pra parar

Speaker 1: É uma brincadeira maios ou menos recorrente, né, acontece o tempo todo. Mas que bobagem! Agora, bom, eu não vou dar minha opinião, porque não estou aqui pra dar minha opinião, eu estou aqui pra ouvir a sua, né, mas eu teria algumas coisas pra falar prá você, mas vamos deixar pra lá.

Speaker 2: Pode falar...

Speaker 1: Não... eu acho que numa situação de ter uma agressão física, né, que te causou um trauma, um problema, você deveria ter avançado, ter reclamado com a diretora de turma...

Speaker 2: Então... é porque meu diretor de turma tá com Covid

Speaker 1: Ahhhh

Speaker 2: E daí minha mãe tem o número dele e ela conversou com ele. E ele falou, ele ficou chocado, falou que ia resolver isso quando voltasse pra escola, quando pudesse voltar, né, porque se ele está com Covid vai demorar e aí agora eu estou de férias, então só vai voltar no segundo período.

Speaker 1: É chato...

Speaker 2: Ele foi meu professor, mas eu não falei com ele, foi minha mãe que conversou com ele.

Speaker 1: É, porque isso não pode acontecer, né, ainda mais se tratando entre colegas, né, entre meninos, que dirá de um menino prá uma menina, né...

Speaker 2: Sim, claro

Speaker 1: Bater numa menina, caramba, não pode ser, né?

Speaker 2: Foi o que os meus pais falaram pra escola e a escola falou -Não, não importa se é um menino ou uma menina

Speaker 1: É, não importa... importa.

Speaker 2: Eu acho que importa porque a gente vive numa sociedade

Speaker 1: Importa porque talvez ele não batesse num menino... ele bate numa menina porque é mais fácil

Speaker 2: No mundo inteiro que mulheres são tão rebaixadas e isso só piora.

Speaker 1: Então podemos deixar avançar mais, né? Então é uma escola ok

Speaker 2: Ok.

Speaker 1: Você considera que os colegas, seus professores, funcionários da escola são pessoas em que você pode confiar?

Speaker 2: Eu não confiaria

Speaker 1: Nem nos professores, nem nos colegas, nem em ninguém?

Speaker 2: Em alguns professores.... não, nos colegas não, nenhum, mas tem uma, não sei o que ela é da escola, mas eu acho que ela trabalha com a diretoria que nela eu super confiaria, que ela é super fofa...

Speaker 1: Como é o nome dela?

Speaker 2: Vanessa, ela é super fofa, foi super fofa comigo quando aconteceu, né, foi na quarta-feira que isso aconteceu, acho, e ..., mas de resto eu teria que confiar, se alguma coisa acontecesse, só que eu não me sentiria bem em confiar.

Speaker 1: E do que tem sido a sua experiência na escola, você considera que a escola tem tudo o que você precisa para aprender ou está faltando alguma coisa?

Speaker 2: Pra aprender matéria, sim, eu acho um lugar bom pra aprender, pra estudar, eu gosto do, como é que eu posso dizer, do jeito que eles avaliam os alunos, tipo as coisas que vão compor a nota, essas coisas eu gosto que é muito parecido com minhas escolas antigas, então foi fácil de me adaptar, digamos.

Speaker 1: Como é que eles avaliam?

Speaker 2: Eles avaliam, tipo, contando um pouco de nota pra prova, um pouco de nota de comportamento, a nota do caderno, eu adoro, porque eu me esforço muito pra deixar meu caderno organizado. Rs..

Speaker 1: Isso tem que ter algum valor, né... Rs

Speaker 2: Desculpa, qual foi a pergunta? Eu esqueci que eu ia falar uma coisa e depois esqueci

Speaker 1: Se a escola tem tudo o que você necessita pra aprender ou se está faltando alguma coisa

Speaker 2: Pra aprender sim, só que eu acho que além de aprendizado tem que ter uma relação com os alunos, sabe, de colegas com colegas e que não fique uma pessoa excluída, essas coisas. Nem precisa ser amigo, melhor amigo de alguém, mas também deixar uma pessoa lá... eu acho chato.

Speaker 1: E você percebe que existem pessoas nessa situação de isolamento, assim?

Speaker 2: Percebo, sempre percebi e sempre tentei ajudar, nem sempre consegui porque é difícil, mas eu percebo sim.

Speaker 1: E quem são essas pessoas?

Speaker 2: De nome eu não sei, mas eu vejo algumas pessoas na escola assim que não são da minha turma, etc., mas eu fico excluída na minha sala, eu acho que eu comecei a perceber mais quando eu comecei a ser também, sabe? Porque no Brasil eu tinha um monte de amigos, eu percebia algumas situações dessas, só que eu não olhava também, sabe, não, quando percebia o que estava acontecendo, não percebia a gravidade, num percebia. Mas eu acho que agora eu tô percebendo mais, tô tentando ajudar, mas eu preciso de ajuda.

Speaker 1: Mas você também está sentindo precisar dessa ajuda, né

Speaker 2: Eu acho que falta bastante incen...incentivação? Essa palavra existe?

Speaker 1: Incentivo

Speaker 2: Isso, incentivo, desculpe. Eu acho que está precisando mais esse incentivo nas escolas, mesmo, prá relação dos colegas, não importa, imigrantes ou portugueses, não importa, acho que falta bastante isso.

Speaker 1: Essas pessoas que você percebe que ficam isoladas, na sala, são imigrantes ou são portugueses também...

Speaker 2: Não, são portugueses

Speaker 1: E você imagina uma razão para que eles tenham sido isolados pelo restante da turma?

Speaker 2: Não ... não imagino, eu acho que eles só não, não sei, se não se encontraram ou se tentaram a relação com pessoas e não deu certo, não sei.

Speaker 1: É, às vezes, também tem um pouco da característica pessoal de cada um, né, tem pessoas que são mais, né

Speaker 2: Tem isso também... fechadas às vezes

Speaker 1: Mas, de qualquer modo, num grupo que se vê todo dia, que está ali todo dia convivendo, né, que tem uma convivência intensa, eu acho que também não justifica, né, ter pessoas isoladas, né

Speaker 2: Claro

Speaker 1: Por mais que existam características pessoais diferentes...penso eu, aqui, já dando a minha opinião Rs quando eu quero saber a sua Rs. Desculpa

Speaker 2: Relaxa, não tem problema. Mas, você poderia me citar alguns exemplos dos recursos que a escola tem e que está faltando?

Speaker 2: Eu acho que falta trabalhos, tipo, trabalhos para mandar pra casa, bem elaborado, sabe? Tipo, eu faço isso pra estudar, mas eu adoro fazer trabalho na escola que daí o professor corrige, essas coisas, trabalhos assim, que são divertidos de fazer e que ajudam o aprendizado, eu fazia isso no Brasil e super me ajudava... às vezes fazer uma aula prá tirar dúvidas é muito bom. Aliás, os professores fazem, só que nem todos, das matérias mais difíceis não e, o que tem que eu acho bom é um aprendizado normal, sabe, eu não acho que tem alguma coisa de diferente pra propor, mas a única coisa que eu acho que falta aqui, que eu gostaria que tivesse é isso mesmo, mais trabalhos.

Speaker 1: Trabalhos... tarefas de casa pra exercitar a disciplina, mas que fossem advertidas

Speaker 2: Hum hum, é

Speaker 1: Não pra exercitar, mas pra poder refletir sobre alguma coisa

Speaker 2: Eu quase não tive trabalhos de casa, quase não tive e eu tinha trabalhos de casa todo dia no Brasil, todo dia mandavam alguma coisa, todo dia eu tinha alguma coisa pra fazer da escola, aqui eu quase não tenho, eu acho que eu tive assim, cinco no máximo, em todos esses quatro meses... eu tenho... é quatro meses eu acho que eu cheguei na escola eu tive pelo menos uns cinco trabalhos de casa... e o trabalho de casa é uma coisa muito boa pra estudar, apesar de eu num gostar muito de fazer, eu acho que é muito bom.

Speaker 1: Tem resultado, ele resulta, né?

Speaker 2: Sim, resulta bastante.

Speaker 1: É, talvez a escola não faça isso porque a carga de vocês já é bastante grande, não é?

Speaker 2: Talvez também, talvez.

Speaker 1: Então eles tiram um pouquinho o pé do trabalho de casa pra não sobrecarregar porque a carga horária é alta, penso eu

Speaker 2: Claro

Speaker 1: Você acha que os professores desta escola são bons professores pra ensinar alunos que vêm de outro país?

Speaker 2: Eu acho que são bons professores pra todo mundo, eu só acho que alguns professores não, não, é difícil ensinar para alunos de outro país, eu acho que ... porque eu nunca estudei em outro país que não seja o Brasil ou Portugal, né, então eu tô falando em relação ao Brasil. Eu acho que é muito parecido, sabe, em questão de ensinar porque ensinar, é claro que eu entendo o que eles explicam e esse tipo de coisa. Só que eu sinto que alguns professores se distraem muito, tipo, eu levanto a mão, eles tiram a minha dúvida, daí antes de tirar a minha dúvida já pergunta prá outro e daí embola tudo e fica tudo uma confusão, mas são bons professores sim, são bons.

Speaker 1: E, na sua opinião, o que faz a diferença desses professores para os imigrantes? Porque aqui a minha questão é se eles são bons pra ensinar pessoas que vêm de fora, porque imagino que pessoas que vêm de fora têm necessidades mais específicas, né, então por que eles são bons? Você diz, eles são bons. Por que eles são bons, qual é a diferença que neles...

Speaker 2: Então, e professor, assim, no Brasil eu tinha uma relação, assim como todo mundo da escola tinha uma relação muito boa com os professores, de amizade, esse tipo de coisa, mas isso é uma coisa que eu não tenho aqui tanto como o aluno aqui tem com os professores, essa relação de amizade, digamos, então, mas em relação de ensinar e aprendizagem eu não vi muita diferença, tipo, durante a aula e não vi muita diferença então pra mim isso ... não vi muita diferença, então não sei o que falta, porque acho que não falta nada, em relação a isso.

Speaker 1: Ok. Tem alguns estudantes que falam a respeito da dificuldade de entender o português de Portugal

Speaker 2: Então

Speaker 1: Da velocidade que os professores falam, que isso atrapalha muitas vezes, que seria necessário que eles falassem mais devagar, você sente esse tipo de coisa ou

Speaker 2: É que quando eu cheguei aqui, nas primeiras uma, duas semanas, na primeira semana, pra mim era como se eles falassem grego. Rs

Speaker 1: Rs. Pois, pra mim também.

Speaker 2: Eu não estava entendendo nada e depois eu fui me acostumando. Tem um professor meu que ele fala realmente muito rápido e que u não consigo entender, às vezes o que ele fala, seria melhor se ele falasse devagar, só que quando eu não entendo eu levanto a mão e pergunto o que ele falou e peço para falar um pouco mais devagar, mas eu acredito que tenha gente que tenha um pouco de vergonha de fazer isso.

Speaker 1: Entendi. Então isso seria uma coisa, né.... Você acredita que as aulas normais, as aulas lá do cotidiano, estão te ajudando a superar as suas dificuldades?

Speaker 2: Dificuldades em relação a que?

Speaker 1: As disciplinas, eu deveria perguntar primeiro se você está tendo alguma dificuldade, não é

Speaker 2: Em relação à disciplina eu só tenho dificuldade em exatas, que é físico-química e matemática.

Speaker 1: E por que? Porque o currículo é bem diferente

Speaker 2: Não, eu sempre tive. Rs Todas as escolas sempre tive dificuldade com exatas, nunca fui uma aluna nota 10 em exatas, passei assim com 6, com 7 em exatas e me esforçando muito pra conseguir um seis, mas sempre tive essa dificuldade. E eu acho que são aulas normais, em exatas eu sempre tive que estudar muito mais em casa porque as aulas, às vezes eu conseguia

acompanhar, às vezes não, então estudava muito em casa e é o que eu estou fazendo, estudando bastante.

Speaker 1: E aí tem que estudar em casa bastante pra poder acompanhar, não é isso?

Speaker 2: Sim, mas é só porque eu tenho dificuldade com exatas, mesmo, porque se eu não tivesse, estaria normal, que nem nas outras matérias que prá mim que está normal, só quando eu sei que tem um teste eu vou e estudo.

Speaker 1: Tá, você tem frequentado aulas extras oferecidas fora do horário regular ou dentro do horário regular pra te apoiar nas dificuldades?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Aliás você refere isso como uma coisa que poderia ser bom, não é? Que poderia ter aulas pra tirar dúvidas e tal, você já disse isso.

Speaker 2: Sim, mas não aulas extras que eu quis dizer. Eu quis dizer dentro da aula mesmo, tipo, a professor pergunta e vamos supor, as vezes a aula acaba mais cedo, daí deixa prá tirar dúvidas dos alunos. Porque muitos alunos têm e realmente eu tenho um pouco, vergonha de tirar dúvidas na frente de todo o mundo. A professora vai na mesa, eu vou conversar com ela, falar uma coisa de que eu tenho dúvida, mas não aulas extras pra isso, durante a aula mesmo, porque muitas aulas acabam antes e a gente fica sem fazer nada. Eu sempre procuro ir na mesa do professor, mas eu não sei se o professor está fazendo alguma coisa importante, por isso que acabou a aula, mais cedo, eu nunca sei.

Speaker 1: Certo, então, eles têm oferecido apoio dentro da aula normal, é isso que você está dizendo? E você tem procurado, na medida do possível

Speaker 2: A gente tem muito furo, né, quando o professor falta, tipo, muito, muito e, às vezes, eu fico bem irritada com isso porque, por exemplo, sexta retrasada, foi quando fez uns 3, 4 graus

Speaker 1: Hum

Speaker 2: Muito frio, muito frio pra mim. Então, e estava chovendo, eu acordei 7:30 da manhã na chuva, levante da minha cama quentinha cheguei lá e tinha duas horas de furo porque o professor tinha faltado. E daí nessas horas eu vou até o professor substituto, porque nessas aulas substitutas, a escola disse, a direção da escola falou que os professores não podem dar aula da matéria, então eles sempre dão uma aula livre pra gente, pra gente agir no telefone, essas coisas. Nessas aulas eu sempre vou até o professor, pergunto aula do que é que ele dá, em que ano que ele dá e se ele dá pro sétimo dá pra uma matéria que eu tenho alguma coisa, por exemplo, eu sempre procuro pedir ajuda, por exemplo, essa semana, a gente tinha que fazer uma apresentação de inglês e eu queria ver se tinha erro no meu texto. E daí eu fui até a professora, perguntei aula do que ela dava e de que ano, ela falou que era aula de inglês pro sétimo ano, pro 7º A, eu apresentei meu texto, perguntei se ela podia corrigir, se tinha algum erro de gramática, essas coisas, e ela corrigiu, super me ajudou.

Speaker 1: Que massa! Ok. E, especificamente sobre o seu aprendizado do português, eu gostaria de saber se você participa

Speaker 2: Da disciplina, da matéria Português ou Português de Portugal?

Speaker 1: O português de Portugal, você tem uma disciplina que é Português, não é?

Speaker 2: Ah sim. Eu assim, eu consegui nota boa, não digo boa, nota acima da média de Português, entre todo os desafios e todas as atividades, só que eu tenho, estou com uma dificuldade aqui. Eu sempre fui bem em Português no Brasil, eu adorava português, cheguei aqui começou a ser meio difícil porque tem umas coisas que eu não aprendi e muda algumas coisas, eu acho que tem algumas coisas iguais, que tu chama de iguais, tipo, grupo de palavras, que eles chamam de um jeito e eu chamava de outro jeito Rs. E daí confunde tudo...Rs. E eu tô indo, tô estudando também e tô conseguindo.

Speaker 1: E você teve algum oferecimento de aula de português extra? Não. Tá. Fala um pouquinho mais das dificuldades que você está tendo com o aprendizado do português

Speaker 2: É porque tem algumas coisas... é que é muita coisa, gramática, é muita coisa e daí, e são coisas que eu não aprendi ainda que eu acho que se eu estivesse no Brasil eu ainda iria aprender, mas que eu ainda não aprendi. E daí a professora mandou alguns exercícios pra fazer, tipo, dá uma ficha e fala -Façam esses exercícios. Eu não consigo fazer.

Speaker 1: Porque você nunca viu, né.

Speaker 2: Nunca vi. E daí eu pego livro, eu tento pegar o livro como auxílio ou peço ajuda pra professora, esse tipo de coisa.

Speaker 1: O que poderia ser feito para que as aulas de Português lhe ajudassem de uma forma melhor?

Speaker 2: Opa, desculpe (a aluna estava comendo algo e eu entendi que ela não tinha ouvido)

Speaker 1: O que seria necessário fazer para que as aulas de português lhe ajudassem de uma forma melhor.

Speaker 2: Eu ouvi sua pergunta.

Speaker 1: Revisão, revisão, talvez

Speaker 2: É que eu acho muito complicado, porque são coisas que eles já aprenderam e sabem isso muito bem. Então pra mim o que ajudaria era aprender tudo de novo, como se fosse uma coisa nova, porque pra mim é uma coisa nova, só que pra eles não é uma coisa nova

Speaker 1: Então seria um tipo de revisão de alguns tópicos

Speaker 2: Uma revisão de tudo. É porque pra eles o que interessa é tudo muito na ponta da língua, sabe isso pá, pá ... (gesto que significa a rapidez com que o aluno tem que responder). Pra mim não. Em português não, mas eu estou conseguindo.

Speaker 1: Servida a um cafezinho?

Speaker 2: Eu estava com o meu aqui. Rs. Agora acabou

Speaker 1: Agora vou te mostrar uma foto fofa...bem fofa.... Que coisa, eu gostaria tanto de ter feito isso com as fotos, mas não deu certo.

Speaker 2: Que bonitinho

Speaker 1: Ai caramba, ai ... aqui o que precisa para aprender melhor, o que está faltando.... É um outro tópico e nesse tópico a primeira pergunta é se foi difícil pra você, se foi fácil, na verdade, chegar na escola e fazer novas amizades.

Speaker 2: Não fiz amizades até agora...

Speaker 1: É?

Speaker 2: As únicas amizades que eu tenho são as meninas do Brasil que... até mesmo na escola.... Já tentei fazer umas amigas, não consegui. Eu tinha uma menina que eu andava, só que não era minha amiga, sabe? A gente mal conversava direito, mas eu comia com ela no almoço, só isso, mas eu não consideraria minha amiga porque a gente não conversava, e quando tudo isso aconteceu, do soco e, todo mundo tava me chamando de mentirosa, ela não me ajudou. Então, seria pra mim menos amiga possível...Rs. Eu sei que os amigos que eu tenho agora são os meus amigos do Brasil e quando eu tenho oportunidade, na escola, nos recreios, eu ligo pra eles, eu fico conversando com eles..., assim eu me sinto...

Speaker 1: Quem são eles?

Speaker 2: Eu tenho vários amigos Rs. A minha melhor, melhor, melhor amiga é Maria Isabel, o nome dela, tô sempre conversando com ela, todo dia eu converso com ela, todo dia não é modo de dizer, é todo dia mesmo

Speaker 1: Ela é da escola?

Speaker 2: Ela é lá do Brasil, de São Paulo.

Speaker 1: Hum

Speaker 2: Converso todo dia com ela e daí eu tenho outras amigas, assim, que eu não converso todo dia porque eu não consigo conversar todo dia. O negócio do fuso horário também

Speaker 1: Atrapalha bastante

Speaker 2: É pouco, porque, por exemplo, eu acordo.... Quando eu acordo eu sempre deixo um tempinho livre pra eu fazer o que eu quiser, sabe, o mais cedo que eu acordo, eu sempre deixo uns 10 minutos livre e é o tempo que eu falaria com eles, só que daí eu tô acordando e eles, assim, tão dormindo

Speaker 1: Tão na madrugada

Speaker 2: Tão na madrugada e daí às vezes são umas 3 da manhã, lá são meia-noite, eles estão aproveitando eu falo -Gente, não posso falar agora não, são três da manhã, tô indo dormir Rs

Speaker 1: Rs. Acontece comigo também. Me diz uma coisa, você disse que não foi fácil chegar na escola e fazer novas amizades, né, que você não fez novas amizades, que você acaba que conversando com seus amigos pelo telefone e que isso está substituindo um pouco essas relações de amizade que você não está conseguindo fazer aqui, é isso?

Speaker 1: Me deixa... eu me sinto menos sozinha conversando com eles no recreio e esse tipo de coisa.

Speaker 1: Então me diga.... Quais foram as dificuldades que você sentiu nessa questão de fazer amigos

Speaker 2: É que eu acho que aqui eles têm um grupo de amigos e não querem mudar, sabe? Não querem acrescentar nada, não querem tirar nada e tá bom pra eles então tudo bem, tipo, tá bom pra mim, então os outros, sabe, que se virem. E acho que é isso. Eu não me sinto acolhida com os colegas e não vou forçar porque eu sei que eles não querem nada novo, que tá bom pra eles assim e que eu sei que se eles quisessem alguma coisa nova, se eles estivessem dispostos a tentar, eles teriam ido, mas já tentei, não consegui, então não vou forçar muito porque...

Speaker 1: Talvez ainda seja um pouco cedo, não é? É pouco tempo, eles têm uma convivência às vezes de longa data, pessoas que já estão na escola há muitos anos, não é?

Speaker 2: Claro, só que pra mim isso é também muito complicado porque todo mundo fala que foi uma super sorte porque eu fui de Curitiba pra São Paulo, em São Paulo, na minha primeira semana de aula já fiz quinhentos amigos que levo até agora, não são amigos, tipo (gesto de quem escreve no celular) conversei um pouquinho e dei tchau... eu converso até agora e estou conversando todo dia

Speaker 1: Ah Paulistano é gente boíssima, você sabe ... Rs

Speaker 2: Muito.... Eu sai de Curitiba, assim, -Nossa! Porque Curitiba realmente são pessoas muito fechadas, apesar dos meus amigos não serem fechados, só que o Curitiba em si, se eu for generalizar mesmo, são pessoas muito fechadas. Então quando eu cheguei em São Paulo (gesto de espanto) e eu fiz amigos muito rápido, por isso que foi estranho pra mim.

Speaker 1: Eu acho que essa coisa muito diferente, né, De São Paulo, dessa abertura, desse monte de gente, né, que todas as pessoas conversam com todo mundo...

Speaker 2: É muito diferente

Speaker 1: Pra gente é impossível você se manter no seu grupinho, né, porque sempre é aquele mundo de pessoas...

Speaker 1: Eu, em São Paulo, eu fiz o 6º e o 7º ano lá, né, agora que não terminei, ia fazer o 7º, porque eu vim pra cá e os horários, os calendários não batem, né? Lá as aulas começam em janeiro e aqui começam em setembro. E daí dois anos que eu fiquei lá eu fiz amigos tanto que o meu ano inteiro, A, B e C, tanto com pessoas de outros anos. Eu tenho duas melhores amigas Uma delas tem 16 anos, ela está no 1º ou 2º do Médio e assim é minha melhor amiga. É uma coisa que eu não vejo acontecer muito aqui.

Speaker 1: Pois, mas com o tempo eu acho que as coisas vão mudar.

Speaker 2: Espero que sim...

Speaker 1: O que pensam os colegas sobre você, ser uma brasileira, eles sentem alguma diferença por você ser de outro país?

Speaker 2: Não sei se alguma diferença. É porque eles ouvem muita música brasileira, novela, essas coisas, tipo, e desde pequenininhos porque tem alguns desenhos que não têm dublagem portuguesa, né, em português de Portugal e daí tem no português do Brasil, então eles estão super acostumados com o português do Brasil. E me irrita às vezes que eles falam que eu falo brasileiro...Rs. Eu deixo passar às vezes, mas que eu já cansei de falar -Eu falo português do Brasil, não brasileiro, mas enfim...

Speaker 1: Eu falo português também, dá pra fazer um esforço de compreender o meu português?

Speaker 2: E daí eles -Não, português é só de Portugal. Eu falo ahhh tá bom, então deixa.

Speaker 1: Ahhh tá bom. Então tá, depois...

Speaker 2: E daí eu acho que eles não vêm muitas diferenças somente como 'a brasileira', sabe?

Speaker 1: Não, né?

Speaker 2: Não acho que eles vêm muita diferença por eu ser brasileira, mas eu vejo diferença por eles serem portugueses Rs.

Speaker 1: Rs. Na escola, quais as nacionalidades de pessoas com quem você mais conversa ou se relaciona? As brasileiras?

Speaker 2: Eu não converso com ninguém, mas todos que eu conversei foram portugueses. Tem um brasileiro na minha sala, só que ele é de Minas, eu acho

Speaker 1: O (digo o nome do aluno)

Speaker 2: Isso...Você conversou com ele?

Speaker 1: Conversei ontem, anteontem

Speaker 2: Ele é super gente boa, uma vez, esses dias... ele tem um amigo português e ele anda com esse amigo, (diz o nome), eu acho e ele estava conversando com esse amigo sobre um bicho, eu nem lembro do bicho que existe no Brasil, é um nome muito estranho, e daí

Speaker 1: Ele é apaixonado por natureza, ele é apaixonado por natureza

Speaker 2: É e o amigo falava - Não, esse negócio não existe. Daí ele me chamou -Não que existe um bicho tal que eu falo? Eu falei -Existe, não existe aqui? -Não, não existe aqui, aqui não existe. Essas coisas, sabe? Mas eu não ando muito com ele, não converso muito com ele, mas é.... ele tem um amigo.

Speaker 1: Você gosta dos professores e dos funcionários em geral?

Speaker 2: Eu gosto... é só porque eu falei um pouco isso, minha mãe falou, eu acho, com mães que tinham filhos que eram do Brasil e vieram pra cá, que a relação com os professores mudou. Porque eu já falei, não é, porque no Brasil eu era mais ou menos amiga dos meus professores, claro que tinha coisas da aula, que eles falavam, né, façam aquilo, façam isso e pronto. Só que tinha aquele negócio da amizade, sabe? Dar risada, essas coisas, e aqui eu não vejo ...muito..., mas eu já vim preparada com isso porque eu já vi que acontecia e, eu estou falando da escola que eu estudei, claro que outras escolas ...

Speaker 1: Você veio de uma escola particular em São Paulo?

Speaker 2: Sim. Em São Paulo e em Curitiba, escola particular.

Speaker 1: De uma forma geral, você considera que quando os professores estão ensinando, eles demonstram alguma preocupação de que aos alunos da turma aprendam a respeito da sua cultura?

Speaker 2: Como assim?

Speaker 1: Tipo assim, -Essa palavra aqui, no Brasil é diferente, não é? Ou no Brasil a história foi um pouco diferente, no Brasil aconteceu que a história foi dessa maneira, em Portugal foi de outra...

Speaker 2: Entendi.

Speaker 1: Entendeu? Essa coisa de tentar fazer aproximações da sua cultura, a cultura brasileira, com aquilo que você está aprendendo, assim como a cultura de um indiano ou a cultura de um cabo-verdiano, entendeu, pra poder tentar estabelecer ali uma relação mais próxima, algo assim.

Speaker 2: Não vi... Eu tenho alguns professores que tentam, minha professora de geografia, eu gosto muito dela... ela tenta, ela me fala muito do Brasil, que já foi pro Brasil, quando eu acabei o meu exercício, os outros não acabaram, ela vem conversar comigo, essas coisas. Só que, por exemplo, minha professora de português, uma vez a gente teve que escrever uma redação que tivesse alguma coisa a ver com borboleta e eu sei que existem muitas palavras diferentes e, eu escrevi borboletário, né, porque borboleta-borboletário ia escrever, e daí eu perguntei pra uma menina que estava sentada -Aqui a palavra borboletário, que tem borboleta dentro, existe aqui em Portugal? Ela ficou... -Não sei. Daí eu levantei a mão, perguntei pra professora se existia a palavra borboletário e a professora falou -Não, isso não existe, essa palavra não existe, está errada.

Speaker 1: Oxe!

Speaker 2: Então tá bom, mas daí a professora, tipo, tem uma professora que às vezes ela vem, que ela não dá aula, mas fica ali, sabe, acho que vendo o que os alunos estão fazendo, uma coisa que o professor não consegue tomar conta de todo mundo, né, e daí vem uma outra professora pra ajudar. E daí ela falou pra professora. Não no Brasil a gente usa mesmo borboletário, o lugar que tem várias borboletas... e daí ela falou -É, mas não escreva isso porque tá errado.

Speaker 1: Oxe!

Speaker 2: Tá bom, então eu não escrevo.

Speaker 1: Mas não existe borboletário? Borboletário é uma palavra

Speaker 2: Mas ela falou que aqui não existe e que era pra eu não escrever e eu falei -É, não vou escrever então, né, porque eu quero ir bem na minha redação Rs

Speaker 1: Tá bom, muda a palavra... (Pesquisando a palavra no dicionário) Borboletário, definição do significado no dicionário da língua portuguesa, como não existe? Claro que existe.

Speaker 2: Eu não sei... sei que aconteceu.

Speaker 1: Leva o dicionário pra ela...Rs. Bom, Você sente que faz parte da escola?

Speaker 2: Não.... Eu ainda me sinto na minha escola antiga, eu ainda vou ... entro porque eles estão sempre online, às vezes eu entro nas apresentações que eles fazem pra ver como eles estão indo..., mas como convidada, claro, os professores deixam e tudo, eles autorizam... e me sinto um pouco na minha escola, mas eu acho que com o tempo eu vou me sentir mais aqui...

Speaker 1: Me dê um exemplo do que a faz sentir que não pertence à escola

Speaker 2: Não ter amigos Rs... Eu sempre fui uma pessoa com amizades, sempre alguém ...mesmo que assim, meus melhores amigos faltassem na escola, eu ia ter alguém pra ficar, sabe? Eu ia ficar com alguém, ia me divertir com alguém, ia conseguir me divertir, não importa com quem da minha sala que seja.

Speaker 1: Porque passa a vida toda na escola, né, devia ser mais divertido, a ideia era essa né? Mas é preciso também se abrir um pouquinho e ...

Speaker 2: Claro

Speaker 1: Né, mas isso acredito que... os paulistanos são também muito críticos, né?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Porque, sei lá, a gente tem O que é que eu tô compartilhando aqui, meu Deus, não era isso

Speaker 2: Rs

Speaker 1: No geral os paulistanos são bem críticos, eu acho. Bom a gente vai mudar de tópico e eu ia te mostrar uma outra fotinho, até que é bonitinho...

Speaker 2: Posso ir ali pegar um pouco de água?

Speaker 1: Claro!

Speaker 2: Fiquei com sede

Speaker 1: Enquanto eu acho a foto... pode...

Speaker 2: Eu acordei há pouco tempo e eu fico sempre com sede quando acordo, eu esqueci de tomar água.

Speaker 1: Ficou com sede? É, não acordei muito... ó que bonitinho, agora o tópico é sobre participação.

Speaker 2: Aqui tá travado numa... será que você pausou o compartilhamento?

Speaker 1: Stop share... you are sharing tá escrito

Speaker 2: Tá travado numa página do WhatsApp web

Speaker 1: Ah... maldição.... Na página do WhatsApp web?

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Stop este sharing

Speaker 2: Agora você tirou

Speaker 1: Agora esse aqui, yes. Nada demais é apenas um, uma ... porque o tópico é sobre participação. Bom, vamos lá falar sobre participação. Agora a gente vai pensar em todos os alunos, não só apenas no aluno imigrante. Você considera que aqui na escola existem oportunidades para que as crianças discutam e reflitam sobre questões do mundo?

Speaker 2: Da Europa sim, do mundo não. Rs

Speaker 1: Rs

Speaker 2: Todos os trabalhos que eu tive foram só relacionados à Europa. Teve um trabalho que eu achei super legal que a gente ia fazer dentro da escola mesmo, até porque, desculpe, eu falo muito antes, a gente ... toda sexta-feira é um dia muito longo e a última aula é uma aula de português. E daí a professora sempre procura fazer uma coisa mais leve, sabe, e ela falou -Na próxima aula tragam caderno, que não seja de português, que a gente vai fazer um trabalho sobre países, sobre o mundo e escrever coisas sobre o país, sabe, escrever assim, essas coisas básicas pra você conhecer um país, capital, esse tipo de coisa. E daí eu falei pra professora -Vai ser do mundo todo? E ela disse -Vai, -Então eu posso ficar com o Brasil? E daí ela falou -Pode. Tipo, pode...E aí chegou na outra aula a professora só colocou países europeus e eu fiquei.... Não ia ser do mundo todo? Ela falou - Não, é só europeu.

Speaker 1: Oxe, jura?

Speaker 2: Os trabalhos assim, foram só da Europa... eu tive um trabalho, nesta última semana de aula, que podia... era em inglês... a gente tinha que escolher uma cidade..., peraí ...acho que cidade com origem da língua inglesa, pelo que eu entendi, mas só, sabe, Europa, porque senão eu ia ter que pesquisar, né, a não ser Londres, eu ia ter que pesquisar, essas coisas, ela falou - Não, pode ser do mundo inteiro. Eu falei -Ah que bom! E aí eu peguei umas cidades lá da América que eu já sabia e escrevi. Rs...

Speaker 1: E, então, digamos assim, que questões foram trazidas pra serem refletidas, por exemplo

Speaker 2: Como assim, em relação a que

Speaker 1: Ao mundo

Speaker 2: Ao mundo? Mas você diz de matéria, de história...

Speaker 1: Não, você pode ter em várias matérias oportunidade de discutir questões sobre o mundo, não é, tipo na aula de português eu leio um texto sobre a questão ambiental e aí eu discuto a questão ambiental ... enfim, tem uma discussão ali sobre um problema que tá atingindo mundialmente as pessoas ... ou sobre a participação da garota que é ambientalista, que defende os interesses dos mais novos na questão ambiental, enfim, sobre poluição, essas coisas, sobre globalização econômica.

Speaker 2: A gente fala um pouco isso na nossa aula de Cidadania, porque..., mas aí a gente fala pouco. Porque a aula de Cidadania é uma com o diretor de turma que ele procura organizar as faltas, e aí todo mundo que tem uma falta pra justificar leva a caderneta assinada pelos pais, escrito porque faltou naquela aula e dá pro professor e ele coloca lá no computador se a falta, sabe, porque foi justificada, e isso leva bastante tempo da aula. Então ao final da aula a gente procura discutir sobre esse tipo de situação, na última aula... é porque o professor já vem faltando, né, porque ele estava com Covid ...então na última aula que a gente teve com ele sobre isso, foi o problema, claro, que tem sobre o mundo que é... que são mulheres no... que mulheres têm menos ... como é que eu posso dizer, oportunidades de emprego

Speaker 1: Oportunidades de trabalho

Speaker 2: Por ser mulher.

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: E a gente viu isso, só que não sei se adiantou muito porque o professor falou que também tem muito mais homens do que mulheres em universidades, porque as mulheres não têm oportunidade, esse tipo de coisa, o professor falou isso e daí o menino falou - Ah então vão estudar, já que ficam sem fazer nada em casa, lavando roupa, assim, não sei se está adiantando muito esse tipo de aula... eu gosto, assim, de ver sobre este tipo de situação, sobre problemas sociais do mundo, eu gosto, só que a gente não tem muito.

Speaker 1: Ok. E sobre o mundo a escola? Vocês discutem?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Certo. Nessa escola, alunos participam de formulação de regras, direitos e deveres?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: E como, no seu modo de ver, deveria se dar esse tipo de participação?

Speaker 2: Ah... explicar... eu acho que todos podiam ...

Speaker 1: É a Ana?

Speaker 2: Minha mãe acabou de chegar

Speaker 3: Oi

Speaker 1: Oi

Speaker 3: Eu vou sair fora

Speaker 2: Tá bom, obrigada. Não sei como ajudar. Eu acho que todo mundo participar nesse tipo de coisa é uma coisa importante, sabe, todo mundo entender, querer mudar, discutir sobre as regras, eu acho que é uma coisa importante, não só, tipo, essa regra, essa, essa e essa e cumpram, sabe? E eu acho que não funciona muito também quando é assim.

Speaker 1: Você acha que funcionaria melhor se os alunos participassem da discussão ou ... da formulação da regra.

Speaker 2: Sim.

Speaker. Bom, nessa escola os alunos participam da decisão de como a aula é organizada, o que vai ser estudado, tarefas...

Speaker 2: Não, nem um pouco. As tarefas, algumas vezes os professores passam deveres de casa, os alunos reclamam como se fosse a pior coisa do mundo e daí o professor cansa e fala - Ah tá bom, não levem trabalho de casa, deixa que a gente faz em aula mesmo

Speaker 1: Ahh

Speaker 2: Então, não.

Speaker 1: E nem como será a avaliação? Olha, como a gente vai avaliar?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Auto avaliação...

Speaker 2: Os professores é que decidem e só falam, vai ser assim, assim, assado.

Speaker 1: No seu modo de ver, quais seriam as questões referentes ao mundo da escola que os alunos deveriam discutir e participar?

Speaker 2: Questões sociais? Problemas que tem no mundo inteiro?

Speaker 1: Não, ao mundo da escola

Speaker 2: Ah

Speaker 1: A escola

Speaker 2: Eu acho que o bullying tinha que ser uma coisa mais discutida, que as pessoas tinham que entender o que causa numa pessoa isso, que não é só ser zoada ou coisa do tipo, claro que ser zoada faz parte do bullying, só que não é isso. Acho que todo mundo tinha que entender o que isso causa na mente de uma pessoa, no psicológico da pessoa, acho que isso é o principal, porque pra uma escola eu acho isso muito importante.

Speaker 1: Muito bom. Você acredita que um aluno imigrante, nessa escola, ele pode ter as mesmas oportunidades que um aluno português pra obter bons resultados?

Speaker 2: Bons resultados em relação a nota...

Speaker 1: Ao trabalho... assim, sim, em relação à nota, ou no aprendizado como resultado do aprendizado ... Ele pode aprender da mesma forma que aprendem um português nativo?

Speaker 1: Difícil essa pergunta. Eu acho que sim pra algumas pessoas e não... porque é realmente muito complicado para algumas pessoas toda essa mudança, assim como pra outras não é tão complicado. E às vezes eu acho que os professores acham que só muda a língua, tipo português. Não é só isso, tem todo o processo de adaptação, então eu acho que esta escola não liga muito pra isso e acha que a única coisa que muda é a língua e que vai aprender, sabe?

Speaker 1: Certo. É verdade.

Speaker 2: Então eu acho que pra algumas pessoas sim, pra algumas pessoas não.

Speaker 1: Ai. ai.... Você considera que nesta escola os imigrantes têm as mesmas oportunidades de participar de atividades do que qualquer outro aluno?

Speaker 2: Que tipo de atividades, porque a gente não tem muitas atividades Rs

Speaker 1: Não tem muitas atividades, não é?

Speaker 2: Eu acho que é por causa do Covid, eu espero que seja, porque a gente não tem tido muitas atividades, de escolha e essas coisas, tipo, tem que escolher um aluno, essas coisas...

Speaker 1: E as aulas são expositivas, né?

Speaker 2: São como?

Speaker 1: As aulas são expositivas então não tem atividades nas aulas.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Bom... a gente acabou e agora eu queria só pedir para você.... Foi excelente! Adorei a sua entrevista...

Speaker 2: Que bom

Speaker 1: Vai contribuir bastante pro meu estudo e eu queria que você me dissesse, que você pensasse em numa palavra ou numa frase sobre tudo que nós falamos aqui e me dissesse... uma frase, uma palavra

Speaker 2: Como assim? Uma palavra pra descrever o que, pra explicar o que...

Speaker 1: O que foi a nossa entrevista

Speaker 2: Eu acho que foi interessante, aberta, pra explicar coisas que precisam de ser relatadas e, algumas coisas que precisam mudar pra todo mundo se sentir bem, em casa, essas coisas.

Speaker 1: E eu preciso te dizer que depois de concluir a análise dos dados que eu estou recolhendo nas entrevistas, eu vou apresentar os resultados da pesquisa pra os participantes, então vou marcar uma reunião lá na escola e aí eu queria que você estivesse lá, tá? Você, sua mãe, seu pai, tá?

Speaker 2: Ok

Speaker 1: Porque de nada valeria eu fazer um estudo sem mostrar o resultado

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Pra própria escola e pra todos vocês que colaboraram comigo, né, no que deu isso....
Então é isso, querida, muito obrigada

Speaker 2: Imagina!

Speaker 1: Eu espero que você aos poucos vá se enturmando melhor, né, e você também faça um esforço pra enturmar, porque isso também depende um pouco de você, entendeu?

Speaker 2: Sim, claro

Speaker 1: Senão, digamos assim, a única prejudicada vai ser você mesma Rs. E que as pessoas são diferentes mesmo e que a gente não vai encontrar sempre pessoas iguais àquelas que a gente

...

Speaker 2: Claro

Speaker 1: E precisa também entender essas diferenças, mas eu espero que você se dê bem e que essa fase aí de não fazer amigos passe rapidinho, que eu acho que isso é muito importante.

Speaker 2: Hum Hum

Speaker 1: Tá bom então... mais uma vez muito obrigada, vou te mandar um formulário, certo?

Speaker 2: Ok

Speaker 1: Aí você me assina e me devolve aí do jeito que for

Speaker 2: Claro, tá bom

Speaker 1: Tá bom? Beijão, obrigada, obrigada, obrigada.

E19 - 19/12/2020 - Aluna (Brasileira)

Speaker 1 (Pai da aluna): Olá Fatima, não te ouço, o seu telefone tá mutado...

Speaker 2: (Fatima): Está, beleza...

Speaker 1: Tudo bem?

Speaker 3 (Aluna): Oi...

Speaker 2: Olá, tudo bom?

Speaker 1: Essa é a Maria de Fatima que está fazendo a pesquisa, que papai te falou

Speaker 3: Ok

Speaker 1: E aí eu vou estar presente aqui, mas no meu canto aqui, aí eu deixo vocês duas para participar da entrevista, tá bom?

Speaker 2: Tá bom, muito obrigada

Speaker 1: Deixo vocês duas aí, boa sorte!

Speaker 2: Obrigada... E aí, tudo bom?

Speaker 3: Tudo bem, graças a Deus, to aqui...

Speaker 1: Fala aí pra mim... quanto tempo você está em Portugal?

Speaker 3: Acho que uns.... deixa eu ver ...eu cheguei em setembro... uns três meses.

Speaker 2: Tá recém-chegada, não é?

Speaker 2: Eu entrevistei a (Digo o nome da aluna e pergunto se a conhece)

Speaker 3: Conheço.

Speaker 2: Hum hum

Speaker 3: A gente conversou um pouquinho

Speaker 2: Então tá bom.... Conversei com ela lá pelo meio dia, assim... meio dia. E é isso, bora! Eu preciso dizer pra você, que essa pesquisa ela faz parte de um curso que eu faço... na verdade é um curso de mestrado que eu faço na Faculdade de Ciências da Educação, na Universidade do Porto, né... E esta pesquisa tenta compreender os fatores que favorecem, inibem, a integração, a participação dos estudantes imigrantes nas escolas em Portugal. Tem um pouco a ver ... também tenta ver alguns aspectos das políticas que são voltadas para a integração de imigrantes, políticas do estado português, né,

Speaker 3: Isso

Speaker 2: Que são voltadas pra integração dos imigrantes na escola e tentar compreender também se estas políticas estão atendendo a necessidade dos estudantes ou não. Então, meu trabalho é esse, é tentar compreender que fatores estão beneficiando ou estão inibindo a participação e a integração do imigrante na escola.

Speaker 3: Ok.

Speaker 2: Então eu preciso eu agradeço muitíssimo você ter concordado em participar, né, e eu vou pedir a sua autorização pra gente gravar esse áudio, embora eu já esteja gravando, é sempre assim Rs

Speaker 3: Não, tudo bem tudo bem

Speaker 1: E pra além dessa sua autorização pra gravar eu preciso te explicar que, por questões da metodologia e da ética, né, essas gravações elas são utilizadas apenas para esse meu trabalho, elas não vão ser usadas pra outra finalidade e que os participantes não vão ser identificados, né

Speaker 3: Ok

Speaker 1: Porque jamais vou ligar uma fala a uma pessoa, tem aí um compromisso de confidencialidade da pesquisa. E também que a participação é voluntária, então você pode desistir de participar a qualquer momento. E também dizer que não tem resposta certa, nem errada, não é? É realmente aquilo que você pensa e você tiver alguma dúvida você vai me perguntando e eu vou lhe responder. Pra efeitos burocráticos eu tenho que ter um documento assinado por você dizendo que você me dá o seu conhecimento, que você tem conhecimento

das finalidades da pesquisa, dos objetivos e de tudo isso que acabei de explicar, mas que também está escrito num papel. O seu pai já assinou esse papel pra mim, acho que sim, e aí eu vou mandar um pra que você assine também, tá? Eu preciso de um assinado por você. Poderia ter pedido os dois de uma vez só, mas me passei, então vou dar esse trabalho novamente. Então podemos começar?

Speaker 3: Podemos...

Speaker 2: Então beleza. Então é assim, ó, nesse início de conversa eu gostaria que você pensasse no lugar de onde você veio, me dissesse aí o seu lugar de onde veio, de onde você veio, que estado você é lá do Brasil e tal e me falasse um pouco desse lugar.

Speaker 3: Ah eu sou de..., quer dizer, eu nasci em Nova Lima, que é em Minas Gerais, mas eu moro, morava, na verdade, em Belo Horizonte.

Speaker 2: Hum

Speaker 3: Eu morava num bairro meio, meio pobre, assim, mas era legal, é divertido conviver e eu convivía com acho que umas cinco pessoas, eu não sei te contar direito, eu vivia com minha avó, o meu tio e um refugiado lá da Venezuela, que ele é amigo do meu tio e aí ele morava com a gente. Mas ele pagava os negócios direitinho, então a gente vivia lá e a minha mãe também, eu esqueci de falar...

Speaker 2: Rs. Então vocês são dessa cidade de Minas Gerais, você nasceu lá.

Speaker 3: Eu nasci em Nova Lima, mas eu morava em Belo Horizonte.

Speaker 2: Entendi

Speaker 3: São duas cidades de Minas Gerais que ficam duas horas, praticamente

Speaker 2: Duas horas uma da outra, não é? Eu sou de São Paulo, então não conheço muito... meio de São Paulo, meio da Bahia e aí Minas Gerais não conheço muito, mas...

Quando você chegou a Portugal, quem veio com você?

Speaker 3: A minha mãe só...

Speaker 2: Só você e sua mãe, né

Speaker 3: É

Speaker 2: E... então, agora que eu já sei mais ou menos de onde você vem, gostaria de tentar perceber como era a sua vida lá no Brasil e agora como é a sua vida aqui em Portugal e aí pra isso eu queria que você me contasse de forma rápida, como era sua vida lá no Brasil, o que você fazia desde a hora que acordava, até a hora que ia dormir.

Speaker 3: Olha, é porque minha rotina mudou muito desde que meu pai e meu outro pai foram pra cá, então, é porque antes eu vivia em casas diferentes, com rotinas diferentes, na casa do meu pai era uma coisa diferente 'da casa da minha mãe, que também é a casa da minha vó, porque minha vó morava junto com a minha mãe, essas coisas. Só que aí desde que eles foram embora eu só fiquei na casa da minha avó. Então assim, na rotina normal, essa da quarentena, era mais ou menos assim, eu acordava e ia pra escola, depois eu voltava e ficava no trabalho onde minha mãe trabalhava, porque ela trabalhava numa creche. E tinha que ficar lá porque eu não podia ficar em casa sozinha. E aí, a partir de um tempo, ela começou a me deixar em casa sozinha, mas antes não. Aí eu ficava lá, dentro de uma salinha lá que é tipo uma secretaria e, depois acabava o turno, eu ia embora pra casa, fazia... tomava banho, na verdade, fazia o dever de casa lá na secretaria e depois eu ia dormir. Essa era minha rotina.

Speaker 1: Então você estudava no mesmo local onde sua mãe trabalhava, era isso?

Speaker 3: Não, não, eu ia pro meu colégio e aí voltava de van pro lugar onde minha mãe trabalhava

Speaker 2: Ah entendi. Que coisa hein, então não saiu da escola, não saía da escola nunca

Speaker 3: É não saía do ambiente escolar, né?

Speaker 2: Rs. Peraí, peraí, sempre me perco aqui com tanto de tela... E para além da escola, de que atividades você participava?

Speaker 3: Na maioria das vezes eu ficava desenhando, assim, ou mexer no celular é mais ou menos assim que eu fazia.

Speaker 2: Mas você não ia assim a algum diferente, não fazia um outro tipo de aula...

Speaker 3: Ah eu fazia aula particular de matemática, porque eu ainda tenho, né, mas tinha muita dificuldade.

Speaker 2: Então mais uma coisa escolar., né

Speaker 3: É

Speaker 2: Nada de esportes, não praticava nenhum esporte...

Speaker 3: Eu esporte quando tinha... eu praticava natação. Foi aí que eu aprendi nadar, eu fiquei ... quando que era, lá pra 2016, 2017 eu fazia natação, só que eu tive que porque não tava dando, eu fazia inglês também. Mas isso aí é muito antes, muito antes, lá pra 2015, 2016 por aí.

Speaker 2: Certo. Agora vamos tentar aterrissar aqui no Porto, não é? E chegar em Portugal e aí eu queria que você me dissesse o que acontece com você aqui agora. Como é que é um dia normal pra você aqui em Portugal.

Speaker 3: Tá... eu acordo, né, eu tomo café, meu pai geralmente faz café pra mim

Speaker 2: Hum

Speaker 3: Que ele gosta de fazer omelete, tal, aí eu vou me arrumar, troco de roupa lá e depois vou pra escola, depois da escola eu volto, tomo banho e aí eu fico mexendo no celular, depois vou dormir essa é minha rotina, mais ou menos, agora.

Speaker 2: E, você acha que sua rotina aqui na escola é mais pesada do que era lá ou é mais leve, como é?

Speaker 3: Olha, em questão de horário é bem mais pesada, porque eu fico o dia inteiro, que antes eu estudava de manhã, então é bem mais cansativo, mas em questão... o meu colégio leva muito para casa, era bem tenso de vez em quando, que eu ficava a tarde inteira fazendo para casa e às vezes não dava conta, era meio tenso, mas era todo dia para casa, todo dia, de todas matérias, às vezes o professor dava, sei lá, duas páginas inteiras de dever pra gente fazer e era bem cansativo. Aqui não, até que não dá.

Speaker 2: Mas em compensação, a carga de horário dentro da escola é maior, né?

Speaker 3: É. Sei lá umas sete horas dentro da escola... não... sei lá umas 7, 8 horas, não sei, eu estou exagerando aqui, mas é mais ou menos esse horário.

Speaker 2: Por isso que eu acho que eles aliviam um pouco no dever, né?

Speaker 3: Porque se fosse mais dever aí sim ia ser bem cansativo. Aí eu teria que fazer entre os intervalos de uma aula e outra, que a gente tem que sair da sala, né? Não é isso, então demais...

Speaker 2: E aqui, como é ... o que você faz além de ir pra escola, que lugares você vai com mais frequência?

Speaker 3: Olha, estranhamente eu estou indo pra praia, nem pra nadar, assim, porque é impossível, né...que é impossível nadar, a gente fica lá, geralmente meu pai, ou vai nós quatro, quer dizer, eu, meu pai, o padrasto e minha mãe. E a gente vai lá pra praia, bebe uma coisa, sei lá, e eu fico comendo lá. Ou eu ando de patins, que agora... eu esqueci de falar isso, eu ando de patins, né

Speaker 2: Que Legal!

Speaker 3: Eu ando na parte lisa da calçada da praia, é legal!

Speaker 2: Ah, é ótimo, né. E é tão bonita aquela vista do rio, né, maravilhoso

Speaker 3: Hum hum

Speaker 2: Também gosto de andar por ali. Então andas de patins, né? Muito bem.

Speaker 3: É...

Speaker 2: Escuta, nesses lugares que você vai, sem ser a escola, aqui em Portugal, como é que você é recebida?

Speaker 3: Como é que eu sou recebida? Olha, eu não notei nada de diferente, eu sou recebida como qualquer outra pessoa, assim...

Speaker 2: Hum hum

Speaker 3: É só meio diferente de vez em quando, que tem pessoas que falam de um jeito mais fechada aí não dá pra entender, aí fica aquela coisa, no começo, antes de eu ir pras aulas, meu pai me inscreveu num.... como é que chama, pai?

Speaker 1: Teatro musical

Speaker 3: Num teatro musical, pra eu tentar fazer umas aulas né, tipo teatro, música

Speaker 2: Nossa! Seria ótimo, né?

Speaker 3: Pra eu fazer, porque ele já tinha trabalhado lá pra ajudar nuns negócios lá e ia ser meio que um professor, aí eu fui tentar e aí bem no incincho, assim, quando eu tinha acabado de chegar, então eu não tinha entendido nada, aí todo mundo tinha que falar bem lento e aquela coisa e eu estava meio tímida, quer dizer, eu ainda sou meio tímida, né, eu estava bem mais tímida que eu não sabia como fazer, ué, não pé a mesma coisa ... não é tão diferente, mas sabe, você fica naquela expectativa que seja umas criança muito calada, ou sei lá, muito... sabe, meio clichê, meio estereótipo de europeu, tipo ah muito calado, muito desse tipo, mas não, quebrou bem minha expectativa até. Eu vivia todo estereótipo...

Speaker 2: Então você foi recebida, conseguiu fazer amigos?

Speaker 3: Consegui, até, por mais que seja difícil achar alguém... não é parecido comigo, mas sei lá, às vezes eu me sinto meio diferente. Eu acho que as pessoas são... meio infantil... parece meio infantil demais pra mim, entendeu, eu não sou tão infantil assim... o povo ainda quer brincar... ah vamos brincar de não sei o que, não sei o que e às vezes eu não estou a fim. Às vezes eu quero conversar, entendeu, às vezes eu quero conversar...saber as coisas da vida, desabafar e eu não consigo porque as pessoas são de outro tipo de, sabe, são outro tipo de personalidade, entendeu, aí eu tento me enturmar, mas às vezes é bem difícil.

Speaker 2: É, a gente é diferente mesmo, né, somos todos diferentes, na verdade, então temos que olhar também... esse olhar pro outro, que também é diferente, que também é diferente., né. Nós somos diferentes, mas eles também são diferentes e ver onde a gente pode se encontrar, né rs, mas eu concordo com você, é bastante difícil... assim, nessa atividade do teatro ... você ainda está lá, você está participando ou

Speaker 3: Não, não, eu não fui, eu não curti muito... é muita coisa assim pra mim, que é aula, num sei o que e aí tem que ... aí tá acontecendo também uns negócios assim lá no Brasil, meio que com meus amigos lá do Brasil, aí tem coisa aqui da família, tem a família lá no Brasil que eu sinto falta, tem coisa aqui em casa também e aí muita coisa...

Speaker 2: Tá bom e, assim, fora da escola você se relaciona com outras pessoas de outras nacionalidades ou não.

Speaker 3: Não. Acho que eu não vi uma criança da minha idade na rua assim eu não lembro de ter visto. Ou a pessoa parece muito mais velha, ou a pessoa parece muito mais nova. Então não dá pra saber, tipo, não, essa pessoa é da minha idade, vamos conversar ou sei lá.

Speaker 2: Ham ham. ...eu fiz umas imagens pra acompanhar nossa conversa, mas eu confesso que ficou difícil em alguns momentos fazer isso. Mas vamos usar mais uma imagem aqui. Bom, agora eu queria que você pensasse na escola de uma maneira geral, nas escolas em geral, pensasse assim na relação entre os alunos, na relação entre os professores e os alunos, nas aulas, como elas são dadas, nas instalações de uma escola e me respondesse: O que seria pra você uma escola boa, em termos ideais, o que você acha que é uma escola boa.

Speaker 3: Uma escola boa pra mim é uma escola que ouve os alunos e que tenta ser mais diferente das outras.

Speaker 2: Diferente em que sentido?

Speaker 3: Ah diferente assim, não ser aquela coisa toda padronizada, assim teste e depois vai passar matéria, matéria, matéria, sabe, sempre tentar inovar assim, algo do gênero, mais ou menos assim.

Speaker 2: Inovar na forma de dar aula?

Speaker 3: É talvez, sei lá, não sei, dar mais vídeos em vez de só ficar falando ou tentar fazer de uma forma dinâmica, tipo ... não brincadeira, mas sei lá, fazer de um jeito, usar imagens, eu não sei, não precisa ficar aquela coisa aí quadro ou sei lá

Speaker 2: Uma aula menos de, como se diz, que não seja tanto o professor apenas falando, não é? Uma aula menos tradicional.

Speaker 3: Eu tinha um professor lá no Brasil que ele era super gente boa. Ele até convidou a turma pro casamento dele. Ele era superaberto com a gente, sobre a vida dele, sabe, era como se a gente estivesse falando com um amigo, sabe, todo mundo tinha intimidade com ele, todo mundo gostava dele, todo mundo se abria assim, o comezinho da aula era só pra gente conversar e brincar e o resto ele dava, inclusive teve uma prova que a gente foi meio ruim, ele fez questão de se importar com cada um dos alunos pra ver se tinha aprendido. E isso achei muito... muito doido, né? Porque eu nunca tinha visto um professor assim que se dedicava tanto pra fazer os alunos aprenderem e gostarem das coisas

Speaker 2: E essa proximidade do professor, pra você, seria uma escola idealmente boa

Speaker 3: É os professores conversarem mais com o aluno, ao invés dessa coisa formal, assim, sei lá, bater um papo só, perguntar assim o que é que o povo gosta ou que é interessante pra eles, sabe? Todo mundo tinha intimidade com aquele professor, assim, ficava até mandando pergunta da escola no Instagram dele... aí ele até pediu pra parar. Também ele... como é que chama... ele convidou a gente pro casamento, ele passou o endereço, bonitinho, eu não pude ir porque eu fui viajar pra casa da minha bisavó e aí não deu, mas mandaram foto, assim, foi bem legal.

Speaker 2: E a relação entre os alunos, o que seria ideal pra você numa escola boa?

Speaker 3: Ah... que respeitem os outros, não seja aquela confusão, gritaria, aquele empurra-empurra... é bem cansativo de vez em quando.

Speaker 2: E em termos de instalação, das bibliotecas ... das instalações, das cantinas... como deveria ser?

Speaker 3: A biblioteca e a cantina é assim...boa, mas por causa da pandemia tá sendo meio difícil, inclusive a biblioteca. Você não pode ficar pegando os livros, você tem que agendar e, eu não sei como é que funciona direito o sistema da biblioteca e é meio confuso porque você tem que bater na porta pra bibliotecária ver, às vezes ela num tá lá e às vezes você não vê a bibliotecária ali, então, é uma confusão, às vezes num dá muita atenção pra você e é meio confuso, assim. Aí, por isso eu evito de ir pra lá, porque tem mais pandemia, mais esses negócios, aí eu prefiro evitar.

Speaker 2: Agora a gente está falando da escola ideal né, então como deveria ser uma biblioteca, por exemplo, idealmente, ou como deveria ser uma cantina ideal pra você, de uma escola boa?

Speaker 3: Não sei.... Uma biblioteca ideal e uma cantina ideal?

Speaker 2: É...

Speaker 3: Eu acho que seria uma biblioteca com vários tipos de livro, assim e que seja bem organizada, né, ou dividido por categorias, assim, mais específica, infantil...

Speaker 2: O que deveria ter nessa biblioteca?

Speaker 3: Vários tipos de estilos, seja até terror mesmo ou até sei lá, como é que chama aqui... é banda desenhada, eu mesmo gosto, adoro ler ou quadrinhos, revista em quadrinho, não sei qual é o nome assim, direito...

Speaker 2: E aí ... e outro tipo de instalação que você gostaria de ver numa escola

Speaker 3: Eu acho que deveria ter, sei lá, algum centro psicológico melhor porque bom é um monte de criança com histórias de famílias diferentes, ou ter só uma aula, ter um lugar pra essa criança se abrir, ou sei lá, coisas terapêuticas, eu não sei, sei que é melhor pra ela porque a escola não seria só a escola, seria um lugar pra ela desestressar porque às vezes em casa é mil vezes pior do que na escola, entendeu?

Speaker 2: Muito bom, muito bom. E agora, se a gente sair dessa escola ideal, né, e for pra essa escola real, que é a sua escola, você acha que esta escola é uma escola boa?

Speaker 3: Hummm...sim, em geral, ia te colocar que é uma escola bem mediana. Boa assim, nossa, boa... a escola é boa, não. Mas assim, não é a pior das coisas, assim.

Speaker 2: hum

Speaker 3? É meio termo porque a escola também é feita de alunos, né, e tem muito aluno problemático lá.

Speaker 2: É verdade?

Speaker 3: Mas em questão de professores não, os professores são até que bons assim, são profissionais, mas alunos não. Era por isso que eu estava falando desse centro psicológico, assim. Tem até uma psicóloga lá no colégio, mas só que os alunos se abrirem assim, é bem difícil, né. Sabe, as pessoas são muito agressivas, gritam demais, respondem o professor, têm uns três meninos na minha sala que eles ficam respondendo o professor, ficam fazendo piadinha sem graça, bem ruim, atrapalha toda a dinâmica da aula, se não fossem estas pessoas a escola seria bem melhor. É muita gente inconveniente, assim. Mas eu sei que tem esta parte do problema em casa, né, dá pra ver que eles querem chamar atenção, aí é meio difícil, né, as pessoas não se abrem...

Speaker 2: E em termos de materiais, de instalações, você acha que é ok?

Speaker 3: É ok, não faltou material, não faltou nada não, só acho que a escola deveria passar por uma reforma assim, porque tem uma parte lá do colégio que tá toda abandonada assim, tem uns pedaços de vidro quebrados assim... é meio estranho aquela parte, é uma parte mais isolada da escola, assim, que é só mato e meio abandonada porque ali a janela tá toda quebrada, muito estranho lá, tem uma parte no canto da escola que é bem isolada do resto. Tanto que tem pouca gente lá, por ali passando.

Speaker 2: E você considera que seus colegas, os professores, os funcionários dessa escola são pessoas nas quais você pode confiar?

Speaker 3: Ahh... até que sim, é, tem gente Parece legal, não é tão assim. Tem gente que não é tão legal assim, mas tem gente que parece.

Speaker 2: Acho que também você está a pouco tempo, não é? Não tem uma ideia mais formada, né, sobre isso ainda, não é?

Speaker 3: É.

Speaker 2: Do que tem sido a sua experiência na escola, você acha que essa escola tem tudo que você precisa pra aprender ou tá faltando alguma coisa?

Speaker 3: Hummm eu acho que está faltando mais incentivo da parte dos professores.

Speaker 2: Incentivo por parte dos professores?

Speaker 3: Eu acho que eles deveriam incentivar mais, essas coisas, a estudar, ou dar mais possibilidades, sei lá indicar algum vídeo, algum documentário ou dar um exemplo numa maquete ou dar mais trabalhos assim, não sei, explorar mais, ou pelo menos dar uma chance para explorar. Não adianta falar vá explorar ali, vai tentar olhar pra esses caminhos e ver se dá certo, Eles tinham pelo menos que dar um negócio que vai dar um pouquinho certo, né

Speaker 2: Tá, e você acha que isso devia ser feito de forma mais individualizada, digamos assim?

Speaker 3: É, porque cada aluno... tem aluno que explora mais outros lados e tem aluno que não, então é, tem aluno que vai se dedicar e tem uns que mais ou menos

Speaker 2: E você poderia me citar um exemplo do que tem na escola que é bom, facilita o seu aprendizado?

Speaker 3: O que é bom, que facilita o meu aprendizado?

Speaker 2: Hum hum

Speaker 3: Vichi... acho que a biblioteca e não sei, a sala de informática...só que a gente não pode ficar usando muito, por causa que né esse negócio do corona é, se não tivesse esse negócio do corona podia até ir mais lá.

Speaker 2: Na sala de informática?

Speaker 3: É ou na biblioteca...

Speaker 2: A sala de informática funciona bem, tem bastante aparelhos?

Speaker 3: Ahhh tem alguns que estão estragados, eu acho, não prestei muita atenção nessa parte, mas funciona, só às vezes é meio difícil de tá porque eles colocam tipo um plástico em cima do computador e eu não quais horários a sala de informática está aberta ou se ela pode estar aberta, porque toda segunda, no último horário a gente tem aula de TIC, eu não sei como é que chama, é tipo uma aula de informática...

Speaker 2: Hum hum

Speaker 3: Aí a gente aprende usar o Word, essas coisas, eu acho que se tivesse mais liberdade para usar os computadores em alguns horários, tipo minha antiga escola tinha isso, você podia usar, mas também esse negócio do corona, como eu disse, né, então é meio tenso...

Speaker 2: É muito bom, então um acesso maior às salas de informática, né

Speaker 3: É

Speaker 2: Você diria que está faltando, não é, que poderia lhe ajudar melhor...

Speaker 3: Tá faltando mais um acesso rápido, assim, ao conhecimento, né, que às vezes não dá, tem gente que não consegue acessar o computador em casa, aí a sala de informática é o único jeito que dá.

Speaker 2: Muito bom. E você considera que os professores desta escola são bons para ensinar alunos que vieram de outro país?

Speaker 3: Olha, tem alguns que têm mais cuidado comigo, por exemplo, tem outros que assim, né, então eu não existo. Eu sou um aluno completamente normal. É bom ser tratado assim como aluno normal, não quero este destaque todo, mas nossa! Ainda bem que está só nós aqui, né, mas a professora de físico-química eu não tinha o livro, né, inclusive eu reprovei numa prova dela porque eu não tinha matéria, não deu tempo, quando eu vi já era prova e eu fiz o que eu sabia, o que era bem pouco. Então foi bem tenso, né, era também meu primeiro contato com físico-química, mas aí eu falei pra ela que eu não tinha livro e que eu era nova, ela nem ligou, assim, nem fez questão de se importar. Inclusive a minha colega, ela falou que... ela também não tinha o livro, porque ... esqueci o nome... o negócio lá não tem ainda. Aí ela dava falta de material pra ela, porque ela não tinha o livro, mas não é descuido dela, de não trazer o livro, ou de não ter cuidado, ela só tinha, não tinha como ter, ela dava falta, aí depois a mãe dela foi reclamar com o diretor de turma dela lá e aí que ela parou de dar. Espero que ela não tenha dado pra mim, né, eu não vi, ela não conversou nada ou então ela nem parou pra dizer alguma coisa, diretamente comigo não.

Speaker 2: Mas, assim, então, isso foi uma experiência com um professor, né e, ruim, não é, eu diria que uma experiência ruim, mas no geral eles são bons pra dar aula pra quem vem de fora?

Speaker 3: Ah eu também acho que o professor que foi bem ruim de acostumar, agora eu tô mais acostumada com a língua, foi a professora de Português, ela tem uma voz muito ruim, voz de fumante, sabe, e ela também fede a cigarro, então a voz dela é muito ruim, não entendia quase nada... até hoje eu não entendo o que ela fala direito, e ainda tem a máscara, né,

Speaker 2: Ham ham

Speaker 3: Então é bem difícil. Sem contar que a sala... as pessoas aqui gritam muito, chega a um ponto que eu não consigo escutar o professor, é um problema também nos primeiros dias porque eu não conseguia focar no professor de tanta gente falando, assim, era bem difícil de ouvir.

Speaker 2: É... muitos colegas seus, muitos não, alguns com quem eu já conversei, referem que os professores falam de maneira muito acelerada e que deveriam ter um pouco mais ... falar um pouco mais pausadamente pra esses alunos que vêm de fora, porque é difícil de compreender a língua, embora falemos a mesma língua, mas tem uma diferença, tem um ritmo, né, tem um modo

Speaker 3: É um sotaque diferente...

Speaker 2: É, um modo de juntar, fazer as junções das palavras que é diferente do modo que a gente faz, você sente esta dificuldade?

Speaker 3: Sinto, de vez em quando. às vezes entender algumas palavras, às vezes o jeito que escreve é diferente também e eu também tenho problema com o gerúndio, que na hora, quando eu vou escrever eu falo escrevendo, essas coisas com 'endo' que aqui não usa muito, aí é meio difícil não usar ou o jeito de tratar porque não pode usar você, porque você é meio informal, e deveria usar tipo senhor, senhora ou tu e vós e isso não acostumei...sem contar que é umas palavras meio diferenciadas, né, tem rapariga, tem casa de banho, as palavras que eu usava no dia a dia que lá no Brasil é diferente, mas agora tem um conceito completamente diferente, tem que mudar na cabeça, tem que tomar cuidados, porque às vezes, sei lá, ir falar com a pessoa e diz completamente diferente...

Speaker 2: Você considera que os professores estão atentos a esse tipo de dificuldade sua com essas palavras novas, com esse vocabulário ou mesmo com as construções diferentes...

Speaker 3: Bom... eu acho que ... bem mais ou menos, assim, tem uns que perguntam se eu entendi direito as coisas ou tem outros que não, às vezes eu tenho que pescar as coisas, assim, na aula, porque eles não perguntam, às vezes o foco não é eu, entendeu, tá lá explicando e fala uma palavra diferente ou uma palavra normal eu tenho que ou tentar entender a partir do contexto, ou eu não entendo. Aí tem o problema que na prova de português, coisas de português em geral, é que eles usam um português formal daqui, o que é mil vezes mais difícil, e tem palavras e tem jeitos antigos e também usa muito texto de escritor antigo, ou seja, é bem mais diferente. E aí é muito difícil, tem palavras que eu não entendo, simplesmente não entendo. E vai lá e é a palavra chave para responder à questão, mas eu não sei, tipo, eu não sabia o que era poltrão, assim, é uma palavra que descrevia alguém medroso, alguém fraco, eu não sabia o que era isso, então acabei perdendo ponto na prova.

Speaker 2: Você perdeu ponto? E você tentou justificar que não conhecia a palavra, ou não?

Speaker 3: Não dá pra justificar isso. Pra falar, num sei o que, tem que ter um dicionário, tem que ter um dicionário ali perto pra saber. Não posso me explicar, não sei a palavra, e também se for perguntar cada palavra que tem na prova, não vou conseguir terminar.

Speaker 2: Ah, pois...Bom você acredita que as aulas normalmente, as aulas normais, como elas estão ocorrendo, elas estão te ajudando a superar as suas dificuldades?

Speaker 3: Ah é acho que depende do professor, tem professor que explica melhor que outros, mas eu também estou estudando em casa, né, pra reforçar um pouco, porque às vezes nem é porque, porque a matéria é difícil é bom pra fixar, mesmo. E eu nunca fui de estudar em casa, estudar, assim, em casa, eu sempre fui de ah vi aqui, guardei e na prova já sei. Agora não, porque tem coisas que são bem diferentes sim. Tem coisas que eu já sabia, tem coisas que não. Então eu tenho que revisar, porque eu penso que é a mesma coisa e não é, são bem diferentes.

Speaker 2: Lhe ofereceram alguma aula extra, fora do horário regular, para lhe apoiar nas suas dificuldades?

Speaker 3: Não, ninguém ofereceu, nem comentaram, existe?

Speaker 2: Existem algumas sim.

Speaker 3: É tipo uma monitoria?

Speaker 2: Sim, existe?

Speaker 3: Eu só tinha monitoria no meu colégio antigo, lá no Brasil, nem vejo ninguém comentar ah existe uma monitoria, não, ninguém falou.

Speaker 2: Vocês têm uma aula semanal que é uma aula de revisão de disciplina, não tem?

Speaker 3: Não.... ah não, tem sim, tem sim, agora lembrei é CAP. É que as últimas aulas de CAP estão sendo só de matemática.

Speaker 2: E você não tem frequentado

Speaker 3: Não... eu tenho frequentado sim. Eu não tenho dificuldade em matemática, mas eu não estou aprendendo, assim, muita coisa naquela aula não. É só mais um reforquinho, é um reforquinho bem de nada, pra ser sincera é só um reforquinho, não é nada de nossa! me ajudou muito.... Inclusive, quem dá a aula de CAP é o professor de matemática, então acho que era melhor ele mesmo dar ...a aula de CAP ser um reforço de matemática porque não faz sentido... como é que ele vai dar um reforço da aula de português que ele não domina, exatamente, a língua de português... é meio confuso

Speaker 2: Porque o CAP é pra todas as disciplinas, ne,

Speaker 3: É...., mas as únicas que eu vi era português e matemática. Não lembro de inglês, ou francês ou sei lá história...

Speaker 2: Mas é esse professor de matemática que dá o reforço, que a gente chama reforço, né, no Brasil de matemática e de português também? Ele dá os dois.

Speaker 3: Ele só dá essas duas, mas ele deu mais de matemática, até agora ele só deu mais de matemática.

Speaker 3: Tá bom. Sobre o seu aprendizado do português, eu gostaria de você participa de alguma aula especificamente voltada para aluno estrangeiro.

Speaker 3: Não, nenhuma.

Speaker 2: Só a aula CAP...

Speaker 3: É, só CAP é pra todo mundo, não é só para estrangeiro.

Speaker 2: A CAP é pra todos, né?

Speaker 3: É. Não tem uma coisa voltada só pra estrangeiro, assim, eu achei que tivesse, mas não.

Speaker 2: E você pode me falar sobre as dificuldades que você está tendo com o aprendizado do português?

Speaker 3: Ah, é porque... eu tô tendo dificuldade no ... falando assim, eu tô tendo dificuldade no tu e no vós, é algo bem difícil... eu não consigo falar ah tu és ou... eu tô tentando diminuir o gerúndio também, é algo bem difícil, essas palavras assim muito formais ou que são da época, sei lá... tinha pegado o texto do ladino e ladino significa alguém manhoso, entendeu? Não parece essas palavras que eu nunca vi ela na vida. Então, como é que eu ia saber que ladino é alguém manhoso...

Speaker 2: Ladino é malandro, né, no meu vocabulário aqui é ... pessoa ladina é uma pessoa malandra, né

Speaker 3: Pra mim não era isso. Ladino era só um nome, porque no texto ...eu não entendi nada do texto, não entendi nada, é pouca coisa, eu nem entendi que o texto falava de um pardal, pra mim é porque é muito diferente.

Speaker 2: É.... poxa...e assim, de conteúdo, o conteúdo é diferente, além da conjugação verbal, né, tem algum conteúdo que você nunca viu, que você está vendo agora' ou que você precisaria saber pra acompanhar esse tipo de coisa você está notando ou não?

Speaker 3: É porque tá passando muita coisa que eu não que eu não revejo já faz muito tempo, tipo matéria do quinto ano, assim, e era pra eu estar no oitavo, né, mas como eu não

consegui terminar o ano no oitavo, eu tive que repetir o sétimo. É porque é diferente também, tem matéria nova e essas coisas, mas tem umas coisas diferentes. E tem coisas que, por exemplo, que dá no sexto ano daqui e no sétimo você reaprende. Só que eu não revi essa matéria, sei lá uns dois anos, porque eu passei no sétimo do Brasil e era pra estar no oitavo,

Speaker 2: Hum

Speaker 3: Aí eu não lembro, eu não lembro, eu não lembro de verbo, eu não lembro de muita coisa, de artigo, provérbio, não lembro de nada dessas coisas, também porque eu não sou muito de fixar essas coisas.

Speaker 2: É, seria preciso ver a grade do sexto ano, né, pra dar uma olhada e ver o que é que lá do sexto ano você não viu, né

Speaker 3: É... do quinto também

Speaker 2: Ou quinto, peça pra professora de português lhe dar a grade, o conteúdo do quinto e do sexto ano pra você pelo menos saber o que foi dado, ne, eu acho quer isso ela pode lhe dar. Como sugestão, só, mas eu estou aqui pra entrevistar, não tô aqui pra dar sugestão, né

Speaker 3: Não, não, vou tentar.

Speaker 2: Mas seria interessante você procurar saber pra dar uma revisada nesses pontos. Bom, o que poderia ser feito pra te ajudar um pouco melhor nessas aulas de português?

Speaker 3: Olha... um dicionário. Acho que um dicionário é a melhor coisa, porque tem palavra que eu não entendo nada.

Speaker 2: Você pode usar dicionário na aula?

Speaker 3: Pior que eu não sei, ela já comentou que é bom ter um dicionário por perto, usar a internet, mas eu nunca vi ninguém trazendo e eu nunca vi ela falar -Pode usar dicionário na sala.... Geralmente deve porque ...

Speaker 2: Você não pega o dicionário na biblioteca?

Speaker 3: É isso que eu ia olhar, mas como eu falei, usar a biblioteca agora tá muito confuso, é bem difícil...

Speaker 2: Então peça pro seu pai um dicionário de português, caramba!

Speaker 3: Vou pedir pro natal Rs

Speaker 2: Pois, é um bom presente. Rs

Speaker 2: E além disso, além do dicionário mais alguma coisa?

Speaker 3: É... alguma coisa?

Speaker 2: Por parte do professor, pra lhe ajudar

Speaker 3: Uma coisa é que eu acho a professora de português muito grossa. Eu acho ela... é porque às vezes eu tô com medo de ... não de generalizar, mas às pessoas são naturalmente assim, aí eu não queria generalizar, mas eu acho ela muito grossa e meio que me desencoraja a falar, porque às vezes ela manda os alunos ficar quieto, assim, às vezes ela nem fala direito ou alguma coisinha ela já reclama, eu fico com medo de falar uma coisinha biba que se fosse assim outro professor não ia se importar tanto, mas ela podia reclamar, entendeu, que ela parece que implica um pouco com os alunos, assim, não me dá muita liberdade de falar, né, eu fico com medo, ué, se ela vai me xingar ... tanto que teve uma vez que eu fui colocar a luva, era mais ou menos no outono, né, agora que a gente está entrando no inverno, pus a luva porque assim, minha mão já é naturalmente gelada, inclusive no Brasil, era bem fria, assim, e olha que fazia aquele solzão, então eu uso luva, né, pra não ficar morrendo de frio. Aí eu fui usar dentro da sala, ne, fui colocar porque tava de noite já e aí eu fui colando assim e ela foi lá, reclamou, assim, não sei o que -Você não acha que não está frio pra usar luva não? Eu fiquei muito sem graça, ué, eu tirei porque poxa, né. Teve outra vez que eu fui espreguiçar e ela reclamou porque eu fui espreguiçar, então eu não me sinto à vontade, assim de perguntar ou de tentar fazer alguma coisa que acho que ela vai reclamar.

Speaker 2: Então você acha que eles deviam ser o que? Mais flexíveis, mais ...

Speaker 3: É... mais flexíveis, mas é só ela que eu tenho esse problema.

Speaker 2: Mais pacientes, pacientes talvez

Speaker 3: É... mais paciente, porque às vezes esse negócio dificulta uma pouco, não é..., é só ela assim que é mais assim, o resto dos professores não. Às vezes, dá mais liberdade pra perguntar ou eles mesmos perguntam.

Speaker 2: Muito bem, Lu... Agora a gente chegou ... olha que imagenzinha linda que eu escolhi pra você Queria saber se foi fácil chegar na escola e fazer amigos.

Speaker 3: Não! Porque esqueci de comentar isso, é a primeira vez que eu estou mudando de escola, né, eu fiquei na minha escola por uns dez anos, por aí, então ir pra outra escola ... E também é a primeira vez que eu estou indo pra uma escola pública, né, que eu estudava em escola particular, então foi um choque ... triplo um choque de realidade. Porque é uma escola portuguesa, pública Uma mudança de escola..., eu não estava tão nervosa assim, era uma hora de descobrir as coisas e foi assim, foi bem diferente, ninguém me excluiu, mas eu me senti diferente e ainda me sinto diferente em relação aos outros alunos. Ninguém nunca quis me excluir ou ouvi falar -Fica longe. Todo mundo foi sempre gentil, eu que me sinto, assim, diferente. E às vezes nem isso... tem outro aluno brasileiro lá na minha sala, mas eu também me sinto diferente em relação a ele. Talvez seja porque eu seja mais introvertida, ou algo do gênero

Speaker 2: Mas ele é mineiro também caramba!

Speaker 3: Ele é mineiro? Não sei, eu não perguntei.

Speaker 2: É o (nome do aluno)?

Speaker 3: Eu não sei... não... acho que é (nome do aluno)

Speaker 2: (nome do aluno)

Speaker 3: Ele tem cara de ser carioca, pelo sotaque parece.

Speaker 2: Ah tá.

Speaker 3: Ou ele é do ... eu não sei, tem muita gente com sotaque misturado.

Speaker 2: Porque eu entrevistei um menino, brasileiro, e ele é de Minas Gerais também, é de Ipatinga, é de uma cidade pequena, assim como você veio de uma cidade menor né, e é interessante a visão do Hermes, porque ele fala dessa diferença de ambiente, desse ambiente urbano aqui do Porto e da escola de Ipatinga que tinha mais contato com a natureza...A entrevista dele foi bem interessante.

Speaker 3: Não, mas é porque eu estudava.... É que Belo Horizonte é a capital de Minas Então, assim, sempre foi urbano. Eu acho bem mais, como é que pode dizer, roça do que, como a gente faz a piada aqui, que é igual a Ouro Preto, que Outro Preto é uma cidade histórica lá de Minas, não sei se ouviu falar

Speaker 2: Sim, eu conheço

Speaker 3: É bem parecido, sabe, as ruas de pedra, as casinhas todas quadradinhas e com azulejos, assim, eu acho que tem muito de cidade... cidade histórica e é um charme, porque aqui que é a base de lá de Ouro Preto.

Speaker 2: A gente acha que aqui é que é igual lá, né, mas é lá que é igual aqui, ne

Speaker 3: Aí é que é muito doido isso

Speaker 2: E quais foram as dificuldades que você sentiu em fazer amizades?

Speaker 3: Ah foi ... eu acho que foi dar o primeiro passo também, porque eu sou aquela pessoa que eu não vou pra cima eu tento pescar alguma oportunidade pra tentar conversar, eu sou uma pessoa muito de conversa, não sou uma pessoa muito de contato, uma pessoa muito brincalhona, não, eu sou brincalhona, mas eu não sou aquela pessoa, tipo, Ah não sei o que, tal, amigão, fala aí como é que cê tá, não sou assim. Aliás sou bem introvertida, sou a clássica nerd, assim, eu gosto de ler, gosto de ficar no meu canto de vez em quando, e às vezes é questão de eu me sentir diferente é meio difícil, né, porque as pessoas estão num ritmo completamente diferente do seu,

entendeu, todo mundo ali é meio amigo, todo mundo ali fez amizade, eu tentei me enturmar, mas é questão de eu me sentir diferente, eu não consigo tirar isso, é uma coisa que não mudou muito, eu me sinto muito diferente. Eu sinto como se todo mundo ali fosse amigão, assim, e eu fosse mais ...de um outro jeito. Eu e meu grupo de amigos, digo de amigos é bem diferente do que eles têm de grupo de amigos, sabe, eles gostam de ficar dançando tik tok, fazer o que, ficar fazendo palhaçada e eu sou mais de ficar quieta, assim, conversar, falar assim sobre coisas da internet, então são dois tipos de grupos diferentes. Eu consegui fazer uma colega lá, mas não diria que é uma amizade forte e em potencial, assim, porque é mais uma colega de escola, mesmo, a gente conversa, ela passa intervalo comigo, é bom pra não ficar sozinha, né, porque às vezes é meio chato ficar sozinha. Mas dizer, assim, nossa! eu amo passar o tempo com ela, é minha amiga, minha melhor amiga, não, porque eu acho ela meio infantil, assim. Mas eu nunca cheguei assim pra falar ah! nossa, hoje eu estou me sentindo meio triste, hoje eu estou me sentindo feliz, ah! eu quero conversar e você ah vamos conversar... ela não consegue, ela é bem infantil, assim, ela não se aprofunda nas coisas, e eu acho que ela mente um pouco das coisas, isso me irrita, porque tá na cara que tá mentindo e quando eu desminto ela ou tento indagar um pouco, ela fica brava e ela fica quieta. Isso eu não gosto de jeito nenhum. Às vezes eu fico brava quando ela faz isso. Aí, depois do outro intervalo, ela finge que nada disso aconteceu. Mas é... eu tô tentando resolver isso.

Speaker 2: Eu diria que só o tempo, essas pessoas elas estão na escola há bastante tempo, como você tinha seus amigos lá e você nunca tinha frequentado outra escola, senão aquela, pode ser que o mesmo ocorra aqui, não é? Que eles estejam nesse grupo já há muito tempo, então ... estão acostumados, né, com o ambiente e com tudo isso e, assim, a gente é diferente, a gente sempre vai ser diferente, né, não tem como, a gente vai tentar se aproximar ao máximo, entender como é o povo português de verdade, né, mas eu acho que por mais esforço que a gente faça pra se assemelhar, acho que sempre a gente vai ter esta condição de ser meio diferente mesmo. Acho que não dá, pode ser que um dia chegue da gente ser ... ser um português, mas acho muito difícil.

Speaker 3: Sim.

Speaker 2: Mas então, vamos prosseguir... E você acha que os colegas ... O que pensam os colegas sobre você? Eles sentem diferença por você ser de outro país?

Speaker 3: Olha, até que não. Eu acho que eles se dão conta do brasileiro (referindo-se ao colega de turma brasileiro, também participante da pesquisa), que ele é mais extrovertido, tanto que chamam ele de brazuca, e às vezes o povo só me chama pelo meu nome mesmo, não tem muita essa coisa de diferença assim. Ele é um destaque por ser brasileiro, assim, e eu não, eu sou aluna ali. Geralmente tem algum... eles me cumprimentam, assim, não tem quem realmente me exclui, fala -Olha a brasileira ali. Só se ... não teve não, não teve nenhum momento, assim, que eu me senti excluída só por ser brasileira, assim. Não, todo mundo me tratou assim de boa. Ninguém falou assim ah! brasileira, só isso.

Speaker 2: Na sua escola qual a nacionalidade das pessoas com quem você mais se relaciona?

Speaker 3: Olha essa colega que eu falei é portuguesa e as outras meninas que eu geralmente converso ou algum menino, é português também. Acho que só tem eu e o brasileiro lá que é de nacionalidade diferente, o resto todo mundo é português.

Speaker 2: É (nome do aluno)?

Speaker 3: É (nome do aluno). A gente nunca teve uma conversa, falar -Oi tudo bem? Eu acho que também fui meio lerda de não puxar conversa, que podia...Pra falar do Brasil, reclamar aqui também, sei lá...

Speaker 2: Você gosta dos professores, dos funcionários...

Speaker 3: Ah... eu até que gosto, tem muitos que me tratam bem, eu gosto até da porteira, lá, que ela cumprimenta todo mundo. Eu acho bem idiota, mas só dela cumprimentar, assim,

passar, sei lá, acho ela legal. Aí também tem a professora de geografia, ela é legal também, ela é a melhor professora, engraçado, ela tem mais ou menos o mesmo estilo, ela para pra conversar um pouco com os alunos, assim, sobre as coisas. E tem a professora de francês, eu acho ela legal e a professora de inglês, sinto muito da aula da professora de inglês porque o povo pega mais pesado com ela

Speaker 2: Professora X?

Speaker 3: Eu não sei, eu não guardo os nomes

Speaker 2: Ham ham

Speaker 3: No Brasil chamava todos os nomes, mas aqui não pode então acabo não guardando direito, não é que não pode, mas né, mas não é legal...porque essa formalidade de professor e não sei o que. Eu chamava meus professores lá no Brasil pelo nome, a gente dava até apelido...

Speaker 2: Mas isso ainda vai com o tempo você chaga lá. De uma forma geral, você acha que quando os professores estão ensinando, eles demonstram preocupação de que os alunos aprendam a respeito da cultura brasileira ou de outra cultura de algum outro estudante que esteja presente na sala?

Speaker 3: Olha, eu sinceramente não sei dizer se é os professores ou se é o livro, porque às vezes tem muita parte do livro que menciona o Brasil e essas coisas, acho que tem um professor, que agora que eu lembrei, único professor, professor de OAT, que agora esqueci qual é o nome da sigla, mas é alguma coisa das artes da tecnologia, ela perguntou se os presépios brasileiros, que a gente estava fazendo um presépio, então ela perguntou se os presépios brasileiros tinham alguma coisa de diferente, mas isso é o de menos. Mas ela fez questão de perguntar, assim e de abranger, começando a falar de presépios de outros países, ou de outros continentes, eles eram diferentes,

Speaker 2: Isso é bom...

Speaker 3: É, mas geralmente, tem destaque pro Brasil? Tem, mas eu não sei se é proporcional, sei lá, às vezes, tem uma parte do livro que fala sobre algum negócio lá do Brasil, dos cristais ou alguma coisa da Amazônia.... Ah! Também a professora de geografia. Ela comentou sobre como a Amazônia é importante porque ela é o pulmão do mundo, eu acho que ela quis também abranger um pouco dos alunos brasileiros por ali. É assim, tem alguns que dão mais destaque, tem alguns que não, tem alguns que só comentam ah! O Brasil, só.

Speaker 2: Você acha que você é parte dessa escola?

Speaker 3: Ahhh acho que não. Pra ser sincera eu acho que não tem nada que me prende naquela escola, assim, de falar nossa! Eu amo, eu gosto ali da escola, tem um canto... não tem nada que me prende, assim.

Speaker 2: E você pode me dar um exemplo do que faz você ter este sentimento?

Speaker 3: O que? De não pertencer

Speaker 2: De não pertencer à escola

Speaker 3: Foi o que eu falei, são muito barulhentos, são muito flutuado (?), são muito infantis... não é que eu sou a madura, ou que eu sou a profissional, mas eu gosto de ter intimidade quando.... Eu gosto de ser brincalhona quando eu tenho intimidade, mas ah... eu não me senti exatamente acolhida e não senti o meu lugar, eu não senti uma coisa, ah eu gosto de fazer isso aqui na escola ou eu me sinto feliz naquela escola... não feliz assim, não é que eu me sinto triste, mas algo que realmente ah eu gosto de tipo essa pessoa ou essa coisa, ou essa aula, não teve nada, nada, nada que me fez sentir assim. Talvez seja eu que seja chata mesmo, talvez

Speaker 2: Não, não, não é não, não é não. Acho que faz parte a escola proporcionar uma integração, né, dos alunos, pelo menos penso eu, assim, do meu ponto de vista, não é que você seja chata, mas acho que faz parte a escola se preocupar e manter algumas atividades que facilitem a comunicação de vocês, entendeu e façam essa integração ao ponto de você se sentir bem ali, né, de se sentir uma pessoa que participa daquele lugar, que pertence àquele lugar, que

tem um papel naquele lugar, não é? Então não acho que você que é chata não. Bom, esse último bloco ele fala sobre participação, tá vendo meu diálogo aqui? Então a pergunta ... antes de entrar nesse bloco da participação queria perguntar, fazer uma pergunta pra você que eu me passei lá atrás, quando falei da sua chegada, do Brasil e tal, se você sente orgulho de ser brasileira.

Speaker 3: Ah, lógico que eu sinto. É aquela coisa que a gente tava no Brasil cansado da do Brasil, mas aqui eu não vou arregaçar, porque no fundo sai do Brasil por vários motivos, não vários, né, mas por alguns motivos, ne, no caso de violência, essas coisas, mas eu tenho orgulho sim, no fundo eu tenho, porque tem muita do Brasil que eu aprecio, mas não na hora que você está no Brasil, você não fala isso, ah eu gosto, mas aqui você sente a diferença. Por exemplo o calor, uma coisa tão besta que a gente reclamava e agora é coisa assim, que você quer enfatizar, tipo, no Brasil agora tá calor, calorção assim porque agora está na primavera, então, é aquela coisa de chuva e sol, chuva e sol, aqui não, aqui tá frio, entendeu, e é aquela coisa lá no Brasil tá quente ó, essas coisas você ...

Speaker 2: O que faz você sentir orgulho do Brasil?

Speaker 3: Ah eu acho que... as pessoas, as coisas, aquele como é que fala, aquele jeitinho brasileiro, essas coisas que não aprecia direito lá e aqui a gente aprecia, né? Porque aqui o povo fala diferente, é uma coisa bem diferente da outra. Deixa eu acender a luz aqui que tá muito escuro Rs.

Speaker 2: Peraí só um minutinho, também vou dar uma saidinha rápida

Speaker 3: Rs...

Speaker 2: Bom já chegamos àquela última parte, já estamos bem no finalzinho, é a última parte. Sobre participação a participação dos alunos na escola. Então eu queria que você pensasse agora em todos alunos e não apenas nos imigrantes. Você considera que nessa escola existem oportunidades para que as crianças discutam e reflitam sobre questões do mundo em geral?

Speaker 3: Hummmm Não.

Speaker 2: Não?

Speaker 3: Não tem muita liberdade, assim, pra discutir sobre os problemas do mundo

Speaker 2: Não? Nenhum problema do mundo?

Speaker 2: É... não. Não vi ninguém discutindo assim sobre os problemas, eu tinha muito isso lá no Brasil, quando eu tinha aula de filosofia, aí a gente discutia sobre vários temas

Speaker 2: Hum hum

Speaker 3: Mas aqui não. E eu também senti falta disso quando eu vim pra cá, aula de filosofia, era legal. A gente discutia sobre vários temas, assim sobre até machismo, uma vez, a gente falava sobre o pensamento filosófico, a gente até entrou numa discussão de o que é Deus, assim, em questão de imagem, né, Deus pode ser o que você quiser, como disse o meu professor de filosofia. A imagem de Deus, não precisa ser, enfim, tô entrando em outro tópico aqui, mas a gente tinha mais liberdade pra... e era muito bom, era algo bem terapêutico, assim, que a gente tinha uma aula pra discutir sobre o que a gente quisesse assim, dar a nossa opinião. Era bem legal.

Speaker 2: E aqui você não tem tido essa oportunidade de discutir nenhum problema, ou nenhuma questão importante, tipo, conflitos, racismo, globalização, meio ambiente, questões que, penso eu, que são questões importantes

Speaker 3: Em nenhuma aula, nenhum professor assim quis ou até mesmo os alunos, né, nenhum aluno se mostrou a querer discutir, mesmo se tivesse um tema, assim...

Speaker 2: E, assim, nem numa aula de cidadania, nem numa aula de geografia, de história?

Speaker 3: Não. Até que não. Todo mundo discute só assunto besta pra chamar atenção.

Speaker 2: Qual

Speaker 3: Ninguém pra pra dizer nossa! Isso aqui é...até mesmo quando a gente entrou no assunto de reciclagem ninguém quis dizer algo muito relevante ou levar isso pra uma discussão

a mais. A gente tinha que fazer o presépio com materiais recicláveis, ninguém realmente... assim, é legal usar materiais recicláveis? É, mas ninguém realmente entrou a fundo disso como a gente usa demais o lixo, a gente usa lixo demais, vamos reciclar. Não teve aquele debate, entendeu, que eu sentia isso lá no Brasil. As pessoas pararem e comentarem e entrarem até mesmo em outros tópicos no mesmo tema. Isso que não tem muito aqui.

'Speaker 2: Tá, e em relação ao mundo da escola? As questões da escola. Elas são discutidas entre os alunos, tipo, questões que estejam presentes lá na escola...

Speaker 3: Não, também não. Ninguém nunca deu uma liberdade, ah nossa! Aqui na escola é tenso...

Speaker 2: Rs... Que pena, não é?

Speaker 3: É

Speaker 2: Na escola, os alunos, desculpa... você ia falar?

Speaker 3: Não, não, não ia não.

Speaker 2: Bom, nessa escola os alunos participam da formulação de regras, direito e dever?

Speaker 3: Que eu saiba, não, que eu saiba, eu não sei direito, mas que eu saiba não. Tanto que quando eles foram ditar umas regras lá, eu não vi. Tipo assim, tem base no aluno, mas o aluno discutir ah eu não quero isso aconteça, não quero que os alunos parem de ... nunca vi ninguém comentando assim. No máximo é quando tem, como é que chama... agora eu esqueci, é um aluno que representa a turma, representante de turma, lembrei, só quando às vezes o representante de turma vai conversar assim com o diretor de turma que é o professor responsável pela turma... aqui é diferente de lá do Brasil. Ali o professor, o diretor de turma aqui ele tem mais destaque do que o professor representante, que chamava lá no Brasil. A gente não tinha uma aula específica só pra falar sobre coisas da turma, o desempenho da turma. Aqui tem. Aqui tem só pra falar o desempenho da turma, com o é que tá indo, às vezes dá um conselho, fala como é que mexe lá também do Google Classroom e fala como funciona o sistema de vez em quando, essas coisas de ponto e assim

Speaker 2: Sim, mas isso não é uma forma de discutir questões do mundo da escola?

Speaker 3: Não, não é. Rs

Speaker 2: É pura, é pura...digamos assim enumeração de regras de conduta... não entendi a sua resposta.

Speaker 3: Em geral não, não tem nada assim de ah! não.

Speaker 2: Eu penso assim, que poderia, né, algumas regras ser discutidas, fala, olha, aqui a gente tem uma regra que é... uma bobagem, que é não sair pra ir ao banheiro durante mais de uma vez durante a aula porque e tal... então a gente vai acordar aqui como a gente vai ao banheiro, sai um de cada vez, não existe esse tipo de discussão.

Speaker 3: É. Não.

Speaker 2: Eu falei de ir ao banheiro mas poderia ser qualquer outra coisa

Speaker 3: Não, não tem.

Speaker 2: Bom, e sobre a forma de organização da aula, sobre o tipo de avaliação que vai ser feita, os alunos discutem sobre como a aula pode ser organizada, como a aula poderia ser feita, como vai ser a avaliação daquela disciplina?

Speaker 3: Hummm não, em geral não, mas até que tem um pouco parecido com isso que a gente tem que fazer uma auto avaliação e a gente faz, ah! eu fui empenhado, eu fui pontual quando chegar na sala eu me esforcei pra fazer isso aqui, e você se auto avalia, mas em questão de como mudar a aula, geralmente a pergunta vai já como você vai fazer pra melhorar o estudo, como você vai fazer. Ai geralmente tem níveis, ne? Nível 1, nível 2 até o 5. Aí o três é o mais ou menos, o quatro é bom e o cinco é excelente. Aí do dois para um e zero é insuficiente, como diz aqui.

Speaker 2: Entendi

Speaker 3: Esse meio que é o sistema de avaliação, mas tirando isso não tem nenhuma discussão direta assim, como é que é, ah! vamos fazer a aula assim.

Speaker 2: Ou vamos avaliar esta atividade desta maneira, tal, né...

Speaker 3: É. Não.

Speaker 2: Você acha que um aluno imigrante, vou voltar pro imigrante, agora, você acha que um aluno imigrante pode ter as mesmas oportunidades pra ter resultado do que o aluno português? Pra ter boas notas como têm os portugueses?

Speaker 3: Olha, dependendo do caso às vezes não, porque tem aluno brasileiro, vou usar brasileiro por que né..., que vai tentar correr atrás, mas também tem muito dessa coisa de mudança, né, você está chegando num país novo e você está passando, sabe, por problemas... eu estou usando eu também como base, tô passando por muita coisa, assim. Nos primeiros meses, assim, lá pra setembro, outubro, ainda estava com dificuldade, tipo, do nada, no meio da aula às vezes eu tinha sei lá, uns flashbacks, se quiser assim, eu tinha umas memórias lá do Brasil, assim, tinha saudades no meio da aula, assim, eu só tinha saudade, era bem estranho. Ainda sinto um pouco, sabe? Eu ficava meio triste... é um jeito de eu também não prestar atenção na aula, isso também era bem ruim. Era um monte de sentimentos, nos primeiros meses, bem difícil acostumar porque ainda está com o Brasil ainda quente na sua cabeça, então é bem difícil às vezes concentrar ou você focar, assim e, também vários problemas, tem essa coisa de documentação, que a gente também teve, demorou muito pra entrar na escola. Eu tinha chegado, sei lá, um dia antes das aulas começarem... eu só consegui ficar, sei lá, um mês depois, porque esse negócio de documentação, também meio estressante, enfim tem várias... E também conviver com as pessoas aqui porque eu não convivia com os meus pais uns dois anos e agora estou convivendo de novo, então é um choque, né? Porque eu cresci e eles também estão... não tão diferentes, mas né, é um contexto diferente, né? Eu também deixei várias coisas lá no Brasil, várias pessoas, né, que antes eu convivia e me ajudava um pouco e agora não, tá sendo bem.... Tem essa coisa do emocional também e aí não dá, às vezes você num foca e às vezes nem vai pra escola

Speaker 2: É verdade...

Speaker 3: E também a pessoa se cobrar... eu já tô mudando de assunto.

Speaker 2: Rs...

Speaker 3: Mas tem a coisa do emocional e também de não entender mesmo o que o professor está dizendo e vem aquela coisa de perguntar e perguntar e perguntar e perguntar e perguntar e às vezes ela nem... só faz você ficar perguntando ou você tem que acondicionar um tradutor aqui do seu lado pra entender o que a pessoa está dizendo e não sei o que, ou a você só vai.... Por exemplo, eu estou tentando ler o livro em casa, porque de vez em quando eu não entendo direito o que está acontecendo. Às vezes nem é a professora, às vezes é a turma que está agitada demais, não deixa a aula rolar

Speaker 2: É, mas é uma boa prática essa de você ler antes o que vai dar a aula, porque aí quando ele está dando, você tá acompanhando melhor, né? É uma boa prática.

Speaker 3: Ou ler depois da aula, não sei, qualquer coisa assim é melhor... porque não dá, às vezes você não entende ou às vezes ... você não entende por dois motivos, ou você não escuta direito, ou só não entendeu, tem isso. Enquanto um aluno português tem mais vantagem, né, porque ele está lá habituado com o sistema, com sua escola, no mesmo ambiente, entende? Um ambiente que ele já está acostumado.

Speaker 2: Com certeza. Terminamos!

Speaker 3: Rs. (a aluna bate palmas)

Speaker 2: Agora, assim, final, eu quero que você pense numa palavra ou numa frase pra resumir essa nossa conversa.

Speaker 3: Hummm Ah! Foi interessante, eu não olhei por esse lado, né, esse ângulo desse negócio da escola, de modo geral. Ainda mais que está de férias, eu vou poder pensar melhor ou tentar achar um jeito melhor de como é que eu vou lidar assim nesse ambiente novo, né?

Speaker 2: Hum hum

Speaker 3: Porque foi tudo tão rápido, assim, eu só entrei na escola e foi indo...inclusive eu cheguei, assim, uma semana aí na outra semana já tinha prova.

Speaker 2: Não dá pra refletir, né, o que você está vivendo, nada, você só vai indo naquela onda e ...

Speaker 3: Eu vou aproveitar essas duas semanas pra pensar assim, respirar um pouco como é que eu vou fazer, porque foi tudo indo...só foi indo, foi indo aula, intervalo, depois é almoço, depois vai, vai, vai, quando eu vi já tava indo em dezembro e o ano também está acabando... então tava sendo muita coisa, né?

Speaker 2: Tá bom Lulu.... Eu vou agradecer mais uma vez você, muito, muito, muito, muuuito por ter colaborado comigo, te dizer que quando eu conseguir transcrever todas estas entrevistas e depois analisa-las eu vou apresentar o resultado da pesquisa numa reunião onde eu vou convidar todos os participantes, os pais, os estudantes, o diretor, as professoras e eu queria que você estivesse lá, tá?

Speaker 2: Tranquilo

Speaker 3: Eu vou fazer contato depois com o seu pai e eu vou dizer pra vocês quando isso vai acontecer. (nome do pai), mais uma vez te agradeço demais Rs Você tava aí, né, ouvindo toda a nossa conversa, não? Rs

Speaker 1: Às vezes eu cochilava um pouquinho, às vezes eu prestava atenção, mas eu deixei ela mais à vontade, não interfeiri não.

Speaker 2: Ela foi ótima, a contribuição dela muito boa, muito boa mesmo, quando ela fala desse apoio psicológico, né, muito interessante. Gostei muito de ouvi-la.

Speaker 1: Tá certo, um bom Natal, viu Fatima

Speaker 2: Igualmente. Boas festas pra vocês

Speaker 1: Bom Natal e assim, que um pouquinho do calor lá do Brasil, chegue no seu lar, que venha pra você e seu marido um final de ano com tranquilidade e com muito trabalho, mas com tranquilidade e com esperança de um ano melhor pro ano que vem.

Speaker 2: Pra vocês também, igualmente e mais uma vez de coração muito obrigada por terem despendido essas duas horas, três horas, quatro horas comigo, foi muito bom Rs

Speaker 1; Tá bom

Speaker 2: Porque eu fiquei com o seu pai acho que três horas, Rs...

Speaker 1: Três horas e meia, eu acho Rs... mas foi bom, a área aproxima também, foi muito bom pra mim. Então uma boa noite.

Speaker 2: Igualmente, tchau

Speaker 1: Tchou! Tchou

Speaker 3 Tchou!

E20 - 15/01/2021 - Aluno (Brasileiro)

Speaker 1: Eu quero pedir a sua autorização pra gravar o áudio,

Speaker 2: Sim.

Speaker1: Agradecer muito a sua participação. Dizer que a minha pesquisa é uma pesquisa sobre a participação e a integração de estudantes imigrantes na escola. Eu sou da Universidade do Porto e minha pesquisa tenta perceber os fatores que inibem e favorecem o estudante migrante na escola. Então, a gravação do áudio vai ser usada apenas uma vez, para esse trabalho. Os participantes não serão identificados nem na transcrição nem na apresentação da pesquisa, né, dos dados da pesquisa e a participação voluntária, por isso você desistir em qualquer hora.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E também que não há respostas certas nem erradas, então você pode ficar à vontade pra dizer aquilo que você tá pensando e aquilo que responde às minhas perguntas, eu vou enviar depois para você o consentimento informado, como eu já disse pra você, aí você assina e me devolve.

Speaker 2: Está bem.

Speaker 1: Então eu imaginei fazer esta entrevista, essa primeira parte da entrevista como uma viagem, né, então pra gente começar a fazer essa viagem eu queria que você me contasse um pouco sobre o lugar que você morava, como foi a decisão de vir para Portugal, entendeu, quando você chegou, com quem você veio. É isso.

Speaker 2: Sim. Eu nasci na Bahia, que é um estado do Brasil, mais ao norte, né, do centro mesmo, mas eu passei a maior parte da minha vida no Rio de Janeiro, em Macaé mais especificamente, que está no distrito do Rio e passei três anos da minha vida lá com meus amigos meus familiares e no dia 10 de março nós resolvemos vir para Portugal, mas já estava estudando isso há cinco seis meses atrás e no dia 10 nós tomamos esta decisão, fomos para o aeroporto, pegamos um voo de 10 horas até Madri depois de Madri fizemos uma escala e pegamos um voo de mais uma hora aqui pro para o Porto. . E foi uma decisão difícil né. Você está num país onde a língua é a mesma, num país onde você tem seus amigos, tem seus parentes as pessoas que estão no seu lado e você do nada resolver vir pra Portugal, mudar de vida automaticamente porque a língua não é mesma...

Speaker 1: Mas me conta como foi a decisão da sua família de vir, o que motivou vocês a virem?

Speaker 2: A maior parte foi o meu tio porque o meu tio já estava casado no Brasil, mas depois ele veio para cá com a esposa e eles já estavam aqui há dois anos. Completaram 2 anos em 2020 agora. E meu tio falou - Deni, vem pra cá, que é o meu pai, que é o irmão dele, falou -Cara, vem prá cá aqui é muito bom, você vai ter oportunidade de emprego, vai ter um salário melhor, vai ter uma vida melhor, então ele também foi uma peça muito fundamental para isso.

Speaker 1: E... você me falou um pouco do seu pai, quando a gente conversou, seu pai trabalhava demais, você andava muito pra chegar à escola. Fala um pouco sobre isso.

Speaker 2: Meu pai, na época que nós estávamos no Brasil ele tinha dois empregos, então ele saía num dia normal de trabalho numa segunda feira e só voltava na quarta-feira à noite que eu via ele e só falava com ele rápido e já ia dormir e ele também porque ele já estava cansado de trabalhar... No outro dia eu também já acordava cedo para ir para a escola e depois eu só via ele ou no sábado de noite ou numa segunda também, quando ele estava em casa.

Speaker 1: Então me conta um pouco de forma rápida como era a sua vida, é assim, da hora que você acordava até a hora em que você ia se deitar.

Speaker 2: Sim. Eu dormia a maioria das vezes muito tarde, por estar envolvido em fazer outras coisas, mas também acordava cansado, acordava na correria de tomar banho e ir para se arrumar

pra ir pra escola, saia de casa bem cedo e passava a tarde toda na escola até um seis e meia e seis e meia em diante eu já estava a caminho de casa.

Speaker 1: E para além da escola quais as atividades que você fazia, que você participava?

Speaker 2: Eu tinha um ginásio, né, que a gente fazia vários tipos de esportes como o futsal e a natação, que eram os que eu praticava, e eu fazia uma hora de cada, eu fazia às terças e quintas. Eu fazia o futsal uma hora e depois nessa outra hora fazia natação.

Speaker 1: Você tem orgulho de ser brasileiro?

Speaker 2: Sim tenho muito orgulho, tanto pela bela história que o Brasil tem, por tudo o que o Brasil conquistou, tudo o que o Brasil fez em todas as áreas e tenho sim orgulho de ser brasileiro. Não falo para ninguém que sou de outra nação ou de outro país porquê Eu falo - Sou brasileiro e não vou negar esse título que me foi dado.

Speaker 1: E por que é que você sente orgulho de ser brasileiro?

Speaker 2: Pela cultura que o Brasil tem, pela história, por tudo como eu falei antes, por tudo que o Brasil conquistou, tudo o que o Brasil conquistou com suas próprias mãos. Houve sim deslizes né porque nenhum país é perfeito, mais isso acontece com todos.

Speaker 1: Você costuma manter contato seus familiares seus amigos, pela rede, assim, com que frequência, com quem se fala?

Speaker 2: Sim eu tenho muito o costume de usar a rede social, WhatsApp, a maior parte das vezes para conversar com minha avó ou meus familiares do Brasil, né, porque eu ainda tenho muito contato com eles e quero manter isso e eu também ... às vezes eu falo com eles. Falo mais com a minha avó que está triste, meio triste porque está sozinha, ne, e também falo com meus parentes que estão a maior parte deles estão na Bahia ou outra parte estão em Macaé e eu consigo sim manter o contato.

Speaker 1: Que bom. Chegou aquela hora de aterrissar em Portugal e eu queria que você compartilhasse comigo um pouco do que acontece com você aqui. Como é um dia normal aqui em Portugal pra você?

Speaker 2: Sim. Nos dias de segunda e sexta, que são os dias que eu só tenho aula à tarde, eu acordo nove horas da manhã, organizo meu dia, vejo o que eu vou fazer, organizo minha mochila para sair pra ir pra escola, e às vezes organizo a casa e outras coisas e saio meio dia e só volto, tipo, sete horas da noite. E nos dias de terça, quarta e quinta eu saio de manhã, chego na escola às 7 horas da manhã e só chego em casa às sete da noite. Eu passo o dia todo.

Speaker 1: E para além da escola que lugar você frequenta aqui em Portugal?

Speaker 2: Eu frequento às vezes, combino com meus amigos de nós irmos a algum shopping ou algum centro comercial e também em todos os domínios eu vou à igreja.

Speaker 1: E como é que você foi recebido nesses lugares, na igreja, nesses lugares que você frequenta. Fez amizade, como é que foi isso?

Speaker 2: Em alguns lugares por exemplo como a escola eu tive as vezes um certo preconceito por algumas coisas que acontecem no Brasil, como polêmica e outras coisas que acontecem, mas tanto na igreja como em outros lugares, nos centros comerciais em shopping e outros lugares assim as pessoas por não saberem que eu era brasileiro, às vezes só sabiam quando eu falava, com sotaque diferente, eles já associavam o cara brasileiro..., mas eu não tive nenhum tipo de rejeição assim não, de às vezes acontecer alguma briga por eu ser brasileiro ou então querer impor alguma coisa sobre mim, não.

Speaker 1: Eu queria que se falasse um pouquinho dessa coisa do preconceito na escola, você pode falar?

Speaker 2: Sim. Às vezes, eu, por ser brasileiro, nós no Brasil não temos o costume de... não é de falar com arrogância, mas como os portugueses aqui eles se comunicam com um pouco mais dureza na fala, isso pra gente no Brasil é considerado arrogância. Então logo que eu cheguei eu sofri muito com isso. Muito mesmo. A maior parte desse desses dez meses eu sofri muito com

isso porque às vezes eu chegava pra falar com algum funcionário.... Teve até uma situação que eu cheguei ... porque eles estavam muito severos com essa política de deixar a máscara certinha no rosto, e tinha uma aluna atrás assim da escola sem máscara. Aí eu cheguei pro funcionário e falei -Olha, tem uma aluna lá em baixo com máscara (sem máscara) e ele - O que é que eu tenho a ver com isso? Aí eu falei -Olha, desculpa. E saí andando e fiquei magoado, eu falei -Caraca! Por que o cara respondeu assim? Aí eu cheguei em casa, conversei com meus pais e eles falaram: -Isso aqui é normal, isso aqui você vai passar muito por isso. Aí eu aprendi a lidar. Eu faço o que? Quando eles falam assim comigo eu falo do mesmo jeito com eles porque isso pra gente, isto pra eles é normal eles conversarem assim, mas por exemplo eu falo que se eles chegassem no Brasil, do mesmo jeito que eles falam aqui, eles iam também sofrer um tipo de preconceito... eles às vezes iam arrumar alguma briga, pelo jeito que eles falam aqui, entendeu?

Speaker 2: É... é bem diferente essa questão da dureza... eu também sinto. Fora da escola, com pessoas de que nacionalidade você mais se relaciona?

Speaker 1: Eu tenho alguns amigos que moram até nos Estados Unidos, né. Às vezes eu aproveito para estudar meu inglês de uma certa forma, né. E eu também já tive contato com ... já vejo muitos filmes em francês também e inglês.... Às vezes, a maior parte das vezes com legendas, né, pra eu entender às vezes a palavra, mas depois que eu começo... de tanto assistir eu tiro a legenda e começo a ter mais contato com esse tipo de pessoa.

Speaker 1: Muito bem, então agora queria te desafiar a pensar um pouquinho na escola e Chegou a hora de tentar compartilhar uma tela que você ainda não viu. Então eu queria que você pensasse nos espaços físicos, nos professores

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Nas atividades, nas relações entre as pessoas, entre o professor e o aluno, entre o aluno e o funcionário, entre os professores e funcionários e me respondesse de modo ideal, assim, o que seria para você uma escola boa.

Speaker 2: Hummm uma escola boa. É...o que seria uma escola boa na minha opinião. É uma escola que tenha bons professores, que os professores saibam dar uma aula boa, uma aula mais aberta com aluno até pra tirar alguma dúvida e ajudar em algum sentido ... ter funcionários também, né, como tem até aqui na escola, têm bastante funcionários. As atividades também que são propostas são também atividades boas, atividades para trabalhar a mente do aluno, né, de uma certa forma e.... também como até tem na escola, né, biblioteca, esses lugares assim mais reservado pro aluno, onde o aluno pode ali sentar, pode ler, pode fazer alguma coisa pra distrair a mente, às vezes. Os espaços físicos como tem às vezes aqui, uma escola muito grande, que tenha uma área muito grande pro aluno sentar, às vezes, ficar ali quietinho na dele ou às vezes brincar com alguma pessoa e tal.

Speaker 1: De modo ideal... E na forma do professor dar aula, o que seria uma escola boa pra você?

Speaker 2: Um professor que sabe explicar bem a matéria que apresente mais um aspecto físico, não tanto verbal, porque na minha opinião eu entendo melhor, eu vendo ali, lendo, do que eu só ouvindo.

Speaker 1: Ham ham

Speaker 2: Ou então, às vezes, até praticar os dois. Enquanto a professora fala nós estamos ali com o aspecto físico à nossa frente para nós lermos e termos mais esse contato. E isso... Eu acho que tem que ter, às vezes, também uma ... mais contato com o aluno, conversar, tirar dúvidas e tal.

Speaker 1: E nos espaço físicos essa é a escola ideal tem o que, você pode viajar...

Speaker 2: É até um exemplo que eu daria desta escola, que é uma escola que é muito grande até, comparada à minha do Brasil e que eu tinha... É uma escola que tem muito espaço mais lá

fora, do que dentro mesmo do pavilhão, né, da escola, um espaço que tenha uma casa de banho, tanto pros meninos, quanto pras meninas, é um espaço mais aberto... Tem algumas falhas, assim, de algumas pessoas caírem e tal às vezes porque isso acontece, mas Eu acho que também uma escola limpa até, acho a escola boa também tem essa limpeza e em tudo, e em todas as partes.

Speaker 1: Ok. E voltando... só um minutinho...

Speaker 2: Está bem.

Speaker 1: E passamos então dessa escola ideal, né, essa escola que tem um professor que comunica, que tem um professor próximo, não é isso que você disse? Que tem um espaço físico amplo, tem lugar para ficar tranquilo, tem tudo isso que você disse, né.... Passando pra sua escola, queria que você pensasse nas experiências que você teve nessa escola desde que chegou a Portugal e me respondesse. Você considera essa escola boa?

Speaker 2: Sim eu considero sim uma escola boa, uma escola

Speaker 1: Você não me falou da relação entre os alunos, mas vamos lá...vamos nessa. Se você considera a escola boa.

Speaker 2: Ham ham.... É uma escola boa, sim, eu considero ... como eu falei eu tenho orgulho de estar nessa escola, todas as pessoas também falam que é uma escola muito boa, as pessoas com quem minha mãe às vezes, teve contato pra procurar escola aqui pra mim, tanto pro meu irmão também, as pessoas falaram: -Olha, essa é uma escola muito boa, uma escola que tem um ensino bom, bons professores, um bom diretor né. E sim eu gosto muito da escola.

Speaker 1: E você considera que os colegas, os seus professores, os funcionários da escola são pessoas em que você pode confiar?

Speaker 1: Sim. Eu tenho alguns professores que assim, eu acho que se eu, às vezes, precisar de alguma ajuda... não na própria matéria que ele seja ou ciências ou outros tipos de matérias, mas que ele possa me dar algum conselho, né E sim, eu acho que também tem alguns funcionários, sim, que eu tenho até uma certa intimidade, que eu possa conversar, tenho também os colegas, né, amigos mais próximos, eu posso contar algumas coisas que às vezes não vou contar pra um funcionário...

Speaker 1: Hum hum. E, do que tem sido a sua experiência nessa escola, você considera que ela tem tudo o que você necessita para aprender ou tá faltando alguma coisa?

Speaker 2: Olha, acerca desta parte eu tive sim muitas experiências boas, né, também por também sendo novo na escola, e eu acho que essa escola tem de tudo, tudo que ela possa dar ao aluno como a aprendizagem como uma lição de vida ou moral. Eu acho que essa escola tem tudo pra acolher o aluno, às vezes um aluno que vem de uma outra escola que não tinha essas coisas nessa escola, tem. Tem uma biblioteca, tem um pavilhão específico também pra você ter algum tipo de desporto, né, que eles chamam aqui e sim, eu acho que é uma escola muito boa.

Speaker 1: Que bom. Eu tenho uma Mafalda aqui agora, muito bonitinha.... Você não considera que está faltando nada na escola? Tem tudo lá?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Não está faltando nada.... Eu queria que você me desse exemplos de recursos que a escola tem que facilita o teu aprendizado.

Speaker 1: A própria biblioteca 'que eu citei já várias vezes, que também tem ali alguns computadores também na escola, temos... até hoje que eu participei ... temos duas salas de computadores. Nessa sala só tem computadores e tem computadores e tem uma mesa grande no meio e uma lousa pro professor escrever alguma coisa que necessita; também tem o laboratório de ciências; tem a biblioteca, o laboratório de ciências, essas salas.

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: Tem também o auxílio dos professores, né mas

Speaker 1: Com certeza

Speaker 2: Mas essa parte não interfere. Sim...e

Speaker 1: Ham...diga... só isso?

Speaker 2: É isso.

Speaker 1: Isso. Você considera que os professores

Speaker 2: Sim

Speaker 1: São bons professores para ensinar alunos que vieram de outros países?

Speaker 2: Olha... essa parte eu até também senti às vezes, mas eu acho que sim eu acho que eles estão preparados, né, por... até o primeiro dia de aula eu achei estranho porque, pelo que eu vi, eles têm o costume de perguntar ... cada tipo de professores perguntam ao aluno qual foi a última nota do aluno, né, para eles terem consciência se ...ah esse aluno sabe um pouco da matéria... esse aqui não sabe tanto... esse aqui precisa de ajuda. E foi até uma experiência que eu tive com o meu professor de matemática, que ele chegou pra mim e perguntou: - Quanto você tirou em matemática? Aí eu expliquei, eu falei -Professor, eu não estava aqui ainda, eu cheguei esse ano em Portugal. E expliquei pra ele e ele falou -Ah tá. E depois ele começou a dar aula normal. E eu fui pegando o ritmo das aulas.

Speaker 1: Ele queria saber que notas você tinha no Brasil ou no semestre anterior ou no ano anterior?

Speaker 2: Sim. Ele queria saber quanto eu teria tirado... a última nota que eu teria tirado na matéria

Speaker 1: Ah tá

Speaker 2: Porque aqui eles não fazem igual a nós no Brasil, eu no Brasil... nós tínhamos o costume de nós fazermos por porcentagem. Nós pegávamos os testes, as provas, anotávamos tudo e dávamos a porcentagem. Nós tínhamos quatro semestres no Brasil, nós tínhamos o primeiro e o segundo que valia 20 e o terceiro e o quarto que valiam 30. E somando tudo daria 100. Eles aqui não. Eles aqui eles fazem ou um teste ou um teste e duas provas ou só uma prova

Speaker 1: Hum

Speaker 2: E eles pegam tudo isso dividem por 3 ou 4 ou uma coisa assim e depois fazem mais uma multiplicação para dar um número de 0 a 5. E nesse 0 a 5 ou você tem o zero que é péssimo, né, o três que é mais ou menos e o 5 que é ótimo. Então o professor perguntava -Quanto que foi a sua última nota? Aí a pessoa dizia, ah foi um 3, professor. Ele falou - Ah tá bem. Eu ficava assim, mano, três? Aí depois quando a minha professora de geografia explicou, até antes do ano acabar, agora, uma das últimas que nós tivemos com ela, ela explicou como é que é feito esse processo. Eles pegavam o...

Speaker 1: E ninguém tinha explicado isso pra você.

Speaker 2: Não não. E depois também, depois dessa aula de geografia, né, nós temos uma aula que é como se fosse um auxílio, assim, de todas as matérias juntas, que eles chamam aqui de CAP, que é uma aula que pega assim um professor aleatório, nós temos, é até o nosso professor de matemática e hoje nós tivemos aula com ele, ele veio conosco e fala -Gente, o que vocês têm de dever? Ai eu -Ah, professor, eu tenho dever de físico-química, por exemplo. Ele fala -Podem fazer. Então ele dá um auxílio em todas as matérias e ele é o meu professor de matemática. E ele abriu uma lousa pra gente no note book dele e nós vimos lá, ele somou, ele dá, sei lá, auto estima, dá um ponto. Aí dá participação 1 ponto, de 0 a 3. E eu até tive uma minidiscussão com ele porque ele falou... foi uma palavra que ele falou, que eu pedi ajuda ele, mas eu falei que não pedia. E ele virou me deu um três.

Speaker 1: Como é? Explica de novo.

Speaker 2: Ele falou assim... é uma palavra que eu esqueci..., mas ele falou essa palavra e eu falei -Professor, eu nunca te pedi ajuda, em nenhum tipo de atividade.... É autonomia!

Agora eu lembrei a palavra. É autonomia. Ele me deu três em autonomia. E eu falei -Ô professor, eu nunca te pedi nenhum tipo de ajuda. O que é que eu fazia? Ele explicava a matéria, eu prestava bem atenção e conseguia aplicar no dever. Eu nunca chamei ele pra fazer nada. Às vezes ele minha na minha mesa e mesa e falava -Olha...aqui está certo. Eu falei: -Tá bem, professor, obrigado. Aí eu falei: -Professor, não tem como eu tirar 3 em autonomia, se eu nunca te pedi ajuda em nada. Isso aqui está errado. E ele no dia concretizou minha nota com um 3. Aí eu falei: -Não vou aceitar isso. Cheguei em casa, conversei com meus pais e eu cheguei na segunda-feira, que nós temos duas horas com ele, ele chegou para mim e disse: -Ó aí Brazuca, que eles aqui chamam brasileiro de brazuca, né. Ele chegou e aí: -Ó aí Brazuca, eu te dei o 4. E eu disse: -Ué, mudou de opinião, assim? Então eu vi, cara, a conversa que eu tive com ele ele entendeu e viu -Mano, eu tô errado aqui e foi e voltou atrás. Eu falei, tá vendo, se eu não tivesse falado ia ficar com 3 à toa, podendo ficar com 4.

Speaker 1: Deixa eu entender, ele estava explicando como é que ele avalia o aluno, não é isso?

Speaker 2 Sim. A forma dele avaliar.

Speaker 1: Tá certo. E ele dando abertura para, digamos assim, pra vocês opinarem sobre esse tipo de avaliação?

Speaker 2: Sim, eu vou te explicar melhor como ele fez.

Speaker 1: Ham ham.

Speaker 2: Ele, em todas as salas, eu não sei se todas as escolas, porque eu só visitei até hoje esta escola, né, e foi onde eu estou até agora.

Speaker 1: Eu também... Rs

Speaker 2: Em todas as salas nós temos projetor. Então ele tem até o controle universal que ele comprou e ele ligou esse projetor e armou pra gente, projetou um quadro. Aí foi lá, falou a nota de cada um. Ai quando ele acabava de falar todas as notas, ele chegava pro aluno e perguntava. Você tem alguma dúvida, quer tirar ou você quer mudar ou alterar alguma coisa? Aí o aluno dava opinião.

Speaker 1: Muito bom...

Speaker 2: E aí eu procurei o meu e achei esse 3. Aí falei, mano, vou falar isso aqui, porque isso aqui está errado. E ele faz o que? Ele tem participação, comportamento, entre estes dois ele dá a porcentagem de 70%. Tem 70% só nesses dois. Aí ele tem mais 4 aberturas, que é autonomia e umas outras que eu esqueci agora. E dentro desse ele tem 30%. Então ele avalia nesses 30 com 70 junta e faz toda aquela divisão. Ele deu esse 3 pra mim e pra um amigo meu. E nenhum dos dois pediu ajuda dele em nada. E eu não sei se ele mudou a nota do meu amigo, mas a minha ele mudou, depois eu vou até perguntar pra ele o que ele fez.

Speaker 1: Isso é bastante positivo. Você tem sentido esse tipo de abertura, esse tipo de abertura pra participar do critério de avaliação, com outros professores, ou foi uma iniciativa apenas desse professor?

Speaker 2: Eu tive até que uma abertura melhor com minha professora de geografia, né, que eu tenho também muito contato, porque ela fez o que? Ela falou -Qual é sua auto avaliação? Eu falei, professora, baseado nas minhas provas que eu tirei 71 e 75, que é uma nota que eles avaliam como um 4, mais ou menos -Eu acho que eu mereço um 4. Ela falou -Tá bem, eu concordo. Foi lá e escreveu um 4 e me deu um 4 na ficha final, mas para a própria professora de português, ela deu uma folha pra gente falar sobre auto avaliação, eu botei 4. Eu cheguei na mesa dela, e dei e ela falou -4? Não... vou te dar um 3. Eu falei -Ora, professora, tá bem. E deixei aquilo lá com ela e deixei ela dar o 3, nem contestei.

Speaker 1: Mas é auto avaliação...

Speaker 2; Pois, mais ela deu um 3 e depois nem consegui ver minhas notas, não perguntei.

Speaker 1: Pois, então, a gente pode dizer que o critério de avaliação é discutido, né, com o aluno.

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: E isso é uma postura da escola, não é? Não é de um único professor.

Speaker 2: Sim. Não é de um único professor, sim.

Speaker 1: Esse ponto me interessa porque diz respeito à participação

Speaker 2: Hum um

Speaker 1: Esse é um fator que favorece, né...

Speaker 2: E eles contam aqui mais a participação e o comportamento do que o próprio teste, pra você ter noção.

Speaker 1: Ah é?

Speaker 2: Eles contam aqui o que o aluno mais faz dentro de sala, com o professor tirando alguma dúvida, ou então ajuda o professor em algum tipo de matéria, do que no próprio teste escrito. Porque o próprio professor de matemática me falou isso. Falou: - Você, na parte oral, você é maravilhoso, mas na hora que você chega pra escrever, você tem erro aqui por falta de atenção e por isso e por aquilo.... Eu falei -Professor, eu também tinha isso no Brasil, até melhorei, mas como entrou essa pandemia eu parei de estudar e voltou tudo de novo.

Speaker 1: É, mas isso você vai corrigindo aos poucos.

Speaker 2: Hum hum.

Speaker 1: Não é? Prestando mais atenção, ne, fazendo mais devagar...você chega lá.

Speaker 2: Mais com calma, é...

Speaker 1: Exato. Sobre esses professores, então você acha que eles são bons pra ensinar alunos que vêm de fora, não acha?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E o que é que faz a diferença, o que faz você pensar que eles são bons para ensinar alunos que vêm de fora. Que diferença seria essa.

Speaker 2: Até por saberem que nós somos de fora, pelo acolhimento que eles nos dão.

Speaker 1: Ah é?

Speaker 2: Por exemplo, quando eu falei que eu era brasileiro, a maioria deles gostaram muito. Ficaram até impressionados, perguntaram porque é que eu vim pra cá. Expliquei que eu estava com dificuldades no Brasil e tal e eles falaram -Que bom, bem-vindo. Aí eu falei -Muito obrigado. E assim foi decorrendo um ano, mas pela minha experiência eu percebi que eles sabem acolher bem um aluno de fora. Foi o que eu percebi.

Speaker 1: Ótimo. E você acredita que as aulas normais estão lhe ajudando a superar as suas dificuldades.

Speaker 2: Sim, até pelo, como eu já falei, até pelo contato mais com um professor no Brasil eu não tinha todo esse contato porque entrava um professor ... sai um, já entrava outro atrás, então não tinha esse tempo para parar, conversar com a professora, tirar alguma dúvida. Aqui não, aqui, né, nós temos de dez em dez minutos nós temos uma hora de aula, por exemplo, 5 e meia. 5 e meia nós temos 10 minutos de intervalo e aí 5 e quarenta nós voltamos prá sala, então às vezes eu tenho esses dez minutos para conversar com o professor, tirar alguma dúvida, que eu aproveito também pra fazer. 'Aqui eu aproveito também para fazer.

Speaker 1: Certo. Alguns pais têm reportado muitas faltas de professores nessa escola.

Speaker 2: Hum hum.

Speaker 1: Acontece?

Speaker 2: Olha vou te falar que hoje mesmo eu tive duas professoras que não foram. Aqui ... eles chamam de furo, quando você não tem aula. Por exemplo hoje, como é o dia de sexta, eu saio de casa ao meio dia. Cheguei na escola, tive aula de história que foi a primeira aula e a seguinte seria da própria professora de geografia, só que pelo que eu soube na escola, ela estava na escola, de manhã, só que ela foi embora. Eu falei, pois não vamos ter aula e nós tínhamos

aula de geografia e depois voltamos, tivemos ciências e depois não tivemos aula de português de novo. Ai eu só tive três aulas no dia, praticamente, de ciências, CAP e história.

Speaker 1: E passou o dia na escola.

Speaker 2: Pois

Speaker 1: Ai ai. E isso é frequente?

Speaker 2: Sim é frequente, mas eu passei a maior parte do tempo, assim, umas duas semanas sem faltar um professor, de ter aula diretinho, mas também, é igual ao caso de hoje, de ter dia da gente não ter duas ou três aulas e ficarmos ao ar livre, sem fazer nada.

Speaker 1: É...os pais dizem que isso acontece com muita frequência.

Speaker 2: Hum hum.

Speaker 1: Por isso que eu queria ouvir vocês também. E... você tem frequentado aula extra, têm oferecido para você aulas fora do seu horário regular pra lhe apoiar em alguma atividade

Speaker 2: Não nunca foi, chegou pra mim assim.

Speaker 1: Ou alguma dificuldade em alguma disciplina, não.

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Tá. Especificamente sobre o seu aprendizado de português

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Eu gostaria de saber se você participa ou participou de aulas de português voltada especificamente para o estrangeiro. Imagina que...

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Não, porque você é falante do português, não é?

Speaker 2: Sim, ham ham

Speaker 1: Você tem se saído bem nas aulas de português ou você tem dificuldades?

Speaker 2: Foi uma coisa que até eu tive até dificuldade no começo, porque, por eu achar que a língua era igual, mas depois quando eu fui aprendendo que, cara, é completamente diferente a língua. Tem até umas palavras que eu até citei antes que não se podem citar aqui, por as vezes, ter outro significado ou ter um duplo sentido também. Uma palavra que eu uso muito no Brasil que é legal. Legal aqui pra eles é fixe... igual eu botei no teste, nós criamos uma história de redação e eu botei umas palavras e depois botei legal... a professora deu errado, circulou assim, deu errado.

Speaker 1: Ah é?

Speaker 2: E eu esqueci na hora de botar que era fixe porque eu não estava acostumado ainda.

Speaker 1: Pois. Eu queria entender de você o que seria necessário fazer para que as aulas de português lhe ajudassem de uma forma melhor. Por causa do idioma, né, eu quero entender essa questão do idioma; as dificuldades do estrangeiro com o idioma e estou tentando visualizar aqui um fator que te favoreça, não é?

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Então o que seria necessário fazer para que a aula lhe ajudasse de uma forma melhor?

Speaker 2: Porque o que também me ajudou é porque às vezes tinha alguns brasileiros na sala e também já explicavam pra mim. Esse tipo de coisa. Mas quando a professora soube que eu era do Brasil, né, brasileiro, ela já sabia que ela ia ter alguma dificuldade porque eu ia às vezes trocar as palavras.

Speaker 1: Hum Hum

Speaker 2: Então teve uma vez, por exemplo, que eu escrevi um texto que eu botei legal ela falou: - Lembra que esse tal de 'legal', 'bem', por exemplo, que a gente fala muito também, isso são ditados que nós falamos no Brasil, aqui eles não citam isso. Aqui eles não vão falar 'ele está muito bem', eles não citam, não falam muito esta palavra aqui. Então teve um texto que ela pediu para nós fazermos no caderno que eu mostrei a ela e ela falou -Essa palavra aqui ó você tenta, lembra, escreve mais, pronuncia melhor as palavras daqui pra você não botar isso num

teste, pra eu não dar errado. Então ela me auxiliou muito, neste tipo na própria língua, né, do jeito de falar e também eu não vim pra cá, assim, pra onde eu tô indo, né. Antes de eu vir pra cá minha mãe já estava pesquisando algumas palavras, eu estava vendo como eles falavam aqui, como era a língua, então nós também viemos com bastante formação.

Speaker 1: Que bom! Bom, agora vamos chegar num tópico da entrevista que fala sobre relacionamentos na escola. E olha que fofinho, muito bonitinho, ne (referindo-me à imagem que compartilho) RS.

Speaker 2: Pois.

Speaker 1: Eu queria que você pensasse um pouco sobre seus colegas seus amigos sobre os professores e me respondesse. Foi fácil chegar na escola e fazer amizades.

Speaker 2: Não, à primeira vista não foi por eu ser imigrante, de uma certa forma, ou também por ser brasileiro, não sei, como eu até citei antes, que têm pessoas que brigam com outras pessoas e acham que aquela outra pessoa é igual a todas, é igual a todas, é igual ao todo, mas eu acho que na segunda, terceira semana de aula eu já estava começando a conversar com algumas pessoas, mas teve... acho que foi no segundo dia de aula, que teve até um amigo meu, né, que hoje é meu amigo, que nesse dia falou: -Cara, anda com a gente, aí a gente começou a andar, começamos a conversar, mas eu falei assim, não sei né, vamos conversando e vamos deixar rolar, vamos deixar acontecer. Aí a gente foi conversando, eu fui, né, conversando com ele, ouvindo como ele falava até, pra poder aplicar o português, e eu até conheci uma brasileira na escola, eu achei isso até engraçado, né, que ela já está aqui há dois anos e ela fala: - Eu não falo português daqui como tu fala. Aí eu falei oh ... e eu eu só chequei aqui há dez meses e ela já está aqui há dois anos, ela não fala tanto igual eu falo, ela falou.

Speaker 1: Que bom, que bom! Que dificuldade você sentiu nesse início?

Speaker 2: O medo de falar alguma coisa errada ... pela língua, por ser uma língua diferente né. Assim ... não tanto diferente como se eu fosse pro o Canadá que é o inglês, que aí sim ia ser muito mais severo, né, mas onde eu tô tem uma língua diferente, eu não vou falar que igual que nem eu falo com meus amigos no Brasil... igual eu falo aqui.

Então eu tenho que, às vezes...o jeito que eles respondem eu não posso ficar ah desculpa... tenho que responder também, então, às vezes até nas brincadeiras, eles aqui vão fazer uma piada e quando eu não rio eles ficam - O que é que foi, não achou graça, não? Mas quando eu faço uma piada eles ficam felizes, eles caem na gargalhada e eu fico sem entender.

Speaker 1: Rs. Ai ai. E como é que é assim... como te acolheram os colegas da turma, de outras turmas, você já falou né,

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Já no segundo dia tinha a pessoa lhe convidando pra juntar, não é?

Speaker 2: É... a maior parte foi... no primeiro dia eu fiquei até surpreso que teve uma gaja, que eles chamam aqui, que a gente chama no Brasil de menina e também tem rapariga, né, ela até saiu gritando...teve uma amiga que falou que ela queria meu Instagram e foi até um meio de eu criar uma certa amizade, que hoje eu tenho até com muitas... aí eu fui lá e falei, tá bem, passei meu Instagram aí ela mandou mensagem, a gente começou a conversar e aí depois criamos uma amizade. Mas eu já conheço muitas pessoas na escola, já, já tenho muitas amizades, até com... a maior parte da sala eu também converso, assim, tranquilo..., mas, de primeiro assim, foi difícil, mas depois que eu fui me acostumando com a língua, fui conversando com outros tipos de pessoas, ficou mais fácil.

Speaker 1: E o que pensam os colegas sobre você, sentem diferença por você ser de outro país? Como é isso?

Speaker 2: A primeira impressão deles eu tenho ... por eu ser muito grande, ne, ... porque quando eles me viram falaram -Mano, esse menino já era para estar no décimo ano. Por que eu tenho 13 ..., mas eu tenho 1,90m praticamente...

Speaker 1: 1,90m?

Speaker 2: Eu tenho 1,87m, então eu sou quase o maior da escola, praticamente, então quando eles me olharam falaram -Mano, tu é muito alto, né.... No jeito deles. E eu falei ...

-Cara, não tenho o que fazer... eu só cresci. Rs.

Speaker 1: Rs.

Speaker 2: Todo mundo.... As pessoas primeiro acharam que eu tinha 17 anos... eu falei -Não, eu só tenho 13. Não tenho 17 ainda, mas foi até engraçado, né, às vezes a pessoa me viu na rua e me olhar assim de cima abaixo, falar assim, -Caraca, esse menino é muito grande. Eu acho que foi até interessante.

Speaker 1: É.... comeu fermento demais, né?

Speaker 2: Foi. Rs

Speaker 1: Rs... E na escola com que pessoas, nacionalidades ... oh meu Deus... qual é a nacionalidade das pessoas com quem você mais se relaciona?

Speaker 2: A maior parte é daqui mesmo. Eu não tenho... eu até tive contato com uns outros brasileiros, mas ... a maior parte, sem ser brasileiro é português, é tudo português mesmo. Eu acho que não tem nenhum americano, nenhum francês, assim, na escola não, nenhum outro tipo de nacionalidade, não.

Speaker 1: Tem cabo-verdianos

Speaker 2: É ... tem cabo-verdianos e eles falam aqui que os cabo-verdianos são muito esquentados.

Speaker 1: Eles falam o que?

Speaker 2: Esquentados, né, que nós falamos no Brasil.

Speaker 1: Tem angolanos...

Speaker 2: Tem angolanos, o que mais tem é angolano.

Speaker 1: É?

Speaker 2: Tem muitos.

Speaker1: Você gosta de algum colega em especial?

Speaker 2: Eu tenho.... Tenho uma melhor amiga, mas... assim, não. Acerca dos meninos eu não tenho, das meninas também não. Só tenho uma melhor amiga que é chata, né, vai fazer o que? Mas tirando isso...

Speaker 1: Mas ela é o que?

Speaker 2: Ela é chata, mas fazer o que?

Speaker 1: Rs. É a melhor e é chata Rs

Speaker 2: É....

Speaker 1: Oxe, como é que é isso? Ai ai... tem paciência hein?

Speaker 2: Pois Rs...

Speaker 1: Tem que ser um pessoal paciente, né, porque o melhor amigo é o mais chato, é chato... Rs...Ai ai. Você gosta dos professores, dos funcionários, em geral?

Speaker 2: É assim só tem... em todos professores, assim, em todos tipos de matéria, eu me dou bem... só tem um funcionário que eu não vou muito com a cara dele, né, mas ele também, acho que ele não gosta de mim, porque foi até esse que eu falei da máscara, que ele falou -O que é que eu tenho a ver com isso? Eu falei -Tá bem, desculpe. E sai andando. Ele não gosta muito de mim ...também devido eu não tenho, se ele vier falar comigo eu posso falar tranquilamente com ele, mas se ele falar grosseiramente, né, que pra eles aqui é normal, também vou responder do mesmo jeito. Mas o resto dos funcionários eu me dou bem também, tem até um funcionário amigo meu que ele trabalha na cantina toda vez que eu vou tirar uma senha com ele, né que é a ficha que nós almoçamos, falo com ele e tal, a gente se dá muito bem e os professores eu também tenho uma boa relação, em específico o de ciências e de geografia né, que são as duas

matérias que eu me dou, assim, melhor. Em Ciências eu tiro bastante dúvidas, eu converso com o professor e sim, me dou bem com todos.

Speaker 1: Que bom! Muito bom.... De uma forma geral, você considera que quando os professores estão ensinando, eles demonstram preocupação no sentido de que os alunos da turma aprenderam a respeito da sua cultura.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E o que lhe faz pensar que isso, que situação lhe faz pensar que sim.

Speaker 2: Na História de Portugal, né ... quando eles citam a história de Portugal eles às vezes citam um brasileiro... ou fazem parte do Brasil qualquer Portugal colonizou o Brasil, né. E eu até por brincar com isso, né, que eles falam que eu vim roubar o ouro, vim pegar o nosso ouro de volta... então eles brincam muito com isso e, de um jeito ou outro é uma parte interessante, porque tem muitas pessoas que tem que sonhar... eu quero viajar pelo mundo, então eu ainda não viajei pelo mundo, mas eu tive oportunidade de vir pra um lugar que a cultura é completamente diferente, que as coisas ~soa novas, ne, que são outras pessoas, que é outra língua, é tudo diferente.

Speaker 1: Você sente que é parte dessa escola?

Speaker 2: Sim.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E por que é que... qual é a situação que lhe faz sentir parte da escola?

Speaker 2: Por eu ter sido muito bem acolhido, né, por eu ter pessoas que falam - Se você precisar eu tô aqui pra te ajudar, se você precisar às vezes, de algum conselho, né... que foi uma pessoa que me influenciou muito foi a própria professora de português, que demonstrou muito ali, né, estendeu os braços completamente pra mim, pra me ajudar, tanto no próprio português como falar outras coisas, formada para a professora de português e que demonstrou muito de e defendeu os braços completamente para mim para me ajudar tanto no próprio português como falar outras coisas, em ajudar em fazer outras coisas... E sim, eu acho que, ne, fosse fazer um boletim assim eu anotaria meu nome completamente... botasse aqui, os alunos desta escola, eu teria completamente o meu orgulho de botar meu nome lá...

Speaker 1: Que bom... e, agora, é uma parte que fala sobre participação. Eu acho que a gente já está chegando ao final... é a última parte. Eu queria que você pensasse em todos os alunos e não apenas nos imigrantes.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Você considera que na escola existem oportunidades para que os alunos discutam e reflitam sobre questões do mundo em geral e do mundo da escola?

Speaker 2: Sim, eu acho que tem essa liberdade.... Travou.

Speaker 1: Não tô te vendo porque eu estou com o meu roteiro aqui...

Speaker 2: Ah tá... Eu acho que sim, que tem essa liberdade dos alunos se expressarem, de uma certa forma, tanto pra tirar dúvida da própria matéria, como pra falar de outras coisas, né, acerca, por exemplo, da economia ou do mundo em si e eu acho que sim, que os alunos não são tão presos assim à matéria ou a só falar sobre aquilo e não ter voz, como nós poderíamos solicitar...

Speaker 1: Minha pergunta não é exatamente no sentido de ter voz

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Minha pergunta é tentar compreender se nas aulas, há discussão sobre problemas do mundo e os problemas da escola, por exemplo, discutir um acontecimento recente, discutir algo, alguma situação política, da Europa, esse tipo, digamos assim, no Brasil eu chamaria de uma 'Atualidade', entendeu?

Speaker 2: Sim, ham ham.

Speaker 1: E se isso é trazido à discussão, ah sobre, sei lá, sobre a questão de gênero, ne, ou sobre ou queria ouvir vocês, vamos aqui conversar um pouco, não sei, algo por aí, ... sobre a globalização, sobre... agora num

Speaker 2: Vários assuntos

Speaker 1: Exatamente, o que eu chamo de questões do mundo.

Speaker 2: Sim, eu já tive três ... três em específico, três casos que já aconteceram isso, nós falamos muito sobre o mundo, em específico nas aulas de OAT, que eles chamam aqui né, que é Oficina de Artes e Tecnologia ou na forma, por exemplo, de uma estrutura, de uma ponte, dá-se o exemplo da Inglaterra, fala como foi construído, também na própria ciência, né, que falam sobre algumas teorias, falam sobre quem foi aquela pessoa que falou sobre aquela teoria, quem foi aquela pessoa que criou a teoria e teve um caso muito relevante que nós falamos em geografia, que nós discutimos sobre o tal do LGBT né, que é esse grupo aí tão grande e a professora deu a sua opinião sobre isso abriu para nós falarmos, nós conversamos como se nem fosse uma geografia, como se aquela professora ali fosse um parente nosso. Nós conversamos tranquilamente ali com ela, debatemos o assunto, ela explicou o que é que era o LGBT, que não era qualquer pessoas, era um grupo em separado, que gostava né, todo aquele processo e fui uma aula até muito boa que a gente de um jeito ou de outro a gente abriu a nossa mente pra isso, não foi só mesmo aquela aula de geografia, que tem que aprender sobre mapa e não sei o que e mais umas outras coisas...

Speaker 1: É, esclareceu os conceitos de gênero, né...

Speaker 2: Falou sobre tudo isso.

Speaker 1: Que bom. E a escola, é assim, acontecimentos da escola, questão que impactam a escola, problemas na escola, isso é trazido à discussão ou não?

Speaker 2: Sim é muito trazido à discussão porque principalmente na escola nós temos o chamado DT, ne, que é o diretor de turma, que é essa pessoa é encarregado por aquela turma, vamos supor, nós temos o DT que é o (nome do DT), que é até um amigo meu também, um professor, que todo tipo que acontece de problema ali, por exemplo, a professora de história ... o aluno estava implicando na aula dela, ela chega pra esse diretor de turma e ela explica -Ó, esse aluno estava mal na sala, preciso que você converse com ele e chame às vezes, o encarregado da educação, ne, que é aqui um pai ou a mãe ... e eu preciso que você trate desse problema. Então aconteceu muito isso com a gente, né, por ele ser o DT, por ele ser essa pessoa responsável pela nossa turma, ele tem esse desafio, por exemplo, ne, de trazer pra nós -Ó, você estão se portando bem, eu quero que vocês melhorem nisso, eu quero que vocês, às vezes, trabalhem mais nisso, tenham um melhor comportamento. Às vezes fala em particular com algum aluno, como ele já falou até comigo, que isso foi bem no começo, quando ele falou que eu estava falando muito nas aulas de matemática e falou pra eu, às vezes, parar um pouco -Pare de falar aqui porque você está às vezes incomodando o professor... eu fale: -Tá bem, professor, obrigado! E depois disso nunca mais recebi nenhuma reclamação. Foi um sinal para mim que eu melhorei, e não piorei em nenhuma questão.

Speaker 1: Maravilha! E nessa escola, os alunos participam de formulação de regras direitos e deveres.

Speaker 2: Sim nós tivemos um caso em específico que foi para uma votação, né, que nós fizemos uma votação, que eles chamam aqui de delegado e subdelegado. Além de ter o DT ele tem um subdelegado e o delegado, que são as pessoas que estão dentro da turma, pra informar também o professor ou a professora... nós precisamos disso, essa professora estava muito alterada, por exemplo, a professora estava muito alterada hoje, a professora estava brigando com o aluno por o aluno não estar fazendo nada...Então nós fizemos uma primeira vez, foi no primeiro período, né, que foi eleito até um amigo, dois amigos meus. Então eles atuaram esse primeiro período, nesse segundo agora, já é uma amiga, até minha também e um dos meninos

que já era. Os dois são encarregados de às vezes terem uma reunião, como eles tiveram agora na quarta-feira, que foi uma reunião de todos os delegados e subdelegados da escola, com o diretor. Eles devem ter abordado um assunto específico, lá, ou então também pra receber até sugestões, que o próprio DT falou - Vocês (os dois delegados) podem dar algum tipo de sugestão pra melhorar a aula, ou às vezes, trazer algum benefício pro aluno dentro de sala d'aula. Então juntaram todos os delegados e subdelegados da escola no auditório que até tem lá na escola, dentro da escola, e ali eles passaram vários temas

Speaker 1: Muito bom.... Mas formular regra.?

Speaker 2: Não nessa parte a gente não interfere não entra muito. Eu acho que essa parte é mais com os professores ali professores ali na barra diretor, quase já, que eles só conversam ali mesmo.

Speaker 1: Ok. Só um minutinho.

Speaker 2: Tá bem.

Speaker 1: Ah, sim... é nossa penúltima pergunta

Speaker 2: Tá bem.

Speaker 1: Nessa escola os alunos participam da decisão sobre como se organizar a aula, o que será estudado, tarefas que serão feitas, como o tempo vai ser gasto, como vai ser a avaliação. Avaliação você já me falou um pouco.

Speaker 2: Sim, hum hum. Nós interferimos também, de uma forma boa, né, em alguns deveres, né, nós às vezes ajudamos o professor, às vezes o professor esquece, por exemplo, ele chamou aqui de lição, ne, sei lá, eles são... ontem foi que lição, aí a gente ajuda, ontem foi a lição 20, por exemplo. Ele: -É, tá bem.... Vai lá e escreve no quadro, eles chamam aqui de sumário, que eles falam que vai ser feito no dia, feito na aula, igual, por exemplo no dia de matemática. Nós temos duas horas, então eles já botam as duas lições do dia e já escrevem ... nós vamos fazer, por exemplo o cálculo de matemática. Aí ali ele aplica um certo dever, pede o nosso conselho, né, de uma certa forma, e nós ajudamos ele, né, e todos os outros.

Speaker 1: É...., mas ele põe lá o que ele vai dar ...

Speaker 2: Sim

Speaker 1: E aí vocês

Speaker 2: Ele põe o que ele vai dar e explica também, às vezes, ele já até explicou essa matéria em uma outra aula. Só que ele revisa com a gente, passa para a gente de novo e ele aplica aquele dever e aí a gente tem um certo tempo para fazer e dentro desse tempo ele vai auxiliando a gente de alguma forma.

Speaker 1: Tá, mas como isso é feito... ele coloca o sumário, elas não interferem em dizer -Olha professor, hoje a gente poderia falar daquilo que aquilo não ficou...

Speaker 2: Não. Ele já vem pré-programado mesmo, já vem com tudo na cabeça, já passa ali e a gente copia e às vezes faz algum dever, ou já entra na matéria e é isso.

Speaker 1: Tá, então sobre como se organizam as aulas vocês não

Speaker 2: Nos não interferimos, é.... sim.

Speaker 1: No seu modo e na avaliação, tem a auto avaliação

Speaker 2: Sim

Speaker 1: E tem uma discussão

Speaker 2: Todos têm esse método de auto avaliação, todos aplicam esse método de auto avaliação, pra você dar a sua própria avaliação.

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: Então, mesmo que você dê, eles ainda, né, às vezes, eles discutem pra ver se é aquilo mesmo e aplicam, mas tem outros que, por exemplo, o professor de ciências, eu tirei nos dois testes, eu tirei em 75 e um 85 e ele virou para mim e falou: - Eu só não vou te dar um 5 nesse semestre, que é a melhor nota, porque nenhum professor está habilitado a fazer isso. Nenhum

professor nesse período pode dar cinco. Ele só pode dar de 4 pra baixo, porque eles estão entendendo que o 5 está muito avançado ainda. Eles querem botar o quatro pro aluno entender que ele está bem, mas ele precisa melhorar. Porque no pensamento deles, eles vão dar um 5 e o aluno vai descansar ali. Não vai querer mais trabalhar. Vai falar, tirei um 5, nesta matéria eu já estou descansado.

Mas eles não, também a professora de geografia, eu falei -Professora, eu quero um 4, ela foi lá e me deu um 4, sem nenhuma discussão.

Speaker 1: Hum hum. No seu modo de ver, quais seriam as questões referentes ao mundo da escola que as crianças que são de fora deveriam discutir e participar?

Speaker 2: Às vezes trazer alguma dúvida da própria matéria ou então tirar a própria dúvida com o aluno ou ajudar que às vezes foi até me oferecido, um amigo meu chegou pra mim e falou: -João, se você quiser ajuda na matemática, por exemplo, a gente pode combinar de algum dia a gente se encontrar e estudar, então, eu acho que eles também aqui têm o costume, os adolescentes, tem muito costume de fumar, 11 anos você vê um adolescente de 11 anos fumando na rua, então eles também, às vezes, tem muito contato com isso, não sei se chega até a usar alguma coisa ilícita, mas eles têm muito contato com isso. E eles às vezes não têm muito contato com a escola, às vezes falando da vida ou então conversas sobre outras coisas, por exemplo, futebol, também outras coisas, né, que são, no meio dos adolescentes, que tem mais, mas eu acho que se nós conversarmos, por exemplo, de coisas de escola, ou tirarmos alguma dúvida, vai enriquecer muito mais no nosso conhecimento.

Speaker 1: Você acredita que um aluno imigrante possa ter as mesmas oportunidades pra ter bons resultados que os alunos portugueses?

Speaker 2: Sim. Acho que sim.

Speaker 1: Por que?

Speaker 2: Dependendo de como ele for aceito, né, com o entender que ele foi aceito, ele vai ter um decorrer de um ano bom... porque, às vezes.... Se ele for aceito mal, ele vai botar na cabeça dele que ele não vai conseguir... ele vai botar na cabeça dele, falar -Cara, eu tô estudando essa matéria aqui, mas eu não vou conseguir, que é o próprio português. Se vir outro brasileiro e já for ter aula de português, ele vai ficar meio assim, vai tomar um choque de cultura, que até tem um programa sobre isso no Brasil, ele vai tomar um choque de cultura. Ele vai tomar um choque de cultura, porque não é a mesma coisa, dele estar lá no Brasil falando a língua dele e vir pra cá falar outra.

Speaker 1: Mas você acha que este aluno pode ter o mesmo resultado?

Speaker 2: Sim, eu acho que sim. Tanto que tinha até uma amiga minha que falava que ela tem um sonho de vir pra Coimbra, estudar em Coimbra. Eu falei -Cara, se você quiser, tiver disponibilidade, você conseguir, você vem. Se você vir já estudando e tal, você vai ter a mesma oportunidade de um português, por exemplo. Às vezes pode ter mais oportunidade do que ele próprio, por estar, às vezes, estudando antes ou estar mais preparada até.

Speaker 1: E você acha que você tem as mesmas oportunidades de participar das atividades do que qualquer outro aluno português?

Speaker 2: Sim. Eu acho que eu posso sim estar ali entre... ou estar junto com um português em algum tipo de atividade física, ne, ou alguma outra área, coo posso ficar abaixo ou ficar ali igual. Mas eu acho que sim, se eu chegar hoje no país e entender e compreender tudo o que está acontecendo, eu consigo, assim, me encaixar de uma certa forma e ter ali as mesmas oportunidades, ne, que o próprio português.

Speaker 1: Tá bom. Pra encerrar eu vou te propor um desafio de resumir essa nossa conversa em uma palavra, ou em uma frase.

Speaker 2: Hummm. Choque de cultura

Speaker 1: Choque cultural.... Rs. Tá bom João, foi excelente

Speaker 2: Muito obrigado

Speaker 1: Super, super obrigada. Agradeça à sua mãe que também foi super gentil comigo

Speaker 2: Ela mandou um beijo pra senhora.

Speaker 1: Viu. Então eu quero que você fique muito melhor do que você tá, eu sei que você está ótimo, mas que você fique muito melhor nessa escola

Speaker 2: Obrigado

Speaker 1: E extraia dela o que ela tem de melhor prá te dar, entendeu? E é isso. Quando os dados estiverem analisados...

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Eu volto com vocês pra nossa ... e peço desculpas pelo contratempo no início.

Speaker 2: Beijo

Speaker 1: Adorei, adorei, obrigada!

E21 - 16/01/2021 - Aluna (Brasileira)

Speaker 1: Bom, então vamos começar, primeiro que eu preciso da sua autorização pra gravar o áudio

Speaker 2: Sim, claro!

Speaker 1: E agradecer a sua participação

Speaker 2: Rs

Speaker 1: Dizer que eu sou aluna do mestrado da Universidade do porto, da Faculdade de Ciências da Educação, meu trabalho de investigação é sobre a integração e participação dos estudantes imigrantes na escola e o que eu tento perceber é o que favorece e o que inibe a integração, a participação desses estudantes. Então, da pesquisa participam os professores, o diretor do agrupamento, o pais e os alunos, não é? Então é um pouco ouvir todo mundo pra tentar identificar esses fatores, né, que é os que inibem ou que favorecem o estudante imigrante na escola.

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Então dizer também que essa gravação de áudio, ela vai ser utilizada apenas uma vez para este trabalho e que os participantes não vão ser identificados nem na transcrição das entrevistas, nem na apresentação do trabalho posteriormente, né, que todo material fica em sigilo e, assim, não será possível nunca ligar a pessoa à sua fala, esse é um compromisso ético da pesquisa.

Speaker 2: Ok.

Speaker 1: Então, não há perguntas (respostas) certas ou erradas, você fica muito tranquila, é mesmo sua opinião sobre os assuntos que eu vou abordar, não é, e se você tiver alguma dúvida você me coloca e eu esclareço pra você

Speaker 2: Tranquilo.

Speaker 1: Tem um aspecto burocrático que se a gente estivesse fazendo essas entrevistas pessoalmente seria fácil de resolver, que é a sua assinatura num termo de consentimento informado, dizendo que você conhece os objetivos da pesquisa, que você aceita participar, que você sabe que ela é voluntária, que ela não é paga, etc. e tal. Porém, fazendo pelo zoom fica tudo mais difícil nesse aspecto, não é? Então eu tenho que mandar o termo de consentimento informado pra vocês, vocês assinarem e me devolverem. Eu acho que eu já mandei este termo para a Cleomara, mas eu vou manda-lo de novo pra você depois e aí se a Cleomara não assinou, que eu acho que ela não assinou, aí você pede pra ela assinar e me devolve os dois. É complicado, você vai ter que baixar, imprimir, assinar e aí pra me devolver tem que escanear e tudo mais. Você pode, se você quiser, imprimir e assinar e entregar depois na escola, na Pires de Lima

Speaker 2: Hum

Speaker 1: Que é ali pertinho, pra professora X, que ela é minha ponte com o agrupamento, ela é a vice-diretora do agrupamento e ela que me facilitou os contatos com todos vocês, então é uma pessoa que poderia deixar, depois ela escaneia e manda pra mim, ela tem feito isso. Bom, mas depois me mandam esse papel, certo?

Speaker 2: Tranquilo.

Speaker 1: Então é assim, nesse início de conversa eu imaginei um roteiro, assim, como uma pequena viagem, do lugar que você saiu, que é o seu país de origem, pra onde você veio agora que é Portugal, né

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Só um minutinho, deixa eu fazer uma coisa aqui.

Speaker 2: Hum Hum

Speaker 1: Então, eu queria assim, ao longo da nossa fala, ir compartilhando com você algumas imagens

Speaker 2: Hum Hum

Speaker 1: Então, como eu disse, seria um roteiro... pra iniciar eu gostaria que você me falasse um pouco do país de onde você vem, quando você chegou, quem veio com você, como foi a decisão de vir, queria que você falasse também de onde você vem, do lugar que você vem.

Speaker 2: Sim. Então... eu e minha mãe somos natural do Rio Grande do Sul, mas moramos maior parte do tempo em Santa Catarina. Aí de Santa Catarina a gente veio pra cá. A gente chegou dia 28 de agosto.

Speaker 1: Hum. E...como é que foi a decisão de vir? Como é que vocês decidiram vir?

Speaker 2: Ah, a gente queria sair do Brasil, então a gente de início não ia vim pra cá, a gente ia pro Canadá, só que aí a gente acabou mudando de ideia e viemos pra cá. Foi bem bom, a viagem foi muito boa, foi bem tranquila, gostei bastante.

Speaker 1: Então vieram você e sua mãe?

Speaker 2: Sim

Speaker 1: E você morava em que cidade do Rio Grande do Sul?

Speaker 2: É... Cruz Alta.

Speaker 1: Cruz Alta? E como é essa cidade, é uma cidade grande, pequena, como é?

Speaker 2: É uma cidade média, sabe, não é muito grande, nem muito pequena, mas é uma cidade bem boa, é gostosamente.

Speaker 1: Como é?

Speaker 2: É uma cidade bem boa, e gostava bastante.

Speaker 1: Ham, ham, foi a cidade que você nasceu?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Hum hum. Muito bom. E como é que era a sua vida lá em Cruz Alta, que você fazia de manhã, até a hora de você ir dormir?

Speaker 2: Assim, a gente morou muito pouco tempo lá, mas eu pegava ia pra escola...

Speaker 1: Você morava aonde?

Speaker 2: Como?

Speaker 1: Onde você morava?

Speaker 2: Era em Cruz Alta...

Speaker 1: Porque você falou que morou pouco tempo lá....

Speaker 2: Sim, sim, a gente morou mais tempo em Santa Catarina.

Speaker 1: Ah, porque você morava antes em Santa Catarina...

Speaker 2: É.... primeiro eu morei no Rio Grande do Sul e depois vim pra Santa Catarina.

Speaker 1: Em que cidade de Santa Catarina

Speaker 2: Laguna

Speaker 1: Ah... Laguna. E depois você voltou pra Cruz Alta.

Speaker 2: Não. De Santa Catarina eu vim pra cá.

Speaker 1: Ah, então essa sua vida era em Santa Catarina, né?

Speaker 2: Sim

Speaker 1: E como era ela?

Speaker 2: Era muito boa, era bem boa, bem boa, tenho bastante amigos, né? Ia pra escola de manhã e à tarde e (inaudível), as férias eram também bem boas.

Speaker 1: Certo. Pra além da escola o que você fazia lá? De que atividades você participava?

Speaker 2: Ah eu participava de... eu jogava futebol e vôlei, só que era da escola, sabe?

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: Aí eu jogava futebol e vôlei.

Speaker 1: E, você acha que você pode dizer que tem orgulho de ser brasileira?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E por que é que você tem orgulho de ser brasileira?

Speaker 2: Ah, que, assim... foi o país onde eu nasci, né, meu país de origem e eu gosto muito do Brasil, tanto quanto gosto de Portugal, né, também. Mas gosto bastante do Brasil, então tenho orgulho de falar que sou brasileira.

Speaker 1: Hum, hum, do que você mais gosta do Brasil?

Speaker 2: Hummm, deixa eu ver... as pessoas em geral, né, a natureza do Brasil é muito bonita também.

Speaker 1: Muito bom, e você costuma manter contato frequente com seus amigos, sua família, pela rede social?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E você faz isso com que frequência?

Speaker 2: Ah eu tenho minha melhor amiga, né, ela mora no Brasil, eu falo todo dia com ela, minha família também, minha tia, minhas primas, meus primos.

Speaker 1: Bom. Muito bom. Bom, agora a gente vai aos poucos aterrissar em Portugal

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: E eu gostaria que você compartilhasse um pouco comigo... um pouco do que acontece com você aqui. Como é aqui em Portugal, um dia normal pra você?

Speaker 2: Um dia normal? Eu vou acordo de manhã, quando tem aula de manhã, vou pra escola, almoço às vezes com meus amigos e às vezes na casa das minhas amigas, ou elas vêm aqui em casa e, eu volto pra casa 6 e meia, 7 horas e aí chego, com minha mãe, janto, vou dormir, faço tipo as tarefas e estudo pra caso eu tenha prova, vou pro treino também, nas terças e nas quintas e durmo e no outro dia vou pra escola de novo. Rs.

Speaker 1: Rs... E pra além da escola o que é que você faz?

Speaker 2: Ah... Eu pratico jiu-jitsu, né

Speaker 1: Ham

Speaker 2: Na Alliance, que o meu padrasto também pratica jiu-jitsu lá, então a gente vai junto...

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: Depois do treino eu venho pra casa.... ajudo minha mãe Rs. E tudo que eu falei...

Speaker 1: Tá difícil sair nessa pandemia, né?

Speaker 2: É... é complicado.... A gente chegou aqui e foi pouco tempo, como é que pode dizer, que a gente ficou sem o covid, sabe? Então, a gente chegou e ficou um tempinho e depois veio o covid e aí atrapalhou, mas...

Speaker 1: Toda aquela expectativa de viajar, conhecer o país, né...

Speaker 2: É

Speaker 1: É, eu também sinto isso, eu fiquei frustrada com isso. Ainda mais eu que iniciei o planejamento da pesquisa e depois não pude realizar. Eu estou fazendo mais um ano porque aquele ano ficou perdido, porque eu não consegui falar com vocês, porque não tinha aula. Então foi complicado, realmente, tá sendo complicado, não é? Nesse treino de jiu-jitsu, que você participa e nos lugares você onde você tem ido, fora da escola, tá?

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Como você tem sido recebida?

Speaker 2: Muito bem, muito bem mesmo.

Speaker 1: Muito bom. E fora da escola com que pessoas você mais se relaciona, assim, de que nacionalidade?

Speaker 2: Ah... portuguesa.

Speaker 1: Portugueses?

Speaker 2: Sim. Eu tenho amigos também daqui, que moram aqui, que são brasileiros, mas é mais portugueses.

Speaker 1: Hum, que bom, é bom que já vai se ambientando mais, né, com a língua e com os costumes, né, muito bom.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Eu não, eu só conheço brasileiros...

Speaker 2: Rs.

Speaker 1: Agora eu gostaria que de te desafiar a pensar um pouco sobre as escolas em geral, nos espaços físicos, nos professores, nas relações entre professor e aluno, nas relações entre aluno-funcionário, aluno-professor, na forma do professor dar aulas, na escola em geral. Pensando nesses pontos, eu gostaria que você me dissesse: o que é pra você uma escola boa, idealmente tá, idealmente, o que seria pra você uma escola boa?

Speaker 2: Eu acho que seria tipos professores dar bastante atenção pros alunos, as atividades que a gente faz dentro dela ah....

Speaker 1: Como seriam as atividades?

Speaker 2: As atividades, tipo, agora a gente não está fazendo muito, por causa do covid, mas tipo atividades fora da escola como saídas de campo, eu não tive nenhuma, por enquanto, mas meus amigos falaram que são muito boas, são muito divertidas e legais e.... como é que eu posso dizer... a escola que eu estou agora ela é muito boa, tipo, material, sabe?

Speaker 1: Quero saber do que seria uma escola ideal....

Speaker 2: Mas ideal como?

Speaker 1: Ideal, na sua imaginação, do que seria uma escola boa, como deveriam ser os espaços, como deveriam ser os professores, como deveriam ser as atividades, como a aula deveria ser dada...

Speaker 2: Os professores dar bastante atenção, né, pros alunos, estar disponível... como posso falar ah

Speaker 1: Os espaços físicos...

Speaker 2: Os espaços físicos tipo serem grandes, bem separados, divididos

Speaker 1: E que espaços deveria ter uma escola ideal?

Speaker 2: Cantina, ginásio, as salas, os corredores, biblioteca

Speaker 1: E que equipamentos

Speaker 2: Equipamentos bom.... ah.... como é que é o nome do equipamento que você pode ... eu esqueci o nome, que você coloca assim no quadro pra poder aparecer um vídeo ou alguma coisa

Speaker 1: Hum hum

Speaker 2: Eu esqueci o nome

Speaker 1: É como um projetor, não é?

Speaker 2: Isso. Projetor. Obrigada.

Speaker 1: Tem um outro nome, mas é um projetor

Speaker 2: É um projetor, é isso que a gente vai ter na escola, que está reformando Rs.

Speaker 1: E que mais? Como deveriam ser a relação entre os alunos?

Speaker 2: Ah, sempre boa, né, sem brigas, sem conflitos, né, todo mundo ser amigo um do outro.

Speaker 1: E uma aula, como deveria ser?

Speaker 2: Ah uma aula, como é que pode dizer... com bastante atividade com matérias interessantes, matérias novas... Rs

Speaker 1: Olha que são poucas oportunidades que tão pra falar do que você gostaria de uma escola, hein bom! Não perca esta oportunidade, depois não reclame...

Speaker 2: Rs. Ok.

Speaker 1: Agora, falando da sua escola, da escola real

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Gostaria que você pensasse nas experiências que teve na escola, desde que chegou e me respondesse. Você considera que esta escola é uma escola boa?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E o que a faz pensar que esta é uma escola boa?

Speaker 2: Os professores são muito bons, digamos assim, são muito educados em geral, explicam bem a matéria e sempre te ajudam quando você precisa, sabe?

Speaker 1: Hum hum... estão você acha que isso, você já colocou lá na escola ideal, né, e aqui você encontrou nesta escola, não é?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Muito bom. E você considera os seus colegas, o seu professor, os funcionários da escola são pessoas em que você pode confiar?

Speaker 2: Sim, bastante.

Speaker 1: E, do que tem sido a sua experiência nesta escola, você considera que ela tem tudo o que você precisa pra aprender ou está faltando alguma coisa?

Speaker 2: Eu acho que tem tudo o que eu preciso pra aprender. Eu gostei bastante e está muito bom.

Speaker 1: Poderia me citar exemplos dos recursos que a escola tem ou que não tem?

Speaker 2: Ah, os recursos, bom, tem computadores na sala que a gente pode utilizar, por exemplo pesquisar alguma coisa que tá fazendo em aula, tem os projetores, tem ...quando a gente vai fazer alguma coisa que mexe com tinta, tem tudo, uma bancada que tem pia, tem torneira e essas coisas de lavar as mãos ou lavar o seu material, tem armários, tem ...

Speaker 1: Tem armário pra guardar a sua mochila?

Speaker 2: Tem armário também pra guardar trabalhos, que a mochila fica na mesa do lado.

Speaker 1: Você ...Pra levar seu material todo dia.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Certo, então você não acha que está faltando nada.

Speaker 2: Não...

Speaker 1: Não?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Que bom.... Então você acredita que as aulas normais, elas estão te ajudando a superar as suas dificuldades?

Speaker 2: Sim, sempre.

Speaker 1: Você tem frequentado aulas extras, oferecidas fora do horário regular, para lhe apoiar nas dificuldades que você tem enfrentado?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Você nunca frequentou aulas extras

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Em nenhuma disciplina

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Tá... oxe tô com o roteiro da entrevista aqui... (mostro o celular)

Speaker 2: Ah sim Rs

Speaker 1: Especificamente sobre o seu aprendizado de português

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Eu queria saber se você participa ou participou de aulas de português voltadas especificamente pra estudante imigrante.

Speaker 2: Dá pra perguntar mais uma vez? Travou um pouquinho.

Speaker 1: Sobre o ensino de português, eu queria saber se você participou de alguma aula especificamente voltada pra aluno imigrante.

Speaker 2: Não. Tipo, a professora ela tava dando a matéria, né, sobre os verbos, essas coisas, aí ela falava - Essse aqui você vai usar bastante. Ela pegava e explicava mais uma vez pra mim. Só que em aula.

Speaker 1: Ok. De novo (problema com o celular). Mas que coisa! Tem uma partezinha da tela aqui que ele corre rapidinho. Você ah esqueci de perguntar no tópico anterior se você considera que os professores da escola, dessa escola, são bons professores para ensinar alunos que vieram de outros países.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E o que faz você pensar que eles são bons professores pra ensinar pessoas que vêm de outros países?

Speaker 2: Por exemplo, como eu falei em português, a professora, ela vê que por exemplo a língua os verbos ou a matéria que ela está dando, vai me ajudar bastante porque eu sou imigrante, ela pega e me explica particular pra mim, de novo e pergunta se eu entendi, faz questões pra eu poder responder e ajudando a melhorar.

Speaker 1: Que bom. Isso é muito bom.

Speaker 2: E todos fazem isso.

Speaker 1: Todos...

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Hum hum ... muito bom. Quantos alunos têm na sua sala que são de fora?

Speaker 2: Ah, deixa eu ver.... tem ...acho que só eu que sou brasileira, o resto todos são portugueses.

Speaker 1: Ah é? Você é a única! Ahhhh

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Você está na oitava ou na sétima?

Speaker 2: Na oitava.

Speaker 1: Na oitava. É que tem a turma do sétimo ano, né, bem... tem bastante gente, a maioria dos estudantes que eu tô entrevistando são do sétimo ano, brasileiros, cabo-verdianos, angolanos, muita gente no sétimo ano.

Speaker 2: Ah sim.

Speaker 1: Vamos nos encontrar aqui de novo no roteiro, só um segundo.

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Você tem se saído bem nas aulas de português, ou tem alguma dificuldade?

Speaker 2: Eu tenho me saído bem. Esse período eu fiquei com positivo, até. Rs

Speaker 1: É mesmo?

Speaker 2: Sim e sempre vão ser resolvidas a professora sempre que me ajuda mais, sabe, então eu tenho me saído bem.

Speaker 1: Que bom. O que que você pensa que poderia ser feito nas aulas de português, além do que é feito, né, claro, pra que lhe ajudasse de uma forma ainda melhor?

Speaker 2: Ah, a professora, no primeiro período, ela passou bastante coisas no projetor, então eu acho que ela poderia passar alguma coisa com áudio, sabe? pra mim poder me acostumar...

Speaker 1: Com áudio? Ah! Áudio...

Speaker 2: Com áudio, sim, tipo pessoas com o sotaque português falando quem sabe pode ajudar um pouco mais...

Speaker 1: Que bom, muito boa essa sua ideia hein...Pra se acostumar com o sotaque, não é?

Speaker 2: Isso.

Speaker 1: E como é que seria isso? Ela passou muita coisa em slide, não é isso? A matéria normal...

Speaker 2: Tipo ela, no caso, ela pega e faz slides com a matéria só que passa no projetor e aí vai dando vídeos e explicando a matéria pelo slide.

Speaker 1: Tá.

Speaker 2: E é bem bom também...

Speaker 1: Aí você gostaria de ter mais aulas com o áudio

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Entendi, seriam como na aula de idioma, o áudio pra você tentar transcrever...

Speaker 2: Pode ser...

Speaker 1: Tipo isso?... Você acha que te ajudaria.... Entendi. Bom agora eu acho que agora a gente passou deste tópico, vamos entrar num outro tópico que é sobre o seu relacionamento dentro da escola, né

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Eu queria saber... gostaria que você pensasse agora sobre os seus colegas, amigos, também os professores e me respondesse: Foi fácil chegar na escola e fazer novas amizades?

Speaker 2: Foi, felizmente foi. Eles me receberam muito bem e sempre me ajudaram bastante, me ajudam, né?

Speaker 1: Os alunos também...

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E me diga uma coisa, em termos assim, de alguma dificuldade que você tenha sentido... você pode me falar ou você...

Speaker 2: Dificuldade em relação a que?

Speaker 1: A essa chegada, essas novas amizades, esses novos relacionamentos

Speaker 2: De início só eu fiquei com medo de não ter muitos amigos, mas eu acabei tendo muitos, muitos, muitos amigos aqui, muitos mesmo.

Speaker 1: Que bom. E os seus amigos, seus colegas

Speaker 2: Sim...

Speaker 1: Sentem alguma diferença por você ser de outro país?

Speaker 2: Não!

Speaker 1: Não?

Speaker 2: Acho que não, tipo, eu falando às vezes com eles, eles falam algumas palavras em brasileiro e aí eles se pegam assim falando brasileiro, mas acho que não Rs

Speaker 1: Rs. Eles acabam falando o seu brasileiro, né?

Speaker 2: Exatamente.

Speaker 1: Eles gostam de tentar aprender a falar o brasileiro, né, mas...

Speaker 2: Eles vivem falando pra mim ensinar eles a falar algumas palavras...Rs

Speaker 1: Rs. Na escola, também são portugueses a maioria das pessoas com quem você se relaciona...

Speaker 2: Sim. Tem um amigo meu lá na escola que ele é brasileiro também.

Speaker 1: Ah sim... quem é ele?

Speaker 2: Só que não é da minha turma. O nome dele é (diz o nome)

Speaker 1: (Digo o nome)

Speaker 2: É.

Speaker 1: Ah, entrevistei ele ontem.

Speaker 2: Rs...

Speaker 1: Ele é alto, não é?

Speaker 2: Sim, sim. Ele é bem meu amigo.

Speaker 1: É muito alto pra idade dele.

Speaker 2: Demais...

Speaker 1: E aí é seu amigo, não é?

Speaker 2: Ham ham...

Speaker 1: Que bom! Tá vendo, já estou conhecendo todo mundo...

Speaker 2: Rs.

Speaker 1: Ai ai ai.... Você tem algum colega especial, algum colega que você goste em especial?

Speaker 2: Tenho. Tenho duas pessoas que é.... posso falar nomes?

Speaker 1: Claro!

Speaker 2: É a X e a Y.

Speaker 1: Essas infelizmente eu ...não concordaram em participar da minha pesquisa.

Speaker 2; Ah, elas são portuguesas.

Speaker 1: Ah são portuguesas Rs. Então tá bom...

Speaker 2: Rs.

Speaker 1: Ai ai. Você considera que de uma forma geral, os professores quando eles estão ensinando, eles demonstram preocupação que os outros alunos da sala aprendam a respeito da cultura brasileira se referindo a você ou falando alguma coisa...

Speaker 2: Como assim, não entendi a pergunta, desculpa.

Speaker 1: Porque assim, você é uma pessoa de fora de Portugal

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Então, quando o professor tá ensinando, ele refere alguma coisa do Brasil?

Speaker 2: Ah, tipo alguma palavra que ele fala, que eu não entendo, ele pega explica, tipo isso?

Speaker 1: Não, por exemplo, uma aula de história, né

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Então o professor está falando sobre a história de Portugal, por ter uma aluna brasileira na sala, ele refere algo do Brasil nessa aula de história, pela sua presença na sala?

Speaker 2: Não, ele dá a matéria, tipo, usando o exemplo que você deu, ele dá a matéria de Portugal

Speaker 1: Certo, mas...

Speaker 2: Apenas sobre a matéria de Portugal.

Speaker 1: Entendi. Então assim, não tem um esforço para que os alunos aprendam a respeito da cultura brasileira pelo fato da sua presença...

Speaker 2: Ah entendi.... Sim, sim... desculpa, não tinha entendido a pergunta. Sim eles se esforçam e também os professores falam pra mim compartilhar, às vezes, em algumas aulas, sobre a cultura brasileira pros meus colegas.

Speaker 1: Ah que bom. Era sobre isso que eu queria saber

Speaker 2: Eu não tinha entendido.

Speaker 1: Em que aulas isso acontece?

Speaker 2: Nas aulas de história, nas aulas de português, matemática, ciências, EV, muitas, muitas matérias, quase todas.

Speaker 1: Que bom. É uma boa forma de fazer a sua integração, não é?

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Penso Penso eu, não é?

Speaker 2: Oi

Speaker 1: Você pode dizer que se sente parte da escola?

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Me dá um exemplo do que a faz sentir parte dessa escola.

Speaker 2: Que quando eles vão fazer tipo um trabalho com a turma toda eu sempre sou incluída em todos os trabalhos, nunca estive de fora.

Speaker 1: Ah é?

Speaker 2: Nunca fiquei.

Speaker 1: Em todos os tipos de trabalho

Speaker 2: Sim, trabalhos, pesquisas, brincadeiras, tudo.

Speaker 1: Que massa! Muito bom.... Vou agora para o último bloco da entrevista, né

Speaker 2: Sim

Speaker 1: E pé sobre a participação dos alunos na escola, só que eu vou te pedir um segundo, pode ser?

Speaker 2: Claro!

Speaker 1: Só um minutinho.

Speaker 1: Voltando ao meu cafofo... Peraí.... Passamos a parte de relacionamentos, estamos indo para a parte da participação. E agora eu quero falar não só sobre os imigrantes, mas sobre todos os alunos. Você que na escola existem oportunidades para que as crianças, os adolescentes, discutam e reflitam sobre questões do mundo em geral

Speaker 2: Sim

Speaker 1: E do mundo da escola?

Speaker 2: Bastante. Em Português principalmente. E quais são estas situações? Pode me dar um exemplo?

Speaker 2: Sim, tipo, ontem, na aula de português, a gente fez um trabalho que foi colocar... a gente está falando sobre a sociedade, né, então foi colocar assuntos que a gente gosta que a sociedade faça e assuntos que a sociedade mude para o bem. Então a gente escreveu em papel, a sala toda, esses dois motivos e colocamos, tipo, num saquinho e a professora foi falando e a gente foi escrevendo no quadro e falando sobre isso.

Speaker 1: Que bom! Muito bom. E sobre o mundo da escola, sobre as questões que afetam a escola em particular?

Speaker 2: A gente fala também bastante disso.

Speaker 1: É? Em qual disciplina?

Speaker 2: Ah eu acho que em geral.

Speaker 1: Em geral?

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: E o que se discute sobre o mundo da escola?

Speaker 2: Em português principalmente a gente fala muito em português sobre isso. É ...tipo mudanças que a gente gostaria que tivesse na escola, coisas que a gente não gosta que tem na escola, coisas que a gente gosta

Speaker 1: Ham ham

Speaker 2: Ah! Matéria também que a gente gostaria de ter, alguma matéria nova

Speaker 1: Ah é? Que bom...

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Este tipo de participação resulta em alguma mudança?

Speaker 2: Resulta.

Speaker 1: E como é que isso ocorre? Como é esse processo?

Speaker 2: Ah, por exemplo, a gente tava numa aula de história e veio uma pergunta, assim, aleatória e a gente foi pra mais parte... tipo educação sexual, sabe? Então a professora de história e nossos colegas, conversamos com a diretora de turma e a gente vai ter mais aulas sobre educação sexual para tirar as dúvidas.

Speaker 1: Ah que bom!

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Então resulta, não é?

Speaker 2: Resulta, exatamente.

Speaker 1: Nessa escola os alunos participam da formulação de regras?

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Me dê um exemplo?

Speaker 2: Por exemplo, a máscara agora, né, por causa do covid. Se você tirar a máscara você pode levar até uma participação (?) também, mas eles respeitam muito o álcool em gel, a máscara, a gente sempre faz uma fila antes de sair, tipo, quando a gente sai e entra da sala para passar álcool em gel e desinfetar a mesa e todo mundo respeita muito bem essas regras, principalmente do covid 19 e sim sala de aula, saber estar, essas coisas.

Speaker 1: É, eu imagino que o cumprimento das regras deva ser seguido dentro da escola, mas eu tô me referindo à formulação da regra, entendeu? Por exemplo, nós aqui temos um problema pra você e temos que estabelecer uma regra, porque senão a gente não vai conseguir resolver o problema. Há uma discussão de como poderá ser essa regra, discutida pelos alunos

Speaker 2: Sim. Tipo quando a gente vai fazer trabalhos, a gente pega e discute sobre uma regra, por exemplo, vamos fazer o trabalho, tipo, primeira parte a gente faz isso, segunda parte a gente faz aquilo pra ficar mais organizado e a gente debate sobre isso e resolve tudo sempre no final.

Speaker 1: Tá bom. E na escola os alunos participam da decisão de que forma a aula pode ser organizada, o que vai ser estudado, o tempo que pode ser gasto na tarefa, como vai ser a avaliação daquela atividade...

Speaker 2: Tipo, eu não entendi muito bem a pergunta. Mas eu acho que, por exemplo, a gente tenta organizar uma aula

Speaker 1: Você sugerir, fazer sugestões de como a aula deveria acontecer, como ela deveria ser organizada...

Speaker 2: Ah sim, a gente faz isso. Em físico-química a gente faz muito isso.

Speaker 1: E como é que acontece? Explica pra mim.

Speaker 2: Tipo, a professora pega e fala, ah vocês vão fazer exercício da página tal até a página tal. Ai a gente pergunta pra professora, tipo, ah podemos fazer em dupla ou todo mundo junto pra gente poder entender melhor a matéria? E aí ela fala que pode, a gente se organiza e fazemos todo mundo junto às vezes.

Speaker 1: Que bom, é isso mesmo. No seu modo de ver, quais seriam as questões, voltando um pouquinho aos imigrantes

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Quais seriam as questões da escola que os alunos imigrantes deveriam discutir e participar?

Speaker 2: Como assim?

Speaker 1: Eu imagino que existam questões que afetam particularmente o estudante que é de fora, né, porque ele tem uma realidade que não é a mesma realidade que os demais, então, eu imagino que possa haver, não sei se há, tô te perguntando, alguma questão que possa ser do interesse do imigrante e que deveria ser discutida e que não está sendo...

Speaker 2: Pra ser bem sincera, não acontece isso na minha escola, tipo uma questão, a senhora falou, tipo uma questão que é do interesse dos imigrantes que não é discutida, né? Sempre é bem discutida

Speaker 1: Ou que poderia ser discutida, que não é, enfim

Speaker 2: Sempre quando tem alguma pergunta desse gênero, eu sempre pergunto, né, pro professor ou professora e sempre tiro a dúvida na hora.

Speaker 1: Entendi. Ok. Mas, por exemplo, suponha ... só pra você entender aonde eu queria chegar com essa pergunta.

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Seria mais ou menos assim, por exemplo, eu acho que os alunos imigrantes deveriam discutir melhor como será feita a recepção dos alunos imigrantes do próximo período letivo, porque poderia haver, né, uma melhor, uma possibilidade de uma melhor integração se caso a gente formasse aqui uma comissão, por exemplo, pra receber os novos alunos, coisa do tipo, entendeu? Era nesse sentido que eu elaborei a questão.

Speaker 2: Deixa pensar...

Speaker 1: Então seriam assim, coisas do mundo da escola que são, que afetam o estudante imigrante, não é, que particularmente o estudante imigrante deveria discutir e participar.

Speaker 2: E agora?

Speaker 1: Por exemplo, bom eu sei que você está tentando ver e eu tô te atrapalhando.

Speaker 2: Não, pode falar, pode falar, pode me ajudar.

Speaker 1: Por exemplo, a forma como é feita avaliação pelos professores... quando um aluno chega ele não sabe, um aluno imigrante ele chega e ele não sabe como isso será feito, ele nunca estudou nessa escola, nunca esteve no sistema educacional português, então um aluno imigrante deveria discutir de que forma ... essa é uma questão que interessa o aluno imigrante, porque ele não sabe como ele vai ser avaliado quando ele chega na escola', como é que compõe, qual é o cálculo que o professor faz da nota, né, componentes tem ali na avaliação dele, né, sendo levados em consideração.

Speaker 2: Sim, então

Speaker 1: Me parece um outro tópico que poderia ser discutido particularmente pelo aluno imigrante, então é uma questão que interessa ao aluno imigrante

Speaker 2: Eu acho que poderia ser feita, tipo, uma aula, digamos assim, com os alunos imigrantes que explica em geral que é feito avaliações, revisões, notas, explicar certinho

Speaker 1: É o que eu estou te falando

Speaker 2: Entendi

Speaker 1: É nesse sentido que vai a minha pergunta, entendeu?

Speaker 2: Entendi.

Speaker 1: E aqui eu poderia dar um monte de outros exemplos, mas não lhe veio nada a princípio, não tem problema, certo?

Speaker 2: Ok.

Speaker 1: Você Agora são as duas últimas questões. Você acredita que que um aluno imigrante pode ter a mesma oportunidade pra ter bons resultados que um aluno português nessa escola?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E por que?

Speaker 2: Porque, tipo, pode ter os mesmos resultados. O próprio aluno português pode ajudar o imigrante, tanto quanto o professor. Então se o imigrante se esforçar bem, ele consegue, que ele se acostuma com o jeito que é feito aqui e consegue chegar no seu máximo.

Speaker 1: E você acha que ele tem condições, que é dada esta condição pra ele, não é?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Você considera que o aluno imigrante tem as mesmas oportunidades de participar de uma aula, como um aluno português, a participação na aula

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Tem?

Speaker 2: Tem.

Speaker 1: Maravilha! Então é isso Aninha, era só tudo isso.

Speaker 2: Rs.

Speaker 1: A gente vai encerrar, foi excelente, mas antes eu queria que você me dissesse uma palavra ou uma frase sobre tudo que conversamos nessa entrevista.

Speaker 2: Interessante Rs

Speaker 1: Interessante Rs Ok então tá bom...

Speaker 2: Gostei bastante.

Speaker 1: Depois que eu tiver concluído a análise dos dados, né, das entrevistas e tudo, eu vou fazer uma reunião, quer dizer, ainda não sei como é que eu vou fazer essa reunião,

provavelmente pelo zoom, né, com todos os participantes, pra apresentar os resultados da pesquisa, né

Speaker 2: Hum hum

Speaker 1: Porque é mais um procedimento ético, uma forma de devolver alguma coisa pra escola, diante de tanto trabalho que eu dei pra poder organizar todas estas entrevistas e tudo isso, né, e aí eu acho que a gente vai voltar a falar, no momento, entendeu, em que a pesquisa tiver concluída, eu tiver prestes a defender, supostamente, no final desse ano. Rs. Então lá pra outubro, novembro, por aí, imagino que deveria ser em setembro esse encontro com vocês, que aí seria uma espécie de validar aquilo que eu concluí, né, com vocês, pra depois apresentar pra banca. Então era isso, a gente vai entrar então em contato mais uma vez, né, e só tenho que agradecer a sua paciência comigo

Speaker 2: Rs

Speaker 1: Desculpa ter explorado aí seu tempo

Speaker 2: Não, que é isso...

Speaker 1: É isso, eu vou mandar então o consentimento pra você mais 'uma vez, eu acho que já mandei pra Cleomara, mas ela também é super ocupada não deve ter tido tempo de fazer isso, mas assim que vocês puderem vocês devolvem pra mim... ta bom?

Speaker 2: OK, se a senhora quiser mandar pode mandar porque agora ela tá com outro celular, então acho que tá mais complicado porque eu acho que quando a senhora... ela comprou ontem outro celular então acho que tá no outro, fica complicado e se a senhora puder me mandar, vai ser melhor.

Speaker 2: Tá bom, eu mando sim. Super beijo

Speaker 1: Beijo

Speaker 2: Obrigada, viu?

Speaker 1: Nada, foi um prazer falar com a senhora

Speaker 2: Rs... Se cuida!

Speaker 1: Você também.

E22 - 19/01/2021 - Aluno (Angolano)

Speaker 1: E aí! Pensei que não fosse falar comigo...

Speaker 2: Não tava dando

Speaker 1: Não, né, tava super ocupado... no pé da página, quando você coloca o cursor sobre a página do zoom aparece uma régua em baixo. E aí tem o vídeo, você está com o seu vídeo desabilitado. Aí eu não consigo te ver.

Speaker 2: No início da página?

Speaker 1: Não, quando você coloca o cursor em cima da página do zoom, aparece uma régua em baixo, tá escrito mute stop vídeo security participante chat, tá vendo?

Speaker 2: Sim, tô a ver

Speaker 1: Aí tá lá stop vídeo, seu vídeo está desabilitado, clica lá no vídeo

Speaker 2: Agora já está?

Speaker 1: Agora eu posso te ver. Você pode me ver?

Speaker 2: Agora não, só estou a ver a sua foto do perfil.

Speaker 1: Pronto, agora, é porque eu fui explicar pra você e desabilitei.

Speaker 2: Agora sim

Speaker 1: Que bom... muito prazer.

Speaker 2: Obrigado

Speaker 1: Tudo bem contigo?

Speaker 2: Tudo

Speaker 1: Todo mundo aí em casa, tudo certo?

Speaker 2: Tá, tá tudo certo, obrigado.

Speaker 1: Tá todo mundo no fique em casa.... Eu tô no fique em casa ...

Speaker 2: Eu também, só sai hoje pra escola. Rs

Speaker 1: Mas você tá indo pra escola, né

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Eu não. Eu tô aqui, fique em casa. Transcrevendo entrevista e fazendo entrevista. Bom, mas estou terminando, falta você e falta uma menina de Cabo-Verde, a X eu não sei se você a conhece.

Speaker 2: Conheço, conheço.

Speaker 1: Então, tô insistindo com ela também, mas não sei o que acontece, não sei se o pai dela tá ocupado...

Speaker 2: OK.

Speaker 1: Bom, é o seguinte. A primeira coisa que eu preciso sua é.... aliás, antes de mais nada eu preciso te agradecer mais uma vez por ter aceito colaborar comigo, viu

Speaker 2: De nada...

Speaker 1: É muito bom contar com você. E eu preciso da autorização pra gravar a entrevista. Então eu queria que você me diga que você me autoriza a gravar

Speaker 2: Autorizo

Speaker 1: Tá bom. E como você já deve saber, meu nome é Fatima e eu sou estudante do curso de mestrado em Ciências da Educação na Universidade do Porto. E eu faço uma pesquisa e procuro perceber como é a integração, a participação e o exercício da cidadania de crianças imigrantes na escola. Então esse é meu projeto, eu tento perceber que fatores favorecem ou inibem essa participação, essa integração e esse exercício da cidadania. Então, nessa pesquisa participam o diretor do agrupamento, vários professores da escola, vários pais e os alunos. E aqui pra nossa conversa, não tem resposta certa nem resposta errada. Você pode responder aquilo que você achar conveniente pras questões que eu vou te colocar. E outra coisa que eu queria dizer pra você é que essa gravação, esse vídeo que eu tô gravando, ele vai ser usado só

pra essa pesquisa e a sua identidade, ela não vai ser revelada. Então, por exemplo, nunca vai ser possível ligar a sua fala, à sua pessoa. Então tem aqui um compromisso de confidencialidade da pesquisa.

Speaker 2: OK

Speaker 1: E se você tiver alguma dúvida ao longo da entrevista, você vai me perguntando e eu vou tentando esclarecer. A gente vai conversar mais ou menos por uma hora, tá?

Speaker 2: Tá.

Speaker 1: E depois eu vou precisar que você me assinie um papel dizendo que você conhece o objetivo da pesquisa, que você concorda em participar, que a sua participação é voluntária, que não é remunerada... enfim. Depois eu vou mandar, é o mesmo papel que seu pai já assinou pra mim.

Speaker 2: Tá

Speaker 1: Vou dar esse outro trabalho pro seu pai, coitado. Bom, então, se a gente tivesse presente era fácil, né, você assinava e eu trazia e era prático, mas agora pelo zoom fica tudo mais complicado. Bom, eu imaginei essa primeira parte da nossa entrevista como uma, digamos assim, como uma viagem, né. Então eu queria que você... assim o lugar de partida da viagem é o seu país de origem e o destino é Portugal, onde você está morando agora. Então eu queria que você me falasse um pouco da onde você vem, do país que você vem, da cidade que você vem, como é que era lá, quando você chegou, com quem você veio, tentar fazer essa viagem de lá pra cá.

Speaker 2: Ok.

Speaker 1: Pode falar...

Speaker 2: Posso falar?

Speaker 1: De que país você veio?

Speaker 2: Vim de Angola.

Speaker 1: De Angola, né, deixa só eu aumentar o seu volume aqui que tá baixinho... pronto vem de Angola. E de que cidade você é?

Speaker 2: De Luanda.

Speaker 1: Luanda é capital, não é?

Speaker 2: Sim, Luanda é a capital de Angola.

Speaker 1: E é uma cidade grande, não é?

Speaker 2: É.

Speaker 1; E como é que foi a decisão de vir pra Portugal? Como é que foi tudo isso?

Speaker 2: Foi porque o meu pai estava em tratamento cá em Portugal então nós para ficarmos mais perto do meu pai e também para termos um melhor estudo, nós viemos pra cá, vim com minha mãe e com meu irmão, Daniel.

Speaker 1: E quanto tempo você está aqui?

Speaker 2: Já estou cá há seis anos.

Speaker 1: Seis anos? Nossa! Então você veio pequenininho, não é?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Já está na escola desde o início. Só estudou aqui.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Ah que bárbaro. Então já é um portuguesinho, não é?

Speaker 2: É, sim.

Speaker 1: Rs. E lá em Angola, você veio muito pequenininho, né, então me conta agora, de maneira rápida, como é o seu dia aqui em Portugal, desde a hora que você acorda até a hora que você vai dormir.

Speaker 2: Então, eu acordo, como a minha escola só começa às 1:30, então eu acordo por volta das 11:00 horas

Speaker 1: Que bom hein...

Speaker 2: Rs. Acordo mais tarde, escovo os dentes, fico um pouco no telemóvel, assito um pouco de televisão, só pra me entreter e vou pra escola e volto às 6, 6:30, todos os dias.

Speaker 1: Todos os dias, não tem um dia que você tem folga?

Speaker 2: Não. Tem dois dias, inclusive, que eu tenho tudo cheio. Das 8:30 até às 6:30.

Speaker 1: Dois dias é o período todo?

Speaker 2: O período todo, sim.

Speaker 1: Uau! Muita coisa, não é?

Speaker 2: É, sim.

Speaker 1: Escuta, além da escola de que atividades você participa aqui em Portugal?

Speaker 2: Aqui em Portugal, nesse momento nada, não participo em nenhuma atividade extra.

Speaker 1: Por causa da pandemia, ne, mas antes você fazia alguma coisa?

Speaker 2: Sim, antes a minha escola era mais distante e meu pai queria que eu estivesse atento nos estudos e estivesse sempre atualizado, então meu pai me inscreveu num ATL e no ATL, por exemplo, eu estudava, aprendia as matérias, revisava e também fazíamos atividades.

Speaker 1: Num hotel?

Speaker 2: ATL

Speaker 1: ATL o que é ATL? (Atividades de Tempos Livres)

Speaker 2: É um centro de estudo

Speaker 1; Religioso, não?

Speaker 2: Sim, o meu era religioso, mas nem são todos religiosos, mas o meu era religioso.

Speaker 1: Ok. E lá você fazia também coisa da escola.

Speaker 2: Sim. O ATL é baseado nos trabalhos de casa, testes, mas por exemplo, nós temos livros e depois fazemos os (?), nós lanchávamos e depois de lanchar nós íamos à igreja e às vezes, quando nós saímos da igreja nós tínhamos atividades como por exemplo jogar bola, fazer exercícios, etc.

Speaker 1: Legal E você fazia isso em que horário, se a escola era o período integral?

Speaker 2: Não, no ano passado não era nesse ano, no ano passado a minha escola começava às 8h30 e terminava à 1:00, então eu tinha a tarde toda livre e meu pai me inscreveu num ATL lá pra estudar.

Speaker 1: Tá bom. Legal né? Eu acho importante a gente fazer uma coisa diferente assim, eu gosto, né, pelo menos, gosto de nadar, agora não dá mais pra nadar, né

Speaker 2: Pois é, também gosto muito

Speaker 1: Sempre nadei, sempre gostei de nadar. Bom, você poderia dizer que você tem orgulho do país onde você nasceu?

Speaker 2: Tenho, tenho muito orgulho.

Speaker 1: E por que você sente orgulho de ser angolano?

Speaker 2: Porque Angola não é um país como os outros. Angola é um país especial. Porque, por exemplo, não é só porque foi o país onde eu nasci, foi o país que eu mais gosto, gosto muito de estar lá, conversar, gosto muito também da praia e mais da minha família, minha família toda tá lá, eu gosto de estar com eles

Speaker 1: E você vai pra lá frequentemente, ou ia né?

Speaker 2: Não, não.

Speaker 1: Ah tá, porque você veio pequenininho, não é?

Speaker 2: Sim. Nós fomos o ano passado

Speaker 1: Ah você rabiscou aqui o lugar onde está Angola, que legal! Ah! que barato. Gostei..(Ele circulou em vermelho no mapa do planisfério, da apresentação que eu compartilhei, a localização de Angola). Bom, aqui nossa viagem aterrissa no Porto agora, né...Não, antes de aterrissar no Porto eu queria que você me contasse se você costuma manter contato com seus

familiares pela rede social', com amigos, professores, se você fala com eles e com que frequência você fala com eles.

Speaker 2: Sim, falo com meus familiares.

Speaker 1: Todo dia? Não Rs...

Speaker 2: Não todo dia, duas vezes por semana, por vídeo chamada eu falo com (?) às vezes

Speaker 1: Que bom... E com quem você mais gosta de falar?

Speaker 2: Com meu vô.

Speaker 1: Ah é?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Que coisa, hein, eu também falo muito com o meu neto.

Speaker 2: Rs

Speaker 1: Tenho um neto lá no Brasil, e três netos na Suíça. É gente, viu...

Speaker 2: Rs.

Speaker 1: Rs. Vamos aterrissar então em Portugal e agora eu gostaria que você... você já me disse como é o seu dia aqui, o que você faz além da escola, fora da escola. Bom, é porque você veio pra cá muito pequenininho, eu ia te perguntar o que você fazia em Angola e o que você faz aqui, mas acabamos falando só sobre o que você faz aqui

Speaker 2: Rs

Speaker 1: Porque você era muito pequenininho, você nem vai lembrar dessa época, não é, que você morou lá. Agora eu gostaria que você pensasse um pouco sobre as escolas em geral, espaços físicos, nos professores, nas relações entre o professor e o aluno, nas relações entre os alunos, funcionários, na forma do professor dar aula, e pensando nesses pontos, eu queria que você me respondesse (Falando com meu marido que está ao meu lado -Ele marca todas as imagens que eu coloco) O que seria pra você, uma escola boa? Assim, não quero que você fale da sua escola, quero que você fale assim em termos ideias, em termos do que você imagina que poderia ser uma escola boa pra você.

Speaker 2: Pra mim, uma escola boa.... É agora é só pensar.... Uma escola boa é aquela que tem uma boa educação, mas que também não tem uma educação muito dura. Uma escola boa é que tem professores agradáveis, professores que não só dá aulas, de vez em quando brincar conosco, mas não nos distrair, tipo, como é que eu posso explicar? Serem mais simpáticos

Speaker 1: Uma aula mais divertida

Speaker 2: Sim, uma aula mais divertida, uma aula que eles interagem mais conosco, não só expliquem as coisas.

Speaker 1: E fala mais, fala mais, fala aí da relação entre os alunos

Speaker 2: Nesse caso, na minha escola...

Speaker 1: Não na sua escola

Speaker 2: Na escola em geral.

Speaker 1: Na escola ideal é.

Speaker 2: Ah, em geral entre as escolas o que eu reparo é muito que os professores dão confiança, né, mas se nós nos portamos mal e não respeitamos os professores, eles perdem essa confiança de nós e mudam de comportamento conosco, é o que eu noto quando nós nos portamos mal, geralmente, não brincam tanto conosco, só dão a matéria, explicam, mas não dão tanta confiança em nós.

Speaker 1; Então, nessa escola imaginária, como é que é o espaço físico? O que é que tem nessa escola imaginária? Nessa escola boa, imaginária?

Speaker 2: Numa escola boa, imaginária

Speaker 1: O que é que tem lá, no espaço físico? Que tipo de instalação tem, que tipo de atividade tem?

Speaker 2: Então, na minha escola imaginária, o tipo de sala é uma escola grande, é uma escola espaçosa

Speaker 1: Isso.

Speaker 2: Na minha escola imaginária há funcionários mais alegres

Speaker 1: E há alunos como?

Speaker 2: Bem-comportados

Speaker 1: E além da sala de aula o que é que tem nessa escola?

Speaker 2: Nessa escola tem um campo gigante para fazermos qualquer tipo de atividade.... Na minha escola imaginária todo mundo é feliz

Speaker 1: Isso

Speaker 2: Não existe discussão...

Speaker 1: Não existe briga?

Speaker 2: Não, não existe briga.

Speaker 1: E essa aula, como é?

Speaker 2: Na minha escola imaginária a minha aula é uma aula divertida, não é uma aula em que só damos a matéria e é uma aula que também interagimos uns com os outros...

Speaker 1: Muito bom, muito bom, gostei dessa sua escola imaginária. Agora, pensando numa coisa... saindo dessa escola Agora eu quero passar dessa escola que é uma escola ideal, né, e passar para a escola real, que é a sua escola. E eu gostaria que você pensasse nas experiências que você teve nessa escola desde que você chegou em Portugal ...ah! você não me disse uma coisa, se você sempre estudou nesta escola....

Speaker 2. Não. Esse é o primeiro ano que eu estou a estar na escola.

Speaker 1: Ah! Um ano só, entendi, porque você mudou o ciclo, né

Speaker 2: Sim

Speaker 1: E aí você mudou de escola.

Speaker 2: Não, também não é só por causa do ciclo. É porque a escola ficava mais perto de casa...

Speaker 1: Ah! Aqui ficava mais perto.... Então tá bom, digamos assim, que você sai dessa escola ideal, dessa escola imaginária, cai na real, né,

Speaker 2: Rs

Speaker 1: Cai na escola Rs...e me diz uma coisa: Você considera esta escola uma escola boa?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E você considera que esta escola é uma escola boa por que?

Speaker 2: Porque nesta escola há de tudo. Aqui eu vejo que as pessoas são mais unidas, mais simpáticas umas com as outras

Speaker 1: Você está comparando com a sua escola anterior?

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: Então chega mais perto daquela ideia de escola

Speaker 2: Sim, mais ou menos, sim.

Speaker 1: E você considera que seus colegas e professores e funcionários da escola são pessoas em que você pode confiar?

Speaker 2: São.

Speaker 1: São?

Speaker 2: São.

Speaker 1: E me dê um exemplo de uma pessoa legal lá, que você gosta.

Speaker 2: Uma pessoa que eu gosto muito chama-se X

Speaker 1: E ele faz o que lá?

Speaker 2: Ele foi a primeira pessoa que eu conheci naquela escola, ele mesmo sem saber que eu ia ser colega dele, eu cheguei na escola, ele viu que eu era novo, apresentou-me a escola, falou comigo, conversamos muito...

Speaker 1: É um colega?

Speaker 2: É, é uma boa pessoa, E depois, mais tarde, é que descobrimos que éramos colegas, quando entramos na sala.

Speaker 1: Ah sim, vocês não sabiam que iam ficar na mesma sala

Speaker 2: Não. Ele só me viu na porta eu a entrar, ele não sabia de nada, ele perguntou-me se eu era novo, eu disse que era, ele apresentou-me a escola, falamos...e ele disse-me também que eu podia sempre contar com ele.

Speaker 1: Que bom, que legal. Isso é uma atitude muito legal, né? Do que tem sido a sua experiência nesta escola, você considera que a escola tem tudo o que você precisa para aprender ou está faltando alguma coisa?

Speaker 2: Acho que sim, que a escola tem tudo o que eu preciso para aprender e saber as coisas.

Speaker 1: Você acha que tem tudo. Me dá exemplo aí do que ela tem que é legal.

Speaker 2: O ginásio é muito grande, eu vejo que a educação dos funcionários não é a mesma educação que eu tinha na minha escola anterior

Speaker 1: É melhor ou pior?

Speaker 2: É melhor.

Speaker 1: Eles são mais educados?

Speaker 2: Hum hum, eles são mais educados.

Speaker 1: Mais cordiais, mais acessíveis.

Speaker 1: E, você considera que os professores desta escola são professores bons pra ensinar alunos que vêm de outro país?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E por que você acha isso?

Speaker 2: Porque esses professores são aqueles professores que não se cansam de ensinar, porque há professores que só querem despachar as coisas, ensinam uma vez, ensinam a segunda e pra eles já tá. Eu vejo que esses professores, se a pessoa não entende quatro, cinco, dez vezes, eles explicam com todo gosto, não reclamam....

Speaker 1: Isso é no geral, com todos?

Speaker 2: Sim, no geral, sim todos.

Speaker 1: Que bom hein... na minha época não era assim não...Escuta, você acredita que as aulas normais, as aulas regulares, de todo dia, elas estão ajudando você a superar as dificuldades que você?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Certo. Você tem frequentado aulas extras, que são oferecidas fora do horário regular, pra te apoiar em dificuldades que eventualmente... não sei se você tem tido, mas que eventualmente você possa ter tido em alguma disciplina?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Nunca foi?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Nunca teve aula...

Speaker 2: Não. Temos sim, temos. É uma nova ... não é uma disciplina, mas é para nos ajudar a destruímos as nossas necessidades, as nossas dúvidas, OAT

Speaker 1: É uma disciplina que foi criada que se chama CAP? Não é?

Speaker 2: É essa.

Speaker 1: Essa?

Speaker 2: Essa.

Speaker 1: Essa é ...

Speaker 2: Eu disse OAT, mas é CAP

Speaker 1: Consolidação das aprendizagens, aprendi ontem. CAP, consolidação das aprendizagens

Speaker 2: Eu estava a dizer OAT, porque OAT também é uma disciplina nova e eu confundi OAT com CAP.

Speaker 1: O que é OAT?

Speaker 2: OAT é como se fosse educação visual. Oficina... eu não sei dizer qual é, mas é pra desenhos, técnicas de desenho...

Speaker 1: De expressão, né, visual.

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Desenho, vídeo, não?

Speaker 2: Não, é educação tecnológica, mas não de computadores, de.... nós começamos a mexer como, por exemplo, desenhos, maneiras de desenhar...

Speaker 1: Mais voltada pro desenho mesmo.

Speaker 2: Sim, é mais educação visual, mas nós fazemos umas coisas

Speaker 1: Escuta, e sobre o seu aprendizado do português. Eu sei que você é angolano e na Angola fala-se português, mas você vê que no Brasil também se fala português, e que eu falo um português completamente diferente...

Speaker 2: Rs. Sim.

Speaker 1: Então eu imagino que o mesmo aconteça com você, né, porque na sua família deve falar um português que é o português de Angola, não é?

Speaker 2: Sim, sim.

Speaker 1: Não é um português de Portugal. Então eu queria saber se essas diferenças do idioma, você sentiu alguma dificuldade, não é, no aprendizado do português, apesar de você ter vindo muito pequeno, ter sido alfabetizado no português daqui, né, mas eu queria que você falasse um pouquinho sobre isso.

Speaker 2: Não. Foi fácil adaptar-me ao português de Portugal, porque apesar de que, assim, vim pequeno, mas eu tinha, até agora ainda tenho, algumas dúvidas nos verbos...

Speaker 1: Tá, e você tem recebido apoio, assim, algum tipo de apoio para lhe ajudar nessas dificuldades?

Speaker 2: Não, mas por exemplo, os verbos que eu refiro, são verbos mais complicados, mas não é só do português de Portugal, é da matéria de português.

Speaker 1: Hum. Entendi. São verbos que não são de uso tão frequente.

Speaker 2: Sim, sim, sim, sim.

Speaker 1: Entendi. Então, você não teve praticamente muita dificuldade porque foi alfabetizado aqui, né...

Speaker 2: Sim. Não tive.

Speaker 1: Tá bom. Agora queria que você falasse um pouco sobre ... aqui seriam as aulas extras, mas você não tem, então...eu tenho o roteiro da sua entrevista está aqui no celular...

Speaker 2: Ahhhh ok eu achava que era o telemóvel que estava a gravar...

Speaker 1: Ah não, o zoom grava automaticamente, mas eu tenho aqui o roteiro, o roteiro da entrevista, né. Bom agora eu queria saber um pouco sobre os seus relacionamentos na escola.... Ainda sobre a escola eu queria que você pensasse um pouco nos seus colegas, nos seus amigos, nos professores e me dissesse: Foi fácil chegar na escola e fazer novas amizades?

Speaker 2: Sim, nessa escola, especificamente foi, foi fácil, eu até tinha receio, tinha medo de não conseguir fazer amigos, mas nessa turma foi fácil porque eles são todos... são boas pessoas,

são agradáveis, são aquelas pessoas que te ver triste, ela chega, pergunta o que é que foi, te apoiam, sem mesmo te conhecer...

Speaker 1: Isso. Isso assim, você sente no geral, ou foi com esse seu amigo em particular.

Speaker 2: Não, geral mesmo, geral.

Speaker 1: Que bom, que legal, isso é muito legal. E isso também é com os amigos das outras turmas ou só da sua turma, da sua sala?

Speaker 2: Não, das outras turmas, sim.

Speaker 1: Ah que bom. E o que pensam seus colegas a seu respeito, por você ... eles fazem alguma diferença por você ser de Angola?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Não?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: É o mesmo que fosse um português... e é, não? E é.

Speaker 2: É.

Speaker 1: Rs. Escuta, na escola, qual a nacionalidade das crianças, das pessoas com as quais você mais se relaciona?

Speaker 2: São portugueses, mesmo.

Speaker 1: Todos portugueses. E você já me falou que gosta deste colega em especial, como é o nome dele?

Speaker 2: X.

Speaker 1: X, ham... E você gosta dos professores, dos funcionários em geral?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Maravilha! E... de uma forma geral, você considera que quando os professores estão ensinando eles demonstram preocupação de que os alunos aprendam a respeito, um pouco, a respeito da sua cultura? Por você ser um angolano?

Speaker 2: Não eles, por exemplo, os professores me tratam de maneira igual aos outros, acho que eles não diferenciam muito, por eu ser angolano eles vão me dar mais atenção.

Speaker 1: Não, não, mas assim, por exemplo, numa aula de história ou numa aula de, sei lá, de educação para a cidadania, ninguém refere o fato de você ser angolano, ou dá um exemplo com algo que acontece em Angola? Não.

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Nem pedirem pra você dizer algo sobre Angola?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Não, nunca?

Speaker 2: Não, nunca.

Speaker 1: Você sente que você faz parte dessa escola?

Speaker 2: Sim, eu sinto.

Speaker 1: E porque é que você ... me dá uma situação que o faz sentir parte da escola.

Speaker 2: É porque todo mundo, quando eu tenho um problema, eles vêm me apoiarem. Então eu sinto que eu faço parte daquele grupo. Todo mundo já se conhece há mais de sete anos, cinco anos lá, eu só os conheço há um, mas sinto que já conheço-os há tempo, porque eles me incluem nas coisas duma maneira muito ágil. Há coisas que eles fazem, por exemplo, uma coisa tradicional que eles fazem, todos os anos, que é no último dia de escola, eles saem... eles, por exemplo, já me convidaram para ir sair com eles. Eles não se importam muito se eu cheguei este ano, ou o ano passado, eles me incluíram nas coisas, nas atividades deles.

Speaker 1: Isso é muito bom. Faz a gente se sentir bem, ne...

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Bom agora a participação dos alunos na escola. Eu gostaria que você pensasse em todos os alunos, não apenas em alunos imigrantes, aliás tem muitos alunos imigrantes na sua sala?

Speaker 2: Não, na minha sala só tem mesmo eu.

Speaker 1: Você está no 7º?

Speaker 2: Sim, 7º, 7ºC.

Speaker 1: 7º C. Tem várias turmas de 7º lá, não é?

Speaker 2: Tem.

Speaker 1: Quantas?

Speaker 2: São 5.

Speaker 1: Bastante.... Você considera que aqui na escola, nessa escola, existem oportunidades para que os alunos discutam e reflitam a respeito de questões do mundo em geral?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Não?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Não há discussões sobre, por exemplo, vou dar exemplos, ne, do que seria pra mim uma questão do mundo em geral, problemas ambientais, problemas da globalização econômica, problemas da violência, não se discutem essas questões durante as aulas?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Só matéria mesmo. Nem aula de história?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Certo. E sobre o mundo da escola, vocês discutem alguma coisa, são incluídos em algum tipo de discussão a respeito da escola, coisas da escola...

Speaker 2: Coisas da escola não, mas da turma sim. Nós falamos ...

Speaker 1: Como?

Speaker 2: Nós, com a nossa diretora de turma, nós explicamos o que acontece com os professores ou conosco, mas sobre a escola nós não falamos.

Speaker 1: Ah só com o diretor de turma vocês têm oportunidade de algo que esteja acontecendo ali naquela turma, não é?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E que tipo de coisas vocês já discutiram com esse diretor de turma?

Speaker 2: Já discutimos ... houve uma situação... há um professor cá na nossa turma que tirava a máscara durante as aulas, pra falar e nós aproveitamos nessa situação e falamos com a nossa diretora de turma e explicamos a situação.

Speaker 1: Ah é, e adiantou alguma coisa?

Speaker 2: Não sabemos, o professor ficou mais chateado conosco, mas acho que não adiantou na mesma porque ainda na semana passada tivemos aula com o professor e o professor continua a tirar a máscara pra falar...

Speaker 1: Mas que coisa! Vocês têm que reclamar mesmo, porque isso não é adequado, não é. Tá certo que falar, assim, passar muitas horas de máscara, é muito perturbador, mas se os alunos têm que ficar ali o dia inteiro de máscara, ela também tem que ficar, na minha opinião, não é?

Speaker 2: É.

Speaker 1: Porque a vocês não é permitido tirar a máscara, não é?

Speaker 2: Não, não é.... só para comer.

Speaker 1: E por que para ela seria, não é verdade?

Speaker 2: Ele, é um ele.

Speaker 1: É o que?

Speaker 2: É um ele.

Speaker 1: Ah é um ele (imito o sotaque) Ah é um ele, meu Deus! O sotaque...

Speaker 2: Rs

Speaker 1: Meu marido, tá ouvindo aqui do lado ...Rs

Speaker 2: Rs

Speaker 1: Rs. Escuta, nessa escola as crianças participam de formulação de regras, direitos e deveres?

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Mas têm regras...

Speaker 2: Tem, tem regra

Speaker 1: E como é que as regras são comunicadas pra vocês?

Speaker 2: É as nossas regras são, por exemplo... as nossas regras uns sabem e os outros contam, partilham as regras...

Speaker 1: Ah entendi, elas já estão estabelecidas

Speaker 1: Sim

Speaker 2: Vocês não discutem as regras e nem podem argumentar sobre isso.

Speaker 1: Não

Speaker 1: Muito bem. E nessa escola, as crianças participam da decisão sobre como pé que a aula vai ser organizada

Speaker 2: Não

Speaker 1: Como vai ser a avaliação

Speaker 2: Não.

Speaker 1: Não? O que vai ser estudado, quais tarefas, quer dizer, o professor ele chega dá a aula dele e assim vocês não discutem? Ah professor, hoje a gente poderia ver isso, tô precisando um reforço aqui...

Speaker 2: Sim.... Não.... Sim, nós sugerimos algumas coisas, mas uma decisão, por exemplo, nós falarmos vai acontecer isso, isso não vai acontecer, pensa se vai acontecer, se ele der pra fazer isso, então...

Speaker 1: E sobre o sistema de avaliação? Você conhece o sistema de avaliação, sabe como você é avaliado?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: Então, por exemplo, tem um tipo de avaliação, um quesito da avaliação que você pode questionar a avaliação que você teve, ou...

Speaker 2: Sim, nós podemos questionar...

Speaker 1: Podem questionar, não é? Então participa, né, de como vai ser a avaliação, quer dizer, não participa de como vai ser...

Speaker 2: Sim, dar sua opinião

Speaker 1: Dar sua opinião a respeito de como foi avaliado, não é?

Speaker 2: É

Speaker 1: Muito bem. Escuta, agora eu queria que você pensasse um pouquinho, como um imigrante de fato, que você é um imigrante, mas muito adaptado porque veio pra cá muito pequeno, mas pense num aluno imigrante, que está chegando agora na escola, e me diga o seguinte. Você acredita que o aluno imigrante, ele pode ter as mesmas oportunidades pra ter bons resultados na escola do que um aluno português?

Speaker 2: Sim

Speaker 1: Sim?

Speaker 2: Sim.

Speaker 1: E por que? Por que você acha isso?

Speaker 2: Porque o método de estudo da minha escola, pra mim é muito bom... porque não é só uma aula que o professor está a dar, o professor insiste que nós sabemos as coisas, repete, às vezes se for preciso e se são um aluno imigrante na minha turma seria muito bom, porque a

minha turma é aquela turma que se ajuda, aquela turma que se tu tens uma dúvida, tu não sabes nenhum que for no meio da aula ele dá-te uma ajuda, às vezes dá a resposta.

Speaker 1: Ah, tem muita ajuda entre vocês, entre os alunos

Speaker 2: Sim. Somos muito unidos, sim.

Speaker 1: Que bom. E me diga uma coisa, no seu modo de ver, que questões seriam importantes pra um aluno imigrante, quer tá chegando, não é, discutir a respeito da escola, por exemplo, no seu modo de ver, quais seriam as questões referentes ao mundo da escola que um imigrante deveria discutir e participar?

Speaker 2: Uma opinião dele, de um imigrante

Speaker 1: Não entendi

Speaker 2: É pra dizer as questões do imigrante

Speaker 1: É assim, o que você acharia importante que fosse discutido por um aluno que tá chegando, não é?

Speaker 2: Acho que as dúvidas que ele ia ter mais, acho que era no método de estudo, talvez o método de estudo podia ser muito diferente do método de estudo daqui... talvez as regras, as coisas, as ordens podem ser diferentes...

Speaker 1: Tá, então seria essas características da escola que poderiam ser diferentes da escola no outro país, né

Speaker 2: Talvez sim.

Speaker 1: Nossa entrevista foi mais rápida.... Ah! Tenho uma última pergunta aqui. Você considera que os alunos imigrantes têm a mesma oportunidade de participar das aulas, do que qualquer outro aluno.

Speaker 2: Tem

Speaker 1: Você já disse que sim, ne? E então é isso. Como eu disse nossa entrevista foi rápida, ne, não demoramos muito e pra encerrar eu queria lhe propor o desafio de pensar numa palavra pra resumir essa nossa conversa, ou uma frase

Speaker 2: É... uma palavra. Essa conversa foi justa, foi agradável.

Speaker 1: Ah que bom! Tá bom, eu queria te dizer que ao final do meu trabalho, eu tô encerrando agora, como eu lhe disse, já entrevistei todo mundo, só me falta mais um aluno, eu tô tentando falar com ela, com o pai dela, não estou conseguindo, mas vou conseguir, e aí eu encerro. Eu ainda vou demorar um tempo pra terminar meu trabalho, porque vou ter que analisar as entrevistas, fazer o texto e aí eu tenho a ideia de apresentar os resultados da pesquisa pra todos vocês que participaram dela, pro diretor, pros professores e eu queria fazer isso com todo mundo junto, não sei numa reunião do zoom ou pessoalmente, ne, acho que vai ser muito difícil pessoalmente, provavelmente numa reunião do zoom que todo mundo esteja presente. Porque apresentar pra vocês os resultados, as conclusões às quais eu cheguei. Então eu queria que você e seu pai participassem, eu já o convidei, ele diz que participa, então estou convidando você também, que eu gostaria de ter você lá quando eu for apresentar o meu trabalho, por favor! Não perca, tá bom

Speaker 2: Rs Tá bem.

Speaker 1: E é isso, vou mandar o termo pra você assinar, vou dar mais este trabalho pra ele, ele vai ficar bravo comigo, mas não tenho como fugir...

Speaker 2: Rs

Speaker 1: Rs. E te agradecer mais uma vez, foi excelente conversar com você, viu, muito prazer, foi muito bom.

Speaker 2: O prazer é todo meu, obrigado.

Speaker 1: Então tá bom querido, espero vê-lo em breve, viu

Speaker 2: Até breve

Speaker 1: Até breve, agradeça seu pai, um abraço.

Speaker 2: Um abraço, tudo de bom.

Speaker 1: Igualmente.

Speaker 2: Tchau

Speaker 1: Tchau tchau saindo...

Speaker 2: Saindo.